

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em História

Ana Paula Cecon Calegari

**Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de
1920 e 1960**

Belo Horizonte

2021

Ana Paula Cecon Calegari

**Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de
1920 e 1960**

Versão Final

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do grau de Doutora em História.

Área de Concentração: História, Tradição e Modernidade.

Linha de Pesquisa: História e culturas políticas.

Orientação: Prof. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa

Belo Horizonte

2021

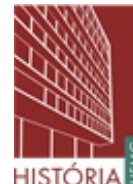
972.91064	Calegari, Ana Paula Cecon.
C148t	Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de 1920 e 1960 [manuscrito] / Ana Paula Cecon Calegari. - 2021.
2021	444 f. : il. Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. História – Teses. 2. Cuba – História – Revolução, 1959 – Teses. 3. Cuba – Política e governo – Teses. 4. Comunismo – Cuba - Teses. I. Costa, Adriane Aparecida Vidal. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de 1920 e 1960"

Ana Paula Cecon Calegari

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa - Orientadora
UFMG

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta
UFMG

Profa. Dra. Sílvia Cezar Miskulin
Universidade de Mogi das Cruzes

Prof. Dr. Ricardo Antonio Souza Mendes
UERJ

Profa. Dra. Adriana Carmen Petra
Universidad Nacional de San Martín

Belo Horizonte, 14 de outubro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Sílvia Cezar Miskulin, Usuário Externo**, em 21/10/2021, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Antonio Souza Mendes, Usuário Externo**, em 21/10/2021, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Aparecida Vidal Costa, Professora do Magistério Superior**, em 21/10/2021, às 20:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Patto Sa Motta, Membro**, em 22/10/2021, às 08:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Carmen Petra, Usuário Externo**, em 22/10/2021, às 20:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0932731** e o código CRC **501A5743**.

Agradecimentos

Agradeço à Adriane Vidal, minha orientadora, pelas correções, indicações, compartilhamento de conhecimentos teóricos e experiências acadêmicas. Aos membros da banca de defesa, Rodrigo Patto Sá Motta, Silvia César Miskulin, Adriana Petra e Ricardo Mendes pela leitura atenta e pelas indicações e arguições feitas.

À Angelina Rojas Blaquier, amiga e pesquisadora cubana da trajetória dos comunistas, que me ajudou com a organização das ideias, com as fontes e as indicações bibliográficas. Às funcionárias do Instituto de História de Cuba, em especial à Belkis Quesada. Aos funcionários da Biblioteca Nacional José Martí, em Havana, da Biblioteca Nacional Mariano Moreno e do Instituto Cultural de Cooperação Floreal Gorini, ambas instituições localizadas em Buenos Aires.

À Katy Henderson, pela companhia em Havana e pelo compartilhamento de ideias e documentos sobre o PSP. À Marisol e aos amigos da família Fornaris, que me receberam amorosamente em sua casa, em Cuba.

Aos amigos e às amigas espalhados/as pelas universidades por onde passei: Mellina Curty, Caroline Faria, Lellison Funes, Thiago Prates, Rafael Coelho, Isadora Vivacqua, Mariana Barreto, Lara Carlette, Boris Tejeda Suñol, Bruno Vinícios, Dmitri Bichara e Elvis Diana. Aos colegas do grupo de pesquisa “História Intelectual: narrativas, práticas e circulação de ideias”, da UFMG.

Aos professores que me ajudaram a construir algumas ideias durante minha trajetória: Jean Sales (UFRRJ), Patrícia Merlo (UFES) e Fabio Muruci (UFES).

Aos membros das famílias Cecon e Calegari, Diniz e Toniato. Ao meu irmão, Tarcízio Júnior, pela companhia, gentilezas e brincadeiras. Ao meu pai, Tarcízio, pelo apoio e o amor incondicionais. Ao Júnior, pelo companheirismo, pela leitura de meus textos, pelas tarefas que realizou por mim para que eu pudesse terminar minha tese, por ter sido meu esteio.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual essa pesquisa teria sido bem mais difícil.

Resumo

Nesta tese, analisamos a trajetória e a cultura política dos comunistas filiados ao Partido Comunista de Cuba, primeiro, e, depois, ao Partido Socialista Popular, durante as décadas de 1920 e 1960, enfatizando os valores, a ideologia, as mitologias e as representações que foram criadas, difundidas e inculcadas por essa associação ao longo de quatro décadas. Também investigamos as transformações do projeto político, as negociações e as disputas travadas pelo Partido, a situação dos comunistas na clandestinidade durante as ditaduras de Gerardo Machado (nos anos 1930) e de Fulgencio Batista (nos anos 1950), a atuação do PSP no período da Segunda República (1940-1952) e nos primeiros anos da Revolução Cubana (1959-1967). Além disso, tratamos das relações estabelecidas pelos comunistas com as agrupações políticas insulares e com a União Soviética ao longo dos decênios selecionados. Avaliamos as razões para a dissolução do PSP e o papel dos antigos membros do Partido na construção do socialismo em Cuba, na década de 1960. Utilizamos fontes primárias publicadas na imprensa partidária e em outros órgãos de comunicação veiculados na Ilha, os discursos de alguns líderes políticos cubanos, documentos dos congressos do Partido e textos autorais dos membros do PCC/PSP. Dialogamos com os referenciais teórico-metodológicos das culturas políticas, da imprensa como ator político e da análise do discurso.

Palavras-chave: Partido Socialista Popular; Cultura Política Comunista; História Política de Cuba; Movimento Comunista Internacional; Revolução Cubana.

Resumen

En esta tesis analizamos la trayectoria y cultura política de los comunistas afiliados al Partido Comunista de Cuba, primero, y luego al Partido Socialista Popular, durante las décadas de 1920 y 1960. Destacamos los valores, ideología, mitologías y representaciones que fueron creados, difundidos e inculcados por los comunistas durante cuatro décadas. También investigamos las transformaciones del proyecto político, las negociaciones y disputas que libró el Partido, la vida de los comunistas en la clandestinidad durante las dictaduras de Gerardo Machado (en la década de 1930) y Fulgencio Batista (en la década de 1950), el papel del PSP en la Segunda República (1940-1952) y en los primeros años de la Revolución Cubana. Investigamos las relaciones políticas establecidas por los comunistas con los grupos políticos insulares y con la Unión Soviética durante las décadas seleccionadas. Evaluamos las razones de la disolución del PSP y el papel de los exmiembros del Partido en la construcción del socialismo en Cuba en los años sesenta. Utilizamos fuentes primarias publicadas en la prensa del Partido y en otros medios de comunicación publicados en la Isla, los discursos de los líderes políticos cubanos, documentos de los congresos del Partido y textos de los miembros del PCC/PSP. Dialogamos con los referentes teórico-metodológicos de las culturas políticas, la prensa como actor político y el análisis del discurso.

Palabras clave: Partido Socialista Popular; Cultura Política Comunista; Historia Política de Cuba; Movimiento Comunista Internacional; Revolución Cubana.

Abstract

In this thesis, we analyze the trajectory and political culture of Communists affiliated to the Communist Party of Cuba, first, and then to the Popular Socialist Party, during the 1920s and 1960s. We emphasize the values, ideology, mythologies and representations that they were created, spread and inculcated by the communists over four decades. We also analyze the transformations of the political project, the negotiations and disputes waged by the Party, the life of communists in hiding during the dictatorships of Gerardo Machado (in the 1930s) and Fulgencio Batista (in the 1950s), the role of the PSP in the Second Republic (1940-1952) and in the early years of the Cuban Revolution. Thus, we investigate the political relations established by the communists with island political groups and with the Soviet Union over the selected decades. We assess the reasons for the dissolution of the PSP and the role of former Party members in the construction of socialism in Cuba in the 1960s. Cuban politicians, documents from the Party congresses and authoritative texts by the PCC/PSP leaders. We dialogue with the theoretical-methodological references of political cultures, the press as a political actor and discourse analysis.

Keywords: Popular Socialist Party; Communist Political Culture; Political History of Cuba; International Communist Movement; Cuban Revolution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Emblema do PSP	111
Figura 2 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	116
Figura 3 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	120
Figura 4 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	121
Figura 5 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	121
Figura 6 - Charge publicada no jornal <i>Diario de la Marina</i>	142
Figura 7 - Charge publicada no jornal <i>Diario de la Marina</i>	143
Figura 8 - Charge publicada no folheto <i>Carta Semanal</i>	207
Figura 9 - Charge publicada no folheto <i>Carta Semanal</i>	208
Figura 10 - Charge publicada no folheto <i>Carta Semanal</i>	215
Figura 11 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	246
Figura 12 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	262
Figura 13 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	263
Figura 14 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	264
Figura 15 - Charge publicada no jornal <i>Noticias de Hoy</i>	300

LISTA DE SIGLAS

ABC	<i>Organización ABC, depois Partido ABC</i>
AIE	<i>Ala Izquierda Estudiantil</i>
CEIC	Comitê Executivo da Internacional Comunista
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CNOC	<i>Confederación Nacional de Obreros Cubanos</i>
CSD	<i>Coalición Socialista Democrática</i>
CTC	<i>Confederación de Trabajadores Cubanos</i>
CTK	Nome dado pelos comunistas à CTC dirigida pelos autênticos
DEU	<i>Directorio Estudiantil Universitario</i>
DOI	<i>Defensa Obrera Internacional</i>
DRE	Diretório Revolucionário Estudantil
EIR's	<i>Escuelas de Instrucción Revolucionaria</i>
ELI	Escola Lenin Internacional
FEU	Federação Estudantil Universitária
FNOA	<i>Federación Nacional Obrera Azucarera</i>
GRAS	Grupo de Repressão às Atividades Subversivas
IC	Internacional Comunista ou Comintern
ISR	<i>Internacional Sindical Roja, também chamada de Profintern</i>
LAI	<i>Liga Antiimperialista de las Américas (LAI)</i>
MR-26-7	<i>Movimento 26 de Julho</i>
MCI	Movimento Comunista Internacional
MNR	Movimiento Nacionalista Revolucionario
ORI's	<i>Organizaciones Revolucionarias Integradas</i>
PC's	Partidos Comunistas
PCC	Partido Comunista de Cuba. Com a mesma sigla, formou-se, em 1961, o Partido Comunista Cubano
PCEU	Partido Comunista dos Estados Unidos
PCF	Partido Comunista Francês
PCM	Partido Comunista Mexicano
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PPC-O	Partido do Povo Cubano, também chamado de Partido Ortodoxo
PRC-A	Partido Revolucionário Cubano, também chamado de Partido Autêntico
PSP	Partido Socialista Popular

PUR	Partido União Revolucionária
PURC	Partido União Revolucionária Comunista
PURSC	<i>Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba</i>
SAR	<i>Sociedad de los Amigos de la República</i>
SIM	Serviço de Inteligência Militar
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UN	<i>Unión Nacionalista</i>
UR	<i>Unión Revolucionaria</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1. A história do Partido Comunista de Cuba (PCC)/Partido Socialista Popular (PSP): da fundação aos anos de 1950	32
1.1. A Trajetória do PCC/PUR/PURC entre os anos de 1925 e 1940.....	32
1.1.1. O movimento comunista internacional dos anos de 1920.....	32
1.1.2. Os primeiros anos de existência do PCC	40
1.1.3. Os comunistas cubanos no contexto da Revolução de 1933	50
1.1.4. A geração comunista de 1930	64
1.2. A atuação dos comunistas na Segunda República Cubana	72
1.2.1. As eleições e coalizões do PURC/PSP.....	72
1.3. Projeto e cultura política comunista entre 1930 e 1952	89
1.3.1. O projeto político do Partido Socialista Popular	89
1.3.2. As concepções filosóficas e a incorporação dos conceitos marxistas nas obras dos comunistas cubanos.....	96
1.3.3. Os imaginários, as representações e os mitos da cultura política comunista do PSP ..	106
Capítulo 2. Cultura e relações políticas do Partido Socialista Popular no contexto da ditadura de Fulgencio Batista	127
2.1. O movimento comunista internacional e a América Latina no alvorecer da Guerra Fria.....	128
2.2. “Ni se venden ni se rinden:” a ação política dos comunistas nos primeiros anos da ditadura de Fulgencio Batista.....	134
2.2.1. As perseguições políticas aos membros do PSP e o anticomunismo em Cuba.....	137
2.3. Ser comunista em Cuba em 1950: valores e projetos comunistas.....	146
2.3.1. “ <i>Unión y luta de masas:</i> ” a ação política e questão tática entre os anos de 1952 e 1956	147
2.3.2. A dimensão moral e política da Guerra Fria na documentação partidária	149
2.3.3. Representação e autorrepresentação: a mitologia da sociedade ideal e o partido modelo	155
2.3.4. <i>Gente de un temple especial:</i> os valores do homem novo.....	162
2.3.5. As práticas políticas para a formação dos socialistas populares	167
2.3.6. As restrições comportamentais: o que não podia um comunista	182

2.4. A relação e os conflitos táticos do Partido Socialista Popular com os grupos insulares de oposição à ditadura.....	188
2.4.1. Conflitos táticos com os partidos políticos, a Federação Estudantil Universitária (FEU) e a <i>Sociedad de Amigos de la República</i> (SAR)	188
2.4.2. A reação dos comunistas ao assalto aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes (1953)	193
2.5. O ano de 1956 em Cuba: o impacto do XX Congresso do PCUS e as transformações das táticas do Partido Socialista Popular	199
2.5.1. A “desestalinização” da cultura política comunista do PSP	199
2.5.2. As transformações táticas realizadas pelos socialistas populares	202
2.6. A relação dos comunistas com a luta armada e a participação no fim da ditadura de Batista entre 1957 e 1958	203
2.6.1. Os comunistas “sobem” a <i>Sierra</i> : a adesão do Partido à guerra de guerrilhas.....	209
2.6.2. Por que o Partido Socialista Popular não dirigiu a última etapa da luta insurrecional?	217

Capítulo 3. O Partido Socialista Popular nos primeiros anos da Revolução Cubana ... 225

3.1. A institucionalização do regime sem os comunistas: a organização interna do governo revolucionário.....	225
3.1.1. Elementos para uma cultura política revolucionária para legitimar o novo regime: representações e simbologia do governo revolucionário	235
3.1.2. O anticomunismo nas fileiras revolucionárias e os conflitos políticos entre 1959 e 1960	241
3.2. A trajetória política do Partido Socialista Popular nos primeiros dois anos da Revolução	258
3.2.1. A reorganização do PSP e a reativação dos rituais partidários	258
3.2.2. O projeto político socialista popular frente à institucionalização do regime	265
3.2.3. As definições teóricas do processo revolucionário e a autocrítica dos socialistas populares	273
3.3. A declaração do caráter socialista da Revolução e a dissolução do Partido Socialista Popular (1961).....	283
3.3.1. A Revolução Cubana se torna socialista	283
3.3.2. Os comunistas decidem dissolver o PSP	287

Capítulo 4. Os socialistas populares no poder: a formação do Partido Comunista Cubano, os embates e as negociações com o governo revolucionário (1961-1967)..... 295

4.1. As relações entre Cuba e a União Soviética no começo dos anos de 1960.....	296
4.2. Experiências práticas e teóricas na formação do Partido Comunista de Cuba (1961-1965)	309
4.2.1. Os socialistas populares no contexto da formação do Partido Comunista Cubano (1961- 1965).....	309
4.2.2. A crítica ao sectarismo (1962), o processo de Marcos Rodríguez (1964) e a microfração (1967)	316
4.3. A cultura política revolucionária dos comunistas cubanos (1961-1965): permanências e mudanças	335
4.3.1. O homem novo revolucionário: debates teóricos e práticas sociais.....	336
4.3.2. O envolvimento dos comunistas no debate sobre as artes revolucionárias.....	354
4.3.3. A educação marxista-leninista e as <i>Escuelas de Instrucción Revolucionaria</i> (EIR) ...	372
Considerações finais	386
Referências Bibliográficas	392
Apêndices	440
Anexos	442

Introdução

La historia nos comunica con el pasado, y nos enseña y nos inspira. Nada en la vida de los pueblos ha caído del cielo. Los hechos se encadenan; los hombres se heredan, en relevo interminable. Las épocas crean situaciones; las situaciones destacan grupos humanos y dirigentes singulares; y por doquier se alzan figuras humanas; grandes y pequeñas figuras. El naciente Partido Comunista de Cuba se lanzó a la conquista de la conciencia cubana, con muy pocas armas ideológicas, *pero con gran decisión*.¹

O interesse pela história do Partido Socialista Popular (PSP), agrupação que reuniu os comunistas cubanos ao longo de quatro décadas,² surgiu de inquietações oriundas de nossa pesquisa de mestrado. Na dissertação,³ realizamos um estudo sobre os movimentos de oposição à Revolução Cubana e as representações feitas por Fidel Castro dos “inimigos” do processo revolucionário. Diversos conflitos políticos se descortinaram a partir das análises do fenômeno contrarrevolucionário e, dentre eles, estavam aqueles travados no seio do governo revolucionário. A historiografia sobre os confrontos intragovernamentais, muitos dos quais envolveram os membros do PSP, é bastante escassa e o estudo da temática continua sendo um desafio para os pesquisadores. A história dos comunistas membros do Partido Socialista Popular, suas relações e intrigas e a cultura política criada, difundida e inculcada por eles não foram objetos privilegiados pelos historiadores. Isso decorre, em nossa perspectiva, de alguns fatores, como a dificuldade de acesso às fontes, pois a maioria delas está disponível somente nos arquivos insulares.

Além disso, a carência de abordagens sobre o PSP resultou também de algumas especificidades da historiografia cubana. Como nos conta Jorge Ibarra,⁴ Ricardo Quiza Moreno⁵

¹ SOTO, Lionel. Prologo. In: SERVIAT, Pedro. *40 aniversario de la fundación del Partido Comunista*. Editado por la Dirección Nacional de EIR's del PURSC, 1965, p. 9.

² Lembramos que o PSP, antes de ter esse nome, havia sido chamado, primeiro, de Partido Comunista de Cuba (PCC), quando de sua fundação em 1925, depois de Partido União Revolucionária Comunista (PURC), entre 1939 e 1944. Somente nesse ano, o nome foi mudado para Partido Socialista Popular e assim permaneceu até a dissolução da agremiação, em 1961. Comentaremos ao longo do texto as mudanças mencionadas. Nesta tese, usaremos os termos “socialistas populares”, “comunistas cubanos” e Partido (com maiúscula) para nos referirmos aos membros dos PCC, PURC e PSP. Sabemos que outros grupos, como os trotskistas, por exemplo, reivindicaram o título de “comunistas cubanos”, porém, para evitarmos a repetição ao longo da redação, associamos esses termos aos filiados à agremiação que estudamos. Salientamos que não iremos analisar as atividades dos comunistas nos sindicatos nem na Juventude Socialista, porque isso demandaria um trabalho com outras fontes primárias e outros problemas historiográficos que vão além das questões que escolhemos investigar aqui. Porém, quando acharmos necessário, apontaremos algumas informações sobre a atuação dos membros do Partido em ambas as áreas de ação.

³ CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Contrarrevolucionários e dissidentes nos discursos de Fidel Castro, 1959 – 1962*. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

⁴ IBARRA, Jorge. *Historiografía y revolución*. *Revista Temas*, La Habana, n° 1, enero-marzo de 1995, p. 4-14.

⁵ QUIZA MORENO, Ricardo. *Historiografía y Revolución: la ‘nueva’ oleada de historiadores cubanos*. *Millars*, XXXIII, 2010, p. 127-142.

e Joel James Figarola,⁶ até a década de 1980, os trabalhos dos historiadores estiveram orientados por rígidos pressupostos definidos pelo governo, o que limitou as abordagens e as temáticas contempladas pelas ciências sociais. Ibarra apontou que o governo cubano vetou o estudo de certas temáticas, proscreeu a disciplina de sociologia, área considerada como uma “ciência burguesa”, e elaborou uma lista de autores cujos trabalhos não poderiam ser publicados.⁷ A ênfase dada pela historiografia ao protagonismo do Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26-7) ofuscou outros atores históricos e os conflitos travados dentro do governo. Consequentemente, algumas temáticas não foram contempladas ou foram trabalhadas sem muita profundidade pela historiográfica cubana, ao menos, nas três primeiras décadas da Revolução.

O objetivo principal desta tese é investigar as transformações da cultura política comunista criada, difundida e inculcada⁸ pelo Partido Comunista de Cuba e, depois, pelo Partido Socialista Popular (PSP) entre as décadas de 1920 e 1960. Diante da escassez de abordagens sobre o tema e de nosso interesse pelo objeto de pesquisa, elaboramos os seguintes questionamentos: qual o papel desempenhado pelos comunistas na resistência às ditaduras de Gerardo Machado (1925-33) e de Fulgencio Batista (1952-58)? De que modo a trajetória do Partido nos ajuda a entender o movimento comunista internacional e a cultura política comunista que marcou fortemente o campo das esquerdas na primeira metade do século XX? Qual a importância do Partido para o desenvolvimento das políticas revolucionárias nos primeiros anos da década de 1960 em Cuba? Quais os principais traços (mitologias, mitos, representações) da cultura política comunista do PSP e como esses elementos se transformaram ao longo do tempo?

⁶ JAMES FIGAROLA, Joel. Urgencias y exigencias historiográficas. *Revista Temas*, La Habana, nº 1, enero-marzo de 1995, p. 129-131.

⁷ IBARRA, Jorge. *Historiografía y revolución*, p. 7-8.

⁸ Na análise da cultura política comunista, seguimos a recomendação de Maurice Agulhon, que estudou o caso do Partido Comunista Francês e apontou que a cultura política dessa agrupação foi formada a partir de uma amálgama de marxismo-leninismo e marxismo-stalinismo, de exaltação dos soviéticos e dos valores republicanos e libertários franceses. Ver: AGULHON, Maurice. Sur la “culture communiste” dans les années cinquante. In: CEFAÏ, Daniel. *Cultures politiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 285. Ao longo de nosso trabalho, mostraremos que a cultura política dos comunistas cubanos também mesclou elementos teóricos do marxismo-leninismo e do stalinismo, foi influenciada pela experiência soviética, em especial pelas resoluções dos congressos do PCUS e recorreu às tradições e ideias políticas, aos heróis nacionais e à história cubana para criar, difundir e inculcar sua cultura política. Optamos por usar os três verbos (criar, difundir e inculcar) porque acreditamos que, na conformação dos elementos da cultura política dos PC’s, houve tanto uma apropriação de elementos pré-existentes, como as obras teóricas de Marx, Engels, Lenin, Stalin, que deram suporte, principalmente, para os elementos da ideologia, quanto a adoção de aspectos genuínos de seus países. Assim, defendemos que eles criaram uma cultura política que quase sempre era uma mescla de elementos que de fora e de dentro de seus países. Os partidos comunistas difundiram esses elementos, muitos deles tiveram seus próprios jornais e revistas teóricas, meios imprescindíveis para essas organizações. Além disso, eles inculcaram essa cultura política, principalmente entre os filiados aos PC’s, em um esforço que se materializou nas escolas de formação teórica e nas atividades práticas, como é o caso dos grupos de estudo e debate organizados por esses partidos.

Partimos da hipótese de que os comunistas cubanos se comportaram, na maior parte de sua trajetória, de maneira dogmática e ortodoxa, quer dizer, aceitaram de modo não crítico o dogma, desconsideraram alguns elementos contextuais e aplicaram a doutrina de modo mecânico. O dogmatismo, na definição de Carew Hunt, é “a noção de que o marxismo-leninismo constitui um corpo de normas fixas que fornece “soluções para o uso imediato” em frente a qualquer problema emergente”.⁹ Complementando esse sentido, Dênis de Moraes, citando Lucian Goldmann, destacou que o dogmatismo “origina-se da insistência dos sujeitos em operar com concepções que, em certa época, constituíram a base espiritual para a existência social, mas que, em contexto diverso, anestesiam o pensamento de indivíduos e grupos”.¹⁰ Mostraremos, ao longo do trabalho, que nossa hipótese estava parcialmente correta.

Para responder aos questionamentos principais e verificar a hipótese da tese, pesquisamos e analisamos os documentos publicados pelo PCC/PURC/PSP e, dentre eles, estão algumas edições do jornal *Noticias de Hoy*, das revistas teóricas *El comunista* e *Fundamentos*, textos dos intelectuais vinculados ao Partido, atas e resoluções das assembleias e reuniões partidárias. Alguns desses documentos encontram-se disponíveis na internet¹¹ e outros foram fotografados no Fundo *Primeros Partidos, seccion PSP*, do Instituto de História de Cuba. Salientamos que o *corpus* documental selecionado, com exceção da correspondência da Terceira Internacional,¹² é composto por documentos públicos e programáticos divulgados pelo Partido. Consequentemente, o conteúdo propagado nesse tipo de fonte não se vincula a temas sensíveis da experiência comunista, como a vida privada dos militantes ou os conflitos intrapartidários, mas sim ao discurso oficial da agremiação.

O recorte temporal da tese inicia-se em 1925, ano em que o Partido Comunista de Cuba foi fundado. Salientamos, porém, que foi na década seguinte que a cultura política comunista partidária adquiriu contornos mais precisos em decorrência do aumento das fileiras do PCC, da elaboração de um programa político e de ação mais bem definidos, da estruturação dos quadros militantes e dirigentes, como veremos adiante. Também é nesse período que, na Ilha, os primeiros impressos partidários foram publicados.¹³ Ademais, o decênio de 1930 é o momento

⁹ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*. São Paulo: Dominus Editora, 1964, p. 86.

¹⁰ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 204.

¹¹ Encontramos, por exemplo, todas as edições do jornal *Noticias de Hoy* no site Biblioteca Digital do Caribe (<http://dloc.com/cuba/results/?t=noticias%20de%20hoy>), que é mantido por algumas universidades dos Estados Unidos.

¹² A correspondência entre os PC's latino-americanos e a Terceira Internacional foi reunida no livro *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*, organizado por Victor Jelfets e Andrey Schelchkov.

¹³ Ver a tabela de número 2 nos apêndices.

em que Movimento Comunista Internacional se fortaleceu devido, dentre outros fatores, à ampliação do número de partidos, às suas estruturações internas e à vinculação à Terceira Internacional.¹⁴

Para finalizar a análise, selecionamos o decênio de 1960, precisamente o ano 1967. Apesar do PSP ter sido dissolvido em 1961, acreditamos que os vínculos entre os comunistas, bem como as principais concepções de sua cultura política, perpetuaram-se mesmo após o fim dos laços partidários. Definimos o ano de 1967 porque foi nessa data que ocorreu o último expurgo de um importante comunista do PSP, Aníbal Escalante, e foi quando as *Escuelas de Instrucción Revolucionaria* (EIR's)¹⁵ e a revista *Cuba Socialista*, ambas dirigidas pelos antigos socialistas populares, foram fechadas. Investigamos essa e outras questões por meio da análise do jornal *Noticias de Hoy*, que foi publicado até 1965, da revista *Cuba Socialista*, editada entre 1961 e 1967, e de textos escritos e divulgados pelos socialistas populares.

As principais pesquisadoras sobre a trajetória do PSP são as historiadoras cubanas Angelina Rojas Blaquier¹⁶ e Caridad Massón Sena.¹⁷ Ambas são funcionárias de órgãos de pesquisa do governo cubano e tiveram acesso à documentação privilegiada para escrever suas obras.¹⁸ Os três tomos do livro “*Historia del Primer Partido Comunista de Cuba*”, de Rojas Blaquier, abordam trajetória dos comunistas cubanos desde 1925 até 1961 e neles a autora fez uma análise institucional e das táticas adotadas pela agremiação ao longo do período mencionado. Com base em vasto material documental, a autora detalhou a atuação do Partido, porém sem entrar em algumas questões que nos interessam, tais como o universo simbólico da cultura política partidária e a relação dos cubanos com os soviéticos. Ela também não abordou o envolvimento dos membros do PSP com o governo revolucionário após a dissolução da agremiação em 1961. Apesar das lacunas, a obra de Rojas Blaquier é a que, com mais

¹⁴ A Terceira Internacional ou Comintern foi uma organização criada em 1919 pelos soviéticos que reuniu os partidos comunistas surgidos após a Revolução Russa.

¹⁵ As EIR's foram instituições de ensino criadas em 1961 que ofereceram cursos teóricos de doutrinação para a formação de uma nova consciência no contexto da Revolução Cubana. Abordaremos o funcionamento das *Escuelas* no último capítulo da tese.

¹⁶ Doutora em História e pesquisadora do Instituto de História de Cuba. Além das pesquisas sobre os comunistas cubanos, Rojas Blaquier investigou a história do movimento trabalhista insular com foco, principalmente, na década de 1930.

¹⁷ Doutora em História e pesquisadora do Instituto Cubano de Investigação Cultural Juan Marinello. Caridad Massón Sena pesquisou temáticas bem diversas ao longo de sua carreira e, dentre os livros que publicou, encontram-se uma obra sobre o pensamento de Rubén Martínez Villena e outra sobre Gabriela Mistral. A autora também investigou a relação da Revolução de 1959 com as igrejas evangélicas cubanas.

¹⁸ Ambas trabalharam com os arquivos do Fundo do Primeiro Partido Comunista do Instituto de História de Cuba e tiveram acesso à *Carta Semanal*, publicada pelo PSP durante a ditadura de Fulgencio Batista, e ao jornal *Noticias de Hoy*. Massón Sena acessou ainda os arquivos da Internacional Comunista e Rojas Blaquier entrevistou alguns membros do antigo PSP e trabalhou com revistas cubanas (*Verde Olivo*, *Bohemia*, *Pensamiento Crítico*) e jornais (*Revolución*, *Diario de la Marina*, *Gaceta Oficial de la República de Cuba*) que não pertenceram ao Partido, mas que ajudaram a explicar as complexas relações que o envolveu.

profundidade, elucidou a história dos comunistas, principalmente porque ela foi a única que abordou como tema central, ainda que sem muito aprofundamento, a atuação dos comunistas na Revolução Cubana.

Já Massón Sena escreveu artigos sobre a atuação dos comunistas na Revolução de 1933 (que será abordada no primeiro capítulo desta tese) e a relação do Partido com o Comintern.¹⁹ No texto “*Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50*”, ela apontou algumas razões pelas quais o PSP não dirigiu a última etapa do processo revolucionário de 1959. Os questionamentos de Massón Sena são importantes porque nos ajudaram, no devido momento, a pensar no envolvimento dos comunistas com a luta armada que se desenvolveu na Ilha na década de 1950.

A historiografia sobre o Partido não se restringe aos trabalhos das citadas historiadoras. Em 1970, Jorge García Montes e Antonio Alonso Avila publicaram o livro “*Historia del Partido Comunista de Cuba*”, uma obra factual, que teve como objetivo narrar “a trágica luta final que colocou nas mãos dos comunistas o poder e lhes permitiu destruir e escravizar a nação de maior desenvolvimento econômico na América Latina”.²⁰ O posicionamento dos autores não condiz com as fontes e com um consenso historiográfico acerca das condições econômicas da Ilha antes da Revolução,²¹ apenas para citar um dos equívocos da obra. Na medida em que o livro atribuiu ao PSP a manipulação do Movimento 26 de Julho e alegou que o comunismo “destruiu” a “próspera” economia insular, notamos a superficialidade e o maniqueísmo dos argumentos utilizados. A obra objetivava atacar o governo revolucionário e deslegitimá-lo diante de uma opinião pública anticomunista e opositora do regime cubano, especialmente estadunidense. Lembramos que García Montes era um exilado cubano na conjuntura da produção de seu texto e que ele foi Ministro da Educação durante a ditadura de Fulgencio Batista. Já nos anos de 1950, ele havia travado sérios embates com os membros do Partido Socialista Popular. Em nossa perspectiva, esses conflitos motivaram, dentre outras razões, a escrita do livro de autoria dele.

¹⁹ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas y la constituyente del 40. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*. Número 5, 2009. MASSÓN SENA, Caridad. La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017.

²⁰ GARCIA MONTES, Jorge; ALONSO AVILA, Antonio. *Historia del Partido Comunista de Cuba*. Miami: Ediciones Universal, 1970, prólogo não paginado.

²¹ MARTÍNEZ MARTÍNEZ, Osvaldo. Rasgos socioeconómicos generales de Cuba: 1958. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 1-14. MESA LAGO, Carmelo. Balance económico-social de 50 años de Revolución en Cuba. *América Latina Hoy*, n° 52, 2009, p. 41-61.

Outra obra sobre o Partido foi escrita por César Reynel Aguilera,²² em 2018, com o título de *El soviét caribeño*. O objetivo do livro, não realizado em nossa perspectiva, era comprovar que Fidel Castro foi usado pelo PSP para que os comunistas pudessem chegar ao poder. Baseando-se em memórias familiares,²³ o autor preocupou-se em mostrar como o aparelho clandestino do Partido atuou ao longo de quatro décadas e a forma como Castro foi cooptado por ele. Aguilera não apresentou nenhuma fonte primária para provar a veracidade do contato e das relações entre o líder do Movimento 26 de Julho e o PSP, o que torna as ideias apresentadas insustentáveis porque carecem de comprovação documental.

García Montes e Ávila e Reynel Aguilera produziram uma historiografia sobre os comunistas cubanos orientada por evidentes questões ideológicas e afastaram-se das preocupações metodológicas e teóricas para justificar suas inconformidades com o projeto político iniciado após 1959. Já Angelina Rojas Blaquier e Caridad Massón Sena são oriundas do ambiente intelectual insular, ambas doutoras em História, e escreveram em consonância com o rigor intelectual do ofício do historiador. Entretanto, apesar do esforço delas, inúmeras lacunas sobre a temática ainda existem.

Também merece destaque uma série de artigos publicados em coautoria pelos pesquisadores russos Victor JEIFETS e Lazar JEIFETS, professores da Universidade de São Petersburgo.²⁴ Eles foram os pioneiros no acesso aos documentos da Internacional Comunista logo que o arquivo da organização foi disponibilizado, em 1991. Victor e Lazar JEIFETS foram os responsáveis por colocar novas questões sobre a relação do PCC com a IC, sobre a trajetória de Mella e Vivó,²⁵ e sobre os primeiros anos de vida do Partido. O foco dos autores se centrou nas décadas de 1920 e 1930 e, ainda que tenham contribuído para o estudo da trajetória dos comunistas cubanos, eles não adentraram na temática da cultura política, nem ultrapassaram o recorte temporal citado.

²² Médico cubano exilado que vive, atualmente, no Canadá.

²³ O autor é filho de César Antonio Gómez Pérez de Medina, que foi secretário da Juventude Comunista de Havana, e de Thais Orquídea Aguilera Baqués, militante das células clandestinas do Movimento 26 de Julho e da Juventude Comunista.

²⁴ JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. La odisea roja. Várias líneas ao retrato político de Jorge A. Vivo d'Escoto. *Revista CS*, n° 14, julio-diciembre 2014, Cali, Colombia, p. 167-200. JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. El encuentro de la izquierda cubana con la Revolución Rusa: el Partido Comunista y la Comintern. *Historia Crítica*, n° 64, 2017, p. 81-100.

²⁵ Nos referimos a Julio Antonio Mella e Raúl Valdes Vivó, dois líderes comunistas que atuaram dentro do Partido nos decênios citados.

Outros trabalhos, por exemplo, no Brasil, que abordaram a história política e cultural após 1959, como os de Silvia César Miskulin,²⁶ Marina Martins Villaça,²⁷ Barthon Favatto Suzano Júnior²⁸ e Giliard Prado,²⁹ citaram o PSP ao relacionar o Partido às problemáticas que trataram. Porém, em nenhum desses casos, o PSP foi o objeto central da pesquisa. Por isso, pretendemos analisar a documentação partidária para apresentar uma outra perspectiva dos embates travados entre diversos atores políticos ao longo de quatro décadas.

O ineditismo de nossa pesquisa reside no estudo da cultura política comunista criada, difundida e inculcada pela agremiação.³⁰ Até o momento, não temos conhecimento de nenhum trabalho que tenha analisado a trajetória do PSP utilizando o citado viés analítico. Além disso, usaremos fontes primárias inéditas³¹ e abordaremos períodos históricos ainda não contemplados pelas poucas obras que trataram do objeto em questão, especialmente os anos entre 1961 e 1967. Com isso, pretendemos preencher uma lacuna historiográfica ao adentrar em acontecimentos e problemáticas dos anos de 1950 e 1960 que ainda não foram abordadas. Ademais, estudar as experiências comunistas do século XX nos parece fundamental numa época, como a atual, de crescimento dos discursos anticomunistas, os quais se voltam a exemplos concretos do passado, muitas vezes, distorcendo-os, para instigar o medo e mobilizar a opinião pública. Ampliar o leque interpretativo sobre a temática e trazer à tona as problemáticas da história dos PC's e da Revolução Cubana é uma tarefa importante para contrapor algumas narrativas que manipulam o passado em prol de projetos político-partidários das elites econômicas.

Nossa análise se insere nos debates realizados pelos pesquisadores da história do político. Corroboramos com os apontamentos de Pierre Rosanvallon para quem o político designa um campo, definido por ele como um local onde homens e mulheres se relacionam para

²⁶ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada: Imprensa e revolução cubana, 1959-1961*. São Paulo: Xamã, 2003.

²⁷ VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

²⁸ SUZANO JÚNIOR, Barthon Favatto. *Entre o doce e o amargo: memórias dos exilados cubanos Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante*. São Paulo: Alameda, 2014.

²⁹ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

³⁰ Há outros trabalhos sobre a cultura política comunista dos PC's latino-americanos ou a cultura política em Cuba, como: MACHADO RODRÍGUEZ, Darío L. *Cultura política en Cuba: una aproximación sociológica*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2009. FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*. Stanford: Stanford University Press, 1969. SOALHEIRO, Itamara Silveira. *Cine sobre ruedas: expressões da cultura política comunista nos discursos cinematográficos e na organização do Cine-Móvil cubano (1961-1971)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007. PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en Argentina de posguerra*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

³¹ Trabalharemos de forma inédita com as edições do jornal *Noticias de Hoy*, publicadas entre os anos de 1961 e 1965, com alguns documentos seriados publicados na década de 1950, dentre eles, os *Estatutos del PSP*, de 1955, o *Programa Partidário*, de 1958, o semanário *Respuestas* (um folheto publicado entre os anos de 1955 e 1958) e com a revista *Cuba Socialista* (1961 a 1967).

conferir sentido às suas ações coletivas.³² Nesse campo, atores de diversas tendências ideológicas disputam as instâncias de poder e buscam a hegemonia dos projetos políticos que encabeçam, e o partido político é um dos atores fundamentais para a organização e atuação da sociedade dentro dessa esfera. Quando abordamos a história do político, não nos preocupamos unicamente com as disputas partidárias pelo exercício do poder e das instituições, isto é, com o exercício propriamente da política, como definiu o autor mencionado. Preocupa-nos “tudo aquilo que constitui a polis”, o que inclui a política, mas ainda as questões relacionadas à cidadania, igualdade, identidade, o poder da lei, do Estado e da nação.³³

Pierre Rosanvallon destacou que a história do político se interessa, também, pelos mecanismos simbólicos de representação e seu objetivo primordial é entender “por que são projetados e se desenvolvem os sistemas representativos, que permitem aos indivíduos ou grupos sociais conceber a vida comunitária”.³⁴ Essas representações, na perspectiva do autor, são respostas para aquilo que a sociedade identifica como um problema. Seguindo essas recomendações, nossa pretensão é entender as representações de valores e ideias formuladas pelos comunistas para avaliar como elas se converteram em respostas àquilo que era considerado um problema e influenciaram as decisões partidárias, criaram mitos e símbolos que deram significado à ação política, e serviram para justificar o comportamento daquela agrupação. A busca pela representação formulada pelo Partido corresponde, inclusive, a outra pretensão da história do político, que é analisar os mecanismos de tomada de decisões públicas e a descrição dos ritos e símbolos que organizam a vida social.³⁵

O partido político, agrupação que reúne homens e mulheres com o objetivo de efetuar “uma ação comum sobre o poder ou a organização da sociedade”,³⁶ é o objeto histórico que nos interessa. A respeito dele, cabe ao historiador observá-lo como local de mediação política entre as aspirações populares e um projeto de mudanças sociais; e também como um meio de socialização que tem como função a integração de uma comunidade ideológica.³⁷

Perry Anderson recomendou três operações analíticas para a investigação dos partidos comunistas, que são: a trajetória interna (número de filiados, a organização, os líderes, as tendências); a relação do partido com as demais agrupações políticas (outros partidos, sindicatos e as classes sociais); e a influência da Internacional Comunista nas decisões

³² ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 44.

³³ *Ibidem*, p. 73.

³⁴ *Ibidem*, p. 44.

³⁵ *Ibidem*, p. 78.

³⁶ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha – 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 71.

³⁷ *Ibidem*.

partidárias.³⁸ Ainda que abarcar todas essas questões seja uma tarefa bastante difícil, pois requer o acesso a fontes documentais que nem sempre estão disponíveis, tomaremos as recomendações de Anderson para analisar o PSP. Entretanto, como apontado anteriormente, nosso objetivo primordial é a investigação da cultura política criada, difundida e inculcada pelo Partido. Sobre esse tipo de análise, o cientista social Frédéric Sawicki advertiu que:

[...] as estratégias e as maneiras de fazer política dos empreendedores políticos não se explicam unicamente como o produto da procura racional e sistemática do poder, mas são condicionados pelos quadros cognitivos e normativos objetivados nas regras e uma linguagem que pode aparentar-se à uma cultura partidária. [...]. A cultura partidária não pode ser considerada como um quadro fixo nem padronizado, tendo em vista as diferentes configurações locais e sociais nas quais operam os agentes se reconhecendo num mesmo rótulo político. Ela é a jogada permanentemente de lutas entre os atores frente às disposições e recursos políticos e sociais diferentes que tentam pervertê-los, rearranjá-los ou perpetuá-los. É por isso que tudo que toca à identidade do partido, especialmente os símbolos que o representam (sigla, logo, hino, bandeira, princípios “fundadores”) e seu status, constituem um lance maior.³⁹

Partindo da premissa da mutabilidade dos elementos culturais que influenciam diretamente o comportamento partidário, pretendemos avaliar a dialética que existe entre ambas as esferas já com a certeza de que, aos olhos do observador contemporâneo, algumas ações políticas daqueles agentes históricos poderão parecer contraditórias. Consideramos também que o campo da política é muitas vezes mais influenciado por interesses, valores, crenças, mitos do que pela racionalidade e pela coerência com princípios e promessas anteriormente defendidas.

Desse modo, salientamos que, ainda que sejam importantes os elementos institucionais, nos focaremos numa análise da relação entre os aspectos culturais e o comportamento partidário. De acordo com Marc Lazar, a cultura tem influência em diversos aspectos da vida dos partidos, especialmente em “seus objetivos, suas referências fundadoras, suas estruturas organizacionais, suas maneiras de conceber e de fazer a política, seus tipos de militantes [...]”.⁴⁰ Na esteira dessa observação, Serge Berstein também destacou que os partidos são “depositários

³⁸ ANDERSON, Perry. La historia de los partidos comunistas. In: SAMUEL, Raphael. *Historia Popular y Teoría Socialista*. Barcelona: Editorial Crítica, 1982, p. 152-159, passim. A análise de Anderson se focou nos partidos comunistas europeus, mas acreditamos que as preocupações metodológicas propostas por ele nos ajudam a investigar o caso cubano.

³⁹ SAWICKI, Frédéric. Os partidos políticos como empresas culturais. In: CEFÄI, Daniel (dir). *Cultures politiques*. Paris: PUF, 2001, p. 198. Rodrigo Patto Sá Motta fez uma diferenciação apontando que os PC's possuíram uma cultura partidária própria, cuja inspiração foi a cultura comunista. Essa, porém, é mais ampla do que os PC's. Com isso, temos que os partidos carregam uma cultura partidária inspirada em diversas orientações ideológicas, mas essas ideologias sempre foram maiores do que as agrupações que as reivindicaram. Ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 35-36.

⁴⁰ LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeante... la culture politique communiste. In: BERSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Seuil, 1999, p. 218.

de uma cultura política com a qual comungam seus membros e que dá origem a uma tradição, muitas vezes transmitida através de gerações”.⁴¹ A cultura política, que é o eixo central de nossa pesquisa, pode ser definida de acordo com os apontamentos de Marc Lazar, para quem o conceito:

[...] representa um conjunto de ideias, de valores, de símbolos e de crenças e uma multidão diversificada de regras e de práticas que, combinadas, dão um significado ao real, estabelecendo as regras do jogo, formando os comportamentos políticos e conduzindo à inculcação de normas sociais.⁴²

O estudo de uma cultura política nos leva a pensar nos fatores que motivaram os homens e as mulheres a adotar determinados comportamentos, isto é, nos encaminha aos questionamentos sobre as motivações dos atos políticos a partir da compreensão dos elementos partilhados por grupos “que reclamaram dos mesmos postulados e viveram as mesmas experiências”.⁴³ A identificação desses postulados e experiências é fundamental para avaliarmos a coesão e a identidade do grupo que os compartilham e os difundem, em suma, que proporcionam a sensação de pertencimento político, como salientou Berstein:

É ela [a cultura política] que leva o cidadão a se identificar quase instintivamente a um grupo, a compreender facilmente seu discurso, a adotar sua ótica de análise, a partilhar de seus objetivos e esperanças, a aderir às múltiplas associações de todo tipo por meio das quais se difunde sua mensagem, a votar nos candidatos do partido político que a representa no âmbito eleitoral. Além disso, dado o caráter emocional que acabam assumindo as representações, os discursos, os símbolos e os ritos, a cultura política leva a uma verdadeira comunhão criadora de profundas solidariedades.⁴⁴

Em resumo, a validade do conceito para a análise dos partidos reside na preocupação com as questões subjetivas, como a crença em mitos, os rituais, as emoções para avaliar o comportamento político daqueles que compõem as organizações. Esses elementos se manifestam através da prática política e das representações forjadas pelos grupos que pretendem propagar e vivenciar ideologias, projetos, valores e mitos políticos.

Por causa disso, a constituição de uma cultura política implica a mobilização de imaginários sociais responsáveis por dar coesão a ela. O imaginário foi definido por Jean-Jacques Wunenburger como “um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no

⁴¹ BERSTEIN, Serge. Os partidos, p. 69.

⁴² LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeant, p. 217.

⁴³ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: Rioux & Sirinelli (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 359.

⁴⁴ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 44.

sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados”.⁴⁵ A interpretação dessas imagens, de acordo com Bronislaw Baczko, “suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum”.⁴⁶

Um elemento importante dos imaginários é o mito político. A definição desse conceito é um pouco problemática tendo em conta as diferentes acepções que ele recebeu ao longo do tempo. Interessa-nos pensar o mito como uma narrativa de criação, um relato de um acontecimento passado que revela a irrupção de algo “sagrado”, não necessariamente no sentido religioso, mas que se configura em um modelo exemplar para as atividades humanas.⁴⁷ De acordo com Raoul Girardt, os mitos e mitologias políticas modernas apresentam traços similares com as “grandes construções mitológicas da história humana”, ou seja, ainda que os comunistas não reflitam diretamente um aspecto do sagrado religioso, suas representações e o modo como os homens que acreditavam nessas mitologias e as vivenciaram se assemelhavam muito com os imaginários e mitos de sociedades arcaicas.⁴⁸

Na reconstituição histórica do movimento comunista internacional, dialogamos com vários intelectuais que mantiveram uma postura de crítica às experiências comunistas do século XX. Apesar da concordância com a forma como algumas questões que foram abordadas por eles, salientamos nossa discordância com o tratamento do comunismo como uma “religião secular ou política”, um “sistema de crenças”, isto é, com aqueles intelectuais que tentaram associar a ideologia marxista, leninista e/ou stalinista a uma doutrina que fundou uma religião, abordagem feita, por exemplo, por Claudie Rivière, François Furet, Archie Brown e Gerard Vicent.

A análise de Rivière merece atenção. O autor conceituou o comunismo como uma “liturgia política”, como um *corpus* doutrinário, cujas ideias foram formuladas por Marx, Engels, Lenin e Stalin, e estudou a vivência dessa “liturgia” nos ritos da sociedade soviética na época stalinista. Claude Rivière considerou a influência das mitologias e dos valores na configuração da doutrina e das práticas políticas, quer dizer, interessou-se pelo que hoje é objeto dos pesquisadores das culturas políticas. Nesse sentido, a reflexão teórica dele é bastante

⁴⁵ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 11.

⁴⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 311. Sobre a genealogia do conceito de imaginários, sugerimos a obra: DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

⁴⁷ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 11-12.

⁴⁸ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 177.

importante para pensarmos a influência das ideias no condicionamento dos comportamentos políticos.⁴⁹ O livro de Jorge Ferreira é outro texto no qual o autor considerou que o Partido Comunista Brasileiro compartilhava mitos, expectativas e representações sociais muito próximas à herança religiosa judaico-cristã, entretanto, ele reconhece o esforço de dessacralização feito pelos comunistas. O autor argumentou que “havia algo de mítico, sacralizado e nostálgico em suas manifestações discursivas e comportamentais”, o que não quer dizer que o comunismo foi uma religião.⁵⁰

Quando tratamos das constelações mitológicas⁵¹ do Movimento Comunista Internacional (MCI),⁵² nos preocupamos com a maneira como os sujeitos explicaram a origem de suas concepções filosóficas, referências políticas e eventos históricos, elementos fundamentais para a mobilização da práxis daqueles homens e mulheres. E ainda mais importante, como aqueles atores usaram essa narrativa em prol dos objetivos político-partidários.

O relato mítico, assim como outros aspectos da cultura política, oferece uma rede de significados através da qual o grupo que o compartilha irá pensar e explicar a ordem social. Não é incomum que nesses relatos a figura do “herói” apareça como aquele em quem se deve espelhar pelo fato de que ele, o “herói”, foi capaz oferecer explicações conjunturais e esquemas interpretativos que servirão como protótipos para os que recorrem às suas ideias. Veremos, mais à frente, que o PSP elegeu dois importantes políticos cubanos como figuras míticas de sua cultura política, que foram o líder independentista do século XIX, José Martí, e um dos fundadores do Partido (PCC, em 1925), Julio Antonio Mella. O mito do “herói” se vincula diretamente com a construção do “homem novo”, que, dentro da cultura política comunista, foi um arquétipo que reuniu características (coragem, honestidade, fidelidade ao partido, dentre outras) consideradas fundamentais para a construção da sociedade comunista, elementos que exploraremos ao longo da tese.

Outro elemento importante para dar coesão à cultura política é a ideologia, conceito igualmente polissêmico. Terry Eagleton⁵³ e Mario Stoppino⁵⁴ apontaram para os diversos

⁴⁹ RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

⁵⁰ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 23.

⁵¹ Conjuntos de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central.

⁵² Ao longo desta tese, usaremos a sigla MCI para nos referirmos ao Movimento Comunista Internacional.

⁵³ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editoria da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

⁵⁴ STOPPINO, Mario. Ideologia. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. trad. Carmen C, Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 585-597.

sentidos atribuídos ao conceito, os quais perpassaram, principalmente, as ideias de falsa consciência⁵⁵ e de valores que têm a função de orientar o comportamento político. Para o nosso estudo, interessa-nos pensar a ideologia assim como propôs Pierre Ansart, isto é, como um “[...] conjunto das posições teóricas que se organizam numa formação histórica concreta em dado momento de sua história”.⁵⁶

Conforme Terry Eagleton, o discurso ideológico traduz as ideias, por mais incompreensíveis que possam parecer, em um conjunto doutrinário “prático”, factível e inteligível, capaz de motivar a ação política. Nesse sentido, a ideologia deve vincular, para ter sucesso, os níveis prático e teórico, unindo enunciados analíticos e descrições com prescrições morais e técnicas. Esse conjunto doutrinário muitas vezes é de difícil assimilação pelos membros da base dos partidos, principalmente. Por isso, os dirigentes das organizações criaram, frequentemente, meios para difundi-lo e inculcá-lo, e formularam um sistema de referências através de charges, pequenas colunas políticas fixas em jornais e manuais que condensaram os principais aspectos da ideologia. A ideologia oferece aos membros dos partidos uma “grade comum de leitura dos acontecimentos que funda sua solidariedade na ação;” é transformada, dentro das organizações, em um “conjunto de ideias” que ajuda na integração dos indivíduos que compõem a organização; enfim, “constitui o núcleo duro da coesão das formações políticas”,⁵⁷ o qual permite, dentre outros fatores, a perenidade do partido.

Esses imaginários, mitos e ideologias são compostos pelas representações que os indivíduos ou as coletividades fazem de uma dada realidade e têm como função dar coerência à atividade política e, muitas vezes, justificá-la. Entendemos as representações como as “percepções ou significados que os indivíduos estabelecem em relação aos acontecimentos, às lutas que se operam em sua sociedade e nas quais estão inseridos”.⁵⁸ Esses significados estão carregados de objetivos políticos que visam legitimar uma visão de mundo ou uma ideologia, como também dar autoridade àqueles que criam as representações com base na ideia de que aquela é a melhor forma de ler uma conjuntura política ou interpretar um acontecimento histórico. Como ressaltou Roger Chartier, as representações são “determinadas pelos interesses

⁵⁵ Esta definição se pautou, principalmente, na proposta de Karl Marx, segundo a qual o proletariado possuía uma falsa consciência das relações de classe nas quais ele estava inserido e era através da ideologia dos grupos dominantes, apresentada propositalmente como “natural” ou intrínseca àquele sistema social, que a exploração dos trabalhadores se perpetuava.

⁵⁶ ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 17.

⁵⁷ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*, p. 53-54.

⁵⁸ MENDES, Ricardo Antonio de Souza. A cultura política. *Revista Nearco (Revista Eletrônica de Antiguidade)*, Número II - Ano IV – 2011, p. 197.

do grupo que as forjam”⁵⁹ e o pesquisador, por causa disso, deve estar atento para a relação entre os discursos proferidos e a posição daqueles que os formulam ou os utilizam. Em uma análise sobre as culturas políticas é importante que o investigador se volte para a forma como alguns elementos são representados, especialmente a “ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia” e o modo e a finalidade com a qual os “mitos, símbolos, discursos, vocabulários e diversa cultura visual [...]” são mobilizados.⁶⁰

Como nos interessa o estudo da cultura política comunista, faremos, por isso, um entrelaçamento das representações produzidas pelo PSP com aquelas que eram compartilhadas pelo comunismo internacional. As representações foram práticas corriqueiras na atividade dos PC’s, seja quando seus militantes estiveram erigindo os mitos de sua cultura política (como a União Soviética, Josef Stálin e os “heróis nacionais”), seja os inimigos a ser combatidos (como os países “imperialistas”, os falangistas, os Estados Unidos ou Leon Trotsky).

Abordando agora a análise propriamente dos documentos, destacamos que os apontamentos de Hector Borrat indicaram caminhos metodológicos importantes para o trabalho com as fontes, especialmente com o jornal *Noticias de Hoy* e a *Carta Semanal*.⁶¹ Borrat entende o periódico como um ator político, que ele define como “todo ator coletivo ou individual capaz de afetar o processo de tomada de decisões no sistema político”.⁶² Observamos em nossos documentos o esforço de seus artífices em transformá-los, na época em que foram veiculados, em canais de difusão de ideias e em um meio para influenciar a vida política nacional. Assim como Borrat, entendemos o jornal, mas também as revistas, como narradores, comentaristas, articuladores e criadores de conflitos políticos. E era por meio desses conflitos que os comunistas explicavam a realidade social e propunham soluções para os problemas conjunturais. Era, também, por meio de seus órgãos de imprensa que o Partido difundia valores, crenças e modelos de comportamento, de tal modo que podemos considerar nossas fontes como

⁵⁹ CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marín, o discurso e a imagem. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 17.

⁶⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista, p. 18.

⁶¹ O trabalho de Borrat se focou em jornais independentes, que são aqueles desvinculados de instituições, como a igreja, o governo e os partidos, por exemplo. Em nosso caso, as fontes analisadas não se caracterizam pela independência institucional, já que foram produzidas por um partido e tinham como objetivo difundir uma ideologia específica. Entretanto, as questões levantadas pelo autor são pertinentes, porque ele se preocupou com a função política dos jornais, de modo que, se os agentes que gerem a publicação (partidos, empresas ou intelectuais sem vínculos institucionais) podem variar, as finalidades dos periódicos permanecem as mesmas, para Borrat, qual seja, atuar a fim de lucrar e influenciar a sociedade em que o jornal se insere.

⁶² BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1989, p. 100.

“agentes de socialização” e propagadoras da cultura política comunista partidária.⁶³ Sobre a questão, Hector Borrat escreveu:

A atualidade jornalística assim produzida não coincide – não pode coincidir – com a atualidade como ela se apresenta, ainda que recolha dela a maior parte de sua matéria prima. É produção do periódico e não reprodução da realidade; é produto final de um processo que a constrói para dar-lhe vigência no mercado durante um período que começa com sua colocação em venda nos quiosques e termina com sua substituição pela temática seguinte.⁶⁴

Entendemos que, na produção do periódico, são mobilizados diversos discursos políticos que se vinculam com o campo intelectual da época e com “os modos de legitimação de novas práticas políticas e culturais”. Esse esforço de legitimação, em nosso entendimento, tinha também uma função pedagógica, pretendia ensinar um repertório político e inculcar valores e ideias. Como veremos mais adiante, dois recursos utilizados pelo PSP para isso foram a repetição massiva de alguns temas, como o “imperialismo norte-americano”, e o uso de charges para reforçar suas mensagens políticas. Nessa mesma lógica, a ideia de Fernanda Beigel sobre o editorialismo programático nos parece bastante útil para entender a linha editorial dos impressos com os quais trabalhamos. O editorialismo programático se caracteriza pela seleção de conteúdos de acordo com uma determinada proposta política, fazendo com que a publicação se torne um meio de “irradiação de projetos político-culturais de grande envergadura”.⁶⁵ Entretanto, os impressos não objetivam apenas o convencimento, mas servem como um meio de mobilização para a ação política, como destacou a autora: “[...] o editorialismo se aproxima sempre da escrita de manifestos, que procura dizer, porém convoca a fazer, tenta definir, porém interpela a atuar”.⁶⁶

A legitimação dos discursos ocorre em um campo de conflitos, cuja apreciação pode ser feita pela análise das notícias políticas. Essas notícias operam sobre os e através dos fatos políticos, pois estes são, em si mesmos, frutos da comunicação política e mobilizam as mensagens dos atores que se interessam pelos conflitos do campo.⁶⁷ Quer dizer, a notícia carrega consigo uma mensagem que pode desembocar em atos políticos, mobilizar agentes sociais para a ação e oferecer respostas aos problemas conjunturais. Por causa disso, os jornais

⁶³ Não tivemos acesso a documentos que poderiam trazer informações mais precisas sobre a vida dos militantes do Partido ou sobre as atividades internas da organização, como cartas, atas de reuniões e diários. Por isso, optamos por trabalhar com os documentos da imprensa, uma vez que eles estavam disponíveis para que esta pesquisa fosse realizada.

⁶⁴ Ibidem, p. 39.

⁶⁵ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, año 8. nº 20, Marzo, 2003, p. 108.

⁶⁶ BEIGEL, Fernanda. Editorialismo. In: BIAGINI, Hugo E.; ROIG, Arturo A. (org.). *Diccionario del pensamiento alternativo*. Buenos Aires: Biblios, 2008, p. 186.

⁶⁷ BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*, p. 121.

e as revistas são um meio privilegiado para o estudo dos conflitos e das representações. Sobre o papel do periódico como ator do jogo político, Hector Borrat escreveu:

Posto que a comunicação massiva e periódica de seu discurso polifônico é a atuação essencial desse autor, aquela em função da qual orienta todas suas outras atuações, aquela na que se encontra, afirma e reafirma sua identidade como ator social e sua imagem pública, analisar seu discurso político me parece a maneira mais direta e acessível para situar-lhe no sistema político e ver-lhe na interação com os outros atores desse sistema.⁶⁸

Nossa pretensão é articular as publicações que analisaremos com o campo de forças dentro do qual os atores sociais dialogaram, concordaram ou disputaram a legitimidade de seus projetos. Quer dizer, não nos interessa unicamente o conteúdo daqueles discursos, mas também as relações sociais e os embates travados na imprensa partidária. Essa nossa preocupação parte das orientações de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, quando as autoras escreveram sobre o trabalho metodológico do historiador que recorre aos canais da imprensa para realizar sua pesquisa:

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição que esta relação propõe.⁶⁹

Em suma, entendemos a imprensa como um espaço de articulação de ideias e como força social que atua na produção de hegemonias, que “articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro”.⁷⁰ É também na dinâmica da veiculação dessas notícias que buscaremos a transformação da cultura política comunista e a representação dos elementos mais importantes de seu imaginário. Para tanto, analisaremos três questões centrais que, em nossa perspectiva, influenciaram o comportamento do Partido de maneira mais determinante e que irão perpassar todos os capítulos da tese.

A primeira questão é o projeto político, isto é, o conjunto das demandas políticas, econômicas, sociais e culturais que o PCC/PSP defendeu como condição para a realização de uma revolução socialista em Cuba. A segunda é a concepção teórica acerca do trânsito ao socialismo, quer dizer, os procedimentos táticos e estratégicos, e as etapas a serem cumpridas para a instalação de um regime socialista na Ilha. E a terceira é a representação dos principais

⁶⁸ Ibidem, p. 114.

⁶⁹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n° 35, dez. 2007, p. 258.

⁷⁰ Ibidem, p. 258-9.

elementos do imaginário comunista, como recorrência à história nacional e aos “heróis” da pátria cubana, a relação do Partido com a URSS e com Josef Stalin, e a representação dos Estados Unidos como inimigos de Cuba.

Além da análise da imprensa, interessa-nos fazer mais um apontamento acerca da metodologia. Seguindo as orientações de Eni Puccinelli Orlandi, buscaremos em nosso *corpus* documental e analisaremos a formação discursiva criada pelo Partido.⁷¹ A autora definiu a formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Assim, partindo da “formulação ideológica dada”, que, no nosso caso, é a ideologia marxista-leninista e marxista-stalinista, e, com base na bibliografia, elencaremos os principais aspectos da cultura política comunista com o objetivo de observar as especificidades de sua representação no projeto, no imaginário, nos valores e no comportamento político do Partido Socialista Popular. Concomitantemente, observaremos também as ideias e os comportamentos políticos defendidos pelos membros do PSP em detrimento ou em conformidade com aquilo que era difundido pelo movimento comunista internacional.

A formação discursiva nos parece válida porque permite ao pesquisador entender o processo de produção de sentido e a relação dele com a ideologia, bem como compreender a historicidade do texto e a textualização do político, isto é, “a simbolização das relações de poder presentes no texto”,⁷² questões fundamentais para avaliarmos as relações sociais e a cultura política criada, difundida e inculcada por aqueles sujeitos. Sobre a análise das formações discursivas, Orlandi destacou:

Não atravessamos o texto para extrair, através dele, um conteúdo. Paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – e os sujeitos – nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação.⁷³

A rede de significação dos discursos que analisaremos vincula-se com as dinâmicas da política nacional cubana e do Movimento Comunista Internacional, cujas especificidades ajudam a entender o comportamento e os elementos da cultura política comunista apregoada pelo Partido. São essas as questões que abordaremos a seguir.

No primeiro capítulo da tese, tratamos dos primeiros anos de existência do Partido e da representação das características mais significativas da cultura política criada, difundida e

⁷¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009, p. 43.

⁷² *Ibidem*, p. 68.

⁷³ *Ibidem*, p. 70.

inculcada dentro da Ilha entre o ano de fundação do Partido Comunista de Cuba, em 1925, e o golpe de Estado do general Fulgencio Batista, em 1952. Nesse ínterim, mostramos as dificuldades enfrentadas pelos membros do PCC para consolidar a organização interna da agrupação numa época de intensos enfrentamentos contra o governo ditatorial cubano dos anos de 1920. Depois, avaliamos a atuação dos comunistas no contexto da Revolução de 1933 e mostramos como as ordens do Comintern influenciaram o comportamento partidário naquela ocasião. Também abordamos a atuação do Partido durante a Segunda República Cubana,⁷⁴ enfatizando as alianças e os conflitos políticos. E, por fim, apontamos os elementos mais importantes do projeto político, das concepções ideológicas e do imaginário do PSP ao longo da temporalidade selecionada nessa primeira parte da tese.

No segundo capítulo, abordamos a situação política vivida pelos socialistas populares no contexto da ditadura cubana entre os anos de 1952 e 1958. Nessa época, o jornal *Noticias de Hoy* foi fechado e o PSP publicou, clandestinamente, a *Carta Semanal*, um folheto com oito páginas que será a nossa fonte primária principal. Enfatizaremos algumas questões nessa parte do texto.

Inicialmente, tratamos da reação do Partido ao golpe militar do general Batista (1952), do assalto aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, em 1953, e a relação dos comunistas com as demais agrupações oposicionistas insulares. Salientamos que o PSP manteve a tática de frente única até o final do ano de 1956 e contestou as táticas que as outras agrupações usavam para combater a ditadura. Investigamos também a transformação da cultura política comunista partidária, com ênfase aos valores e práticas políticas intrapartidárias. Abordamos o impacto do XX Congresso do PCUS (1956), que gerou uma inflexão em todo o movimento comunista porque, durante o evento, o secretário geral do PCUS, Nikita Krushev, denunciou os crimes cometidos por Stalin, que era, até então, uma das figuras mitológicas mais importantes dentro dos PC's. Essa denúncia levou o PSP a rever os referenciais de sua cultura partidária.

Ainda no segundo capítulo, analisamos o contexto do desenvolvimento da guerra de guerrilhas em Cuba, a partir de 1957. Foi nesse momento que os comunistas passaram a considerar a luta armada como uma possibilidade, mas não aderiram a ela de maneira imediata. A chave para compreender a apreensão quanto às táticas violentas e, depois, a adesão às guerrilhas está na cultura política comunista e é por meio dela que explicaremos as opções do PSP nos anos finais da luta contra Batista.

⁷⁴ A Segunda República é o período que corresponde aos anos entre 1940 e 1952.

No terceiro capítulo, analisamos a atuação dos socialistas populares nos três primeiros anos da Revolução Cubana. Inicialmente, abordamos o processo de institucionalização do governo revolucionário e de seus enfrentamentos políticos internos e externos. Depois, tratamos dos conflitos políticos entre os membros do PSP e militantes de outras organizações. Em seguida, analisamos a vigência ou o abandono das concepções filosóficas do Partido, das representações e do imaginário comunista no contexto após 1959. E, por fim, investigamos o contexto de declaração do caráter socialista do processo revolucionário cubano, as justificativas para a dissolução do PSP, em 1961, e os motivos para a continuidade da publicação do jornal *Noticias de Hoy*, até 1965. Foi por meio da análise do jornal que investigamos quais os elementos da cultura política comunista criada, difundida e inculcada pelo PSP se perpetuaram, quais se transformaram ou desapareceram após o fim da agrupação.

No quarto e último capítulo, investigamos a aproximação diplomática e a criação de diversos acordos comerciais e políticos entre a Cuba e o campo socialista, bem como o papel exercido pelos membros do PSP no estabelecimento dessas relações. Também analisamos a participação dos comunistas no governo revolucionário, destacando quais os cargos ocupados, quem os ocupou e quais as relações estabelecidas com as lideranças do Movimento 26 de Julho.

Ainda nessa parte, tratamos da atuação dos membros do PSP no processo de constituição do Partido Comunista Cubano, que se formou em 1965. Nessa conjuntura, abordamos os expurgos de três importantes dirigentes socialistas populares: Aníbal Escalante, Joaquín Ordoqui e Edith García Buchaca. E, por fim, analisamos a resignificação da cultura política comunista, quer dizer, a vigência, as transformações e o abandono dos imaginários, valores e das representações, enfatizando as posições dos comunistas nos debates sobre a construção do homem novo, o papel das artes no contexto revolucionário e a função e o funcionamento das *Escuelas de Instrucción Revolucionaria* (EIR's).

Capítulo 1. A história do Partido Comunista de Cuba (PCC)/Partido Socialista Popular (PSP): da fundação aos anos de 1950

1.1. A Trajetória do PCC/PUR/PURC entre os anos de 1925 e 1940

Como apontamos, nesta parte da tese, trataremos da trajetória do Partido Comunista de Cuba nas três primeiras décadas de existência da agrupação. Dentre as fontes primárias utilizadas nesta seção, estão os textos reunidos nos livros *El movimiento obrero cubano: documentos y artículos*, um compêndio com publicações das organizações sindicais cubanas e do PCC entre os anos de 1925 e 1935, e os documentos que compõem a obra *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del archivo de Moscú*, uma compilação de parte da correspondência trocada pelo Comintern com os PC's da região. Além desses, recorremos a algumas edições do jornal *Noticias de Hoy* e da revista *Fundamentos*, ambos órgãos do PCC, publicados na década de 1940. Neste decênio, ainda, alguns intelectuais filiados ao Partido escreveram importantes textos de interpretação da realidade cubana à luz do referencial marxista, como as obras de Blas Roca, *Los fundamentos del socialismo en Cuba* (1943), e Carlos Rafael Rodríguez, *Las clases en la Revolución Cubana* (1941), documentos imprescindíveis para compreendermos as concepções teóricas dos atores históricos que nos interessam.

No que concerne ao material secundário, o livro *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943, Diccionario Biográfico*, com informações biográficas dos mais importantes militantes comunistas latino-americanos, auxiliou-nos na compreensão dos percursos individuais dos membros do PCC. Foi a partir das informações contidas na obra que conseguimos traçar as principais experiências comuns entre os comunistas cubanos da “geração de 30”.

Antes de adentrarmos ao cenário insular, destacaremos algumas características históricas importantes do Movimento Comunista Internacional (MCI) nos anos de 1920. Pensamos que esses aspectos nos ajudam a compreender o contexto de surgimento do Partido Comunista de Cuba, assim como elucidam a origem de várias características marcantes da cultura política comunista formulada no bloco soviético, que tiveram impacto nos partidos vinculados ao Comintern, como foi o caso do PCC.

1.1.1. O movimento comunista internacional dos anos de 1920

A temática escolhida insere-se na história do Movimento Comunista Internacional do século XX, que foi marcado fortemente pela influência da Revolução Russa de 1917. Este processo revolucionário iniciou-se com a destituição do Czar Nicolau II e a instalação de uma

junta administrativa em fevereiro daquele ano. Em outubro, os bolcheviques – grupo que defendia a radicalização da revolução, o aumento do poder dos sovietes⁷⁵ e a maior participação política dos camponeses na política – tomaram o poder, adotaram o socialismo como orientação ideológica e instauraram uma ditadura do proletariado na Rússia. Posteriormente, os bolcheviques criaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922, um estado socialista que reuniu 15 países euroasiáticos, governado pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

De acordo com Geoff Eley, os soviéticos se empenharam em formar uma tradição comunista distanciada de seus antecessores da Segunda Internacional⁷⁶ e incorporaram nessa tradição os impactos da Revolução Russa.⁷⁷ Ainda segundo o autor, no período entre 1917 e 1920, a “imaginação política se libertou”⁷⁸ e os bolcheviques deram início à formulação dos pressupostos teóricos que originaram uma cultura política comunista própria, que forneceu boa parte dos imaginários, dos valores e das representações compartilhados pelas esquerdas durante o século XX. Lembramos que uma parte dessas características foi recuperada dos movimentos socialistas do século XIX, especialmente das obras de Karl Marx e Friedrich Engels, da experiência da Primeira Internacional e dos movimentos operários, como a Comuna de Paris. Outros elementos foram fornecidos pelos próprios forjadores da cultura política que nos interessa, quer dizer, os soviéticos. Nesse sentido, por exemplo, as obras de Lenin e Stálin e os imaginários em torno da vitória dos bolcheviques na Guerra Civil (1918-1920) e da possibilidade de realizar revoluções socialistas foram acoplados às interpretações dos textos e acontecimentos do século XIX. Essa junção formou um amálgama de ideias, representações, mitos e mitologias que deu origem à cultura política comunista soviética, a qual, como apontamos, forneceu boa parte de seu conteúdo aos PC’s vinculados ao Comintern.

Baseados na concepção internacionalista da luta de classes e na crença “de que a ideologia e o tipo de organização do Partido Bolchevique são universais”⁷⁹, os soviéticos

⁷⁵ Os sovietes ou conselhos operários surgiram na Rússia, no começo do século XX, e foram organizações de trabalhadores que regulavam a produção do local onde o soviete estava instalado.

⁷⁶ A Associação Internacional dos Trabalhadores, ou Primeira Internacional, existiu entre os anos de 1864 e 1876. Ela teve como objetivo reunir os movimentos trabalhistas e dar coesão programática a eles. Karl Marx ajudou a fundar essa organização e foi um de seus dirigentes. Mesmo após a desintegração da Primeira Internacional, algumas organizações trabalhistas mantiveram-se em contato. Em julho de 1889, reuniram-se, em Paris, membros de diversas tendências das esquerdas europeias e, orientados pelo Partido Socialdemocrata Alemão, decidiram fundar a Segunda Internacional. Esta nova organização teve como prioridade a defesa de uma agenda democrática e de reforma social pela via parlamentar, lutou pelo sufrágio universal, opôs-se à guerra, defendeu a jornada de oito horas de trabalho e a emancipação da mulher. Ver: ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 60.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 297.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 190.

⁷⁹ FURET, François. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 127.

“exportaram a bandeira vermelha” ao estimularem a criação de partidos comunistas à imagem do PCUS.⁸⁰ Para isso, fundaram a Terceira Internacional (IC ou Comintern), em março de 1919, órgão que deveria estimular a criação de PC's e de vínculos estatutários com os soviéticos e impulsionar a realização de revoluções socialistas sob as ordens do PCUS. Sobre a função da IC, Helmut Gruber escreveu:

O papel do Comintern se define como sendo o de uma organização matriz, destinada a formular e a programar a estratégia de todo o movimento comunista, e a indicar a cada partido-membro as tarefas necessárias para reforçar sua posição nacional e o papel mais adequado para promover o desenvolvimento e a consolidação do movimento internacional.⁸¹

A Internacional estendeu sua atuação para a além da União Soviética e, como destacou François Furet, a IC interveio nas organizações que se vincularam a ela ao multiplicar suas diretivas e o controle dos militantes, bem como centralizar a coordenação do MCI em torno dos bolcheviques.⁸² O documento do Comintern, intitulado “As 21 condições de admissão dos partidos na Internacional Comunista”, de 1920, estabeleceu as condições para que os PC's pudessem se filiar ao citado órgão. Dentre essas condições, estava o apoio “incondicionalmente a cada República Soviética em seu combate às forças contrarrevolucionárias” (artigo 14), a publicação nas imprensas partidárias locais dos documentos oficiais do Comintern (artigo 18) e o acatamento, de forma obrigatória, de todas as resoluções dos congressos da Internacional (artigo 16).⁸³ Esses artigos mostram que a subordinação à IC era condição para os partidos que desejavam se vincular aos revolucionários russos e também demonstraram a importância atribuída ao PC, organização que passou a ser considerada a única capaz de orientar o processo revolucionário.

Além desses, destacamos o artigo 12, no qual estava escrito: “um partido comunista só poderá cumprir seu dever se for organizado da maneira mais centralizada possível, se nele

⁸⁰ Ibidem, p. 127.

⁸¹ Helmut Gruber apud AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. In: História do marxismo. In: HEGEDUS, Andrés *et. al.* Coordenação de Eric Hobsbawm. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 108. Complementando essa definição, citamos a explicação de Manuel Caballero: “[...] a III Internacional não foi concebida como uma federação de grupos e de partidos, e nem sequer como um partido federal. Se tratava de um só partido, uma organização única, da qual os partidos nacionais eram apenas seções regionais, obrigadas como estavam a assinalar tal condição nas siglas mesmas do partido [...]”. Ver: CABALLERO, Manuel. Tormentosa historia de una fidelidad. El comunismo latinoamericano y la URSS. *Nueva Sociedad*, n° 80, noviembre-diciembre de 1985, p. 80.

⁸² FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 167.

⁸³ PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *As 21 condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista*. 1920. Disponível em: http://ciml.250x.com/archive/lenin/portuguese/lenin_1920_condicoes_de_admissao_na_internacional_comunista_portuguese.html. Acesso em: 7/1/2019.

predominar uma disciplina férrea que beire a militar e se seu órgão central gozar de forte autoridade, de amplos poderes e da confiança unânime da militância”.⁸⁴ Duas características marcantes dos PC’s aparecem nesse item. A primeira é a defesa do “centrismo democrático” – que se concretizou na concentração da tomada de decisões na cúpula dos partidos e na hierarquização rígida de seus membros.⁸⁵ Um exemplo do centrismo encontra-se no mesmo documento, no artigo 11, o qual determina que as bancadas parlamentares deveriam se submeter aos Comitês Centrais dos partidos, sujeitando suas atividades políticas aos interesses partidários.⁸⁶ A segunda é a postura que se esperava dos militantes, marcada pela disciplina férrea, a obediência às ordens da direção partidária e a vinculação da vida privada às ações públicas do partido. Os PC’s deviam cuidar com afincos da qualidade de seus militantes e realizar depurações quando detectassem desvios práticos e intelectuais que não correspondessem à ideologia comunista.

É na esteira dessas determinações que se dá a “bolchevização” do movimento comunista internacional. Esse fenômeno político se caracterizou, em linhas gerais, pela extensão de algumas características próprias do partido bolchevique aos PC’s, especialmente após o V Congresso da Internacional, em 1924. Segundo o historiador Milos Hájek,⁸⁷ nesse contexto, os soviéticos enfatizaram a necessidade de dar um caráter de massas às lutas dos partidos, de desenvolver um trabalho de conscientização nas forças militares e estabelecer a tática de frente única de baixo para cima, quer dizer, voltar-se para os trabalhadores e não para elites intelectuais e partidárias.⁸⁸ No campo organizativo, a tradição bolchevique se refletiu na criação

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ A ideia inicial do centrismo, defendida por Lenin, pautava-se em dois procedimentos: na discussão democrática dentro do partido das questões relativas à organização e, depois, na aplicação das decisões da assembleia pela direção partidária. Ver: HENN, Leandro Guedes. *A Internacional Comunista e a revolução na América Latina: estratégia e táticas para as colônias e semicolônias (1919-1943)*. São Paulo: Blucher acadêmico, 2010, p. 36. Entretanto, o que observamos para o caso do PC cubano, foi a progressiva concentração de poder e da tomada de decisão nas mãos da direção partidária. Ao longo do texto, daremos exemplos disso.

⁸⁶ Os órgãos de imprensa do partido também deveriam estar submetidos ao Comitê Central. No artigo primeiro, declarava-se o seguinte: “É inadmissível que as editoras abusem de sua autonomia e sigam uma política que não corresponda à do Partido. Nas páginas dos jornais, nos comícios populares, nos sindicatos, nas cooperativas e onde quer que os partidários da III Internacional encontrem livre acesso, é indispensável atacar de modo sistemático e implacável não somente a burguesia, mas também seus cúmplices, os reformistas de todos os matizes”. Ver: PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *As 21 condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista*.

⁸⁷ HÁJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunistas. In: HEGEDUS, András *et. al.* Coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo*. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 197-218.

⁸⁸ Tomando de empréstimo a definição de Leonardo Guedes Henn, para o movimento comunista, a tática designava “um movimento temporário, breve e mutável para alcançar um objetivo parcial” e a estratégia dizia respeito ao objetivo primordial do movimento, que era realizar uma revolução proletária e fundar a sociedade comunista. Ver: HENN, Leandro Guedes, *op. cit.*, p. 48.

das células,⁸⁹ na promoção de “funcionários” dos partidos (pessoas que estariam sempre à disposição da organização), na expulsão dos membros não afinados com as ordens partidárias, na redução progressiva do debate e da crítica dentro das organizações, na formação de dirigentes operários (promoção de dirigentes oriundos das classes trabalhadoras em detrimento de outros grupos, como os intelectuais, por exemplo). No plano ideológico, dentro dos movimentos filiados à IC, o leninismo tornou-se o “único marxismo possível” e sobrepujou outras correntes, como o “luxemburguismo” e o “trotskismo”.⁹⁰ Tais características foram fundamentais para a formação da cultura política comunista de matriz soviética.

Nesse cenário, o partido político ganhou centralidade na organização do movimento comunista. Os PC's deveriam executar o papel de vanguarda na condução dos trabalhadores na luta de classes, no enfrentamento contra o sistema capitalista e na orientação quanto às táticas e estratégias para realizar a revolução proletária. Ao contrário dos partidos socialdemocratas da II Internacional que se voltaram para as atividades parlamentares e pacíficas, o partido comunista do “tipo novo” deveria se voltar para o enfrentamento de classe e combater a institucionalidade burguesa.⁹¹ Os PC's deveriam se configurar ainda como partidos de massa, isto é, uma agrupação ampla que deveria receber diversos setores da sociedade, mas sem perder de vista a formação intelectual de seus quadros.

É também na década de 1920 que Josef Stálin se tornou Secretário Geral do PCUS, após o falecimento de Vladimir Lenin em 1924. Nesse cargo, Stálin imprimiu concepções específicas em setores do movimento comunista e deu origem a uma corrente de interpretação do marxismo que leva o seu nome. Dentre as características do período stalinista, de acordo com Geoff Eley, estão a “tomada burocrática de decisões, a redução da democracia interna do partido, a conformidade acrítica à linha do partido e a obediência a Moscou”.⁹² O livro escrito por Stalin, *Breve curso de história do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, publicado em 1938,

⁸⁹ Forma de associação básica dos PC's. As células eram compostas por alguns membros (o tamanho variava bastante) e, no caso do PCC/PSP, elas foram formadas nas zonas (divisão dentro dos bairros que respeitava a quantidade de militantes que havia na região. Quanto mais militantes, mais zonas) e nas fábricas (dentro de uma fábrica, os militantes do Partido deveriam se organizar para fazer o trabalho de conscientização dos demais trabalhadores e dirigir a luta sindical em prol das demandas partidárias e trabalhistas).

⁹⁰ HÁJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunistas, p. 212. Podemos citar também a criação dos centros de formação de quadros comunistas, como a Escola Lenin Internacional (ELI) e a Universidade Comunista dos Trabalhadores de Oriente (KUTV), como tentativas de promoção dos princípios do Partido Bolchevique. Sobre os centros de formação de militantes, ver: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. La comintern y la formación de militantes comunistas latinoamericanos. *Revista Izquierdas*, nº 31, diciembre de 2016, p. 130-161.

⁹¹ JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda. In: JOHNSTONE, Monty et al. Coordenação de Eric Hobsbawm. *História do marxismo VI: o Marxismo na época da Terceira Internacional; A Internacional Comunista de 1919; As Frentes populares*; tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 13-14.

⁹² ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*, p. 298.

serviu para o movimento comunista como uma síntese das ideias elementares do comunismo e nele existe o símbolo dominante: o bolchevique, modelo do homem novo que deveria servir de exemplo para os militantes dos PC's. Gerard Vicent, partindo de uma visão bem crítica ao movimento comunista, destacou o esforço de vulgarização da teoria promovido por Stalin, alegando que o líder soviético “extraiu enunciados” simplistas dos textos teóricos para atender às massas e aos intelectuais dispostos “a se lançar a uma ação transformadora do mundo”.⁹³

É em meio a esses acontecimentos que os mais importantes partidos comunistas latino-americanos surgiram.⁹⁴ As ideias socialistas, marxistas e de esquerda, contudo, chegaram ao continente antes da formação dos PC's. José Aricó destacou que o anarquismo e o anarcossindicalismo foram os motores que impulsionaram, inicialmente, as reivindicações dos trabalhadores urbanos latino-americanos e Karl Marx foi mais um dentre os vários intelectuais que serviram como referência aos movimentos políticos e sociais na região.⁹⁵ Horacio Tarcus,⁹⁶ Michel Löwy⁹⁷ e Raul Fornet-Betancourt⁹⁸ estudaram a recepção das ideias de Marx na América Latina e destacaram o surgimento de grupos que se pautaram no legado marxista para agregar militantes e organizar movimentos sociais desde o final do século XIX.⁹⁹ Esses grupos foram constituídos, inicialmente, por intelectuais universitários e por imigrantes que compuseram a classe operária de muitos países da região. Foram eles que criaram as primeiras organizações de trabalhadores e a imprensa operária.

⁹³ VICENT, Gérard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard. *História da vida privada*. Da Primeira Guerra a nossos dias. Vol. 5. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 430.

⁹⁴ O primeiro deles foi o argentino, em 1918, seguido pelo mexicano (1919), uruguaio (1920), brasileiro e chileno (1922), colombiano e peruano (1930). Ver: LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012, p. 14.

⁹⁵ ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do marxismo*; o marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o terceiro mundo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 421-422.

⁹⁶ TARCUS, Horacio. A história intelectual e a problemática da recepção: Marx na Argentina. *Revista Outubro*, nº 30, maio de 2018.

⁹⁷ LÖWY, Michael. Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina. In: BARSOTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina*: história, ideias e revolução. São Paulo: Xamã, 1998, p. 11-16.

⁹⁸ FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1995. No primeiro capítulo do livro, o autor trabalhou com a recepção do marxismo na América Latina e destacou os primeiros jornais e as primeiras revistas socialistas da região, mostrando a combinação de influências teóricas, como o socialismo utópico, o anarquismo, o positivismo e o cristianismo, nessas publicações.

⁹⁹ Tarcus destacou que o que chegou na América Latina foi um “sistema doutrinário sobre as bases de (certos) textos de Marx, em nome de Marx, ou em nome de uma leitura “correta” de Marx. Ver: TARCUS, Horacio, op. cit., p. 26. Com isso, notamos que a recepção das ideias de Marx passou pelo filtro das interpretações e da divulgação feitas por intelectuais europeus, como Karl Kautsky e Eduard Bernstein, tratando-se, então, mais de uma recepção de interpretações de Marx do que das ideias do próprio Marx. Tarcus destacou também, que o termo “marxismo” corresponde ao conjunto de ideias derivadas de Marx e Engels, isto é, as interpretações dos textos dos teóricos feitas por outros autores, que se estabeleceu como doutrina dentro do movimento socialista, principalmente, desde os fins do século XIX. Já o termo “marxiano” é a expressão que designa as ideias e as teorias do próprio Marx.

Nessa época, surgiram os primeiros partidos socialistas, os quais ajudaram a difundir as ideias marxistas. Tal como Tarcus destacou, a recepção da ideologia foi um fenômeno complexo na medida em que os receptores reinterpretam as ideias de acordo com suas necessidades políticas, econômicas e sociais. Na América Latina, observamos uma combinação de referências no campo teórico formado por correntes diversas como, além do marxismo, o positivismo, o *saintsimonismo* e o *proudonismo*.¹⁰⁰

Em Cuba, já no final do século XIX, havia jornais socialistas como *El productor*, editado pelo dirigente operário Enrique Roig San Martín.¹⁰¹ Carlos Baliño, outro importante socialista cubano,¹⁰² foi um dos fundadores do Partido Revolucionário Cubano, ao lado de José Martí, em 1892. Ele participou da Guerra de Independência (1895-1898)¹⁰³ e depois dela permaneceu atuante na cena política nacional. Baliño criou, em 1903, o Clube de Propaganda Socialista e desse grupo surgiu o Partido Operário Socialista de Cuba um ano depois e, mais tarde, em 1906, o Partido Socialista de Cuba, que aderiu à II Internacional.¹⁰⁴

¹⁰⁰ Além disso, como Perry Anderson destacou, muitos PC's formaram-se como uma cisão das anteriores organizações da Segunda Internacional ou se formaram para rivalizar com as seções dela. Ver: ANDERSON, Perry. La historia de los partidos comunistas. In: Samuel, Raphael. *Historia Popular y Teoría Socialista*. Barcelona: Editorial Crítica, 1982, p. 155.

¹⁰¹ FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*, p. 33.

¹⁰² Nascido em 1848, Baliño se envolveu com a luta política ao longo de boa parte do século XIX e dirigiu alguns jornais, nos quais defendeu a independência de Cuba e demandas trabalhistas. Criou, em 1892, o Partido Revolucionário Cubano, junto com José Martí. No contexto da Guerra de Independência (1895-98), ele viveu nos Estados Unidos e só retornou à Ilha após o fim do conflito. Nas duas primeiras décadas do século XX, ele colaborou com diversas revistas e jornais que pertenceram a sindicatos e a organizações trabalhistas e fundou Partido Socialista de Cuba e a Agrupação Socialista Internacional. Ele faleceu em 1926.

¹⁰³ A Guerra de Independência começou em 1895 e durou três anos, opôs as tropas espanholas e o Exército Libertador cubano (também chamado de “forças nacionalistas”) e levou à independência da Ilha, em 1898. Nos dois meses finais do conflito, após o bombardeio de um navio estadunidense, chamado Maine, os EUA acusaram a Espanha pela ação e decidiram enviar seu exército para Cuba a fim de apoiar as “forças nacionalistas”. Após o término do conflito, as tropas estadunidenses permaneceram em Cuba até a aprovação da Constituição cubana, de 1901, na qual foi anexada a Emenda Platt, sob pressão dos EUA. A Emenda previu a possibilidade de intervenção militar dos EUA na Ilha em caso de “distúrbios” internos ou caso o presidente cubano requeresse. Há divergências historiográficas em relação à participação dos Estados Unidos na Guerra de Independência de 1895, bem como em relação à justificativa usada por esse país para entrar no conflito. Algumas interpretações questionam o peso efetivo das tropas estadunidenses no resultado da Guerra. Lars Shoultz, por exemplo, destacou que os EUA nunca admitiram que a vitória contra Espanha se tornou “incomensuravelmente menos difícil” porque as tropas cubanas haviam comprometido “quase 200.000 soldados espanhóis”. O autor também destacou a dúvida que existiu dentro do governo dos Estados Unidos em relação à real causa da explosão do Maine. Marifeli Pérez-Stable salientou que o Exército Libertador cubano “praticamente conseguiu a vitória frente as forças espanholas”, antes dos EUA entrarem na Guerra. Bandeira apontou que as tropas estadunidenses entraram em Cuba quando a Espanha já havia assinado um armistício com os insurretos ordenando o fim das hostilidades militares. Já Cristina Soreanu Pecequilo e Clarissa Nascimento Forner consideraram que a tropas dos EUA encerraram o conflito e foram, por isso, fundamentais para o desfecho da Guerra. Ver: SHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p. 165. PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*. Orígenes, desarrollo y legado. Madrid: Editorial Colibrí, 1993, p. 23. BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 63. PECEQUILO Cristina Soreanu; FORNER Clarissa Nascimento. Os Estados Unidos e Cuba: Uma Agenda *Intermestic*. *Boletim Meridiano* 47. vol. 16, n. 147, jan.-fev. 2015, p. 27.

¹⁰⁴ FORNET-BETANCOURT, Raúl, op. cit., p. 35.

Foi a Revolução Russa que modificou a influência das diversas ideologias que coexistiam por aqui. O leninismo, escreveu Aricó, converteu-se, na América Latina, na ideologia das diversas forças políticas que surgiram após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com pretensões de transformar política e socialmente a realidade da região.¹⁰⁵ Para afinar o relacionamento entre a URSS e os latino-americanos e coordenar as atividades dos PC's, a Terceira Internacional criou o *Bureau Latinoamericano*, com sede no México, o *Bureau del Caribe*, em Nova York, e o *Secretariado Sudamericano* (1925).¹⁰⁶ De acordo com o historiador Leandro Guedes Henn, até 1925, os PC's da América Latina “tiveram certa liberdade de elaboração de suas diretrizes”¹⁰⁷, mas isso mudou com a criação dos órgãos da IC e da ampliação do controle da Internacional sobre os PC's latino-americanos.

Os comunistas cubanos buscaram o apoio do Comintern no mesmo ano em que esse órgão foi criado. De acordo com a documentação da IC, a aproximação com a URSS ocorreu quando Marcelo Salinas¹⁰⁸ criou a *Seção Comunista de Cuba* em 1919 e, a partir desse momento, trocou correspondências com os soviéticos. Porém, os nexos entre Salinas e a IC se desintegraram em pouco tempo. Em 1922, outra organização, a *Agrupación Comunista de La Habana*, dirigida por Carlos Baliño, reativou a conexão insular com a Internacional, proporcionando aos membros do grupo, inclusive, a ampliação dos contatos com outros PC's, especialmente com os mexicanos e estadunidenses. Novas agrupações comunistas surgiram naqueles anos em várias cidades cubanas e, em 1925, algumas delas se uniram para formar o Partido Comunista de Cuba (PCC), objeto central desta tese.

O PCC surgiu vinculado à cultura política soviética e dela retirou boa parte de seus fundamentos ideológicos e teóricos. Como consequência, uma parte da doutrina do Partido possuiu um caráter apriorístico, isto é, foi formulada anteriormente pelo Movimento Comunista

¹⁰⁵ ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional, p. 436. Não podemos nos esquecer que, como destacou Patrícia Funes, a Revolução Mexicana (1910) também colocou novas questões e ideias políticas para os intelectuais e movimentos sociais na América Latina e “impregnou os discursos programáticos dos anos 1920 latino-americanos” com temáticas sobre os problemas dos camponeses, a mestiçagem, os direitos sociais e a soberania. Ver: FUNES, Patrícia. *Historia mínima de las ideas políticas en América Latina*. Madrid: Turner Publicaciones; México, DF: El Colegio de México, A.C, 2014, p. 110-122, passim.

¹⁰⁶ No *Secretariado Sudamericano*, a IC ainda criou, em 1929, uma escola partidária na Argentina para formar quadros comunistas. Em 1930, a escola foi transferida para Montevidéu. Outras escolas deste mesmo tipo foram formadas em Santiago do Chile e nos Estados Unidos. Ver: JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. *La comintern y la formación de militantes comunistas latinoamericanos*, p. 148.

¹⁰⁷ HENN, Leandro Guedes. *A Internacional Comunista e a revolução na América Latina*, p. 14.

¹⁰⁸ Salinas foi um anarcosindicalista cubano e dirigente sindical. Nas informações biográficas retiradas do livro *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943. Diccionario Biográfico* não consta dados sobre a filiação de Salinas ao PCC, mas diz que ele permaneceu em Cuba, atuou na Confederação dos Trabalhadores Cubanos, nos anos 1950, e se exilou em Miami após a Revolução de 1959.

Internacional, difundida pelo Comintern e adotada pelos PC's.¹⁰⁹ Essa inculcação do marxismo-leninismo e do stalinismo moldou a teoria e ação dos comunistas cubanos já desde os anos de 1920. Em correspondência enviada ao Comitê Central do Partido Comunista Mexicano, em 1926, os cubanos escreveram: “o PCC está ansioso em receber qualquer sugestão que ajude a sua solidificação e bolchevização, e fortalecer as orientações da IC, posto que o único propósito do PCC é o triunfo do comunismo no mundo [...]”.¹¹⁰ Claramente, os cubanos ansiavam por aprofundar seus vínculos com o MCI e com os soviéticos. Essa influência, porém, não excluiu a presença de aspectos genuínos relativos às especificidades nacionais no corpo documental e na ação política, como mostraremos a seguir.

1.1.2. Os primeiros anos de existência do PCC

A fundação do Partido Comunista de Cuba ocorreu no I Congresso do PCC realizado entre os dias 16 e 20 de agosto de 1925, e reuniu agrupações das cidades de Havana, San Antonio de Los Baños, Guanabacoa e Manzanillo. Na ocasião, o Comitê Central foi composto

¹⁰⁹ Alguns autores, como Raúl Fonet-Betancourt, atestam que esse processo de “bolchevização” solapou um pensamento nascente naquele momento de interpretação da realidade latino-americana tendo como viés o referencial marxista e adaptando-o às condições sociopolíticas da região. Os principais representantes deste empenho foram os peruanos José Carlos Mariátegui e Victor Raúl Haya de la Torre e o cubano Julio Antonio Mella.

¹¹⁰ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. La carta del presidium de la Primera Conferencia al PC de cuba y de México. In: JEIFEST, Victor & SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 880.

por Carlos Baliño, Julio Antonio Mella,¹¹¹ Enrique Flores Magón,¹¹² Fabio Grobart¹¹³ e José Miguel Pérez,¹¹⁴ este escolhido como secretário geral do Partido, dentre outros integrantes.¹¹⁵

O trabalho de organização e consolidação do Partido Comunista de Cuba foi bastante difícil, pois os anos finais da década de 1920 foram marcados pelo aprofundamento da ditadura de Gerardo Machado, presidente insular eleito democraticamente em 1925. Com o apoio do exército, o ditador suplantou a ordem constitucional e, em 1928, estendeu seu mandato por mais seis anos sem a realização de novas eleições.¹¹⁶ Na época, os comunistas se opuseram ao governo e denunciaram os crimes cometidos por ele, especialmente as restrições às atividades sindicais. O PCC, que estava na clandestinidade,¹¹⁷ pois não havia conseguido o registro eleitoral, sofreu dura perseguição quando o regime recrudesceu seu combate contra os grupos que lhe eram contrários.

Além dos enfrentamentos contra a ditadura de Machado, o Partido foi abalado por conflitos internos. Um deles começou quando Julio Antonio Mella foi preso, em novembro de 1925, em decorrência da oposição que fazia ao governo e das atividades que ele desenvolvia na

¹¹¹ Militante comunista cubano, fundador da Universidade Popular José Martí (1923), do PCC e da Associação de Novos Emigrados Revolucionários Cubanos (ANERC, fundada em 1927, no México). Durante os anos em que viveu no México, Mella se tornou uma figura central no movimento comunista e travou polêmicas com importantes intelectuais latino-americanos, como o peruano Victor Raúl Haya de la Torre, e que deu origem a um dos textos mais importantes de Mella, publicado em 1928, intitulado “*Que es el ARPA?*”. Mella escreveu textos teóricos sobre as especificidades do comunismo latino-americano e, após sua morte, em 1929, seus escritos foram recorrentemente usados como referência pelos comunistas cubanos e por militantes de outras tendências políticas. Além do texto citado, merecem destaques outros escritos, como: *La política yanqui y la América Latina* (1924) e *Glosas al pensamiento de José Martí* (1926).

¹¹² De acordo com o Dicionário Biográfico, Henrique Flores Magón foi enviado para Cuba, a pedido da *Agrupación Comunista de La Habana*, como representante do Partido Comunista Mexicano, para servir como conselheiro técnico e secretário de atas no I Congresso do PCC. Ver: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943*. Diccionario Biográfico. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, Julio de 2015, p. 265. Lembramos que Henrique era sobrinho de Ricardo Flores Magón, um dos mais importantes anarquistas mexicanos. Ver: FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*, p. 66.

¹¹³ Fabio Grobart é o pseudônimo de Abraham Simjovich, polaco hebreu emigrando para Cuba em 1924. Logo que chegou à Ilha, trabalhou no sindicato dos alfaiates e ingressou na seção judaica da *Agrupación Comunista de La Habana*. Essa seção foi importante no processo de difusão do marxismo em Cuba, porque traduziu alguns textos de Marx e Engels para o espanhol. Ver: HENDERSON, kaitlyn D. *Black activism in the red party: black politics and the cuban communist party, 1925-1962*. Tesis of Doctorate of Philosophy, University of Tulane, 2018, p. 30.

¹¹⁴ José Miguel Pérez era natural das Ilhas Canárias, emigrou para Cuba, em 1921, e se filiou à *Agrupación Comunista de La Habana*. Em 1928, regressou para a terra natal e não voltou mais para Cuba.

¹¹⁵ Os militantes escolhidos para compor o Comitê Central do PCC foram: Mella, Baliño, Pérez, José Peña Vilaboa, Alejandro Barreiro, Miguel Valdés, Venancio Rodríguez, Rafael Saínz e Yoska Grimberg. Vários membros do PCC ocuparam o cargo de secretário geral nos primeiros anos de existência do Partido. Os motivos para isso se relacionam às perseguições políticas da época e ao constante encarceramento dos comunistas. Angelina Rojas Blaquier apontou que, entre agosto de 1931 e dezembro de 1932, a direção do PCC de Havana foi substituída em 10 ocasiões por causa da detenção de seus dirigentes e o Comitê Executivo foi reconstruído cinco vezes em 1932. Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010, p. 137.

¹¹⁶ De acordo com Richard Gott, Machado ainda proibiu a reorganização dos partidos políticos e o surgimento de novas organizações. Ver: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 153.

¹¹⁷ O PCC permaneceu na clandestinidade desde sua fundação, em 1925, até 1938.

Universidade Popular José Martí.¹¹⁸ No cárcere, Mella iniciou uma greve de fome. De acordo com Rojas Blaquier, a justificativa da greve foi a inexistência de comunicação entre Mella e o Comitê Central do PCC e, conseqüentemente, o prisioneiro, sem saber se seu Partido estava agindo para libertá-lo, iniciou, com aquela atitude, um protesto contra as arbitrariedades do regime. Ainda de acordo com a autora, a greve de fome de Mella mobilizou enormemente a opinião pública nacional.¹¹⁹ Porém, alguns membros do PCC criticaram a ação dele, porque consideraram aquele ato um desvio das táticas preconizadas pelo MCI.

A direção partidária considerou que Julio Antonio Mella estava “trabalhado por sua própria iniciativa, se chocando continuamente com a disciplina e os estatutos do Partido”, dando origem a um “mellismo comunista”,¹²⁰ e, em decorrência disso, decidiu expulsá-lo da organização em 1926.¹²¹ A Internacional Comunista e o Partido Comunista Mexicano intervieram no conflito, e o Comintern ordenou a reintegração dele ao PCC em 1927. Porém, desde 1926, quando foi libertado do cárcere, Mella já se encontrava exilado no México. Lá, ele criou a Associação dos Novos Emigrados Revolucionários de Cuba (Anerc) e participou ativamente das ações desenvolvidas pelo PCM. Mella permaneceu na Cidade do México até 1929, ano em que foi assassinado a mando do ditador cubano Gerardo Machado.

Outras divergências internas provocaram uma cisão do Partido. Dois de seus membros, Sandalio Junco e Juan Ramón Breá, passaram a criticar, a partir de 1931, os métodos de direção do PCC por considerá-los sectários e burocráticos.¹²² Por conta disso, ambos foram expulsos da organização. Já fora do PCC, Junco e Breá controlaram a *Federación Obrera de La Habana* e disputaram cargos de direção dentro de sindicatos com os membros de sua antiga agrupação. Em 1933, eles fundaram o Partido Bolchevique Leninista Cubano, de orientação trotskista. O PCC, que já era um Partido pequeno e perseguido politicamente, ainda sofreu uma ruptura

¹¹⁸ A instituição foi fundada em 1923, por iniciativa de Mella, no curso do fortalecimento do movimento estudantil cubano e das reformas universitárias que ocorreram na América Latina e que foram iniciadas em Córdoba, na Argentina, em 1918. Nesse contexto, outras universidades populares também surgiram. A *Universidad Popular José Martí* ministrou aulas e conferências em sindicatos e seus conteúdos eram direcionados aos interesses dos operários. Villena e Jorge A. Vivó ajudaram Mella na administração do órgão.

¹¹⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 51.

¹²⁰ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. La carta del presidium de la Primera Conferencia..., p. 878.

¹²¹ Há uma controvérsia historiográfica a respeito da expulsão de Mella do PCC. Angelina Rojas Blaquier apresenta a ata em que o Comitê Central julgou Mella e nela há a seguinte passagem: “separação total de toda atividade pública por dois meses”. Com base nisso, a historiadora cubana alega que Mella sofreu uma sanção, mas nunca foi expulso do Partido. Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina, op. cit., p. 55.

¹²² MARTÍNEZ, Rafael Soler. Cuba: comunismo y trotskismo en la Revolución del 30. *Anais do XXII International Congress of the Latin American Studies Association*, Miami, 2000, p. 9.

interna, que gerou uma perda de filiados. Nos dados recolhidos de algumas correspondências com a IC consta-se que, em 1926, o PCC possuía 127 membros¹²³ e, em 1930, tinha 200.¹²⁴

Como se não fossem poucos os problemas que se abateram sobre o Partido nos primeiros anos de sua existência, no começo de 1930, o Comitê Central do PCC descobriu que um partido apócrifo, localizado no município de Guanabacoa (Província de Havana), estava se correspondendo com a Internacional Comunista e enviando comunicados para outros partidos do continente em nome do PCC, especialmente para o *Secretariado Sudamericano* da Internacional.¹²⁵ Victor JEIFETS e Lazar JEIFETS defendem a veracidade do movimento que se formou em Guanabacoa, cuja pretensão, para eles, era representar oficialmente o movimento comunista na Ilha frente às ações realizadas na cidade Havana.¹²⁶ Na documentação da Internacional, os membros do PC da capital pediram ao Comitê Executivo da Internacional (CEIC) que enviasse correspondências aos PC's e aos sindicatos informando a situação e os requisitando que cessassem o contato com o partido apócrifo.¹²⁷ O CEIC respondeu que o PC de Havana deveria atrair os trabalhadores que estavam sob as ordens do partido de Guanabacoa e ainda deveria averiguar quem eram os sujeitos que compunham a organização apócrifa.¹²⁸ Depois disso, não houve mais correspondência sobre o assunto. O caso foi solucionado a partir do momento em que a Internacional rompeu os contatos com o grupo de Guanabacoa.¹²⁹

¹²³ AUTOMAYOR. Parte del informe del representante del PC de Cuba Automayor. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 884.

¹²⁴ GEORGE, H. Parte del informe sobre la situación del PCC y del movimiento obrero de Cuba. Hecho por el representante del PCEU H. George. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 884. Angelina Rojas Blaquier destacou que, devido ao trabalho dos militantes para promover o ingresso no Partido, em 1932, o PCC já tinha 1026 filiados. Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 139.

¹²⁵ De acordo com a correspondência, Rafael Carrilo, que era secretário geral do PCM e membro do Comitê Executivo da IC na época, comunicou que o *Secretariado Sudamericano* da Internacional pedia esclarecimentos acerca do partido apócrifo. Ver: PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Informe do representante do PCC J.A. Vivó d'Escoto sobre o partido comunista "apócrifo" de Cuba, 28 de novembro de 1929, In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 895.

¹²⁶ JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. El encuentro de la izquierda cubana con la Revolución Rusa: el Partido Comunista y la Comintern. *Historia Crítica*, n° 64, 2017, p. 95.

¹²⁷ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA, op. cit., p. 895.

¹²⁸ COMITÊ EXECUTIVO DA INTERNACIONAL COMUNISTA. Carta del secretariado latinoamericano del CEIC al PC de Cuba. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 898.

¹²⁹ Outros desafios enfrentados pelo Partido em seus primeiros anos de existência foram encontrados na documentação da IC. Nela, aparecem pedidos dos cubanos aos estadunidenses de ajuda financeira para a compra de uma impressora e para a realização de congressos. Pediam também o envio de material e pessoal especializado em literatura comunista para melhorar o nível ideológico dos militantes cubanos e reclamavam do atraso no envio das instruções dos congressos internacionais do movimento. Ver: MARTÍNEZ VILLENA, Rubén. Carta de R. Martínez Villena al BP del CC del PCEU. In: JEIFETS, Victor & SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile:

Apesar das cisões e dos conflitos, ainda nos anos 1920, novos intelectuais e militantes se incorporaram às fileiras partidárias e, posteriormente, desempenharam importantes funções dentro do PCC. Dentre eles, estão Juan Marinello,¹³⁰ Joaquín Ordoqui,¹³¹ César Vilar,¹³² Blas Roca,¹³³ Ramón Nicolau¹³⁴ e Rubén Martínez Villena,¹³⁵ sendo que Villena se converteu na figura central da organização após seu ingresso. Antes de se filiarem, porém, esses intelectuais compartilharam diversas experiências políticas. Junto com Julio Antonio Mella, Villena ajudou a fundar a Universidade Popular José Martí, em 1923. E, dois anos depois, Villena foi o advogado de Mella quando este esteve preso. Marinello e Villena participaram da *Protesta de los 13*,¹³⁶ dirigiram a revista *América Libre*, para a qual contribuíram outros redatores como Mella e Alejo Carpentier,¹³⁷ e publicaram, no começo dos anos de 1920, alguns manifestos políticos juntos.¹³⁸ Marinello e Carpentier ainda fundaram o grupo *Minorista*¹³⁹ e a *Revista de Avance* (1927-30).¹⁴⁰ Esses exemplos comprovam a vinculação que alguns dos mais

Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 894. Além disso, as perseguições da época influenciaram bastante as atividades do PCC. Em 1930, durante a preparação para o II Congresso do Partido, todos os membros do Secretariado do Comitê Central (órgão máximo da gestão partidária) foram presos e o PCC ficou, durante alguns meses, sem uma direção fixa. Ver: JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. La odisea roja. Varias líneas ao retrato político de Jorge A. Vivo d'Escoto. *Revista CS*, nº 14, julio-diciembre 2014, Cali, Colombia, p. 186.

¹³⁰ Juan Marinello Vidaurreta já era um intelectual reconhecido nos meios políticos da capital cubana quando entrou no PCC no final dos anos 1920 (não conseguimos descobrir a data exata). Em 1922, ele se tornou doutor em direito civil e público pela Universidade de Havana. Paralelamente às atividades partidárias, ele atuou como professor entre as décadas de 1920 e 1950.

¹³¹ Joaquín Ordoqui Mesa trabalhou em uma central açucareira e atuou nos meios sindicais do setor ferroviário antes de entrar para o PCC, em 1927. Em 1930, ele já pertencia ao Comitê Central (CC) do PCC.

¹³² Juan César Gervasio Vilar Aguilar trabalhou, nos anos 1920, na construção civil e no setor portuário, participou do movimento grevista e foi secretário da *Federación Obrera de Manzanillo*. Entrou para PCC em 1928 e tornou-se membro do CC em 1930.

¹³³ Francisco Wilfredo Calderio adotou o pseudônimo de Blas Roca no contexto da luta contra a ditadura de Gerardo Machado. Ele entrou para o PCC ainda quando vivia em sua cidade natal, Manzanillo, em 1929. Em 1931, já fazia parte do CC do Partido.

¹³⁴ Ramón Nicolau González iniciou sua vida política como dirigente do sindicato dos sapateiros. Ingressou no PCC em 1928 e foi membro do CC desde 1929 até 1961.

¹³⁵ Rubén Martínez Villena ingressou no PCC quando estava na prisão, em 1927, e no CC em 1928. Atuou ainda como dirigente e advogado na *Conferación Nacional Obrera de Cuba* (CNOC), nesta mesma década.

¹³⁶ Manifesto assinado por 13 intelectuais (Rubén Martínez Villena, José Antonio Fernández de Castro y Abeillé, Calixto Masó y Vázquez, Félix Lizaso González, Alberto Lamar Schweyer, Francisco Ichaso y Macías, Luis Gómez Wangüemert, Juan Marinello, José Zacarías Tallet, José Manuel Acosta y Bello, Primitivo Cordero y Leyva, Jorge Mañach y Robato e José Ramón García Pedrosa), em 1923, contra a corrupção do governo de Alfredo Zayas (presidente de Cuba entre 1921 e 1925).

¹³⁷ PACHECO GONZÁLEZ, María Caridad. Juan Marinello y el latinoamericanismo fecundante (1923-1937). In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 367.

¹³⁸ Em 1921, escreveram o *Manifiesto por la Venezuela*, na primeira edição da revista *Venezuela Libre*, órgão publicado em Cuba por exilados peruanos e venezuelanos. A publicação mudou de nome e passou a ser chamada, em 1925, de *América Libre*.

¹³⁹ Grupo vanguardista formado em 1923, que reuniu intelectuais, músicos, pintores e artistas preocupados com a inovação estética das artes cubanas e com os problemas políticos nacionais. O grupo se reunia em cafés da capital até, mais ou menos, o ano de 1928 e, dentre seus expoentes, estavam Rubén Martínez Villena, Fernando Ortiz, Jorge Mañach, Juan Marinello, Emilio Roig de Leuchsenring, María Villar Buceta, Alejo Carpentier, dentre outros.

¹⁴⁰ Dirigida por Carpentier, Marinello, Martín Casanovas, Francisco Ichaso e Jorge Mañach, a *Revista de Avance*, seguindo as preocupações do Grupo *Minorista*, de onde saíram seus editores, manteve-se ligada a temas políticos

importantes intelectuais comunistas tiveram antes de entrar no PCC. O ingresso desses novos membros deu fôlego às atividades comunistas na Ilha e impulsionou as publicações partidárias, como os dois primeiros jornais da organização que se chamaram *Justicia* (1925) e *El Trabajador* (1931).

Muitos desses intelectuais e militantes também participaram da *Liga Antiimperialista de Latinoamérica* (LADLA). A LADLA foi uma organização fundada no México, em 1924, reuniu integrantes em vários países, organizou uma agenda de manifestações e um programa de denúncia contra a ingerência e da violência do “imperialismo” estadunidense. Como salientou Daniel Kersffeld, a liga reuniu “sobre uma mesma identidade marxista e continental todos os setores que, sem necessariamente ter uma origem proletária ou camponesa, faziam do combate ao imperialismo o eixo central de suas estratégias políticas”.¹⁴¹ Boa parte do grupo *Minorista*, como Mella, Villena e Marinello, participou da seção cubana da LADLA e criou a revista *Masas*, um órgão *Liga* publicado na Ilha, entre 1934 e 1935.¹⁴²

Além disso, no final dos anos de 1920, o PCC assumiu a direção da *Confederación Nacional Obrera de Cuba* (CNOOC)¹⁴³ e reuniu nela sindicatos de diversas categorias. Foi através dessa organização que os comunistas puderam mobilizar e escalonar o movimento grevista no começo dos anos 1930.¹⁴⁴ O aguçamento dos conflitos trabalhistas e o aumento das paralisações foram causados pelos terríveis efeitos na economia insular da quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Para se ter uma ideia do impacto da crise, “o valor da produção de açúcar da Ilha caiu de US\$ 200 milhões em 1929 para pouco mais de US\$ 40 milhões em 1932”.¹⁴⁵ Ao cenário de catástrofe econômica somou-se o aumento da repressão governamental.

e culturais. Pacheco González destacou que vários números da publicação foram dedicados, entre outros temas, a José Carlos Mariátegui, à arte mexicana, ao pensamento de José Martí. *Avance* ainda defendia as ideias de unidade latino-americana. Ver: PACHECO GONZÁLEZ, María Caridad. Juan Marinello y el latinoamericanismo fecundante (1923-1937), p. 368.

¹⁴¹ KERSFFELD, Daniel. La liga Antiimperialista de las Américas: una construcción política entre el marxismo y el latinoamericanismo. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo; CRESPO, Horacio. *El comunismo: otras miradas desde América Latina*. Ciudad del México: CEIICH-UNAM, 2007, p. 152.

¹⁴² Daniel Kersffeld apontou que a Liga foi dissolvida em 1929, mas, em 1934, houve uma tentativa de fazê-la ressurgir quando a seção cubana, encabeçada por Marinello, organizou o “Primeiro Congresso contra a Guerra, a Intervenção e o Fascismo”. O autor destacou que, apesar do desejo de reorganizar a LADLA, as ligas anti-imperialistas e outras organizações que poderiam comprometer a política de alianças defendida pela URSS, foram proibidas no VII Congresso na IC, em 1935, quando a tática de frente única foi incorporada pelos PC’s. Ver: KERSFFELD, Daniel. La liga Antiimperialista de las Américas, p. 163.

¹⁴³ A CNOOC foi criada em 1925 e comandada, inicialmente, por anarquistas e reformistas.

¹⁴⁴ Na pauta das reivindicações constava demandas trabalhistas e direitos políticos negados pela ditadura machadista, como a legalização das atividades da CNOOC, suspensas em 1930, a defesa de demandas específicas para os desempregados, a luta contra as demissões e contra a diminuição dos salários. Nessa época também, os comunistas fundaram a *Defensa Obrera Internacional* (DOI), seção cubana da *Internacional Sindical Roja* (ISR ou Profintern – organização constituída em 1921 que agrupava sindicatos de diversos países e que estava subordinado à IC).

¹⁴⁵ TABARES DEL REAL apud GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 157.

A polícia secreta do regime, chamada de “porra”,¹⁴⁶ reprimiu fortemente os movimentos sociais num momento em que as contestações a ele cresciam.

Fermentava-se internamente uma situação conflituosa marcada pelas perseguições políticas, pela crise econômica e pelo aumento das mobilizações trabalhistas. O PCC considerou que havia chegado o momento para escalonar as mobilizações que deveriam levar os trabalhadores ao poder. As concepções do movimento comunista internacional também ajudaram a consolidar as perspectivas dos comunistas cubanos. Nas resoluções do VI Congresso da IC de 1928, os soviéticos defenderam que as contradições do capitalismo estavam amadurecidas e, inevitavelmente, em poucos anos, ele seria substituído pelo socialismo, dando início ao “terceiro período”, época caracterizada pelo “amadurecimento das contradições do capital e a ascensão do movimento operário em direção à luta revolucionária”.¹⁴⁷

Diante do aumento das contradições do capitalismo, no congresso mencionado, estabeleceu-se o abandono da tática de frente única e a adoção da classe contra classe, que se caracterizou pela impossibilidade de realização de alianças entre os comunistas e os grupos burgueses, socialistas e de outras tendências que não fossem os trabalhadores.¹⁴⁸ Foi nesse evento também que se consolidou a tese etapista das revoluções no documento intitulado “Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais”, que objetivava traçar um caminho para as revoluções em países que haviam sido submetidos ao domínio das potências imperialistas no processo colonialista do século XIX.¹⁴⁹

Os soviéticos definiram que os processos revolucionários ocorreriam em duas etapas. A primeira caracterizada por uma revolução democrático-burguesa (anti-imperialista e antifeudal), realizada por meio de uma aliança proletária-camponesa e pela tomada de poder pelos comunistas. Feito isso, o PC criaria as condições objetivas para a implantação da segunda etapa, a fase socialista. De acordo com as “Teses”, dentre as condições para a realização da

¹⁴⁶ Supomos que a palavra é uma referência à *cachiporra*, que, em português, quer dizer cassetete.

¹⁴⁷ Carlos Prado apontou que, durante o VI Congresso do Comintern (1928), estabeleceu-se a teoria do terceiro período. O primeiro período correspondeu aos anos após a Primeira Guerra Mundial (1917-1923). O segundo iniciou-se em 1923, com a derrota do movimento comunista alemão, e foi “marcado pela estabilização do modo de produção capitalista e pelo estabelecimento da tática de frente única e pela aliança entre os comunistas e os socialistas”. Ver: PRADO, Carlos. *A Internacional Comunista e a interpretação da América Latina: crítica às teses do VI Congresso. Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campo Grande (MS), 2016, p. 1.

¹⁴⁸ Neste congresso ainda, as teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais foram formuladas. A América Latina foi considerada como um território semicolonial, condição econômica causada pela exploração do “imperialismo” estadunidense e inglês, que impedia o desenvolvimento de uma economia independente e autônoma. Comentaremos mais à frente os efeitos dessa concepção para a cultura política comunista do PCC.

¹⁴⁹ INTERNACIONAL COMUNISTA. Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais. 1928. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/1928/09/teses_comintern.htm. Acesso em: 10/1/2018.

primeira etapa e para a transição ao socialismo, estavam a emancipação em relação ao imperialismo (com a nacionalização das concessões estrangeiras, bancos etc.), o estabelecimento da unidade nacional, o fim do poder das classes exploradoras, a organização dos sovietes e de um exército formado pelos trabalhadores, o estabelecimento da ditadura do proletariado, a reforma agrária, o desenvolvimento da indústria e a ampliação dos sindicatos.

Ressoando as resoluções do VI Congresso da IC, o PCC considerou que havia chegado o momento de impulsionar as greves e as paralisações. No fragmento abaixo, aparece a incorporação da concepção cominternista do etapismo quando se alude à “revolução democrático-burguesa” – primeira etapa do processo revolucionário –, à formação de grupos armados e à instalação dos sovietes – condições necessárias para a tomada do poder pelos trabalhadores. A incorporação dos pressupostos soviéticos à literatura partidária mostra a vinculação dos cubanos às ideias formuladas pela IC, o que se vê no Manifesto publicado pelo PCC em outubro de 1930:¹⁵⁰

Estamos em um período francamente revolucionário e é necessário que nossa classe desempenhe um papel predominante. A revolução democrático-burguesa está próxima a estourar e todos os operários e camponeses devem estar preparados para essa revolução que trataremos de transformar em proletária. Para isso devemos criar nossos grupos armados que combaterão em guerrilhas e que devem dominar a situação ocupando as oficinas telegráficas e telefônicas, os quartéis e recintos policiais etc., constituindo-se já o poder em nossas mãos, os sovietes ou conselhos operários, camponeses e soldados como órgãos executivos e dirigentes das massas revolucionárias.¹⁵¹

Além do etapismo, naquele ano, o PCC já havia incorporado também a tática de classe contra classe, o que se observa na passagem: “No atual período revolucionário em que entrou a classe operária de Cuba junto com o proletariado mundial não pode haver nenhuma paz, nenhum entendimento com nossos inimigos de classe”.¹⁵² Porém, a definição sobre quem eram os “inimigos” e os “aliados” gerou conflitos dentro do Partido. No começo dos anos 1930, diversas organizações se opuseram ao regime, entre elas estavam a *Unión Revolucionária*,

¹⁵⁰ Nas “Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicolônias”, formuladas no VI Congresso da IC, considerou-se que “o movimento revolucionário está na fase da revolução democrático-burguesa, ou seja, na fase na qual os requisitos para a ditadura proletária e para a revolução socialista estão a ser preparados” e, dentre as tarefas dos PC’s para levar a cabo a revolução, estava “organização dos Sovietes de operários e de camponeses e de um Exército Vermelho [...]”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicolônias, grifo nosso. São exatamente essas as ideias que aparecem no documento do PCC que destacamos.

¹⁵¹ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del partido comunista sobre la situación política de Cuba y los hechos del 30 de septiembre. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 208, grifo nosso.

¹⁵² *Ibidem*, p. 196.

organizada por Antonio Guiteras Holmes,¹⁵³ a *Unión Nacionalista*, de Carlos Mendieta,¹⁵⁴ a *Ala Izquierda Estudiantil* (AIE),¹⁵⁵ o ABC¹⁵⁶ e o Diretório Estudantil Universitário (DEU).¹⁵⁷ Em alguns momentos, os membros do PCC se questionaram sobre a possibilidade de se aliarem aos demais oposicionistas, mas esbarraram na tática adotada e na definição dos demais opositores como “inimigos” de classe, o que impossibilitava a aproximação entre eles.¹⁵⁸

Um episódio caracteriza bem essa situação. Em 12 de Junho de 1929, durante a Primeira Conferência Comunista Latino-americana, ocorreu um debate sobre a possibilidade dos comunistas cubanos se aliarem à *Unión Nacionalista*, no qual participaram Sandalio Junco, Alejandro Barreiro López, Víctorio Codovilla, José Lopez Rego, dentre outros. Na reunião, os comunistas cubanos alegaram que a UN, apesar de possuir o apoio dos camponeses, pretendia apenas uma troca no poder executivo e não uma revolução, e que a *Unión* estava submetida aos interesses do “imperialismo” estadunidense. Com essa percepção, o PCC considerou que uma aliança com a UN era impossível, porque, pela tática de classe contra classe, os comunistas não podiam se unir àqueles grupos ligados aos EUA, porque este país era considerado, pelo Partido, como o principal “inimigo” da revolução.

Outra situação foi descrita por Angelina Rojas Blaquier. De acordo com a autora, os comunistas decidiram, em 1931, realizar ações conjuntas com os grupos armados alçados nas montanhas da Ilha, pois acreditavam que essas atividades poderiam catalisar a tomada do poder.

¹⁵³ Antonio Guiteras Holmes se envolveu, durante a década de 1920, no movimento estudantil e na luta contra a ditadura de Gerardo Machado. No final daquela década, ele optou pela via armada para combater o regime. Em 1932, ele criou a *Unión Revolucionaria* (UR), um movimento que teve como objetivo lutar pela libertação nacional. De acordo com Luis Guzmán de Armas, naquele ano, a UR levou a cabo inúmeras ações armadas, principalmente na província de Oriente. Ver: GUZMÁN DE ARMAS, Luis. Desarrollo del proceso revolucionario de los años 30. In: MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 62.

¹⁵⁴ Mendieta foi coronel do exército libertador na Guerra de 1895 e concorreu às eleições presidenciais de 1924, saindo delas derrotado por Machado. Ao lado dele, na direção da UN, estava Mário Garcia Menocal, que também havia sido um general na Guerra mencionada e ocupou a presidência cubana em duas ocasiões durante a década de 1910. Mendieta e Menocal organizaram ações insurrecionais, em 1932 e 1933, mas não tiveram sucesso em nenhuma delas.

¹⁵⁵ Criada em 1931 por estudantes que se desvincularam do DEU. A AIE foi uma aliada do Partido. Nela militaram Marinello, Raúl Roa e Pablo de la Torriente Brau, os dois últimos, porém, não possuíam vínculos com o PCC. Ver: PACHECO GONZÁLEZ, María Caridad. Juan Marinello y el latinoamericanismo fecundante (1923-1937), p. 370.

¹⁵⁶ O ABC foi uma organização de extrema direita que se formou em 1931 e, além da oposição formal a Machado, adotou táticas violentas para combater o regime. Há controvérsias na historiografia cubana sobre as reais orientações ideológicas da organização. Angelina Rojas Blaquier chamou a organização de “fascistoide” e de “KKK cubano”, referência à Ku Klux Klan. Ver: ROJAS BLAQUIER, Blaquier. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 170. Já Jorge Domingo Cuadriello alegou que o ABC não tinha um viés fascista. Ver: DOMINGO CUANDRIELLO, Jorge. El ABC fue otra esperanza de Cuba. *Espacio Laical*, 2012, p. 87. A visão que predomina na historiografia é aquela que associa o ABC ao fascismo.

¹⁵⁷ O DEU foi criado, em 1930, na Universidade de Havana, mas desde seu surgimento foi duramente perseguido pelo regime.

¹⁵⁸ Ver a tabela de número 1, nos apêndices, que contém informações sobre os grupos políticos insulares.

Mas essa iniciativa também não teve êxito.¹⁵⁹ O apontamento de Rojas Blaquier nos leva a pensar que, na impossibilidade de firmar acordos políticos, em decorrência principalmente das limitações da tática de classe contra classe, a direção do PCC optou por apoiar a luta armada como tentativa de, através dela, derrubar o ditador.

A fidelidade ideológica partidária às resoluções da IC foi colocada à prova com a escalada do movimento grevista, que teve seu ponto culminante no ano de 1933. Naquelas circunstâncias, Rúben Martínez Villena,¹⁶⁰ um dos dirigentes do PCC, escreveu um documento, em maio daquele ano, dizendo que a revolução cubana estava em sua primeira etapa, a fase democrático-burguesa, antifeudal e anti-imperialista, encabeçada pela classe operária, pelo campesinato e pelas camadas pobres da pequena burguesia urbana. Em julho, uma greve iniciada em Havana pelos motoristas de ônibus se alastrou pelo resto do país, paralisando toda a Ilha. Nesse ínterim, opondo-se à tática de “classe contra classe”, o PCC convidou os membros dos sindicatos reformistas, anarcossindicalistas e do ABC para formarem uma frente única contra a ofensiva patronal e o governo.¹⁶¹ O objetivo dos comunistas era formar uma frente oposicionista que deveria provocar a queda da ditadura e, com base nesse anseio, subverteram a ordem tática soviética porque acreditavam na iminência da revolução.¹⁶² Essa opção política mostrou que o PCC não tratou, ao menos na questão tática, as orientações da Internacional de modo tão rígido, o que indica que, nesse aspecto, a cultura política comunista do Partido apresentou traços flexíveis em alguns circunstâncias.

¹⁵⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 176.

¹⁶⁰ Villena tornou-se um importante intelectual do Partido. Ele esteve fora de Cuba entre 1930 e 1933. Uma das razões para a saída dele foi seu precário estado de saúde, o que o levou a uma busca por tratamentos na União Soviética. Supomos que as perseguições também tiveram influência na decisão de Villena de deixar seu país. Ele retornou à Ilha após um chamado do PCC, que requeria sua presença para colaborar nas tomadas de decisões durante a crise política nacional de 1933.

¹⁶¹ O chamado aos grupos de oposição foi feito, em julho de 1933, através de um pronunciamento do Comitê Central do PCC em que constava o seguinte: “O Partido Comunista se dirige uma vez mais a massa e aos sindicatos dirigidos por reformistas e anarcossindicalistas para a formação da frente única de ferro das massas exploradas contra a ofensiva patronal e do governo. O Partido Comunista recorda seu chamado de frente única, a todos os membros de fila e organizações locais do ABC, a fim de que se incorporem a frente de luta do movimento verdadeiramente revolucionário, o movimento sob a hegemonia do proletariado e de sua vanguarda, o Partido Comunista”. Ver: PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Pronunciamento del Comité Central del Partido Comunista de Cuba contra la mediación. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 360.

¹⁶² O desvio tático pode ter se sustentado a partir da leitura de um trecho das “Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais”, que diz: “A formação de um bloco entre o partido comunista e a oposição nacional e reformista deve ser rejeitado; mas isto não exclui a possibilidade de acordos temporários e da coordenação de atividades anti-imperialistas, desde que as atividades da oposição burguesa possam ser utilizadas para desenvolver o movimento de massas, e que estes acordos não restrinjam a liberdade comunista de agitação e de organização entre as massas”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. *Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais*. Esta passagem abre uma brecha interpretativa que pode ter sido usada pelo Partido para se aproximar dos outros opositores ao regime. Apesar desta suposição que levantamos, não encontramos em nossas fontes qualquer justificativa para a ruptura com a tática de “classe contra classe”.

A partir de 4 de agosto, as paralisações dos trabalhadores se converteram em uma greve geral e a permanência de Gerardo Machado no poder se tornou improrrogável. No dia 12 daquele mês, o ditador abandonou seu cargo e saiu da Ilha. Os acontecimentos que sucederam a queda de Machado ficaram conhecidos como Revolução de 1933.¹⁶³

1.1.3. Os comunistas cubanos no contexto da Revolução de 1933

Como apontamos, foi através da *Confederación Nacional Obrera de Cuba* (CNOC) que os comunistas mobilizaram as greves desde o começo dos anos de 1930. Nos primeiros dias de agosto de 1933, porém, o PCC recebeu uma correspondência do *Bureau del Caribe* da IC em que estava escrito: “Demoren venta final”.¹⁶⁴ De acordo com Caridad Massón Sena, a mensagem foi interpretada como uma ordem para frear as greves e conter o movimento de massas.¹⁶⁵ Por causa disso, César Vilar, presidente da CNOC, pediu aos trabalhadores que voltassem ao trabalho. No dia 6 daquele mês, o Partido lançou um manifesto alegando que não havia condições para a queda de Machado e para a tomada do poder, o que mostra a aceitação da ordem da Internacional e o recuo da liderança comunista na condução do movimento:

O PC e a CNOC declaram abertamente às massas, que esta greve não é a luta final pela tomada de poder. É possível que esta luta final esteja próxima, porém a greve geral atual não tem em si, não pode ter o objetivo de derrubar o regime feudal-burguês-imperialista, nem ainda sequer o governo de Machado; Machado será derrubado não com greves, mas com a insurreição

¹⁶³ Há divergências dentro da historiografia sobre a definição do movimento. Richard Gott considera que a Revolução foi composta por três etapas. A primeira foi a gestão de Céspedes, a segunda corresponde aos quatro meses do *Gobierno de los Cien Dias* e a terceira foi a contrarrevolução que se seguiu à queda de Ramón Grau San Martín e que durou até 1939. Ver: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 158-159. Luis Guzmán de Armas e Estrada e Font delimitam o período revolucionário entre a queda de Machado e a derrota da greve geral e o assassinato de Antonio Guiteras Holmes, em 1935. Ver: GUZMÁN DE ARMAS, Luis. *Desarrollo del proceso revolucionario de los años 30*, p. 68; OLIVERA ESTRADA, Oliverio; RODRÍGUEZ FONTE, Rafael. *La lucha de liberación nacional contra la dominación neocolonial en la etapa de 1935 a 1952*. In: MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 73. Já Fernando Martínez Heredia apontou que o início da Revolução foi no ano de 1930. Ver: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Socialismo soviético y socialismo cubano. El caso de Antonio Guiteras*. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 402. Essas interpretações mostram que não há um consenso sobre a temporalidade daquele processo revolucionário.

¹⁶⁴ A tradução literal da expressão é: ‘demorem venda final’. Victor e Lazar JEIFETS escreveram que no documento se dizia: “cancelem a venda final”. Ver: JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. *La odisea roja. Varias líneas ao retrato político de Jorge A. Vivo d’Escoto*, p. 188. Os historiadores que estudaram esse acontecimento não deram informações precisas sobre a nota. Acreditamos que a mensagem enviada se tratava de um código entre os comunistas que foi entendido pelos cubanos como uma ordem para conterem as greves. Não descobrimos a data exata do recebimento do documento, mas sem dúvida foi antes do dia 6, pois, neste dia, o PCC publicou um documento que comprova a aceitação das ordens da Internacional.

¹⁶⁵ MASSÓN SENA, Caridad. *La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba*. MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 240.

das massas bem armadas, com rifles, com metralhadoras, as quais o proletariado carece nesses momentos.¹⁶⁶

Além da subordinação à ordem da Internacional, acreditamos que três outros motivos levaram o PCC a tentar conter as greves. O primeiro é que as paralisações também foram acompanhadas pela repressão ditatorial e os trabalhadores não puderam reagir ante a violência policial. O segundo é que, na concepção cominternista, a realização da revolução estava condicionada à formação de um exército de trabalhadores inexistente em Cuba naquele momento.¹⁶⁷ E, por fim, os comunistas temiam uma intervenção militar estadunidense. No começo de agosto, tropas dos EUA estavam preparadas em Guantánamo e navios dessa país circulavam na baía de Havana esperando ordens para a intervenção militar.¹⁶⁸

Por isso, o Partido acreditou que era melhor manter Machado enfraquecido no poder do que arriscar uma ofensiva militar estadunidense, ideia que recebeu, inclusive, o apoio do *Bureau del Caribe*.¹⁶⁹ Postergar a permanência do ditador daria condições para os comunistas, acreditavam eles, prepararem a população e armarem os trabalhadores. Partindo dessa percepção, o PCC recomendou aos trabalhadores que formassem comitês de fábrica, comitês conjuntos de ação e grupos de autodefesa para organizar a luta armada contra o governo. Esses grupos, quando organizados, deveriam servir como “embrião dos soviets”.¹⁷⁰

A inexistência de condições internas foi a justificativa dada pelos comunistas para postergar a luta pela tomada imediata do poder. Baseando-se nisso, a direção da CNOC sentou-se com Machado no dia 7 de agosto. O objetivo do PCC era aproveitar o enfraquecimento do

¹⁶⁶ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba analizando el desarrollo del movimiento huelguístico. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 382-383.

¹⁶⁷ No manifesto anteriormente citado, de 1930 (conferir a nota 150), o PCC apontou a necessidade de criar “grupos armados que combaterão em guerrilhas”, mas esta iniciativa ainda não tinha sido levada a cabo em 1933.

¹⁶⁸ Neste momento, a Emenda Platt, que foi um anexo à Constituição cubana de 1901, ainda estava em vigor e ela dava legitimidade para as ações militares dos Estados Unidos em Cuba. Foi através dela que o governo estadunidense justificou as intervenções militares feitas na Ilha em três ocasiões: de 1906 a 1909, em 1912 e de 1917 a 1923. A emenda ainda garantiu a instalação de uma base militar na província cubana de Guantánamo, que existe até os dias de hoje.

¹⁶⁹ ROSALES GARCÍA, Juana. Martínez Villena: actualidad de su ideario político. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 385. De acordo com Blas Nabel Pérez Camejo, o Comintern monitorou as atividades do PCC durante todo o período revolucionário dos anos 1930 para auxiliá-lo na condução do movimento grevista. Para isso, a IC enviou a Cuba, Mendel Mijovski, conhecido como Lovski, Juancito ou Juan, el Polaco, quem, a partir de 1925, trabalhou na *Internacional Sindical Roja*, onde foi encarregado dos assuntos latino-americanos Ver: NABEL PÉREZ CAMEJO, Blas. Cuba en el archivo de la Internacional Comunista. *Boletín del Archivo Nacional*, 18-19-20, 2012, p. 134. Segundo Caridad Massón Sena, foi Juan, el Polaco, quem ajudou o PCC a reajustar a tática e a estratégia de acordo com o programa do VI Congresso da Internacional (1928). Ver: MASSÓN SENA, Caridad. La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba, p. 238.

¹⁷⁰ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba analizando el desarrollo del movimiento huelguístico, p. 385.

ditador para negociar com ele a concessão de algumas demandas trabalhistas. Mas o curso dos acontecimentos impediu a execução das concessões feitas por Machado naquele dia. Ao contrário do que CNOC esperava, os trabalhadores não responderam ao pedido da CNOC e se mantiveram em seus postos, em greve. A conturbada situação política e econômica levou Gerardo Machado a renunciar em 12 de agosto de 1933.

As escolhas políticas dos comunistas, especialmente o pedido para que os trabalhadores cessassem a greve, foram chamadas pela historiografia de “erro de agosto”. Alguns estudiosos, entre eles Caridad Massón Sena¹⁷¹ e Fernando Martínez Heredia,¹⁷² consideraram o “erro” como uma concepção sectária do PCC, que foi incapaz de manter alianças e condenou as ações de massas. Na perspectiva de Massón Sena, faltou maturidade teórica, experiência e poder de análise do Partido para avaliar a potencialidade do movimento grevista e a aglutinação de forças que provocaram, efetivamente, a queda do ditador.¹⁷³ Angelina Rojas Blaquier também concordou que o PCC subestimou a força do movimento grevista.¹⁷⁴ Enfim, há um consenso historiográfico que aponta para o equívoco tático dos comunistas naquele momento. Esse “erro” não demorou, inclusive, para ser reconhecido pelo próprio Partido.

Na ata da reunião do Comitê Central do PCC, de 19 de setembro de 1933, quando seus membros estavam avaliando as recentes escolhas políticas, escreveram: “agora o Partido está desprestigiado terrivelmente. [...] Distintos sindicatos estão saindo da CNOC”.¹⁷⁵ A citação mostra o efeito negativo imediato do acordo entre os comunistas e Machado, o que indica, inclusive, a incompreensão do Comintern sobre a situação insular daquele momento, pois a IC apoiou e estimulou o recuo do movimento grevista. Posteriormente, em novembro do mesmo ano, quando o assunto ainda ressoava internamente, o secretário geral do PCC, Jorge Vivó d’Escoto, a quem foi atribuída a responsabilidade pelo “erro”¹⁷⁶, foi substituído por Blas Roca.¹⁷⁷

¹⁷¹ MASSÓN SENA, Caridad. *La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba*, p. 7.

¹⁷² MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Socialismo soviético y socialismo cubano. El caso de Antonio Guiteras*, p. 403.

¹⁷³ MASSÓN SENA, Caridad, op. cit., p. 8.

¹⁷⁴ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 182.

¹⁷⁵ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Ata da reunião ampliada do CC do PCC de 19 de setembro de 1933.

¹⁷⁶ Ao lado de Vivó d’Escoto, outros membros da direção do PCC influenciaram na determinação da política comunista, dentre eles César Vilar, Joaquín Ordoqui e Isidro Figueroa Botempo.

¹⁷⁷ ROJAS BLAQUIER, Angelina, op. cit., p. 195. Não encontramos nenhum documento que indique os motivos da escolha de Blas Roca, mas levantamos algumas hipóteses. Roca provinha da classe trabalhadora, seu primeiro ofício foi o de sapateiro. Em Manzanillo, sua cidade natal, ele havia dirigido o sindicato da categoria. Uma das ordens do Movimento Comunista Internacional era a promoção de operários para os cargos de direção, o que ficou conhecido como “proletarização” dos PC’s, e Roca correspondia a essa exigência, além de ter experiência nos meios sindicais. Além disso, Blas Roca era negro e, nas resoluções do VI Congresso do Comintern (1928), estava previsto que os PC’s deveriam promover a igualdade racial e a ascensão dos negros dentro dos partidos. Ainda,

A queda de Gerardo Machado também foi marcada pela atuação de Benjamin Sumner Welles, enviado à Cuba como embaixador dos EUA em maio de 1933.¹⁷⁸ Welles deveria mediar a saída do ditador e garantir uma transição governamental sem desestabilizar as relações econômicas que ligavam os dois países. Como fruto das negociações nos bastidores da diplomacia cubano-americana, Carlos Manuel de Céspedes, neto do militar que comandou a Guerra dos Dez Anos,¹⁷⁹ foi empossado chefe do executivo nacional após a renúncia de Machado.¹⁸⁰ Entretanto, a permanência de Céspedes no cargo durou apenas um mês, pois as paralisações continuaram e diversas organizações, como o PCC, a CNOC, AIE, *Unión Revolucionaria*, *Defensa Obrera Internacional* (DOI) e o Diretório Estudantil Universitário (DEU) pressionaram a saída dele ao mobilizarem seus membros em protestos que eclodiram em todo país.

A conjuntura se complicou quando alguns suboficiais, comandados pelo sargento do exército Fulgencio Batista, exigindo aumento de salários e a agilização nas promoções, rebelaram-se. A Revolta dos Oficiais, ou Movimento Setembrista, foi o nome dado à rebelião militar que tomou o quartel de *Camp Columbia*, em Havana, entre os dias 3 e 4 de setembro de 1933. Professores e líderes do Diretório Estudantil Universitário se dirigiram ao quartel para apoiar os sargentos. Lá, ocorreu a formação de um governo provisório que substituiu Céspedes¹⁸¹ e emitiu um comunicado chamado de “Proclamação ao Povo de Cuba”.¹⁸² As historiadoras Dina Martínez Díaz e Miriam Fernández Sosa destacaram que, naquela situação,

Roca havia organizado o soviete de Mabay, em 1933, que será comentado mais à frente. Enfim, Blas Roca possuía muitos atributos valorizados pelo movimento comunista: ele era operário, negro, sindicalista, um experiente organizador de greves e dirigente de um soviete que teve sucesso. Sem dúvida, esses atributos contribuíram para ascensão dele ao posto de secretário geral, onde permaneceu por quase trinta anos. Ver: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943*. SERA FERNÁNDEZ, Aida Mercedes; REYES AREVICH, Amada. Blas Roca y las luchas obreras en Manzanillo (1925-1933). *Izquierdas*, 28 de Julio de 2016, p. 137-161.

¹⁷⁸ Welles era amigo de Roosevelt e foi enviado a Cuba para investigar a situação e atuar como um mediador político. Ver: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 158.

¹⁷⁹ A Guerra dos Dez Anos ocorreu entre 1868 a 1878 e foi liderada pelo cubano Carlos Manuel Perfecto del Carmen de Céspedes y López del Castillo, advogado e proprietário de terras que objetivava, com aquele conflito, conseguir a independência de Cuba. Céspedes morreu em combate contra as forças espanholas, em 1874, e o conflito foi finalizado com um pacto entre o governo da Espanha e algumas lideranças independentistas.

¹⁸⁰ Luis Guzmán de Armas escreveu que a posse de Céspedes foi orquestrada por Welles e recebeu o apoio de alguns militares. Ver: GUZMÁN DE ARMAS, Luis. *Desarrollo del proceso revolucionario de los años 30*, p. 64.

¹⁸¹ O governo provisório, chamado de pentarquia ou *Agrupación Revolucionaria de Cuba*, existiu durante cinco dias. Ele foi dissolvido para que o poder Executivo Federal fosse entregue à Ramón Grau San Martín. De acordo com Bandeira, a entrega do poder foi causada pelo conflito gerado quando um dos membros da pentarquia, cujo nome Bandeira não citou, promoveu Fulgencio Batista ao posto de coronel, o mais alto do exército cubano. Diante do conflito gerado pela elevação da patente, a pentarquia foi dissolvida. Ver: BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 91.

¹⁸² GOTT, Richard, op. cit., p. 160-161. Ainda de acordo com o autor, a Proclamação garantiu a convocação de uma assembleia constituinte, a formação de um tribunal para julgar os crimes de Machado, a proteção da propriedade e o reconhecimento das dívidas dos governos anteriores.

se formou a *Agrupación Revolucionaria de Cuba*, integrada por Batista, pelo DEU, pela ABC radical, dentre outros grupos, e que, na citada proclamação, se autointitulou como um governo provisório.¹⁸³

Uma semana mais tarde, Ramón Grau San Martín¹⁸⁴ foi indicado pelo Diretório Estudantil e nomeado presidente do país. Antonio Guiteras Holmes, que estava na província de Oriente desenvolvendo ações armadas junto com a *Unión Revolucionária*, foi escolhido como Ministro de Governo, Marinha e Guerra.¹⁸⁵ A tríade formada por Grau San Martín, Guiteras Holmes e Batista constituiu o *Gobierno de los Cien Días*, que durou de 4 de setembro de 1933 a 15 de janeiro de 1934. Moniz Bandeira¹⁸⁶ e Luis Guzmán de Armas¹⁸⁷ concordam que a heterogeneidade ideológica dificultou as ações políticas da nova gestão. Por um lado, Ramón Grau San Martín e Antonio Guiteras Holmes foram os responsáveis pela aprovação de leis progressistas para a época, como a reforma agrária, a intervenção no monopólio estadunidense que controlava os serviços de gás e eletricidade, a fixação de um salário mínimo, a legalização dos sindicatos, a dissolução dos partidos que apoiaram a ditadura de Machado e o estabelecimento da jornada de trabalho de oito horas diárias.¹⁸⁸ Por outro lado, Batista e o exército reprimiram as manifestações contrárias ao governo e, por conta disso, aumentaram o descontentamento de alguns setores.

Para avaliar os recentes acontecimentos insulares e definir uma posição frente à conjuntura, os comunistas se reuniram entre 31 de agosto e 1º de setembro de 1933 na V Plenária do Comitê Central. Na ocasião, Grau San Martín foi considerado pelo Partido como um aliado dos Estados Unidos e incapaz de romper com o capitalismo. O PCC comparava a nova administração com o regime machadista dizendo que ambos eram servidores do imperialismo e inimigos dos trabalhadores. Para Massón Sena, os delegados da Internacional tiveram enorme influência no posicionamento do PCC diante do *Gobierno de los Cien Días*.¹⁸⁹

¹⁸³ MARTÍNEZ DÍAZ, Dina; FERNÁNDEZ SOSA, Miriam. La actuación de los partidos políticos como reflejo de la crisis de la sociedad cubana, 1944-1958. *Tebeto: Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura*, nº. 11, 1998, 229-230. Ainda segundo as autoras, quando o ABC decidiu apoiar a mediação feita pelo embaixador dos EUA entre Machado e a oposição, um grupo se separou da organização e formou o ABC radical. As autoras não explicaram o que era e quem formava parte do *Pro Ley y Justicia*. A única informação que encontramos é que o grupo surgiu em agosto de 1933 e foi formado por funcionários do quartel de Columbia. Ver: https://www.ecured.cu/Pro_Ley_y_Justicia

¹⁸⁴ Grau San Martín era médico e professor universitário. Por causa da ligação com a Universidade de Havana, o DEU indicou o nome dele para o Governo Revolucionário.

¹⁸⁵ MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Socialismo soviético y socialismo cubano. El caso de Antonio Guiteras, p. 405.

¹⁸⁶ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 92.

¹⁸⁷ GUZMÁN DE ARMAS, Luis. Desarrollo del proceso revolucionario de los años 30, p. 65.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ MASSÓN SENA, Caridad. El Partido Socialista Popular y la Revolución Cubana. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento Crítico*, abril-mayo-junio, 2010, p. 17.

Na mesma plenária, os representantes da Internacional alegaram que o PCC deveria formar sovietes em Cuba, sob o risco de ser considerado traidor caso não aceitasse o “pedido” da IC. Rubén Martínez Villena e outros militantes se opuseram à fórmula, pois acreditavam que o melhor procedimento era a formação dos comitês de ação. Diante de tal resistência, os membros do Comintern demandaram a expulsão de Villena do Partido.¹⁹⁰ Mas, novamente, os cubanos se negaram a aceitar as ordens da Internacional e Rubén não foi expulso. É interessante observar, como colocou Aldo Agosti, que nos anos 1930, “as margens de divergência no interior dos partidos comunistas haviam se restringido” e a possibilidade de contestação dos PC’s às ordens do Comintern se limitaram ainda mais.¹⁹¹ As subversões do PCC, quando buscou um acordo com os sindicatos reformistas no começo de 1930 e, depois, quando se negou a retirar Villena de suas fileiras, mostram que os comunistas nem sempre responderam às ordens soviéticas. São poucos os exemplos da “insubordinação” dos comunistas cubanos, mas a ruptura com as ordens estabelecidas existiu, como mostramos anteriormente.

Na mesma plenária, a ordem de formação de sovietes foi aceita pelos cubanos e executada logo em seguida. Em diversas regiões da Ilha, os grevistas já haviam estabelecido “sovietes” em indústrias de diferentes setores, isto é, os trabalhadores ocuparam algumas fábricas e instalaram ali um conselho para organizar a luta por demandas. Um número importante de centrais que moíam aproximadamente 25% da safra estava ocupada e sob as ordens dos trabalhadores.¹⁹² Muitas dessas ocupações foram reprimidas pelo governo, mas uma delas teve êxito em suas reivindicações. Mabay era uma central açucareira localizada no município Bayamo, oriente da Ilha, e nela o PCC organizou um soviete chefiado por Blas Roca e outros líderes sindicais em setembro de 1933. A direção partidária e os representantes grevistas formaram uma comissão para negociar com os proprietários da central. Estes aceitaram as reivindicações¹⁹³ e os trabalhadores desocuparam o local após quase dois meses de resistência.

Como mostramos, foi na V Plenária do PCC (31 de agosto e 1º de setembro de 1933) que os comunistas decidiram se opor ao novo governo e essa oposição aumentou quando o PCC

¹⁹⁰ Lembramos que o Comitê Executivo da IC podia anular ou modificar as decisões dos partidos, bem como ordenar a expulsão de seus membros. Ver: MASSÓN SENA, Caridad. *El Partido Socialista Popular y la Revolución Cubana*, p. 2.

¹⁹¹ AGOSTI, Aldo. *O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”*, p. 137.

¹⁹² PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, p. 81.

¹⁹³ Fernández e Arevich destacaram que, dentre os acordos feitos entre os patrões e os trabalhadores do soviete de Mabay, estava a abertura de novos empregos na região, o reparo de algumas indústrias e a melhoria da higienização dos *bateyes* (locais próximos às fábricas de açúcar, no entorno dos engenhos, onde os trabalhadores viviam). Ver: SERA FERNÁNDEZ, Aida Mercedes; REYES AREVICH, Amada. *Blas Roca y las luchas obreras en Manzanillo (1925-1933)*, p. 156.

trouxe do México as cinzas de Julio Antonio Mella e marcou uma procissão para 29 de setembro de 1933, para enterrá-las na praça da fraternidade, em Havana. No ato, os militantes do Partido foram agredidos pelas forças policiais e a repressão que sofreram foi atribuída às ordens de Guiteras Holmes, então responsável pelas forças armadas.¹⁹⁴ Acerca do episódio e da percepção do PCC sobre *Gobierno de los Cien Dias*, os comunistas escreveram:

Uma matança bárbara, torrentes de sangue proletária, o ferro e o fogo contra as massas famintas e oprimidas: tal é o balanço que apresenta o governo de Grau San Martín aos bandidos imperialistas, aos polvos que chupam o sangue do povo oprimido de Cuba, para demonstrar-lhes patentemente, definitivamente, que seu governo não é um governo “comunista”, para demonstrar-lhes que é tão capaz quanto o sanguinário Machado para proteger os interesses dos exploradores, para fazer-lhes ver claramente que o de “governo revolucionário” é uma máscara detrás da qual se ocultam cachorros de presa tão ferozes e fiéis como os anteriores.¹⁹⁵

Na passagem, o Partido associou a ação do governo com a violência da época de Machado e alegou que Grau San Martín se empenhava em mostrar que ele era tão “fiel” aos Estados Unidos quanto seus antecessores. Os comunistas não consideraram o caráter revolucionário do *Gobierno de los Cien Dias* porque seus dirigentes não haviam rompido as relações com os EUA. Na concepção teórica do PCC, havia uma condição fundamental que deveria existir para que qualquer processo político fosse considerado, uma revolução, que era a ruptura com o capitalismo estadunidense. Essa concepção sobre o caráter da revolução influenciou a perspectiva do PCC e contribuiu para oposição dos comunistas a Grau San Martín e Guiteras Holmes.

Além das oposições internas, o *Gobierno de los Cien Dias* não foi reconhecido externamente. Sumner Welles se manteve em Cuba e iniciou conversas com Fulgencio Batista, buscando, secretamente, soluções para a crise cubana. Batista conseguiu ampliar seu poder usando coalizões e coações dentro das Forças Armadas e junto a alguns políticos cubanos.¹⁹⁶

¹⁹⁴ Por causa da agressão, as cinzas de Mella não puderam ser enterradas como os comunistas pretendiam. Muitos anos depois desse episódio, já em 1959, Aníbal Escalante, ao recordar o ato, destacou que as cinzas de Julio Antonio Mella ainda estavam com o Partido e que iriam aparecer em um momento oportuno. Ver: ESCALANTE, Aníbal. La revolución cubana ha despertado gran entusiasmo entre las masas del Pueblo chino. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 11, 14 de enero de 1960, p. 2. Após esse pronunciamento, não encontramos mais referências sobre o assunto.

¹⁹⁵ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba sobre la masacre del 29 de septiembre. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 433.

¹⁹⁶ Um episódio, em especial, nos ajuda a compreender o aumento do poder de Batista. Sumner Welles recomendou aos cidadãos estadunidenses que estavam em Cuba que se reunissem no Hotel Nacional logo após os distúrbios provocados pela revolta dos sargentos. Alguns militares vinculados a Machado também buscaram refúgio naquele local, acreditando que estariam livres da justiça aplicada pelo governo contra os aliados da ditadura. Entretanto, soldados comandados por Batista bombardearam o hotel, mataram, feriram e prenderam diversos militares machadistas, colocando em seus antigos postos membros do exército que eram fiéis a Batista. Este episódio deu

E, em 18 janeiro de 1934, ele deu um golpe militar que substituiu Grau San Martín e Guiterras Holmes por Carlos Mendieta¹⁹⁷ na direção do país. Mendieta era um político já conhecido pelos cubanos e aceitou o chamado de Batista para assumir a presidência. Os Estados Unidos, demonstrando reconhecimento diplomático e apoio ao general e a Mendieta, revogou a Emenda Platt em maio daquele ano, uma das principais demandas da Revolução de 1933. Em novembro, uma lei passou ao chefe do exército, Batista, várias atribuições que cabiam ao presidente da república, como a nomeação de pessoal para os setores administrativo, militar e educacional.¹⁹⁸

De 1934 até 1940, Batista comandou o país com mãos de ferro, apesar de não ter sido presidente durante esses anos. O exército deixou de ser um apêndice do governo e se converteu em árbitro da política. As perseguições, a suspensão das garantias constitucionais, a censura de informações e a desorganização das associações e dos partidos são exemplos que comprovam o aspecto reacionário e ditatorial da época. Esse período foi chamado por Marifelli Pérez-Stable de “*pax batistiana*” para destacar o papel hegemônico de Batista no controle da vida política nacional e dos movimentos sociais.¹⁹⁹ O Partido Comunista se manteve na oposição ao general. Durante o II Congresso do PCC, em abril de 1934, foi ratificada a defesa da luta armada e dos soviets. Na resolução do congresso se consolidou a ideia de que uma situação revolucionária continuava se desenvolvendo em Cuba e que a tomada do poder se aproximava:

Estamos atualmente em uma situação em que tem lugar uma rápida polarização das forças do país. Os grandes movimentos de massas se desenvolvem e ampliam, e adquirem cada vez mais um caráter de luta contra todo o regime atual. O proletariado está na cabeça do desenvolvimento da revolução democrática-burguesa (agrária e anti-imperialista). O Partido está ganhando para o seu lado a maioria da classe operária e a situação econômica e política do país inclina cada vez mais as camadas empobrecidas da pequena burguesia urbana e o campesinato ao lado do proletariado revolucionário.²⁰⁰

Em uma carta ao *Bureau del Caribe* do Comintern, de 13 de setembro de 1934, Blas Roca apontou que a situação política estava madura para a greve geral, que provocaria a queda do governo e a construção de novos soviets. Na plenária seguinte, em fevereiro de 1935, o PCC reafirmou a maturidade do processo revolucionário cubano e defendeu a organização de

ao general ainda mais controle sobre as forças armadas. Ver: VALDÉS SÁNCHEZ, Servando. Fulgencio Batista. Del septembrismo a la alternativa militarista. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*. Enero-febrero-marzo, 2009, p. 60.

¹⁹⁷ Carlos Mendieta foi um político do Partido Liberal que perdeu as eleições para Machado, em 1924. Em 1927, ele criou a *Unión Nacionalista*, um grupo opositor ao então presidente cubano. Mendieta foi presidente provisório de Cuba, entre 1934 e 1935, após o golpe militar dado pelo general Fulgencio Batista, que o colocou no cargo, sem processo eleitoral.

¹⁹⁸ VALDÉS SÁNCHEZ, Servando, op. cit., p. 61.

¹⁹⁹ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, p. 83.

²⁰⁰ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Resolución sobre la situación actual, perspectivas y tareas. In: Instituto de historia del movimiento comunista y de la revolución socialista de Cuba (Org.). *El movimiento obrero. Documentos y artículos*. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 735.

uma frente anti-imperialista com os grupos de oposição para enfrentar Mendieta e Batista.²⁰¹ Em março, a *Confederación Nacional Obrera de Cuba* (CNOOC) organizou uma greve geral que envolveu aproximadamente 200 mil trabalhadores.²⁰² Naquela circunstância, os líderes do recém fundado Partido Revolucionário Cubano (PRC-A)²⁰³ não aderiram ao movimento, ao contrário de muitos de seus filiados e da organização *Joven Cuba*,²⁰⁴ que responderam ao chamado de frente única dos comunistas e apoiaram os trabalhadores.²⁰⁵ Apesar da unidade oposicionista, o movimento foi brutalmente reprimido pela ditadura. Diante da situação, o Comitê Central do PCC tomou a decisão de formar os grupos armados de autodefesa (nas empresas, nas universidades, nos bairros etc.) e, algum tempo depois, decidiu converter esses grupos em um “Exército de Libertação de Cuba”.

Entretanto, essa opção se chocou com as expectativas da IC. Os valores e as táticas revolucionárias defendidos no VI Congresso da Internacional (1928) já estavam em declínio em meados dos anos 1930 e a IC observava, com receio, as decisões tomadas pelo PCC. No informe sobre a situação de Cuba do Comitê Executivo do *Secretariado Latinoamericano* do Comintern, de 5 de setembro de 1935, alguns erros cometidos pelo Partido foram destacados. Dentre eles, o boicote às eleições parlamentares com o objetivo de sabotá-las com uma greve geral e uma rebelião armada, a organização do exército de libertação de Cuba e o aumento das expropriações.²⁰⁶ No documento, o CEIC escreveu:

[...] desde o fim de junho e início de julho de 1935 dentro do CC do PC de Cuba dominam concepções que são a evidência de uma influência muito grande da prática putchista e complotista do partido de Grau San Martín, da Jovem Cuba, para o partido. Todo o projeto de organização do “exército de libertação de Cuba” é uma mostra do putchismo pequeno-burguês.²⁰⁷

Para a IC, a luta armada estava fora de cogitação naquele momento, enquanto para os cubanos aquela ainda era a via mais rápida para a revolução. O Movimento Comunista

²⁰¹ MASSÓN SENA, Caridad. *El Partido Socialista Popular y la Revolución Cubana*, p. 10.

²⁰² Marifeli Pérez-Stable ainda destacou a importância que essas greves tiveram na conjuntura, após o ano de 1933, apontando que depois desta data as forças políticas já não poderiam mais ignorar a classe operária. Ver: PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, p. 83.

²⁰³ O Partido Revolucionário Cubano, também chamado de Partido Autêntico, foi criado em fevereiro de 1934 sob a liderança de Grau San Martín e Carlos Prío Socarrás. Seus membros eram oriundos, principalmente, do Diretório Estudantil, do Partido Bolchevique Leninista (trotskista) e da organização *Joven Cuba*. Ver: BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 108.

²⁰⁴ Organização fundada por Antonio Guiteras Holmes, em 1934, que adotou a luta insurrecional clandestina para combater o regime instituído.

²⁰⁵ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 244.

²⁰⁶ De acordo com o documento, o Partido havia feito três desapropriações que foram descritas como “assaltos” a uma granja e ao cofre de uma empresa.

²⁰⁷ COMITÊ EXECUTIVO DA INTERNACIONAL COMUNISTA. Informe del secretariado Latinoamericano del CEIC sobre la situación del PC de Cuba. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Comp.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018, p. 950.

Internacional se transformou em decorrência das resoluções do VII Congresso da Internacional de agosto 1935. A tônica desse evento foi o risco da expansão dos regimes nazifascistas e a definição do posicionamento da URSS diante da nova ameaça. Bukhárin,²⁰⁸ Togliatti²⁰⁹ e Dmítrov²¹⁰ foram os arquitetos da ideia da inevitabilidade da guerra causada pelo aguçamento dos conflitos entre as potências “imperialistas”. Para eles, ante à iminência do confronto, os comunistas deveriam defender uma política de “luta pela paz” como forma de se opor aos intentos bélicos dos nazistas. Perante a contradição que a conjuntura impunha, o historiador Giuliano Procacci questionou: “Mas como era possível lutar pela paz com esperança de sucesso, quando se reconhecia e se reafirmava que a guerra era uma necessidade?”²¹¹ Baseando-se em um texto de Togliatti, Procacci apontou que a solução da contenda residia na defesa da paz porque essa atitude servia como apoio à URSS e à classe operária, isto é, lutar pela paz significava defender os soviéticos da ameaça nazifascista e era uma forma de conter a expansão de tais regimes. Após o VII Congresso da IC, inclusive, os chamados “Estados imperialistas pacíficos” (Inglaterra, França, EUA) foram considerados menos perigosos para os comunistas em comparação com a crescente ameaça dos “Estados imperialistas adeptos da guerra” (Alemanha e Japão) e eram esses que deveriam ser combatidos urgentemente a partir daquele momento.²¹²

Segundo François Furet, os comunistas tornaram-se os “campeões provisórios da herança democrática burguesa”, porque passaram a valorizar os regimes democráticos ocidentais como um meio de impedir o avanço do totalitarismo nazifascista.²¹³ Sobre essa questão, Marta Dassú escreveu: “a tarefa da classe operária consiste em impedir a substituição da democracia burguesa pela ditadura aberta, através da defesa e da reivindicação do mais

²⁰⁸ Nikolai Bukhárin se uniu aos bolcheviques, em 1906, e, após a Revolução Russa, tornou-se membro do Comitê Central do PCUS e diretor do jornal *Pravda*. Em 1936, ele foi expulso desse partido e condenado à morte um ano depois. Bukhárin e outros tantos militantes soviéticos foram condenados à pena capital no contexto dos “Grandes Expurgos” ou “Processo de Moscou,” ocorridos entre 1937 e 1938. Esses processos foram uma prática do período stalinista de perseguição política marcada por prisões arbitrárias e julgamentos bastante questionáveis. Sobre o assunto, sugerimos a leitura do capítulo “Um período tumultuoso”, que se encontra no livro de autoria de Sheila Fitzpatrick.

²⁰⁹ Fundador e membro do Comitê Central do Partido Comunista Italiano.

²¹⁰ Dirigente comunista búlgaro, que foi secretário geral da IC entre 1934 e 1943.

²¹¹ PROCACCI, Giuliano. A “luta pela paz” no socialismo internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial. In: HEGEDUS, András *et. al.* Coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 281.

²¹² SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947. In: BABALONI, Nicola *et. al.* O marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Volume 10. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987, p. 134.

²¹³ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 270.

amplio funcionamiento das instituições democráticas”.²¹⁴ As palavras de Dimítrov também são esclarecedoras:

Seria radicalmente errado pensar que a luta pela democracia possa afastar o proletariado da revolução socialista proletária [...]. Ao contrário: assim como o socialismo não pode ser vitorioso sem realizar uma democracia plena, tampouco o proletário pode se preparar para a vitória sobre a burguesia sem travar de todos os modos uma luta consequente e revolucionária pela democracia.²¹⁵

Pelos excertos destacados, fica evidente que o movimento comunista, doravante, deveria valorizar e apoiar os regimes democráticos. Ainda no VII Congresso, os membros do Comintern decidiram abandonar a classe contra classe e adotar a frente única. A nova tática estabelecia que “os partidos comunistas ocidentais só podiam se aliar a partidos comprometidos com um programa radical, anticapitalista”,²¹⁶ o que representa uma ampliação das possibilidades das alianças que antes estavam restritas somente aos trabalhadores e aos sindicatos. Mas, na prática, as frentes únicas foram mais amplas e nem sempre os PC’s firmaram acordos com grupos que possuíam programas políticos anticapitalistas.

Essas resoluções chegaram à Ilha nas vésperas da eleição presidencial de 1936²¹⁷ e causaram conflitos dentro do Partido Comunista de Cuba, porque a maioria dos membros de seu Comitê Central (CC) defendia a via armada para derrubar o regime. Na VI Plenária do CC do PCC, realizada nos dias 21 e 22 de outubro de 1935, Blas Roca, então secretário geral da organização e que esteve presente no VII Congresso do PCUS,²¹⁸ defendeu, por exemplo, que a CNOC (*Confederación Nacional Obrera de Cuba*) deveria se registrar no Ministério do Trabalho e os membros da Internacional concordaram com ele. Porém, a maioria dos integrantes do CC do PCC decidiu não a registrar. Roca também achava que o Partido deveria participar das eleições e conseguir um acordo comum de frente popular anti-imperialista com a *Joven Cuba* e com os autênticos de Grau San Martín. Contrariamente a essa posição, a maioria do CC se expressou pelo boicote eleitoral. A postura do secretário geral, apesar de ter sido

²¹⁴ DASSÚ, Marta. Frente única e frente popular: o VII Congresso da Internacional Comunista. In: HEGEDUS, András *et. al.* Coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 320.

²¹⁵ Dimítrov apud DASSÚ, Marta. Frente única e frente popular: o VII Congresso da Internacional Comunista, p. 326.

²¹⁶ PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*. São Paulo: Leya, 2012, p. 235.

²¹⁷ Nesse pleito, Miguel Gomez Mariano foi escolhido presidente do país. Porém, os conflitos dele com Batista culminaram em sua destituição do cargo, em dezembro de 1936.

²¹⁸ GUADARRAMA GONZÁLEZ, Pablo. *Marxismo e antimarxismo en América Latina*. La Habana: Editora Política. México, D.F.: Ediciones El Caballito, 1994, p. 146. No evento, Blas Roca, Luis Carlos Prestes (PCB) e Rodolfo Ghioldi (PCA) foram os três latino-americanos escolhidos para compor o Comitê Executivo do Comintern. Ver: CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 42. Isso nos mostra a importância que o Roca já tinha dentro do MCI.

momentaneamente combatida pelos outros membros do Comitê Central, indica a aceitação da participação no sistema político tal como foi montado por Batista e seus correligionários. Indica também a tentativa de incorporar, na vida partidária, as diretrizes soviéticas sobre a participação eleitoral e abandonar a percepção de que a revolução estava próxima.

A retificação da tática só foi incorporada ao PCC na VII Plenária de julho de 1936, quando o Partido definiu com mais clareza as bases para colaboração com as demais agrupações insulares e com os governos provinciais e municipais. De acordo com Rojas Blaquier, dentre as demandas defendidas pelos comunistas, naquela ocasião, estavam a convocação de uma constituinte e a anistia dos presos políticos.²¹⁹ A defesa da constituinte sinalizava a disposição de lutar pelo declínio da ditadura, que havia encarcerado inúmeros membros do PCC, e pela instalação de um regime democrático. Imbuídos dessas novas concepções, os comunistas decidiram lutar pela criação de uma frente única de trabalhadores e uma frente popular anti-imperialista com os partidos opositores. Em meados de 1938, eles optaram por se aliar a Fulgencio Batista em um momento de abertura política e democrática do regime, após a permissão que governo de Batista deu tanto para o funcionamento da Confederação dos Trabalhadores Cubanos (CTC) quanto do *Partido Unión Revolucionaria (PUR)*, que serviu como braço legal do PCC até 1939.

Naquele contexto, significativas modificações no cenário político nacional indicaram para o retorno da normalidade democrática no país, como a concessão de liberdade a 3 mil presos políticos.²²⁰ Essas transformações foram conduzidas por Batista e pelo exército. Eloida D. K. Portillo as esclareceu nas seguintes palavras:

Nessa abertura democrática influenciou a atmosfera criada na conjuntura internacional onde cada vez se fazia mais crescente a contradição entre o imperialismo norte-americano e a Alemanha hitleriana, assim como a poderosa corrente antifascista mundial. Sob essa pressão, mais suas ambições pessoais, Batista astutamente se afastou das posições mais reacionárias dentro do governo (buscando criar uma base social) e começou a colocar em prática algumas medidas democráticas que foram valorizadas positivamente pelo Partido.²²¹

Os partidos e as associações opositoras receberam permissão para registrarem-se no Tribunal Superior Eleitoral em setembro de 1938, e o PCC conseguiu, depois de treze anos,

²¹⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010, p. 19.

²²⁰ OLIVERA ESTRADA, Oliverio; RODRÍGUEZ FONTE, Rafael. La lucha de liberación nacional contra la dominación neocolonial en la etapa de 1935 a 1952, p. 77.

²²¹ KINDELÁN PORTILLO, Eloida Diana. Política de alianzas del primer Partido Comunista de Cuba en la década de 1940. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 135.

atuar legalmente. A partir de então, o PCC e o PUR existiram como duas instituições independentes. Quando, em 1939, o Tribunal Eleitoral cancelou o registro de ambos os partidos, o PCC e o PUR se uniram para pleitear a inscrição do *Partido Unión Revolucionaria Comunista* (PURC) e conseguiram o registro dessa sigla em agosto de 1939. Então, desse ano até 1944, os comunistas estiveram legalmente reunidos no PURC. Outro sinal da abertura política foi a permissão governamental para a criação da Confederação dos Trabalhadores Cubano (CTC), em 1939.²²² A CTC foi dirigida pelos comunistas até o ano de 1947 e reuniu, ao longo desse período, diferentes categorias sindicais. O governo ainda atendeu a algumas demandas imediatas dos trabalhadores, como a autorização dos contratos coletivos de trabalho e a derrogação dos regulamentos que impediam atos públicos.²²³

Todos esses fatores (legalidade dos partidos, registro da CTC, a orientação da IC para os PC's valorizarem os regimes democráticos e para formarem frentes únicas) foram justificativas dadas pelo PCC para se aproximar de Fulgencio Batista.²²⁴ Entretanto, parece-nos contraditório esse comportamento partidário, uma vez que os comunistas haviam sido perseguidos, exilados, aprisionados e mortos a mando de Batista durante quase toda aquela década. E, em pouquíssimo tempo, especificamente no primeiro semestre de 1938, o general havia “se tornado” um democrata para o PCC. Em nossa perspectiva, a mudança na concepção partidária foi um malabarismo teórico que tentou conciliar alguns sinais de abertura política dentro da Ilha com as ordens de Moscou de valorização dos regimes democráticos. Mediante a combinação dessas duas percepções, Batista foi intitulado, pelo PCC, como um progressista democrático e, com base nisso, o Partido justificou sua aproximação com o general. Esse traço indica um aspecto ortodoxo²²⁵ da postura dos comunistas, pois eles mudaram radicalmente suas percepções em relação ao ditador cubano para atender à linha da Internacional. É evidente que também havia um interesse político em participar das instâncias estatais e Batista poderia abrir um caminho para ascensão do PCC. Não podemos esquecer que, como apontou Daniel-Louis

²²² Os principais opositores da CTC foram os sindicalistas reunidos na Comissão Operária do Partido Revolucionário Cubano (PRC-A), dirigidos por Eusebio Mujal e Sandalio Junco.

²²³ MASSÓN SENA, Caridad. *El Partido Socialista Popular y la Revolución Cubana*, p. 14.

²²⁴ Outro fator que influenciou a mudança do Partido foi a tentativa de combater seu próprio isolamento. De acordo com Fernando Martínez Heredia, no discurso anticomunista, o PCC era associado a um “*totalitarismo estrangeirizante*”, referência ao vínculo entre os cubanos e os soviéticos. O Partido era associado inclusive a uma “quinta coluna” favorável à expansão soviética dentro da Ilha. A defesa do sistema liberal e da ordem política forjada por Batista deveu-se também à necessidade de construir de uma imagem mais positiva do comunismo cubano. Ver: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Socialismo soviético y socialismo cubano. El caso de Antonio Guiteras*, p. 161.

²²⁵ Para mais informações, ver a página 14 na introdução.

Seiler, uma das razões *sine qua non* dos partidos seria alcançar o exercício das funções de governo²²⁶ e, com os comunistas cubanos não, foi diferente.

O estreitamento das relações foi marcado pela valorização do general em reportagens elogiosas nos meios de comunicação do Partido. As notícias que valorizavam Batista serviam, como mencionamos anteriormente, para “mobilizar agentes sociais para a ação” e, nesse caso, pretendiam convencer as massas partidárias da validade da aproximação e dos acordos políticos com o general, como na passagem abaixo:

A plenária [X Plenária do CC] também analisou as mudanças que se efetuaram na posição de Batista e reconheceu que ele começou a dar passo a favor da constituinte e outras demandas populares, pelo que pode se assegurar que Batista começou a deixar de ser o centro da reação, papel que desempenhou até há pouco tempo.²²⁷

O sociólogo cubano Fernando Martínez Heredia defende a ideia de que existiu um consenso entre as organizações políticas para a preservação das instituições democráticas durante a década de 1940, o que aponta para outra razão da aproximação entre Batista e o PURC. Segundo ele:

Uma chave principal da hegemonia da Segunda República foi manter o consenso quanto a excluir a insurreição e a revolução como via para solucionar os problemas cubanos. A base daquele consenso era uma institucionalidade avançada: fazê-la cumprir e prosperar devia ser o caminho; as mobilizações cívicas, os partidos de massa muito bem estruturados, a via eleitoral, as liberdades cidadãs, uma sociedade civil forte e capaz de pressionar e negociar, seriam os instrumentos.²²⁸

Essas mudanças levaram os comunistas, naquele momento, a abandonar perspectiva da iminência da revolução. O PURC optou pela via institucional como estratégia, entretanto, não deixou de formular um programa radical para a época, como veremos mais adiante, alcançando o apoio dos trabalhadores e dos sindicatos, dos negros, das mulheres e dos setores intelectuais. Esse arranjo nos leva a pensar num processo de acomodação das forças políticas que atuaram na década de 1930. Se em 1933, Rubén Martínez Villena acreditou que a primeira fase da revolução já estava em curso, no final daquela década, os comunistas aceitaram participar dos organismos estatais (poder legislativo e executivo) a fim de preparar as condições para a primeira etapa da revolução. Mas não foram apenas as concepções ideológicas e orientações

²²⁶ SEILER, Daniel-Louis. *Os partidos políticos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 25.

²²⁷ PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA. El Partido Comunista de Cuba adoptará una actitud más positiva frente al coronel Batista. *Noticias de Hoy*, nº 62, año I, Martes, 26 de Julio de 1938, p. 6.

²²⁸ MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Palabras inaugurales. In: MASSÓN SENA, Caridad (Comp.). *Comunismo, socialismo y nacionalismo en Cuba (1920-1958)*. La Habana: Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello, 2013, P. 35.

táticas da cultura política comunista que se transformaram nesse período. A organização interna do Partido também mudou.

De acordo com os dados da obra de Angelina Rojas Blaquier, em 1938, o Partido possuía 4756 filiados e em julho de 1939 já contava com aproximadamente 22 mil membros.²²⁹ Além disso, nos dez primeiros anos de existência da organização, os cargos dentro do Comitê Central e o cargo de secretário geral foram substituídos diversas vezes. A instabilidade interna foi causada por vários motivos: perseguição política, prisão, exílio e o falecimento dos mais importantes membros do PCC, como Carlos Baliño (1926), Mella (1929) e Rubén Martínez Villena (1934). Somente no final dos anos 1930, com a formação do PURC, os comunistas conseguiram estruturar a hierarquia interna do Partido. Foi nesse momento que um grupo de militantes ocupou a direção do PCC e se manteve nela até os anos 1960.

1.1.4. A geração comunista de 1930

O historiador Robert Whitney (2001) apontou que, entre as décadas de 1920 e 1940, transformações políticas profundas romperam com a ordem oligárquica cubana existente desde a independência insular. Entre as mudanças ocorridas do período, o autor destacou o enfraquecimento dos partidos Liberal e Republicano, que haviam dominado a cena política até então, e o surgimento de novos personagens na vida pública; a ascensão do protesto e das paralisações como formas de luta de vários grupos políticos e a impossibilidade de se desconsiderar as demandas sociais defendidas pelas organizações sindicais em decorrência da intensa mobilização do setor; o controle de Fulgencio Batista das principais esferas de poder após 1933; a ascensão de um consenso que primeiro demandou a promulgação da Constituição de 1940 e depois se empenhou em defendê-la.²³⁰ Completando o quadro das mudanças do período, Richard Gott apontou que “uma mudança geracional nos anos 1930 projetou novas ideias e novas lideranças”.²³¹

Foi durante a Revolução de 1933 que ascenderam na cena política nacional figuras que dominaram as instâncias administrativas nas décadas seguintes, como Batista, Grau San Martín,

²²⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 58. O aumento do número de filiados se relaciona à legalidade, à inscrição do Partido União Revolucionária Comunista no TSE e à abertura do processo de filiação nos partidos que receberam permissão para se registrarem no tribunal eleitoral.

²³⁰ Sobre esse tópico, o autor destacou que existiu um empenho político em promover políticas de redistribuição de renda, mas que estas foram modestas.

²³¹ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 156.

Carlos Prío Socarrás,²³² Eduardo Chibás²³³ e Raúl Roa.²³⁴ Essa geração se aglutinou, inicialmente, em torno da mobilização pela derrubada de Machado. Depois, já no contexto da Segunda República, ela ocupou os postos legislativos e executivos da república, e adotou uma postura, quase sempre, conciliadora.

Observamos que essa renovação dos quadros aconteceu também dentro do Partido Comunista de Cuba. Como dito anteriormente, novos militantes ascenderam à direção do PCC na década de 1930 e permaneceram em postos-chave da organização até a dissolução do Partido em 1961. Os vínculos entre os militantes da “geração de 30” – como, doravante, a chamaremos – não se constituíram com base em uma mesma faixa etária, apesar de esse também ser o caso da direção.²³⁵ Notamos que eles compartilharam as mesmas experiências políticas e foram essas experiências que deram coesão e unidade àquela agrupação. De acordo com Serge Berstein, a geração se caracteriza pela existência de um grupo:

[...] submetido à mesma conjuntura, vivendo numa sociedade com normas idênticas, tendo conhecido as mesmas crises no decorrer das quais fizeram idênticas escolhas, grupos inteiros de uma geração partilham em comum a mesma cultura política que vai depois determinar comportamentos solidários face aos novos acontecimentos.²³⁶

Jean-François Sirinelli destacou que a geração serve como uma unidade de medida para a análise das relações sociopolíticas e, por isso, partiremos dessa categoria para pensar a tomada de decisões dos comunistas a partir da Segunda República e a relação deles com os demais grupos insulares.²³⁷ Apontaremos a seguir alguns elementos que marcaram a experiência comum da direção que assumiu o Partido nos anos de 1930.

²³² No começo dos anos 1930, Carlos Prío Socarrás era secretário do Diretório Estudantil Universitário e, em 1933, ele presidiu a junta revolucionária no quartel de Columbia, junto com Batista. Ele fundou, junto com Grau San Martín, o Partido Revolucionário Cubano, em 1934 e, ainda naquela década, criou a Organização Autêntica, agrupação que optou pela via insurrecional.

²³³ Chibás também provinha dos quadros universitários e, no final dos anos 1920 e começo da década seguinte, ele esteve preso em algumas ocasiões por causa da oposição e da participação em atos públicos contra Gerardo Machado. Em 1938, ingressou no Partido Autêntico, onde militou até 1947.

²³⁴ Raúl Roa foi um intelectual e político marxista, mas não se filiou ao PCC. Ele participou de muitas atividades com os membros do Partido, atuou na *Universidad Popular José Martí*, na *Liga Antiimperialista de las Américas* (LADLA) e na *Ala Izquierda Estudantil* (AIE). Através desta organização, ele se converteu em um proeminente opositor de Machado e, por causa disso, bem como pela participação dele na greve de julho de 1933, Roa foi preso neste ano.

²³⁵ O membro mais velho da direção do PSP era Juan Marinello que tinha nascido em 1898. Os demais haviam nascido entre 1905 e 1915. Quando a guerra de guerrilha começou, em 1957, a direção partidária era composta, majoritariamente, por homens que tinham entre 45 e 59 anos.

²³⁶ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: Rioux & Sirinelli (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 361.

²³⁷ SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 136-137.

Em 1939, quando o PUR e o PCC se uniram, o Comitê Executivo (CE) nacional do Partido União Revolucionária Comunista (PURC) ficou composto por Blas Roca, que já era secretário geral desde 1933, Juan Marinello, presidente do Partido, Joaquín Ordoqui, Aníbal Escalante, Lázaro Peña, Manuel Luzardo, Salvador García Agüero, Segundo Quincosa, o poeta Nicolás Guillén, Fabio Grobart, Severo Aguirre, Carlos Rafael Rodríguez, Edith García Buchaca, César Escalante, Dioscórides del Pino, Ramón Nicolau, Francisco Malpica, Rafael Valdés Pérez, José Luciano Franco e Aggeo Suarez. Outros membros que se incorporaram ao PCC nos anos 1930 e também ocuparam cargos importantes foram Jesus Menéndez, César Vilar, Esperanza Sánchez Mastrapa, Sérgio Aguirre, Romárico Cordero, Israel Tomás, Flavio Bravo, Justo Tamayo, Nila Ortega, Ursinio Rojas, Ladislao González Carvajal, María Arguelles, Gaspar Jorge García Galló, Faustino Calcines e José Luis Pérez. A maioria dos nomes citados anteriormente, especialmente os membros do CE, esteve submetida a uma mesma conjuntura e compartilhou experiências políticas significativas ao longo dos anos 1930, quais sejam: a entrada no Partido no final dos anos 1920 e início da década seguinte, a ascensão à direção do PCC por volta de 1935, o compartilhamento de atividades em jornais, revistas, grupos de debate e sindicatos, o cárcere e o exílio.

As sociabilidades geradas na edição de jornais e revistas foram importantes para a criação de relações sociais e de laços de amizade. Como exemplo, podemos citar a publicação de *Bandera Roja*,²³⁸ *El Centinela*²³⁹ e *La Palabra*,²⁴⁰ os três primeiros jornais publicados pelo PCC e que foram perseguidos pelo regime batistiano. Logo após o fechamento dos jornais mencionados, o Partido criou, em 1936, a revista mensal *Mediodía*,²⁴¹ que foi dirigida pelo poeta Nicolás Guillén e na qual participaram do conselho editorial Marinello, Buchaca, Angel Aurgier, Mirta Aguirre, José Antonio Portuondo e Carlos Rafael Rodríguez. Os dois últimos, ao lado de Salvador García Agüero, também editaram o semanário *Resumén*.²⁴² Rodríguez ainda foi o responsável pela edição da revista teórica *El comunista*,²⁴³ dirigida, além dele, por

²³⁸ *Bandera*, como era chamado o jornal, saiu de 1933 até 1937.

²³⁹ Jornal voltado para as reivindicações e orientações para soldados, marinheiros e policiais.

²⁴⁰ De acordo com Carlos Rafael Rodríguez, *La Palabra* surgiu em 1934 sob a direção de Marinello e foi fechada no contexto da greve de março de 1935. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 2. La Habana: Ediciones Unión, 1983, p. 558.

²⁴¹ *Mediodía* possuía aproximadamente 15 páginas de assuntos culturais e sociais (textos sobre educação, música, teoria literária). Foi coeditada por Marinello, Carlos Rafael Rodríguez, Nicolás Guillén, José Antonio Portuondo, dentre outros.

²⁴² Surgiu em 1935 e teve Andrés Núñez Olano como diretor e Carlos Rafael como subdiretor. De acordo com Rodríguez, o jornal saiu apenas umas cinco ou seis vezes e logo foi fechado. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael, op. cit., p. 558. Os jornais publicados nos anos 30 tiveram, em geral, curta existência, o que foi motivado pela constante perseguição política de Machado, primeiro, e de Batista, depois.

²⁴³ A revista publicou textos de análise de conjuntura e divulgação de obras marxistas escritas por cubanos e por intelectuais estrangeiros comunistas e foi publicada entre os anos de 1939 e 1940.

Blas Roca, Aníbal Escalante e Fabio Grobart. Na mesma época, Edith García e Carlos Rafael Rodríguez formaram o grupo cultural *Ariel*,²⁴⁴ com o objetivo de debater problemas políticos e literários.²⁴⁵

Em 1938, o PUR criou o jornal *Noticias de Hoy*, dirigido por Aníbal Escalante e, em sua redação mais vínculos foram criados, uma vez que muitos membros da direção partidária publicavam semanalmente no periódico. Em abril de 1941, o PURC lançou a revista mensal *Fundamentos*,²⁴⁶ à qual textos autorais dos intelectuais comunistas cubanos mais reconhecidos e de personalidades do movimento comunista internacional foram veiculados. Blas Roca era o diretor geral da revista e o comitê editorial dela era composto por Juan Marinello, Aníbal Escalante, Severo Aguirre, Edith García Buchaca, Ladislao Gonzalez Carbajal, Carlos Rafael Rodríguez, Jacinto Torras e Jorge Castellanos.²⁴⁷ Em 1942, o Partido criou o grupo “Teatro Popular” dirigido por Francisco (Paco) Alfonso, no ano seguinte fundou a rádio *Mil Diez* sob a direção de Ibrahim Urbino e criou a editora *Páginas*.²⁴⁸ Além disso, em 1938, o Partido também fundou a *Sono Film*, uma produtora cinematográfica dirigida por Nicolás Guillen, Mirta Aguirre e Alejo Carpentier. Na mesma época, o PSP também mantinha os cine-debates, um projeto de discussão de filmes, no qual seus gestores faziam propaganda ideológica.²⁴⁹ Os comunistas tinham ainda o *Club Mella*, um centro de recreação cultural e esportivo que, após 1944, funcionou como Escola Nacional de Quadros do Partido.²⁵⁰

O esforço de publicação desses materiais, bem como o trabalho intelectual e os debates na redação dos jornais e revistas originaram, em nossa compreensão, aquilo que Sirinelli

²⁴⁴ Grupo cultural formado em Cienfuegos e que levava o nome do ensaio escrito pelo uruguaio José Enrique Rodó.

²⁴⁵ Edith García Buchaca e Carlos Rafael Rodríguez foram casados, mas divorciaram-se após a descoberta do caso amoroso que García mantinha com Joaquín Ordoqui. Este havia sido professor de Carlos Rafael na universidade. Na década de 1950, Edith García e Ordoqui se casaram.

²⁴⁶ A revista foi publicada até 1959, porém com interrupções na periodicidade na época da ditadura de Batista.

²⁴⁷ Para se ter uma ideia da predominância da direção do PSP nas publicações de *Fundamentos*, entre os anos de 1941 e 1952 foram lançadas 129 edições da revista, para as quais Blas Roca contribuiu com 83 artigos, Edith García Buchaca, com 14, Lázaro Peña, 13, Fabio Grobart, 15, Severo Aguirre, 17, Juan Marinello, 24, Carlos Rafael Rodríguez, 37, Aníbal Escalante, 46, Jorge Castellanos, 12, e Jacinto Torras, 20.

²⁴⁸ A editora foi fundada por Marinello e Ángel Augier Proenza, em 1938. Nela, foram publicados livros de cultura nacional e estrangeira, literatura, arte, poesia e obras clássicas do marxismo. Ver: AUGIER PROENZA, Ángel. Un intelectual orgánico de la clase obrera. In: BATLLE REYES, Lucilo (comp.). Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 37. Em quase dez anos de atividades, a editora publicou cerca de 200 livros, 300 folhetos, com tiragens de até 100 mil exemplares. Ver: GONZALEZ CARBAJAL, Ladislao. Sin libros no hay conciencia, no hay comunismo. *Revista Cuba Socialista*, marzo de 1964, año IV, nº 31, p. 48.

²⁴⁹ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba. Revolution, redemption, and resistance, 1959-1971*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2012, p. 80.

²⁵⁰ CANTÓN NAVARRO, José. Blas en la memoria. In: BATLLE REYES, Lucilo (comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 57.

chamou de “estruturas elementares de sociabilidade”.²⁵¹ Essas estruturas se formam a partir de grupos de intelectuais organizados “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. Tais sociabilidades, delimitadas de antemão pela orientação ideológica e pelo pertencimento ao Partido, se materializaram, por exemplo, na publicação das revistas e jornais que criaram vínculos permanentes entre os membros da organização.

Outro efeito dessas sociabilidades foi o predomínio da “geração de 30” na direção dos principais meios de comunicação do Partido, originando o que Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto chamaram de “grupos produtores”, os quais se caracterizam como uma “força social que orienta e propõe o projeto político do periódico”.²⁵² Quer dizer, eles se converteram nos responsáveis pela definição da linha editorial dos meios de comunicação, tornaram-se o “capital letrado”, os “trabalhadores intelectuais” do Partido,²⁵³ convertendo-se em figuras hegemônicas dentro da organização.

Além das experiências intrapartidárias, os comunistas da “geração de 30” ainda compartilharam o exílio e a prisão. Roca e Grobart se conheceram no cárcere em 1930. Foi ali, na prisão do *Castillo del Príncipe*, que Blas Roca aprofundou seus estudos sobre teoria marxista através dos debates ocorridos no Círculo Clandestino de Estudo.²⁵⁴ Marinello, César Escalante, César Vilar, Lázaro Peña e Carlos Rafael Rodríguez são outros militantes que compõem a lista dos presos políticos daquela década. Muitos deles, após um período de cárcere, optaram por sair do país. Esse foi o caso de Fabio Grobart, que viveu na Alemanha e na URSS entre os anos 1932 e 1933, Marinello, que se exilou primeiro em 1933 e, depois, entre 1935 e 1937, Joaquín Ordoqui, que depois de diversas ameaças de morte, migrou em 1934, César Vilar, que foi deportado para os Estados Unidos assim que saiu da prisão em Cuba em 1936 e Nicolás Guillén, que após ser detido em razão de suas atividades na revista *Mediodía*, emigrou para o México.

Os codinomes que todos eles possuíram não os livraram da prisão, mas ajudaram muitos a sair ilegalmente da Ilha e a transitar pelos países do campo socialista.²⁵⁵ Aníbal Escalante,

²⁵¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha – 2ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 248.

²⁵² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n° 35, dez. 2007, p. 263.

²⁵³ As expressões destacadas são de Ricardo Melgar Bao e significam a elite intelectual responsável por administrar e fornecer a mão de obra intelectual dos PC's. Ver: MELGAR BAO, Ricardo. Cominternismo intelectual: representaciones, redes e prácticas político-culturales en América Central, 1921-1933. *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 9, 2009, p. 136.

²⁵⁴ SERA FERNÁNDEZ, Aida Mercedes; REYES AREVICH, Amada. Blas Roca y las luchas obreras en Manzanillo (1925-1933), p. 142.

²⁵⁵ A adoção de um codinome foi uma ação muito comum para os comunistas de vários partidos. Jorge Ferreira, inclusive, aponta que escolher um “nome de guerra” fazia parte dos rituais de passagem que compreendiam a

Blas Roca, Sergio Aguirre, César Vilar e Joaquín Ordoqui visitaram a União Soviética e lá participaram de congressos e de cursos. A “peregrinação à Moscou”, como destacou Furet, foi um escape aos regimes ditatoriais, mas também se converteu em uma oportunidade para os comunistas nos anos de 1930.²⁵⁶ César Escalante, Fabio Grobart e Ramon Nicolau Gonzalez estudaram na Escola Lenin Internacional (ELI) naquela época. De acordo com David Priestland, a ELI, surgida em 1926 e fechada em 1938, foi uma escola de formação de quadros criada por Moscou para exercer a influência soviética no Movimento Comunista Internacional.²⁵⁷

Na instituição, os militantes estudavam a teoria marxista, a história do movimento trabalhista, táticas políticas e de organização de greves e insurreições. Os historiadores Serge Wolikow e Brigitte Studel convergiram ao apontar que a finalidade de tais escolas era educar os militantes estrangeiros para que esses aceitassem a direção intelectual e moral do PCUS de forma consensual por meio da aprendizagem e interiorização de uma hierarquia de valores.²⁵⁸ Acreditamos que esse aprendizado, pelo qual alguns comunistas cubanos passaram, influenciou a fidelidade e os laços dos militantes cubanos com a URSS. Victor Jefes e Lazar Jefes escreveram que os militantes do PCC foram aqueles que estiveram em maior número nas escolas soviéticas, foram 22 militantes no total, seguido por 20 mexicanos e 18 brasileiros. Além disso, o único latino-americano que ingressou na Academia Militar “M.V. Frunze”, para receber treinamento militar, foi o cubano Ramón Nicolau González, membro da direção do PCC.²⁵⁹

Outros militantes que estavam fora de Cuba atuaram nos órgãos da Terceira Internacional, como Ordoqui, que trabalhou na seção da *Internacional Sindical Roja* (ISR ou Profintern), em 1931, em Moscou, e César Vilar, Grobart e Aníbal Escalante, que foram representantes do PCC no CEIC. Estas relações com os órgãos da IC mostram a importância que o PCC tinha dentro do movimento comunista, uma vez que seus membros desempenharam funções importantes nas instâncias administrativas do Comintern e circularam entre os militantes de diversos PC's da região. Sobre esta questão, Víctor e Lazar Jefets comentam a respeito da Escola Lenin Internacional:

formação militante e intelectual dos comunistas. Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 69.

²⁵⁶ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 343.

²⁵⁷ PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*, p. 161.

²⁵⁸ WOLIKOW, Serge. *Internationalistes et internationalismes communistes*. In: DREYFUS, Michel. *et. al. Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 525. STUDER, Brigitte. *Penser le sujet stalinien*. In: PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard (dir.). *Le sujet communiste. Identités militantes et laboratoires du « moi »*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2014, p. 35-57.

²⁵⁹ JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943*.

Observando os contingentes de alunos por países latino-americanos, se nota que a distribuição dos mesmos por países correspondeu, mais ou menos, ao status de um ou outro partido comunista e a força ou debilidade da esquerda nacional. A frente se encontrava o grupo cubano (24 estudantes no total), porém não fica claro se efetivamente foram a Moscou outros cinco recomendados para os estudos.²⁶⁰

Outro indicativo da importância que Partido tinha foi dado por Ricardo Melgar Bao quando ele escreveu que a revista *Dialéctica*, editada em Havana pelo PCC junto com a IC, teve a tarefa de centralizar ideologicamente o movimento comunista na América Latina ao difundir a perspectiva teórica da organização. Em decorrência disso, a revista se tornou um canal importantíssimo de divulgação das ideias cominternistas, as quais passavam pelas mãos dos comunistas cubanos antes de serem veiculadas por todo o continente.²⁶¹

Outras experiências importantes foram vivenciadas em atividades não ligadas diretamente ao Partido. A seção cubana da *Liga Antiimperialista de las Américas* (LADLA),²⁶² por exemplo, foi uma organização na qual Marinello e Aníbal Escalante atuaram, o primeiro como presidente da seção cubana da Liga e fundador da revista *Masas*,²⁶³ e o segundo, membro do Comitê Executivo (CE) da LADLA. Nos meios sindicais, os militantes do partido também estiveram presentes. Joaquín Ordoqui foi membro do CE do CNOC e secretário geral da *Federación Obrera de La Habana* em 1933, Lázaro Peña foi secretário geral da CNOC (1935) e da CTC entre 1939 e 1947, e Jesus Menéndez foi o criador do *Sindicato Nacional de Obreros de la Industria Azucarera* (SNOIA) e da revista *Azúcar* (1942). A atuação extrapartidária serviu para difundir os ideais comunistas para além da organização e auxiliou na criação de laços de solidariedade com grupos, especialmente com os trabalhadores, que não se vinculavam diretamente com o Partido. Essa atuação será importantíssima, por exemplo, para angariar votos nos pleitos nacionais e sindicais.

Ao longo da década de 1940, os militantes que disputaram as eleições também foram escolhidos dentro da direção partidária. Na Assembleia Constituinte de 1940, por exemplo, o PURC foi representando por Blas Roca, Juan Marinello, Salvador García Agüero, Romárico Cordero, César Vilar Aguilar e Esperanza Sánchez Mastrapa. Ao longo daquele decênio, os comunistas eleitos para o Senado e para Câmara dos Representantes (legislativo federal)

²⁶⁰ JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. La comintern y la formación de militantes comunistas latinoamericanos, p. 151.

²⁶¹ MELGAR BAO, Ricardo. La hemerografía cominternista y América Latina, 1919-1935. Señas, giros y presencias. *Revista Izquierdas*, nº 9, abril de 2011, p. 132.

²⁶² Em 1927, a IC organizou o Congresso contra a Opressão Colonial e o Imperialismo, em Bruxelas. Como apontou Patricia Funes, o objetivo do encontro era estimular a criação das ligas anti-imperialistas na região. Ver: FUNES, Patricia. *Historia mínima de las ideas políticas en América Latina*, p. 139.

²⁶³ *Masas* foi a revista da *Liga Antiimperialista de las Américas* (LADLA).

provieram também da elite partidária, pois eram eles, quase sempre, os indicados pelo Partido para concorrer nos pleitos.

Em 1952, durante a VII Assembleia do Partido Socialista Popular, novos membros foram designados para ocupar a direção do Partido. A mesa executiva nacional ficou composta por Blas Roca, ainda no cargo de secretário geral, Juan Marinello, presidente do PSP, Joaquín Ordoqui, César Vilar, Aníbal Escalante, Lázaro Peña, Manuel Luzardo, Salvador García Agüero e Segundo Quincosa. Outros membros eleitos em 1938 também se mantiveram na direção partidária, dentre eles: Edith García Buchaca, Carlos Rafael Rodríguez, César Escalante, Ramón Nicolau González, Nicolás Guillén, Justo Tamayo, Israel Tomás Santana, Ursino Rojas Santiesteban, Leonides Calderío, Félix Lozano Roqueta, Flavio Bravo Pardo, Nila Ortega Casimiro, Faustino Calcines Gordille, José Luis Pérez Hernández, María Nuñez Fernández, Osvaldo Sánchez, María Arguelles, Gaspar Jorge García Galló, Magdalena Serra, Silvio Quintana e Juan Taquechel. Apesar da ascensão à direção partidária de alguns nomes ao longo da Segunda República, os membros eleitos na assembleia são, majoritariamente, da “geração de 30” e correspondem àqueles que haviam sido eleitos em 1938.

É perceptível que a direção do PCC, depois PURC e PSP, possuiu experiências comuns compartilhadas que foram determinantes na configuração do comportamento político partidário, porque geraram concepções ideológicas comuns que influenciaram a configuração de uma cultura política comunista criada, difundida e inculcada pelo Partido. Além da vivência cotidiana (edição dos impressos partidários, prisão, exílio), a “geração de 30” era composta por homens e mulheres ligados à Internacional, formados, teórica e intelectualmente, sob os princípios do stalinismo. Foram eles que se empenharam para transformar o PCC numa organização baseada no modelo do partido bolchevique, isto é, em uma agrupação que foi “simultaneamente uma oligarquia de cientistas e de organizadores, uma reunião de homens que mudam o mundo por sua vontade, ao mesmo tempo que obedecem às leis da História”.²⁶⁴

Rodrigo Patto Sá Motta ressaltou que, ao estudar a cultura política, é importante abordar elementos que estão “razoavelmente arraigados, estruturados” e que “estabelecem tradições que são produzidas por várias gerações”.²⁶⁵ Com base nessa ideia, o que notamos é que a “geração de 30” foi a responsável por formar e consolidar os principais aspectos da cultura política

²⁶⁴ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 176. Na teoria marxista, as “leis gerais da história” se relacionam com o papel da infraestrutura, isto é, dos fatores econômicos e das forças materiais, na determinação das realizações políticas, sociais e culturais humanas.

²⁶⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. *Anais do X Encontro Regional da ANPUH/MG*. Mariana, 1996, p. 86.

comunista insular, os quais se perpetuaram através dela, porque estavam arraigados, entre as décadas de 1940 e 1960.

Gostaríamos, por fim, de destacar outro aspecto da vida partidária. A maior parte dos filiados ao PCC/PURC/PSP, assim como de seus dirigentes, se concentrava na Província de Havana. Após o processo de filiação de 1947, por exemplo, o número de filiados na citada província era de 64.088 e, no município de Havana, era de 40.531 de um total de 157.518 filiados. As demais províncias contavam com os seguintes números: 3.210 em Pinar del Rio; 7.162 em Matanzas, 31.934 em Las Villas, 11.963 em Camagüey e 39.053 em Oriente.²⁶⁶ A partir desses dados, notamos que o Partido não possuía capilaridade na maioria das províncias cubanas. Um dos efeitos dessa deficiência foi a realização de acordos eleitorais, nos anos de 1940, com partidos cujas orientações ideológicas eram bem distantes daquelas propugnadas pelo PSP, uma que vez que os comunistas não tinham representação e o apoio suficiente para vencer os pleitos em várias regiões.

1.2. A atuação dos comunistas na Segunda República Cubana

1.2.1. As eleições e coalizões do PURC/PSP

A conjuntura política dos anos de 1940 foi marcada por grande agitação dos partidos, sindicatos e do movimento estudantil por causa da reorganização institucional e da convocação de uma Assembleia Constituinte em 1940. Naquela conjuntura, surgiram, oriundos dos antigos partidos Liberal e Conservador, a *Unión Nacionalista*, *Acción Republicana*, o *Conjunto Nacional Democrático*, os partidos *Demócrata Republicano* e *Liberal* (que ressurgiu em 1935). Outros grupos, não vinculados diretamente com as elites liberal e conservadora, apareceram nos anos de 1920 e 1930, como o ABC, o PCC, os partidos *Agrario Nacional*, *Aprista Cubano*, *Revolucionário Cubano* (Autêntico), a organização *Joven Cuba*, a *Izquierda Revolucionaria* e a *Organización Revolucionaria Cubana Antiimperialista*. Já nos anos 1940, foram criados os partidos *Nacional Cubano*, *Cubanidad*, *Acción Unitária* e *Pueblo Cubano* (Ortodoxos). Alguns tiveram curta existência, enquanto outros atuaram até a Revolução de 1959.²⁶⁷

²⁶⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las afiliaciones del PSP que han sido reportadas hasta hoy. *Noticias de Hoy*, año X, n° 249, martes, 21 de octubre de 1947, p. 4.

²⁶⁷ Até o final dos anos de 1940, seis grandes partidos hegemonzaram as disputas eleitorais. São eles: o Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), Partido Republicano, Partido Liberal, Partido Democrata, Partido do Povo Cubano (Ortodoxo) e Partido Socialista Popular. Alguns partidos desapareceram, ou se incorporaram a outros ou tiveram pouca expressão em número de filiados e votos.

Nesse contexto, os comunistas realizaram acordos com partidos de diversas orientações ideológicas. Para as eleições presidenciais de 1940, o PURC integrou a Coalizão Socialista Democrática (CSD, composta pelo Partido Democrático Republicano, Conjunto Nacional Democrático, Partido Nacional Radical e algumas outras pequenas agremiações locais, e lançou o general Fulgencio Batista como candidato. No pleito, a CSD saiu vitoriosa e o PURC ainda elegeu nove representantes,²⁶⁸ que atuariam no poder legislativo nacional.

A aliança com Batista foi firmada, segundo o historiador Jorge Ibarra Cuesta, pelo interesse da Internacional de que os partidos comunistas expandissem o controle dos sindicatos e alcançassem demandas políticas trabalhistas.²⁶⁹ Nesse momento, o movimento comunista internacional considerava a possibilidade de alcançar o socialismo por vias diferentes daquela seguida pelos russos. Compartilhando dessa perspectiva cominternista, o PURC viu na CSD a “oportunidade de incluir e incorporar na plataforma de governo um conjunto de demandas próprias que defenderiam adiante. Seu cumprimento contribuiria para abrir um canal necessário para a conquista da verdadeira independência”.²⁷⁰ A unidade nacional era a questão predominante do discurso político comunista daquele momento.

Lembramos que estes acordos foram firmados e reiterados em um momento em que estabilidade política e econômica mundial estava profundamente abalada por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A situação dos PC's, ainda que no plano das ideias estivesse, quase sempre, subordinada à URSS, variou bastante em decorrência do posicionamento de seus países em relação ao conflito. Se no começo da Guerra, os PC's defenderam a neutralidade de seus países por causa, principalmente, do Pacto entre Ribbertrop e Molotov,²⁷¹ após agosto de 1941, com o ataque alemão à URSS, os comunistas passaram a defender os esforços em prol dos aliados. Na II Assembleia do PURC, realizada em setembro de 1941, os cubanos reafirmaram a bandeira da unidade nacional, que deveria ser fortalecida ainda mais, pois naquele momento Cuba deveria ajudar as potências aliadas:

²⁶⁸ Segundo os dados de Angelina Rojas Blaquier, a CSD obteve 805 mil votos contra 573 mil da chapa concorrente, que levava Grau San Martín como candidato e era composta pelos partidos *ABC, Revolucionario Cubano, Aprista Cubano e Agrario Nacional*. Dentre os representantes eleitos pelo PURC estão: Salvador García Agüero, Blas Roca, Lázaro Peña, José Maria Pérez (por Havana), Joaquín Ordoqui e Jesús Menéndez (por Las Villas), Romárico Cordero, Alberto Plochot e José A. Gómez del Sol (por Oriente). A autora destacou que o PURC elegeu também três prefeitos e 82 conselheiros (representantes do poder legislativo municipal). Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 56.

²⁶⁹ IBARRA CUESTA, Jorge. Actitudes en torno a la cuestión nacional en la convención constituyente de 1940: conservadores, comunistas y reformistas. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*, octubre-noviembre-diciembre, 2009, p. 12.

²⁷⁰ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 59.

²⁷¹ O pacto Ribbertrop-Molotov, como ficou conhecido, foi assinado em 1939 e as partes, a Alemanha e a União Soviética, acordaram a neutralidade, a não agressão e a definição de áreas de influência das duas potências envolvidas.

[...] queremos realizar a unidade nacional que é hoje também a integração do grande dever internacional de combater o fascismo desde Cuba. Por isso, amigos meus, para esta hora transcendental a que já nos enfrentamos, quis nosso Partido, responsável da grande tarefa, preparar as armas convenientes. Quando se vai a combates decisivos, deve-se cuidar das armas de que vamos nos servir [...].²⁷²

Em dezembro de 1941, após o ataque a Pearl Harbor, Batista declarou guerra ao Eixo e restabeleceu as relações de Cuba com a União Soviética em outubro de 1942.²⁷³ Naquele cenário, os comunistas, além dos apelos unitários, ainda pressionaram, e conseguiram, aprovar leis para enviar açúcar, tabaco e couro à URSS, e criaram Comitês de Ajuda para recolher mantimentos para os soviéticos. Dando mostras da crença na unidade política, bem como no uso da estrutura legal da República cubana, Juan Marinello, primeiro, e, depois, Carlos Rafael Rodríguez foram ministros sem pasta de Fulgencio Batista no ano de 1943.²⁷⁴

A aliança entre os comunistas e Batista foi usada, posteriormente, por grupos, majoritariamente das direitas cubanas, que representavam o general como um líder autoritário que havia impedido o desenvolvimento da Revolução de 1933. Esses mesmos grupos faziam questão de associar Batista aos comunistas. Por causa disso, o Partido justificou, em diversos momentos, seu acordo, reafirmando sua justificativa de que Fulgencio Batista, no final dos anos 1930, era uma liderança progressista e não mais um ditador. Não devemos esquecer que o objetivo de um partido político é alcançar o poder e, para isso, os comunistas cubanos negociaram suas pautas e seu apoio político. Em troca, receberam cargos governamentais e conseguiram aprovar medidas que estavam presentes em seu projeto partidário. Além disso, não temos dúvida de que a postura do general de aproximar a Ilha da URSS ajudou a solidificar o apoio que o PURC prestava a ele, ou seja, foi mais um fator de atração entre o governo e os comunistas.

Em 1944, os comunistas trocaram o nome da organização de PURC para Partido Socialista Popular (PSP) na assembleia realizada em janeiro daquele ano. Segundo a interpretação da historiografia cubana, durante a Segunda Grande Guerra, muitas calúnias e

²⁷² PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. Resulto un gran acontecimiento político la clausura de la II asamblea nacional del PURC. *Noticias de Hoy*, N° 222, año IV, Martes, 16 de septiembre de 1941, p. 4.

²⁷³ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 103.

²⁷⁴ Muitos anos depois disso, em 1973, Carlos Rafael Rodríguez, ao ser questionado em uma entrevista sobre a aliança com Batista, alegou: “Em 1940, porém, o senhor Batista fez uma mudança – já analisada historicamente – motivada, a nosso entender, pela mudança internacional trazida pela presença do presidente Roosevelt, a luta geral antifascista, o fracasso evidente da política nazista para a América Latina e o seu desejo de conservar o poder”. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 2, p. 484-485. A historiadora Caridad Massón Sena, apesar de reconhecer os efeitos negativos deste vínculo, apontou que, para o PURC não havia condições para uma revolução naquele momento e, por isso, o Partido aproveitou as condições que a conjuntura política oferecia. Ver: MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas y la constituyente del 40. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*. Número 5, 2009, p. 14.

mentiras relacionadas à União Soviética foram propagadas e isso refletia negativamente na trajetória dos PC's. Esse argumento nos parece equivocado, pois os comunistas cubanos reafirmaram constantemente seus laços políticos e sua admiração pela URSS em seus meios da imprensa, como veremos mais à frente. Ademais, alguns pesquisadores alegam que a mudança foi uma tentativa dos comunistas de se desvincularem da figura de Batista.²⁷⁵ Entretanto, o Partido, em frequentes matérias no jornal *Noticias de Hoy*, demonstrou a admiração e a satisfação por ter participado na presidência do general. Além disso, o PSP fez parte novamente da Coalizão Socialista Democrática nas eleições de junho daquele ano. Esses dois exemplos demonstram que não havia um esforço por parte dos comunistas em se dissociar de Batista.

As causas para a mudança do nome nos parecem outras e se relacionam a fatores externos e internos. O movimento comunista internacional mudou muito nessa época em decorrência da aliança com os países capitalistas no contexto da Segunda Guerra Mundial. Um exemplo destas mudanças foi a dissolução da Terceira Internacional, em 1943. Paolo Spriano destacou duas interpretações sobre as razões da dissolução da Terceira Internacional. Uma delas diz que o fim da IC se relacionou à garantia dada por Stálin aos aliados de que não queria intervir na vida interna dos outros países. A segunda se vincula a razões internas do bloco soviético. Spriano apontou que o Comintern tornou-se anacrônica em um momento em que os PC's tiveram que se aliar aos demais grupos e precisavam de mais autonomia para se moverem no tabuleiro político.²⁷⁶ Paula Ortiz Gilian agrega às razões citadas por Spriano o fato de que Stálin pretendia facilitar as negociações com Roosevelt e Churchill, e a Internacional, com o fomento que dava à tomada de poder, era um entrave aos acordos.²⁷⁷ Acreditamos que o fim do Comintern trouxe maior autonomia aos PC's e foi então que os cubanos decidiram mudar o nome do Partido.

Ademais, o clima político internacional se transformou quando os aliados empreenderam um esforço final para derrotar o nazismo. Em Teerã (Irã), no ano de 1943, Stalin, Churchill e Roosevelt se reuniram para acordar as ações que deveriam finalizar a guerra, definindo, na ocasião, por exemplo, o desembarque de tropas na Normandia e os tratados de fronteira após a derrocada dos inimigos do eixo. O “espírito de Teerã”, fruto dos acordos entre

²⁷⁵ INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA. *Historia del movimiento obrero cubano*. La Habana: Editora Política, 1987, p. 139. Este argumento também foi defendido por: BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 125.

²⁷⁶ SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947, p. 168.

²⁷⁷ ORTIZ GUILIÁN, Paula. El browderismo y su influencia en el primer Partido Comunista de Cuba. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 246.

a Rússia, os Estados Unidos e a Inglaterra, converteu-se em uma crença de que a aliança entre aqueles países garantiria as bases de uma colaboração mútua para que quando a guerra chegasse ao fim, a coexistência entre os blocos capitalista e socialista fosse possível. Esse clima político também influenciou os comunistas cubanos.

Corroboramos Rojas Blaquier para quem a eliminação da palavra “comunista” da sigla do PURC “abriu uma brecha para a ampliação da base social do Partido” e a possibilitou ao PSP aumentar a participação no aparato estatal, porque ele conseguiu atrair militantes de outras tendências (os socialistas, por exemplo).²⁷⁸ Na época, Blas Roca justificou as mudanças vividas pela agremiação e, segundo ele, uma nova sigla anunciaria novos projetos desvinculados da ação política comunista da década precedente. De acordo com ele:

A palavra comunista se tornou já uma história, um programa, uma decisão, uma forma particular de atuar. Nós trocamos nossos métodos organizativos, trocamos nossa linguagem, colocamos o problema de que agora é a libertação nacional e a unidade nacional. Trocamos nossa política em relação às massas. Porém, às massas mais atrasadas esta mudança objetiva não lhes chega tanto como lhes chega a velha história do partido comunista, o que temos feito em 19 anos de existência da palavra comunista em nosso país.²⁷⁹

Nessa passagem, Roca apontou para a adoção da unidade nacional e o abandono da perspectiva da revolução imediata em detrimento das etapas de libertação, tal como havia sido colocado pela Internacional nos anos 1930. A troca do nome do Partido era, então, uma maneira também de mostrar a mudança na perspectiva teórica do movimento comunista no que tange às táticas e estratégias para a realização da revolução. Para o Partido, a adoção do termo “socialismo” seria responsável por indicar as citadas transformações, que incluíam a opção pelas frentes, pelo etapismo e pela unidade nacional.

Essas concepções levaram o PSP a participar novamente da Coalizão Socialista Democrática que lançou Carlos Saladrigas Zayas (Partido ABC) como candidato à presidência nas eleições de junho de 1944. Os comunistas justificaram a adesão à CSD dizendo: “[...] a Coalizão Socialista Democrática baseia sua política no princípio da unidade nacional e que se orienta no espírito de Teerã e da colaboração de Cuba no empenho de ganhar a vitória sobre o fascismo”.²⁸⁰ Essa passagem comprova que, mesmo com o fim da IC, os comunistas cubanos continuaram subordinados às diretrizes soviéticas na medida em que se orientavam a partir de pressupostos oriundos da URSS, que foram, nesse momento, a formação de alianças com grupos não comunistas (frentes únicas) e o combate ao fascismo.

²⁷⁸ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 117.

²⁷⁹ ROCA, Blas. El cambio del nombre. *Revista Fundamentos*. Febrero de 1944, año IV, n° 30, p. 94.

²⁸⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: Ante las elecciones. *Revista Fundamentos*, Mayo de 1944, año IV, n° 33, p. 3.

Seria essa apenas uma subordinação ideológica ou os comunistas estariam se beneficiando de tais concepções de algum modo? Notamos que a busca pela unidade e pela conciliação e a defesa da coexistência pacífica, somadas às progressivas vitórias da URSS na Segunda Guerra, trouxeram bons frutos ao Partido. O número de filiados havia subido de 23 mil para 122 mil membros em 1944.²⁸¹ No pleito desse ano, apesar da derrota da CSD para o opositor Ramón Grau San Martín, do Partido Revolucionário Cubano (Autêntico), os comunistas ampliaram a sua representação partidária. Elegeram três senadores (César Vilar, Salvador García Agüero e Juan Marinello) e 147 conselheiros (vereadores).²⁸² A situação política era, nesse momento, favorável aos socialistas populares quando comparamos com as décadas de 1930 e 1950.

Percebendo o favorecimento do clima político, os comunistas decidiram apoiar a gestão do presidente Grau San Martín e se mobilizaram para tornar o PSP uma organização de massas. Para isso, duas medidas foram debatidas na II Assembleia Nacional do Partido Socialista Popular, que aconteceu em setembro de 1944. Para ampliar as bases da organização, o Partido decidiu flexibilizar a participação de seus membros e eliminou a distinção entre militantes e filiados.²⁸³ Também ficou acertado na Assembleia que o requisito para ser um militante era somente a aceitação do programa e dos estatutos, dispensando a obrigatoriedade da contribuição financeira e da participação nos grupos de estudos e reuniões. Eliminaram também as células, estimularam a constituição dos comitês de bairro e de fábrica, e as reuniões passaram a ocorrer a cada três meses, em locais adequados e com programas “atrativos”.²⁸⁴ O objetivo partidário era alcançar 400 mil filiados até 1948.

O apoio ao novo presidente não foi um consenso dentro do Partido. Na Assembleia, alguns membros do PSP, como Ladislao González Carbajal, alegaram que Grau San Martín não

²⁸¹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 136.

²⁸² Nas eleições anteriores, o PURC havia conseguido 83 conselheiros.

²⁸³ A divisão entre os “camaradas” e os “outros”, entre os que eram filiados e os simpatizantes, era uma característica dos partidos estalinistas. Ver: PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. *Du Parti Bolchevik au Parti stalinien*. In: DREYFUS, Michel *et. al.* *Le Siècle des communismes*. Éditions de l’Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 507. Como veremos, a proposta de flexibilizar a organização dos militantes socialistas populares não durou muito, pois o PSP endureceu o controle e a hierarquia interna, a partir de 1948, o que mostra, uma vez mais, o traço da ortodoxia dos comunistas cubanos.

²⁸⁴ De acordo com os documentos da Assembleia, as células serviram quando o PURC era um partido de quadros, com militantes formados intelectualmente e que assistiam, obrigatoriamente, às reuniões partidárias. Com o crescimento das fileiras, o PURC tornou-se um partido de massas e essa característica condizia melhor com os comitês. Para os comunistas cubanos, o partido de quadros significava partidos pequenos com alta especialização teórica de seus membros e os partidos de massas eram as agrupações com muitos militantes, que consequentemente ainda requeriam grandes trabalhos para a formação intelectual dos filiados. Essa modificação representa uma flexibilização quanto à participação nas fileiras partidárias.

havia mudado de posição e que continuava atacando os comunistas e a ideologia partidária.²⁸⁵ Mas Blas Roca não acreditava que existia um plano para neutralizar o PSP e achava que o novo presidente queria a colaboração dos comunistas. No fim dos debates, a opinião do secretário geral prevaleceu. A direção do PSP acordou que defenderia as ações e leis progressistas da nova gestão. No comunicado de Blas Roca, ele colocou, como condição de apoio dos socialistas populares, a defesa de plataformas que beneficiassem os trabalhadores e a população mais pobre:

Estamos firmemente resolvidos a apoiar todo propósito progressista e de beneficio nacional... se o doutor Grau se propõe moralizar a administração pública; se propõe leis honestas, como anuncia, para fabricar casas-escolas, para melhorar a situação do camponês, para promover o desenvolvimento do país, anunciamos desde agora que os nossos congressistas votarão essas leis e apoiarão essas medidas... se o doutor Grau mantém a política de colaboração com as Nações Unidas para ganhar a Guerra e assegurar a paz, nós declaramos francamente que respaldaremos essa atitude porque ela beneficia a Cuba, promove a liberdade e serve a causa do mundo melhor que desejamos livre de hitlerismo e de fascismo.²⁸⁶

No documento acima, destaca-se o apoio a Ramon Grau San Martín condicionado também a uma política de coexistência pacífica. Segundo Portillo, o PSP decidiu apoiar o presidente eleito em busca da unidade nacional nos esforços contra as potências nazifascistas e porque objetivava “fortalecer o estado nacional para que estivesse em capacidade de tomar as medidas econômicas e políticas que assegurariam a marcha para a plena liberação nacional”.²⁸⁷ Também é interessante a fala de Manuel Luzardo no evento quando ele prevê a longa duração da coexistência pacífica:

Consideramos que a política de unidade nacional não é uma política transitória que desaparecerá logo que termine a emergência da guerra, mas que é uma política de longo alcance, que se prolongará por muito tempo, tanto mais quanto mais firme seja a orientação do mundo pela perspectiva de Teerã.²⁸⁸

Como apontamos, havia a percepção de que os acordos de Teerã garantiriam a paz e a coexistência pacífica entre o capitalismo e o comunismo. Na concepção dos socialistas populares, o período de coexistência deveria contribuir para o desenvolvimento econômico de Cuba, o que provocaria o fim da dependência em relação aos Estados Unidos e, conseqüentemente, criaria condições para a libertação política da Ilha. O cumprimento dessas

²⁸⁵ KINDELÁN PORTILLO, Eloida Diana. Política de alianzas del primer Partido Comunista de Cuba en la década de 1940, p. 142.

²⁸⁶ ROCA, Blas. “Reiteramos nuestro propósito de apoyar cualquier de progreso”, Blas Roca. *Noticias de Hoy*, N° 220, año VII, Jueves, 14 de septiembre de 1944, p. 8.

²⁸⁷ KINDELÁN PORTILLO, Eloida Diana, op. cit., p. 140.

²⁸⁸ LUZARDO, Manuel. El programa socialista. In: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Los socialistas y la realidad cubana*. II Asamblea Nacional del PSP. La Habana: Ediciones del PSP, 1944, p. 156.

condições condizia com a primeira etapa do processo revolucionário. Essa perspectiva foi incorporada tanto pelo PSP quanto pelo Partido Comunista dos Estados Unidos (PCEU), dirigido, na época, por Earl Browder. A essa interpretação, deu-se o nome de browderismo.²⁸⁹

Earl Browder acreditava que o capitalismo havia mudado sua essência e, por isso, os comunistas não deviam mais atacar os monopólios, nem formular programas que pudessem prejudicar os interesses dos capitalistas. Browder denominava como “esquerdismo perigoso” todas as demandas em que os trabalhadores pudessem limitar os monopólios ou a grande burguesia. Com base nessa percepção, ele defendeu o fim da propaganda e da luta pela implantação do socialismo e não acreditava que havia condições para a tomada do poder por parte dos trabalhadores.²⁹⁰ Ele achava também que Roosevelt e Churchill queriam acabar com todas as formas de exploração e impulsionariam os regimes democráticos após o fim da guerra.²⁹¹ Enfim, ele havia incorporado também o “espírito de Teerã”.

Em Cuba, a colaboração de classes, traço forte do browderismo, também marcou o PSP, ainda que por pouco tempo.²⁹² Em 1945, Blas Roca e Lázaro Peña se reuniram com a Associação de Industriais de Cuba e, sobre o encontro, Peña relatou: “encontramos [...] ocasião de expressar alguns pontos nos quais a coincidência de interesses entre operários e patrões são evidentes, uma vez que expressam aspirações do mais amplo interesse nacional”. A atitude da liderança socialista popular comprova aceitação da aliança de classes e o apagamento, ainda que momentâneo, da fisionomia de luta de classe do Partido.²⁹³

Entretanto, a vigência do browderismo foi curta. Em meados de 1945, Jacques Duclós, secretário geral do PCF, criticou as ideias de Earl Browder e condenou o oportunismo do secretário do PCEU em relação à Roosevelt e ao esquecimento da luta de classes.²⁹⁴ Na mesma época, a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim e a crença da coexistência pacífica se mostrou cada vez mais insustentável, principalmente após a explosão das bombas atômicas em agosto daquele ano. Em Cuba, o anticomunismo retomou sua escalada logo após o conflito e o PSP percebeu o equívoco teórico que havia cometido. A retificação da linha partidária foi gradual.

²⁸⁹ ORTIZ GUILIÁN, Paula. El browderismo y su influencia en el primer Partido Comunista de Cuba, p. 245-262.

²⁹⁰ “É minha opinião que o povo americano está tão pouco preparado para qualquer mudança estrutural na direção do socialismo que todo projeto pós-bélico que propusesse este objetivo, longe de unir, dividiria ainda mais a nação, dividindo e enfraquecendo justamente a aliança democrática e progressista, unindo e reforçando as forças mais reacionárias”. Ver: Earl Browder apud SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947, p. 183.

²⁹¹ Earl Browder dissolveu o PCEU, em janeiro de 1944, substituindo-o por uma agrupação de educação e propaganda denominada Associação Política Comunista.

²⁹² O livro de Browder foi publicado em Cuba pela editora *Páginas*, que pertencia ao PSP, em 1944. Ver: BROWDER, Earl. *Teerã, nossa senda na guerra e na paz*. La Habana: Editorial Páginas, 1944.

²⁹³ SPRIANO, Paolo, op. cit., p. 184.

²⁹⁴ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 498.

O PSP abandonou a colaboração de classe, mas manteve a defesa da unidade e do governo de Ramón Grau San Martín.

O novo presidente cubano também tinha razões para se aproximar dos comunistas. Segundo Marifelli Pérez-Stable, Grau San Martín receava o custo político de enfrentar a oposição sindical dirigida do PSP.²⁹⁵ Além disso, os autênticos não haviam conseguido a maioria no Congresso e precisavam do apoio da Confederação dos Trabalhadores Cubanos, dirigida pelos socialistas populares, para governar. Os interesses do novo presidente e dos comunistas confluíam em direção ao apoio mútuo. Segundo a autora, “o PSP tinha que aceitar [a aproximação com San Martín] se queria manter sua influência na política cubana, já que a classe operária era a sua principal base de poder”. Do outro lado, “[...] em 1945, o presidente concedeu à CTC 800 mil pesos para a construção do palácio dos trabalhadores e proibiu a organização de uma segunda central sindical”.²⁹⁶

Essa relação se aprofundou quando, nas eleições parciais de 1946,²⁹⁷ o PSP realizou uma coalizão com o PRC-A. De acordo com Blas Roca, o pacto com os autênticos deveria ser considerado positivo, pois aproximava os comunistas da possibilidade de forjar a unidade das massas, mesmo reconhecendo que o presidente não havia solucionado as principais demandas populares e que o descontentamento da população com o governo, crescia.²⁹⁸ Foi através da coalizão entre o PSP e o PRC-A que Manuel Fernandez Supervielle, filiado a esse partido, foi eleito prefeito de Havana. Essas eleições marcaram o auge da votação que os comunistas receberam ao longo de sua existência. No pleito, o PSP recebeu 195 mil votos, cifra bem superior ao número de filiados, que na época era de 151 mil.²⁹⁹

Apesar da vitória da coalizão Grau-PSP em alguns municípios, de acordo com Marifelli Pérez-Stable, o resultado das eleições de 1946 minaram, a longo prazo, a base da aliança entre eles, pois os autênticos conseguiram a maioria no congresso e um grande número de prefeitos e governadores. Isso proporcionou ao PRC-A a ampliação de seu poder na burocracia estatal.³⁰⁰ Vencer os comunistas nos sindicatos permitiria a eles exercer pleno controle sobre as organizações trabalhistas, assim como apaziguar as preocupações estadunidenses com a influência comunista. E foi esse o empenho político do PRC-A em 1947, ano da ruptura entre os dois partidos.

²⁹⁵ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, p. 90.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 90.

²⁹⁷ As eleições parciais elegiam 50% dos membros da Câmara dos Deputados (representantes), prefeitos e conselheiros (representantes do poder legislativo municipal).

²⁹⁸ ROCA, Blas. Los pactos electorales. *Revista Fundamentos*. Abril e Mayo de 1946, año VI, n° 56 e 57, p. 380.

²⁹⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 157.

³⁰⁰ PÉREZ-STABLE, Marifelli, op. cit. p. 90.

Em maio de 1947, aconteceu o *V Congreso Obrero Nacional*, que deveria eleger uma nova direção para a Confederação dos Trabalhadores Cubanos (CTC). Durante o evento, o líder socialista popular Lázaro Peña³⁰¹ foi escolhido para o cargo de secretário geral da confederação.³⁰² Desconsiderando a legitimidade da eleição de Peña, em Julho, os autênticos realizaram outro congresso e elegeram Angel Cofiños como secretário geral da organização. Em setembro, o ministro do trabalho, Carlos Prío Socarrás, reconheceu Cofiño como representante oficial dos trabalhadores junto ao governo.³⁰³ Com isso, os comunistas perderam o controle oficial da principal central sindical do país e passaram a chamar a CTC-Autêntica de CTK.³⁰⁴ Apesar dos comunistas não estarem mais à frente da organização, eles mantiveram enorme influência entre os trabalhadores e continuaram controlando vários sindicatos.³⁰⁵

Após o ocorrido, o PSP se retirou do bloco parlamentar da Câmara e do Senado e se declarou opositor do governo autêntico. A ruptura com os autênticos impediu a formação de coalizões com o PRC-A para as eleições presidenciais de 1948. As tensões sociais aumentaram naquela conjuntura. Os comunistas convocaram uma paralisação para o dia 15 de outubro de 1947. Após o ato, o Partido denunciou, nas páginas de *Noticias de Hoy*, a prisão de aproximadamente 500 trabalhadores. Ao ministro do trabalho, Carlos Prío Socarrás, e à direção da CTC, foi atribuída a culpa pela truculenta da ação policial. Nas denúncias feitas, o PSP ressaltou o risco daquelas ações para a estabilidade do sistema democrático e denunciou a escalada da repressão dentro do país:

A vergonha e a democracia estão com os trabalhadores e o povo, e a indignidade e a antidemocracia encontram cada vez maior amparo no governo de desilusão e perturbação que padecemos. [...]. Se em nosso país não reina um pleno ambiente de paz e tranquilidade, não é por causa dos trabalhadores – que, feito seu protesto cívico, sem armas, sem desorganizar a produção, sem ânimo político algum, seguem com seus elevados e responsáveis critérios de sempre – mas por culpa desse governo funesto, cujas insídias, provocações, farsas e má fé são evidentes, como evidentes são seus desejos de destruir a constituição e de se perpetuar no poder, não para o bem de Cuba, mas para o aproveitamento de uns quantos traficantes de consciências.³⁰⁶

³⁰¹ Líder sindical do setor do tabaco e membro da Comitê Executivo Nacional do PSP.

³⁰² De acordo com Pérez-Stable, antes do congresso, os autênticos questionaram a vinculação de alguns sindicatos à CTC, no começo daquele ano, pois consideravam essa uma manobra para garantir a vitória de Peña. Por isso, eles solicitaram a Grau San Martín que intervisse na contenda, mas o presidente não conseguiu mediar a situação. Ver: PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*, p. 91.

³⁰³ Em 1949, Eusebio Mujal foi eleito secretário geral da CTC e permaneceu neste cargo até 1958.

³⁰⁴ A letra K da sigla se refere ao inciso K de uma lei tributária que foi usada pelo governo autêntico para desviar dinheiro. O uso pejorativo da CTK era uma alusão ao dinheiro que a direção sindical autêntica, supostamente, recebia do governo.

³⁰⁵ Na mesma época, os comunistas perderam a direção de algumas “sociedades de pessoas negras”. Ramón Grau San Martín e Carlos Prío Socarrás, principais líderes do Partido Autêntico, criaram meios para suplantarem os comunistas de diversos postos de direção em sindicatos e em outras organizações da sociedade civil.

³⁰⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Represión, terror y el centro de la perturbación. *Noticias de Hoy*, nº 246, año X, Viernes, 17 de octubre de 1947, p. 6.

Na passagem, notamos a perspectiva legalista do PSP, insinuando que a paralisação não havia “desorganizado a produção” e que os trabalhadores agiam sem o uso de armas. Isso comprova a subordinação à diretriz soviética de preservação dos regimes democráticos como fim político para a realização da revolução. Como a unidade e a frente única ainda eram as orientações táticas, o Partido enviou cartas aos Partidos Ortodoxo,³⁰⁷ Liberal e Democrata com o objetivo de criar uma terceira via para concorrer contra os autênticos e os republicanos. Mas não obteve respostas e atribuiu a impossibilidade de realização da coalizão ao apelo estadunidense de isolar os comunistas no cenário político. Segundo Portillo, liberais e democratas rejeitaram as alianças alegando que os americanos e o exército cubano se opuseram a elas.³⁰⁸ Os efeitos da Guerra Fria já se faziam sentir no calor caribenho.³⁰⁹

Sem conseguir coligar, os comunistas se dirigiram ao eleitorado cubano e pediram o “voto útil”, entendido por eles como um voto de protesto contra os projetos encabeçados pelos outros partidos. Para isso, lançaram Juan Marinello como candidato à presidência e Lázaro Peña como vice-presidente. Os autênticos indicaram Carlos Prío Socarrás e foram apoiados pelos republicanos. Os liberais, junto com os democratas, levaram para o pleito Ricardo Núñez Portuondo. E os ortodoxos escolheram o líder partido, Eduardo Chibás, para disputar as eleições.³¹⁰

O resultado do pleito foi arrefecedor para o PSP, que obteve menos votos do que o número de seus membros. Marinello-Peña recebeu 142.972 votos para um total de 157 mil

³⁰⁷ Os ortodoxos eram os filiados ao Partido do Povo Cubano. O PPC-O foi criado por Eduardo Chibás, em 1947, após críticas feitas por ele à direção autêntica, especialmente, à corrupção do governo de Grau San Martín.

³⁰⁸ KINDELÁN PORTILLO, Eloida Diana. Política de alianzas del primer Partido Comunista de Cuba en la década de 1940, p. 147.

³⁰⁹ Durante a campanha eleitoral, o anticomunismo foi mobilizado como um fator de convencimento dos eleitores. Em um dos cartazes do Partido Revolucionário Cubano (PRC-A), aparece a figura de um trabalhador ao lado de Carlos Prío Socarrás, candidato autêntico no pleito, dando apoio a ele. Ambos sinalizam com as mãos que não apoiarão os comunistas. Na imagem aparece uma frase, que é associada ao trabalhador: “Ele soube distinguir”, ou seja, essa foi uma propaganda política aludindo à escolha feita pela classe trabalhadora pelo PRC-A e a intenção de afastar o PSP. Ver o anexo 1.

³¹⁰ Este quadro político indica um comportamento partidário bem diferente do que era comum, pois desde o início da República, em 1902, as eleições eram caracterizadas pela existência de dois blocos partidários responsáveis por lançar apenas dois candidatos. Isso ocorreu também nas eleições de Batista (1940) e de Grau San Martín (1944). A existência de cinco candidatos diferentes indica, em nossa perspectiva, uma cisão política das antigas alianças, mas também aponta para as transformações do sistema a partir do rearranjo provocado pelo surgimento de novos partidos. No final dos anos 1940, com a reorganização dos partidos e o surgimento dos *Ortodoxos*, *PAU*, *Cubanidad e Nacional Cubano*, várias agrupações perderam filiados. Os liberais tiveram uma diminuição de suas fileiras em aproximadamente 280 mil, os democratas, 340 mil, e o PSP perdeu 100 mil filiados. Ver: MARTÍNEZ DÍAZ, Dina; FERNÁNDEZ SOSA, Miriam. La actuación de los partidos políticos como reflejo de la crisis de la sociedad cubana, 1944-1958, p. 245.

filiados.³¹¹ Os votos que os demais candidatos receberam mostram uma disparidade enorme nas escolhas do eleitorado cubano. Carlos Prío obteve 905 mil votos, Portuondo, 599 mil, e Chibás, 324 mil. Posteriormente, Blas Roca fez uma avaliação das causas do resultado. Ele escreveu que a direção partidária errou porque não esclareceu aos eleitores as impossibilidades de vitória de Marinello e não elucidou o sentido da campanha do PSP, que tinha o objetivo de servir mais como um protesto aos arranjos políticos do que pleitear, com chances reais de vitória, a presidência. Blas Roca apontou que as massas estavam convencidas de que Marinello não venceria as eleições e, por esse motivo, votaram em candidatos com mais chances de vencer a disputa e retirar os autênticos do poder.

O secretário geral do PSP também mencionou, no mesmo documento, que, antes das eleições, muitos simpatizantes do Partido e membros do movimento sindical pediram à direção socialista popular que orientasse sua votação para Núñez Portuondo ou Eduardo Chibás, pois viam neles melhores possibilidades de vitória.³¹² Mesmo reconhecendo o pedido de alguns eleitores, a direção do Partido manteve a candidatura socialista popular. Às debilidades de propaganda, agrega-se a ineficiência na explicação do caráter de protesto da candidatura. Sobre isso, Roca escreveu:

A votação do partido conseguida em condições extraordinariamente difíceis em que desenvolvemos nossa campanha eleitoral, tendo que fazer frente ao terror, às perseguições, aos assassinatos, à penúria econômica, à campanha infame de calúnias e mentiras, é uma votação digna, apreciável: é, em realidade, uma derrota das esperanças dos imperialistas e dos reacionários que acreditaram que poderiam nos reduzir a uma votação insignificante.³¹³

Até o final de 1948, dois grandes encontros foram realizados pelo PSP para avaliar as causas dos problemas partidários. Na reunião do Comitê Executivo, em Santa Clara, em setembro daquele ano, e na V Assembleia Nacional, em novembro, foram destacados os efeitos negativos da política de alianças, a diminuição da disciplina dos militantes, a debilidade organizativa, as falhas no funcionamento do centrismo e o aumento das perseguições aos comunistas dentro da Ilha.

³¹¹ O número máximo de filiados que o PSP teve foi 157 mil, entre os anos de 1946 e 1947. Para uma breve comparação, o Partido Comunista da Checoslováquia teve 150 mil (em 1925), dos Estados Unidos teve 75 mil (em 1939), o Britânico teve quase 18 mil (em 1939). Ver: BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010, p. 123-125, passim. O PCB, na mesma época tinha 200 membros. Ver: FIGUEROA CLARK, Victor. *Latin American Communism*. In: NAIMARK, Norman; PONS, Silvio; QUINN-JUDGE, Sophie. *The Cambridge History of Communism*. The Socialist Camp and World Power 1941–1960s (Vol.2). Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 399.

³¹² ROCA, Blas. El sentido de la votación del Partido Socialista Popular. *Revista Fundamentos*, Junio y Julio de 1948, año VIII, nº 78, p. 297.

³¹³ Ibidem.

A retificação dos equívocos passava pela melhoria da qualidade dos militantes, na visão de Blas Roca. Na reunião de Santa Clara, ele alegou que o erro do PSP foi admitir em suas filas militantes que não estavam preparados, além do abandono dos princípios marxista-leninistas de organização, que provocou o fracasso eleitoral daquele ano. Sobre isso, ele destacou: “Nesse período predominou entre nós a crença falsa de que bastava manter os organismos fundamentais de direção do partido nas mãos dos quadros revolucionários provados para garantir a orientação, a organização e a atividade revolucionária do partido”.³¹⁴ Quer dizer, a direção do Partido acreditou que se mantivesse uma elite partidária intelectualmente formada, ela seria suficiente para conduzir e convencer as massas nos pleitos. Essa situação indicava um distanciamento entre teoria e prática, pois os resultados eleitorais esperados das frentes populares, das coalizões e da ação do PSP como vanguarda revolucionária não tiveram o êxito esperado.

Para superar os problemas organizativos, o PSP expulsou os “membros que não mereciam estar no partido”, e dentre as expulsões, o cancelamento de carnês dos filiados e o abandono voluntário foram, aproximadamente, 30 mil aqueles que deixaram o Partido logo após a V Assembleia. Em 1948, o PSP possuía 157 mil membros. Em 1950, esse número era de 126 mil, e, em 1951, de 59 mil. Encontramos casos de expulsão de grandes contingentes de filiados nas histórias de outros PC’s. Sheila Fitzpatrick destacou que, entre os anos de 1936 e 1938, no contexto dos “Grandes Expurgos” na URSS que comentamos anteriormente, não apenas membros da direção do PCUS foram retirados do Partido, mas também muitos filiados da base da organização foram expulsos. A autora mostrou que a “limpeza das fileiras” fazia parte de um dos rituais políticos mais importantes do movimento comunista: a vigilância revolucionária, que se materializou na expulsão periódica daqueles que eram considerados “indesejados”.³¹⁵

Complementando essa ideia, Jorge Ferreira apontou que as depurações tinham um sentido de purificação do partido, de eliminação de ideias contrárias à ideologia e de reorganização do grupo para restituir a exemplaridade de seus integrantes.³¹⁶ Ainda sobre essa questão, Marc Lazar destacou que, no final dos anos 1940, Maurice Thorez, ao citar a perda de militantes do PCF, comentou que aquela era uma época em que os PC’s deviam priorizar a qualidade ao invés da quantidade, considerando que estavam entrando em um período

³¹⁴ ROCA, Blas. Los errores del PSP en materia de organización. *Revista Fundamentos*, Septiembre y Octubre de 1948, año VIII, nº 80, p. 493.

³¹⁵ FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo. Cómo vivía y sobrevivía la gente común en la Rusia soviética*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2019, p. 38.

³¹⁶ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 152

determinante da história.³¹⁷ Ou seja, há evidências de que a atitude do PSP se pautava tanto em clima político oriundo da percepção que se tinha da Guerra Fria, como da necessidade que havia naquela cultura política de manter o partido “limpo”. Na cultura política comunista, a noção de formar valores para construir o “homem novo” se materializou, além das constantes expulsões, em outras práticas internas, como as sessões de crítica e autocritica e os textos e debates que objetivavam definir o que seria aceito ou não no comportamento dos militantes. Ser comunista implicava passar por um processo de disciplinarização, no qual se inculcavam costumes, hábitos e restrições, e aqueles e aquelas que não condiziam mais com os princípios definidos, não poderiam pertencer à organização. Abordaremos melhor o assunto no segundo capítulo da tese.

Em segundo lugar, os comunistas decidiram deslocar o centro da luta para as “massas” e não mais para as chefias políticas. Quer dizer, voltaram os discursos políticos publicados nos meios partidários cada vez mais para os filiados dos demais partidos, chamando-os para se unir à plataforma socialista popular e para que pressionassem suas direções partidárias a fim de conseguir uma frente única com o PSP. Também defenderam a reconstrução dos comitês de fábrica e de zona para que permanecessem neles somente aqueles que entendessem o que significava ser militante e, dentro desses locais, a educação ideológica e política deveria ser mais efetiva. E, por fim, criaram o *Plano Cubano Contra la Crise*, composto por um conjunto de medidas que visava amenizar a crise política e econômica interna.

Se, durante a III Assembleia do PSP de janeiro de 1946, os comunistas já haviam percebido os equívocos das coalizões realizadas por eles sem a devida atenção à unidade das massas, em 1948, na V Assembleia, o Partido decidiu aumentar o rigor para as alianças eleitorais firmadas durante os pleitos. Essa decisão, somada ao anticomunismo, isolou ainda mais o PSP no contexto nacional. Já em 1948, como destacamos, o PSP não conseguiu aliados para compor uma chapa nas eleições presidenciais. A mudança na organização partidária se relaciona também ao Movimento Comunista Internacional. No contexto da Guerra Fria, escreveu Geoff Eley, os soviéticos estimularam a imposição do stalinismo, com “rígido centralismo de cima para baixo, vigilância sistemática, conformidade burocrática, obediência disciplinada e uma crença inabalável na infalibilidade soviética”.³¹⁸

O clima bélico e as tensões internacionais da época geraram uma inflexão nos PC's, que se tornaram mais cautelosos com as alianças que propunham. Tornaram-se mais rígidos com a

³¹⁷ LAZAR, Marc. Le parti et le don de soi. *Vingtième Siècle Reveu d'Histoire*, n° 60, octobre-décembre 1998, p. 39.

³¹⁸ ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*, p. 360-361.

militância também. A expulsão de quase 30 mil membros do PSP comprova isso. Para nós, essa decisão da direção do PSP foi um sinal do forte centrismo democrático. O centrismo, ao invés de implicar uma postura de democratização das decisões partidária, tornou-se, de acordo com o historiador Archie Brown, sinônimo de uma hierarquia dentro das organizações, nas quais “os direitos de discussão e de debates se encontravam rigorosamente circunscrito”.³¹⁹ No caso da expulsão dos membros do PSP, notamos a prevalência de uma postura hierárquica e ortodoxa da direção, que concentrava grande poder decisório. Foi a direção que decidiu, de forma unilateral, realizar as depurações que eliminaram das fileiras socialistas populares aqueles membros que não cumpriam com os requisitos mínimos e, conseqüentemente, não eram “dignos” de ser membros do PSP.³²⁰ Sobre isso, apontou Blas Roca:

[...] o comitê executivo confirmou as decisões da reunião de Santa Clara referente a limpeza do Partido, a separação dos elementos ocasionais, cuja filiação não reporta nada ao Partido, já que se trata simplesmente de nomes no papel, assim como dos elementos oportunistas, corrompidos e inconsistentes que, por um ou outro caminho, chegaram às filas do Partido nos últimos tempos. Essa tarefa andava muito lenta em algumas províncias e municípios e o Comitê Executivo exigiu acelerá-la e levá-la rapidamente ao fim.³²¹

O “espírito de Teerã” não sobreviveu ao aguçamento das tensões entre os soviéticos e os Estados Unidos, ao surgimento do Cominform,³²² à tomada de posição da Igreja Católica contra os comunistas, à disputa pelas aéreas de influência dentro da Europa, à Doutrina

³¹⁹ BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 138. Nas memórias de Nicolás Guillén, encontramos outros exemplos de ordens que vinham da direção do Partido sem a consulta dos membros, como a decisão de colocá-lo na direção da *Revista Mediodía*, nos anos 1930, e de inscrevê-lo como candidato à prefeitura de Camagüey, em 1952. Em todos esses casos, Guillén foi chamado pela direção e comunicado da decisão dos líderes do Partido. Ver: GUILLÉN, Nicolás. *Páginas cubanas: autobiografía de um poeta na revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 60, p. 100.

³²⁰ Para ser filiado ao PSP era necessário: “1°. Aceitar o programa e os estatutos do Partido; 2°. Aceitar e observar disciplinadamente as orientações do Partido dentro dos sindicatos e demais organizações de massas; 3°. Defender os candidatos postulados por Partido e votar neles nas eleições; e 4°. Contribuir, na medida de suas possibilidades, com as coletas e demandas do Partido”. Para aqueles que pretendiam ser militantes do partido era necessário cumprir todas as exigências postas aos filiados e ainda pertencer a um Comitê Socialista, participar das reuniões e pagar regularmente a cota correspondente a 1% do próprio salário. Ver: ROCA, Blas. La Discusión de los problemas de organización en el comité ejecutivo nacional. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1948, año 8, n° 81, p. 618.

³²¹ ROCA, Blas. La Discusión de los problemas de organización en el comité ejecutivo nacional. *Revista Fundamentos*, año 8, noviembre de 1948, año VIII, n° 81, p. 619.

³²² Órgão soviético surgido em 1947 com o objetivo de reunir em um bloco os países do Leste Europeu. Outra função do bloco foi descrita por Paolo Spriano, para quem: “elevando o novo órgão a guardião da coesão ideológica comunista pretende-se reforçar um escudo protetor em torno da própria sociedade civil soviética, que, após as tremendas provocações da guerra, expressa novas exigências de liberdade e tolerância”. Ver: SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947, p. 210.

Truman³²³ e ao Macarthismo.³²⁴ Na América Latina, os primeiros embates que marcaram a Guerra Fria começaram a mobilizar as forças reacionárias da região. Como Manuel Caballero assinalou, a perseguição anticomunista se acentuou, os PC's foram reduzidos à sua mínima expressão e ficaram, em muitos casos, isolados da cena política.³²⁵ Nessa região, a política de contenção do comunismo se materializou na prestação de serviços econômicos e militares³²⁶ por parte dos Estados Unidos aos seus aliados. Como bem lembrou Bandeira, na América Latina “o ‘combate à subversão comunista’ bem como a ‘luta contra o imperialismo ianque’ passaram a constituir as duas vertentes da Guerra Fria [...]”.³²⁷

Em Cuba, durante a presidência de Carlos Prío Socarrás (1948-1952), do Partido Revolucionário Cubano (PRC-A), a situação dos comunistas ficou ainda pior. Em maio de 1948, a rádio *Mil Diez* foi fechada e, em agosto de 1950, a sede de *Noticias de Hoy* foi assaltada e destruída – o jornal só voltou a circular um ano depois. Membros do Partido foram assassinados. Dentre eles, estavam os sindicalistas Jesús Menéndez e Amancio Rodríguez, vinculados aos sindicatos açucareiros, e Aracelio Iglesias, liderança do sindicato dos trabalhadores portuários. Em maio de 1949, o *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM) foi restabelecido e, junto com o *Grupo de Represión a las Actividades Subversivas* (GRAS), desempenhou a função de polícia secreta e se tornou responsável pela coação das atividades consideradas “subversivas” e “contrárias à ordem”.³²⁸ O principal alvo de ambas as organizações foi o PSP e não podemos desconsiderar que esse cenário de perseguições e assassinatos dos líderes e militantes partidários também foi uma das causas do esvaziamento

³²³ Conjunto de medidas promovidas pelo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, a partir de 1947, que tinha como objetivo impedir o avanço do comunismo em escala mundial. O Plano Marshal – ajuda econômica aos países europeus no pós-guerra – exemplifica a doutrina.

³²⁴ O termo remete ao nome de Joseph McCarthy, senador estadunidense anticomunista, que pressionou o Senado de seu país para sancionar leis de combate ao “perigo vermelho”. Um exemplo desta perseguição foi a criação da Comissão das Atividades Antiamericanas, que interrogou e prendeu diversos militantes do PCEU, no final dos anos de 1940.

³²⁵ CABALLERO, Manuel. Tormentosa historia de una fidelidad, p. 83.

³²⁶ Para isso, o governo dos EUA criou a *Central Intelligence Agency* (CIA), dentre outras funções, para promover ações encobertas e paramilitares.

³²⁷ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 125.

³²⁸ Encontramos alguns relatos que nos indicam que, nessa época, os dirigentes partidários andavam armados. Nicolás Guillén relatou que, durante a campanha em que concorreu ao cargo de prefeito de Camagüey, ele carregava uma arma no carro. Ver: GUILLÉN, Nicolás. *Páginas cubanas*, p. 102. Em outra situação, Raúl Valdés Vivó destacou que, em 1944, ele viu Blas Roca colocar um revólver na cintura e o secretário geral do PSP afirmou, na ocasião, que “nunca se devia esquecer dos inimigos”. Ver: VALDÉS VIVÓ, Raúl. Ojos de obrero revolucionario y lógica de sábio. In: BATLLE REYES, Lucilo (Comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 153. O Partido ainda tinha uma comissão militar chefiada por Ramón Nicolau, que era responsável pela saída e regresso dos socialistas da Ilha, por manter a comunicação com o exterior e outras tarefas relacionadas à segurança dos membros do PSP. Ver: GARCÍA GUTIÉRREZ, Luis C. Tenía el seudónimo de Julio Martínez. In: BATLLE REYES, Lucilo (Comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 89.

do Partido no final dos anos 1940. Na VI Assembleia Nacional do PSP, em fevereiro de 1950, os socialistas populares destacaram que um de seus problemas era o desinteresse dos filiados pelas atividades partidárias, o que não é uma surpresa se considerarmos o violento cenário descrito acima.

O isolamento dos socialistas populares se refletiu nas eleições parciais de 1950. Nelas, a linha partidária se pautou em duas perspectivas: lançar candidatos próprios nos municípios onde o Partido tinha mais força e apoiar candidatos progressistas que não pertencessem ao bloco governamental. Apesar das expectativas, salientou Angelina Rojas Blaquier, muitas direções municipais do PSP violaram a resolução que estabelecia a proibição de relações com os prefeitos e outros políticos dos partidos do governo.³²⁹ Após o pleito, os comunistas escreveram na revista *Fundamentos* que o resultado da votação não havia alcançado as cifras que o PSP esperava naquela situação, apontando o decréscimo no número de votos para representantes e conselheiros.³³⁰

Das eleições de 1950 até o golpe de estado de Fulgencio Batista em março de 1952, o que se observa na documentação partidária não é muito diferente do final da década de 1940. Prisões dos socialistas populares, oposição às ações do presidente Carlos Prío Socarrás, denúncia da submissão econômica da Ilha ao “imperialismo estadunidense” e a preocupação constante com a supressão dos direitos democráticos. Ao contrário do movimento comunista na Europa, que disfrutou de um bom momento após a Segunda Guerra devido ao crescimento das esquerdas e ao prestígio da URSS depois do conflito,³³¹ em Cuba, o PSP foi duramente perseguido.

O cenário de desalento político não marcou somente o PSP. A população cubana estava desencantada com os governos autênticos. As presidências de Ramón Grau San Martín e de Carlos Prío Socarrás foram marcadas pela corrupção e frustraram as expectativas de moralização da política nacional. Com Prío Socarrás, a violência policial também catalisou os descontentamentos dos movimentos sociais. O surgimento do Partido do Povo Cubano (PPC) deu ânimo às esquerdas, que se refugiaram, em grande parte, nas fileiras da nova organização.

³²⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 190. As coalizões municipais foram as seguintes: 36 prefeituras com o PAU, 16, com os liberais, 17, com os republicanos, 13, com os autênticos, 10, com os democratas, uma, com os ortodoxos, 2 candidatos pertencentes a partidos municipais e 30 candidatos próprios. Ver: ROCA, Blas. Las coaliciones municipales del PSP. *Revista Fundamentos*, año X, mayo de 1950, n° 98, p. 462.

³³⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resoluciones del CN del PSP. *Revista Fundamentos*, año X, agosto de 1950, n° 101, p. 786.

³³¹ ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*, p. 337.

Porém, o suicídio de Eduardo Chibás, em agosto de 1951, minou, novamente, as esperanças populares. A conjuntura foi resumida por Richard Gott nas seguintes palavras:

A geração que participara na derrubada de Machado e tomara parte nos acontecimentos revolucionários de 1933 tivera uma nova chance de administrar o país e a jogou fora. Todos os velhos políticos estavam desacreditados, ao mesmo tempo que a única figura daquela época que manteve um sentido de honestidade – Eduardo Chibás – retirara-se dramaticamente de cena.³³²

É nesse cenário político caótico que Batista ascendeu novamente ao poder. Mais uma vez, o quartel de Columbia serviu de palco para o golpe militar, dessa vez ocorrido em 10 de março de 1952, nas vésperas das eleições presidenciais de junho daquele ano. Uma nova era política começava a partir daquela data e nela os comunistas sofreram, de forma mais intensa, com a violência estatal e a perseguição ideológica. Mas, como sabemos, o PSP sobreviveu ao regime ditatorial, novamente.

1.3. Projeto e cultura política comunista entre 1930 e 1952

Serge Berstein destacou algumas características que tornam uma cultura política um “sistema coerente de visão de mundo”³³³ e dentre elas estão um substrato filosófico, as referências históricas, as aspirações concretas daqueles que difundem a cultura política e a representação de uma sociedade ideal. Partindo das ideias de Berstein, apresentamos, a seguir, mais elementos, além daqueles que já elucidamos, da cultura política comunista criada, difundida e inculcada pelo Partido Socialista Popular. Dividimos o tópico em três partes: o projeto político partidário, com o objetivo de contemplar as principais demandas defendidas pelo PSP; a teoria da revolução cubana na concepção do Partido; e os aspectos mais relevantes do imaginário comunista na temporalidade que analisamos.

1.3.1. O projeto político do Partido Socialista Popular

O projeto político é o resultado da mediação que um partido ou organização faz entre um problema social e um discurso que visa dar solução ao imbróglio. Como destacou Berstein, a mediação realizada pelos partidos tem como função articular, “na linguagem que lhe é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos difusas da população”.³³⁴ Nesta parte do texto, destacamos as características mais importantes do programa político do Partido Socialista

³³² GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 169.

³³³ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

³³⁴ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha – 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 61.

Popular. Nos documentos de divulgação do programa partidário, havia uma divisão de acordo com as demandas específicas de grupos sociais e profissionais (mulheres, jovens, negros, militares) e segundo algumas temáticas (política internacional, economia nacional, liberdade religiosa, arte, cultura e educação). Usamos, principalmente, dois documentos para reunirmos as principais demandas programáticas: a “Plataforma eleitoral do Partido Comunista de Cuba”, de 1932, e o “Programa da II Assembleia Nacional do PSP. Os socialistas e a realidade cubana”, de 1944.³³⁵ Com exceção das questões específicas do período em que os textos foram escritos, a maior parte das demandas se repete, o que indica a consolidação de algumas pautas políticas desde o início dos anos 1930 no programa partidário.

Em relação à política internacional, o Partido defendeu a soberania insular para que os cubanos pudessem escolher livremente seus parceiros políticos e econômicos, bem como ampliar as relações comerciais com a China, a URSS, Inglaterra e também com os EUA. Mas condenou diversos aspectos dos laços que ligavam a Ilha aos estadunidenses. Os comunistas alegaram que o atraso insular era causado pelos séculos de colonização espanhola e, posteriormente, pela disparidade dos contratos econômicos com os Estados Unidos, responsáveis diretos pelos problemas financeiros de Cuba. Por isso, no plano econômico, o Partido defendeu a proteção da indústria nacional frente aos interesses do capital estrangeiro, especialmente os produtores de açúcar que concorriam diretamente com os investidores estadunidenses donos de terras e fábricas dentro da Ilha. O PSP advogou também pela nacionalização de empresas estrangeiras que prestavam serviços públicos, especialmente aquelas concessões que forneciam a energia, a telefonia e os serviços bancários.³³⁶

Em relação aos direitos sociais, o PSP lutou pela promulgação de leis que garantissem a aposentadoria, a manutenção de uma política salarial condizente com o ritmo da economia nacional, o barateamento dos aluguéis e o desenvolvimento de um plano de construção de casas baratas. Dentre os direitos sociais, a educação sempre foi objeto privilegiado dos comunistas. Eles cobraram da iniciativa pública a eliminação do analfabetismo, a extensão progressiva do ensino secundário gratuito e obrigatório para todos os estudantes menores de dez anos, a acessibilidade da educação superior e a multiplicação de escolas públicas, preferencialmente de

³³⁵ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Plataforma electoral del Partido Comunista de Cuba. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 288-294. PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *II Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Los socialistas y la realidad cubana. Informes, resoluciones y discursos. La Habana: Ediciones del PSP, 1944.

³³⁶ O Partido defendia a criação de um banco de empréstimos com tarifas menores que aquelas cobradas pelos bancos dos EUA.

colégios rurais no interior do país. Defendiam a autonomia universitária e a demanda de ampliação da matrícula gratuita, de bolsas e facilidade de alojamento para os estudantes pobres.

No plano da cultura, advogavam pela construção da casa da cultura nacional, do teatro nacional, pelo estabelecimento de uma imprensa nacional, pela criação de escolas técnicas industriais e de escolas normais rurais para a especialização dos professores. As historiadoras Yinela Castillo Lozano e Liset Hevia Pérez destacaram que além do trabalho de divulgação das artes no jornal *Noticias de Hoy*,³³⁷ várias iniciativas de promoção cultural foram empreendidas pelos comunistas. Dentre elas estão a lei de cinematografia, que previa um fomento financeiro à indústria cinematográfica nacional, a organização do Teatro Popular, da rádio *Mil Diez*, da editora *Páginas*, que publicava obras de autores marxistas clássicos, mas também textos de história, de antropologia e literatura cubana, e a proposta do projeto de lei de proteção aos artistas cubanos frente à preponderância dos estrangeiros nas artes nacionais.³³⁸

A perseguição realizada pelos religiosos também foi combatida e, em diversos momentos, o Partido destacou em seus meios impressos os problemas que enfrentava com a Igreja Católica. Como destacou Rodrigo Patto Sá Motta, o catolicismo foi um dos matizes do anticomunismo em todo o século XX. De acordo com o autor, o comunismo era tido pela Igreja como um inimigo e essa instituição, para combatê-lo, formulou diversas encíclicas, desde o século XIX, bem como mobilizou, em certas ocasiões, os fiéis na luta contra o “perigo vermelho”.³³⁹ Os conflitos entre os comunistas e a Igreja foram sentidos em Cuba, por exemplo, quando Juan Marinello foi designado para presidir a comissão de ensino privado no Conselho Nacional de Educação, em 1941. Na ocasião, o PSP se queixou da campanha da Igreja contra a nomeação de Marinello. Uma parte do sistema educacional cubano era administrado por congregações católicas, o que se chocava com a concepção partidária de defesa do ensino laico e da autonomia universitária frente às ordens religiosas. O programa partidário não possuía um

³³⁷ Durante toda a história de *Noticias de Hoy*, ao menos uma de suas páginas foi dedicada ao debate das artes. Como o jornal sofreu diversas alterações gráficas e variou de tamanho, o espaço destinado aos assuntos culturais também variou. Observando as edições publicadas entre os anos de 1940 e 1950, notamos o predomínio de críticas literárias, teatrais, cinematográficas e dramáticas. Também eram veiculadas dicas de moda, notícias de personalidades famosas, a programação do cinema e do teatro, e comentários críticos sobre atores, escritores e intelectuais.

³³⁸ CASTILLO LOZANO, Yinela; HEVIA PÉREZ, Liset. La política cultural del Partido Comunista de Cuba reflejada en el periódico *Noticias de Hoy* en el período de 1938-1948. *Revista Perfiles de la Cultura Cubana*, nº 12, septiembre-diciembre, 2013.

³³⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho:” o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p. 18-20, passim.

viés anticlerical, mas sim defendia a liberdade de ensino e uma escola livre do “fanatismo clerical que continua pervertendo as consciências dos jovens”.³⁴⁰

Sobre a administração pública, os comunistas lutaram pela eliminação dos “vícios” e da corrupção política. O lema da luta do PSP era um governo “construtivo, barato e eficiente”. O Partido defendia também a organização de um tribunal de contas e o estabelecimento de sanções severas aos funcionários que roubassem o dinheiro público, o aumento das pensões dos veteranos³⁴¹ e uma nova lei orgânica dos municípios para regulamentar a autonomia municipal.

Como destacamos, nos programas do PSP havia uma das demandas de acordo com cada grupo social contemplado, como mulheres, negros, crianças, trabalhadores, dentre outros. A questão do negro e da discriminação racial foi um dos temas mais recorrentes na documentação. Salientamos que a preocupação com essa temática apareceu nas “Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais” da Terceira Internacional, em 1928, que afirmou a obrigação dos PC’s de lutar pela igualdade de direitos para os negros, combater o racismo e erradicar esse tipo de preconceito das fileiras partidárias. Além disso, a questão racial foi um tema fundamental nos debates políticos dentro de Cuba em toda a primeira metade do século XX e envolveu intelectuais como Fernando Ortiz,³⁴² Lydia Cabrera,³⁴³ o poeta Nicolás Guillén, dentre outros. Esses intelectuais estiveram preocupados com problemáticas culturais, folclóricas, sociais e históricas dos negros cubanos e latino-americanos.

De acordo Fernando Vale Castro, consolidou-se em Cuba, nos anos de 1920, o chamado “negrismo” entre a intelectualidade, cujo apelo principal era integrar a cultura negra à cultura nacional, mostrando as raízes e a importância das tradições afro-americanas na constituição da cultura insular.³⁴⁴ E os intelectuais e militantes negros do PSP foram os grandes responsáveis, como apontou a historiadora Kaitlyn Henderson, por introduzir no debate público, realizado nas instâncias dos poderes legislativos, a questão do racismo. Esses militantes também atuaram como líderes sindicais e dirigentes de sociedades negras e inseriram, nesses ambientes, a linha

³⁴⁰ PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. Editorial. *Revista Fundamentos*, junio de 1941, año I, nº 3, p. 165.

³⁴¹ Os veteranos eram aqueles que haviam lutado na Guerra de Independência de 1895 e recebiam pensões do Estado cubano.

³⁴² Fernando Ortiz foi um antropólogo cubano que escreveu o livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940), no qual propôs o conceito de transculturação como forma interpretativa das relações sociais que marcaram aquela sociedade e pelo qual defendia a ideia de que, tanto a cultura hegemônica, quanto aquela que sofre com imposições, são mutuamente influenciadas e passam por transformações, ainda que desiguais.

³⁴³ Lydia Cabrera foi uma intelectual e etnóloga cubana estudiosa da cultura afro-americana de seu país e que escreveu contos inspirados em memórias e narrativas dos negros cubanos.

³⁴⁴ CASTRO, Fernando Vale. Reflexões sobre raça no pensamento do intelectual cubano Fernando Ortiz. In: Maria Elisa Noronha de Sá. (Org.). *História Intelectual latino-americana: itinerário, debates e perspectivas*. 1ª ed. RIO DE JANEIRO: Editora Puc- Rio, 2016, p. 215-234.

do Partido em relação às formas de luta contra discriminação racial. A autora também destacou que o Partido funcionou como um espaço da negritude, atitude incomparável a qualquer outro partido em Cuba.³⁴⁵

Para responder às exigências da IC e ao debate que se desenvolvia dentro da Ilha naquele momento, de acordo com Angelina Rojas Blaquier, a partir de 1931 em todas as instâncias de direção do PCC, foi criado um “departamento negro”, que objetivava definir programas específicos para lutar contra a discriminação racial.³⁴⁶ A incorporação de negros no PCC também foi estimulada, mas a porcentagem deles ainda era de 9,6% do total de filiados em 1933. Apesar disso, muitos negros participaram da direção partidária, dentre eles, Blas Roca, Lázaro Peña, Jesus Menéndez, Juan Taquechel, Severo Aguirre del Cristo, Nicolás Guillén, Aracelio Iglesias, Salvador García Agüero, Esperanza Sánchez Mastrapa e Julian Sotolongo. Alguns deles se destacaram pelo envolvimento com o movimento negro insular, como García Agüero, que foi membro do Executivo Nacional da *Federación de Sociedades Cubanas de Raza y Color*.

No texto, *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, escrito em 1943, Blas Roca apontou que o problema da discriminação racial se vinculava a uma política projetada e realizada pelas classes dominantes e possuía raízes históricas dentro do país.³⁴⁷ No Programa Socialista de 1944, o Partido propôs lutar “pela igualdade de direitos e oportunidades econômicas, culturais, sociais e políticas para os homens e mulheres de toda raça e cor para eliminar todo gênero de preconceitos raciais”. A questão da raça era perpassada, para os socialistas populares, pela desigualdade na renda, pelos interesses de classe e de oportunidades entre negros e brancos. O Partido dizia que o Estado deveria se preocupar com “empregos adequados” para negros e brancos e argumentava que nos cargos públicos mais importantes as oportunidades se relacionavam com a cor da pele e, por isso, os negros não figuravam nessas esferas.

Em 1951, o PSP conseguiu aprovar na Câmara dos Representantes um projeto de lei contra a discriminação racial. Nele, foi estabelecido o que seria considerado discriminação³⁴⁸ e a pena para o crime de racismo (prisão e multa). O texto previa a criação do *Instituto de Cooperación Inter Racial*, vinculado ao Ministério da Educação, que deveria realizar

³⁴⁵ HENDERSON, Kaitlyn D. *Black activism in the red party*, p. 5.

³⁴⁶ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1, p. 167.

³⁴⁷ ROCA, Blas. *Los fundamentos del socialismo en Cuba*. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961, p. 96.

³⁴⁸ Consta no projeto de lei, como delito de discriminação, o impedimento de trânsito ou permanência em lugares motivado pela cor da pele; a negação de arrendamento ou aluguel em “decorrência da raça;” o impedimento de matrícula em instituição de ensino para pessoas de “determinada raça;” a negação de emprego por “motivo de raça;” atos de menosprezo ou injúria das pessoas de uma “raça determinada;” a propagação de ideais de inferioridade dos indivíduos de uma raça ou cor.

investigações estatísticas para comprovar a “injusta e inegável inferiorização da maioria dos cubanos negros”³⁴⁹ dentro da sociedade cubana. Apesar dos esforços dos comunistas, quando o projeto chegou ao Senado, ele não foi aprovado.

O discurso da igualdade econômica, política e social também era estendido às mulheres. As demandas vinculadas a elas vinham acompanhadas de temas como a maternidade e a proteção das crianças. Dentre as reivindicações comunistas, estavam a extensão da licença maternidade às empregadas urbanas e às trabalhadoras agrícolas, a criação de novas escolas, a organização dos centros municipais de ensino para ofertar conhecimento técnico para a realização de tarefas domésticas, a multiplicação das creches nos lugares onde as mães não podiam deixar seus filhos pequenos para trabalhar e a multiplicação dos parques infantis. Como se observa, grande parte do programa partidário relacionado à mulher se voltava para os cuidados com os filhos e às atividades domésticas. Apesar da defesa da igualdade de oportunidades, o que notamos, quando observamos a “geração de 30”, é que nos cargos de direção do Partido, dos jornais e das revistas, e nos pleitos eleitorais, as mulheres possuíram uma representatividade bem inferior aos homens. Além disso, encontramos poucas informações sobre organizações femininas dentro do PSP. Na II Assembleia do Partido, em 1944, o dirigente Fabio Grobart alegou que a criação de comitês femininos internos seria um erro e iria contra a “unidade monolítica do Partido”.³⁵⁰ Apesar disso, identificamos um discurso amplo dos socialistas populares sobre a importância da participação política das mulheres dentro do Partido e de outras organizações, como nos sindicatos e na *Federación Democrática de Mujeres Cubanas* (FDMC).³⁵¹ A participação feminina dentro do PSP foi significativa e, na década de 1940, girou em torno de 45% dos filiados e dos eleitores da organização,³⁵² quer dizer, elas tinham uma participação de quase metade dos militantes e dos votantes do Partido.

Em relação aos direitos trabalhistas, o PSP lutou pela inclusão de trabalhadores nas comissões de venda da safra açucareira e de venda dos produtos feitos dentro da Ilha, a higienização dos *bateyes*, a construção, pelo governo, de casas baratas e higiênicas e de escolas e enfermarias para os trabalhadores, a promulgação de uma lei regulando o sistema de contrato

³⁴⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *La lucha contra la discriminación racial*. Historia de una ley. Folleto. Ediciones del Partido Socialista Popular, 1951, p. 14.

³⁵⁰ GROBART, Fabio. Los problemas del desarrollo del Partido y la Reforma de los Estatutos. *II Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Los socialistas y la realidad cubana. Informes, resoluciones y discursos. La Habana: Ediciones del PSP, 1944, p. 191.

³⁵¹ A FDMC foi uma associação não partidária que existiu em Cuba nos anos de 1950 e reuniu mulheres de várias tendências políticas, principalmente comunistas, em torno da luta contra a crise econômica, na campanha pela paz, dentre outras demandas. Ver: ORDOQUI, Joaquín. Continuemos por el camino del cumplimiento de los principios leninistas de organización. *Revista Fundamentos*, abril de 1950, año X, nº 97, p. 375.

³⁵² GROBART, Fabio, op. Cit.

coletivo de trabalho e a regulação da obrigação de admissão de aprendizes nas indústrias. O objetivo principal do PSP era libertar o camponês da exploração “semifeudal” e o trabalhador das indústrias da espoliação do produto de seu próprio trabalho. Para isso, era crucial a realização de uma reforma agrária e a estipulação de um limite para a posse de terras. Nesse quesito, os comunistas cobravam uma ação direta do Estado na criação de uma infraestrutura capaz de dinamizar a economia e melhorar a condição de trabalho dos camponeses. Além das demandas pela moradia e pela educação no campo, os comunistas demandavam a criação de novas estradas, de depósitos com refrigeração para frutas e grãos, o estabelecimento de centros oficiais de maquinário agrícola com ajuda técnica aos camponeses e a oferta gratuita de equipamentos (como as descascadoras de grãos). Lutavam também para que o governo impusesse a obrigação legal dos fazendeiros de distribuir os lucros obtidos dos subprodutos da cana para os colonos e trabalhadores do açúcar; pela regulação das tarifas de fretes para produtos agrícolas, a criação de uma lei reguladora dos contratos de arrendamento e o estímulo à organização de cooperativas agrícolas.³⁵³ O PSP defendia uma reforma agrária na qual as terras estatizadas deveriam ser organizadas em cooperativas e não distribuídas para pequenos proprietários.

Boa parte do projeto político partidário se manteve inalterado durante a Segundo República e a luta por ele foi travada nos meios legislativos municipais e nacionais. O programa socialista popular era bastante extenso e muito bem formulado, abrangia questões de diversas naturezas, como fizemos questão de ressaltar. Ainda sobre o programa, destacamos um comentário de Manuel Luzardo, que traz uma questão importante para entendermos o comportamento partidário:

Nenhuma das medidas propostas, nem ainda na parte agrária do programa, ataca os interesses fundamentais do regime atual. Todas, absolutamente todas se baseiam nos princípios estabelecidos na Constituição de 1940, elaborada pelos representantes de todas as tendências eleitas em umas eleições exemplares e aceitas plenamente por toda a nação. As medidas concretas que se propõem na parte destinada aos problemas da economia nacional e na parte destinada a questão agrária, apontam diretamente para a libertação nacional e na parte destinada a questão agrária, a criação de um sistema econômico próprio, livre das deformações e opressões dos grandes interesses estrangeiros. Essas medidas fortalecem a burguesia nacional, facilitam seu desenvolvimento, eliminam os obstáculos reacionários e imperialistas que se opõem a seu desenvolvimento.³⁵⁴

³⁵³ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Plataforma electoral del Partido Comunista de Cuba. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 288-294. PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *II Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Los socialistas y la realidad cubana. Informes, resoluciones y discursos. La Habana: Ediciones del PSP, 1944.

³⁵⁴ LUZARDO, Manuel. El programa socialista, p. 157.

Com essa passagem, percebemos o abandono definitivo da perspectiva da iminência da revolução quando Luzardo diz que o Partido objetivava, com o Programa Socialista de 1944, realizar reformas legislativas que provocariam rupturas no sistema econômico e na reconfiguração das classes sociais cubanas. Os comunistas aceitaram participar do sistema democrático da Segunda República, pois era através dos mecanismos institucionais que eles pretendiam cumprir seu programa político e iniciar a libertação nacional, que corresponde à primeira etapa do processo revolucionário, quando as condições objetivas seriam criadas para a instalação do socialismo. Notamos que, já em 1944, essa perspectiva estava arraigada no PSP e ela se refletiu na concepção de revolução elaborada pela organização, que será abordada a seguir.

1.3.2. As concepções filosóficas e a incorporação dos conceitos marxistas nas obras dos comunistas cubanos

As concepções filosóficas do Partido foram, em boa parte, um reflexo da doutrina importada do campo soviético e adaptada à conjuntura cubana. Enfatizaremos, nesta parte do texto, a perspectiva do PSP sobre a realização de uma revolução em Cuba e papel das classes sociais no processo revolucionário. Boa parte das teorias sobre a revolução na América Latina foram formuladas no VI Congresso do Comintern (1928). As resoluções congressuais diziam respeito às condições históricas, sociais e políticas de regiões como a África e a Ásia, com constante citação de países como a Índia e a China. Apesar dessa especificidade no documento, a América Latina foi incluída na categoria dos “países coloniais e semicoloniais”. Para os comunistas latino-americanos, os países da região possuíam uma história e um desenvolvimento econômico correspondentes à situação descrita nas teses da Internacional e, por isso, enquadravam-se naquela categoria. Nessa região, o “imperialismo” estadunidense era o responsável por manter a subordinação política e frear o desenvolvimento econômico dos países latino-americanos. Consequentemente, enfrentar a dominação dos EUA era uma condição para alcançar a soberania e independência nacionais.

Em Cuba, de acordo com Caridad Massón Sena, os comunistas cubanos receberam as teses do VI Congresso da IC e da Conferência de Buenos Aires³⁵⁵ no final de 1929 e se empenharam em adaptá-las à realidade insular, incorporando as ideias e o vocabulário específico formulado naqueles encontros. Na ocasião, um dos principais problemas enfrentados

³⁵⁵ MASSÓN SENA, Caridad. La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba, p. 238. Trata-se da Primeira Conferência Comunista Latino-americana, que reuniu membros do Comintern e dos PC's da região.

e debatidos pelos comunistas latino-americanos era a escassez da classe trabalhadora urbana na região – o sujeito privilegiado da teoria marxista.³⁵⁶ Parte dessas resoluções se manteve por um longo tempo vigente dentro do movimento comunista e outras foram transformadas por causa das mudanças conjunturais. Se nos anos de 1920, os soviéticos defendiam a realização de processos revolucionários iguais àquele que se passou na URSS, com o tempo, especialmente no decurso da Segunda Guerra Mundial, o caráter da revolução se transformou.³⁵⁷ Sobre a mudança, Georgui Dimítrov fez o seguinte comentário, em 1946: “[...] cada nação cumprirá a passagem ao socialismo não por um caminho já traçado, não exatamente como ocorreu na União Soviética, mas seguindo sua própria estrada, de acordo com suas peculiaridades históricas, nacionais, sociais e culturais”.³⁵⁸

Interessa-nos mostrar, na sequência, as interpretações genuínas de viés marxista elaboradas em Cuba que partiram da realidade histórica e social insular para pensar numa forma de realizar a revolução. Salientamos que, como destacou Miguel Ángel Cabrera, ao citar Serge Berstein, “toda cultura política supõe uma leitura comum do passado e uma projeção de um futuro comum e, portanto, compreende uma representação da sociedade ideal e dos meios para alcançá-la”.³⁵⁹ Os comunistas também fizeram uma interpretação do passado insular com base nos pressupostos marxistas.

Boa parte das ideias relacionadas à temática se encontra na célebre obra de Blas Roca intitulada *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, publicada pela primeira vez em 1943. Nela, Roca fez uma interpretação sobre o desenvolvimento histórico insular e justificou a pertinência do modelo socialista com base nas especificidades históricas de seu país. Para ele, antes da chegada dos europeus, os índios da Ilha viviam um regime de socialismo primitivo, fase anterior ao capitalismo. Salta aos olhos, inicialmente, a incorporação da ideia marxista e a aplicação dela à realidade de Cuba, de que as sociedades europeias haviam passado por uma fase pré-capitalista marcada pela inexistência de classes sociais e pela divisão igualitária do trabalho.

A chegada dos espanhóis a Cuba modificou a dinâmica social devido à instalação de um sistema escravista na Ilha. A partir daí, a terra deixou de ser coletiva e se tornou propriedade

³⁵⁶ FUNES, Patrícia. *Historia mínima de las ideas políticas en América Latina*, p. 123.

³⁵⁷ Lembramos também que o debate entre a revolução permanente, defendida por Leon Trotsky, e a revolução em um só país, formulada por Stalin, chegava ao fim nesta época. A partir de então, se consolidou a perspectiva de que o sucesso da experiência socialista soviética não dependia mais da realização de revoluções em outros países, cujos regimes revolucionários apoiariam os russos; mas, sim, que a consolidação interna da revolução dentro do bloco soviético garantiria a perenidade daquele sistema.

³⁵⁸ Dimítrov apud SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947, p. 199.

³⁵⁹ ÁNGEL CABRERA, Miguel. La investigación histórica y el concepto de cultura política. In: PÉREZ LEDESMA, Manuel & SIERRA, María. *Culturas políticas: teoría e historia*. Zaragoza: Institución “Fernando el católico” (CSIC), 2010, p. 41.

privada dos colonizadores. Os indígenas foram convertidos em escravos e obrigados a trabalhar para os novos senhores proprietários das terras. A rotina de exploração foi estendida, anos após a descoberta, aos negros trazidos da África que serviram como mão-de-obra escrava nas Américas. De acordo com Blas Roca, a passagem da economia “primitiva” para a escravista introduziu na Ilha a desigualdade social e de direitos e a divisão de classes.

A subordinação de Cuba aos colonizadores se deu com base na imposição do poder do “estado monárquico feudal”, legitimado com base na força do exército, em leis repressivas e na imposição religiosa. Quatro séculos de “exploração colonial espanhola” originaram deformações na economia insular, que foi definida por Roca como um “regime feudal *sui generis*”.³⁶⁰ O uso do termo “feudalismo” para caracterizar a realidade cubana provém das teses do VI Congresso da IC (1928), que apontaram a existência de aspectos feudais nas economias dos países coloniais, cujas principais características, segundo Roca, eram o latifúndio, a exploração da mão-de-obra escrava, o domínio estrangeiro dos principais setores produtivos e a dependência do mercado externo para o suprimento de bens de consumo.

Com o fim da escravidão (em 1886) e a independência cubana (1898), os elementos capitalistas começaram a se sobrepor àqueles do regime feudal. Como resultado dessas transformações, Roca destacou que, no início do século XX, predominavam, em Cuba, a propriedade privada sobre a terra e sobre os meios de produção, a obrigação dos operários de trabalhar para não passar fome e miséria e a continuidade da luta de classes. Na sequência, ele destacou: “Na curta história do nosso país tivemos as quatro formas fundamentais de relação de produção que se desenvolveram no mundo até 1917: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo e o capitalismo”. E concluiu: “A história de Cuba mostrou que não há nenhum regime social eterno”.³⁶¹ Quer dizer, na interpretação dele, a Ilha seguiu as transformações das sociedades capitalistas tal como Karl Marx havia previsto e no curso de sua história estava, como condição *sine qua non*, o último estágio de desenvolvimento, que era o socialismo. Isso nos mostra a incorporação de uma perspectiva teleológica da história que predominava na cultura política comunista da época, segundo a qual a humanidade caminhava para um fim único e inevitável.

A realização da revolução passava, como salientamos, pelo processo de libertação nacional e, nessa etapa, os comunistas deveriam contar com o apoio da burguesia nacional para livrar o país do jugo do “imperialismo” estadunidense. Assim como Karl Marx enfatizou o papel revolucionário da burguesia francesa durante a Revolução de 1789, também os membros

³⁶⁰ ROCA, Blas. *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, p. 21.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 22.

do PSP defenderam o papel revolucionário da burguesia cubana no processo de independência da Ilha do final do século XIX. Na passagem abaixo, retirada do texto *El marxismo y la historia de Cuba*, escrito por Carlos Rafael Rodríguez em 1943, notamos a ideia de que a burguesia insular havia se rebelado quando ansiava se libertar do domínio metropolitano:

Os elementos mais atentos da burguesia cubana optaram pelo único caminho salvador. Se converteram assim em paladinos da causa independentista, ideólogos e estandartes do progresso nacional cubano. Seus interesses de classe coincidiam com os interesses históricos de nosso país, porque ao se libertar como classe, promoviam a libertação nacional.³⁶²

A crença na necessidade da realização de uma primeira etapa do processo revolucionário levou os comunistas, por exemplo, a se coligarem com políticos oriundos da burguesia durante a Segunda República, especialmente com militantes provenientes das fileiras do partido autêntico (PRC). Posteriormente, veremos como essa concepção influenciará o comportamento partidário nos anos finais da década de 1950, quando as guerrilhas, cujos membros foram taxados de pequeno-burgueses, chegaram ao poder sem adotar o frentismo e subverteram o pressuposto teórico da etapa de libertação nacional. O mesmo processo que, sem seguir as “leis da história”, as etapas e as táticas tal como os soviéticos pregavam, transformou Cuba em um país socialista.

Dando continuidade à caracterização da realidade cubana, Roca alegou que, se o sistema capitalista cubano tinha contradições (fome, miséria, pobreza, desemprego) que impediam o desenvolvimento das forças produtivas, ele estaria condenado a desaparecer e a ser substituído por outro que fosse superior a ele. Para isso, os comunistas e o Partido teriam a primordial função de conduzir a luta dos trabalhadores rumo à realização de uma revolução socialista. Como destacamos, o socialismo era uma das etapas previstas no modelo teórico soviético e foram os russos que inauguraram o primeiro Estado socialista no século XX. Nas representações da cultura política comunista, esse regime era caracterizado pela eliminação da propriedade privada sobre os meios de produção e, por conseguinte, pelo fim da divisão de classes.

As estratégias e táticas usadas para desencadear o processo revolucionário mudaram ao longo do tempo, como apontamos na primeira parte do capítulo. Anteriormente, falamos como a ideia da inevitabilidade da revolução orientou os cubanos no começo dos anos 1930 e durante a Revolução de 1933. Naquela ocasião, o Partido formou sovietes e grupos armados para realizar a primeira fase da revolução. Posteriormente, já no contexto do VII Congresso da Internacional (1935), com a adoção do frentismo e a valorização dos regimes democráticos, a

³⁶² RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3. La Habana: Ediciones Unión, 1987, p. 37.

primeira etapa do processo revolucionário não deveria ser a tomada imediata do poder, mas a realização de demandas sociais, políticas e econômicas nos marcos da democracia. Somente quando as condições objetivas fossem alcançadas e houvesse condições subjetivas em curso (trabalhadores conscientizados e preparados militarmente) é que os trabalhadores e o Partido deveriam tomar o poder e iniciar a fase socialista.

Os comunistas cubanos qualificavam a primeira etapa como agrária e anti-imperialista. A principal tarefa, nesse momento, era eliminar a dependência e a penetração econômica dos Estados Unidos em Cuba e alcançar a independência política e diplomática da Ilha, o que o PSP chamava de “libertação nacional”. A abordagem dessa questão pelos comunistas cubanos comprova não apenas a incorporação das ideias, mas também, novamente, do vocabulário cominternista. No programa da II Assembleia do PSP, de 1944, os comunistas não propuseram de forma imediata a luta pelo socialismo, pois a primeira etapa da revolução ainda não havia sido alcançada por causa da situação semicolonial da economia e do escasso desenvolvimento industrial cubano, como consta na passagem abaixo:

A situação semicolonial de nossa economia, submetida a poderosos interesses estrangeiros, atrasada e insuficiente, o escasso desenvolvimento industrial de nossa terra e a insuficiente consciência política das massas que ainda não se orientaram – pressionadas pelas realidades anteriores – a uma mudança tão fundamental fazem que a tarefa de estabelecer o socialismo não seja um problema imediato. Antes temos de trabalhar pela libertação nacional, pela construção de uma economia própria, pelo desenvolvimento – sob o sistema capitalista – de nossas possibilidades industriais e agrárias mais evidentes. A luta pela libertação nacional, pelo desenvolvimento de uma economia própria, pela diversificação da produção agrária e pelo desenvolvimento industrial de nosso país, é uma complexa tarefa de anos, que adota agora formas particulares através da luta mundial contra o Eixo e pela consolidação de uma paz duradoura por longas gerações.³⁶³

Na passagem, Manuel Luzardo fez alusão à longa duração da primeira etapa, pois o programa partidário (as condições subjetivas) não tinha sido implementado ainda, apesar dos esforços e da atuação dos comunistas nos meios legislativos e executivos. Ao mesmo tempo, o trabalho de conscientização e amadurecimento intelectual dos trabalhadores cubanos caminhava lentamente, apesar do aumento das fileiras partidárias na época em que o citado documento foi publicado. O trecho ainda endossa a percepção já incorporada pelos comunistas cubanos da validade da atuação e do uso do regime democrático para realizar a primeira etapa do processo revolucionário.

O cumprimento dessa etapa seria realizado com base na tática de frente única e nas alianças com os partidos considerados progressistas, com a burguesia nacional e com os grandes

³⁶³ LUZARDO, Manuel. El programa socialista, p. 156-157, grifo nosso.

proprietários de terras se estes fossem considerados nacionalistas e tivessem os mesmos objetivos do Partido. Angelina Rojas Blaquier destacou que, para conseguir a formação da frente, o PSP se voltou para a reorganização, fortalecimento e unidade dos sindicatos, para a defesa da união das massas com os setores da burguesia cubana afetados pelos interesses estadunidenses, para a participação nos pleitos eleitorais a fim de ganhar espaço na administração estatal e realizar a agenda de reformas correspondente às condições objetivas.³⁶⁴ Como mostramos, Batista e os Autênticos foram considerados, pelos socialistas populares, catalisadores da primeira etapa da revolução, apesar de não possuírem um programa anticapitalista com pretensões revolucionárias. Ambos, cada um em seu momento, estiveram associados aos grupos progressistas e aos trabalhadores, de modo que essa percepção serviu como uma justificativa para que os comunistas pudessem se aliar a eles.

Na literatura partidária, há diversos estudos e comentários sobre as classes sociais cubanas, uma vez que a delimitação delas era condição para o estabelecimento das alianças políticas, assim como representavam categorias fundamentais da ideologia marxista. Blas Roca, no já citado *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, descreveu as classes sociais cubanas partindo da dualidade “proprietário e proletariado” e associou cada um dos grupos produtivos insulares a alguma dessas categorias, descrevendo a luta de classes dentro de Cuba da seguinte maneira:

Umhas classes que monopolizam a propriedade de todas as riquezas fundamentais, outras classes que carecem de toda riqueza. Umhas classes exploradoras rodeadas de todo gênero de comodidades e disfrutando de todos os privilégios, e outras classes exploradas, oprimidas, carecendo às vezes até dos bens mais necessário para viver. Em umhas classes o luxo e o esbanjamento, em outras a miséria, a necessidade e a ignorância.³⁶⁵

O modo de produção e os conflitos entre as classes eram o que, na concepção dos comunistas, impulsionava a história, como bem salientou Carlos Rafael Rodríguez: “O que segundo o marxismo determina a história é o modo de obtenção dos meios de vida necessários para a existência dos homens, o modo de produção dos bens materiais”.³⁶⁶ Rodríguez ampliou a teorização da questão no texto *Las clases en la Revolución Cubana*, publicado em 1941, no qual notamos, mais uma vez, a incorporação das teses sobre o movimento revolucionário nos países coloniais elaboradas no VI Congresso do Comintern (1928), como mostraremos a seguir. O primeiro grupo analisado por ele foi a burguesia. Rodríguez alegou que, em Cuba, ela não era uma classe homogênea e estava dividida entre: a burguesia comercial, burguesia açucareira

³⁶⁴ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 65-67.

³⁶⁵ ROCA, Blas. *Los fundamentos del socialismo*, p. 72.

³⁶⁶ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 32.

e burguesia industrial não açucareira. Essa definição partia do pressuposto de que a burguesia nacional possuía uma atitude diversa em relação ao imperialismo e ao seu papel na revolução, e, conseqüentemente, era preciso avaliá-la segundo suas particularidades. Nas referidas teses sobre os países coloniais aparecem as mesmas categorias usadas por Rodríguez (burguesia comercial e nativa), mas o líder socialista popular foi além das definições cominternistas quando analisou o cenário insular.³⁶⁷

De acordo com Carlos Rafael Rodríguez, a burguesia comercial era composta pelas empresas importadoras, geridas por estrangeiros, na maioria dos casos, e responsáveis pela especulação dos produtos industrializados que vinham de fora da Ilha. O enriquecimento desse grupo se dava às custas da debilidade, servidão econômica e falta de desenvolvimento e diversificação industrial de Cuba. A libertação insular romperia com o monopólio de importação da burguesia comercial e, com base nessa perspectiva, Rodríguez pontuou: “é obvio que esse grupo burguês seja oposto a todo progresso, inimigo da libertação cubana. [...] O interesse dessa camada da burguesia se encontra intimamente ligado ao do imperialismo”.³⁶⁸ Por causa disso, os comunistas não poderiam se aliar ou esperar pela ajuda da burguesia comercial no processo revolucionário, uma vez que a realização das condições subjetivas provocaria um choque de interesses entre ambas as partes.

O segundo grupo era burguesia industrial, que foi dividida em dois setores: aqueles vinculados diretamente com a produção açucareira e aqueles que não se vinculavam. A burguesia açucareira era associada aos principais aspectos da econômica “semicolonial” cubana, marcada pelo monocultivo, pelas grandes propriedades, pelo desalojamento e endividamento dos camponeses e pelo fornecimento de matéria prima para o mercado estrangeiro. Além disso, boa parte das empresas açucareiras pertenciam às corporações e aos bancos estadunidenses.³⁶⁹ Os produtores cubanos de açúcar, um subgrupo dentro da burguesia açucareira, eram aqueles que possuíam melhor posição no sistema capitalista insular já que podiam negociar sua produção com os setores de exportação. Segundo Rodríguez, a burguesia industrial desempenharia um papel reacionário na luta pela libertação, pois reagiria diante do

³⁶⁷ “Tese 18. A burguesia nacional nos países coloniais não adota uma atitude uniforme relativamente ao imperialismo. Por um lado, especialmente no que diz respeito à burguesia comercial, ela serve diretamente aos interesses do capital imperialista (a chamada burguesia compradora). Em geral, ela mantém – de forma mais ou menos consistente – uma posição antinacional e pró-imperialista dirigida contra todo o movimento nacionalista, tal como fazem os aliados feudais do imperialismo e os oficiais nativos mais bem pagos. As outras partes da burguesia nativa – especialmente as que representam os interesses da indústria nativa – apoiam o movimento nacional; esta tendência, que vacila e se inclina para os compromissos, pode ser apelidada de reformismo nacional”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. *Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais*.

³⁶⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 1. La Habana: Ediciones Unión, 1983, p. 17.

³⁶⁹ Os setores cafeeiro e do tabaco também apareceram na mesma classificação das empresas açucareiras.

cumprimento do programa revolucionário, que incluía a reforma agrária, a nacionalização das propriedades estrangeiras e a reorganização da economia nacional. Ainda de acordo com o autor, era nesse setor que os principais conflitos de classe aconteciam e eram motivados pelas contradições internas, como a exploração e desalojamento do trabalhador, tal como ele ressaltou:

A economia agrária ligada à indústria açucareira é uma economia semifeudalizada, em que impera o latifúndio, a mais iníqua exploração do camponês, as rendas abusivas, o sistema brutal de desalojamentos, a refração usurária que obriga o camponês por meio das dívidas etc. Desse modo, o caráter antinacional dos produtores açucareiros une sua essência econômica com as formas feudais de exploração, que os situa a frente da burguesia em sua ofensiva sobre os trabalhadores cubanos.³⁷⁰

Tanto a burguesia comercial quanto os grandes produtores açucareiros são apresentados como aliados dos grandes *trusts* e das empresas estadunidenses com capital investido em Cuba e o impacto das relações econômicas entre os dois países era o que, na perspectiva de Rodríguez, dificultava a industrialização da Ilha e mantinha os cubanos na situação de dependência e miséria em que se encontravam. Essa ideia ressoava a tese cominternista segundo a qual, apesar das relações entre a burguesia nacional e os investidores estrangeiros, o desenvolvimento dos países coloniais estava submetido aos e dependia dos interesses forâneos.³⁷¹

Os industriais não vinculados com o açúcar, isto é, produtores de sapatos, têxteis e fabricantes de alimentos correspondem a outro grupo na definição de Carlos Rafael Rodríguez. As atividades desses setores eram limitadas pelas importações e pela falta de estímulo estatal ao desenvolvimento da indústria nacional. Na perspectiva do Partido: “a libertação nacional permitiria desenvolver nossas grandes fontes de riqueza, diversificar a produção, terminar radicalmente com as importações de múltiplos artigos”.³⁷² Por isso, os integrantes desse grupo eram considerados pelos comunistas como potencialmente interessados na independência econômica e na proteção do mercado, coincidindo, então, com o caráter emancipatório do programa partidário.

De acordo com Rodríguez, o atraso cubano também era motivado pelas formas pequeno-burguesas de produção, que incluía os artesões, os pequenos produtores e os comerciantes, e,

³⁷⁰ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael, *Letra con filo*. Tomo 1, p. 21.

³⁷¹ “Tese 12. No entanto, a partir do momento em que a exploração colonial pressupõe algum encorajamento da produção colonial, ela é dirigida segundo linhas que promovem e correspondem aos interesses da metrópole e aos interesses da preservação do seu monopólio colonial. Parte do campesinato pode ser encorajado a plantar algodão, açúcar ou borracha (no Sudão, em Cuba, em Java e no Egito etc.), mas isto é feito de maneira que não promova o desenvolvimento econômico independente do país colonial, mas pelo contrário, intensifique a sua dependência relativamente à metrópole imperialista”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais.

³⁷² RODRÍGUEZ, Carlos Rafael, op. Cit., p. 23.

ao lado deles, estavam os setores profissionais (advogados, médicos), intelectuais (professores, escritores) e empregados do Estado. A afinidade entre esses setores responde mais aos pressupostos teóricos cominternistas do que às especificidades da Ilha. A IC advertiu que, durante o processo revolucionário, a intelectualidade pequeno-burguesa e os estudantes poderiam representar os interesses da burguesia e deveriam, por isso, ser orientados pelos verdadeiros revolucionários para que permanecessem ao lado da revolução.³⁷³ O pesquisador Freddy Varona Dominguez comentou a percepção que os comunistas tinham das classes médias e da pequena burguesia dizendo:

É comum no pensamento marxista cubano considerar que dentro das características mais significativas da pequena burguesia estão o individualismo, sua posição vacilante ante o socialismo e o capitalismo, sua existência no campo e na cidade e sua diferenciação no setor industrial, no comercial e no agrícola.³⁷⁴

A passagem de Dominguez reforça a percepção quanto a desconfiança que os comunistas tinham em relação aos estudantes e à pequena-burguesia. Posteriormente, veremos que essa ideia se perpetuará na caracterização feita pelo Partido do movimento estudantil e das guerrilhas de Fidel Castro no contexto da ditadura de Fulgencio Batista, de tal modo que as concepções teóricas impedirão a aproximação com os demais grupos em decorrência da categorização e dos pressupostos arraigados que os comunistas possuíam em relação aos opositores da ditadura batistiana.

Outro grupo importante trabalhado pela literatura partidária foram os camponeses.³⁷⁵ Essa classe foi dividida em três grupos. O primeiro era formado por uma camada que possuía uma boa extensão de terra, onde trabalhavam muitos funcionários. Rodríguez os chamou de os “verdadeiros capitalistas da agricultura” e de “burguesia agrária” e salientou que, mesmo ocupando um posto economicamente favorecido e defendendo os privilégios da burguesia, eles

³⁷³ “Tese 20. A intelectualidade pequeno-burguesa e os estudantes são muito, frequentemente, os representantes mais determinados, não apenas dos interesses específicos da pequena-burguesia, mas também dos interesses objetivos e gerais de toda a burguesia nacional. Durante as primeiras fases do movimento nacional, eles surgem, muitas vezes, como porta-vozes da luta nacionalista. O seu papel neste movimento é relativamente importante. Em geral, eles não representam os interesses dos camponeses, porque o estrato social do qual eles resultam está ligado aos senhores feudais. Mas o avanço da onda revolucionária pode conduzi-los ao movimento operário, ao qual eles aportam a sua ideologia pequeno-burguesa hesitante. Só alguns deles conseguem romper com a sua própria classe e compreender as tarefas da luta de classes do proletariado, tornando-se assim defensores ativos dos interesses proletários. Frequentemente, os intelectuais pequeno-burgueses dão à sua ideologia uma cor socialista ou até mesmo comunista”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. *Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais*.

³⁷⁴ VARONA DOMÍNGUEZ, Freddy. Carácter multifacético de la concepción del ser humano en el pensamiento marxista cubano de la primera mitad del siglo XX. *Revista Islas*, 55 (174), septiembre-diciembre, 2013, p. 102.

³⁷⁵ Lembramos que os trabalhadores do campo compunham, aproximadamente, 40% da população insular nos anos de 1950. Ver: VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 34.

ainda se chocavam com as companhias estrangeiras, principalmente, porque os preços dos produtos que eles produziam eram definidos nos acordos econômicos feitos nos Estados Unidos.

O campesinato era formado ainda pelo colono médio, definido como aquele que possuía uma pequena propriedade ou arrendava um pedaço de terra e era capaz de contratar mão de obra para trabalhar nela; e pelo camponês “semiproletariado”, categoria composta pelo trabalhador que não produzia o suficiente para a própria subsistência. Esses dois últimos grupos (o colono médio e o “semiproletariado”) foram chamados de “campesinato pobre” e eram considerados importantes para o cumprimento da primeira etapa da revolução, já que uma das principais realizações dessa fase era a expropriação do latifúndio e a distribuição de propriedades aos camponeses.³⁷⁶ Consequentemente, Carlos Rafael Rodríguez considerava os camponeses como aliados no processo revolucionário.

Ao lado dos pequenos camponeses estava o proletariado. Para o dirigente socialista popular, ambos os grupos deveriam se unir porque eram desalojados, submetidos a empréstimos e juros que não correspondiam ao salário, conviviam com o desemprego e a exploração da força de seu trabalho. Sobre proletariado cubano, Carlos Rafael Rodríguez destacou que ele era numericamente débil se comparado com os países industrializados, com baixo nível técnico, porque predominava em Cuba a atividade agrícola não especializada e possuía pouca experiência em organização trabalhista. Além disso, boa parte dos trabalhadores industriais era jovem e o grosso da classe provinha do campesinato e dos artesãos que haviam sido espoliados de seus meios de produção. Mesmo em face dos problemas citados anteriormente, o proletariado ainda era visto como o protagonista da revolução cubana, perspectiva que, novamente, incorporava as teses da IC.³⁷⁷ O papel de protagonista desse grupo foi apontado por Rodríguez da seguinte maneira: “Corresponde ao proletariado e sua vanguarda capitanear o povo cubano nesta etapa em que trata de completar nossa libertação econômica e política”.³⁷⁸ Rodríguez salientou que o imperialismo, ao fomentar a criação de indústrias nos países coloniais, ainda que de modo incipiente, contribuiu para criar as condições de aparecimento e

³⁷⁶ “Tese 13. A partir do momento em que a imensa maioria das massas da população colonial está ligada à terra e vive no campo, o carácter saqueador da exploração do campesinato pelo imperialismo e pelos seus aliados (a classe dos senhores feudais, mercadores e agiotas) adquire especial significado [...]”. Ver: INTERNACIONAL COMUNISTA. Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais.

³⁷⁷ “Tese 20. O campesinato só pode atingir a sua emancipação sob a liderança do proletariado, enquanto que o proletariado só pode conduzir a revolução democrático-burguesa à vitória se estiver em união com o campesinato. Ver: *Ibidem*.

³⁷⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 48.

crescimento do proletariado, propagando a ideia de que o capitalismo havia criado seu próprio “coveiro”.³⁷⁹

Essa perspectiva de atribuir aos trabalhadores urbanos o protagonismo do movimento revolucionário representa, em nosso entendimento, uma repetição dogmática e mecânica das fórmulas cominternistas. Quando observamos o contexto cubano, o que notamos é existência de uma sociedade agrária, cujo volume da mão-de-obra operária era ínfimo se comparado com o tamanho do campesinato. Assim, para nós, atribuir a direção do movimento ao proletariado urbano era mais uma tentativa de adaptação da doutrina marxista formulada pelos soviéticos do que um esforço em se pautar na realidade objetiva para dela pensar num modelo revolucionário que correspondesse mais coerentemente à realidade insular.

É bem evidente a incorporação do vocabulário e das ideias formuladas pela IC nos escritos teóricos produzidos pelos cubanos. Os textos de Carlos Rafael Rodríguez e Blas Roca, além de adaptar para a realidade cubana os pressupostos do VI Congresso do Comintern (1928), ainda incorporaram um dos principais aspectos da ideologia comunista: a história de Cuba é a história da luta de classes. Ambos os autores cunharam uma narrativa dualista antagonizando o capitalismo e o socialismo, e apontaram o protagonismo da classe operária como motor da mudança histórica. Os textos dos líderes socialistas populares são importantes também porque se constituíram em formações discursivas fundamentais da cultura política comunista, uma vez que traduziram para a realidade insular as concepções ideológicas do marxismo-leninismo e do marxismo-stalinismo vigentes no Movimento Comunista Internacional.

Tais escritos incorporaram alguns conceitos, como “feudalismo” e “libertação nacional”, que fizeram parte de um processo discursivo mais amplo. Para os comunistas, era razoável pensar que o mundo pré-colombiano era caracterizado por um comunismo primitivo ou que o feudalismo foi o sistema econômico predominante na época em que Cuba era uma colônia da Espanha. Entretanto, quando observamos o substrato histórico que inspirou os escritos de Karl Marx, fica evidente que as realidades europeia e americana não seguiram os mesmos cursos de desenvolvimento e que não houve, por exemplo, um feudalismo em Cuba tal como existiu no medievo europeu. Apesar dessa disparidade, como mostramos, o esforço de adaptação das categorias marxistas marcou toda a produção teórica da cultura política comunista criada pelo Partido Socialista Popular.

1.3.3. Os imaginários, as representações e os mitos da cultura política comunista do PSP

³⁷⁹ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 1, p. 18-19.

Nesta parte do texto, abordaremos alguns elementos marcantes do imaginário, das representações e dos mitos criados, difundidos e inculcados pelo Partido Socialista Popular. Rodrigo Patto Sá Motta ressaltou que o imaginário se caracteriza pelo “conjunto de representações mentais de um determinado grupo, representações viabilizadas através de imagens” e complementou “o imaginário social seria, portanto, a representação ou o conjunto de representações imagéticas de determinados aspectos ou fenômenos da vida social como anseios, temores, utopias, valores, crenças etc”..³⁸⁰ Ao mobilizar tais elementos, os grupos que os forjam pretendem sustentar concepções teóricas, legitimar projetos políticos, construir representações sobre si mesmos e sobre seus opositores e dar coerência às atividades políticas. Destacaremos na sequência três elementos que estiveram presentes no imaginário da cultura política criada, difundida e inculcada pelo Partido Socialista Popular, que são os usos do passado cubano e o nacionalismo partidário, o referencial soviético e a figura de Stálin como norteadores do movimento político e a construção dos Estados Unidos como inimigos de Cuba e dos comunistas.

Os cubanos recorreram a aspectos da história insular para justificar seus projetos e valores. As referências aos “heróis” nacionais que lutaram nas guerras de independência do século XIX, como José Martí e Antonio Maceo,³⁸¹ e aos líderes do próprio Partido como Julio Antonio Mella, Carlos Baliño e Rubén Martínez Villena foram constantes na documentação partidária³⁸² Essas “referências históricas” forneceram para a cultura política partidária “uma provisão quase inesgotável de dados-chave, textos seminais, fatos simbólicos e galerias de grandes personagens que são apresentados como modelos a seus militantes”..³⁸³

Os comunistas representaram esses líderes como exemplos da luta pela libertação de Cuba e atrelaram o heroísmo da ação deles ao trabalho realizado pelo PURC e, depois, pelo PSP, colocando-se como herdeiros de uma tradição revolucionária que remontava à luta pela

³⁸⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política, p. 87.

³⁸¹ General do exército libertador durante a Guerra de 1895. O PSP recorreu bastante à figura de Maceo por causa do papel que ele desempenhou na libertação da Ilha e por ele ser negro, pois a defesa da igualdade racial e da representatividade dos negros e negras eram elementos marcantes do projeto e do imaginário partidário. Em um editorial de *Fundamentos*, Maceo foi descrito assim: “[...] ele condenou com voz enérgica o racismo branco existente nas fileiras revolucionárias e deixou ver claramente que a República a que aspirava, o mesmo que aquela outra que delinear a Martí, não poderia trazer o estigma do colonialismo escravista [...]”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial. *Revista Fundamentos*, año IV, diciembre de 1944, n° 40. p. 476. Por isso, acreditamos que a referência a Maceo se liga também a uma interpretação feita pelos comunistas de que ele lutou contra o racismo e isso endossava o projeto socialista popular.

³⁸² Sugerimos a leitura do texto *El cincuenta y cinco aniversario del primer partido comunista de Cuba*, de Carlos Rafael Rodríguez, escrito em 1980. Uma das passagens do texto comprova nossa assertiva e diz o seguinte: “Mella, Baliño e seus companheiros chegaram a ser parte dos símbolos nacionais de uma luta de mais de cem anos na qual se enlaçam a aspiração a independência nacional e o sonho de transformação social”.

³⁸³ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia, p. 34.

independência, cujo objetivo era alcançar a “verdadeira” autonomia e soberania insular. Esse aspecto é perceptível em um texto publicado na revista *Fundamentos* em 1944, quando, após descrever o “sacrifício” de José Martí e a importância de seu exemplo,³⁸⁴ os comunistas escreveram:

Se hoje as forças democráticas avançadas em nosso país, como o Partido Socialista Popular, reclamam orgulhosamente nessa hora seu caráter de continuadoras de José Martí é porque Martí soube ser intérprete de seu tempo. Não é necessário que no pensamento martiano se encontrem elementos socialistas para que o PSP possa declará-lo seu antecessor junto ao grande general Antonio Maceo, o Maceo glorioso. O que Martí tinha adiante era o trabalho de libertar Cuba.³⁸⁵

Os socialistas populares admitiam que Martí não havia sido um comunista, mas sim um radical que liderou o movimento libertador. A herança que legara José Martí não se relacionava ao seu vínculo com ideologia marxista, uma que vez que ele não havia a propagado nem a defendido. Os comunistas, inclusive, reconheciam os limites “burgueses” dos trabalhos de José Martí.³⁸⁶ Um dos textos de Carlos Rafael Rodríguez, escrito em 1953, é esclarecedor nesse sentido. Diversos atributos morais foram associados a Martí, como “possuir de uma visão previsora da história” e “ter um comportamento imolado”. José Martí era considerado uma “figura superior” e um revolucionário que foi capaz de romper com a burguesia, sua classe origem, e de ter enfrentado a “direção do processo revolucionário com uma firmeza, sagacidade e sentido de tática que poucos dirigentes pequeno-burgueses possuíram em qualquer país ou tempo”.³⁸⁷ Ademais, a morte de José Martí em campo de batalha, ainda em 1895, era tida como exemplo máximo da emulação revolucionária pelos comunistas.

³⁸⁴ No documento aparece a seguinte descrição da luta empreendida por José Martí: “[...] não há dúvidas de que, quando se olha para os ideais de 95 e as necessidades cubanas naquele momento histórico, é forçoso convir que José Martí, prescindindo da grandeza humana de sua personalidade e atendo-se somente a sua projeção política imediata, soube pulsar as ânsias cubanas do momento e, compreendendo que a luta contra a Espanha era obra conjunta de todos os setores e classes do povo, realizou, com maestria e atos admiráveis, a grande tarefa da unificação nacional que, em 1868, não se cristalizou, originando, então, com as dissensões do campo independentista, a perda da Guerra dos Dez Anos”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial. *Revista Fundamentos*, año IV, mayo de 1944, nº 33, p. 10-11. Na passagem destaca-se a associação das ações de Martí com a interpretação que ele fez dos “anseios cubanos” e essa operação era bastante comum dentro do Partido. Os comunistas não só diziam que eram continuadores da obra de Martí, mas também eram os únicos capazes de interpretar os desejos políticos da população.

³⁸⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: Ante las elecciones. *Revista Fundamentos*, año IV, mayo de 1944, nº 33, p. 11.

³⁸⁶ Sobre disso, Carlos Rafael Rodríguez escreveu: “A república de Martí, por isso, é democrática em seu aspecto político e burguesa em seu conteúdo social”. A proposta do PSP ia na direção da libertação de Cuba do jugo dos EUA, tal como propugnara Martí, mas se dirigia principalmente para a estratégia final, que era a instalação de uma sociedade comunista, proposta relacionada com o movimento comunista, ao qual o partido se filiava, e não com Martí.

³⁸⁷ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 203.

Para além dessas qualidades morais, interessavam aos comunistas algumas das orientações teóricas contidas nas obras de Martí. Especialmente, foram acessadas as ideias martinianas relativas à independência insular, segundo as quais os cubanos não deveriam aceitar uma troca de mando, mas somente a autonomia completa. Isto é, na visão de Carlos Rafael Rodríguez, Martí havia assinalado o risco de Cuba, após a ruptura com a Espanha, passar para a esfera de influência econômica e política dos Estados Unidos. Ainda de acordo com Rodríguez, foi exatamente essa previsão de José Martí que havia se realizado quando os estadunidenses intervieram na Guerra de 1895 e ocuparam a Ilha até a assinatura da Emenda Platt (1902). Assim, quando os comunistas se colocavam como herdeiros de José Martí, eles faziam referências às concepções sobre a luta pela independência, ainda não realizada segundo aquela interpretação, e ao comportamento ilibado do "herói" nacional. Para completar, outro elo criado pelos comunistas entre eles e Martí era a defesa que esse fazia de um “equilíbrio social” – entendido pelo PSP como a defesa de políticas de distribuição de renda – e do combate à corrupção que o capitalismo originava.³⁸⁸ Sendo assim, ainda que reconhecessem o caráter não marxista dos textos de José Martí, os membros do PSP atribuíram a ele vários elementos compartilhados pela cultura política do movimento comunista, como a crítica ao capitalismo, a defesa de uma sociedade mais justa e um comportamento e moralidade abnegados.

Assim como destacou Marc Lazar para o caso do PCF, também o PSP “inventou tradições” quando se colocou como o único e legítimo continuador da luta pela independência política e econômica da Ilha, uma vez que, na concepção do Partido, Cuba ainda não havia alcançado sua emancipação por causa da ingerência dos EUA nos interesses insulares. Os comunistas cubanos se intitulavam como “os verdadeiros mambís”, referindo-se aos lutadores pobres e camponeses que atuaram na Guerra de Independência (1895-1898) e se colocavam como herdeiros daquele comportamento político que previa a doação pessoal na luta pela emancipação, como se nota na seguinte passagem:

O esforço de nosso povo, lutando quase um século para conseguir sua independência não só é para nós o mais belo antecedente histórico e a mais singular façanha, mas também a segurança e a garantia de que o povo cubano saberá em nosso tempo manter a luta para conseguir sua libertação nacional e marchar para o socialismo, objetivos que constituem a natural continuidade e a culminação do esforço heroico de nossos mambises. Com ocasião de sua VII Assembleia Nacional, o PSP rende a mais alta homenagem aos libertadores de 68 e de 95 proclamando sua exemplaridade e expressando sua profunda gratidão pela obra que cumpriram. O PSP desenvolve suas atividades consciente de que continua a obra dos mambises. Céspedes e Aguilera, Martí e Maceo, Máximo Gómez e Moncada, Calixto García e Flor Crombet, lutaram sem descanso contra o maior inimigo de Cuba em seu tempo: o poder

³⁸⁸ Ibidem, p. 207.

regressivo e brutal da monarquia espanhola. Por isso, cumpriram reta e gloriosamente seu dever revolucionário. Seguindo seu exemplo, o PSP luta hoje contra o maior inimigo de Cuba: o imperialismo ianque.³⁸⁹

Os personagens citados eram conhecidos pelas massas cubanas e, assim sendo, era importante recorrer ao exemplo deles. Ademais, eles pertenciam à “zona dos valores compartilhados”, pois outras agrupações políticas reivindicaram o legado das ideias e ação desses “mitos” e disputaram com os comunistas a legitimidade de representação da obra e do valor social atribuídos àquelas figuras. Justificamos nosso entendimento desses líderes como mitos da cultura política comunista com base na definição de Mircea Eliade, para quem os mitos revelam modelos exemplares das atividades humanas³⁹⁰ e era exatamente a exemplaridade da vida e obra deles o elemento destacado pelos comunistas.

Sobre a mesma questão, Rodrigo Patto Sá Motta, parafraseando Raoul Giradet, destacou que os mitos “transmitem mensagens, ajudam a forjar valores identitários e contribuem para dar coesão aos diversos grupos”.³⁹¹ Os comunistas cubanos, ao erigirem seus mitos e se associarem a eles, por exemplo, autointitulavam-se “os *mambises* de hoje” e tentavam se legitimar como os verdadeiros responsáveis pela luta de libertação de Cuba. Como destacou Motta, a construção da legitimidade política se relaciona com o estabelecimento de um imaginário “que resume e simboliza, a nível da mentalidade popular, as mensagens e valores do poder”.³⁹²

Além do mais, salientamos que boa parte da produção intelectual desses “heróis” foi fundida na literatura comunista cubana. María Caridad Pacheco González apontou que, na década de 1920, havia pouquíssima bibliografia marxista disponível na Ilha e a formação intelectual da “geração de 1930” foi bastante influenciada por escritores cubanos, o que deu origem a um marxismo “articulado com as tradições do processo de libertação nacional do século XIX, cuja grande síntese representa o ideário de José Martí [...]”.³⁹³ Esse é mais um indício da importância do pensamento e do exemplo que tais personagens desempenharam naquela cultura política. Alguns textos de Martí e Mella, principalmente, aparecem constantemente citados no programa partidário, pois, na concepção dos comunistas, a infalibilidade daqueles escritos respaldariam suas próprias ideias políticas. Eles eram os

³⁸⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Vota contra el gobierno y por los candidatos a representantes y senadores de PSP”. *Noticias de Hoy*, nº 48, Año XV, domingo, 24 de febrero de 1952, p. 4, grifo nosso.

³⁹⁰ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 13.

³⁹¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política, p. 88.

³⁹² *Ibidem.*, p. 89.

³⁹³ PACHECO GONZÁLEZ, María Caridad. Juan Marinello y el latinoamericanismo fecundante (1923-1937), p. 363.

“homens providenciais”, na conceituação feita por Raoul Girardet, para os quais os comunistas devotaram uma fidelidade às mensagens que seus “mitos” produziram e uma “conformidade aos princípios que estabeleceram ou às instituições que fundaram”.³⁹⁴ As ideias dos “heróis” foram tão importantes para o Partido que a editora *Páginas* publicou diversos textos produzidos por eles ao longo do decênio de 1940.³⁹⁵

Outro exemplo de recurso aos símbolos nacionais na conformação da cultura política comunista partidária era o emblema do PSP (figura 1), formado por um facão (*machete*) e um martelo apoiados sobre um livro, ao invés do uso da foice e do martelo. De acordo com os Estatutos do Partido, tais símbolos tinham os seguintes significados: “[...] estrela pentagonal, que simboliza a independência nacional; uma circunferência que significa a unidade e dentro dela e no centro da estrela, um livro aberto e cruzados sobre ele um martelo e um facão, representando a cultura e unidade do proletariado e dos camponeses”,³⁹⁶ como expresso na imagem:

Figura 1 - Emblema do PSP



Fonte: Revista *Fundamentos*, nº 54, capa.

A opção pelo facão no lugar da foice não é ocasional, pois aquele era o instrumento usado no corte da cana de açúcar, principal produto agrícola de Cuba. A escolha dele revela a intenção de associação a um instrumento específico da economia insular e, por isso, essa se tornou uma representação genuína daquela cultura política. Não somente a escolha do emblema mostra a mescla entre elementos representativos do MCI (o martelo) e nacional (facão), mas as efemérides também. Dentre as efemérides celebradas pelos comunistas cubanos, estavam o aniversário de morte de Mella, Baliño e Villena, o natalício e, depois, o falecimento de Stálin,

³⁹⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 78.

³⁹⁵ No primeiro número da revista *Fundamentos*, há um anúncio sobre a disponibilidade, na livraria *Páginas*, de biografias escritas pelos membros do partido sobre Mella, Martí, Villena, Lenin, Roxa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Na mesma edição, também há um anúncio da publicação de textos selecionados de Carlos Baliño.

³⁹⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 3.

a Revolução Russa e o Primeiro de Maio. Essas datas faziam parte do calendário partidário e eram marcadores temporais relacionados aos eventos que davam coesão à cultura política.

O Primeiro de Maio, por exemplo, ainda que não fosse uma data exclusiva da cultura política comunista, era visto pelos membros do Partido como uma forma de demonstrar o apoio dos trabalhadores à União Soviética, como aparece no excerto publicado em 1930: “Ao chamado do Partido Comunista milhares de operários de Havana e de todo o país demonstraram no Primeiro de Maio sua disposição de luta contra o capitalismo, contra o perigo das guerras, pela defesa da União Soviética”.³⁹⁷ Esse exemplo mostra a imbricação de dois elementos importantes da cultura política comunista: a defesa da URSS e a celebração da citada data celebrativa. Claude Rivière destacou que esses “ritos políticos”,³⁹⁸ vivenciados através de eventos comemorativos, tinham um caráter projetivo e reivindicativo,³⁹⁹ ou seja, colocavam em destaque os projetos políticos, os slogans (“Viva o 1º de maio”, “Viva os trabalhadores”) e serviam como atividade de disciplinamento da militância, a qual era compelida a aderir aos ritos partidários como prova comportamental de adesão às ordens da direção e crença no *corpus* doutrinal da cultura comunista.

A Revolução Russa de 1917, de acordo com François Furet, foi representada pelos comunistas como a origem da revolução mundial, o início do processo histórico de fundação de uma nova sociedade marcada pelo fim das classes sociais, da exploração do trabalho e da plena igualdade social e econômica. O culto à URSS, bem como as expectativas geradas com os avanços científicos, sociais e políticos dos soviéticos, foi uma das manifestações mais comuns dentro da cultura política comunista do PC’s ao longo do século XX.

Em Cuba, o PSP foi responsável pela circulação das ideias e dos textos produzidos na URSS e, depois, no leste europeu. Os comunistas cubanos defenderam os avanços sociais e econômicos do bloco socialista e também o estabelecimento de relações econômicas entre a Ilha e os soviéticos, alegando a validade financeira dos acordos econômicos entre as partes. A União Soviética era representada como uma região de liberdade e abundância, de paz e de

³⁹⁷ PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba sobre los sucesos del Primero de mayo, 3 de mayo de 1930. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 195.

³⁹⁸ Claude Rivière entende o rito político como “uma encenação da vida coletiva e ao mesmo tempo simulacro onde se investe o imaginário social [...]”. Além disso, de acordo com o autor, o rito carrega algumas outras características: ele é um ato repetitivo, relativamente invariável, que provoca coesão entre os sujeitos e pode se apresentar como um reflexo das hierarquias sociais e políticas dos grupos que o pratica (por exemplo, os ritos que ocorreram nas reuniões e congressos do PSP – escolha de um membro importante para a abertura da reunião, a sequência dos oradores, a leitura das resoluções do evento pelo secretário geral – demonstram essa hierarquia). Ver: RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989, p. 143-149, passim.

³⁹⁹ *Ibidem*, p. 85.

socialismo. Em 1952, Aníbal Escalante e Blas Roca participaram do XIX Congresso do Partido Comunista da URSS e, após o retorno à Ilha, depois de dois meses de estadia no mundo socialista, publicaram inúmeras reportagens sobre o que consideravam ser “as maravilhas” do comunismo. No editorial de *Noticias de Hoy*, de 7 de dezembro de 1952, Escalante narrou a experiência da viagem apontando a evolução do cenário social, a “sensação de novo, de grandeza, de glória e felicidade, de segurança e fortaleza” que se vivia na União Soviética, ele escreveu:

Eu estive ali em 1937, quando a vida já era muito mais fácil, quando haviam apagado os rastros da primeira guerra imperialista, da guerra civil e da agressão de 14 potências contra o nascente poder do proletariado. Hoje, porém, o progresso enorme de 1937 parece um sonho remoto. Hoje, a vida floresce esplendorosamente no país de Stálin.⁴⁰⁰

Aníbal Escalante continuou a coluna abordando a superação do mundo socialista após a devastação da Segunda Guerra, pois era visível, na perspectiva dele, a abundância reinante e o avanço da economia naquela região. A União Soviética representava para os PC's uma dimensão teleológica de sua doutrina, pois a finalidade para a qual tais partidos foram criados era a realização de uma revolução que levaria ao fim das classes sociais, à redistribuição dos meios de produção na fase socialista e à implantação do comunismo, assim como, segundo os PC's, havia ocorrido na URSS. Recorrer ao exemplo da União Soviética fazia parte desse imaginário que tinha imbuído em si uma perspectiva de futuro bem definida e inevitável, pois a crença na teoria marxista-leninista e marxista-stalinista gerava uma convicção na infalibilidade do fim do capitalismo e no protagonismo dos trabalhadores na construção do novo mundo comunista, cujo exemplo da Revolução Russa era a vanguarda a ser seguida.

As representações feitas pelo PSP podem ser equiparadas àquelas observadas por Jorge Ferreira para o caso brasileiro. Para o autor, a URSS era o sonho daqueles que queriam construir uma nova sociedade, era representada por meio de seus grandiosos monumentos arquitetônicos, pelos números de seu crescimento econômico, pela rapidez com que as cidades devastadas pela guerra civil foram reconstruídas e pela industrialização acelerada,⁴⁰¹ enfim, a URSS era o local da utopia realizada.

Um exemplo da deferência à URSS foi a defesa feita pelo PURC do Pacto Ribbentrop-Molotov, assinado em 23 de agosto de 1939.⁴⁰² O principal argumento usado pelos comunistas cubanos para defender o acordo foi de que a Inglaterra pretendia conduzir a URSS para um

⁴⁰⁰ ESCALANTE, Aníbal. Regreso y esbozo. *Noticias de Hoy*, N° 291, Año XV, Domingo, 7 de diciembre de 1952, p. 8.

⁴⁰¹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 195-198, passim.

⁴⁰² Ver a nota 271.

conflito contra o eixo Roma-Berlim-Tóquio e isolar a guerra no Leste Europeu para beneficiar o “imperialismo” inglês.⁴⁰³ Com base nessa interpretação, para o PURC, os soviéticos firmaram um acordo com os nazistas a fim de defender a Revolução Russa de um possível conflito bélico contra a Alemanha. Em 1940, diante da possibilidade da entrada de Cuba no conflito, o Partido escreveu: “só estamos dispostos a derramar nosso sangue pela causa de Martí e Maceo, pela causa de Mella e Martínez Villena, pela independência nacional e pelo bem-estar do povo”.⁴⁰⁴ reafirmando o compromisso de manter Cuba fora do conflito. Inclusive, o Partido formou “Comitês por Cuba fora da Guerra Imperialista” e se opôs ao serviço militar obrigatório. Porém, após o ataque de Hitler à URSS, o PURC declarou que o conflito havia mudado de natureza e decidiu apoiar o serviço militar obrigatório, se opondo àquilo que vinha defendendo até aquele momento. Esse exemplo mostra que a posição partidária era bastante influenciada pelos eventos externos que envolveram a União Soviética.

A vitória dos aliados, em 1945, aumentou ainda mais o prestígio da URSS e impulsionou as referências ao “mérito” de Josef Stálin na resolução do conflito dentro do MCI.⁴⁰⁵ Stálin era exaltado como o “guia espiritual da humanidade” e como exemplo de incorporação dos valores e do ideário da Revolução Russa.⁴⁰⁶ No editorial da revista *Fundamentos*, de novembro de 1944, consta o seguinte: “Stálin representa hoje o poder de uma nação unida, sem antagonismos políticos, sem divisões de classes, sem disputas raciais ou religiosas. Por esta situação extraordinária, quase se pode dizer, quando fala Stalin, que fala a União Soviética”.⁴⁰⁷ O culto a Stálin era visível em algumas sedes do PSP, nas quais fotografias dele figuravam ao lado das de Martí e Mella.⁴⁰⁸ Os socialistas populares acreditavam na existência de “heróis”, que representavam modelos de comportamentos a serem seguidos, o que se nota no comentário de Aníbal Escalante: “Nós, os comunistas, temos um critério definido acerca do herói da história.

⁴⁰³ PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. El pacto de no agresión. Consecuencias de la acción de la Unión Soviética. *Noticias de Hoy*, N° 201, Año II, Viernes, 25 de agosto de 1939, p. 1.

⁴⁰⁴ PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA apud ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2, p. 62.

⁴⁰⁵ Paolo Spriano comentou: “Stálin torna-se – numa escala massiva absolutamente ignorada antes da epopeia da “grande guerra patriótica” – a figura que simboliza não somente a causa da libertação do jugo nazifascista, mas também a garantia de uma emancipação socialista para o amanhã vitorioso. Em outras palavras, mais do que nunca – e para gerações novas de combatentes que chegam ao comunismo com as armas na mão – o líder dos trabalhadores de todo o mundo. Daí a conexão, e também a mistura, entre a imagem do partido comunista como partido patriota, “nacional,” e do partido comunista como partido de Stalin. E justamente esse entrelaçamento é que favorece o crescimento impetuoso de alguns partidos comunistas, a adesão de massa a eles e, ao mesmo tempo, sua aptidão a se fazerem forças de governo, fundadores de novos estados”. Ver: SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947, p. 159.

⁴⁰⁶ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 437.

⁴⁰⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: Stalin. *Revista Fundamentos*, año IV, noviembre de 1944, n° 39, p. 395.

⁴⁰⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La conmemoración del 7 de noviembre. *Carta Semanal*, n° 15, 23 de noviembre de 1953, p. 2.

Sabemos que o herói sem a massa é nada. Porém, sabemos também que assim como a massa é quem faz a história, ela cria seus líderes, e esses líderes influenciam a massa e a conduzem a realização das tarefas históricas [...]”.⁴⁰⁹

A exaltação à URSS e a Stálin compôs, nos discursos políticos dos PC's, o que Eni Orlandi chamou de “formações imaginárias”. Segundo a autora, no discurso o que opera são as imagens projetadas e não os sujeitos físicos ou lugares empíricos que eles ocupam.⁴¹⁰ Quer dizer, a preocupação dos sujeitos que formulam um discurso político não é, necessariamente, a descrição exata da realidade ou o compromisso com a veracidade dos acontecimentos, mas a representação de elementos que ajudarão a justificar a mobilização de imaginários e valores. Essa foi a operação que se deu na construção da figura de Josef Stálin como “mito” da cultura política comunista.

Stálin se tornou o secretário geral do PCUS em 1922 e a influência de seu pensamento no Movimento Comunista Internacional foi predominante entre as décadas de 1930 e 1950. A primeira manifestação pública de celebração à Stálin, segundo Jorge Ferreira, aconteceu na comemoração do 50º aniversário do líder soviético, em 1929, e o culto a ele desenvolvido a partir de então foi estimulado pelos soviéticos.⁴¹¹ O *Pravda*, jornal do PCUS, publicou quase que diariamente, na década de 1930, homenagens ao líder, ajudando a construir a imagem de Stálin como o “amigo das crianças”, o “pai dos povos” e o “guia dos proletários”.⁴¹² Era comum a comemoração do aniversário de Stálin feita pelos PC's, saudando-o por seus feitos históricos e desejando-o vida longa. Esse processo de culto pode ser percebido dentro do PURC já no ano de 1940, quando foi noticiada pela primeira vez a celebração do natalício do líder soviético na primeira página de *Noticias de Hoy*.

Em fevereiro de 1950, foi publicado em *Fundamentos* um texto de Blas Roca intitulado *El honor de ser stalinista*, uma homenagem ao aniversário de 70 anos de idade do dirigente russo. No texto, Stálin é apresentado como o responsável pela libertação do mundo do exército nazista e pela vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial e como o paladino da paz. Além disso, suas qualidades pareciam inesgotáveis e representavam os ideais do verdadeiro homem novo comunista. Na passagem abaixo, consta a exaltação àquela figura:

Nós vemos em Stálin o líder valoroso e genial da classe proletária, o sábio maestro, o guia sagaz e firme em cuja palavra sempre podemos confiar, em cuja orientação podemos encontrar sempre a via segura da luta e do triunfo.

⁴⁰⁹ ESCALANTE, Anibal. Notas del director: hombre de un temple especial. *Noticias de Hoy*, año XV, nº 13, 15 de enero de 1952, p. 1.

⁴¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009, p. 40.

⁴¹¹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 220.

⁴¹² *Ibidem*, p. 220.

Nós estamos orgulhosos de que nossa classe, a classe proletária; de que nossa causa, a causa do socialismo, tenha produzido um líder assim, tão abnegado, tão firme, tão valente, tão honrado, tão sábio, tão previsor, tão audaz e cauteloso ao mesmo tempo, tão flexível na tática e tão intransigente com os princípios, como Stálin; um líder que, irmão de armas de Lenin, ao que ele mesmo chamou “a águia das montanhas” e de quem foi o colaborador mais próximo, pode ser chamado com razão o Lenin de hoje.⁴¹³

De acordo com Robert Mcneal, a ideia de que “Stálin era Lenin de hoje” foi uma das formulações mais repetidas dentro do campo socialista.⁴¹⁴ Segundo o autor, a partir da morte de Lenin, em 1924, iniciou-se um processo de culto a esse líder bolchevique, incluindo a mumificação e exposição de seu corpo no mausoléu localizado, ainda hoje, na Praça Vermelha, em Moscou. Josef Stálin canalizou o culto à Lenin, colocando-se como o seu maior e legítimo herdeiro. Na ocasião do falecimento de Stalin, o jornal *Noticias de Hoy*, durante dias, lamentou o acontecido. Na edição de 6 de março de 1953, o texto do editorial do jornal alegou que Stálin era imortal, pois o legado dele não morreria, assim como o leninismo continuou orientando os comunistas mesmo depois do falecimento de Lenin.⁴¹⁵ Ambos os líderes entraram para o panteão dos heróis comunistas e guiariam os povos de todo o mundo com a teoria e o exemplo que deram em vida, como consta na figura abaixo:

Figura 2 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: PSP, *Noticias de Hoy*, 8/3/1953, p. 2

⁴¹³ ROCA, Blas. El honor de ser stalinista. *Revista Fundamentos*, año X, febrero de 1950, n° 95, p. 104.

⁴¹⁴ MCNEAL, Robert. As instituições da Rússia de Stálin. In: HEGEDUS, Andrés *et. al.* Coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo.* Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 268-270.

⁴¹⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un editorial: Stalin, la gran figura de la paz y la libertad. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 55, 6 de marzo de 1953, viernes, p. 6.

As representações feitas pelo PSP de Stálin correspondiam, em nossa visão, a um culto àquela personalidade. Como destacou McNeal, as manifestações de culto se baseavam na associação de Stálin com Lenin, na comemoração do aniversário de Stálin e na prestação de homenagens ao líder em razão das obras realizadas por ele e de seu exemplo como um “homem novo”. Todas essas manifestações foram praticadas pelo PSP. Na imagem acima, intitulada “A luz que guia a humanidade”, os comunistas fizeram referência à onipresença dos líderes soviéticos, cuja referência era um elemento agregador do Movimento Comunista, cujos textos teóricos correspondiam às verdades irrefutáveis e cujas histórias de vida indicavam exemplos de moralidade e compromisso com a causa do operariado, a razão de ser da ideologia marxista. Ademais, acionar os exemplos de Lenin, Stálin, Mella, Martí e Maceo era também uma tentativa de formular o perfil esperado dos comunistas ou construir uma imagem do “homem novo”.

As antíteses desse modelo eram o burguês, os “imperialistas”, o lumpemproletariado⁴¹⁶ e os anticomunistas. A construção dos inimigos e dos comportamentos indesejados foi uma prática comum na cultura política criada e inculcada pelo PSP. Na documentação partidária dos anos de 1930 e 1940, encontramos, além das referências já citadas, alusões a dois opositores do MCI: Leon Trotsky⁴¹⁷ e Victor Raul Haya de la Torre.⁴¹⁸ Trotsky e seus seguidores foram representados pelo PSP como “agentes da reação internacional”, sabotadores do socialismo soviético, espões pagos pelo “imperialismo” e demagogos. Sobre o assassinato de Leon Trotsky, *Noticias de Hoy* fez o seguinte apontamento: “O final de Trotsky, morto em disputa com um de seus sócios, não destoa das aventuras, com todo esse fundo devasso da espionagem

⁴¹⁶ O lumpemproletariado é uma categoria analítica do marxismo que reúne aqueles/as que estavam “abaixo” do proletariado em relação à condição de vida. Eram as camadas mais pobres da sociedade e mais suscetíveis a colaborar com os capitalistas, eram também as pessoas com menor consciência política, não faziam parte da “vanguarda” da revolução, na concepção dos PC’s. Esse foi um termo usado de forma pejorativa para designar os “desviados” e inimigos dos trabalhadores.

⁴¹⁷ Leon Trotsky foi um revolucionário russo que participou do processo de tomada do poder na Rússia, em 1917, e foi organizador do Exército Vermelho. Após a morte de Lenin (1924) e de um conflito dentro do birô político com Stalin, Trotsky passou a ser perseguido e foi obrigado a se exilar nos anos de 1930. Ele viveu na Turquia, França, Noruega e México, e fundou a Quarta Internacional Comunista, associação e corrente política que reuniu seus seguidores. Em 1940, Trotsky foi assassinado por Ramon Mercader, agente espanhol treinado pelo serviço secreto soviético para dar cabo a vida de líder russo.

⁴¹⁸ Victor Raúl Haya de la Torre foi um político e intelectual peruano fundador da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA). Segundo Michael Löwy, a APRA foi uma tentativa de adaptar o marxismo às condições continentais e o movimento se desenvolveu em várias regiões com a fundação de seções em alguns países. O “aprismo” se chocou com os comunistas mais próximos a Moscou, que o consideraram como um desvio, uma falsidade ideológica. Ver: LÖWY, Michel. *O marxismo na América Latina*, p. 10. Na década de 1920, Julio Antonio Mella, em um texto intitulado *¿Que es el ARPA?* (1928), tachou Haya de la Torre como oportunista e revisionista, sem vínculo com o proletariado porque representava, na verdade, a pequena burguesia. Ver: MELLA, Julio Antonio. *¿Que es el ARPA?* In: <https://www.marxists.org/espanol/mella/1928/arpa.htm>. Acesso em: 16/7/2021.

e divisão, de serviços bem pagos pelos guardas brancos do capitalismo mundial. O renegado espião Trotsky, inimigo dos trabalhadores do mundo, teve a morte que lhe correspondia”.⁴¹⁹

Haya de la Torre também foi representado, nos anos de 1940, como um aliado do “imperialismo” estadunidense e que não representava o marxismo latino-americano.⁴²⁰ Já no contexto dos anos 1960, quando a Ilha era acometida pelos ataques armados da contrarrevolução, o PSP alegou que Haya de la Torre “[...] traduziu para o espanhol o que [John] Kennedy disse em inglês esperando que desse modo fosse mais fácil enganar as massas latino-americanas”.⁴²¹ Ou seja, a Aliança Popular Revolucionária Americana (PARA) e Haya de la Torre foram representados pelos socialistas populares por 20 anos como “traidores da Revolução”, “anticomunistas”, “servidores do imperialismo”, ou seja, como inimigos do PSP e da Revolução Cubana.

A ideia do “homem novo”,⁴²² bem como a representação do seu oposto, perpassou quase toda a literatura marxista do século XX e se relacionou à noção da exemplaridade, muitas vezes forjada, dos exemplos que citamos. O modelo ideal de comportamento, desse modo, é fruto da seleção – feita, quase sempre, pelas direções dos PC’s – de atributos associados àqueles personagens exemplares e que tinha como função dar coesão às práticas políticas comunistas e servir como protótipo da sociedade que se esperava construir.

Esse apego aos referenciais soviéticos, que se apresentaram muitas vezes como um culto, não pode ser explicado levando em conta que os comportamentos políticos se pautam somente na razão. Motta chamou a atenção para o fato de que quando os homens e mulheres tomam decisões, há diversas opções que orientam suas ações, “e os fatores culturais

⁴¹⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Anunciada la muerte del espiá Trozky. *Noticias de Hoy*, año III, nº 201, 22 de agosto de 1940, jueves, p. 10. De acordo com o escritor Leonardo Padura, Ramón Mercader mantinha contato com os comunistas, em Cuba, desde a década de 1930. Mercader foi preso no México após matar Trotsky, depois que saiu do cárcere viveu na Rússia e, nos anos de 1960, passou a viver em Cuba, onde adoeceu, foi tratado por Zoilo Marinello (comunista e irmão do presidente do PSP) e veio a falecer em 1978. A mãe de Mercader, Caridad del Río, que era cubana, trabalhou na embaixada de Cuba na França, nos anos 1960, e havia sido uma das espiãs da KGB responsável por articular os planos do assassinato de Trotsky. Ver: PADURA, Leonardo. *Agua por todas partes*. Buenos Aires: Tusquets, 2019, p. 155-173, passim.

⁴²⁰ ROCA, Blas. La situación política actual. *Revista Fundamentos*, año VII, julio de 1947, nº 69, p. 106.

⁴²¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un enemigo solapado de la revolución: Haya de la Torre. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 49, 28 de febrero de 1960, p. 1.

⁴²² A ideia de formação de uma nova moralidade proposta pelos comunistas já estava presente no movimento socialista desde o século XIX. Em Cuba, por exemplo, Carlos Baliño, citado anteriormente, apontou que o socialismo “era o único capaz de moralizar os costumes e as ideias, fazendo que a sociedade descansa sobre as bases da absoluta e eterna justiça”. Ver: GUADARRAMA GONZÁLEZ, Pablo. *Marxismo e antimarxismo en América Latina*, 98.

(sentimentos, identidade, valores) podem exercer maior ou menor influência, a depender do contexto e das escolhas dos atores”.⁴²³

Nessa mesma perspectiva, David Priestland, no decorrer do capítulo *Homens de Aço*, contido no livro *A bandeira vermelha*, defendeu que nem sempre a adesão e o apoio dos russos ao regime soviético e ao bolchevismo foram motivados pela obrigação ou pela força. O autor considerou fatores como a cultura, a crença naquele modelo e a perspectiva de um futuro melhor como motivadores do comportamento daquelas pessoas que apoiaram o regime. Em suma, os fatores ideológicos, a vinculação a um corpo teórico, a um círculo de relações políticas influenciaram a forma como os comunistas representaram os referenciais de sua cultura e sem essa perspectiva dificilmente entenderemos os motivos para a adesão ao comunismo e a constituição dos elementos daquela cultura política.

Ademais, a afinidade com os imaginários compartilhados por todo o movimento comunista dava a sensação de pertencimento à cultura difundida em diversas partes do mundo e um alento quanto à universalidade da luta e dos pressupostos teóricos. Portanto, o internacionalismo da luta não anulava o nacionalismo, mas sim complementava-o, porque, na concepção do Movimento Comunista, as condições de exploração sob o regime capitalista eram as mesmas em todos os países geridos com base nesse sistema econômico. Na perspectiva dos cubanos, além dos elementos citados, outros aspectos os vincularam à história e à penúria compartilhadas pelos povos latino-americanos, sendo que o mais forte deles foi a presença e violência constante dos Estados Unidos nos países da região. Sobre a situação continental, Carlos Rafael Rodríguez, em um texto escrito em 1948, destacou:

Para que a América Latina desfrute plenamente um regime democrático-burguês, que seja o preâmbulo das grandes transformações ulteriores, terá que vencer primeiro as duas travas que agora impedem que esse regime se instaure: a interferência exterior do imperialismo e a perpetuação dos remanescentes feudais do colonialismo hispânico, agravados, como no caso cubano, pelo latifúndio imperialista.⁴²⁴

Como destacamos, desde os anos 1920, os comunistas se envolveram com a bandeira anti-imperialista e fundaram a seção cubana da *Liga Antiimperialista de las Américas* (LADLA). Desde as primeiras publicações do PCC, já é perceptível a tonalidade do discurso anti-imperialista, que se voltava para a denúncia de que os Estados Unidos sustentavam os governos burgueses corruptos insulares para garantir benefícios econômicos à base da

⁴²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 17.

⁴²⁴ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 1, p. 40.

exploração do trabalhador cubano e eram responsáveis pelo subdesenvolvimento e pela restrita independência da Ilha.

Figura 3 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: PSP, *Noticias de Hoy*, 13/11/51, p. 1.

O discurso anti-imperialista propagado pelo PSP denunciava o comportamento político e econômico estadunidense em relação à Cuba e aos países subdesenvolvidos, basicamente, e condenava a intromissão dos EUA nos assuntos internos insulares, inclusive por causa do apoio às ditaduras cubanas da primeira metade do século XX e às intervenções armadas na Ilha, citadas anteriormente. Os Estados Unidos eram associados aos grandes capitalistas que exploravam os povos oprimidos da América Latina e, quase sempre, eram representados nas charges de *Noticias de Hoy* como o Tio Sam em uma versão esquelética com feição maldosa e ardilosa (imagem 3), normalmente em uma posição de ataque, pronto para cometer algum ato de violência ou protegendo seus próprios interesses. Como mostra a imagem abaixo (figura 3), o Tio Sam sai dos Estados Unidos para fazer uma provocação à URSS, alegando que estava se defendendo da ameaça soviética. Por outro lado, a União Soviética foi representada por um trabalhador em uma fábrica. As imagens elucidam um imaginário que representa os EUA como belicistas, provocadores, “*desesperado guerrerismo*”, movidos por interesses de dominação econômica e a URSS como o local do progresso industrial e da felicidade do operário:

Figura 4 - Charge publicada no jornal *Noticias*



Fonte: PSP, *Noticias de Hoy*, 26/1/1952, p. 2.

Figura 5 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: PSP, *Noticias de Hoy*, 20/6/1947, p. 2.

O Tio Sam, como fora representado, personificava a extensão da ingerência estadunidense, cujos longos braços e pernas (figura 4) simbolizavam a abrangência da dominação política e econômica. Novamente a postura agressiva é ressaltada. Na época em que a charge da figura 4 foi produzida, havia uma campanha dentro de Cuba para que a Ilha apoiasse os Estados Unidos na Guerra da Coreia (1950-1953). O PSP foi terminantemente contra o envio de cubanos para combater ao lado dos EUA naquele conflito ou, como os comunistas

costumavam dizer, para “servir como carne de canhão”. Essa também foi uma época em que a campanha pela paz foi fortemente difundida dentro do campo comunista. Como destacou Jayme Fernandes Ribeiro, a partir de 1947, a linha política lançada pela União Soviética defendia a formação de uma frente antiamericana, de combate ao armamentismo estadunidense e às pesquisas nucleares.⁴²⁵ Essa pauta política se efetivou mais especificamente no “Movimento pela paz”, uma iniciativa coordenada pelos soviéticos, a partir de fins da década de 1940, que se materializou em encontros, revistas, manifestos, abaixo-assinados, bem como na fundação de seções do movimento em vários países. Os “combatentes pela paz”, como ficaram conhecidos, opuseram-se aos programas nucleares, às armas atômicas e lutaram pela coexistência pacífica entre os países capitalistas e o bloco socialista.⁴²⁶ O “movimento pela paz” foi mais amplo que o MCI, pois reuniu intelectuais, políticos e outros militantes não filiados aos PC’s.

Os Estados Unidos também foram representados por meio da imagem de um homem obeso com um cifrão no peito, normalmente controlando os países mais pobres que dependiam do capital estadunidense (figura 5). Essa imagem era uma alusão à visão dos comunistas acerca das relações econômicas estabelecidas com os EUA, as quais eram caracterizadas, pelo Partido, como desiguais e responsáveis pela exploração dos trabalhadores. Ademais, a situação de dependência em relação ao capital estadunidense que caracterizou a situação de muitos países no contexto de publicação da charge, inclusive Cuba, levou os comunistas a denunciarem a manipulação política e econômica feita pelos EUA. “Os títeres do imperialismo” é uma referência a uma forma de marionete, naquele caso, controlada pelo capitalista estadunidense.

Em suma, quando os comunistas se referiam aos Estados Unidos, as representações eram sempre negativas e se voltaram, normalmente, para a denúncia das práticas belicosas e da ingerência financeira do capital “ianque”, e para a acusação dos esforços dos EUA de interferir na soberania de outros países. De acordo com Ricardo Mendes, as representações estão associadas à identificação de problemas que devem ser solucionados, “bem como pela articulação de estratégias, táticas, da maneira pela qual estabelecemos uma ordem de prioridade em relação ao que identificamos como obstáculos a serem superados bem como visamos alcançar determinados objetivos específicos”.⁴²⁷ Com base nisso, acreditamos que as

⁴²⁵ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da paz:” a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003, p. 10.

⁴²⁶ Trataremos da vinculação do PSP com o “Movimento pela paz” no segundo capítulo.

⁴²⁷ MENDES, Ricardo Antonio de Souza. A cultura política. *Revista Nearco (Revista Eletrônica de Antiguidade)*, Número II - Ano IV – 2011, p. 198.

representações dos EUA indicam a importância da questão da dominação política e econômica daquele país no programa partidário, o que era visto pelos comunistas como um problema a ser solucionado. Lembramos que o rearranjo das relações político-econômicas entre as duas nações era parte fundamental do programa socialista popular, uma vez que a estratégia final (alcançar uma sociedade comunista) dependia da inexistência da dominação estrangeira em Cuba.

Como observou Marc Lazar para o caso francês, também em Cuba, os comunistas se apresentaram “como o partido que pretende eliminar os promovedores da desordem (a burguesia, o capitalismo, o imperialismo) [...]”⁴²⁸ e representar os Estados Unidos como inimigos da nação e dos comunistas era uma forma de erigir o alvo a ser combatido a fim de que os cubanos pudessem melhorar sua própria sociedade.

É importante destacar ainda que uso do termo “anti-imperialismo” e o apontamento dos Estados Unidos como inimigos de Cuba aparecem mesmo nos anos da Segunda Guerra Mundial, apesar de Michael Löwy apontar que a propaganda “contra o imperialismo norte-americano era duramente criticada e estigmatizada pelos partidos comunistas como uma manobra a serviço do fascismo”,⁴²⁹ no contexto que citamos. As especificidades das relações políticas e econômicas entre Cuba e os EUA, a existência de correntes que defendiam a extinta Emenda Platt – derrogada em 1934 – e as constantes ameaças de invasão à Ilha forneceram combustível para um discurso, nos documentos partidários, bem vigoroso contra a ingerência estadunidense mesmo no contexto da guerra.

Lembramos também uma observação de Fornet-Betanourt, segundo a qual o movimento comunista tentou ligar a luta anti-imperialista com o nacionalismo latino-americano e isso se acentuou no contexto da Guerra Fria.⁴³⁰ A cultura política comunista criada pelo PSP foi fortemente marcada pela representação da dualidade entre o comunismo e o capitalismo, entre a URSS e os Estados Unidos. Baczko apresentou um traço comum na construção de imaginários que mobilizam esse tipo de oposição:

As situações conflituais entre poderes concorrentes estimulam a invenção de novas técnicas de combate no domínio do imaginário. Por um lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para o qual pretendiam obter o maior número de adesões.⁴³¹

⁴²⁸ LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeante... la culture politique communiste. In: BERSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Seuil, 1999, p. 234.

⁴²⁹ LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*, p. 31. Fornet-Betanourt também destacou a perda da orientação anti-imperialista por parte dos PC's naquele contexto. Ver: FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*, p. 167.

⁴³⁰ FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*, p. 219.

⁴³¹ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 300.

Essas “lutas simbólicas”, como Roger Chartier as chamou, usaram as representações como “armas” políticas.⁴³² Além do discurso contido nas fontes, a presença constante dessas temáticas (o anti-imperialismo e a defesa da URSS) em *Noticias de Hoy* e em *Fundamentos* são sinais da importância que possuíram na formação discursiva que configurou a cultura política comunista. As lides de *Hoy*, quando se referiam a esses assuntos, o que ocorria quase sempre, traziam letras garrafais que objetivavam direcionar a atenção do leitor para o conteúdo da notícia. Isso nos lembra a ideia de Hector Borrat, segundo a qual a seleção das notícias é influenciada fortemente pelos conflitos que marcam uma sociedade em um determinado momento.⁴³³

Apesar das constatações acerca da postura economicamente agressiva dos Estados Unidos e das críticas feitas a esse país, o Movimento Comunista Internacional e também socialistas populares defenderam, no fim dos anos 1940, a coexistência pacífica entre o capitalismo e o socialismo. A justificativa do PSP para a adoção dessa linha era a tentativa de afrontar o belicismo “imperialista” estadunidense e propagar o caráter pacífico que “naturalmente” o socialismo carregava. O PSP ressoava, nesse caso, as ordens da URSS. Um exemplo disso pode ser observado quando começou a Guerra da Coreia (1950-1953) e o Partido taxou esse conflito como um “embate imperialista” com o objetivo de “criar um foco de guerra na Ásia e estabelecer um ponto de apoio para futuras ações contra a China democrática e a URSS”.⁴³⁴ Ao longo dos três anos da citada guerra, os comunistas cubanos se mantiveram firmes na denúncia da beligerância “imperialista” dos EUA e na defesa da coexistência pacífica. Lembramos, porém, que a defesa da coexistência não significou a defesa do pacifismo ou de táticas pacíficas, nem que o PSP era pacifista. Na literatura partidária, consta a possibilidade de recorrer à luta armada como forma de ação política, mas os comunistas cubanos não consideravam que, naquele momento, essa era a melhor tática para a atuação partidária.

Sobre essa questão, o Comitê Executivo Nacional do PSP chamou a atenção para a ineficiente mobilização dos membros do Partido em defesa da paz, alegando: “[...] nas massas em geral, exercem influência as propagandas dos lacaios do imperialismo acerca do ‘fatalismo

⁴³² CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marín, o discurso e a imagem. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 170.

⁴³³ BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1989, p. 16. Cruz e Peixoto também chamaram a atenção para a importância de observar o projeto gráfico da publicação porque ele indica elementos fundamentais do projeto editorial e político. Ver: CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador, p. 262.

⁴³⁴ GARCIA BUCHACA, Edith. La lucha contra el envío de tropas cubanas a Corea y la Paz. *Revista Fundamentos*, año XI, abril de 1951, n° 109, p. 332.

geográfico' e de que a economia só pode ser próspera com a guerra, propagandas que tendem a confundir as massas e a debilitar sua mobilização em favor da paz".⁴³⁵ Na passagem, duas questões chamaram nossa atenção. A primeira é a alusão ao fatalismo geográfico. Os comunistas combatiam os argumentos que justificavam as opções políticas e econômicas da classe dirigente cubana com base na inevitabilidade das relações entre Cuba e Estados Unidos por causa da curta distância entre os países. Conseqüentemente, para os membros do Partido, essa proximidade física não deveria ser empecilho para a realização de transformações das citadas relações, como mostramos em alguns momentos na análise do programa partidário.

A segunda questão é a defesa da coexistência pacífica, que, na época, era uma das principais bandeiras do MCI. Em 1951, o PSP iniciou a campanha pelo recolhimento de assinaturas para um abaixo-assinado que objetivava pressionar as principais potências políticas, como a URSS, Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e China, a assinar um pacto pela paz.⁴³⁶ Novamente, o PSP ecoou as diretrizes soviéticas, mostrando a fidelidade do comportamento partidário ao programa da URSS.

De modo geral, os exemplos apresentados mostram um Partido bastante afinado com as resoluções de Moscou. Apesar dos esforços para explicar a realidade cubana, essa operação teórica foi feita usando os referenciais formulados pelos soviéticos e o compartilhamento dos imaginários seguia a mesma lógica de filiação. Consideramos que os elementos abordados nessa seção do texto estavam arraigados na cultura política comunista partidária, porque se perpetuaram ao longo de toda a Segunda República com pouquíssimas alterações. Posteriormente, no segundo capítulo, veremos como eles também estiveram presentes nos debates do Partido realizados na conjuntura do desenvolvimento da luta armada nos anos de 1950.

A perpetuação dessas características na imprensa partidária teve a função pedagógica de ensinar e disciplinar os comunistas e simpatizantes em relação aos princípios defendidos pelo PSP, ou seja, de inculcá-los. Nesse sentido, concordamos com a ideia de Leandro Guedes Henn, para quem: "No âmbito das organizações comunistas, a imprensa era utilizada sobretudo como um meio de formação política. Não bastava ler os clássicos do marxismo, mas sim saber qual recorte ou interpretação a respeito deles deveria ser efetuada".⁴³⁷

⁴³⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP. Nuestra tarea central: Defensa de la Paz. Resolución de la Comisión Ejecutiva del PSP. *Revista Fundamentos*, Marzo de 1950, año X, nº 96, p. 292.

⁴³⁶ O abaixo-assinado foi feito por todos os PC's ligados aos soviéticos e tinha como objetivo propagar a bandeira, levantada por Moscou, de pacifismo e contenção do belicismo e do armamentismo. Como já assinalamos, abordaremos a questão no próximo capítulo.

⁴³⁷ HENN, Leandro Guedes. *A Internacional Comunista e a revolução na América Latina*, p. 20.

Apesar das adversidades políticas (perseguição, prisão, assassinato), o que notamos é a cristalização da formação discursiva partidária, dos mitos, das representações, indicando que a perenidade tornou esses elementos fatores de coesão do grupo. Percebemos também que boa parte dessas características foi selecionada e moldada pela direção do PSP, que compôs o que chamamos de “geração de 30”. Ademais, o Partido conseguiu, nessa época, criar órgãos (imprensa, sedes, canais de comunicação) sólidos que foram fundamentais para a continuidade de suas atividades no contexto da ditadura de Batista nos anos 1950.

Ao final da Segunda República, descortina-se a seguinte situação intrapartidária: um projeto político bem delineado, cujo pano de fundo era o marxismo, uma direção legitimada em seus postos, mitos e mitologias políticas consolidados que davam coerência à ação partidária e a defesa da tática da frente única como orientação máxima do comportamento partidário. Esses aspectos serão colocados a prova diante das perseguições do regime ditatorial cubano dos anos de 1950, das mudanças dentro do Movimento Comunista Internacional e do desafio tático colocado pelas guerrilhas do Movimento 26 de Julho.

Capítulo 2. Cultura e relações políticas do Partido Socialista Popular no contexto da ditadura de Fulgencio Batista

Neste capítulo, analisaremos as transformações da cultura política comunista criada, difundida e inculcada pelo Partido Socialista Popular durante a ditadura de Fulgencio Batista, entre os anos de 1952 e 1958. Inicialmente, abordamos as transformações pelas quais o Movimento Comunista Internacional (MCI) passou desde o final da Segunda Guerra Mundial e os efeitos da Guerra Fria na América Latina. Esse cenário nos ajuda a entender o contexto em que se deu o golpe de Estado em Cuba e a desorganização e perseguição desencadeadas pelas forças repressivas do regime aos membros do PSP. Também enfatizamos as relações dos socialistas populares com as demais organizações políticas insulares que fizeram oposição à ditadura (os partidos, o movimento estudantil e a *Sociedad de Amigos de la República*), bem como a reação dos comunistas aos assaltos armados aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, em julho de 1953.

Na sequência, avaliamos os imaginários e mitos que conformaram o comportamento e os valores do PSP através do estudo das ideias relacionadas à moralidade e à formação do “homem novo”. Depois, investigamos as perspectivas táticas do PSP e o impacto do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) nas avaliações contextuais feitas pelos socialistas populares. Por fim, examinamos as transformações pelas quais o Partido passou no final dos anos de 1950 e que foram caracterizadas pelo abandono do culto à Josef Stalin, pela aceitação progressiva da luta armada e pela entrada dos comunistas nas guerrilhas comandadas por Fidel Castro. Interessa-nos destacar quais os motivos para as mudanças do comportamento partidário e as justificativas dadas por seus membros para a adesão às guerrilhas lideradas pelo Movimento 26 de Julho.

Utilizaremos como fonte principal a *Carta Semanal*, um boletim de informação do PSP publicado entre agosto de 1953 e dezembro de 1960. A *Carta* possuiu oito páginas e foi dividida nas seguintes sessões: editorial, vida do Partido, panorama político, luta de massas, tarefas da semana e vida internacional. Também recorreremos a outras fontes do Partido, como o folheto semanal *Respuestas*, publicado entre 1955 e 1958, e alguns documentos lançados pelo PSP para divulgar questões específicas como, por exemplo, os textos *Cuadernos de Educación Popular* (1954), *Por que el culto a la personalidad es ajeno al espíritu del marxismo-leninismo* (1956) e os *Estatutos del PSP* (1955). Ademais, ao longo deste capítulo, principalmente no tópico sobre o anticomunismo em Cuba, trabalhamos com os documentos que não pertenceram ao PSP,

como as correspondências da embaixada dos Estados Unidos, algumas edições do jornal *Diario de la Marina* e da revista *Bohemia*.

2.1. O movimento comunista internacional e a América Latina no alvorecer da Guerra Fria

Como Geoff Eley apontou, os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial foram “marcados pelo entrelaçamento de eventos mundiais numa única história de confrontação mundial”.⁴³⁸ Essa confrontação foi marcada, principalmente, pela polarização entre os Estados Unidos e a União Soviética, pelo estabelecimento de zonas de influências dos sistemas capitalista e socialista, pelos processos de independência de vários países da África e da Ásia que ainda eram colônias de nações europeias e por revoluções que eclodiram em diversas regiões do globo.

Por uma parte, com o apoio da União Soviética, diversos partidos comunistas (PC’s) chegaram ao poder nos países do Leste Europeu após 1945,⁴³⁹ originando as chamadas “Repúblicas Populares”.⁴⁴⁰ Em 1947, a URSS criou o Cominform ou Birô de Informações,⁴⁴¹ órgão que, de acordo com Robert Service, objetivava garantir o “predomínio logístico”⁴⁴² que o exército vermelho tinha no Leste Europeu e assegurar a influência soviética a partir do controle dos PC’s daquela região. Os soviéticos criaram, além disso, o Pacto de Varsóvia⁴⁴³ e,

⁴³⁸ ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 351.

⁴³⁹ Sobre a formação dos regimes socialistas do Leste europeu, Geoff Eley escreveu: “[...] as chances de uma democracia na Europa Oriental foram frágeis e breves. Ainda que se admitam as desvantagens do atraso, a destruição fascista e o impacto da Guerra Fria, o stalinismo – como influência soviética e prática local – provou-se insuperável. A pobreza econômica da região foi agravada pela exploração soviética e pela exclusão do Leste no Plano Marshall. O enrijecimento do controle soviético depois da primavera de 1947 liquidou os “caminhos nacionais”. O endurecimento das obediências – via Estados rigidamente centralistas, exclusão de não-comunistas do governo, substituição dos ocupantes de cargos no Estado, conversão a um governo de partido único, redução das liberdades civis e das garantias constitucionais e obediência à União Soviética – retirou das Democracias Populares seu apoio popular. O controle centralizado por meio dos Ministérios do Interior (cujas máquinas policiais foram formadas por “consultores” soviéticos de segurança) não só destruiu os potenciais de uma cultura política democrática das massas, mas também liquidou os próprios partidos comunistas como órgãos criativos”. Ver: ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*, p. 357.

⁴⁴⁰ Entre meados das décadas de 1940 e 1950, os PC’s assumiram o poder e implementaram regimes socialistas nos seguintes países: Albânia, Iugoslávia, Checoslováquia, República Democrática Alemã (RDA), Hungria, Polônia, Romênia e Bulgária. Na maioria dos casos, os PC’s foram apoiados pela União Soviética, que estimulou a transformação de regimes democráticos, fracos institucionalmente, em ditaduras de partido único.

⁴⁴¹ O Cominform surgiu em 1947 com a função de coordenar as atividades dos PC’s vinculados a ele e propagar as diretrizes soviéticas para o MCI. Fizeram parte dele os partidos comunistas da França, Itália, Iugoslávia, Hungria, Polônia, Romênia, Checoslováquia e União Soviética.

⁴⁴² SERVICE, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015, p. 281.

⁴⁴³ Aliança militar criada em 1955 e formada pelos países do Leste europeu e da União Soviética. Tinha como objetivo garantir a segurança do bloco comunista e fazer um contraponto à OTAN (ver a nota 445 na próxima página).

em janeiro de 1949, o Comecon (Conselho de Ajuda Econômica Mútua).⁴⁴⁴ Naquele mesmo ano, o bloco socialista ainda se fortaleceu com a chegada dos comunistas ao poder na China.⁴⁴⁵

A conjuntura, porém, nem sempre era favorável para os comunistas vinculados a Moscou. O Movimento Comunista Internacional foi abalado, naqueles anos, pela expulsão da Iugoslávia de Tito do Cominform,⁴⁴⁶ em 1948, e pela invasão da URSS à Hungria, em 1956.⁴⁴⁷ Nesse ano, aconteceu o XX Congresso do PCUS, ocasião em que o secretário geral daquele partido, Nikita Krushev, denunciou os crimes cometidos por Josef Stálin no período em que ocupou os principais cargos da direção soviética.

Por outra parte, o mundo capitalista, encabeçado naquelas circunstâncias pelos Estados Unidos, agiu e reagiu às iniciativas do bloco socialista e empreendeu uma série de políticas para conter e minar o avanço de seu rival ideológico. Já no final dos anos 1940, o governo estadunidense criou o Plano Marshall⁴⁴⁸ e a OTAN⁴⁴⁹ e impulsionou a Doutrina Truman e o macarthismo, sobre os quais tratamos no primeiro capítulo, que serviram para balizar as pretensões políticas daquele país frente aos seus aliados e opositores.

Aquela também foi a época da corrida espacial e da criação e produção de novas tecnologias bélicas. A URSS anunciou, em 1949, que havia conseguido produzir sua própria bomba atômica. Ainda que pareça contraditório, à primeira vista, nesse mesmo ano, os

⁴⁴⁴ Organização econômica formada pelos países do bloco comunista. Tinha funções parecidas com o Pacto de Varsóvia, ou seja, disputar espaço frente ao avanço do capitalismo e do Plano Marshall na Europa.

⁴⁴⁵ A chegada dos comunistas ao poder na China ocorreu em 1949, após anos de conflitos que opuseram as tropas guerrilheiras, chefiadas pelo líder comunista Mao Tsé Tung, e o exército regular do governo de Chiang Kai-Shek, chefe do Kuomintang, partido que governou aquele país entre os anos de 1928 e 1949.

⁴⁴⁶ Os comunistas iugoslavos, liderados por Josep Broz Tito, chegaram ao poder em 1945. A expulsão da Iugoslávia da Cominform foi motivada pela negação de Tito em aceitar algumas exigências impostas por Stálin, após a troca de uma série de cartas entre os dois líderes e de críticas feitas pelos soviéticos às ações políticas de Tito. Ver: BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010, p. 244-251, passim.

⁴⁴⁷ Os conflitos políticos e sociais nos países socialistas do Leste europeu eram constantes. Archie Brown destacou que, em 1956, ocorreram focos de confrontos armados e greves na RDA, na Checoslováquia e na Polônia. Em outubro do mesmo ano, na Hungria, vários protestos desencadearam inúmeras paralisações e contestações públicas ao sistema unipartidário e à ausência de liberdade de imprensa. A resposta soviética foi o envio de tanques e soldados para Budapeste a fim de conter os protestos. Ver: BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 323, 325 e 330.

⁴⁴⁸ Plano de ajuda econômica dos Estados Unidos aos países europeus que haviam participado da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de auxiliar a reconstrução econômica e social daquela região. Corroboramos com Geoff Eley quando o autor alegou que o plano Marshall foi uma forma dos EUA garantirem o estabelecimento e restabelecimento de regimes democráticos e capitalistas para conter o avanço do comunismo no continente, “bloquear esperanças mais radicais”, garantir relações comerciais multilaterais que fomentassem o “crescimento econômico dos Estados Unidos”. Ver: ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*, p. 352. Foi neste contexto que os Estados Unidos criaram o Fundo Monetário Internacional (FMI), a fim de auxiliar os países que passavam por dificuldades financeiras.

⁴⁴⁹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criado em 1949, foi um programa de cooperação militar do qual fizeram parte dez países europeus, os Estados Unidos e o Canadá.

soviéticos criaram o “Movimento pela Paz”⁴⁵⁰ e passaram a defender a bandeira da coexistência pacífica entre o capitalismo e o socialismo.

Esse rearranjo das forças políticas teve enorme impacto na geopolítica da América Latina, principalmente porque naquela altura as relações econômicas entre os países da região e os Estados Unidos eram bastante estreitas, de que modo que os EUA se empenharam em garantir sua influência já estabelecida. De acordo com Leslie Bethell e Ian Roxborough, no período após a Segunda Guerra Mundial, os partidos comunistas latino-americanos tiveram um crescimento (em número de filiados e de votos) significativo na região. Contudo, o desenvolvimento da Guerra Fria, principalmente após 1947, gerou uma mudança na conjuntura continental que foi marcada pela ascensão de governos autoritários, pelo cerceamento da democracia, pela repressão aos sindicatos e aos PC’s.⁴⁵¹ A historiadora argentina Adriana Petra apontou que o final dos anos 1940 também foi o momento em que o antiamericanismo catalisou iniciativas de unidade regional das esquerdas e dos intelectuais em defesa da soberania dos países da região.⁴⁵²

Partindo de uma política de contenção, as direitas latino-americanas e seus aliados estadunidenses usaram o argumento da “penetração do comunismo” e do “perigo vermelho” para conter e substituir governantes que defendiam programas sociais ou considerados contrários aos negócios dos Estados Unidos e dos grandes empresários da região. Em 1954, para darmos um exemplo dessa empreitada, aconteceu a X Conferência Interamericana da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Caracas, e nela foi aprovada a Resolução 93, denominada “Declaração de solidariedade para a preservação da integridade política dos Estados americanos contra a intervenção do comunismo internacional”, que serviu como base legislativa para que seus signatários pudessem combater e perseguir as esquerdas em seus respectivos países. Neste contexto, muitos PC’s da região já haviam sido colocados na ilegalidade.⁴⁵³

⁴⁵⁰ Como salientamos no primeiro capítulo, o “movimento pela paz” foi uma iniciativa do PCUS que reuniu militantes dos PC’s, intelectuais e ativistas não vinculados diretamente aos comunistas em campanhas (reuniões, congressos, abaixo-assinados) pedindo o fim dos testes e das pesquisas com armas nucleares, e a coexistência entre os dois campos da Guerra Fria.

⁴⁵¹ BETHELL, Leslie & ROXBOROUGH, Ian (org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 29-36, passim. Foi também em 1947 que o governo estadunidense esteve à frente da criação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), acordo de defesa do continente prevendo que um ataque a um membro deveria ser considerado um ataque a todos os signatários. No mesmo ano, como destacamos, os EUA criaram a *Central Intelligence Agency* (CIA). Ver: BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 124.

⁴⁵² PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en Argentina de posguerra*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017, p. 143.

⁴⁵³ O PCB foi posto na ilegalidade em 1947, o PCCh, em 1948, o PCA, em 1949.

O exemplo mais latente das tensões daqueles anos na América Latina foi a destituição do presidente guatemalteco Jacobo Arbenz. Eleito democraticamente em 1951, Arbenz adotou uma série de medidas nacionalistas, sem cunho socialista, como a promulgação de uma lei de reforma agrária, desagradando os latifundiários e os estadunidenses que possuíam capital investido na Guatemala, especialmente a empresa *United Fruit Company*. Em junho de 1954, o presidente renunciou após a invasão de seu país por forças mercenárias treinadas pela CIA.⁴⁵⁴ Nos anos 1950 e 1960, alguns golpes militares e civis ocorridos na região tiveram como pano de fundo o combate ao comunismo e a contenção do “imperialismo” soviético no continente.⁴⁵⁵

Em Cuba, as tensões políticas se assemelham à de várias nações vizinhas. Em 1952, Carlos Prío Socarrás terminaria seu mandato como presidente e, em junho desse ano, os cubanos escolheriam um novo representante do poder executivo. Porém, o golpe de Estado efetuado pelo general Fulgencio Batista, em março de 1952, impediu a realização do pleito e suspendeu a ordem democrática vigente desde 1940, dando fim ao período conhecido como Segunda República.

Antes da tomada do poder pelo general, contudo, os partidos se movimentavam no tabuleiro político em busca de alianças para garantir as coalizões eleitorais. Por meio de seus comitês de bairro, o PSP realizou alguns encontros com os membros dos partidos Ação Unitária (PAU) e Nacional Cubano (PNC) e levantou a bandeira da frente oposicionista para derrubar Prío Socarrás e o Partido Autêntico (PRC-A). O jornal *Noticias de Hoy*, na edição de 10 de janeiro de 1952, anunciou que naquele mesmo dia, os partidos citados iriam se reunir no bairro *Manuel de la Cruz* para assinar um acordo eleitoral. Apesar das expectativas do PSP, nenhum pacto foi firmado naquela ocasião.

Um dos focos das análises dos socialistas populares era o Partido Revolucionário Cubano (PRC-A). Essa agrupação era representada como a responsável pelos principais males sociais que o país enfrentava: o gangsterismo, a corrupção, a concentração de terras e a penetração do capital estadunidense na Ilha. Ademais, o PSP considerava a candidatura de Carlos Hevia (PRC-A) uma ação favorável ao “imperialismo dos Estados Unidos”.⁴⁵⁶ Os comunistas também dialogavam e também criticavam o Partido do Povo Cubano (PPC-O),

⁴⁵⁴ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 162.

⁴⁵⁵ Vários regimes militares foram instalados na região naquela década e na seguinte nos seguintes países: Peru (1948), Colômbia (1953), Brasil e Bolívia (1964), na Argentina (1966), no Chile e Uruguai (1973).

⁴⁵⁶ Os comunistas alegavam que: “[...] significaria a persistência de todos os males que afogam o nosso país nos momentos atuais, desde a submissão vergonhosa ao imperialismo ianque que é a tônica dos líderes do PRC-A, até o roubo desenfreado do tesouro público, passando por atropelos dos trabalhadores, a imposição de dirigentes por decreto e a invalidação das conquistas sociais e pelo gangsterismo e o crime impune”. Ver: ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: El PRC y la comparsa de Hevia. *Noticias de Hoy*, 10 de febrero de 1952, p. 1.

também conhecido como Partido Ortodoxo ou somente ortodoxos. Como destacamos, o PPC-O foi fundado por Eduardo Chibás após a ruptura com o PRC-A em 1947 e era presidido, em 1952, por Roberto Agramonte,⁴⁵⁷ que defendia a linha do isolamento político, a negação de pactos e coalizões, um programa de combate à corrupção e de honestidade administrativa. Todavia, dentro do PPC-O, havia uma corrente formada por aqueles que aceitavam as coalizões políticas e o PSP tentou convencê-la de formar uma chapa para concorrer à presidência nas eleições.

Os comunistas dividiam os membros do Partido Ortodoxo entre os “verdadeiros revolucionários” e os “os politiquieiros”. Naquele grupo, estavam aqueles que não aceitavam as coalizões e defendiam o isolamento político e, neste outro, encontravam-se os políticos que aceitavam coligar.⁴⁵⁸ O PSP alegava que “a linha isolacionista” do PPC-O seria a responsável pela derrota da oposição porque se opunha à realização de acordos eleitorais. A insistência do PSP em uma aproximação com o Partido Ortodoxo se devia ao reconhecimento da adesão popular ao PPC-O,⁴⁵⁹ como Blas Roca evidenciou:

O PPC foi, em certo sentido, o partido que maior respaldo de massas recebeu na campanha de filiação. Com esse respaldo, com a força de 300 mil filiados, com o ardor dos jovens ortodoxos, o PPC pode ser o forjador da derrota do governo, o organizador da ação de todo o povo contra o governo.⁴⁶⁰

Na perspectiva do PSP, a derrota do governo dependia da mobilização que o Partido Ortodoxo realizaria junto aos seus votantes e membros e, a todo momento, os socialistas populares se colocaram disponíveis para uma coalizão com PPC-O. Nas páginas de *Noticias de Hoy*, foram publicados depoimentos de cidadãos cubanos pedindo a união entre o PSP e o PPC-O. A postura do PSP, contudo, mudou ante à ausência de respostas do PPC-O. Se no começo de 1952, os pedidos pela frente única eram constantes, em 21 de fevereiro, o líder socialista Arnaldo Escalona escreveu o seguinte:

Se trata de que o Partido Ortodoxo, mesmo sem pactos, propicie a unidade popular se apresenta um programa que atenda às demandas das massas, que seja contrário a política do governo, e se chama com amplitude as forças

⁴⁵⁷ Lembramos que o fundador do PCC-O, Eduardo Chibás, cometeu suicídio em 1951, foi só, então, que Agramonte assumiu a presidência do partido ortodoxo.

⁴⁵⁸ ESCALONA ALMEIDA, Arnaldo. Política y políticos. *Noticias de Hoy*, nº 12, año XV, domingo, 12 de enero de 1952, p. 4.

⁴⁵⁹ Lembramos que nesse momento, o MCI defendia a tática de frente única e a realização de alianças com os partidos e grupos progressistas e de esquerda. Com base nessa concepção, o PSP realizou alianças ao longo de toda a Segunda República, como indicamos com alguns exemplos no capítulo precedente. E, em 1952, o PSP tentou se aproximar do Partido do Povo Cubano (PPC-O).

⁴⁶⁰ ROCA, Blas. La dirección burguesa y las masas. *Noticias de Hoy*, nº 18, año XV, domingo, 20 de enero de 1952, p. 6.

oposicionistas a atuar a fim de fazer possível a derrota do governo nas próximas eleições gerais.⁴⁶¹

Os socialistas populares aderiram a uma posição de conciliação sem acordos oficiais, o que foi afirmado mais claramente nas resoluções da VII Assembleia do Partido Socialista Popular realizada entre os dias 23 e 24 de fevereiro de 1952. Na linha partidária acertada no evento, ficou decidido que os comunistas apoiariam o candidato lançado pelo Partido do Povo Cubano (PPC-O) para a presidência, mas votariam nos senadores e deputados do PSP. Na Assembleia, os comunistas ainda optaram por fortalecer os comitês de frente única já constituídos e aumentar a pressão aos membros do PPC-O para que pressionassem a direção dessa organização a fim de que adotasse um programa que atendessem aos anseios populares. Os socialistas populares também convidaram o PAU para seguir as orientações do PSP, isto é, para que abandonasse a candidatura da legenda e apoiasse o presidenciável escolhido pelo PPC-O. Apesar das diretrizes da Assembleia, nem Agramonte (PPC-O), nem Fulgencio Batista (PAU) deram sinais de que tinham a intenção de se aproximar dos comunistas.

Além do mais, na imprensa insular circulavam informações sobre os preparativos de um golpe militar que pretendia colocar Batista no poder, mas como o general cubano havia negado a intenção, a notícia foi deixada de lado pelos comunistas,⁴⁶² o que mostra certa incompreensão da conjuntura pelo PSP ao afirmar isso em sua imprensa. Também nos surpreendeu o fato de que, uns dias antes do golpe, Batista visitou a sede do jornal *Noticias de Hoy*, onde anunciou sua candidatura presidencial. Os socialistas populares até publicaram uma foto onde aparece o general, integrantes do PAU – alguns dos quais se tornariam assessores da ditadura, responsáveis pela perseguição aos comunistas – e membros da direção do PSP.⁴⁶³

As movimentações pré-eleitorais foram interrompidas abruptamente. Na madrugada de 10 de março de 1952, o acampamento militar de Columbia, em Havana, foi tomado por tropas do exército lideradas por Fulgencio Batista, que logo recebeu a adesão da marinha e da polícia da capital. De lá, saíram as duas primeiras medidas do novo regime: a suspensão das garantias constitucionais e a dissolução do Congresso Legislativo. A partir daí, a tomada efetiva do poder ocorreu sem muitas resistências. Carlos Prío Socarrás abandonou o Palácio Presidencial e fugiu

⁴⁶¹ ESCALONA ALMEIDA, Arnaldo. Política y políticos. *Noticias de Hoy*, n° 45, año XV, jueves, 21 de febrero de 1952, p. 4.

⁴⁶² ROCA, Blas. Del informe de Blas Roca: “En la unidad de las fuerzas populares se halla la clave de la situación cubana”. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 48, domingo, 24 de febrero de 1952, p. 8.

⁴⁶³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La visita del general Batista a Hoy. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 28, viernes, 1° de febrero de 1952, p. 1. A imagen se encontra no anexo 2 da tese.

de Cuba naquele mesmo mês, as forças armadas se mantiveram aquarteladas em Columbia e apenas uma parte da sociedade civil e dos partidos condenaram o ato.

2.2. “Ni se venden ni se rinden:” a ação política dos comunistas nos primeiros anos da ditadura de Fulgencio Batista

Na perspectiva do Partido Socialista Popular, o golpe militar de 10 de março havia ocorrido por três motivos. Primeiramente, Batista sabia que não venceria as eleições, por isso tomou o poder pela força. Em segundo lugar, para o PSP, os Estados Unidos financiavam golpes e políticos vinculados aos interesses econômicos de Washington e participaram daquele assalto para garantir a continuidade de seus interesses econômicos na Ilha. E, por fim, a situação política interna marcada pela corrupção, pelo gangsterismo, pelo controle dos sindicatos, acentuada pelos governos de Grau San Martín e Prío Socarrás, fermentou a “confusão institucional” e o descontentamento popular que gerou o golpe, ainda que a população não tenha participado dele.

Inicialmente, os comunistas questionaram se o regime de Batista poderia ser pior do que o governo de Prío Socarrás. Assim que esse político deixou Cuba, Aníbal Escalante, diretor do *Noticias de Hoy*, escreveu: “Ninguém quis mover um dedo se isso fosse servir para o retorno ao poder do regime podre, corrupto, odiado, que se derrubou” e “por isso é que quando, agora, tontos falam que a volta de Prío restauraria a constitucionalidade, o povo move a cabeça negativamente com ira e com desprezo”.⁴⁶⁴ As palavras de Escalante indicam as críticas dos comunistas aos governos administrados pelo Partido Autêntico. O PSP sempre enfatizou a desvinculação entre a vontade popular e as ações dos representantes políticos do PRC.

Além disso, para os socialistas populares, em meados de fevereiro, ficou evidente que Roberto Agramonte, representante do Partido Ortodoxo, ganharia as eleições. De acordo com a documentação do PSP, Prío Socarrás e alguns políticos do PRC-A pretendiam realizar um golpe de Estado para se perpetuarem na presidência. Batista, por sua parte, também viu como única solução para alcançar o poder efetuar um golpe “preventivo” a fim de evitar o prolongamento da gestão do Partido Autêntico. Então, para o PSP, o golpe de 10 de março foi efetuado por Batista para evitar “mudanças profundas e importantes na orientação do país” provocadas pela possível vitória do PPC-O.

O clima político interno era de tensão, pois, como apontamos no primeiro capítulo, as perseguições aos grupos de esquerda haviam se intensificado desde finais dos anos 1940 e o

⁴⁶⁴ ESCALANTE, ANÍBAL. Notas del director: nadie lo siente. *Noticias de Hoy*, n° 64, año XV, viernes, 14 de marzo de 1952, p. 4.

golpe de Estado de Batista catalisou os conflitos dentro de Cuba. Os comunistas denunciaram o autoritarismo do novo regime, as falácias do discurso político do general empossado e dos assessores dele, narraram as violentas ações da polícia e acusaram os Estados Unidos de estarem por detrás da tomada do poder e das mazelas sociais cubanas. Consideraram que o golpe havia gerado uma mudança de homens no poder, mas não de procedimentos, pois os problemas sociais não foram resolvidos, mas, ao contrário, intensificaram-se.⁴⁶⁵ Notamos, com isso, que os socialistas populares se opuseram imediatamente à tomada do poder.

Durante o ano de 1952, o governo ditatorial realizou mudanças significativas na estrutura política insular. Batista outorgou os “estatutos”, um corpo de leis que substituiu tanto a Constituição de 1940 quanto os representantes do executivo e do legislativo que não juraram ao documento, que tiveram seus mandatos cassados. O general criou ainda um novo código eleitoral, que obrigou os partidos a se reorganizarem e condicionou o registro partidário à filiação de 6% do eleitorado nacional.⁴⁶⁶ Após o fechamento definitivo do Congresso Legislativo, foi instituído um conselho de ministros com faculdades executivas e legislativas e um conselho consultivo com 52 membros para auxiliar diretamente o general. Além disso, o governo proibiu reuniões, assembleias e manifestações, e suspendeu as transmissões políticas nas rádios. Mesmo depois de todas essas mudanças conjunturais, a tática dos comunistas continuou sendo a frente única, não mais para participar das eleições, mas sim para lutar pelo crescimento do movimento popular e pelas eleições gerais ainda no ano de 1952. O programa partidário passou a contemplar, logo após o golpe, os seguintes pontos:

Restituição plena da constituição, restabelecimento das garantias constitucionais, respeito ao congresso e suas prerrogativas e funções, dissolução efetiva das organizações de gangsteres e prisão dos gangsteres, democracia para os trabalhadores a fim de que possam, sem imposições, nem interferências governamentais, eliminar os diretores que lhes foram impostos, eleição, mediante o voto democrático, de seus dirigentes; respeito ao direito de greve e de luta dos trabalhadores por suas reivindicações, direitos e seu melhorias; respeito à autonomia municipal; convocatória das eleições pelo Tribunal Superior Eleitoral para antes de setembro [...].⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ Archie Brown alegou que o PSP aceitou “de uma forma oportunista, várias posições no governo Batista”, mas não indicou quais posições e nem a fonte utilizada para fazer tal afirmação. Ver: BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 349. Na documentação que tivemos acesso, não encontramos nenhuma indicação que a comprove. Salientamos que esse tipo de apontamento historiográfico em relação aos comunistas cubanos, apesar de comum, deve ser criticado, porque, na maioria das vezes, não se baseia em fontes primárias ou referências secundárias, como é o caso de Brown.

⁴⁶⁶ No processo de reorganização eleitoral, o PSP não conseguiu a porcentagem mínima para se registrar, porém o Partido só foi colocado na clandestinidade após 26 de julho de 1953.

⁴⁶⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *El ‘madrugón’ del 10 de marzo, sus orígenes, sus objetivos e sus perspectivas*. Resolución de la Comisión Ejecutiva Nacional del PSP. Documentos del PSP. Para la Frente Única de Masas para Salvar a Cuba, 1952, p. 13.

O PSP manteve esse programa nos primeiros anos da ditadura e percebemos nele a defesa que os socialistas populares faziam do sistema democrático e da Constituição de 1940. Como destacamos anteriormente, a doutrina marxista-leninista e stalinista, naquelas circunstâncias, previa a necessidade da democracia parlamentar como condição para que comunistas pudessem, pelas vias legislativas, destruir o regime semifeudal em países como Cuba, por exemplo, e abrir caminho para a revolução proletária. Já adiantamos que o PSP defendeu a restauração da democracia até o final da luta insurrecional, no ano de 1958, porque era orientado por essa perspectiva, de modo que seus membros não acreditavam na possibilidade de implantar o comunismo na Ilha sem antes passar pelas etapas do processo revolucionário tal como previstas na teoria seguida pelo MCI.

Apesar do cenário hostil para as esquerdas cubanas, os socialistas populares se empenharam em realizar estas consignas ao buscarem a formação da frente única. Entretanto, os convites feitos pelo PSP não surtiram efeito. O que não quer dizer que os opositoristas não tenham se unido durante o período ditatorial. Quando, em junho de 1952, o PPC-O, o PRC-A e a FEU (Federação dos Estudantes Universitários) lançaram na imprensa manifestos pedindo que Batista entregasse a presidência e que se formasse um governo neutro, os comunistas acusaram o caráter reacionário e pró-imperialista da oposição “burguesa”, alegando que aquelas coalizões estavam desvinculadas da vontade das massas e eram ineficientes para resolver os problemas do país.⁴⁶⁸

No decorrer do segundo semestre de 1952, outras fórmulas de conciliação política foram tentadas por grupos políticos e o PSP condenou quase todas as coalizões, bem como se empenhou em desmobilizar a opinião pública contra os demais partidos. As denúncias dos socialistas populares contra os acordos entre os opositoristas eram acompanhadas de acusações de que aqueles grupos eram subordinados ao “imperialismo” estadunidense, como aparece no excerto abaixo:

O caminho de Cuba não está nem no contragolpe aventureiro nem na transação conciliadora que os dirigentes autênticos e ortodoxos apresentam como a única alternativa. O caminho de Cuba se encontra na unidade das massas e na coordenação das atividades da classe obreira, dos estudantes, ortodoxos, autênticos, democratas, liberais e cubanos de todas as ideias.⁴⁶⁹

Além de condenarem as tentativas de conciliação dos opositores, os comunistas passaram a condenar também as táticas que não fossem pacíficas e que não tivessem como

⁴⁶⁸ ROCA, Blas. La lucha en el PPC por un pacto con los autênticos y la necesidad del Frente Único. *Revista Fundamentos*, agosto de 1952, año XII, n° 125, p. 684.

⁴⁶⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Condena el Partido Socialista Popular la aventura contragolpista del Dr. Prío. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 287, miércoles, 3 de diciembre de 1952, p. 6.

objetivo o retorno da legalidade democrática e constitucional. Essa postura de condenação das táticas e da conciliação das demais agrupações políticas, em nossa perspectiva, indica a certeza que os membros do Partido tinham em suas próprias ideias, valores e crenças. Os socialistas populares se autorrepresentavam, naquela época, como aqueles que “nem se vendiam, nem se rendiam”, numa alusão tanto à postura partidária de combater o regime, quanto à autopercepção de que eles eram a vanguarda da luta política por serem destemidos, abnegados e detentores de programas e táticas infalíveis, como mostraremos adiante.

2.2.1. As perseguições políticas aos membros do PSP e o anticomunismo em Cuba

As perseguições aos comunistas e às outras tendências da esquerda se intensificaram, em Cuba, desde meados da década de 1940 e foram responsáveis pela diminuição numérica daqueles grupos e pelo alijamento deles das instituições políticas. Em 1951, antes da instalação da ditadura, foi registrado, na revista *Fundamentos*, que vários órgãos da imprensa do Partido Socialista Popular foram assaltados, o líder sindical socialista Lázaro Peña havia sido fichado pela polícia, a qual também impediu a realização, pelo PSP, dos atos de comemoração das mortes de Mella, Menéndez e Villena,⁴⁷⁰ rituais que eram comuns da vida partidária desde os anos de 1940.

O golpe de Estado de 10 de março, ao reorganizar as forças repressivas e mobilizar o exército na perseguição aos opositores civis, impulsionou a repressão aos comunistas. De acordo com Angelina Rojas Blaquier, em maio de 1952, 43 sedes do PSP foram invadidas pelo exército, os dirigentes socialistas populares Edith García Buchaca, Salvador García Agüero e Joaquín Ordoqui foram presos e o local onde o *Noticias de Hoy* era impresso foi invadido.⁴⁷¹ E, nos meses seguintes, Nicolás Guillén,⁴⁷² Segundo Guincosa⁴⁷³ e Flávio Bravo⁴⁷⁴ também foram presos. Guillén ainda teve seu passaporte detido pelas forças policiais.⁴⁷⁵ Em 21 de janeiro de 1953, Aníbal e César Escalante, César Vilar e outros membros do PSP também foram detidos

⁴⁷⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del CE Nacional del PSP sobre la defensa de los derechos democráticos. *Revista Fundamentos*, febrero de 1951, año XI, n° 107, p. 166.

⁴⁷¹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010, p. 19-20.

⁴⁷² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones de Nicolás Guillén. ‘A un hombre se detiene, señores policías, pero a la vida jamás.’ *Noticias de Hoy*, año XV, n° 237, sábado, 4 de octubre de 1952, p. 1.

⁴⁷³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Protestó el PSP por la detención del dirigente Segundo Guincosa. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 250, martes, 21 de octubre de 1952, p. 1.

⁴⁷⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Arbitrariamente fue detenido Flavio Bravo, presidente de la JS. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 55, viernes, 6 de marzo de 1953, p. 1.

⁴⁷⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Me avergüenza que en el extranjero sepan el estado de cosas reinante en Cuba,” dice Nicolás Guillén. “Mi pasaporte me ha sido quitado por la policía cubana, por orden yanqui”. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 24, miércoles, 28 de enero de 1953, p. 1.

quando estavam prestando uma homenagem a Lenin na sede partidária no bairro de *Luyano*, em Havana. Na ocasião, o local foi destruído pelos agentes do *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM).⁴⁷⁶

Além do mais, o PSP enfrentava problemas financeiros e acusava os governos cubano e estadunidense de sufocarem seus meios de comunicação, por exemplo, ameaçando comerciantes que anunciavam no *Noticias de Hoy*. Em maio de 1952, o Partido iniciou uma campanha de arrecadação para evitar que o jornal saísse de circulação. Como causas dessa crise, os comunistas alegaram a negação dos fornecedores de lhes vender papel e apontaram que os custos da impressão de cada exemplar eram maiores que o valor unitário de *Hoy*. A situação ficou ainda pior quando os vereadores, prefeitos, deputados e senadores do PSP foram destituídos de seus cargos, porque não juraram aos estatutos de Batista. Parte do salário desses representantes ia para o fundo partidário e, conseqüentemente, a ação do governo acabou com essa fonte de renda.

Outra razão do decréscimo das rendas partidárias foi a diminuição do número de seus filiados e o cancelamento dos carnês de pagamento das cotas obrigatórias aos membros do Partido. Em 1950, o PSP tinha 126.789 mil membros⁴⁷⁷ e, no ano seguinte, esse número passou para 60 mil.⁴⁷⁸ O declínio se deveu, inicialmente, à expulsão de muitos membros no final dos anos 1940 e, posteriormente, à saída voluntária de muitos outros no começo do decênio seguinte. Acreditamos que o esvaziamento tenha relação com as perseguições das quais os comunistas foram vítimas. Em 1950, Joaquín Ordoqui salientou que: “Há certo tipo de homem e de mulher que podem ser militantes do Partido e não filiados. São aqueles que trabalham em lugares onde, ao se inteirar de que são socialistas populares, seriam imediatamente despedidos [...]”.⁴⁷⁹ As demissões de membros do PSP e de pessoas acusadas de colaborar com os comunistas aumentaram após 1952 e muitos filiados ao PSP optaram por sair da organização ao invés de perder o emprego ou sofrer com a violência ditatorial.

⁴⁷⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Suspende el SIM el homenaje a Lenin. Detiene a varios líderes del PSP. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 20, viernes, 23 de enero de 1953, p. 1.

⁴⁷⁷ ORDOQUI, Joaquín. Continuemos por el camino del cumplimiento de los principios leninistas de organización. *Revista Fundamentos*, abril de 1950, año X, n° 97, p. 370.

⁴⁷⁸ ROCA, Blas. Unión para derrotar al gobierno con un programa de paz, democracia y bienestar. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1951, año XI, n° 117, p. 1016. Como destacamos no tópico 1.2.1 do primeiro capítulo, no ano de 1948, a direção do PSP ordenou a “limpeza” das fileiras partidárias e expulsou 30 mil filiados. Nos anos seguintes, o número de membros esteve constantemente em declínio. Não encontramos nos documentos do PSP informações sobre o número de filiados durante a ditadura. O único dado sobre o assunto apareceu em uma reportagem do *Diario de la Marina*, onde consta que havia 30 mil comunistas em Cuba. Ver: SANTOS VALENTIM *et. al.* Peligrosa aún la labor del comunismo en Latianoamérica. *Diario de la Marina*, 14 de febrero de 1957, año CXXXV, n° 39, p. 1.

⁴⁷⁹ ORDOQUI, Joaquín. Continuemos por el camino del cumplimiento de los principios leninistas de organización. *Revista Fundamentos*, abril de 1950, año X, n° 97, p. 369.

A situação política piorou e as perseguições aumentaram depois do ataque armado aos quartéis militares de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, idealizados e realizados por Fidel Castro, Raúl Castro, os irmãos Abel e Haydée Santamaría, dentre outros, ocorridos em 26 de julho de 1953.⁴⁸⁰ Após a ação, os líderes do PSP Lázaro Peña, Gaspar Jorge García Galló e Joseíto Ruiz, antigo prefeito da cidade de *Yaguajay*, foram presos e acusados de participação nos assaltos. Algumas sedes do Partido foram saqueadas, as casas de Blas Roca e de Carlos Rafael Rodríguez foram assaltadas e os livros de ambos foram apreendidos.⁴⁸¹ Naquelas circunstâncias, o PSP passou a ser considerado pelo regime como uma organização ilegal, o que deu início a uma nova fase de clandestinidade de seus membros a partir daquele mês.⁴⁸² A sede nacional do PSP, localizada na avenida Carlos III, na capital, foi ocupada pelas forças repressivas de Batista.⁴⁸³

Em setembro de 1953, o governo ditatorial aprovou um decreto anticomunista que declarou incompatível o trabalho nos serviços e postos públicos daqueles que defendiam a ideologia comunista e demitiu vários socialistas populares, bem como outros opositores ao regime que não pertenciam às fileiras do PSP. Foi com base nesse decreto que Juan Marinello e a esposa dele foram retirados do cargo de professores da Escola Nacional.⁴⁸⁴ E, também, o passaporte de Marinello também foi apreendido em 1954, quando ele tentou viajar para a

⁴⁸⁰ Os assaltos aos quartéis de Moncada (o segundo maior do país na década de 1950), na cidade de Santiago de Cuba, e de Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo, ambos localizados na antiga província de Oriente, tinham como objetivo se apossar das armas que estavam naquelas bases militares. Em Bayamo, os assaltantes foram surpreendidos pelo Exército quando se aproximavam do quartel. Em Santiago de Cuba, duas tropas foram deslocadas para perto de Moncada. Uma se dirigiu para o Palácio de Justiça, sob a chefia de Raúl Castro, e outra, comandada por Abel Santamaría, para o hospital militar, com o objetivo de dar cobertura a um terceiro grupo comanda por Fidel Castro, que iria atacar Moncada contando com a guarnição de Raúl Castro e Santamaría. Antes que Fidel Castro pudesse chegar ao quartel, ele foi surpreendido por um grupo do Exército que iniciou uma troca de tiros com carro que o levava e o mesmo aconteceu quando Abel Santamaría tentou invadir o hospital. Os assaltantes que conseguiram escapar aos disparos, se dispersaram pelos arredores de Santiago e muitos militantes foram capturados posteriormente. O fracasso da ação desencadeou uma violenta repressão contra os envolvidos. Foram mais de 70 mortos e centenas de presos. Abordaremos mais sobre os assaltos em outra parte deste capítulo.

⁴⁸¹ Em março de 1955, a casa de Roca voltou a ser assaltada pelas forças policiais. Adriana Petra ressaltou ações comuns das forças policiais na Argentina. Segundo a autora, os livros eram apreendidos como uma forma de contenção do “perigo vermelho”, pois nos setores anticomunistas havia uma associação entre “o livro, a leitura e a agitação social”, de modo que, para os anticomunistas, aprisionar uma biblioteca era uma maneira de impedir a organização e as atividades pedagógicas dos comunistas. Ver: PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 97.

⁴⁸² A partir de setembro de 1953, os comunistas tentaram criar e legalizar o Partido de Frente Unida (PFU), mas o registro da associação foi negado pela justiça eleitoral do regime ditatorial.

⁴⁸³ Posteriormente, os comunistas comentaram que, naqueles anos, o Partido já havia se preparado para a clandestinidade quando, por exemplo, retiraram de circulação pública os socialistas mais conhecidos, prepararam casas e centros de trabalho para alojar os militantes perseguidos, acumularam materiais para continuar as atividades de propaganda e agitação. Ver: ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 26.

⁴⁸⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Forte protesta en defensa de Marinello. *Carta Semanal*, nº 15, 23 de noviembre de 1953, p. 4.

Europa, onde participaria da reunião do Conselho Mundial da Paz.⁴⁸⁵ Ao longo dos anos 1950, várias leis como a citada foram aprovadas com o objetivo de limitar, sempre mais, os espaços profissionais ou políticos de atuação legal dos opositores à ditadura. E a justificava, que nos parece tão atual para tal empenho legislativo, era, quase sempre, o perigo da “penetração” dos comunistas e a ocupação majoritária dos órgãos públicos por membros das esquerdas.

A publicação da revista teórica *Fundamentos*, que possuiu periodicidade mensal desde abril de 1941, foi interrompida. Após onze anos saindo regularmente, apenas vinte edições dela foram publicadas durante o período ditatorial. A revista *Mella*, órgão da Juventude Socialista, e o jornal *Noticias de Hoy* também deixaram de ser publicados após julho de 1953.⁴⁸⁶ Dentro da Ilha, surgiram algumas iniciativas com objetivo de perseguir e denunciar o comunismo e o PSP, como a Liga Anticomunista de Cuba, a Liga Feminina Anticomunista e a Liga dos Advogados Anticomunistas. Foi criada, além disso, por iniciativa do jornalista Salvador Díaz Versón, uma revista chamada *Occidente*, com a proposta de combater os comunistas. Díaz Versón esteve vinculado à estrutura de contraespionagem do exército batistiano, foi responsável, junto ao regime, pelo mapeamento das atividades comunistas dentro de Cuba e promoveu eventos anticomunistas dentro na Ilha.

A historiadora cubana María del Pilar Días Castañón salientou que “para Cuba dos anos cinquenta, herdeira da síndrome da Guerra Fria imposta pelo vizinho do norte, ‘comunista’ era uma acusação muito séria”,⁴⁸⁷ isso porque o anticomunismo desempenhou um importante papel na criação de um imaginário que impulsionou as perseguições ao PSP e as representações dos comunistas como inimigos da nação. Os meios de comunicação insulares, em especial os jornais *Diario de la Marina* e *El mundo* e a revista *Bohemia*, respaldaram muitas ações do regime, como a proibição da contratação de comunistas para o serviço público. Sobre as representações dos comunistas nesses órgãos, observamos a seguinte passagem de *La Marina*:

Eles se disfarçam, se mascaram e empurram desde o escuro para objetivos e consignas que não parecendo ser comunistas, o são em realidade. Por isso, nos

⁴⁸⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El Macarthysmo en Cuba: Un nuevo atropelo a Juan Marinello. *Carta Semanal*, n° 43, 12 de junio de 1954, p. 7.

⁴⁸⁶ As dificuldades dos comunistas em relação à publicação de seus meios de comunicação foram reconhecidas até pela oposição. Herminio Portell Vila escreveu, na revista *Bohemia*, que as publicações socialistas populares representavam um “enorme esforço econômico”, porque os comunistas enviavam os exemplares de suas publicações pelos correios, ou seja, arcavam com a circulação do material e ainda pagavam os gastos de impressão. Portell Vila também comentou que a *Carta Semanal* possuía uma edição destinada ao público estrangeiro e que era distribuída fora de Cuba. Ver: PORTELL VILÁ, Herminio. La propaganda comunista. *Revista Bohemia*, 24 de abril de 1955, año 47, n° 17, p. 126. Apesar das dificuldades, o PSP manteve várias publicações, com periodicidade regular, durante a ditadura. Além daquelas que já foram citadas, o Partido publicou um boletim para informar sobre as operações das forças rebeldes, no ano de 1958, porém não tivemos acesso a ele. Ver: ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea, p. 27.

⁴⁸⁷ DÍAZ CASTAÑÓN, María del Pilar. *Ideología y Revolución*, Cuba, 1959-1962. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004, p. 112.

parece útil que as organizações políticas cubanas, sem distinção, ponham toda a ênfase de seu trabalho público na perseguição ao comunismo.⁴⁸⁸

O editorial destacado evidenciou o apoio do jornal à perseguição estatal contra o PSP, por considerar que os membros do Partido estavam prontos para “perverter” parte da sociedade com seus ensinamentos e conduzi-la ao caos político. Outra questão bastante forte no imaginário anticomunista é a representação do marxismo como uma ideologia “estrangeira” e oposta ao ideal republicano e à liberdade. Em uma passagem de 11 de janeiro de 1957, os editores do *Diario de la Marina* alegaram que o PSP se esquecia de que ele não pertencia aos grupos de oposição nacional, pois não possuía uma “raiz cubana”, ao contrário, ele era um ramo da Internacional Comunista, dirigido desde Moscou e obediente às orientações ideológicas traçadas na URSS.⁴⁸⁹

Na figura 6, os russos são representados como elementos “estranhos”. Os dois personagens que aparecem abaixo da imagem comentam o exotismo do que chamam de “evoluções futuristas”, numa referência ao discurso dos dirigentes soviéticos de que a URSS se tornaria uma sociedade igualitária e desenvolvida em um futuro próximo. É interessante observar que, por outro lado, os socialistas populares também acusavam o anticomunismo de ser uma ideia estrangeira imposta pelos Estados Unidos aos cubanos,⁴⁹⁰ quer dizer, ambos os campos ideológicos justificavam seu comportamento como genuinamente cubano, enquanto seus opositores representavam valores externos que não correspondiam à realidade política insular:

⁴⁸⁸ SANTOS VALENTIM *et. al.* Editorial: La lucha contra el comunismo y los problemas nacionales del momento. *Diario de la Marina*, 20 de julio de 1957, año CXXV, n° 170, p. 4.

⁴⁸⁹ SANTOS VALENTIM *et. al.* Tentativas de penetración comunista em la política nacional. *Diario de la Marina*, 11 de enero de 1957, año CXXV, n° 10, p. 4.

⁴⁹⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El anticomunismo: producto de la imposición extranjera. *Carta Semanal*, n° 12, 2 de noviembre de 1953, p. 2.

Figura 6 -Charge publicada no jornal *Diario de la Marina*



Fonte: *Diario de la Marina*, 22/10/1957, p. 4

A figura 7 corresponde a outro componente do imaginário anticomunista, que é a representação daquela ideologia como um mal, principalmente porque, segundo *La Marina*, os comunistas eram opositores da Igreja, da família, dos costumes, da moral ocidental e, por causa disso, semeavam maldade e desordem. Na imagem, observamos um homem que simboliza a União Soviética abraçado com a morte e o demônio. Pela nota da charge (“Com isso pensa em fazer triunfar sua doutrina”), percebemos que a URSS e o MCI eram associados à violência como método de expansão de seu regime e de sua ideologia e, por causa disso, representavam uma ameaça para Cuba:

Figura 7 - Charge publicada no jornal *Diario de la Marina*



Fonte: *Diario de la Marina*, 23/10/1957, p. 4

Esses meios de comunicação, que também eram atores políticos, ao fazerem propaganda anticomunista, influenciaram a opinião pública contra o PSP e legitimaram as perseguições contra os membros do Partido. Não era incomum a imprensa insular que a aliança feita pelos comunistas com Fulgencio Batista nas eleições presidenciais de 1940 e a participação do PSP na gestão presidencial entre 1940 e 1944 fossem lembradas. Constantemente, a imprensa usava esses acontecimentos para fomentar a desconfiança em relação aos comunistas e também a Batista. O general, por sua vez, veio a público em diversas ocasiões para afirmar sua desvinculação com o PSP. A tônica do discurso anticomunista de Batista pode ser percebida na seguinte passagem publicada no jornal *El mundo*:

O comunismo não é hoje um fator importante na vida política de Cuba. Tampouco é um fator de consequência alguma em nossos sindicatos. Porém, o governo e o que é mais importante, o povo de Cuba, estão sempre alertas e adequadamente preparados para combater, com todas suas energias físicas e morais quaisquer esforços por implantar em Cuba essa causa totalmente antiamericana e antidemocrática.⁴⁹¹

Essa desconfiança em relação às tendências políticas de Fulgencio Batista também preocupou a embaixada estadunidense. Dias após o golpe de 10 de março, o embaixador estadunidense na Ilha, Willard Leon Beaulac, remeteu aos EUA notícias de uma reunião que

⁴⁹¹ BATISTA, Fulgencio. Imposible que el comunismo venza en Cuba. *El mundo*, 20 de diciembre de 1953, p. 1. Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/1953/El-Mundo-12-20-1953-1.pdf>. Acesso em: 29/01/2018.

ele teve com o Ministro do Exterior de Batista, Miguel Angel de la Campa. Ao ser questionado sobre as relações entre o general e os comunistas, Campa garantiu à Beaulac que o regime iria “eliminar as liberdades e os privilégios que os comunistas disfrutavam em Cuba”.⁴⁹²

Nos documentos da embaixada dos Estados Unidos que analisamos,⁴⁹³ as referências aos comunistas apareceram com dois focos de preocupação: a economia, principalmente nos primeiros anos da ditadura, e a política, nos momentos finais do regime. A preocupação econômica recaía nas possíveis denúncias e críticas feitas nos órgãos da imprensa do PSP contra os negócios entre Cuba e os EUA, e na mobilização dos trabalhadores feita pelo PSP, o que poderia afetar os negócios estadunidenses em Cuba. Apesar de alguns documentos relatar que os cubanos não seriam irresponsáveis em acreditar nos socialistas populares, a preocupação quanto às relações comerciais, em especial quanto à diminuição da cota açucareira, era recorrente, pois a embaixada acreditava que a oposição ao governo ditatorial iria crescer, a instabilidade aumentaria, assim como o sentimento antiamericanismo, em uma área de grande importância estratégica e econômica para os Estados Unidos.⁴⁹⁴ Pela análise da documentação, percebemos novamente a percepção de que os comunistas estavam prontos para se aproveitar das instabilidades como método para seus fins políticos.

Outra matriz de preocupação dos EUA se relacionou às questões de ordem política, como o envio, por parte da embaixada para o governo cubano, de pedidos e sugestões de leis para restringir as atividades comunistas, especialmente dentro dos sindicatos e órgãos educacionais,⁴⁹⁵ muitos dos quais foram atendidos por Batista. A gestão do presidente Eisenhower (1953-1961) pressionou o governo do general cubano para a aprovação de leis anticomunistas e pediu garantias à ditadura de que os comunistas não estavam atuando em cargos públicos, nos sindicatos ou nas escolas. Parte da repressão sofrida pelo PSP foi causada

⁴⁹² FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *The Ambassador in Cuba (Beaulac) to the Department of State*. 1952–1954, The American Republics, Volume IV, Habana, January 9, 1953.

⁴⁹³ Analisamos todas as correspondências enviadas e recebidas pela embaixada estadunidense em Cuba, entre os anos de 1952 e 1958.

⁴⁹⁴ FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *The Secretary of State to the Secretary of Agriculture (Benson)*. 1952–1954, The American Republics, Volume IV, MID files, lot 56 D 569, “Sugar Act”, Habana, June 4, 1954.

⁴⁹⁵ Em um memorando de uma conversa entre o embaixador cubano nos EUA, Aurelio Fernandez Concheso, e Harvey Wellman, representante do escritório de Assuntos da América Central, este alegou o seguinte: “O embaixador [Concheso] disse que enviou ao governo cubano um projeto de lei que ele preparou. Ele expressou a opinião de que a lei poderia prever que um comunista não pudesse ser membro ou oficial de um sindicato. Ele declarou que haveria mais dificuldade em eliminar os comunistas da educação, particularmente do ensino nas escolas públicas. Ele disse que enquanto muitos comunistas no campo da educação são bem conhecidos, por exemplo Marinello, outros não são conhecidos”. Ver: FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *Memorandum of Conversation*, by Harvey R. Wellman of the Office of Middle American Affairs. Washington, July 25, 1953. O assunto deste memorando era “a influência comunista em Cuba” e nele notamos a preocupação do governo estadunidense com as atividades dos membros do PSP e a pressão que aquele país exerceu para que o regime ditatorial criasse uma legislação para afastar os socialistas populares de seus cargos.

pela pressão dos EUA sobre o governo de Batista por meio da embaixada estadunidense. Os memorandos revelaram, então, os mecanismos externos que influenciaram na perseguição e isolamento do PSP, assim como os esforços para difundir uma representação negativa da ideologia dentro de Cuba.

Como reflexo dessas pressões e do próprio desejo do regime, em 1955, Batista aprovou outra lei que previa a ilegalidade das “atividades comunistas”, a supressão de reuniões, o confisco de correspondência e a expulsão dos serviços públicos de trabalhadores acusados de atividades subversivas.⁴⁹⁶ Em 1955, a ditadura criou o *Bureau de Represión de las Actividades Comunistas* (BRAC)⁴⁹⁷ e o Birô de Informação⁴⁹⁸ para atuarem junto com o SIM. Na situação de clandestinidade, o PSP advertiu a seus membros quanto às regras de segurança e precaução para escapar das forças policiais, que foram, dentre outras:

[...] 2. Não deixar nada de nossa atividade, no possível, a causalidade – deixar que o inimigo saiba onde estamos; 3. Não se exhibir desnecessariamente; 4. Que cada companheiro conheça somente o que por razão de suas funções e atividades deva conhecer; 5. Não dar possibilidade ao inimigo de conhecer os nomes, direções etc., dos membros do Partido; 6. Não deixar materiais, dados etc., nos lugares onde possam ser tomados facilmente pelo inimigo.⁴⁹⁹

Em outro documento, consta-se que os membros deveriam ler e distribuir os manifestos do PSP, mas não guardá-los,⁵⁰⁰ e ainda: “A divulgação de qualquer aspecto correspondente à vida interior do Partido ou a infração de suas normas de segurança constitui uma grave falta e deve ser sancionada adequadamente, inclusive com a expulsão do Partido”.⁵⁰¹ Isso mostra que a precaução em relação aos órgãos de repressão era uma atividade primordial para os socialistas

⁴⁹⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Más medidas fascistas: eso es todo. *Carta Semanal*, nº 76, 26 de enero de 1955, p. 2.

⁴⁹⁷ Quando o BRAC foi criado, tanto a revista *Bohemia* quanto o *Diario de la Marina* publicaram reportagens para explicar o funcionamento do novo órgão e consideraram positiva a iniciativa do governo. *Bohemia* entrevistou o ministro do governo de Batista, Santiago Rey, que alegou: “O BRAC executará a Lei de Repressão do Comunismo, que está em vigor, e esse organismo deve ser visto, como reiteradas vezes eu falei, não como o produto da ideia de um partido, nem se quer do governo, mas como uma decisão cubana, da postura do povo cubano em sua firmíssima e inquebrantável decisão de combater o comunismo internacional”. Ver: REY PERNAS, Santiago. “Hay que definirse: comunista o democrata”. *Revista Bohemia*, 5 de junio de 1955, año 47, nº 23, p. 56. O *Diario de La Marina* publicou o decreto de criação do BRAC na íntegra na primeira página do jornal, no dia 5 de maio de 1955. Já a embaixada estadunidense relatou ao Departamento de Estado dos Estados Unidos que os agentes do BRAC iriam compartilhar qualquer informação sobre atividades subversivas que pudessem afetar a política dos EUA. (FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 267. *Editorial Note*. The American Republics, Habana, July, 1956).

⁴⁹⁸ Grupo de investigação responsável por recolher informações sobre atividades contrárias ao regime.

⁴⁹⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Seguridad... y despreocupación. *Carta Semanal*, nº 30, 13 de marzo de 1954, p. 2.

⁵⁰⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recuerda que... *Vanguardia*, año I, nº 1, 1º de Septiembre de 1953, p. 4.

⁵⁰¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 19.

populares, porque dela dependiam tanto as atividades partidárias, como a vida de muitos militantes.

Esse cenário nos ajuda a entender algumas opções do PSP. Os membros de “geração de 30” que dirigiam o Partido estavam, quase todos eles, na clandestinidade, na prisão ou no exílio. Nas ausências de Blas Roca do cargo de secretário geral do PSP, era Aníbal Escalante quem assumia a função. Salvador García Agüero foi preso em junho de 1954 e anistiado em 1955. Nicolás Guillén partiu para o exílio durante a ditadura. Fabio Grobart foi para a URSS em 1951 para tratar de problemas de saúde e permaneceu fora da Ilha até 1960. Ladislao Gonzalez Carbajal foi preso e deportado para o México em agosto de 1952. Joaquín Ordoqui viveu no México, na Tchecoslováquia e na França entre 1954 e 1958. Edith García Buchaca acompanhou Ordoqui em alguns desses exílios. Para um Partido tão hierarquizado como era o PSP, a debandada de sua direção representou certa desorganização de suas atividades.

Além do isolamento, do exílio e do anticomunismo, Angelina Rojas Blaquier destacou a difícil situação do movimento sindical, em especial da CTC, *locus* histórico e privilegiado da ação dos comunistas, mas que havia sido ocupada por Eusebio Mujal e estava vinculada ao Partido Autêntico desde os anos 1940.⁵⁰² Na época da ditadura, Mujal se aliou a Batista e manteve o controle da principal central sindical do país, o que dificultava a mobilização dos trabalhadores em prol das iniciativas, como greves e paralisações, historicamente privilegiadas pelos socialistas. Entretanto, quando observarmos os meios de imprensa, a periodicidade dos canais de comunicação e a manutenção dos rituais intrapartidários – sobre os quais trataremos adiante, – percebemos o esforço do Partido em manter as atividades que considerava fundamentais para sua existência e coesão interna em um cenário hostil à presença e existência dos comunistas.

2.3. Ser comunista em Cuba em 1950: valores e projetos comunistas

Nesta seção, destacaremos outros elementos do projeto político e dos valores defendidos pelo Partido Socialista Popular. Decidimos abordar tais questões nesse momento, porque tivemos acesso a documentos que nos permitiram reconstituir com mais precisão as problemáticas suscitadas por elas. Isso não quer dizer, porém, que antes ou depois dos anos 1950, essas características não fizeram parte das práticas e da cultura política do PSP e, na medida do possível, daremos exemplos de como essas questões mudaram ou se mantiveram nas décadas anteriores ao recorte proposto para este segundo capítulo.

⁵⁰² ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 32.

De antemão, adiantamos que alguns comportamentos e algumas ideias dos comunistas podem parecer incoerentes para homens e mulheres que diziam seguir rigorosamente uma ideologia científica. Mas, como o próprio Blas Roca destacou: “Os homens não só têm razões, também têm sentimentos. Não só atuam movidos pela lógica, a razão e o cálculo, mas também movidos por sentimentos e paixões”.⁵⁰³ Trataremos a seguir de algumas dessas ideias que dizem mais respeito às paixões políticas do que a racionalização das demandas das lutas sociais.

2.3.1. “*Unión y luta de masas:*” a ação política e questão tática entre os anos de 1952 e 1956

Durante a ditadura de Batista, algumas propostas políticas do Partido Socialista Popular se mantiveram em relação aos anos anteriores e outras foram alteradas. Ao programa político que apresentamos no capítulo precedente, foram adicionadas novas pautas, como a liberdade para os presos políticos, a defesa da Constituição de 1940 e do Código Eleitoral de 1943. O programa partidário não mudou, apenas foram incorporadas a ele novas demandas correspondentes à situação política insular, o que nos indica a predominância de formas cristalizadas no discurso político dos comunistas cubanos.

Um programa mínimo de demandas foi apresentado pelo PSP como condição para a realização de acordos e coalizões. Nele, havia a defesa da reforma agrária, a nacionalização das empresas estrangeiras, a garantia de um subsídio aos desempregados, o restabelecimento da democracia sindical, a comercialização com os países do campo socialista, o desenvolvimento da produção agrária com vistas às necessidades do mercado nacional, a erradicação da discriminação racial e a plena igualdade de direitos e possibilidades no campo econômico, social e político para negros e brancos, para homens e mulheres.

No documento “Assuntos fundamentais do programa de solução democrática da crise”, publicado pelo Partido em 1955, as demandas mais importantes do momento que aparecem nele (a defesa de eleições gerais imediatas, a anistia política, a vigência da constituição) objetivavam reestabelecer o sistema democrático parlamentar que existia na Ilha antes do golpe de Estado e não realizar uma revolução em Cuba. Naquela conjuntura, assim como durante toda a Segunda República (1940-1952), os comunistas não achavam que havia condições objetivas e subjetivas para uma revolução, como mostra a passagem seguinte:

[...] sustentamos – por meio de uma análise irrefutável, assentado no estudo completo da realidade latino-americana – que nossos países requerem agora não um governo socialista (usamos a palavra em seu sentido correto,

⁵⁰³ ROCA, Blas. Un congreso que hace historia. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1961, año I, n° 4, p. 11.

científico), pois as condições não estão maduras ainda para o socialismo, mas um governo popular, de frente única nacional, anti-imperialista.⁵⁰⁴

É bem verdade que, no projeto do PSP, havia pontos de reformas estruturais do sistema, como a reforma agrária e a nacionalização das empresas estrangeiras de serviços públicos. Entretanto, essas reformas deveriam ocorrer dentro do sistema democrático e não em uma ditadura do proletariado, para a qual Cuba ainda não estava preparada.⁵⁰⁵ Por causa disso, os socialistas populares defenderam, durante todo o período ditatorial, a formação de um governo de frente única, integrado pela classe trabalhadora, pelos camponeses, pela pequena burguesia urbana e pelos setores da burguesia nacional, que deveria ser responsável por conduzir o país à legalidade democrática.

Essa proposta se adequava, além disso, às resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), chamado pelos socialistas populares de “o fornecedor de luz”, ocorrido em 1956. No evento, os soviéticos reafirmaram a política de coexistência pacífica e a via parlamentar como um caminho para alcançar o socialismo.⁵⁰⁶ Desse modo, observamos que a opção do PSP por uma saída não violenta da crise se relacionava, em grande medida, à aceitação do pacifismo e das táticas não violentas defendidas pela URSS, bem como respondia ao pressuposto ideológico de que era preciso cumprir as etapas do desenvolvimento do sistema capitalista para criar uma situação revolucionária.

Porém, naquela conjuntura, acontecia um escalonamento do movimento de massas dentro de Cuba. Em 1955, várias greves e paralisações ocorreram na Ilha, incluindo a greve dos bancários de agosto⁵⁰⁷ e a greve geral no setor açucareiro de dezembro.⁵⁰⁸ Na ocasião, o PSP criou os *Comités de Defensa de las Demandas Obreras* (CDDO), organismos que funcionavam dentro dos sindicatos e agrupavam trabalhadores opostos às políticas de Eusébio Mujal e da

⁵⁰⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Imperialismo sin afeites. *Respuestas*, 14 de enero de 1956, año 2, nº 47, p. 5.

⁵⁰⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Asuntos fundamentales del programa de la solución democrática de la crisis*. La Habana: Editorial Piramide, 1955, p.10.

⁵⁰⁶ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50. *Revista de Estudios e Pesquisas sobre as Américas*, Vol. 7, nº 2, 2013, p. 245.

⁵⁰⁷ De acordo com Angelina Rojas Blaquier, o conflito começou em junho de 1955, quando os bancários demandaram um aumento salarial de 20%. Assim que governo negou as reivindicações do setor, o movimento grevista cresceu e, em agosto, eclodiu uma greve “de braços caídos” em todos os estabelecimentos bancários da capital. Por causa deste movimento, foram detidos mais de cem trabalhadores e mais de 200 mandatos de demissão foram expedidos. Frente à coerção governamental e da CTC aos empregados, diversas paralisações foram feitas por outros setores (trabalhadores de oficinas metalúrgicas, dos portos, tabaqueiros). Setores da Igreja Católica e da FEU também apoiaram os bancários. Ainda segundo a historiadora cubana, a greve e a solidariedade trabalhista foram um duro golpe para governo e demonstraram o crescimento das mobilizações de massas naquele contexto. Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 142.

⁵⁰⁸ Segundo dados de Caridad Massón Sena, o movimento grevista, liderado pelos comunistas e pelos *Comités de Defensa de las Demandas Obreras*, provocou a paralisação de 400 mil trabalhadores que demandavam aumentos salariais e outras propostas trabalhistas. Ver: MASSÓN SENA, Caridad, op. cit., p. 244.

Confederação dos Trabalhadores Cubanos. Esses movimentos de massas foram importantes para o imaginário comunista, porque os socialistas populares os interpretaram como sinal da mobilização do proletariado, o que poderia criar as condições para a greves mais amplas e, com isso, desestabilizar o regime. Os comunistas se viram, então, diante da seguinte situação: por um lado, o movimento grevista cresceu, apesar da repressão, e o Partido deveria incentivar e organizar esses movimentos, por outro, ao aceitar as resoluções do XX Congresso do PCUS, o PSP aceitava também o uso de táticas pacíficas e dispensava os meios violentos para combater a ditadura, tal como o “movimento pela paz” preconizava. A saída encontrada pela agremiação foi o estabelecimento de uma nova linha tática, chamada de “Linha de Agosto”, sobre a qual trataremos mais à frente.

2.3.2. A dimensão moral e política da Guerra Fria na documentação partidária

A influência soviética na vida partidária foi destacada no primeiro capítulo, quando abordamos as relações do PCC/PURC com a Internacional Comunista e as representações feitas pelo Partido Socialista Popular da União Soviética como o local da realização da teoria marxista-leninista e do modelo de sociedade socialista ideal e dos Estados Unidos como os “inimigos imperialistas”. Nos anos de 1950, outros elementos foram incorporados a essas representações e reforçaram o imaginário do MCI, que reafirmou e criou novas construções imagéticas de ambos os lados da Guerra Fria.

O PSP continuou exaltando as conquistas da União Soviética. Na ocasião do quadragésimo primeiro ano de existência da Revolução Russa, em 1958, os comunistas cubanos publicaram uma reportagem com informações relativas ao crescimento industrial daquela região, comparando os dados ora com o cenário produtivo anterior a 1917, ora com a produção dos EUA. As informações econômicas eram usadas para justificar o bem-estar social desfrutado pelos soviéticos que, de acordo com os comunistas cubanos, não passavam por crises cíclicas, desfrutavam de educação e a assistência médica gratuitas, pagavam baixos preços pelos aluguéis e pelos artigos de consumo, não sofriam com o descontrole da inflação e eram beneficiados com o crescimento do consumo per capita de alimentos, móveis, roupas e calçados.

Além disso, a União Soviética era representada como um exemplo de democracia, um local onde não havia violação do domicílio e de correspondência, onde havia liberdade de imprensa, reunião e desfiles, e o mandato dos representantes poderia ser revogado se eles não

cumprissem seus deveres. A URSS era vista como o local onde não havia antissemitismo⁵⁰⁹ e perseguição racial,⁵¹⁰ nem fome, miséria e desemprego. Lá também havia terras, meios de transporte e indústrias coletivas, como alegavam os socialistas populares: “a regra de ouro da sociedade socialista, sua razão de ser, seu motor, sua lei econômica fundamental é esta: ‘assegurar a máxima satisfação das necessidades materiais e culturais, em constante ascensão, de toda a sociedade’”.⁵¹¹ A superioridade da União Soviética era medida pelo desempenho dela nos esportes,⁵¹² na educação⁵¹³ e no fornecimento de víveres aos seus cidadãos.⁵¹⁴

Ademais, os anos de 1950 foram uma época de importantes avanços científicos, principalmente na área da tecnologia militar e da engenharia espacial. Além de festejar os avanços das indústrias soviéticas, os socialistas populares utilizavam as novas tecnologias desenvolvidas para contrapor o discurso dos inimigos de que não havia liberdade intelectual na URSS. Os comunistas colocavam a seguinte questão: “Acaso um nível científico de tão alta hierarquia pode ser alcançado por homens a quem se lhes restringe a liberdade de pensar, de investigar, de discutir? Ninguém acredita nisso”.⁵¹⁵ Esse deferimento à URSS era uma forma, inclusive, de provar a fidelidade do Partido, prática política importante na cultura política

⁵⁰⁹ CARBAJAL, Ladislao G. La cuestión judía no existe en la sociedad socialista. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 26, 30 de enero de 1953, p. 1. Essa representação da URSS como um local sem racismo e sem antissemitismo não corresponde à realidade, pois, como mostrou Fitzpatrick, ao analisar cartas enviadas pela população para as autoridades soviéticas, os insultos étnicos de vários tipos eram bastante comuns, assim a autora concluiu que os preconceitos racistas estavam arraigados em parte da sociedade russa. Ver: FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo*. Cómo vivía y sobrevivía la gente común en la Rusia soviética. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2019, p. 275. Essa representação feita pelo PSP é mais um elemento da visão idílica dos socialistas populares em relação à URSS.

⁵¹⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “En la URSS no hay persecución racial,” dicen líderes hindúes. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 51, 1 de marzo de 1953, p. 1.

⁵¹¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El bienestar del Pueblo: objetivo y realización de la sociedad socialista. *Carta Semanal*, n° 13, 9 de noviembre de 1953, p. 2.

⁵¹² “O que tem esse espetáculo de força pura, de lisonjeio dos instintos mais violentos, não parece que deva satisfazer a ninguém. De tal maneira que, por exemplo, na União Soviética se exige um tipo de prática de boxe em que sobressaia o que tem de arte defensiva e ofensiva esse esporte e se reduzam, ao mínimo, os riscos pessoais e as exibições de selvageria pura e simples”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Paradojas papales. *Respuestas*, 28 de enero de 1956, año 2, n° 49, p. 5.

⁵¹³ “Além de preparar os alunos para todas as áreas científicas, a escola soviética se dedica a forjar, neles, cidadãos do comunismo. Inculcam-lhes comportamento social desinteressado, respeito aos valores em que se sustenta a sociedade socialista, interesse da comunidade como base do interesse individual, a família como elemento social, a pátria como patrimônio que cria deveres”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¿Por qué no imitarlo? *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, n° 24, p. 4-5.

⁵¹⁴ “Enquanto na União Soviética, onde, desde 1947, ficou eliminado totalmente o racionamento de alimentos estabelecido durante a guerra [Segunda Guerra Mundial], sempre sobre bases científicas e justas, o mais humilde cidadão tem a oportunidade, porque tem um emprego e uma retribuição adequada e, constantemente, crescente e porque os preços das mercadorias são reduzidos progressivamente, de adquirir ampla qualidade de alimentos para ele e sua família. Essa é a distribuição de alimentos no socialismo e aquela, a que podemos ver a nosso redor ou soffremos em nossos lugares, a do capitalismo. O contraste, sem dúvida, é convincente”. Ver: TORRAS, Jacinto. Sección económica. Distribución de alimentos en el socialismo y en el capitalismo. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 16, 18 de enero de 1952, p. 2.

⁵¹⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Lo que los dejo “pasmados”. *Respuestas*, 12 de septiembre de 1955, año 1, n° 29, p. 8.

comunista. Não adiantava apenas concordar e executar as ordens do Kremlin. Era preciso exaltá-las publicamente, dando mostras de uma posição verdadeiramente marxista, vertente que, como já comentamos, dentro do MCI, havia sido hegemonizada pelos soviéticos.

Defender a URSS era também estar ao lado dos soviéticos diante dos desafios enfrentados pelo bloco. Em Cuba, por exemplo, os comunistas atacaram ferozmente o “inimigo” Josep Broz Tito, assim como haviam feito com Trotsky. Como apontou Eley, “condenar Tito passou a ser o teste lúdico da lealdade comunista”. Os socialistas populares ainda negaram a existência de campos de trabalho forçado e se digladiaram na imprensa contra aqueles que acusavam os soviéticos de terem instituído “tamanha crueldade”.⁵¹⁶

O PSP exaltou a Revolução Chinesa e as Democracias Populares, defendeu as iniciativas do campo socialista, como as conferências de Genebra (1954)⁵¹⁷ e de Bandung⁵¹⁸ (1955). Na *Carta Semanal*, havia uma sessão chamada “Pela URSS e as democracias populares”, onde eram relatados os progressos sociais e econômicos daquelas regiões. Os socialistas populares também passaram a defender a luta anticolonialista de áreas da África e da Ásia que buscavam a independência em relação às suas metrópoles europeias. Em contraposição, quando um movimento que pedia mais liberdade política começou na Hungria, em 1956, os comunistas cubanos defenderam o direito da URSS de invadir aquele país.

Acreditamos que essas representações feitas pelos socialistas populares em Cuba nem sempre resultaram de uma manipulação calculada da realidade soviética, pois boa parte das informações sobre a URSS vinha dos órgãos da imprensa russa, que eram os principais canais de informação dos acontecimentos ocorridos naquela região, e era a partir dessas informações que os comunistas cubanos criaram as representações que destacamos acima. Porém, essa visão idílica da União Soviética não correspondia à realidade de grande parte dos países que a compunham, nem mesmo de todas as regiões da Rússia. A historiografia especializada mostra que, em boa parte da primeira metade do século XX, a situação econômica e social era caótica,

⁵¹⁶ Ao mesmo tempo em que os socialistas populares defendiam o direito da URSS de atacar e conter os movimentos de oposição dentro da área geográfica de influência comunista, condenavam as ações agressivas dos Estados Unidos, alegando que este país sustentava as tiranias latino-americanas e era responsável pelos problemas econômicos desta região.

⁵¹⁷ Conferência que reuniu a URSS, os EUA, o Reino Unido, a França, a China, o Vietnã, o Laos, o Camboja, dentre outras nações, em abril de 1954, para discutir a situação política e os conflitos em curso na Coreia, no Vietnã e na Indochina.

⁵¹⁸ Ocorrida em abril de 1955, reuniu países da Ásia e África que buscavam cooperação política e econômica. Essa foi a época em que vários países desses dois continentes se tornaram independentes de suas metrópoles europeias. A cooperação afro-asiática era uma tentativa também de se manter fora das áreas de influência dos Estados Unidos e da União Soviética. O MCI apoiou a iniciativa, porque via nela a ruptura do sistema de dominação capitalista, assim como enxergou a possibilidade de transformar aquelas regiões, futuramente, em novas áreas adequadas ao comunismo.

a miséria e a fome, especialmente nos anos de 1930 e 1940, eram a realidade da grande parte da população.⁵¹⁹ Por isso, como destacou Sá Motta, os roteiros das viagens que os comunistas faziam pela URSS eram preparados e monitorados pelas autoridades russas com o objetivo de “cultivar uma boa imagem do país” no contexto de “guerra diplomática e de propaganda” do socialismo.⁵²⁰

Um traço importante das dicotomias das representações dos dois lados da Guerra Fria foi o uso de questões éticas e morais como baliza definidora. Na perspectiva dos comunistas, a moralidade estava relacionada diretamente ao regime econômico, isto é, a organização econômica das sociedades capitalistas e socialistas definiam diretamente os valores de seus membros.⁵²¹ Essa ferramenta discursiva que jogava com a valorização e a condenação de determinados comportamentos era um dos recursos mais usados pelo PSP para definir tanto a validade dos regimes capitalista e socialista, quanto o que era ou não aceito e esperado dos membros do próprio Partido. Abaixo daremos alguns exemplos de como essas ideias e valores apareceram na documentação primária.

Os socialistas populares diziam que as relações sexuais entre jovens que não eram casados, o consumo de drogas e as orgias sexuais eram práticas comuns nos EUA e eram fortes sinais da degeneração daquela sociedade. Sobre a questão, eles escreveram: “Porque essa decomposição moral vai implícita com a decadência capitalista e vem a ser uma repetição de outros fenômenos históricos similares das sociedades em decadência, como, por exemplo, a época da agonia do império romano [...]”.⁵²² Ou seja, os comunistas cubanos associavam as práticas sociais das quais eles discordavam com a lógica econômica do sistema capitalista, marcado pela exploração e o declínio dos valores éticos e morais. Conseqüentemente, o

⁵¹⁹ FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo*, p. 214. PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*. São Paulo: Leya, 2012, p. 192-193. SERVICE, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*, capítulo 12.

⁵²⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das letras, 2005, p. 357.

⁵²¹ Maurice Agulhon salientou que a hostilidade dos comunistas se materializada em representações dos rivais políticos como oportunistas e politiquês, ao passo que os membros do PCF eram autorrepresentados como honestos, intransigentes e virtuosos. Ver: AGULHON, Maurice. Sur la “culture communiste” dans les années cinquante. In: CEFAÏ, Daniel. *Cultures politiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 285. Essas representações dicotômicas são intrínsecas às disputas políticas, o que chama atenção, nesse caso, é a semelhança no emprego dos adjetivos usados pelos comunistas, tanto em Cuba como na França, o que é um sinal da existência de uma unidade discursiva dentro do MCI. Outros termos, como “quadro, tarefa, camarada/companheiro, aparelho, ponto, cachorro (policia), integrar-se à produção, pequeno-burguês etc.,” também fizeram parte do vocabulário comunista. Ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 27. Para mais informações, sugerimos também o livro *O jargão comunista*, de R. N. Carew Hunt.

⁵²² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Alguaciles alguacilados. *Respuestas*, 13 de abril de 1955, año 1, nº 8, p. 3.

comportamento dos jovens estadunidenses era apenas um reflexo na imoralidade de seu sistema econômico. No ano de 1952, no jornal *Noticias de Hoy*, uma série de reportagens intituladas “*El modo de vida yanque*” foi publicada com o objetivo de retratar os males da sociedade estadunidense.⁵²³ Em uma delas, a corrupção e a perversão foram associadas à quantidade de homossexuais que havia nos presídios e na sociedade dos Estados Unidos, como aparece no excerto: “[...] os recursos que esses [os homossexuais] usam para libertar seus instintos, colocam em evidência a existência de um verdadeiro estado de degeneração que afeta a milhares de norte-americanos”.⁵²⁴

Em oposição ao cenário de decadência do capitalismo, encontrava-se o bloco socialista que, de acordo com o PSP, por ter sido erigido em bases científicas e ter investido na construção do novo homem livre da moral burguesa, não vivenciava os conflitos e lacras morais do capitalismo. Na passagem seguinte, observamos a representação dos valores que orientavam o comportamento do homem soviético, os quais, podemos considerar, eram parte do modelo de “homem novo” que o MCI criou desde o final do século XIX e ao longo do XX:

[...] a sociedade soviética tem a tremenda vantagem sobre a nossa, capitalista, deformada, já que ali a família e a comunidade completam a educação moral dos meninos e jovens formando hábitos altruístas, inculcando, nos fatos, a moral de respeito às hierarquias verdadeiras, ao trabalho, a honestidade [...].⁵²⁵

O MCI e, conseqüentemente, o PSP também defendiam a família monogâmica e combatiam o “amor livre”⁵²⁶ e a liberdade sexual.⁵²⁷ Os comunistas faziam referência ao livro de Frederick Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), no qual o ideólogo alemão traçou um histórico da formação da sociedade moderna ressaltando o papel da reestruturação familiar após o advento da agricultura, o que teria dado origem à propriedade

⁵²³ Também no ano de 1952, *Noticias de Hoy* publicou uma série de fotografias feitas em países capitalistas em uma sessão chamada “Mundo livre... para os capitalistas”, na qual apareceu, por exemplo, crianças pobres nos campos cubanos e puxando carroça, um idoso abandonado, um homem mexendo em uma lixeira para arranjar comida. As devastadoras imagens serviam para reforçar a imagem da miséria do sistema capitalista e a mensagem de desumanidade e imoralidade associada às representações feitas pelos comunistas do capitalismo.

⁵²⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El “modo de vida” yanqui. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 72, 23 de marzo de 1952, p. 8.

⁵²⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¿Por que no imitarlos? *Respuestas*, año 1, n° 24, 6 de agosto de 1955, p. 4.

⁵²⁶ Sheila Fitzpatrick escreveu que, na década 1930, ocorreu uma campanha na URSS para combater “o aborto, o divórcio informal e a promiscuidade”, o que diverge, segundo a autora, de algumas ideias vigentes na sociedade russa na década de 1920, que pregavam a liberdade sexual, os matrimônios não oficializados e o divórcio feito por via postal. Ver: FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo*, p. 214.

⁵²⁷ “Há mais de trinta anos que Lenin combateu indignado a um minúsculo grupo que, a título de “comunistas” e “radicais”, sustentavam a tese de que a relações sexuais não eram mais importantes que “tomar um copo de água”. E toda a história da URSS está presidida pelo esforço de reduzir o divórcio a um expediente de última instância [...]”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La penuria de un crítico. *Respuestas*, 4 de octubre de 1955, año 1, n° 32, p. 2.

privada.⁵²⁸ A obra foi usada, em várias ocasiões, para justificar algumas definições sobre o que era aceitável a um comunista. A idiossincrasia dos soviéticos e os clássicos do marxismo serviram como um amalgama de orientação comportamental que definiu liberdades e restrições em todos os âmbitos da vida dos adeptos ao comunismo. A URSS, novamente, forneceu os exemplos mais concretos do imaginário construído sobre o homem novo pelo Partido Socialista Popular, como aparece no excerto:

Neste país portentoso que é a União Soviética (onde há rios que correm para cima, se revive os mortos com o sangue dos cadáveres, se prolonga a vida, se fazer crescer trigo vermelho na neve, se levantam jardins e bosques nos desertos milenares, se colhem peras nos olmos, se exterminou o analfabetismo, a miséria e o medo ao porvir), a obra mais revolucionária é, indiscutivelmente, a formação de um novo tipo de homem, de constante juventude moral. Vendo os filhos de Stálin de tal maneira parece que se convive entre milhares de irmãos de Julio Antonio Mella, por cujas veias corre o mesmo sangue heroico que lhe fizeram bandeira de seu tempo e símbolo dos jovens dignos de sê-lo. A cada minuto, nas fábricas, universidades, granjas e campos esportivos de Moscou ou Stalingrado, cremos ouvir aquele riso de Mella, espontâneo, desafiante, impetuoso que contam os que o escutaram. Alegria dos construtores do comunismo que sabem que o futuro lhes pertence!⁵²⁹

Na citação acima, aparece outro elemento importante do relato mítico do PSP, que é a alusão ao comportamento dos heróis daquela cultura política – Stálin e Mella – como uma herança que cabia ao militante esforçar-se para conquistar e tornar-se, com isso, um homem novo. Devemos lembrar que, como salientou Wunenburger, qualquer imaginário suscita uma vertente representativa, projetiva, e outra emocional, afetiva, que mobiliza a ação.⁵³⁰ Essa rememoração imagética que os comunistas cubanos faziam de seus heróis, além de reforçar as representações do imaginário, servia também para despertar as emoções mobilizadoras da ação prática na medida em que animava a militância partidária a seguir os exemplos dos heróis e repetir os grandes feitos revolucionários do passado.

⁵²⁸ “E se a URSS nos oferece um quadro social em que o divórcio resulta uma exceção, quando sob o capitalismo chegou a ser uma regra, em que o roubo apenas existe, em que não há pornografia, nem cinema que a incite, nem revista que a difunda, em que toda a sociedade transpira paz, amizade, cooperação, isso se deve a que ela avançou pelo caminho que Frederick Engels antecipara”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¿Por qué no imitarlo? *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, n° 24, p. 5. No livro citado, Engels desenvolve conceitos de solidariedade “proto-comunista” em grupos humanos que viveram na antiguidade, o que se assemelharia aos valores defendidos pelo MCI, especialmente no que tange à divisão do trabalho e à cooperação para suprir as necessidades básicas da comunidade. Também abordou questões vinculadas às ideias de moralidade e ética, as quais aparecem como problemas para os comunistas no século XX, como a poligamia, o matrimônio e a chefia patriarcal.

⁵²⁹ VALDES VIVO. Raúl. Evocación del mundo nuevo en su XXXV aniversario. Allí el hombre es el capital máspreciado. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 268, 11 de noviembre de 1952, p. 6.

⁵³⁰ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 11-12.

O constante apelo à URSS como modelo de sociedade e à Revolução Russa como um dos momentos fundacionais daquela cultura política tinha uma função pragmática também, como destacou Jorge Ferreira, que era fazer com que os militantes entrassem “em contato com um tempo grandioso”⁵³¹ e, com isso, instigá-los à luta política para que pudessem construir uma sociedade ideal como os soviéticos estavam fazendo.

2.3.3. Representação e autorrepresentação: a mitologia da sociedade ideal e o partido modelo

Esse modelo de sociedade ideal, inspirado na URSS, era universalista, porque, para o MCI, o marxismo era uma ciência aplicável a todas as sociedades que vivenciaram o capitalismo.⁵³² O MCI e também o PSP criaram uma projeção, uma representação imagética, de uma sociedade comunista ideal e um imaginário cheio de exemplos e simbolismos que deveriam cimentar as práticas deles mesmos. Em uma fonte primária escrita pelos socialistas populares, fazendo referência a Mella, Menéndez e Rubén Martínez Villena, notamos o seguinte: “Eles existiram e deram sua vida para que as massas pudessem se libertar, construir um “paraíso na terra” e encontrar a felicidade”.⁵³³ Como Jorge Ferreira ressaltou, essa nostalgia do “paraíso” era sustentada pela crença nos mitos e, de acordo com o autor, “é o relato mítico que estimula o homem a se deixar envolver por imagens e representações nostálgicas”,⁵³⁴ daí a importância de reiterar esses mitos e mitologias nos meios de comunicação do PSP.

Essa projeção teleológica objetivava fundar a “idade do ouro”, uma mitologia comum a várias culturas políticas e que serviu de arquétipo para aqueles que a mobilizam. A “idade do ouro” se refere à construção imagética de um passado perfeito, quando houve felicidade e abundância. Segundo Raoul Girardt, trata-se de uma representação de um tempo de inocência e pureza, de amizade, solidariedade e comunhão.⁵³⁵ Ainda que o PSP fizesse referência a vários acontecimentos da história insular para sustentar suas ideias, seus projetos e valores, não encontramos representações do passado cubano associadas a um momento edênico. Para os

⁵³¹ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 65.

⁵³² “Não tem razão os que afirmam que o marxismo é uma teoria estrangeira, exótica, sem aplicação em Cuba [...]. Afirmar hoje que o marxismo, isso é, o comunismo, é russo porque ali foi onde primeiro triunfou, é fazer uma afirmação absurda e torpe. Tampouco é alemão o marxismo porque nasceram na Alemanha seus fundadores, como não pode se dizer que o movimento da Terra ao redor de seu eixo é italiano porque nasceu na Itália o que o descobriu, o expôs e o fundamentou cientificamente. Os problemas estudados por Marx são comuns a todos os países, incluindo a Cuba na época presente”. Ver: ROCA, Blas. *Universalidad del marxismo. Noticias de Hoy*, año XVI, nº 62, 14 de marzo de 1953, p. 2.

⁵³³ ESCALANTE, Anibal. Homenaje a Lenin y a nuestros mártires Mella, Rubén e Menéndez. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1949 - enero de 1950, año X, nº 94, p. 22.

⁵³⁴ FERREIRA, Jorge, op. cit., p. 64.

⁵³⁵ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 105.

socialistas populares, a projeção não se remetia a um momento específico do passado, mas sim ao futuro, à época do fim da ditadura do proletariado e à implantação do comunismo.

Raoul Girardet apontou que há momentos fortes e fracos na manifestação da mitologia da “idade do ouro”. Para os socialistas populares, os anos 1950 foram, aos menos até meados de 1958, um momento fraco em relação à manifestação dessa mitologia, porque nos documentos com os quais trabalhamos não encontramos indicações de que os socialistas populares acreditavam que seria possível a implementação de um regime comunista em Cuba em um futuro próximo. Essa mitologia esteve presente nas representações partidárias, mas sua realização se concretizaria a médio e longo prazo. A instalação da ditadura do proletariado e do comunismo (o “paraíso na terra”) estavam condicionados ao cumprimento das etapas do processo revolucionário e, para os membros do PSP, Cuba não havia cumprido nem a primeira etapa ainda,⁵³⁶ por isso defendemos que a revolução não estava dentro das expectativas dos comunistas naquele momento.

Nas representações dos socialistas populares, as principais características dessa sociedade ideal eram a abundância de víveres, o acesso aos bens de consumo e a dignidade de trabalho para todos os setores produtivos.⁵³⁷ Ao descrever o propósito doutrinal das ideias que seguia, o PSP justificou: “A finalidade da doutrina comunista é, certamente, eliminar a miséria, o desemprego, a pobreza, a crise econômica e a fome, mediante a inevitável mudança do sistema social, mediante a substituição do capitalismo, explorador e egoísta, pelo socialismo, libertador e coletivista”.⁵³⁸ Esses elementos compunham a parte utópica da cultura política comunista, ou seja, eram mitos, mitologias e programas que integravam as representações de futuro daquela ideologia.

Os comunistas eram utopistas, eles acreditavam que a sociedade ideal não pertencia apenas ao plano das ideias, mas sim que era possível vivenciá-la em questão de alguns anos ou décadas, bastava apenas a criação de condições viáveis para isso. De acordo com Claude

⁵³⁶ Ver o ponto 1.3.2. do capítulo 1.

⁵³⁷ “A URSS iniciou a marcha para o comunismo, porém ainda não chegou ao comunismo. Enquanto não tenha um automóvel para cada cidadão, um televisor para cada um, enquanto os alimentos não possam se subministrar gratuitamente, enquanto subsista a necessidade de subornar a entrega de produtos a uma certa regulação, terá que reger a regra anunciada por Marx: cada qual contribuirá à sociedade segundo sua capacidade e receberá da sociedade segundo seu trabalho. O que quer dizer que na URSS, todos, o varredor de rua e o cientista, tem um padrão de vida digno, decoroso, em elevação crescente. Porém, não recebem o mesmo o varredor e o “sábio” atômico, o empregado sem especialização e o músico criador de sinfonias, o trabalhador simples e seu companheiro de turno que descobriu uma inovação capaz de aumentar a produtividade do trabalho”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Millonarios sin plusvalía y revistas sin recato. Respuestas*, 10 de octubre de 1955, año 1, n° 33, p. 5.

⁵³⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El título que debió poner “información”. *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, n° 24, p. 6.

Rivière, a utopia difundida na modernidade era marcada por algumas ideias, como a “segurança contra o medo, abundância contra a miséria e a redistribuição dos bens dos privilegiados”.⁵³⁹ No marxismo, essas ideias apareceram como resultado da eliminação da sociedade de classes e da implantação do comunismo e compõem a parte mais significativa da utopia daquela cultura política. Essa projeção de futuro, assim como outros mitos, funcionava como uma catalisadora das iniciativas e da militância e permitia aos sujeitos que a formulava impulsionar os planos para a mudança do presente.⁵⁴⁰ Jean-Jacques Wunenburger, ao citar o trabalho de Norman Cohn, destacou os aspectos da utopia revolucionária. Segundo ele:

[...] a utopia situa-se aqui num calendário histórico, podendo sua realização ser anunciada profeticamente. O desvelamento do esboço da sociedade ideal é inseparável de uma revelação de seu advento futuro. A presciência desse aperfeiçoamento vindouro da sociedade ou da humanidade, confirmado com frequência por uma personalidade messiânica, autoriza a partir daí a estabelecer disposições para o presente, que pode ir ao desencadeamento de uma violência contra a ordem estabelecida para preparar o advento do mundo melhor”.⁵⁴¹

A realização da utopia e a conseqüente implantação do “paraíso na terra” era função do proletariado e do partido comunista. Em decorrência dessa crença, os socialistas populares, constantemente, criaram autorrepresentações para se colocarem como os únicos capazes de conduzirem os trabalhadores ao poder e construir a sociedade ideal. De acordo com o historiador Jayme Fernandes Ribeiro, os PC’s se consideravam como a “encarnação de uma vontade coletiva”, representavam-se como os detentores das melhores análises políticas, porque eram guiados pelos aportes científicos do marxismo-leninismo.⁵⁴²

Dentro dos PC’s, existia uma ideia de que o partido, normalmente escrito com letra maiúscula na literatura partidária, estava acima de todos os seus membros, como se fosse uma entidade autônoma, extemporânea como aparece na passagem: “Não queremos a ninguém que esteja contra a política do Partido. Primeiro o Partido e os princípios, antes que eles e nós. [...]. Os homens passam, o Partido fica”.⁵⁴³ Como apontou Jorge Ferreira, foi o texto “Que fazer?”, de Lenin, que definiu o partido como vanguarda do proletariado ao alegar que se os trabalhadores não fossem guiados por militantes instruídos e formados intelectualmente na

⁵³⁹ RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989, p. 33.

⁵⁴⁰ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*, p. 66.

⁵⁴¹ *Ibidem*, p. 76.

⁵⁴² RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da paz:” a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003, p. 138, destaque do autor.

⁵⁴³ ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, nº 105, p. 1111-1112.

tradição marxista, seguiriam somente o caminho do sindicalismo e não o da revolução.⁵⁴⁴ Por acreditar nessa ideia leninista, os comunistas achavam que somente os PC's poderiam encabeçar um movimento de massas que pudesse levar a implantação do socialismo. Essa perspectiva teve grande influência da avaliação que o PSP fez sobre o papel das guerrilhas, porque o Partido desconsiderou, por muito tempo, a possibilidade de que outro grupo, que não um PC, pudesse protagonizar o desencadeamento de um processo revolucionário e receber a adesão das massas.

A crítica que devemos fazer a essa representação do partido como vanguarda é ao fato de que dentro do PSP, diante da falha do princípio do centrismo democrático, era a direção que decidia os programas e ações do Partido. O que percebemos é que, muitas vezes, a ideia de “o partido acima de todos” foi usada para encobrir as decisões tomadas pela cúpula dirigente socialista popular, como mostraremos mais à frente com o exemplo da expulsão de César Vilar.

A autorrepresentação do PSP também pode ser interpretada como um esforço dos comunistas para criar uma ontologia, isto é, para elaborar uma narrativa que se remete a um momento fundador, onde se encontra a origem de mitos e mitologias daquela cultura política. O momento fundador da narrativa ontológica criada pelo PSP foi a Guerra de Independência (1895-1898), especificamente os primeiros anos do conflito, quando os Estados Unidos ainda não tinham declarado guerra à Espanha,⁵⁴⁵ porque aquele foi o momento em que forças militares formadas pelos cubanos lutaram contra as tropas espanholas sem a interferência de nenhum outro país. Outra ideia do Partido era de que, apesar da citada guerra ter acabado com jugo colonial espanhol, Cuba não havia garantido a “verdadeira” independência insular, porque o processo de libertação havia sido comprometido pela interferência dos Estados Unidos no conflito, pela Emenda Platt e pelas posteriores relações desenvolvidas entre esse país e a Ilha.⁵⁴⁶

Nesse sentido, a ontologia daquela cultura política era composta por uma narrativa de fundação (os momentos iniciais da Guerra de 1895) e por uma demanda política principal (a necessidade de alcançar a verdadeira independência insular). As narrativas ontológicas baseadas em um sequenciamento causal que colocavam os comunistas como continuadores de acontecimentos históricos específicos e importantes foi uma prática comum dentro dos PC's.

⁵⁴⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 38.

⁵⁴⁵ Nos anos de 1940, ocorreram debates historiográficos em Cuba acerca da interpretação mais correta da Guerra de Independência, se ela deveria ser chamada de “guerra cubano-espanhola” ou “guerra hispano-americana”. Os comunistas cubanos se envolveram nos debates e defenderam que o protagonismo da vitória sobre os espanhóis era exclusivamente dos cubanos e que era preciso rever os livros de história cubana que traziam as tropas dos EUA como importantes dentro do conflito. Ver: ESCALANTE, Cesar. Cuba se independizó de España por el esfuerzo de sus hijos y no por la intervención de los EE.UU. *Revista Fundamentos*, marzo de 1951, año XI, nº 108, p. 244.

⁵⁴⁶ Nos documentos do Partido, encontramos a expressão “república mediada”, quando os comunistas queriam se referir a frustração que sentiam pela ingerência dos Estados Unidos.

Marc Lazar ressaltou, por exemplo, que o PCF se colocava como descendente de 1793, de 1848 e dos “heróis da comuna”, ou seja, como continuador de processos revolucionários radicais que o antecedeu, sendo que alguns deles não tinham, efetivamente, relação com o movimento comunista. Lazar argumenta que a junção de referências políticas soviéticas e nacionais foi fundamental para o PCF prosperar.⁵⁴⁷

Percebemos que a criação de uma ontologia corroborava com a representação dos PC's como organizações genuinamente nacionais, pois os partidos comunistas se colocavam como continuadores de certos eventos e tradições políticas de seus próprios países, sendo esse um fator importante para o sucesso daquelas organizações. Além disso, as narrativas ontológicas também nos mostram um dos aspectos da concepção de revolução dos comunistas. Assim como observado por Lazar para o caso do PCF, também o PSP tinha uma noção de “revolução em bloco”, isto é, tinha uma concepção de que o processo revolucionário fazia parte de uma longa duração e já havia começado. Na França, com a Revolução de 1789. Em Cuba, com a independência insular. Ambos os eventos foram interpretados pelos comunistas como o momento de ascensão das burguesias nacionais e de organização do proletariado. Faltava então a consolidação da revolução, a sua fase mais importante que era a tomada de poder pela classe trabalhadora. Desse modo, o que percebemos é que a narrativa ontológica do movimento comunista em Cuba inseriu o processo revolucionário em uma longa duração que teve um marco inicial e tinha como PSP como a única vanguarda responsável por dar continuidade a ele, ou seja, tratou o processo revolucionário como um único “bloco histórico”.

A ontologia também era composta por representações dos “heróis” da Guerra de Independência de Cuba (José Martí e Antonio Maceo) e da história do PCC/PSP (Julio Antonio Mella, Ruben Martínez Villena e Jesus Menéndez), porque deles originavam os valores e os exemplos que deveriam guiar os comunistas. Como Jean-Jacques Wunenburger apontou, o relato mítico costuma “remontar a toda uma duração de filiações genealógicas até um primeiro começo e tece relações entre seres ou acontecimentos distantes e separados no espaço real”.⁵⁴⁸ Podemos notar esse aspecto destacado como Wunenburger na *Elegía a Jesús Menendez*, escrita por Nicolás Guillén no ano da morte de seu companheiro de Partido (1947) e nela observamos a filiação de Menendez a seu pai e a Maceo, vinculando assim os socialistas populares com o “herói” da independência:

Jesus disse *carro, río, ferrocarril, cigarro*,
como un francés renuente a olvidar su lengua
de niño, nunca perdida;

⁵⁴⁷ LAZAR, Marc. *Le communisme: une passion française*. Paris: Perrin, 2002, p. 63.

⁵⁴⁸ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*, p. 59.

pero es cubano y su padre habló con Maceo; su padre, que llevaba en el hombro una estrella de oro, una ardiente estrella encendida [...].⁵⁴⁹

Como apontamos no primeiro capítulo, os socialistas populares diziam que eles eram “os mambises de hoje”, uma referência aos membros do exército libertador cubano. Essa associação era uma forma de criar um elo entre a luta política daquelas duas gerações, uma genealogia entre sujeitos históricos e tinha como função fixar no passado o momento em que as principais demandas dos comunistas apareceram pela primeira vez.⁵⁵⁰ Era através do resgate das trajetórias desses eventos e personagens mitológicos que o PSP exprimia uma noção de “destino coletivo”,⁵⁵¹ que, para aquela realidade, convertia-se em terminar a obra dos mitos, ou seja, em realizar a “verdadeira” independência nacional pela qual aqueles “heróis” haviam lutado. Essas ideias aparecem no documento seguinte:

As raíces do Partido se fundem muito fundamente na história de Cuba. É o Partido que recolhe a tradição libertadora, o legado mambí, e o desenvolve nas novas condições de nossa pátria, para levá-lo até suas últimas consequências. É o Partido que resume as ânsias de liberdade, de igualdade, do progresso certo, do desenvolvimento nacional de nosso povo, representadas na longa luta cubana do século XIX contra a colonização espanhola e na ação patriótica contra a ingerência ianque já desde a alvorada da República. [...]. Os comunistas, porém, hoje como ontem, serão dignos continuadores da obra dos mambises. Hoje, como ontem, não se renderão nem retrocederão ante as perseguições. Hoje levantarão mais alto o exemplo glorioso de Julio Antonio Mella e Jesus Menéndez e lutarão sem trégua, seguros de sua vitória inevitável, e derrotarão os reacionários, os miseráveis e covardes agentes do imperialismo ianque, opressor e explorador de nossa pátria. Que ninguém duvide!⁵⁵²

Em torno dessa narrativa ontológica, os comunistas cubanos criaram o que Raoul Girardet chamou de “constelação de imagens”,⁵⁵³ uma projeção imagética com a função de servir como modelo exemplar para o “homem novo”. Dentre os atributos associados a esses heróis estavam a abnegação, a coragem, o combate aos Estados Unidos e a entrega total ao

⁵⁴⁹ GUILLEN, Nicolás. Elegía a Jesús Menéndez. 1947. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/elegia-a-jesus-menendez--0/html/ff481f60-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html. Acesso em: 16/7/2021.

⁵⁵⁰ Maurice Agulhon comentou que dentro do PCF, os intelectuais do partido, nos anos de 1950, também criaram uma narrativa de continuidade com a geração de intelectuais que os haviam precedido e recorreram à linguagem e às lutas trabalhistas do final do século XIX para se colocarem como continuadores das demandas do proletariado, que haviam sido formuladas desde aquela época. Ver: AGULHON, Maurice. Sur la “culture communiste” dans les années cinquante, p. 275. Como mostramos, algo bem parecido ocorreu dentro do PSP.

⁵⁵¹ De acordo com Raoul Girardet, em torno do mito do salvador catalisou-se emoções, esperança e adesão. Ver: GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*, p. 70. É importante lembrar que, quando tratamos de culturas políticas, os elementos subjetivos das experiências humanas, como as emoções, são fundamentais para compreender a adesão ao partido.

⁵⁵² ESCALANTE, Anibal. Notas del director: El aniversario del partido de los pobres. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 195, 16 de agosto de 1952, p. 6.

⁵⁵³ GIRARDET, Raoul, op. cit., p. 71.

movimento de independência insular. Inclusive, vários dos “heróis” elencados pelo PSP morreram em decorrência do envolvimento com as lutas políticas (Mella e Menéndez foram assassinados, Martí morreu em campo de batalha), quer dizer, sacrificaram-se em prol da luta política. Notamos que na autorrepresentação da militância comunista, o PSP, ao se associar aos mambíses, enfatizou a figura do homem. Além disso, também nas autorrepresentações imagéticas, nas charges principalmente, a figura masculina é aquela que constantemente simbolizou o Partido. Na cultura política comunista, esse artifício foi comum. Brigitte Studer destacou que nas imagens e linguagens formuladas pelos soviéticos, principalmente nos anos de 1920, predominou uma representação dos comunistas como homens proletários (representação de classe e do gênero masculino) e não como uma coletividade que abarcasse ambos os sexos como trabalhadores.⁵⁵⁴ Ou seja, novamente percebemos que os socialistas populares aderiram aos elementos imagéticos da cultura soviética. Não queremos dizer com isso que o PSP e o PCUS não elaboraram políticas específicas para as mulheres ou que elas não tenham atuado nas instâncias internas das agrupações, somente que as autorrepresentações partidárias priorizavam a figura masculina.

Essa operação de recuperar esses heróis, o passado e as heranças deixadas por alguns grupos também aconteceu em outros PC's. Adriana Petra apontou que, dentro do Partido Comunista da Argentina, houve, nas décadas de 1940 e 1950, intensos debates em torno da tradição *criolla* e *gaucha* em um momento em que o PCA passou a repensar as tradições nacionais como forma de contrapor o cosmopolitismo do “imperialismo” estadunidense.⁵⁵⁵ Notamos, então, que se colocar como continuadores de lutas anteriores foi uma estratégia que serviu para dar sentido e coesão à cultura política de vários partidos comunistas e foi, em Cuba, um instrumento para reivindicar a herança da rebeldia insular.

Outra característica dessas autorrepresentações era a alusão a uma pureza partidária, ao carácter incorruptível do partido e, conseqüentemente, de seus membros,⁵⁵⁶ porque, além de

⁵⁵⁴ STUDER, Brigitte. La femme nouvelle. In: DREYFUS, Michel. *et. al. Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 568.

⁵⁵⁵ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 193.

⁵⁵⁶ “Ninguém é mais honesto que os comunistas. Essa é uma verdade axiomática, que não se pode nem se discutir. Os fatos o respaldam. [...] Os ladrões não tem lugar entre nós, nem os oportunistas. E, se algum entra, logo que se descobre a ‘enfermidade’ tão característica do meio capitalista, tão normal nos partidos da burguesia e dos proprietários de terra. Nos importa muito, portanto, a honestidade. Até o ponto de que a desonestidade é incompatível com a militância em nosso partido. [...] Tudo isso é *cubania* pura, independentemente do fato de que também haja homens e mulheres de outras latitudes que lutem, como nós, pelo progresso e a liberdade. Para políticos de princípios, nós. Não há mais. Para políticos dedicados à causa do povo em todo sentido, nós. Não há mais. Para políticos não sectários, nós. Não há mais. Para políticos honestos, nós, acima de todos. Não há quem nos tire vantagem”. Ver: ESCALANTE, Anibal. Notas del director: una honestidad a prueba de todo. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 45, 21 de febrero de 1952, p. 6.

serem herdeiros da luta pela independência, dos genuínos valores da nacionalidade – que os comunistas chamavam de *cubanidad* –, eles eram os únicos capazes de fornecer instrumentos teóricos e táticos para a mudança social. Essa percepção reforça a crença que os socialistas populares tinham de que eles eram realmente uma classe especial, homens escolhidos para conduzir os cubanos à sociedade ideal. Como R. N. Carew Hunt assinalou, os comunistas se consideravam no direito exclusivo de interpretar a ciência marxista, “visto que só eles conhecem plenamente os mistérios da dialética reveladora da verdadeira natureza do processo histórico”.⁵⁵⁷ Essa percepção era reforçada pela construção de valores que eles deveriam possuir e sem os quais o sucesso do projeto político estaria comprometido.

2.3.4. *Gente de un temple especial: os valores do homem novo*

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta destacou que um dos elementos que caracterizam a cultura política comunista é a conformação de valores e normas morais para orientar os filiados ao partido e servir como padrão aos futuros homens novos, após a vitória do socialismo sobre o capitalismo. O homem novo, segundo o autor, seria “racional, materialista, socialista, livre da moral burguesa e dos valores cristãos”.⁵⁵⁸ O MCI, durante boa parte do século XX, empenhou-se em criar um novo modelo de homem e de mulher socialmente distintos e intelectualmente preparados para que pudessem contribuir com a construção do regime socialista. O movimento stakhanovista⁵⁵⁹ foi, talvez, a expressão mais importante dessa empreitada.

Vamos apontar agora quais os valores e ideias que os socialistas populares deveriam expressar e vivenciar em seus cotidianos públicos e privados. Um bom comunista deveria ser honesto, obediente às decisões partidárias, vigilante, ter esperança no futuro e certeza na infalibilidade da doutrina. Outros componentes importantes do “leque das virtudes” eram o “equilíbrio das emoções e o autocontrole”, elementos próprios da tradição puritana que foram recuperados pelos PC’s, como destacou Ferreira.⁵⁶⁰

⁵⁵⁷ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*. São Paulo: Dominus Editora, 1964, p. 74.

⁵⁵⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista*, p. 25.

⁵⁵⁹ O stakhanovismo é um termo derivado do nome de Alexei Stakanov, um trabalhador das minas de carvão, que extraiu, em agosto de 1935, em uma só jornada de trabalho, algumas toneladas de carvão. O nome dele ficou associado ao esforço esperado dos trabalhadores em relação ao aumento da produtividade do trabalho. Em pouco tempo, as metas de trabalho *per capita* foram se tornando uma realidade, aqueles que as atingiam eram condecorados e recebiam recompensas, inclusive financeiras, do Estado. O stakhanovismo passou a ser visto como um ideal de entrega e dedicação ao trabalho que deveria se converter em um impulso fundamental na construção da sociedade socialista.

⁵⁶⁰ O autor argumentou que vários preceitos éticos da tradição puritana inglesa dos séculos XVII e XVIII foram absorvidos pelos comunistas, em especial a “ética da constância” (autocontrole, a sobriedade e a firmeza emocional). Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 75.

Por condenar o que chamavam de “externalização de filosofias idealistas”, como a crença em divindades, os socialistas populares alegaram que o ateísmo e a negação da existência de um mundo sobrenatural eram condições intrínsecas a um bom quadro, apesar de não restringirem as fileiras partidárias somente aos ateus. Pela leitura da documentação, observamos que havia uma hierarquia entre os militantes e o ateísmo era uma das condições para alcançar os cargos mais importantes dentro do Partido e para ser considerado um militante verdadeiramente marxista. Sobre a posição do PSP em relação ao tema, temos o excerto:

[...] é claro que o Partido não impõe a nenhum de seus membros a adoção da ideologia materialista dialética e o ateísmo que ela comporta. [...] se bem a religião é assunto privado na ordem individual, não o é enquanto ao Partido se refere. O Partido sim tem uma posição ideológica nesse terreno: o marxismo-leninismo. O Partido, como tal, empreende um combate encarnizado contra todo tipo de religiões no plano filosófico e propaga os princípios do marxismo trabalhando por educar a seus membros nestes critérios. Ao mesmo tempo, se bem resulta permissível que um católico militante do Partido assista a missa, não o é que esse católico utilize sua vida de Partido para fazer propaganda do catolicismo, expor suas ideias filosófica alheias ao marxismo. Tal atitude o colocaria fora de nossas filas.⁵⁶¹

Na perspectiva dos socialistas populares, não haveria religião na sociedade comunista e os princípios filosóficos dela proviriam do marxismo-leninismo e, até 1956, do stalinismo.⁵⁶² Entretanto, mesmo defendendo o ateísmo, o PSP considerava que o marxismo e o “cristianismo verdadeiro” estavam próximos, porque ambos defendiam “a igualdade, a fraternidade real, a elevação do homem através da comunidade e a igualdade [...]”.⁵⁶³ A alegação anterior pode ser entendida como uma alusão à aceitação de cristãos dentro do Partido e também como uma resposta ao anticomunismo cristão, tão enérgico dentro da Ilha.⁵⁶⁴

Os comunistas defendiam o laicismo, faziam referências às ideias de Diderot e Voltaire acerca de um Estado sem a influência da Igreja. Defendiam uma educação de base científica e laica, “atenta aos fatos e perspectivas da ciência, sem adormecê-las [as crianças] com ideias

⁵⁶¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución sobre el trabajo intelectual adoptada por la mesa ejecutiva nacional del PSP en octubre de 1950. *Mensajes*, año I, nº 1, febrero de 1955, p. 13.

⁵⁶² “Nós sabemos que quando no mundo, com o triunfo definitivo do comunismo, desaparecerão a exploração, a crise, a miséria, a insegurança, o perigo da guerra e a ignorância; quando tenhamos conquistado o bem-estar, segurança e cultura para todos; quando não existam classes humildes e privilegiadas, as superstições e falsas crenças que hoje mantém a religião desaparecerão e essa com elas”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El título que debió poner “información”. *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, nº 24, p. 7.

⁵⁶³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tender y pensar. *Respuestas*, 18 de Julio de 1955, año 1, nº 21, p. 7.

⁵⁶⁴ Rodrigo Patto Sá Motta destacou que uma das matrizes do anticomunismo no Brasil era o catolicismo e, em nossa visão, em Cuba também. O PSP respondeu às iniciativas anticomunistas da Igreja Católica, acusando-a de reacionária, pró-imperialista, “falangista” (refere-se à falange que auxiliou Francisco Franco na vitória sobre os republicanos na Guerra civil espanhola) e, ao longo dos anos 1950, realizou campanhas contra a subvenção estatal de escolas clericais.

metafísicas que não se sustentam se não pela fé carbonária ou pela simulação desonesta”.⁵⁶⁵ Essa passagem pode ser interpretada como uma resposta às escolas católicas que haviam em Cuba, muitas das quais atacavam o MCI e o PSP. Ao responder as calúnias recebidas pelo presidente da Associação das Escolas Privadas, González Lines, o PSP apontou que as instituições privadas de ensino só existiam por causa da ineficiência dos serviços públicos insulares e defendeu a regulação do ensino para que as escolas particulares não se convertessem em um instrumento “antinacional” que oferecia uma “educação deformadora”.⁵⁶⁶

Um comunista “convicto”⁵⁶⁷ precisava, além disso, ter uma “vida aberta”⁵⁶⁸ e não esconder nenhum detalhe de sua vida privada dos demais filiados.⁵⁶⁹ Deveria pagar as cotas, participar das emulações, das reuniões, dos círculos de estudos e dos atos públicos de protesto, pintar muros e distribuir panfletos. Eram nesses momentos que a coragem e a fidelidade às ordens partidárias eram colocadas a prova. Inclusive algumas situações funcionavam como um “rito de passagem” ou um “batismo político” para os militantes. A prisão era um desses momentos, como Blas Roca assinalou na passagem que destacamos mais abaixo.

Quando Roca descreveu as primeiras ações dele dentro do PSP, ele destacou alguns atos que o tornaram um dirigente exemplar. Apontou que ele começou como um distribuidor de panfletos, ação que exigia “decisão e valor”, “serenidade e audácia” para burlar a vigilância policial. Depois, ele trabalhou como dirigente sindical e, para dar exemplo aos demais membros, era o primeiro a chegar à Federação dos Trabalhadores de Manzanillo, cidade da

⁵⁶⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Laicismo y clericalismo. *Respuestas*, 14 de enero de 1956, año 2, n° 47, p. 6.

⁵⁶⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El Partido Socialista Popular y las escuelas privadas. *Respuestas*, 17 de diciembre de 1955, año 1, n° 43, p. 5.

⁵⁶⁷ Na documentação primária o termo utilizado é “comunista provado”, ou seja, aquele militante que deu provas de suas convicções políticas.

⁵⁶⁸ “[...] cada militante tem que ter uma vida clara, limpa, fundida com o Partido, uma vida que sempre possa estar à vista de todos. [...] Deve se atentar ao fato, comprovado com vários casos, de que o inimigo recruta seus agentes entre os elementos degenerados, exploradores, contrabandistas, e, assim mesmo, ao fato de que a espionagem se aproveita de elementos maçons, espiritistas e outros para tratar de injetar suas orientações divisionistas em nosso Partido, fato que nos pode levar a posições anarquistas. Nós devemos trabalhar no seio dos religiosos, de suas congregações e de outros organismos, para conseguir que esses se pronunciem pela paz, pelo restabelecimento da constituição, porém não devemos permitir que a religião se introduza em nossas filas, as decomponha e paralise o Partido”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: La lucha contra el enemigo de clase en el interior del Partido. *Revista Fundamentos*, mayo de 1953, año XIII, n° 134, p. 465-466.

⁵⁶⁹ Em 1952, uma das justificativas para a expulsão do militante comunista Romilio Portuondo, foi que ele levava uma “vida pessoal turva, desorganizada, licenciosa, totalmente estranha a um comunista”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Expulsado Romilio Portuondo del Partido Socialista Popular. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 72, 23 de marzo de 1952, p. 5. A transparência em relação à vida privada do militante era uma condição para pertencer às fileiras partidárias. Em casos graves de desvio comportamental, o PSP interveio para corrigir a infração, como foi o caso do divórcio entre Edith García Buchaca e Carlos Rafael Rodríguez, sobre o qual dissertaremos mais à frente. Nos Estatutos do PSP, constava que os filiados deviam avisar e pedir permissão quando se ausentassem por um longo tempo de suas localidades ou fossem mudar de endereço. Isso mostra a ingerência da organização na vida privada dos militantes.

antiga província de Oriente, onde ele varria cuidadosamente o chão e recolhia os papéis que sujavam o ambiente. Foi naquela época que Roca se “irritou” com as autoridades, porque, como ele apontou:

[...] eu estava desesperado para que me detivessem. E me prenderam ao fim e não somente me detiveram, mas eu tive mais sorte que outros companheiros: não me deixaram em Manzanillo, me trouxeram para Havana, onde eu estive durante três meses. O entusiasmo que eu tinha para que me prendessem acabou. [...]. Agradei extraordinariamente por minha primeira prisão, porque ao entrar no *Castillo del Príncipe*, me encontrei não só com o companheiro César Vilar, que então dirigia o Partido em Manzanillo, mas com os principais dirigentes nacionais de nosso Partido que estavam presos e com eles comecei a aprender, comecei a me forjar como um militante [...]. Em todas as demais prisões que estive, e estando já consciente do que era o cárcere, não houve jamais nem temor, nem indecisão em minha postura, em minha ação dentro da prisão. Constantemente assista a outros companheiros mais novos, mais imaturos que se deixavam impressionar pela dureza da prisão e lhes ensinava o caminho da firmeza, da vontade inquebrantável que deve ter um comunista em todas as circunstâncias.⁵⁷⁰

O depoimento de Roca é um esforço de reconstrução de sua própria história. Esse artifício, que se materializou na publicação de biografias e autobiografias patrocinadas pelos PC's, a partir dos anos de 1930, foi uma estratégia de legitimação e de delimitação das elites dirigentes comunistas.⁵⁷¹ Trava-se de uma reafirmação da militância e da valorização de atos heroicos da história e dos membros do Partido, ação, em nossa perspectiva, fundamental para fortalecer a coesão do grupo, principalmente, em um momento de perseguição política. Sobre isso ainda, Brigitte Studer destacou que os relatos autobiográficos, como o que apresentamos anteriormente, era um modo de “fabricar” uma história, uma narrativa que tinha o objetivo de mobilizar as memórias pessoais, os sentimentos e as emoções e colocar esses elementos dentro de um contexto de grandes acontecimentos, de modo que a dimensão da experiência individual contribuísse para a formação de uma identidade coletiva.⁵⁷²

No caso descrito por Roca, observamos a valorização de pequenas atividades (varrer o chão, a pontualidade) que eram esperadas dos militantes, bem como o destaque a importantes valores defendidos pelo MCI, como a disciplina e o estudo da teoria marxista. Quando ele descreveu a vivência na prisão, notamos também a descrição dela como um “momento de aprendizagem”, como um evento importante para que o comunista pudesse ganhar experiência política. Era nisso que consistia um rito de passagem ou iniciação, ou seja, eram essas as

⁵⁷⁰ ROCA, Blas. Nuestro triunfo es seguro, nuestra victoria es inevitable. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1950, año X, n° 102, p. 886-887.

⁵⁷¹ PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. Stalinisme, culte ouvrier et culte des dirigeants. In: DREYFUS, Michel et al. *Le Siècle des communistes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 557-58.

⁵⁷² STUDER, Brigitte. Penser le sujet stalinien. In : PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard (dir.). *Le sujet communiste*. Identités militantes et laboratoires du « moi ». Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2014.

ocasiões em que o militante dava a primeira prova importante da absorção da teoria e dos valores de um bom quadro, como a valentia, a coragem e a abnegação. Outro valor que observamos é a postura otimista de Roca diante de situações adversas. Essa postura é um reflexo da crença na inevitabilidade da doutrina, na certeza da vitória do proletariado e na implantação do “paraíso na terra” e essas crenças deveriam se converter em uma postura de alegria e positividade dos militantes. O contrário dessa postura, ou seja, a demonstração de pessimismo, era considerado como um sinal de inadequação teórica e degeneração moral.

Completando a ideia anterior de Blas Roca, Aníbal Escalante declarou: “Nós somos gente de um caráter especial, de uma trama sem igual”.⁵⁷³ Os comunistas se consideravam membros de uma comunidade especial, porque tinham certeza de que futuro político de Cuba lhes pertencia. Como Jayme Fernandes Ribeiro destacou, a autopercepção dos comunistas de que eles tinham um saber especial, que era a doutrina, fornecia a eles o poder sobre os acontecimentos.⁵⁷⁴ Inclusive, esse “poder” tinha um caráter previsor, porque se as leis da história e das etapas da revolução eram certas, então os comunistas podiam “prever” o desenrolar dos acontecimentos e, conseqüentemente, aplicar as melhores táticas e estratégias.

Ainda segundo Fernandes Ribeiro, ingressar no PC era um ato revestido por uma noção de superioridade em relação àqueles que não pertenciam à organização. Corroborando com essa ideia, Jorge Ferreira apontou que fazer parte do partido era tomar consciência dos “mitos que fundaram realidades, conhecer segredos e mistérios acessíveis a poucos, decifrar os enigmas da história, saber e dominar os rumos do mundo”.⁵⁷⁵ Esse sentimento de pertencimento atraiu, inclusive, muitos intelectuais para os PC’s e eles escreveram muitas obras elucidando as ideias anteriormente apontadas.⁵⁷⁶

Para muitos comunistas, a disciplina era a qualidade mais importante de um militante.⁵⁷⁷ E a ditadura de Batista foi um momento importante para colocar em xeque esse valor. A disciplina revolucionária se materializava na execução de atividades do Partido, mas também na obediência a uma série de protocolos. No ponto 2.2.2. deste capítulo, destacamos, por exemplo, as normas de segurança que os militantes deveriam adotar na clandestinidade (não

⁵⁷³ ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: hombre de un temple especial. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 13, 15 de enero de 1952, p. 6.

⁵⁷⁴ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da paz:” a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*, p. 138.

⁵⁷⁵ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 67.

⁵⁷⁶ Em Cuba, o PSP tinha como filiado o poeta Nicolás Guillen e Juan Marinello. No Brasil, foram filiados do PCB Jorge Amado, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, dentro outros. No Chile, Pablo Neruda.

⁵⁷⁷ VELÁZQUEZ, Norberto. Sobre el estado organizativo y los problemas de organización del Partido. *Revista Fundamentos*, mayo de 1954, año XIV, n° 138, p. 168.

guardar as listas dos membros, não se exhibir sem necessidade etc.). Era através do cumprimento dessas resoluções que o aprendizado da teoria era testado. E, frequentemente, as falhas dos militantes eram associadas com uma educação marxista insuficiente.

Além da disciplina, a abnegação era outro valor imprescindível aos quadros partidários. A abnegação comunista era associada ao altruísmo, à solidariedade, ao sacrifício dos desejos pessoais em prol da causa do proletariado.⁵⁷⁸ Em resposta ao político Armando Fiallo, o qual alegou que os comunistas viviam impunemente no regime de Batista, o PSP respondeu associando a ideia de abnegação ao sacrifício, como podemos observar:

[...] a “impunidade” dos comunistas para fazer ouvir sua voz apesar de todas as repressões, não depende de nenhuma tolerância do regime que os persegue, mas da abnegação de nossos quadros (algum dia, se poderá narrar a história exemplar de companheiros que preferiram queimar seu coração antes de abandonar a dureza de trabalhos que fazem possível esta continuidade de propaganda), da capacidade organizativa do Partido e, sobretudo, do carinho e da confiança das massas.⁵⁷⁹

Os comunistas se viam também como salvadores, como os responsáveis pela tarefa de “enterrar” o capitalismo. Para cumprir esse destino pré-determinado, não bastava apenas possuir os valores, era preciso colocá-los em prática e a análise do cotidiano dos militantes nos mostra o quão arraigadas estavam algumas concepções políticas.

2.3.5. As práticas políticas para a formação dos socialistas populares

As práticas políticas dos comunistas, além de serem um reflexo dos valores, mitos e mitologias defendidos pelo Partido, deveriam ser executadas com precisão, porque delas dependia a formação do homem novo. As provas desses valores começavam no ato de filiação. Para que alguém se tornasse membro do PSP, era preciso que algum comunista com, pelo

⁵⁷⁸ Jorge Ferreira ressaltou que a ideia de sofrimento inerente à vida dos militantes e à época em que eles viveram, também estava presente no imaginário dos comunistas brasileiros. Porém, as dificuldades não poderiam ser motivo de descontentamento. Nessa cultura política, os percalços e sofrimentos deveriam ser encarados com coragem e determinação. Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 117. Na documentação do PSP, encontramos algumas passagens de valoração dos momentos difíceis vividos pelos militantes, como a narrativa da prisão feita por Blas Roca, citada anteriormente. Outro trecho que merece destaque é o seguinte: “Para que um partido se mantenha na clandestinidade, seus dirigentes devem ter certas qualidades. Não pode lhes preocupar a máquina na porta, nem o motorista uniformizado, nem o mordomo, nem a aspiração pessoal. Tem que saber comer o pão amargo da miséria, viver o dia e a noite duros da trapaça, renunciar à comodidade, ao dispêndio, ao interesse pessoal... Os que carecem dessa qualidade humana e desse espírito revolucionário são os que fogem da clandestinidade digna, os que se apressam para “soluções” de qualquer tipo [...]”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los que resisten la clandestinidad. *Respuestas*, 6 de abril de 1955, año 1, nº 7, p. 7.

⁵⁷⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Duplica a un hipócrita que especula con las dictaduras. *Respuestas*, 10 de marzo de 1956, año 2, nº 55, p. 2.

menos, um ano de militância,⁵⁸⁰ indicasse o nome do candidato à filiação. Ao ingressar, o novo membro tinha uma série de obrigações, dentre elas:

[...] preservar a unidade do Partido, lutar pela aplicação dos acordos e programa do Partido, elevar seu nível ideológico e político, aumentar seus vínculos com as massas, exercitar a crítica e a autocrítica, ser honesto e sincero com o Partido, não o enganar jamais, informar aos organismos dirigentes as insuficiências do trabalho onde elas aparecerem, respeitar os segredos do Partido e exercer a vigilância revolucionária.⁵⁸¹

Ao ingressar, o novo membro se tornava um filiado, mas não um militante. Para receber esse posto era necessário ampliar as atividades realizadas em prol do Partido.⁵⁸² Dentre as tarefas iniciais que os recém-filiados deveriam executar, estavam a pintura de muros com consignas socialistas,⁵⁸³ colocar bandeiras vermelhas nas ruas com lemas do PSP e lançar panfletos de cima de edifícios.⁵⁸⁴ Tais tarefas de iniciação colocavam o militante em contato com os símbolos (as cores e a bandeira do Partido), o vocabulário (camaradas, quadros), os jargões e as palavras de ordem.

A promoção interna dos filiados estava condicionada a uma série de avaliações feitas pela direção do PSP. Levava-se em conta a formação intelectual e o trabalho realizado dentro do Partido, as relações estabelecidas com as massas, como o envolvimento com sindicatos e outras organizações de base, e a história do/a candidato/a à promoção.⁵⁸⁵ Em certa ocasião, Blas

⁵⁸⁰ Uma das tarefas dos membros do partido era conseguir novos filiados. Essa questão aparece da seguinte maneira nos documentos: “A falsa ideia de alguns militantes de que eles não deviam fazer nada para filiar a sua mulher, filhos e outros familiares ao partido. [...] Cada militante e filiado têm entre suas várias tarefas a de ganhar novos filiados para o Partido, precisamente, entre aquelas pessoas com quem mais tem contato, mais relações. [...] Que pai pode se desentender do ambiente político que tem em casa, das orientações que recebem seus filhos, das opiniões políticas que dominam na família que está sob seu abrigo e cuidado?”. Ver: ROCA, Blas. Unión para derrotar al gobierno con un programa de paz, democracia y bienestar. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1951, año XI, n° 117, p.1021-1022. Ademais, era preferível que os comunistas escolhessem seus parceiros dentro da militância do partido, como ressaltou Jorge Ferreira. O autor também destacou que dentro do PCB havia restrições quanto ao convívio dos comunistas com pessoas que “demonstrassem comportamento moral duvidoso, fosse traidor da causa ou, particularmente, trotskista”. Nesse caso, o comunista teria que sair da própria casa para o evitar o convívio. Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 138-139.

⁵⁸¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Cuadernos de educación popular 2*. La Habana, 1954, p. 33. O ingressante deveria se vincular a um comitê socialista (de bairro ou de fábrica) próximo a sua moradia ou trabalho. Como apontamos, se o militante tivesse que mudar de endereço ou de local de trabalho ou se ausentar por um tempo prolongado de suas atividades, deveria avisar ao Partido para que a direção do comitê autorizasse o deslocamento. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 13. Esse dever do filiado é mais um exemplo de como a vida política não se separava da vida privada dos comunistas.

⁵⁸² No primeiro capítulo, destacamos que um filiado deveria aceitar o programa do PSP, atacar as ordens partidárias relacionadas à atuação sindical e em outras organizações de massas e pagar as cotas partidárias.

⁵⁸³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La consigna de la salvación nacional. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 7, 8 de enero de 1952, p. 1. Em várias edições da *Carta Semanal* há frases para serem pintadas em paredes, como “Viva o PSP, que nem se vende, nem se rende,” “Abaixo o imperialismo ianque” e “Ingresse no PSP”.

⁵⁸⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Hojas del cielo... *Carta Semanal*, n° 88, 20 de abril de 1955, p. 2.

⁵⁸⁵ “Na hora de promover os quadros deve-se deixar de lado as relações pessoais, os sentimentos de simpatia ou antipatia para atender aos fatores políticos, às necessidades e às conveniências do trabalho, às características ideológica, de organização e disciplina de cada um. Em segundo lugar, devemos julgar as pessoas pelo trabalho

Roca destacou que em uma das promoções, ao investigar a vida pregressa de um filiado, a direção do PSP descobriu que ele “havia servido em uma mesa de filiação do partido liberal e aceitado ‘presentes’ de mulheres da vida”,⁵⁸⁶ razões pelas quais o candidato não foi promovido, uma vez que tinha no histórico dele a prestação de serviços aos rivais políticos do PSP e ele havia experimentado uma prática (prostituição) condenada pelos comunistas.

As promoções aconteciam, quase sempre, durante as campanhas de emulação, que eram períodos de intensificação dos trabalhos partidários após a definição preliminar das ações a serem executadas durante um recorte de tempo definido. Muitos dessas campanhas serviram, nos anos de 1950, para colocar em dia o pagamento das cotas dos filiados ao PSP. Em maio de 1952, o Partido realizou uma emulação para arrecadar dinheiro para o jornal *Noticias de Hoy*, que passava por dificuldades financeiras. Como o problema perdurou, em 1953, aconteceu a campanha do *Festival de la Prensa*, com o mesmo objetivo da anterior.

Muitas emulações funcionavam como uma competição entre os comitês de bairro e de fábrica do Partido. O PSP divulgava em seus meios de comunicação o estado das arrecadações de cada comitê e criava um ranking indicando aqueles que haviam se saído melhor. Em abril de 1954, o Comitê Municipal de Havana⁵⁸⁷ estabeleceu prêmios honoríficos para os comitês que mais se destacavam e objetivava, com isso, “estimular a iniciativa, a atividade, a abnegação e paixão comunistas no cumprimento das tarefas e deveres correspondentes às organizações e membros do partido”, ou seja, pretendia estimular os valores mais importantes que um comunista deveria ter. E ainda alegava que:

[...] as distinções honoríficas que se criam promoverão no Partido o sã e o fraternal espírito de emulação (alheio a competição mesquinha, rancorosa e sem princípios), no qual se estimula o patriotismo comunista. [...] as distinções que se outorgarão contribuirão também para destacar ante todo o Partido a aqueles comitês e membros que, com seu trabalho dinâmico e eficiente, sua iniciativa audaz, sua capacidade, sua abnegação e sacrificio devem ser

que fazem e não pelo que dizem. [...] Em terceiro lugar, deve-se considerar os quadros em relação com as massas e em sua ligação com elas. Necessitamos homens que não só sejam populares e tenham crédito pelo que fizeram, mas que tenham fé e confiança nas massas, que as aprecie, que as escutem, que aprendam delas e que, ao mesmo tempo, as elevem, as eduquem, as dirijam com uma orientação firme, baseada em uma política de princípios. Em quarto lugar, ao promover um quadro, deve-se levar em conta a sua firmeza, sua independência de critério, seu amor ao Partido. Não é melhor o que diz a tudo que sim, o que se molda à opinião dos demais, mas o que investiga e forma opinião, o que é capaz de tomar a responsabilidade de uma discussão, o que não teme dizer o que honradamente e, como comunista, pensa acerca de cada problema, o que coloca antes que tudo a fidelidade ao partido, à ideologia marxista-leninista, ao internacionalismo proletário e ao guia do campo da paz, do anti-imperialismo e do socialismo, a União Soviética. Em quinto lugar, deve-se conhecer aos que se vão promover. Antes de promover um quadro é preciso conhecer sua biografia, saber de onde vem, o que fez antes de ingressar ao Partido, o tempo que leva em nossas filas e o trabalho que realizou”. Ver: ROCA, Blas. ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, nº 105, p. 1108-1109.

⁵⁸⁶ ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, nº 105, p. 1109.

⁵⁸⁷ Havana era o município que concentrava a maioria dos filiados ao Partido. Quase metade dos membros do PSP vivia na capital.

imitados por todos, para que o esforço coletivo produza resultados que o Partido necessita e demanda [...].⁵⁸⁸

Entre os prêmios previstos pelo CM estavam as ordens “Vanguarda socialista”,⁵⁸⁹ “Cuba livre e independente”,⁵⁹⁰ “Militante distinto” (primeira, segunda e terceira categorias)⁵⁹¹ “Jesus Menendez”,⁵⁹² “Unidade para a vitória”,⁵⁹³ e “Militante exemplar”.⁵⁹⁴ Além das atividades práticas intensificadas nas emulações, havia nelas o ideal de sacrífico pela causa, era o momento em que os militantes podiam provar que possuíam valores revolucionários, como a tomada de iniciativa e a entrega total aos trabalhos propostos pela direção partidária.

Naquela mesma década, o PSP promoveu três grandes emulações, uma seguida da outra, que foram: a “Promoção Jesus Menéndez” (janeiro a agosto de 1954), a “Promoção Blas Roca” (segundo semestre de 1954) e a “Promoção 30º Aniversário” (primeiro semestre de 1955). Todas essas campanhas pretenderam promover militantes dentro do Partido, ampliar o recrutamento, melhorar as tarefas partidárias, reorganizar os comitês socialistas e as finanças da agremiação, bem como o trabalho nos sindicatos e na juventude.⁵⁹⁵ No contexto da “Promoção do 30º Aniversário”, o PSP lançou um folheto intitulado “Recrutar e Educar”, que saiu entre 1955 e 1956.⁵⁹⁶ Em uma das edições desse documento, há o caso de alguns socialistas populares que estavam presos, mas que renovaram o carnê de filiação e pagaram a cota partidária, atitude que foi saudada pela direção socialista popular:

[...] nossa saudação aos companheiros presos, por seu bom exemplo de militância comunista, ao renovar seus carnês, em tão difíceis circunstâncias. Se trata do cumprimento de um elementar, porém muito importante dever comunista, o que a sua vez, constitui um digno exemplo e uma chamada a todos os companheiros que ainda não renovaram seu carnê, o carnê glorioso de militantes do Partido Socialista Popular, que é um orgulho manter, em qualquer circunstância.⁵⁹⁷

⁵⁸⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Establecimiento de premios honoríficos permanentes. *Vanguardia*, 1º de abril de 1954, año 1, nº 14, p. 4.

⁵⁸⁹ Concedida anualmente aos comitês que se distinguiam no trabalho partidário.

⁵⁹⁰ Concedida às organizações partidárias que se destacaram na luta anti-imperialista.

⁵⁹¹ Concedida aos membros que haviam se destacado na execução das tarefas partidárias. As categorias da ordem se distinguiam de acordo com a natureza e importância da tarefa realizada.

⁵⁹² Concedida às organizações que se destacavam na luta pela unidade sindical e pelas demandas dos trabalhadores. Lembramos que Jesus Menéndez foi um líder sindical filiado ao PSP e assassinado em 1947.

⁵⁹³ Concedida às organizações que mais se destacaram na luta pela unidade das forças oposicionistas.

⁵⁹⁴ Concedida aos militantes que demonstraram fidelidade aos princípios do partido e abnegação em relação às causas comunistas.

⁵⁹⁵ Nos documentos da década de 1950, não encontramos indícios sobre os resultados destas campanhas.

⁵⁹⁶ De acordo com os dados do Partido, 4 mil novos membros ingressaram no PSP após a realização das campanhas citadas. Ver: LUZARDO, Manuel. Los problemas de organización del Partido a la caída de la tiranía. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, nº 150, p. 82.

⁵⁹⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Carta de un comité socialista. *Boletim Reclutar y educar*. Boletín para la “Promoción Mambisa” editado por el BE del C. Nacional del Partido Socialista Popular, enero de 1956, etapa III, nº 2, p. 8.

Essas campanhas mostram um esforço do PSP por reorganizar as hierarquias intermediárias do Partido, porque muitas delas objetivavam promover os militantes mais qualificados e criavam, com isso, novas hierarquias internas. Além disso, as emulações eram uma forma de solucionar os problemas financeiros da organização, pois propunham recolher dinheiro e colocar em dia o pagamento dos carnês dos filiados. Se a documentação oficial não nos diz sobre o estado interno da agremiação, uma vez que as forças repressivas se interessavam por informações dessa natureza, as emulações podem nos mostrar as dificuldades em manter a estrutura partidária funcionando e a permanência da militância dentro do Partido, bem como a indisposição de muitos socialistas populares em se envolverem nas atividades práticas da organização.

As emulações indicam, além disso, a manutenção de práticas políticas comuns dentro dos PC's e que se perpetuaram mesmo em um contexto de desorganização partidária e de intensa perseguição política. Notamos que a emulação funcionava também como um ritual político, isto é, como “um comportamento simbólico, socialmente padronizado e repetitivo”,⁵⁹⁸ que dava coesão ao Partido e sentido às ações de seus membros. Se a ditadura impunha restrições e uma vida clandestina aos socialistas populares, manter os rituais era uma forma de atualizar a unidade partidária, era uma maneira de retomar um ato que havia dado sentido à existência do Partido em outras ocasiões e revitalizar os valores e a simbologia partidária.

Outra atividade importantíssima dentro do PSP era o estudo da doutrina que orientava a ação política. Os comunistas consideravam a leitura e o estudo como atividades fundamentais dos militantes e imprescindíveis para a formação teórica dos socialistas populares,⁵⁹⁹ bem como para a vigilância revolucionária e para a crítica e autocrítica. Como Adriana Petra destacou, o MCI acreditava que o combate à ignorância era uma estratégia para a libertação das massas, o que passava pelo “domínio da imprensa e do uso da letra”.⁶⁰⁰ Sobre a importância atribuída à leitura, Blas Roca destacou:

Alguns companheiros dizem que não têm tempo para ler. Isso é uma mentira convencional. Ler é uma tarefa do Partido, como as reuniões, como vender papeletas, como qualquer das outras tarefas. O que ocorre, comumente, é que

⁵⁹⁸ KERTZER, David. Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, julho de 2001, p. 17.

⁵⁹⁹ “Deve-se estudar para ser um bom comunista e quando se é um bom comunista, um comunista preparado e consciente, então se fazem melhor todas e cada uma das tarefas do partido”. Ver: ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, n° 105, p. 1113. Sheila Fitzpatrick destacou que era uma obrigação dos membros do PCUS elevar seu próprio nível cultural, sendo essa uma condição para o progresso dentro do partido e da sociedade soviética. Ver: FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo*, p. 36. Ressaltamos que dentro dos PC's, o aprendizado da doutrina era quase uma condição para a ascensão dentro dos partidos.

⁶⁰⁰ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 91.

há companheiros e companheiras que perdem tempo com vinte coisas depois não têm tempo para ler.⁶⁰¹

Na mesma passagem, o secretário-geral descreveu uma situação em que dois militantes se encontravam esperando na sede do comitê provincial de Havana e conversavam, na ocasião, sobre futebol. Roca repreendeu aquela prosa alegando que se os militantes gastassem seu tempo conversando sobre aquele tipo de assunto, de fato, não teriam tempo para ler e completou:

Estou muito longe de predicar o ascetismo, não ir ao cinema, não ver o jogo, não falar do jogo algumas vezes. Se defendemos isso, o Partido se converteria em uma seita insignificante. O que defendo é que essas coisas não devem tirar o tempo necessário para ler, estudar, desenvolver nossa luta. Acredito que se alguém quer fazer o tempo, o faz.⁶⁰²

Ao mesmo tempo em que Roca defendeu a rigidez com que os militantes deveriam considerar as tarefas práticas do Partido, também destacou a flexibilidade com outras atividades corriqueiras executadas pelos filiados. Essa ação indica, inclusive, certa crítica àqueles que viam os comunistas como ascetas, algo próximo de verdadeiros eremitas e franciscanos, perspectiva errônea tão presente nos debates políticos ainda hoje, principalmente nos discursos inflamados das direitas.

A direção partidária frequentemente definia quais as obras eram mais importantes para a formação dos militantes e entre elas estavam os livros *História do Partido Bolchevique* (1938) e *Fundamentos do Leninismo* (1924), de Josef Stálin, *O extremismo, doença infantil do comunismo* (1920), de Lenin, e *Os fundamentos do socialismo em Cuba* (1943), de Blas Roca.⁶⁰³ Sobre a recorrência aos clássicos, Roca alegou: “Qualquer que seja o problema que tenho que enfrentar, peço conselhos aos mestres da teoria marxista”.⁶⁰⁴ Esses livros funcionavam como uma hierofania, como textos que possuíam um conteúdo previsor. Eles deveriam ser parte imprescindível da formação teórica do homem novo socialista e da orientação do comportamento e das práticas dos militantes.⁶⁰⁵ Como Adriana Petra destacou, o

⁶⁰¹ ROCA, Blas. La lectura y el estudio individual. *Revista Fundamentos*, enero de 1951, año X, n° 106, p. 32.

⁶⁰² Ibidem.

⁶⁰³ Textos importantes da literatura marxista-leninista e stalinista foram publicados na revista *Fundamentos*. A Editora *Páginas* publicou biografias das figuras heroicas do PSP, como Mella, Martí e Lenin, além de folhetos e artigos de militantes e intelectuais do MCI, como Dolores Ibárruri, Luis Carlos Prestes, Jacques Duclós, dentre outros. Nos anos 1940, o PSP também manteve uma livraria em Havana.

⁶⁰⁴ ROCA, Blas. La lectura y el estudio individual. *Revista Fundamentos*, enero de 1951, año X, n° 106, p. 29.

⁶⁰⁵ “Cada militante do Partido deve receber a bagagem imprescindível de conhecimentos teóricos e políticos que permita se converter em um verdadeiro organizador das massas podendo assim, em meio da furiosa campanha de falsidades e calúnias, da perseguição e repressões contra as forças democráticas e, em primeiro lugar, contra o PSP inculcar nos comunistas a firmeza, a inteireza, a valentia e a disposição a sofrer privações e sacrificios em nome do interesse de Cuba. [...] Os clássicos do marxismo nos falam que sem teoria revolucionária não pode haver tampouco movimento revolucionário”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: Informe sobre el trabajo educativo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1953, año XIII, n° 131, p. 107.

livro comunista acentuou a dimensão pedagógica da leitura estimulada pelo PC, era através dele que os militantes promoveram uma articulação ideológica mais ampla.⁶⁰⁶

Para impulsionar a formação teórica, em 1953, o PSP reabriu a Escola Nacional de Quadros, que deveria começar a funcionar em março daquele ano.⁶⁰⁷ No começo de 1954, a *Carta Semanal* reportou que vários comitês socialistas estavam debatendo o texto “Como ser um bom comunista”, de autoria do comunista chinês Lin Shao-Chi e que havia sido publicado na revista *Fundamentos*. O Partido criou, em 1956, uma biblioteca móvel clandestina, em Havana, para estimular prática de leitura. Esse ano foi escolhido como o “Ano dos estudos marxistas” e o Partido definiu que, naquela conjuntura, todos os membros deveriam ser incorporados a um círculo de estudos, estudariam um manual elaborado pela direção do PSP e alegou que esse esforço visava:

A elevação do nível ideológico de nosso Partido está, pois, vinculada à toda a atividade prática, a todas as grandes tarefas que nos esperam. Só um partido composto por militantes conscientes, com a justa perspectiva histórica que oferece o marxismo-leninismo, dirigido por quadros melhorados pela teoria revolucionária, será capaz de cumprir com honra a grande tarefa de assegurar a vitória da consigna popular de eleições gerais democráticas e imediatas e, em geral, de organizar a união popular para conquistar a solução democrática da crise. Só um partido com um alto nível ideológico poderá encabeçar a classe obreira e conduzi-la à construção da aliança operário-camponesa e da mais ampla união anti-imperialista que deverá ser a Frente Democrática Nacional, o instrumento de libertação nacional, da revolução agrária e anti-imperialista.⁶⁰⁸

Podemos entender esse esforço do Partido como uma tentativa de criar as condições para a revolução. Na concepção do MCI, a conscientização política e o conhecimento da doutrina e das leis da história eram condições para a tomada de poder pelo proletariado. Em nossa perspectiva, a insistência dos socialistas populares na educação de seus militantes era uma forma de acelerar o processo de tomada de consciência e, com isso, criar as condições subjetivas para a primeira fase da revolução. O PSP, inclusive, tinha métodos de ensino e

⁶⁰⁶ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 91-92.

⁶⁰⁷ Não encontramos muitas informações sobre a Escola Nacional de Quadros (ENQ) em boa parte da documentação dos anos de 1950. Em uma fonte aparece que, desde 1947, o Comitê Provincial de Havana mantinha aberta uma escola noturna para seus filiados. Em fevereiro de 1959, Manuel Luzardo destacou que a Escola Nacional de Quadros funcionou de forma ininterrupta desde 1954. Ver: LUZARDO, Manuel. Los problemas de organización del Partido a la caída de la tiranía. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 89. E, segundo Lionel Soto, a ENQ do PSP funcionou até 1959 e ofereceu cursos com três ou quatro meses de duração para grupos de 15 a 20 pessoas, formando cerca de 200 militantes durante o período da ditadura. Ainda segundo Soto, a escola funcionava como um internato e os alunos não podiam “chegar, sequer, à janela” da casa onde o curso era oferecido, para não serem descobertos pelas forças policiais. Ver: SOTO, Lionel. Las Escuelas de Instrucción Revolucionaria y la formación de cuadros. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1961, año I, n° 3, p. 29-30.

⁶⁰⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¡A elevar el nivel ideológico del Partido! ¡A forjar más cuadros dotados de una perspectiva teórica que mejore su actividad práctica! *Carta Semanal*, n° 132, 22 de febrero de 1956, p. 4.

aprendizagem. A direção partidária estimulava as conversas nas quais um membro da direção deveria responder às questões dos militantes. Os círculos de estudos também eram adotados pelo Partido e neles os militantes debatiam folhetos, livros e resoluções. Mas o principal método era o estudo individual dos clássicos do marxismo e dos materiais do Partido.

As práticas dos comunistas não eram somente o cumprimento de tarefas. Havia também os festejos e as comemorações. As datas mais celebradas eram a do surgimento do PCC, de legalidade dele,⁶⁰⁹ da Revolução Russa,⁶¹⁰ dos aniversários de nascimento e morte dos mitos do PSP e o Primeiro de Maio. No mês de janeiro, por exemplo, era comum a realização de atos de celebração das mortes de Mella, Villena, Lenin e Mendéndez. No ano de 1953, os comunistas fizeram uma “peregrinação” – palavra usada pelos socialistas populares – ao túmulo de Menéndez e uma paralisação em uma fábrica para lembrar o líder comunista. Também se reuniram na sede do PSP do bairro *Luyanó* para homenagear Lenin. Em outra ocasião, os socialistas populares formaram um comitê para organizar homenagens aos representantes do Partido que não juraram aos estatutos de Batista em 1952 – sobre o qual falamos no início deste capítulo –, porém não receberam a permissão da prefeitura de Havana para a realização do ato programado.⁶¹¹ As datas festivas eram momentos de intensificação do trabalho dos filiados. Em 1957, na ocasião do 32º aniversário de fundação do Partido, apareceu na *Carta Semanal*:

[...] se editaram 75200 unidades de propaganda, pintaram 220 lemas, colaram 77 tiras de papel engomado com lemas e consignas, colaram em lugares destacados 310 bandeiras do PSP e 15 telas, ocorreram 25 encontros relâmpagos em esquinas, ruas e *solares*, assim como inúmeras conversas de caráter informativo sobre a história do Partido. No dia 16 de agosto, data do aniversário, se efetuaram em distintos bairros, almoços e festas de confraternização entre militantes, simpatizantes e amigos do Partido. Em todos esses atos ocorreu a leitura de materiais ilustrativos sobre o que é o PSP.⁶¹²

⁶⁰⁹ “Hoje, as perseguições antidemocráticas do governo de fato contra nosso Partido nos impedem de celebrar essas datas como em anteriores ocasiões. Porém, não é por isso que nossos militantes e filiados, nossos simpatizantes, as massas trabalhadoras da cidade e do campo deixarão de recordar como se fundou seu grande Partido, o Partido dos mambises de hoje, nem deixarão de prestar todo seu apoio e concurso para levar adiante a grande tarefa de salvar Cuba [...]”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Aniversario del Partido. *Carta Semanal*, nº 4, 3 de septiembre de 1953, p. 2.

⁶¹⁰ “O 7 de Novembro [tomada do poder na Rússia pelos bolcheviques] marcou o princípio do fim do capitalismo, o início de uma nova era na história humana, a era do triunfo do homem sobre a exploração; a era do fim da desocupação e da miséria; a era dos homens livres da fome; a era do novo florescimento; a era do socialismo e do comunismo”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: El 7 de noviembre. *Carta Semanal*, nº 13, 9 de noviembre de 1953, p. 1.

⁶¹¹ Lembramos ao leitor que esses ritos não foram exclusivos da década de 1950. No capítulo anterior, escrevemos que, em 1933, o PCC trouxe do México as cinzas de Julio Antonio Mella e organizou um cortejo para enterrá-las. Esse ato é um indicativo de uma prática política – homenagens fúnebres aos “heróis” – comum desde os anos 1930 na cultura política dos comunistas em Cuba.

⁶¹² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Vida del Partido. *Carta Semanal*, nº 213, 11 de septiembre de 1957, p. 4. Ao estudar o caso das festas promovidas pelo Partido Comunista Português, José Neves constatou: “A festa é, assim, como que uma antecipação de uma idade pós-conflitual, a idade do final da guerra entre os povos e do final da luta entre as classes”. Ver: NEVES, José. A militância comunista enquanto prática utópica – da resistência

Nessas datas, os comunistas organizavam atos comemorativos em praças, ruas e avenidas movimentadas das principais cidades da Ilha, em estações de ônibus, nos cemitérios e nas sedes do PSP.⁶¹³ Os principais atos desses rituais eram a oferenda de coroa de flores,⁶¹⁴ a leitura de textos importantes para os comunistas, como o discurso de Stálin sobre Lenin intitulado “A águia das montanhas”, a realização de discursos de membros do Partido e de pessoas que conviveram com os homenageados mortos,⁶¹⁵ a distribuição de panfletos comemorativos e os desfiles noturnos com tochas⁶¹⁶ em locais onde havia bustos para os homenageados. Era também durante as comemorações que os socialistas populares comumente realizavam a entrega das ordens condecorativas e dos prêmios das emulações.

As comemorações tinham uma enorme importância para o Partido, pois, como apontou David Priestland, eram um momento de convívio comunitário e de entretenimento, de criação de laços da comunidade e de encontro da direção partidária, dos operários e intelectuais.⁶¹⁷ Também Jorge Ferreira destacou que as sociabilidades partidárias serviram para reforçar a solidariedade grupal e a identidade social.⁶¹⁸ Vistas como ritos partidários, elas foram momentos de “intensificação da emoção, de química da multidão, tudo isso dá ao ritual uma força incomum na criação e renovação dos laços de solidariedade”.⁶¹⁹

Além disso, os documentos primários do PSP que relataram essas comemorações, especialmente o aniversário de fundação do Partido, fizeram referência à ideia de retorno a um momento fundacional, ou seja, elas funcionavam como um ritual de volta às origens. Desse modo, notamos que os ritos de celebração, homenagem e “peregrinação” tinham a função de rememorar as glórias e os heróis do passado, visavam, por isso, recriar e fortalecer a identidade

antifascista à sociedade pós-disciplinar. *Ler história*, n° 69, 2016, p. 61. Nesse sentido, a festa, além de celebrar, muitas vezes, um acontecimento importante do passado, também funcionava como uma projeção das sensações (alegria, abundância, fraternidade), que comporiam a sociedade socialista. Sendo assim, acreditamos que as festas e comemorações do PSP também serviram como um reforço de reafirmação do arquétipo das sociabilidades harmoniosas que comporiam a utopia da sociedade ideal.

⁶¹³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Conmemoración del 10 de Enero. *Carta Semanal*, n° 23, 18 de enero de 1954, p. 2.

⁶¹⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los actos del 28 de enero. *Carta Semanal*, n° 26, 5 de febrero de 1954, p. 2.

⁶¹⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Conmemoraciones. *Carta Semanal*, n° 25, 1° de febrero de 1954, p. 2.

⁶¹⁶ Claude Rivière apontou que o uso do fogo, por exemplo em cerimônias com tochas, remete à festa e alegria, ao começo de uma nova vida, a uma fase de agregação sucedida pela saída de uma época de trevas. Ver: RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*, p. 230-231. O relato das passeatas com tochas promovidas pelo PSP é mais um indicativo da importância das cerimônias para o Partido.

⁶¹⁷ PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*, p. 399.

⁶¹⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 42.

⁶¹⁹ KERTZER, David. Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano, p. 20.

do grupo através da exaltação de acontecimentos importantes da história do Partido ou do MCI.⁶²⁰

Como salientou Claude Rivière, essas “cerimônias” garantiam a estabilidade social por causa do doutrinamento que ocorria no dia comemoração. Funcionam também como uma luta “contra o próprio desgaste do tempo”,⁶²¹ o que era fundamental para manter a agremiação unida em um momento de intensas perseguições e ações da ditadura de Batista para acabar com aquela agrupação. Era comum ocorrer, além disso, os “rituais de saudações” entre os comitês provinciais e municipais e entre os PC’s. Esses rituais se caracterizavam pelo envio de saudações e parabenizações em ocasiões específicas, como o aniversário dos PC’s, condolências pelo falecimento de líderes e apoio às resoluções ou expulsões. Essa atitude mostra o caráter cerimonial e ritualístico de integração dos partidos comunistas, indica práticas comuns a todos eles e, conseqüentemente, aponta para uma unidade daquela cultura política. Daniel Kertzer salientou que o ritual partidário tem a função de “diferenciar o “grupo-de-dentro” do “grupo-de-fora”, distinguindo os associados aos partidos dos outros, ao tornar pública a ligação entre o membro ou simpatizante e os símbolos [ou práticas] do partido”.⁶²² Acreditamos que a troca pública de saudações tinha essa função de reforçar a identidade da comunidade formada por homens e mulheres que possuíam uma ideologia comum.

Outra prática política importantíssima dentro dos PC’s era o exercício da crítica e da autocrítica. Nos “Estatutos do PSP”, de 1955, consta que fazer a crítica e autocrítica era uma obrigação dos membros do Partido, porque esse exercício era um método para expor os erros dos filiados, detectar os trabalhos insatisfatórios executados pela militância, identificar os oportunistas infiltrados e servir como uma “arma” para a formação ideológica das massas.⁶²³

Carew Hunt salientou que a crítica e a autocrítica não se tratavam de uma mesma prática. A crítica se referia à exposição dos erros e à insuficiência no trabalho dos membros dos PC’s, à denúncia ou queixa contra alguma empresa e qualquer membro do partido poderia fazê-la. Já a autocrítica era a retificação das falhas por parte dos filiados que foram criticados.⁶²⁴ Na documentação primária, encontramos várias críticas públicas aos membros do PSP, entretanto

⁶²⁰ A peregrinação aos túmulos era uma prática que aparece em outros contextos do mundo comunista. A mais famosa é a que se fazia ao mausoléu de Lenin em Moscou, local que fazia parte do percurso obrigatório dos militantes que visitam a “pátria do socialismo”.

⁶²¹ RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*, p. 169 e 184.

⁶²² KERTZER, David. *Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano*, p. 18.

⁶²³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 18.

⁶²⁴ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 43-44.

as autocríticas foram mais raras.⁶²⁵ Uma delas nos chamou a atenção, a qual usaremos para exemplificar como funcionava tal prática.

Em dezembro de 1952, na revista *Fundamentos*, Juan Marinello criticou o “desviacionismo”⁶²⁶ de Nicolas Castellanos. De acordo com a direção partidária, Castellanos havia publicado dois artigos no jornal *La última hora*, nos quais demonstrou uma visão pessimista e idealista ao citar trechos atribuídos a José Enrique Varona⁶²⁷ “sobre a incapacidade de luta do cubano”.⁶²⁸ A contenda que surgiu no seio partidário foi respondida por Castellanos, que enviou uma carta à direção da revista do PSP reconhecendo os erros que haviam sido apontados por Marinello e nela ele apresentou as razões de seus desvios intelectuais e fez sua autocrítica:

Certo descenso de minha militância nos últimos anos. Do quadro profissional do Partido, passei a realizar minhas atividades particulares, passei à “produção”. Dada a natureza de meu trabalho particular as consequências imediatas foram: menos reuniões nossas, menos contato com as massas, mais reuniões e contato com elementos pequeno-burgueses dos círculos intelectuais. Debilidade de meus estudos marxistas.⁶²⁹

Acima, encontramos um exemplo de autocrítica de um comunista, o que, na verdade, não era desonroso, mas sim uma prova de que o militante havia compreendido a origem de sua falha, seguido o protocolo para corrigi-la e reintegrar-se à vida partidária. Lembramos que Castellanos era um membro que pertencia à elite partidária e ao fazer uma autocrítica, a qual foi estrategicamente publicada na imprensa, ele serviu de exemplo para os demais membros do Partido. Como Carew Hunt destacou, a autocrítica tinha um valor psicológico, porque ela demonstrava obediência às decisões da direção partidária, responsável quase sempre pela crítica, mostrando que todo membro deveria se sujeitar à “vontade coletiva”,⁶³⁰ independentemente da posição ocupada dentro da organização.

Observamos também que Castellanos alegou o decaimento de sua vigilância para com os princípios marxistas, razão que motivou seus erros. A vigilância era uma prática e um valor

⁶²⁵ Não tivemos acesso a fontes primárias, como as atas das reuniões do PSP, que poderiam trazer mais exemplos da crítica e da autocrítica. Acreditamos que a ocorrência dessa prática foi mais intensa do que os relatos que coletamos no material com o qual trabalhamos, porque trava-se de um exercício bem comum dentro dos PC's.

⁶²⁶ O “desviacionismo” era considerado qualquer afastamento da ideologia, da linha oficial e das orientações do partido e era a direção que definia se ele havia ou não ocorrido. Ver: HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 76.

⁶²⁷ Varona foi um escritor, político, militar e pedagogo cubano que participou da Primeira Guerra de Independência (1868-1978). Após o conflito, ele atuou no *Partido Revolucionario Cubano*, ao lado de Martí, como jornalista e propagandista. Após a independência de Cuba (1898), ele foi professor na Universidade de Havana.

⁶²⁸ MARINELLO, Juan. Informe a la Reunión de los Intelectuales. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, nº 127, p. 1108.

⁶²⁹ CASTELLANOS, Jorge. Carta de Jorge Castellanos. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, nº 127, p. 1122.

⁶³⁰ HUNT, R. N. Carew, op. cit., p. 47.

político importante para os PC's e era considerada um mecanismo para identificar e corrigir os erros dos membros do Partido.⁶³¹ A alegação de Jorge Castellanos nos mostra que a decomposição ideológica dele foi associada à desatenção quanto à “contaminação” pelos valores burgueses. Por isso, a vigilância revolucionária era entendida como uma maneira de preservar os princípios partidários frente ao “cerco capitalista”.⁶³² Essa ideia de “cerco”, segundo Carew Hunt, originou-se com os bolcheviques, ainda em 1917, quando eles alegaram que estavam cercados por inimigos que tentavam acabar com a revolução. O MCI incorporou a ideia de que forças hostis estariam sempre prontas para desviar e atacar os PC's,⁶³³ e elencou diversos inimigos ao longo de todo o século XX (capitalismo, burguesia, os imperialistas, trotskistas, titoístas).

Assim como outros valores comunistas, o exercício da vigilância nem sempre foi compreendido pelos membros do PSP, muitos dos quais viam desvios de comportamento onde não havia. No excerto abaixo, Blas Roca comenta a confusão teórica de alguns socialistas populares:

Pelo que eu ouvi aqui, os companheiros entendem por vigilância revolucionária algo assim como vigiar os companheiros quando tomam um copo de cerveja ou cometem um “pecado moral”. Isso é correto? É isso que se pode chamar de vigilância revolucionária? É evidente que não. Esse modo de considerar a vigilância revolucionária poderia nos levar ao caso absurdo de considerar a um asceta um modelo de revolucionário, por muitos que fossem seus pecados oportunistas, seu serviço aos inimigos. A vigilância revolucionária é, antes de tudo, a vigilância política, ideológica, da firmeza comunista, da fidelidade ao Partido e à classe trabalhadora, ao internacionalismo proletário e a luta das massas. O demais tem importância como sintoma e manifestação da quebra política como veículo e meio da corrupção política [...].⁶³⁴

Pela descrição anterior, percebemos que vigilância abria margens para as interpretações dos membros do Partido, alguns até consideravam que beber uma cerveja era um desvio da disciplina partidária. Essa percepção dos comunistas como ascetas, frugais, algo quase comparável à vida monástica, foi uma interpretação equivocada dos próprios membros do

⁶³¹ O princípio da vigilância era aplicado também na seleção dos militantes, quando o Partido fazia uma investigação da vida pregressa do candidato, a fim de garantir a pureza de suas fileiras e bloquear a entrada dos inimigos.

⁶³² Nos Estatutos do PSP, aparece que uma das funções dos membros do Partido era “dar constantes mostras de vigilância política para impedir as tentativas de penetração do imperialismo e da reação nas filas do partido, assim como de qualquer provocação ou delação, tendo presente que tal vigilância é imprescindível em todo lugar e em qualquer situação”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 19.

⁶³³ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 22-23.

⁶³⁴ ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, nº 105, p. 1106.

Partido, foi manipulada pelos anticomunistas para desmerecer a militância e ainda hoje é utilizada como argumento político, seja de forma maniqueísta ou ingênua.

Outra prática política importantíssima dos comunistas nos anos 1950 foi o envolvimento no “Movimento pela paz”, uma proposta política lançada pela União Soviética, que consistia em uma série de programas e ações com o objetivo de condenar os conflitos armados e a produção das armas atômicas, e de defender um cenário de coexistência pacífica entre as grandes potências mundiais. Em 1949, foi formado o Conselho Mundial dos Partidários da Paz para organizar as atividades relacionadas à manutenção da coexistência pacífica.

Sobre essa questão, François Furet destacou que “campanha pela paz” foi motivada, em grande medida, pela inferioridade militar da URSS, que, no começo da Guerra Fria, ainda não tinha a bomba atômica.⁶³⁵ Jorge Ferreira apontou que a nova linha foi uma forma de “subordinar o movimento comunista aos interesses da URSS e de sua política exterior” estimulando os PC’s no combate às “guerras imperialistas”, como era visto o caso coreano, a título de exemplo, e na manutenção de táticas e ações políticas não-violentas.⁶³⁶ As movimentações para defender o chamado soviético foram enormes. A União Soviética criou, em 1949, o “Prêmio Stálin da Paz”, depois renomeado como “Prêmio Internacional Lênin para o Fortalecimento da Paz entre os Povos” (em 1956), para homenagear indivíduos com reconhecida luta pela causa da paz.⁶³⁷ Na Europa, o Cominform criou um jornal semanal intitulado “Por uma paz duradoura, por uma democracia popular”,⁶³⁸ onde aparecem as principais ideias do movimento pela paz.

Em março de 1950 ocorreu, na cidade de Estocolmo, por iniciativa do bloco socialista, um encontro que estabeleceu um programa de recolhimento de assinaturas em abaixo-assinados para pedir a proibição das armas atômicas e um pacto de coexistência pacífica entre as “cinco grandes potências” (União Soviética, Estados Unidos, China, Inglaterra e França). Essas resoluções, conhecidas como “Apelo de Estocolmo”, logo chegaram a Cuba e o Partido Socialista Popular se organizou para formar comitês pela paz e levar a cabo as atividades propostas no evento. Apesar da defesa do caráter apartidário da campanha e do que fato de que muitos dos que participaram dela não serem comunistas, a campanha, efetivamente, foi dirigida pelos PC’s. Inclusive, o PSP fez uma emulação entre suas organizações com o objetivo de acelerar o preenchimento dos abaixo-assinados.

⁶³⁵ FURET, François. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 494.

⁶³⁶ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 237.

⁶³⁷ O/a laureado/a ganhava uma medalha. O prêmio existiu entre os anos de 1949 e 1991, sendo que nas décadas de 1950 e 1960, o número dos ganhadores foi maior que nos decênios seguintes. Três cubanos foram agraciados com a honraria: Nicolás Guillen (1954), Fidel Castro (1961) e Vilma Espin (1987-88).

⁶³⁸ Publicado em Bucareste entre os anos de 1950 e 1956.

O presidente do PSP, Juan Marinello, informou, em novembro de 1950, que o Partido já havia conseguido 700 mil assinaturas, mas ainda precisava de 300 mil para atingir a meta de um milhão, que foi o compromisso dos socialistas populares com o Movimento pela Paz.⁶³⁹ A campanha pelas assinaturas terminou no final de 1951 e o PSP conseguiu enviar 970 mil assinaturas. Apesar de não ter alcançado a meta proposta, esse número nos mostra o enorme empenho dispendido dentro da Ilha pelos comunistas.⁶⁴⁰

Ao longo da década de 1950, outras ações em defesa daquela pauta foram realizadas. O PSP se envolveu profundamente com a proposta de impedir o envio de cubanos para lutar na Guerra da Coreia.⁶⁴¹ Criou novos comitês para orientar a população sobre a questão, distribuiu panfletos propagandísticos em fábricas, lugares de concentração de público e casas particulares para alertar sobre a agressão que a Coreia do Norte vinha sofrendo, pois, na perspectiva dos comunistas, aquela guerra era mais um exemplo da política predatória do “imperialismo” estadunidense. Os comunistas pintaram muros e colaram cartazes em vias públicas para chamar a atenção. Efetuaram ainda conversas e encontros com transeuntes para conscientizá-los a respeito da ameaça do conflito. Os números das ações partidárias em prol do Movimento pela paz são impressionantes. Segundo Edith García Buchaca, naquela ocasião, o CM do PSP da cidade de Havana imprimiu mais de 1 milhão de unidades de propaganda contra a Guerra da Coreia, efetuou 217 conversas e mais de 500 encontros “relâmpagos” para esclarecer a conjuntura e pintou 1.042 lemas em muros. A Juventude Socialista distribuiu 28 mil unidades de um manifesto pela paz, pintou 554 paredes e cartazes. O Partido havia incentivado também a criação de comitês de noivas e irmãs com o objetivo de mobilizar a iniciativa e a luta das mulheres contra o envio de cubanos para lutar na Coreia.⁶⁴²

Em 1954, o PSP enviou notificações à ONU pedindo a proibição das armas atômicas, de hidrogênio e bacteriológicas, o fim dos testes com essas armas e realizou diversas entrevistas

⁶³⁹ MARINELLO, Juan. Las nuevas tareas del Movimiento por la Paz. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1950, año X, n° 104, p. 1032-1033.

⁶⁴⁰ No Brasil, o PCB se propôs a entregar quatro milhões de assinaturas e obteve, até a data limite da entrega das listas, 2,5 milhões. Por causa do resultado, o prazo para o recolhimento das assinaturas foi prorrogado e, em 45 dias, a meta foi atingida. O historiador Jayme Ribeiro qualificou como “surpreendente” a rapidez com que o PCB atingiu o número proposto, mas não questionou a veracidade das informações obtidas nas fontes primárias. Ver: RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da paz:” a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas* (1950), p. 163. Na França, o PCF, de acordo com Lazar, reuniu 14 milhões de assinaturas, segundo alguns dados, e 9,5 milhões de acordo com outras fontes. Ver: LAZAR, Marc. *Le communisme: une passion Française*, p. 182.

⁶⁴¹ Cuba e os Estados Unidos possuíam um acordo militar de cooperação que poderia ser usado como justificativa para o recrutamento de cubanos, que deveriam lutar ao lado dos estadunidenses na Coreia.

⁶⁴² GARCÍA BUCHACA, Edith. La lucha contra el envío de tropas cubanas a Corea e la Paz. *Revista Fundamentos*, abril de 1951, año XI, n° 109, p. 333-339, passim.

em rádios para tratar sobre o tema da paz.⁶⁴³ A “campanha pela paz” reforçou, na América Latina, o sentimento contrário aos Estados Unidos, considerado como o impulsionador dos conflitos bélicos. A intensificação das denúncias dos PC’s contra aquele país foi uma solicitação do Cominform.⁶⁴⁴

Ainda naquele ano, o Partido editou a *Revista de la Paz*, para tratar da mobilização contra a ameaça de guerra. Já no documento “Resolução sobre o trabalho pela paz”, de 1955, o PSP estabeleceu medidas para impulsionar a luta pela paz e dentre elas estava a manutenção dos organismos da paz, a intensificação da criação de novos comitês, a cooperação e o desenvolvimento de toda a iniciativa que possibilitasse às massas a expressão de suas ideias e seus sentimentos a favor da paz. Para os socialistas populares, as ações deles em defesa da coexistência pacífica refletiam as resoluções sempre acertadas dos soviéticos e tinham fundamentos teóricos e ideológicos enraizados na ideologia marxista-leninista, como se nota na passagem:

O marxismo-leninismo condena as guerras [...]. A oposição do marxismo não pode ser confundida com o pacifismo. O pacifista é oposto por princípio a toda guerra, o marxista-leninista encontra justificadas as guerras de libertação social, as guerras anti-imperialistas e revolucionárias. [...] Os marxista-leninistas combatem e condenam a guerra, porém a diferença dos pacifistas e anarquistas, não condenam as guerras em geral nem, por conseguinte, tem a mesma atitude frente a todas as guerras ou a todas as partes envolvidas em uma guerra determinada. O marxismo-leninismo exige que cada uma seja estudada em si mesma tomando em consideração as relações de classe sobre as quais se desenvolve a guerra, o caráter e os objetivos das partes envolvidas nela etc.⁶⁴⁵

Essa interpretação do marxismo-leninismo foi reiterada em 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Como sinalizamos anteriormente, o MCI reafirmou sua opção pela coexistência pacífica e pelo apoio aos governos democratas e progressistas após aquele congresso. Para os comunistas cubanos, essas orientações serviram como norma para agir no contexto insular, o que se nota no trecho abaixo:

Em particular, nós consideramos acertadas as ideias expostas naquele congresso [XX Congresso] – e discutidas já antes na imprensa soviética e em órgãos do movimento comunista mundial, a respeito de dois problemas essenciais: 1. A possibilidade de chegar ao socialismo por diversas vias e

⁶⁴³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La lucha por la Paz. *Carta Semanal*, nº 37, 1º de mayo de 1954, p. 7.

⁶⁴⁴ Sobre essa ideia, a autora completou: “As redes e estruturas organizadas em torno do movimento pacifista desempenharam um papel central no estabelecimento de uma sentimentalidade anti-imperialista ampliada e um novo horizonte utópico para o comunismo intelectual”. Ver: PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 212 e p. 217. A unidade latino-americana se materializou, por exemplo, nos congressos dos intelectuais que foram impulsionados, naquela conjuntura, pela similaridade de problemas e propostas políticas. Sobre o assunto, ver: GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012, cap. 2.

⁶⁴⁵ ROCA, Blas. La guerra y la lucha por la Paz. *Revista Fundamentos*, mayo de 1951, año XI, nº 110, p. 401-402.

através de diversos procedimentos. 2. A possibilidade de evitar as guerras nesse período da história e, por conseguinte, a possibilidade de coexistência pacífica entre países regidos por sistemas capitalistas e sistemas socialistas.⁶⁴⁶

Apesar de considerar a possibilidade de chegar ao socialismo por “diversas vias”, quando a guerra de guerrilhas começou a se desenvolver em Cuba, em 1957, os socialistas populares reafirmaram, inicialmente, sua oposição por aquele tipo de tática. Consideraram que o movimento dirigido por Fidel Castro não tinha ligação com as massas e não representava uma possibilidade de ruptura institucional capaz de realizar a revolução que os comunistas desejavam. E não consideraram o apoio às guerrilhas como uma possibilidade, porque aquela tática era contrária ao pacifismo apregoado dentro do MCI.

Na revista *Fundamentos*, de 1957, Juan Marinello publicou um texto intitulado “A luta pela paz, questão nacional”, no qual alegou que “recai sobre o PSP o compromisso de ser voz, propagandista e organizador da luta pela paz”. Essa defesa obstinada da paz e das táticas não violentas nos mostra como a proposta soviética era influente dentro do PSP, assim como a dificuldade de abandonar tal perspectiva, mesmo quando as guerrilhas começaram a se desenvolver dentro da Ilha e, até mesmo, quando as tropas castristas conseguiram conquistar territórios fora *Sierra Maestra*, já em meados de 1958, como mostraremos adiante.

Apesar disso, não podemos desconsiderar as mudanças pelas quais passava o MCI. Logo após o XX Congresso, a Cominform foi dissolvida e, de acordo com Adriana Petra, o “movimento pela paz” ficou órfão de uma entidade que o organizasse e o vinculasse de forma direta à União Soviética.⁶⁴⁷ Diante disso, devemos levar em consideração que as decisões do PSP, após 1956, estiveram condicionadas por um cenário de maior liberdade decisória, pois, como apontou Petra, aquela também foi uma época em que PC’s se abriram para “posições mais heterodoxas”.⁶⁴⁸

2.3.6. As restrições comportamentais: o que não podia um comunista

Assim como o Partido definiu os comportamentos e as ações aceitáveis e desejáveis para seus militares, também delimitaram várias práticas inaceitáveis. Esse aspecto, comum em vários PC’s, foi definido por Marc Lazar como um “sistema de restrições” que era composto

⁶⁴⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los sucesos de la URSS. *Carta Semanal*, nº 126, 19 de julio de 1957, p. 2.

⁶⁴⁷ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista*, p. 244.

⁶⁴⁸ *Ibidem*, p. 251.

por dispositivos interiorizados e que conduziu os militantes, frequentemente, a um conformismo em relação à instituição.⁶⁴⁹

Os socialistas populares condenavam divórcio⁶⁵⁰ e defendiam a monogamia. Criticavam também o alcoolismo e o uso de drogas, pois consideravam qualquer forma de vício uma manifestação da moral burguesa. Encontramos várias notas sobre membros do Partido que foram expulsos da organização porque roubaram ou maneжaram de forma irregular o dinheiro do PSP ou dos sindicatos,⁶⁵¹ estavam envolvidos com a venda de drogas ou eram viciados em narcóticos ou bebidas alcoólicas, não seguiam as regras partidárias, furaram greves, executaram ou participaram de atos de discriminação racial, mantiveram contatos “inadmissíveis” com os inimigos de classe e seus agentes, com pessoas que haviam sido expulsas do PSP ou haviam realizado atos de terrorismo como método de ação.⁶⁵²

Os vícios em bebidas alcoólicas, drogas ou jogos eram combatidos enfaticamente, porque demonstravam a inexistência de autocontrole e de uma postura pública ilibada, valores importantes da cultura política comunista. O militante socialista popular Romilio Portuondo, sobre o qual comentamos anteriormente, foi expulso do Partido em 1952, porque, além de ter uma “vida pessoal turva”, não havia abandonado o vício da bebida e havia chegado várias vezes à redação de *Noticias de Hoy*, onde trabalhava, “em condições tão lamentáveis que não podia

⁶⁴⁹ LAZAR, Marc. Le parti et le don de soi. *Vingtième Siècle Reveu d'Histoire*, n° 60, octobre-decembre 1998, p. 37.

⁶⁵⁰ Na literatura sobre o movimento comunista, encontramos alguns exemplos da interferência dos PC's na vida conjugal de seus membros. Archie Brown destacou que Stálin ordenou o divórcio de Molotov e Zhemchuzhina, em 1949. Ver: BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 241. Jorge Ferreira apontou que, a direção do PCB interferiu no relacionamento extraconjugal de Otilia, militante comunista casada, com Gentil, amante de Otilia. A direção do partido separou o casal, transferindo-os de comitê para poder corrigir a infração de ambos, pois a traição conjugal era uma infração moral grave dentro da cultura política comunista. Além disso, o PCB também organizou o casamento de Luis Carlos Prestes com Maria Prestes. Ver: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 120 e p. 136. No PSP, encontramos o exemplo do divórcio entre Edith García Buchaca e Carlos Rafael Rodríguez, que foi motivado pelo relacionamento extraconjugal que ela teve com Joaquín Ordoqui. Garcia Montes e Alonso Avila escreveram que o PSP definiu todo o procedimento que as partes deveriam seguir: Rodríguez deveria pedir o divórcio e teria o direito de ficar com a guarda dos filhos, ao passo que García Buchaca deveria aceitar tal decisão. Ordoqui, que também era casado, deveria pedir o divórcio e ceder a guarda dos filhos à esposa. Além disso, Ordoqui e Buchaca deveriam se casar assim que ambos estivessem divorciados de seus antigos parceiros. Ver: GARCIA MONTES, Jorge; ALONSO AVILA, Antonio. *Historia del Partido Comunista de Cuba*. Miami: Ediciones Universal, 1970, p. 429-430. O historiador Giliard Prado reiterou a afirmação sobre a discussão pública promovida pelos dirigentes do PSP sobre o caso e a influência deles nos destinos dos envolvidos. Ver: PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018, p. 258. Esses exemplos mostram a inexistência de linhas divisórias entre a vida política e a vida particular dos comunistas e a necessidade de obedecer às ordens partidárias, ainda que implicassem a perda da guarda de um filho, como condição para a permanência nos PC's.

⁶⁵¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Estafó 13 mil pesos al PSP. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 9, 10 de enero de 1952, p. 1.

⁶⁵² “[...] o Partido que não tolera em seu seio os ladrões, os corrompidos, os degenerados moralmente, os viciados, os adutores dos poderosos, os que traem o povo e a Pátria”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los medios delatan su impotencia. *Respuestas*, 14 de abril de 1956, año 2, n° 60, p. 8.

realizar seu trabalho de redação”,⁶⁵³ motivando assim a decisão da direção de retirá-lo da agremiação.

Como destacamos, o PSP combatia também o que chamava de “amor livre” e “libertinagem”, palavras que se referiam, naquele contexto, à liberdade sexual e à possibilidade de se relacionar com várias/os parceiras/os. Recriminava a homossexualidade e chamava os homossexuais de invertidos, como também já apontamos. Denunciava a pornografia, o boxe como “espetáculo de pura força, de lisonjeio dos instintos mais violentos”,⁶⁵⁴ o antissemitismo, o racismo e a exclusão das mulheres da vida política. Os comunistas também condenavam a prostituição, porque a consideravam uma prática imposta às classes sociais mais pobres e, conseqüentemente, um reflexo da dominação dos ricos e burgueses.⁶⁵⁵

Os casos de expulsão dos militantes são significativos para avaliar quais as ações e os comportamentos eram repreendidos pelos estatutos e pela direção comunista. O PSP era um Partido hierárquico, com pouco espaço para críticas internas à direção. Isso se observa, por exemplo, no caso da expulsão de César Vilar, em 1954. Vilar havia criticado a conduta de vários dirigentes do PSP que foram julgados sob a acusação de terem participado do assalto aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, dentre os quais estavam Joaquín Ordoqui e Lázaro Peña.

Segundo Rojas Blaquier, a direção do PSP orientou seus membros a defenderem a linha do Partido, exporem as táticas defendidas pelo PSP e negarem a vinculação dos comunistas com os participantes dos assaltos. César Vilar achava que o Partido tinha que aproveitar o processo judicial para condenar publicamente a tirania e a violência que os socialistas populares sofreram quando foram presos após o 26 de julho de 1953, razão pela qual Vilar apontou o erro da tática propugnada pela direção nas circunstâncias do julgamento. A direção do PSP considerou que Vilar estava empreendendo uma “luta sem princípios contra a direção do Partido”⁶⁵⁶ e ordenou que ele fizesse uma autocrítica e reconhecesse o erro de sua própria

⁶⁵³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Expulsado Romilio Portuondo del Partido Socialista Popular. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 72, 23 de marzo de 1952, p. 5.

⁶⁵⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Paradojas papales. *Respuestas*, n° 49, 28 de enero de 1956, p. 5.

⁶⁵⁵ Este ponto fica claro na seguinte passagem: “A prostituição é uma consequência da diferença de classes, da exploração capitalista, do atraso e escravização da mulher dentro da sociedade burguesa. Somente sob o socialismo será arrancada da raiz, porque somente nele a mulher disfruta de iguais possibilidades que o homem, porque sob ele a mulher não tem que vender seu corpo para comer, nem para alimentar seus filhos, nem se vê forçada a cair dentro dela como resultado do confinamento a que a sociedade burguesa condena àquelas mulheres que se permitem exercer seus direitos à vida e, por cima e além das limitações estúpidas, antinaturais e convencionais da moral confessional da sociedade burguesa”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El capitalismo no sólo engendra la prostitución, sino que la explota. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 10, 11 de enero de 1952, p. 6.

⁶⁵⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del Partido: Resolución de expulsión de Cesar Vilar de las filas del PSP. *Revista Fundamentos*, agosto de 1954, año XIV, n° 140, p. 263.

posição.⁶⁵⁷ Como Carew Hunt apontou, nos PC's, havia pouco espaço para “interpretações opostas da doutrina oficial”, a qual era definida pela direção, ou seja, o conflito de ideias era tratado sempre de forma dualista, havia pouco espaço para a subjetividade e, conseqüentemente, um dos lados envolvidos estava errado e deveria fazer a autocrítica.

Como César Vilar não fez a retificação no prazo que a direção havia estabelecido, mas, ao contrário, “ampliou com novos ataques, com novas falsificações e calúnias contra a direção do Partido, contra todo o Partido”,⁶⁵⁸ ele foi expulso do PSP sob a acusação de violação de disciplina. A infração de Vilar era uma afronta também ao princípio de centrismo democrático que previa a aceitação obrigatória das decisões tomadas pela cúpula dos PC's.⁶⁵⁹

Para a direção do PSP, além disso, César Vilar havia sido vaidoso, acreditou ser autossuficiente e, por isso, pensou que estava acima do Partido. Como R. N. Carew Hunt destacou, muitos PC's se tornaram partidos monolíticos, isso significou, em muitas ocasiões, que seus membros deveriam ter uma posição única sobre as questões políticas, de modo que a discordância das decisões da direção era considerada uma falta grave.⁶⁶⁰ Sobre a crítica em relação à autossuficiência, encontramos uma passagem anterior à expulsão de Vilar:

A suficiência é o defeito do dirigente que se envaidece com seus êxitos, ao que se lhe sobem os triunfos à cabeça. Isso o leva a acreditar que é superior, a sobrestimar sua própria capacidade e a desestimar o trabalho, a capacidade e a atividade dos demais.⁶⁶¹

Em uma reportagem publicada na revista *Bohemia*, César Vilar acusou a direção do Partido de “oportunismo e a transigência”. Alegou também que o PSP vivia uma “etapa de frustração, de prostração, por culpa de uma direção incapaz que se apossou dos quadros superiores” e reiterou o desacordo dele com a permanência dos mesmos dirigentes nos comitês partidários.⁶⁶² A expulsão dele evidenciou o reduzido espaço interno para o debate político e a dificuldade em abrigar opiniões divergentes daquelas defendidas pela cúpula do PSP. Rojas Blaquier apontou que, por detrás da expulsão, havia, possivelmente, “aspectos subjetivos” de rivalidades dentro da direção, especialmente entre Vilar e Aníbal Escalante, secretário geral do Partido quando Blas Roca estava ausente.⁶⁶³ Já a revista *Bohemia* destacou que a expulsão de Vilar era resultado do conflito que ele possuía com Blas Roca pelo comando do PSP.

⁶⁵⁷ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 59-67, passim.

⁶⁵⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del Partido: Resolución de expulsión de Cesar Vilar de las filas del PSP. *Revista Fundamentos*, agosto de 1954, año XIV, nº 140, p. 267.

⁶⁵⁹ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 20.

⁶⁶⁰ *Ibidem*, p. 74.

⁶⁶¹ ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, nº 105, p. 1111.

⁶⁶² CHIBÁS. En Cuba. *Revista Bohemia*, 15 de agosto de 1954, año 46, nº 33, p. 72.

⁶⁶³ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 60.

A reportagem da *Bohemia* comentou ainda que a acusação contra César Vilar era uma das mais graves para um dirigente comunista: a de oportunismo. Sob essa acusação, outra militante importante do PSP também foi expulsa em outubro de 1950. Esperanza Sanchez Mastrapa foi acusada de desvio de disciplina e de oportunismo. Pelo que consta na resolução da Comissão Executiva Nacional, Sanchez Mastrapa estava em Havana quando a sede do jornal *Noticias de Hoy* foi atacada e ela não se mobilizou para avisar aos demais militantes do PSP sobre o ocorrido. No momento do ataque ao jornal, ela se dirigiu à Câmara dos Representantes para cobrar o próprio salário, uma atribuição que era do secretário financeiro do Partido e não dela. Por causa de ambas as atitudes, Mastrapa foi considerada uma traidora e expulsa da agremiação.⁶⁶⁴ A avaliação que o Partido fez dela e da atitude que resultou em sua expulsão podem ser resumidas na seguinte passagem:

Esperanza, mulher, pobre e negra não haveria sido nada fora do PSP. [...] a repulsa indignada à traidora não é bastante. Nós necessitamos, além dessa reação, do estudo profundo do caso, de suas causas e raízes, para tirar, com a crítica e a autocrítica, as lições que nos permitam fortalecer ainda mais nossa luta, elevar nossa disciplina, solidificar nossa unidade. [...] A traição de Esperanza Sánchez não é o resultado de uma determinação súbita tomada em um momento de pânico, mas é, ao contrário, a culminação de um longo processo de decomposição política e pessoal, que foi levando-a a se entregar ao inimigo, a desertar abertamente do Partido. De um nível político baixo, com uma atitude oportunista, nunca se assimilou aos princípios da teoria marxista-leninista e da ideologia do Partido, nunca estudou seriamente os textos fundamentais de nossa doutrina e nosso programa, se limitando ao trabalho prático. [...]. Durante anos se absteve de falar nas reuniões do Partido, permanecendo calada nas reuniões e assembleias dirigentes do Partido, por mais importantes que fossem os assuntos debatidos, dissimulando assim sua falta de preparação política e ideológica, sua falta de consciência comunista e seu oportunismo. [...]⁶⁶⁵

A passagem destaca a crença de que o conhecimento teórico funcionava como um antídoto contra os desvios de comportamento, quer dizer, havia a percepção de que quanto maior a consciência socialista e o estudo desenvolvido pelo/a militante, menores eram as chances dele/a cometer alguma infração partidária. Nesse sentido, observamos em ambas as expulsões a existência da ideia de degeneração dos filiados causada pelo desconhecimento ou abandono das ideias e valores fundamentais contidos nos textos clássicos do marxismo-leninismo.

Na crítica acima, o PSP destacou que Sanchez Mastrapa era uma militante limitada ao trabalho “prático”. Essa é uma menção ao “praticismo”, uma “tendência dos membros do

⁶⁶⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resoluciones de la CEN del PSP sobre el caso de Esperanza Sánchez Mastrapa. *Revista Fundamentos*, octubre de 1950, año X, n° 103, p. 961.

⁶⁶⁵ ROCA, Blas. Sobre la traición de Esperanza Sanchez y la vigilancia revolucionaria. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1950, año X, n° 104, p. 1020-1025, passim.

Partido de conduzirem seu trabalho diário sem considerações para com a teoria [...]”.⁶⁶⁶ Essa postura militante era considerada um desvio da moral, porque, como já apontamos, o estudo e o conhecimento da teoria eram atividades imprescindíveis para a militância, cujo comportamento deveria ser guiado pelas orientações dos clássicos do marxismo. Esse exemplo reforça a nossa ideia de que, para os comunistas, o estudo da teoria e dos livros “fundamentais” além de funcionar como instrumentos previsores da realidade, também deveriam condicionar quase que mecanicamente o comportamento dos membros do Partido.

Após a expulsão de Sanchez Mastrapa e de Vilar, os socialistas populares publicaram em seus meios de comunicação uma série de parabenizações enviadas pelos comitês partidários locais saudando o desligamento dos “traidores”. Essas felicitações também podem ser interpretadas como rituais intrapartidários que reafirmavam as hierarquias e a postura certa da direção nacional, mas também como um esforço para endossar o peso da traição dentro da cultura política comunista. O desvio da disciplina e a discordância das decisões partidárias eram faltas gravíssimas que foram repudiadas reiteradamente na imprensa socialista popular. A insistência em veicular as transgressões daqueles/as que haviam sido expulsos/as, em nossa interpretação, servia para desonrar os infratores, os quais, dentro da cosmovisão comunista, eram considerados traidores da causa.

Ademais, lembramos que os membros do Partido não podiam manter relações com aqueles que haviam sido expulsos da agremiação, ou seja, além da perda do vínculo institucional, as relações de amizade também eram rompidas quando um membro da “família” comunista era retirado da organização.⁶⁶⁷ Maurice Agulhon chamou a atenção para um sentimento que nos parece generalizado dentro das experiências comunistas na década de 1950, que era a sensação de pertencimento proporcionada pela vida partidária, a qual era vivenciada para um prolongamento da cultura dos militantes.⁶⁶⁸ Assim sendo, o desligamento institucional implicava também a perda de um espaço de sociabilidade e de identidade política e cultural.

Além do mais, observamos também a percepção dos comunistas de que as falhas ideológicas dos militantes seriam desmascaradas, porque o PC tinha métodos de vigilância revolucionária que trariam à superfície os erros de seus membros. Na passagem anterior sobre os desvios de Sanchez Mastrapa, aparece a ideia de que a “decomposição política e social” foi

⁶⁶⁶ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 140.

⁶⁶⁷ De acordo com os Estatutos do PSP, um dos deveres dos membros do Partido era: “1) combater sem vacilações os inimigos do Partido. Nenhum membro do Partido pode manter relações pessoais ou políticas com expulsos por traição ao Partido, ou por se passar ao campo do inimigo, ou com os inimigos reconhecidos do partido, da classe trabalhadora e do povo”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955, p. 19-20.

⁶⁶⁸ AGULHON, Maurice. Sur la “culture communiste” dans les années cinquante, p. 289.

sendo percebida na medida em que o PSP aplicou métodos em que os militantes deveriam provar seus valores. A abstenção das reuniões e o baixo desempenho no estudo dos clássicos do marxismo eram sinais do declínio teórico e prático do militante.

Ao finalizar o texto em que descreveu a infração de Sanchez Mastrapa, Blas Roca instou os socialistas populares a lutar pela pureza dos princípios, os quais seriam alcançados com o debate político e ideológico.⁶⁶⁹ Essa ideia de “manutenção da pureza” das fileiras militantes foi a razão para diversas depurações em muitos partidos comunistas. Lembramos que, no final dos anos 1940, o PSP expulsou quase 30 mil membros, dentre outros motivos, porque muitos não militavam ativamente nem expressavam os valores que um comunista deveria ter e porque a direção pretendia manter a pureza ideológica da organização.⁶⁷⁰

Salientamos, por fim, que os esforços de autorrepresentação, de definição de práticas políticas e de restrição ao comportamento dos militantes também devem ser entendidos como uma forma de construção de identidades, de elaboração de uma imagem de si e, segundo Pierre Ansart, de criação uma sensibilidade sociopolítica em torno da ideologia.⁶⁷¹ Essa sensibilidade, marcada por sentimentos de pertencimento, medo, simpatia, ódio, amizade, era um elemento que impulsionava a adesão e as atividades dos membros do Partido. Por isso, a organização se empenhou em criar meios (emulações, gratificações, trabalho na imprensa, festas, punições, expulsões, críticas e autocríticas) para gerir as emoções políticas que davam sustentação a sua própria existência.

2.4. A relação e os conflitos táticos do Partido Socialista Popular com os grupos insulares de oposição à ditadura

2.4.1. Conflitos táticos com os partidos políticos, a Federação Estudantil Universitária (FEU) e a Sociedad de Amigos de la República (SAR)

O Partido Socialista Popular não discordava apenas das táticas armadas e dos *putschs*, mas de todas as ações políticas que considerava desvinculadas dos anseios populares. Os dirigentes do Partido do Povo Cubano (PPC-O), especialmente Roberto Agramonte, foram alvos das críticas socialistas populares por causa do isolamento político e do silêncio das

⁶⁶⁹ ROCA, Blas. Sobre la traición de Esperanza Sanchez y la vigilancia revolucionaria. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1950, año X, n° 104, p. 1020-1025, passim.

⁶⁷⁰ O PSP também definiu regras sobre a atuação dos artistas e intelectuais vinculados ao Partido. Sobre elas, falaremos no último capítulo.

⁶⁷¹ ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2019, p. 17.

lideranças do PPC-O diante da conjuntura política, de acordo com o PSP.⁶⁷² O Partido Ortodoxo não participou de várias coalizões dos opositores ao regime, apesar de ser aceito na maioria delas, porque optou pela abstenção das gestões políticas que previam acordos com o regime.

Apesar das críticas, os comunistas consideravam boa parte da oposição como parceira para a formação da frente única. Até, ao menos, o ano de 1956, o Partido enviou cartas para os opositores do regime chamando-os para uma ação política conjunta a fim de protestarem contra as ações violentas do governo, condenarem os crimes cometidos pela polícia de Batista e pedirem a libertação dos presos políticos. Os principais interlocutores dos chamados do PSP eram Ramón Grau San Martín, presidente do PRC inscrito,⁶⁷³ Pelayo Cuervo, presidente do PPC não inscrito, Antonio Varona, presidente do PRC não inscrito, Emilio Ochoa, presidente do PPC inscrito, José Pardo Llada, presidente do Partido Nacionalista Revolucionário (PNR),⁶⁷⁴ Carlos Márquez Sterling, dirigente do PPC-O, e Amalio Fiallo, presidente do Movimento de Libertação Radical.⁶⁷⁵ Nenhuma dessas lideranças se esforçou para buscar uma aproximação com os comunistas visto que, na *Carta Semanal*, encontramos sempre reclamações acerca do silêncio quanto às iniciativas do PSP.

Outro grupo acusado pelos comunistas de fomentar a divisão da oposição foi a *Federación de los Estudiantes Universitarios*. Os comunistas alegavam que a Federação estava dominada por políticos do PRC-A (autênticos) e do PPC-O (ortodoxos) e, por isso, tinha uma atitude antipopular, imperialista e influenciada por grupos clericais.⁶⁷⁶ No início do período ditatorial, a FEU assinou alguns acordos de cooperação com alguns grupos da oposição, mas, a partir de 1954, atuou de forma mais independente. Nesse ano, a FEU decidiu boicotar as eleições presidenciais e, posteriormente, manteve-se reticente quanto à participação nas iniciativas promovidas pela *Sociedad de Amigos de la Republica* (SAR).⁶⁷⁷

⁶⁷² No contexto da ditadura, o PPC-O se dividiu em três tendências: uma que defendia a participação desse partido nas eleições e era encabeçada por Carlos Márquez Sterling, outra que defendia a insurreição e era dirigida por Emilio Ochoa, e a abstencionista, que apregoava o isolamento político e era liderada por Roberto Agramonte. Ver: MARTÍNEZ DÍAZ, Dina; FERNÁNDEZ SOSA, Miriam. La actuación de los partidos políticos como reflejo de la crisis de la sociedad cubana, 1944-1958. *Tebeto: Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura*, nº. 11, 1998, p. 250.

⁶⁷³ Inscrito significa que o partido se registrou no cartório eleitoral, em 1953. Muitos partidos, como o PRC-A e o PPC-O, se dividiram, naquela ocasião, entre facções que aceitavam e outras que não aceitavam o registro eleitoral para a participação no pleito presidencial, que ocorreu no ano seguinte.

⁶⁷⁴ O Partido Nacionalista Revolucionário surgiu no seio do Partido Ortodoxo, após descontentamentos de Parda Llada com os demais dirigentes do PPC-O e levou consigo parte dos apoiadores da ortodoxia para o PNR.

⁶⁷⁵ Movimento de orientação cristã e, assim como o PNR, apoiava a via pacífica para a solução da crise.

⁶⁷⁶ VALDÉS VIVÓ, Raúl. El movimiento estudiantil y el Frente Único de Masas. *Revista Fundamentos*, julio de 1953, año XIII, nº 136.

⁶⁷⁷ A SAR foi uma instituição cívica criada por Torriente, em 1948, para aconselhar a presidência de Carlos Prío Socarrás sobre reformas governamentais. Seguiu existindo, desde então, e desempenhou a função de agregar parte da oposição durante a ditadura.

A SAR foi uma organização criada e chefiada por Cosme de la Torriente⁶⁷⁸ e foi fundamental para reunir a oposição nos anos da ditadura. De acordo com Angelina Rojas Blaquier, a *Sociedad* teve como objetivo primordial mediar, entre os principais grupos políticos e o ditador, a convocatória de eleições como uma forma de sair da crise política,⁶⁷⁹ principalmente nos anos de 1954 e 1955. Quando as convocações públicas de Torriente começaram, os socialistas populares se animaram com a possibilidade de participar das conversas, mesmo que fossem mediadas pela SAR, com os demais chefes e partidos da oposição, pois o PSP já vinha tentando a formação de uma frente e de um acordo entre os opositoristas há alguns anos.

Em um comunicado enviado à *Sociedad* e publicado na *Carta Semanal*, de 29 de junho de 1955, o PSP saudou a iniciativa de Cosme de la Torriente de reunir a oposição para demandar eleições gerais imediatas e declarou apoio à gestão empreendida por ele.⁶⁸⁰ Entretanto, na edição seguinte do folheto, os comunistas mudaram suas perspectivas em relação à SAR, pois, ao contrário do que esperavam, não foram convidados para os encontros, como aparece no documento reivindicativo:

O PSP falta não por vontade, mas por acordo discriminador adotado pelos senhores da SAR e os dirigentes opositoristas que acodem a esses conciliábulo, os que de tal maneira obedecem, de uma parte, às exigências antinacionais, de ingerência e antiunitárias de um governo estrangeiro, o dos Estados Unidos, que manda que se persiga a nós, patriotas que lutamos.⁶⁸¹

Para o PSP, a associação entre os dirigentes da SAR e da oposição aos interesses estrangeiros era a causa da exclusão dos comunistas das reuniões. É comum encontrar nas fontes primárias a associação entre as ações dos opositoristas ao regime de Batista com os Estados Unidos e a embaixada desse país em Cuba, pois segundo o PSP, grande parte dos líderes da oposição, mesmo atuando contra Batista, mantinham um discurso político de submissão aos EUA. Por terem sido excluídos dos acordos, os socialistas populares alegaram que a intenção da SAR era realizar um arranjo político sem as massas e resolver a situação do país entre as elites políticas.

⁶⁷⁸ Advogado e político cubano, professor de direito na Universidade de Havana. Cardona foi opositor da ditadura batistiana e atuou na militância pacífica contra o regime. Após o triunfo da Revolução, ele se tornou primeiro-ministro, cargo que ocupou até fevereiro de 1959, quando foi substituído por Fidel Castro.

⁶⁷⁹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 121.

⁶⁸⁰ Salientamos que, em 1955, os socialistas populares ainda defendiam a realização de eleições democráticas para a resolução da crise política insular. Como apontaremos mais à frente, o abandono da opção eleitoral só ocorreu em 1956.

⁶⁸¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones: El PSP y las reuniones de la SAR. *Carta Semanal*, nº 99, 6 de julio de 1955, p. 1.

Acusaram ainda a *Sociedad* de não desejar uma mudança real da conjuntura, mas apenas uma troca de mandatários, o que não solucionaria os problemas econômicos e sociais de Cuba. Pejorativamente, representaram as ações da SAR como uma “composição burguesa” para ressaltar o caráter classista dos acordos e a desvinculação deles com os trabalhadores e camponeses. Quando a *Sociedad de Amigos de la Republica* convocou um protesto, em novembro de 1955, o PSP o apoiou e chamou seus membros para participarem, porque aquela era considerada uma ação de massas.⁶⁸² Alguns membros do PSP, entre eles Salvador García Agüero, apareceram no ato e foram rechaçados publicamente, inclusive com agressões físicas.⁶⁸³ Depois do ocorrido, os comunistas acusaram Carlos Prío Socarrás e outros dirigentes do Partido Autêntico presentes no protesto de fomentarem a agressão contra os socialistas populares e alegaram a cumplicidade da FEU pela omissão diante dos ataques do ex-presidente de Cuba ao PSP.⁶⁸⁴

Apesar dos confrontos que ocorreram durante o ato, a *Sociedad* alcançou um de seus objetivos que era a realização de uma entrevista com Fulgencio Batista, ocorrida em dezembro daquele ano. Quando a reunião aconteceu, os comunistas voltaram a criticar Torriente, pois consideravam que o encontro com o ditador minava o protagonismo popular e servia apenas como um arranjo burguês para garantir os interesses dos partidos políticos e do regime⁶⁸⁵ e, a partir daquele momento, o PSP se opôs definitivamente às gestões da *Sociedad*. A ação da SAR mostra que em alguns momentos a oposição ao regime esteve unida para protestar publicamente e buscar uma solução pacífica para as tensões políticas. Mas os comunistas haviam sido excluídos de tais gestões, indicando, mais uma vez, o isolamento do PSP no cenário nacional.

Quando observamos também a resistência da SAR, dos partidos e da FEU em relação aos comunistas, não podemos deixar de questionar a influência do anticomunismo naquelas organizações, pois elas se negaram a realizar qualquer manifestação junto aos socialistas populares e, inclusive, agrediram um representante do Partido quando ele apareceu em praça pública para protestar. Mesmo nesse cenário tão hostil à presença dos comunistas, o PSP

⁶⁸² Estiveram presentes no ato: Carlos Prío Socarrás, José Pardo Llada, Manuel Antonio Varona, Amalio Fiallo (Movimiento Revolucionario de Libertación), Raúl Chibas, Ramon Grau San Martín, José R. Andreu, José Antonio Echevarría (presidente da FEU), além de Torriente e Cardona.

⁶⁸³ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 126.

⁶⁸⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Trastienda y lecciones de un acto. *Respuestas*, 26 de noviembre de 1956, año I, n° 40, p. 4-5.

⁶⁸⁵ O historiador cubano Jorge Ibarra Guitart destacou que o objetivo político da SAR era conter o desenvolvimento de uma luta insurreccional, que pudesse ameaçar os interesses de classe daqueles que geriam a *Sociedad*. A busca por uma alternativa pacífica se relaciona, então, segundo o autor, com o temor dos dirigentes da SAR diante da radicalização da luta política que poderia se converter em um processo revolucionário. Ver: IBARRA GUITART, Jorge R. La crisis de los partidos políticos en Cuba (1955-1958) y la Sociedad de Amigos de la República. *Revista Temas*, n° 22, julio-diciembre, 2000.

manteve a tática de frente única e buscou formar uma coalizão com os demais grupos da oposição, o que mostra uma postura dogmática, porque, em nossa perspectiva, estava mais aferrada à orientação tática vigente no MCI do que às condições políticas insulares daquele momento.

Em decorrência desse cenário, o PSP mudou suas próprias concepções, ainda que lentamente. Observamos isso, por exemplo, por meio das ideias que o Partido tinha da eficiência das eleições para solucionar a crise política interna. Como assinalamos, logo após o golpe de Batista, o PSP defendeu a realização imediata do pleito que estava previsto para junho de 1952. Em 1953, o regime ditatorial abriu um período de inscrição para os partidos e os socialistas populares não conseguiram se registrar.⁶⁸⁶ Essa reorganização criou condições para as eleições que aconteceram em novembro de 1954.⁶⁸⁷

Na conjuntura do pleito, o PSP chamou seus membros para votarem em Ramón Grau San Martín, por considerarem que, naquele momento, o melhor a fazer era tirar Batista do poder usando uma possibilidade aberta pelo próprio regime. O Partido destacou que San Martín não era a solução para Cuba, mas, em termos táticos, era um caminho para o retorno da legalidade democrática.⁶⁸⁸ O que os comunistas não esperavam era que o líder do Partido Autêntico se retiraria da disputa um dia antes da votação. De última hora, o PSP tentou comunicar a ordem de abstenção aos seus filiados. Diante da ausência de Grau San Martín, das fraudes nas votações e da vitória do general, Batista usou as eleições para legitimar o regime ditatorial sob o manto da vontade popular expressada pelo “voto democrático”.

Em 1956, o general Batista manteve sua pretensão de executar um programa, chamado pelos comunistas de “Plano Vento”, que previa a realização de eleições parciais em 1957 e

⁶⁸⁶ Salientamos que após o golpe de Estado, de março de 1952, o regime não havia proibido a existência de nenhum partido. O PSP foi proibido de atuar e entrou na clandestinidade somente após o 26 de julho de 1953.

⁶⁸⁷ Conseguiram o registro eleitoral os partidos: *Acción Unitária*, Liberal, o Partido Revolucionário Cubano, dirigido pelo ex-presidente Grau San Martín, uma facção do Partido Democrata e uma do PPC-O, o Partido Laborista, comandando por Eusebio Mujal e um partido municipal chefiado por Herminio Portell Vilá. Nesse momento, já havia ocorrido uma divisão dentro do PRC, que opôs Grau San Martín e Prío Socarrás, sendo que este havia saído de Cuba e fundado a *Organización Auténtica* (OA), o braço armado do PRC, e preparou uma guerrilha no México com a pretensão de voltar a Cuba. A organização foi denunciada e desmantelada pela polícia mexicana sem que pudesse levar a cabo ações armadas dentro da Ilha.

⁶⁸⁸ “Não temos ilusões com Grau. Sabemos que o governo se prepara para burlar o voto democrático. [...] Ficar em casa, se abster de votar (ou, em seu caso, entrar nos jogos eleitorais), equivale a deixar o campo livre ao governo reacionário, equivale a permitir que ele use as eleições para se vestir de legalidade, sem o menor protesto do povo”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. A todos los militantes, afiliados y simpatizantes del PSP. A todos los trabajadores, a todo el pueblo. *Carta Semanal*, n° 59, 29 de septiembre de 1954, p. 1. O PSP alegou que a opção por San Martín representava um “voto negativo”, uma opção “menos indesejável” naquelas eleições. Novamente, percebemos a defesa feita pelo PSP do sistema democrático, a ponto de apoiar um dos principais alvos de crítica do partido, desde a década de 1940, que era Grau San Martín. Isso indica, mais uma vez, a crença profunda na eficácia da democracia burguesa como meio para alcançar as condições objetivas e subjetivas do processo revolucionário.

gerais em novembro de 1958. O PSP foi contrário ao plano, cujo objetivo, na concepção partidária, era dar a impressão de legalidade para a ditadura e prolongar sua existência.⁶⁸⁹ Foi então que o Partido decidiu abandonar a opção pelas eleições, não porque tivesse deixado de acreditar na eficácia delas, mas elas já não eram viáveis para solucionar aquela crise específica. A passagem abaixo reúne as críticas feitas pelos comunistas no que tange às opções táticas adotadas pelos opositoristas:

A despeito da campanha de divisão dos chefes da oposição burguesa e não obstante as táticas falsas que impuseram a seus partidos (quietismo, insurreccionismo, putschismo, eleitoreirismo etc.), o movimento de massas, impulsionado incansavelmente pelo PSP, cresceu e se desenvolveu não só em torno das demandas econômicas e das demandas específicas imediatas, mas também por demandas políticas cada vez mais orientadas para o caminho de solução da crise [...].⁶⁹⁰

O PSP atribuiu erros táticos a todos os setores da oposição, criticou a insurreição, as eleições que pretendiam “acobertar” o regime, o putsch e o “silêncio” da facção do PPC-O vinculada a Agramonte. Além disso, passou a atribuir o prolongamento da ditadura à incapacidade de união da oposição, apesar de que a oposição havia se reunido em algumas ocasiões, porém sem a presença dos socialistas populares.⁶⁹¹ A partir daquele momento, em meados de 1956, ante a dificuldade de formar uma frente única ampla, o Partido propôs uma nova tática, intitulada de “Linha de Agosto” – comentaremos sobre ela mais à frente –, que foi uma mudança simplória e sem muitos efeitos práticos, mas que já mostra a predisposição partidária a repensar suas próprias opções políticas. Pela leitura da documentação posterior ao período analisado, descobrimos que entre maio e setembro de 1956, os comitês socialistas se reuniram para debater o programa do PSP após o XX Congresso e a nova linha seguida pelo Partido.⁶⁹²

2.4.2. A reação dos comunistas ao assalto aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes (1953)

Como destacamos anteriormente, os assaltos aos quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, localizados na província de Oriente, foram liderados por Fidel e Raúl

⁶⁸⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Manifiesto: A todos los opositoristas, a los obreros y campesinos de nuestro país; al pueblo en general. *Carta Semanal*, nº 151, 4 de julio de 1956, p. 1.

⁶⁹⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama Político. *Carta Semanal*, nº 125, 4 de enero de 1956, p. 2.

⁶⁹¹ “Se a oposição houvesse se unido, seria outra a atual situação. Isso é o que queremos colocar novamente nas atuais circunstâncias. É necessário que as massas se unam para exigir e conseguir que termine o terror, que cesse o governo e que o país desfrute de liberdades democráticas”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Llamamiento ¡Unámonos y venceremos! *Carta Semanal*, nº 174, 12 de diciembre de 1956, p. 1.

⁶⁹² ESCALANTE, Aníbal. Sobre el programa del Partido. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 218.

Castro, Abel e Haydée Santamíria, dentre outros, em 26 de julho de 1953, e tinham como objetivo tomar as armas das fortalezas militares e iniciar uma luta armada e um levantamento popular contra a ditadura. A ação foi frustrada e alguns “assaltantes” morreram durante a troca de tiros com o exército “batistiano”. Alguns outros foram torturados e assassinados pelas forças policiais nos dias que se seguiram à ação e aqueles que sobreviveram, dentre os quais os irmãos Castro, foram capturados e sentenciados à prisão posteriormente.

Como destacamos, os “assaltos” também geraram reações imediatas da ditadura contra os comunistas (prisões, ilegalização do PSP e dos órgãos da imprensa do Partido). Logo após os eventos de Oriente, as análises dos comunistas não recaíram nas problematizações daquela ação, mas na condenação do ato e dos efeitos dele para a vida do Partido. Os socialistas populares já condenavam o putsch e as insurreições armadas antes das atividades de Moncada e quando a ação armada ocorreu, o PSP publicou várias notícias e comentários na *Carta Semanal*, nos quais afirmou sua desvinculação àqueles acontecimentos,⁶⁹³ a fim de convencer a opinião pública de que não estavam de acordo com aquela tática, mas, principalmente, para contradizer o discurso de Batista de que haviam sido os comunistas os responsáveis por aqueles ataques. Um documento importante para entender a perspectiva partidária foi publicado na revista *Fundamentos* em maio de 1954 e nele há o seguinte apontamento sobre o “caráter classista” dos assaltos:

Está bem estabelecido que nosso partido não só não teve envolvimento nem parte nos acontecimentos orientais, mas que é oposto a essas táticas burguês-putchistas, por serem falsas, por se produzirem fora das massas, por atrapalharem a luta de massas, que em definitiva é a única que pode, em seu necessário desenvolvimento, levada até as formas mais altas e combativas, alcançar a vitória contra a reação e o imperialismo.⁶⁹⁴

A acusação de que aquele evento tinha um caráter “burguês” nos indica, de antemão, a desconfiança que os socialistas populares tinham dessa classe social, que era considerada inclusive como inimiga. Devemos questionar, porém, se o uso do termo se referia apenas ao grupo econômico do qual provinha a liderança “moncadista”, em especial Fidel e Raúl Castro.

⁶⁹³ Os comunistas já haviam reiterado suas condenações ao putsch e aos atos violentos quando, em abril de 1953, o *Movimiento Nacionalista Revolucionario* (MNR), dirigido por Rafael García Bárcena, atacou, com homens armados, o quartel de Columbia, com o objetivo de dar um golpe de Estado e retirar Batista do poder. A tentativa fracassou, Bárcena foi preso e o PSP o acusou de ser “um aventureiro absolutamente irresponsável. [...] um agente provocador do governo que faz tudo isso em conveniência com o próprio governo para justificar novas e mais brutais medidas repressivas contra o povo”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: Sobre la “conspiración” informada por el Gobierno. *Revista Fundamentos*, mayo de 1953, año XIII, n° 134, p. 477.

⁶⁹⁴ DÍAZ, A. Balance de la actividad de la dirección nacional del Partido Socialista Popular desde el 26 de julio hasta la fecha y nuestra lucha por la solución democrática de la crisis cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1954, año XIV, n° 138, p.112.

Eni Orlandi chamou a atenção quanto aos sentidos que as palavras carregam, os quais possuem relações contextuais que vão além de sua etimologia.⁶⁹⁵

Na literatura comunista, uma “tática burguesa”, usada sempre de forma pejorativa na documentação, era aquela que não era encabeçada pelas massas, ou seja, que era dirigida e executada por quem não pertencia ao proletariado, ao campesinato e ao Partido. Como mostraremos mais à frente, os PC’s acreditavam que o processo revolucionário deveria ser conduzido por uma vanguarda composta pelos trabalhadores das fábricas e dirigida pelo partido comunista. Por isso também, o PSP intitulou a ação ocorrida em Moncada como pequeno-burguesa, uma vez que aquele ato não havia sido organizado pelos elementos da “vanguarda”, ou seja, o proletariado. Nesse sentido, a definição do caráter “burguês” do assalto ia além da classe social dos envolvidos nele e queria dizer que aquela ação era isolada e representava os interesses de apenas um grupo e não do povo. A burguesia correspondia também, na literatura do MCI, àquelas agrupações que, mesmo não sendo donas dos meios de produção, tinham interesse na preservação do sistema capitalista.⁶⁹⁶ Na concepção do PSP, se um grupo chegasse ao poder, qualquer que fosse ele, com base na vitória de uma tática desvinculada das massas, o governo estabelecido não atenderia às necessidades da população, de modo que em toda a documentação partidária há a condenação da exclusão da população das ações políticas.

A deslegitimação do assalto tem relação, aliás, com a defesa que o PSP fazia da coexistência pacífica e das táticas não violentas, o que era um pressuposto doutrinal do MCI naquele momento. Além disso, A. Diaz escreveu que as atividades armadas seriam usadas pelo governo para justificar uma repressão ainda mais violenta contra os grupos da oposição política e civil, além de considerar que aquele tipo de ação desmobilizava a luta de massas, como se vê na seguinte passagem:

A estéril e equivocada – não obstante os bons propósitos que puderam alentar seus autores – intencional, que teve por ponto culminante o assalto dos quartéis de Santiago de Cuba e Bayamo e que fora derrotada facilmente pela maquinaria militar do regime de fato, serviu a este de oportuno pretexto para varrer a escassa legalidade democrática subsistente na ocasião e para dar fortes golpes ao movimento democrático de massas, que naqueles momentos crescia e ameaçava seriamente transtornar todos os planos do governo.⁶⁹⁷

⁶⁹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009, p. 29.

⁶⁹⁶ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*, p. 16.

⁶⁹⁷ DÍAZ, A. Balance de la actividad de la dirección nacional del Partido Socialista Popular desde el 26 de julio hasta la fecha y nuestra lucha por la solución democrática de la crisis cubana, p. 111.

O Partido usava a palavra “aventura” na caracterização dos assaltos para acentuar a percepção de despreparo da ação, de falta de planejamento, coordenação e preparo dos líderes. Posteriormente, o PSP associou, mecanicamente, a derrota de Moncada e de outras ações armadas à escolha equivocada da tática, sem problematizar, ao menos publicamente, a conjuntura em que se deram os acontecimentos. Isso nos indica o quão arraigado estava a certeza dos socialistas populares quanto à frente única e ao pacifismo, indicativo de um posicionamento dogmático, principalmente porque, como veremos, foi uma orientação mantida por eles até o momento da queda da ditadura de Batista. Em outubro de 1953, 26 envolvidos nos ataques aos quartéis foram julgados e sentenciados à prisão. A pena de Fidel Castro foi de 15 anos e a de Raúl Castro foi de 16 anos.⁶⁹⁸ Quando souberam das decisões proferidas pelo tribunal de Santiago de Cuba, os comunistas saíram em defesa dos condenados, apesar de continuarem não concordando com a luta armada:

O juízo e a sentença demonstram que o assalto aos quartéis de Santiago de Cuba e Bayamo foi uma honesta tentativa, porém absurda, de encontrar uma saída a atual situação que padece Cuba. Estes jovens atuaram movidos, principalmente, por aspirações democráticas legítimas. O fizeram com valor e ofereceram suas vidas. Não eram os magarefes, mercenários e desalmados que se quis apresentar, desde os primeiros momentos, na propaganda do governo.⁶⁹⁹

Na passagem anterior, os assaltantes foram representados como jovens que buscavam uma saída imediata e “desesperada” para a crise política. O uso de adjetivos como “jovens” ou “meninos” era uma forma de destacar a inexperiência política dos “moncadistas”, o que se contrapunha à longa experiência dos socialistas populares.⁷⁰⁰ Lembramos que, em 1953, o PSP completou 28 anos de existência e boa parte de suas lideranças havia ingressado nos anos 1930 no Partido, contando, naquela ocasião, com 20 anos de militância, aproximadamente. Apesar

⁶⁹⁸ Foi durante o cárcere que Fidel Castro escreveu o texto *A História me absolverá*, no qual reuniu os principais argumentos usados por ele em sua própria defesa no julgamento pelo assalto. No documento, Castro destacou as demandas do movimento que ele encabeçava, chamadas de “cinco leis revolucionárias”. Dentre elas estavam a restituição da Constituição de 1940, a possibilidade de alterá-la, a concessão de propriedade aos colonos que já ocupavam uma parcela de terra, o direito de 30% dos lucros das grandes empresas aos empregados, o direito de 50% de participação dos colonos no rendimento dos lucros da cana e o confisco de todos os bens e propriedades dos estelionatários que haviam participado dos governos anteriores. Ver: CASTRO, Fidel. *La historia me absolverá*. In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960, p. 45-46.

⁶⁹⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comentarios al margen de una derrota del gobierno. *Carta Semanal*, nº 10, 20 de octubre de 1953, p. 1.

⁷⁰⁰ Fidel Castro respondeu a alcunha que haviam lhe colocado, quando escreveu: “Jovem é quem sente dentro de si a força de seu próprio destino, quem sabe pensá-lo contra a resistência alheia, quem pode sustentá-lo contra os interesses criados. A oposição política está em plena decadência e descrédito”. Ver: CASTRO, Fidel. *¡Frente a todos!* In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960, p. 100. Não podemos afirmar que Castro estava respondendo aos comunistas, mas, sem dúvida, tratava-se de uma resposta a quem enfatizava a juventude e “inexperiência” dele como características negativas.

das considerações sobre a inexperiência dos assaltantes, em nenhum momento o PSP os desqualificou como fez com outros políticos cubanos, como veremos na sequência. As representações dos assaltantes que se reuniram em torno de Fidel Castro também incluíam adjetivos como “limpeza moral” e “honradez”.

Não obstante à condenação, Fidel Castro e outros assaltantes foram postos em liberdade em maio de 1955, após uma campanha pública pela libertação dos presos políticos. Durante os anos de reclusão dos “moncadistas”, os comunistas demandaram na *Carta Semanal* a soltura dos presos “políticos e sociais”, incluindo nos pedidos de liberdade os trabalhadores e camponeses que estavam reclusos por causa de conflitos, greves e da repressão patronal. O PSP também criou comitês pela liberdade dos presos a fim de organizar as atividades de pressão política contra o regime. Na ocasião da libertação dos “moncadistas”, os socialistas populares saudaram Fidel Castro e se alegraram ao constatarem que, aparentemente, a instância no cárcere tinha servido para orientar Castro a respeito das táticas mais adequadas, as quais, naquele momento, em 1955, de acordo com os comunistas, ainda eram as eleições gerais imediatas e a mobilização das massas.⁷⁰¹

Como destacou Richard Gott, é possível que Castro tenha tido esperanças de atuar dentro de seu antigo partido, o PPC-O, logo depois que saiu da prisão. Contudo, ainda segundo Gott, a direção do Partido Ortodoxo não fez nenhum esforço para incorporá-lo aos seus planos políticos.⁷⁰² Essa percepção do PSP, assim como a interpretação de Richard Gott, sobre as pretensões de Fidel Castro é equivocada, pois o líder do MR-26-7 não escondia sua aspiração de recorrer às armas. Em uma carta escrita por Castro, quando ele ainda estava preso e publicada na revista *Bohemia*, em 8 de maio de 1955, ele deixou evidente sua concepção sobre a “rebeldia inevitável da guerra”.⁷⁰³ Foi por isso também que Fidel Castro se exilou no México em julho de 1955 com o objetivo de organizar e treinar uma força guerrilheira para retornar à Ilha no momento propício. Antes de sair de Cuba, contudo, Castro e seus apoiadores fundaram, em junho de 1955, o Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26-7), data que alude aos assaltos aos quartéis.

Foi a partir desse momento que o contato entre o MR-26-7 e o PSP começou. Até então, a troca de impressão entre eles se deu pelas notas publicadas na imprensa e pelos comentários políticos feitos sobre Castro nos meios de comunicação partidária. De acordo com Rojas

⁷⁰¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo a Fidel Castro y a todos los presos políticos libertados. *Carta Semanal*, n° 93, 25 de mayo de 1955, p. 2.

⁷⁰² GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 176.

⁷⁰³ FIALLO, Rene. Los caminos de la paz. *Revista Bohemia*, 8 de maio de 1955, año 47, n° 19, p. 64.

Baquier, o líder comunista Raúl Valdés Vivó se encontrou com Fidel Castro em 1955 com o objetivo de convencê-lo a ficar em Cuba e organizar uma frente única, mas Castro declinou o chamado.⁷⁰⁴ Já no México, Castro se reuniu com o membro do birô político do PSP, Lázaro Peña, o qual tentou se envolver nos preparativos para a expedição que traria as tropas treinadas por Fidel Castro de volta à Ilha. Contudo, o líder socialista não foi aceito na ação por ser “considerado contraproducente naquele momento à causa da conotada militância comunista do dirigente revolucionário”.⁷⁰⁵ O fato de ser comunista, segundo Rojas Blaquier, foi motivo de impedimento da participação de Peña nos eventos organizados no exílio pela direção do MR-26-7.

Outro dado interessante foi apresentado por Caridad Massón Sena, que descreveu o encontro de Flavio Bravo,⁷⁰⁶ dirigente do PSP, com Fidel Castro no México, quando Bravo pediu calma nos preparativos da expedição para que o desembarque do MR-26-7 em Cuba pudesse ser coordenado com uma greve geral no setor açucareiro que, supostamente, seria organizada pelos socialistas populares.⁷⁰⁷ Novamente, Castro agiu sem acordo com os comunistas e organizou o traslado desconsiderando os pedidos da liderança do PSP. Acreditamos que, em todo esse tempo, o rechaço de parte MR-26-7 se deveu ao anticomunismo existente dentro do grupo liderado por Fidel Castro e ao receio de ser associado ao PSP, como mostraremos adiante.

Os contatos entre as duas organizações foram escassos e não resultaram em acordos oficiais em todo o período da ditadura. Apesar disso, segundo Kaitlyn Henderson, desde 1956, os comunistas colaboraram com as atividades realizadas por Frank País, no Oriente de Cuba, no movimento urbano clandestino do MR-26-7,⁷⁰⁸ porém esse canal de comunicação entre as duas organizações foi fechado com o assassinato de País em julho de 1957. Quando os expedicionários do iate *Granma* desembarcaram na província de Oriente, em dezembro de 1956, o PSP chamou os grupos de oposição, através da *Carta Semanal*, para que se unissem em defesa das tropas de Fidel Castro que haviam sido recebidas pelo exército batistiano e estavam em uma difícil situação, pois grande parte dos expedicionários tinha sido morta na chegada à

⁷⁰⁴ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 137.

⁷⁰⁵ *Ibidem*, p. 133.

⁷⁰⁶ Militante e líder da juventude socialista, um dos responsáveis pela publicação da revista *Mella* e membro do birô executivo do PSP desde 1945.

⁷⁰⁷ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 247. Carlos Rafael Rodríguez confirmou o encontro entre Castro e Flavio Bravo no México em um testemunho publicado revista *Verde Olivo*. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Como vi surgir en la Sierra nuestras fuerzas armadas revolucionarias. *Revista Verde Olivo*, año XXVII, nº 48, 4 de diciembre de 1986, p. 5.

⁷⁰⁸ HENDERSON, Kaitlyn D. *Black activism in the red party: black politics and the cuban communist party, 1925-1962*. Tesis of Doctorate of Philosophy, University of Tulane, 2018, p. 153.

Ilha, os sobreviventes haviam se dispersado pela região e sofriam dura perseguição das forças armadas do regime.⁷⁰⁹

Mesmo defendendo a liberdade do líder do MR-26-7 após a condenação ao cárcere, mesmo considerando as “boas intenções” do “moncadistas” e chamando a oposição para defender o Movimento 26 de Julho na ocasião do desembarque do *Granma*, os comunistas não cederam em suas perspectivas táticas à ação armada e estiveram empenhados até, pelo menos meados de 1957, em convencer as lideranças políticas e as massas de que a insurreição e as guerrilhas não derrubariam a ditadura cubana.

2.5. O ano de 1956 em Cuba: o impacto do XX Congresso do PCUS e as transformações das táticas do Partido Socialista Popular

2.5.1. A “desestalinização” da cultura política comunista do PSP

A principal transformação do movimento comunista dos anos de 1950 ocorreu quando, no XX Congresso do PCUS, o secretário geral desse partido, Nikita Krushev, denunciou os crimes e as arbitrariedades políticas cometidos por Josef Stálin.⁷¹⁰ No evento, conforme David Priestland, aconteceu uma reunião composta somente por membros do PCUS e nela Krushev destacou a responsabilidade de Stálin pela tortura e morte de “comunistas honestos e inocentes”, pela deportação de uma grande quantidade de pessoas e pela traição aos princípios leninistas.⁷¹¹ De acordo com Archie Brown, logo após o Congresso, a partir de junho de 1956, o discurso de Krushev foi distribuído e amplamente divulgado em países fora do bloco socialista.⁷¹²

A “desestalinização” dentro do PSP foi marcada pelo abandono das referências públicas a Stálin e pela crítica do culto à personalidade. As primeiras informações sobre o evento que chegaram à Ilha vieram das agências estadunidenses de informação e o Partido questionou inicialmente a veracidade dos relatos procedentes dos EUA. Somente depois de alguns meses

⁷⁰⁹ De acordo com o documento da época: “Consideramos nosso dever de opositores e de patriotas colocar todos nossos esforços na tarefa de sujeitar a mão do terror, de defender Fidel Castro e seus companheiros, de conter as arbitrariedades e perseguições do governo que, como tal, se sustenta no poder que obteve pela força, está disposto a inundar de sangue a república de um cabo a outro”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Carta del PSP. *Carta Semanal*, n° 175, 19 de diciembre de 1956, p. 2.

⁷¹⁰ Precisamos lembrar que, antes do XX Congresso, algumas transformações já estavam ocorrendo na União Soviética. Após a morte de Stálin, em 1953, ocorreram mudanças na política doméstica e internacional como, por exemplo, o estímulo a setores produtivos negligenciados até então, a reabilitação de centenas de pessoas que estavam presas nos gulags, dentre outras transformações. Ver: RADCHENKO, Sergey. 1956. In: SMITH, Stephen A. (org.) *The Oxford handbook of the history of communism*. Oxford: OUP Oxford, 2014, p. 142.

⁷¹¹ PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*, p. 389. Sobre o congresso, também François Furet apontou que o discurso de Krushev foi comentado entre os secretários das delegações estrangeiras que estavam no evento e, em 4 de julho, o Departamento de Estado dos EUA, o publicou. Ver: FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 526.

⁷¹² BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 285.

do fim do Congresso, foi que os comunistas cubanos tiveram acesso ao informe de Krushev na íntegra. Só então admitiram as críticas do primeiro-ministro soviético a Stálin e reconheceram que este errou ao estimular o culto à personalidade, mas não admitiram ou, pelo menos, não publicaram nada sobre os crimes cometidos por Stálin, como notamos na passagem:

As agências imperialistas apresentam os comunistas daqui, confundidos e sem saber o que fazer ante o que chama de ‘o caso Stalin.’ [...] A verdade é que o relevante papel de Stálin na história não poderá ser apagado por ninguém, o que não impede que seja necessário – como fez o congresso do PC da URSS – criticar para corrigir os erros que teve sua obra.⁷¹³

Ainda no calor dos acontecimentos, o birô executivo do Comitê Central do PSP se reuniu em abril de 1956 para adotar medidas concernentes àquela denúncia. Das resoluções da reunião, ficou decidido manifestar o acordo do Partido às críticas feitas a Stálin, por corresponderem à violação do princípio leninista de direção coletiva e porque a postura de Stálin havia causado danos à causa comunista. Decidiram também publicar cinco mil exemplares do informe de Krushev, bem como refletir sobre a crítica e autocrítica feita no XX Congresso.⁷¹⁴

Ainda em abril de 1956, o PSP publicou um folheto com um texto retirado do jornal *Pravda*, intitulado “Por que o culto à personalidade é alheio ao espírito do marxismo-leninismo?”. O conteúdo do documento era uma sistematização daquele assunto tão recorrente e, apesar de louvar alguns méritos de Stálin, reconhecia o erro do líder ao estimular o culto à sua pessoa. Sendo assim, o discurso defendido pelo PSP era uma repetição das críticas já feitas dentro da URSS. É inquestionável que, se a referência à URSS e a fidelidade do PSP a ela se mantiveram como referenciais do comportamento político dos comunistas cubanos ao longo dos anos 1950, a referência a Stálin foi desaparecendo gradativamente dos documentos partidários, o que indica as transformações pelas quais passou um dos elementos mitológicos mais importantes da cultura política comunista.

Como destacou Jorge Ferreira, “[...] as mensagens vindas de Moscou abalavam certezas, desestabilizavam crenças e alteravam relatos míticos”.⁷¹⁵ E o resultado disso foi a eliminação do nome de Stálin na documentação do PSP, bem como a referência aos seus feitos e méritos, tão comuns antes do XX Congresso. Na reportagem sobre o 41º aniversário da URSS, 1958, citada anteriormente, consta nome de Lenin, Marx e Engels, mas a referência a Stálin já havia

⁷¹³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comentarios: La bancarrota de los imperialistas y sus mentiras antisoviética. *Carta Semanal*, nº 137, 28 de marzo de 1956, p. 1.

⁷¹⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del PSP: Sobre el XX Congreso del PC de la URSS. *Carta Semanal*, nº 139, 11 de abril de 1956, p. 1.

⁷¹⁵ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*, p. 291.

desaparecido. Tanto Marc Lazar quanto Serge Berstein destacaram o caráter mutável ou adaptável da cultura política como ações imprescindíveis para que ela não decline ou desapareça.⁷¹⁶ O comportamento do PSP mostrou a capacidade de adaptação do Partido no que tange ao abandono das referências a Josef Stálin, mas também o caráter imutável quanto à vinculação e ao culto à URSS.

Segundo Franz Marek, um dos efeitos deste processo de “desestalinização”, conhecido também como degelo, foi o desenvolvimento, no ocidente, do chamado “renascimento do marxismo”, marcado pela remoção de alguns traços do período estalinista, especialmente o conteúdo daquilo que se conhecia como “marxismo-leninismo”, pela recuperação e releitura de textos de Karl Marx, assim como pela reaproximação e descoberta dos trabalhos de Gramsci, Rosa Luxemburgo, Lukacs e da Escola de Frankfurt.⁷¹⁷ Outro efeito do pronunciamento de Krushev foi destacado por Bronislaw Baczko para quem as denúncias não apenas destruíram a imagem do líder soviético, como também colocaram em questão a ortodoxia e o mito, “isto é, as matérias-primas que serviram para o fabrico da imagem”.⁷¹⁸ François Furet corroborou com essa perspectiva quando salientou que o ano de 1956 marcou o fim do mito unificado do bloco comunista.⁷¹⁹

As culturas políticas comunistas foram profundamente impactadas e transformadas após o XX Congresso do PCUS, porém o processo foi longo. Nos congressos seguintes do PCUS, novas críticas foram apresentadas contra Stálin, inclusive com ênfase à repressão injustificada aos membros do PCUS a partir da década de 1930. Em 1961, por exemplo, no XXII Congresso do PCUS, os soviéticos decidiram retirar o cadáver de Stálin no mausoléu onde estava, na Praça Vermelha, junto ao corpo de Lenin. Roca, que esteve presente nesse evento, comentou sobre a dificuldade que alguns militantes tinham em aceitar as críticas feitas a Stálin. Segundo ele, havia “sentimentos arraigados” dentro da militância, que ficou profundamente abalada com os fatos revelados por Krushev. Roca fez, inclusive, uma autocrítica dizendo: “Acreditávamos que tudo de mal que se falava dele era somente calúnias dos inimigos da revolução, do poder soviético e do comunismo. Desgraçadamente as calúnias dos inimigos se baseavam em algumas

⁷¹⁶ LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeante... la culture politique communiste, p. 240-241. In: BERSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Seuil, 1999, p. 240. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: Rioux & Sirinelli (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 357.

⁷¹⁷ MAREK, Franz. A desagregação do estalinismo. In: Badaloni, Nicola *et al.* Coordenação de Eric Hobsbawm. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do estalinismo. Volume 10. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987, p. 311.

⁷¹⁸ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 330.

⁷¹⁹ FURET, François. *O passado de uma ilusão*, p. 543.

realidades, em alguns fatos concretos, que eles elevaram à categoria de sistema e diminuíram o socialismo como regime e o comunismo como movimento”.⁷²⁰

Notamos que a crítica a Stálin em Cuba foi desenvolvida em concordância com o que se dizia na URSS e a “desestalinização” dentro do PSP foi um processo de relativa duração, tanto que encontramos referências e problematização sobre Stálin e o XX Congresso nos anos de 1960 na documentação partidária, mostrando a perenidade do processo de abandono do mito.

2.5.2. As transformações táticas realizadas pelos socialistas populares

Como mostramos, as referências a Stálin desapareceram e foi no curso dessa transformação que uma mudança tática ainda mais significativa ocorreu dentro do PSP. Ainda em 1956, o PSP lançou a “Linha de Agosto”, adotada no segundo semestre desse ano. A escolha do mês era uma referência ao processo de mobilização que derrubou a ditadura de Gerardo Machado em agosto de 1933 por meio de um levantamento popular e de uma greve geral. Recorrendo a um exemplo de sua própria história, os comunistas decidiram repetir a fórmula daquele ano e optaram por investir suas forças em táticas já experimentadas.

Os socialistas populares pretendiam, com essa mudança, intensificar os protestos, as paralisações e ampliar o movimento de massas que deveria levar a uma greve geral, à renúncia de Batista e à instalação de um regime democrático. Essas ações seriam estimuladas e orientadas pelos comitês partidários e sindicatos dirigidos pelos comunistas. Quando a “Linha de Agosto” foi adotada, as guerrilhas ainda não se desenvolviam na Ilha. Então, não era uma questão do momento para os comunistas apoiar ou não a luta armada.

As escolhas políticas e táticas dos socialistas populares refletiam também a perspectiva teleológica da doutrina, ou seja, a ideia de que o curso dos acontecimentos estava pré-determinado, porque as leis da história implicavam em desenrolar científico para os eventos. Os comunistas possuíam uma ideia progressiva dos acontecimentos, o que indica uma leitura apriorística da história. Observamos isso, por exemplo, quando Aníbal Escalante escreveu: “Nós vamos com a história. Nós marchamos com o tempo. A libertação de Cuba e o socialismo resultam das mudanças que operam na estrutura social. Nossa vitória é, por isso, inevitável”.⁷²¹ Por isso, essa perspectiva desembocou em uma “doutrina da inevitabilidade”⁷²² e condicionou o comportamento político do MCI e do PSP até meados de 1957.

⁷²⁰ ROCA, Blas. Un congreso que hace historia. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1961, año I, n° 4, p. 13.

⁷²¹ ESCALANTE, Anibal. Notas del director: una certidumbre. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 130, 1° de junio de 1952, p. 1.

⁷²² O conceito foi citado por BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*, p. 159.

É fundamental considerarmos que aqueles homens e mulheres realmente acreditavam que a médio prazo conseguiriam implantar o socialismo e de que eles viviam na época derradeira do capitalismo. Em várias passagens, os socialistas populares expressaram ideias como: “nada nem ninguém pode impedir nosso triunfo”,⁷²³ as quais se referiam à crença nas leis da história propostas por Marx. A “Linha de Agosto” é também um reflexo dessa crença na medida em que, ao optar pelo escalonamento das greves e defender a democracia parlamentar, os comunistas pretendiam cumprir progressivamente as etapas do processo revolucionário (chegada dos trabalhadores ao poder, criação das condições objetivas e subjetivas, instalação da ditadura do proletariado, fim do Estado, sociedade comunista) tal como o MCI e os soviéticos defendiam.

As historiadoras cubanas Angelina Rojas Blaquier e Caridad Massón Sena concordam que, naqueles anos, os comunistas foram incapazes de pensar em outras formas de luta durante quase toda a ditadura. Parece-nos que esse é mais um traço do comportamento dogmático do PSP, pois o Partido se manteve atrelado às formulações cristalizadas pelo Movimento Comunista Internacional, como o etapismo, a inevitabilidade da revolução, a necessidade do protagonismo do proletariado, do partido como vanguarda e, principalmente, da frente única e do governo democrático, mesmo diante de circunstâncias tão adversas (as perseguições, demissões, prisões e exílios).

2.6. A relação dos comunistas com a luta armada e a participação no fim da ditadura de Batista entre 1957 e 1958

Em novembro de 1956, os integrantes do Movimento 26 de Julho desembarcaram em Cuba com a pretensão de iniciar uma guerrilha na parte oriental da Ilha. A chegada do iate *Granma* já era esperada pelas tropas do general Batista que, em meio a troca de tiros na praia de *Las Coloradas*, mataram diversos expedicionários. Os sobreviventes se dispersaram na região e conseguiram se unir, dias depois, nos picos da *Sierra Maestra*, onde formaram o exército guerrilheiro. Diante do caos oriental, os comunistas convocaram seus membros, simpatizantes e demais grupos políticos a saírem em defesa de Fidel Castro e dos homens sob o comando dele.⁷²⁴ O PSP alegava que, apesar da diferença tática, nutria simpatias por Fidel por causa da coragem do líder e pela estratégia comum que ambos tinham de derrubar a ditadura.

⁷²³ ROCA, Blas. El honor de ser stalinista. *Revista Fundamentos*, febrero de 1950, año X, nº 95, p. 106.

⁷²⁴ Logo após o desembarque do *Granma*, o regime ditatorial intensificou a perseguição na região oriental e, na noite de 25 de dezembro e madrugada do dia 26, assassinou vários opositores, dentre os quais encontravam-se cinco membros do PSP. Esse massacre ficou conhecido como *Pascuas Sangrientas*. Ver: ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 192-193.

Inicialmente, a condenação da luta armada ganhou impulso dentro do PSP quando as guerrilhas começaram a se desenvolver, isso porque a matriz ideológica à qual se filiavam os comunistas se chocava com a guerra de guerrilhas, como apontamos. Os debates internos sobre as táticas, se ocorreram, não puderam ser recuperados, pois não há atas de reuniões do PSP no contexto da ditadura disponíveis para a consulta. Os resquícios desse passado só podem ser acessados através da documentação da imprensa partidária, onde as interrogações dos socialistas populares quanto às decisões internas e ao contexto político não eram publicadas. Nesses meios eram veiculados documentos oficiais resultantes da síntese e concordância de opiniões formuladas pela direção socialista popular. Pela leitura dessas fontes, é possível apreender a transformação sobre a concepção tática vivenciada pelo PSP, mas a forma como essas mudanças ocorreram internamente é um tecido narrativo cuja historiografia dificilmente poderá tecer, pois os fios que lhe dão forma se perderam no tempo ou se encontram em arquivos até o momento inacessíveis.

A reconsideração sobre as formas de luta foi um processo que aconteceu dentro do Partido entre fins de 1956 e meados de 1957. Caridad Massón Sena destacou que, em 1956, Blas Roca e Edith García Buchaca estiveram em um ciclo de conferências dos PC's na China e, no relato sobre os debates do evento, García Buchaca comentou:

Por aquela época, imperava o critério de que as revoluções armadas vitoriosas só podiam ocorrer em países que reunissem determinadas características, entre elas um amplo território e possibilidades de autoabastecimento em momentos críticos, atribuindo-se grande importância às zonas montanhosas para a guerra de guerrilhas. De acordo com isso, se excluía Cuba de toda possibilidade de uma vitória por via insurreccional.⁷²⁵

Na passagem, destaca-se a percepção aberta pela Revolução Chinesa sobre o papel das guerrilhas e da insurreição como métodos para tomar o poder e, novamente, aparece a ideia de que a revolução estava condicionada à existência de pré-condições, as quais Cuba não possuía. A via chinesa foi, por isso, descartada inicialmente pelos comunistas cubanos, porque, a teoria elaborada pelo MCI assegurava que em termos geográficos ela, não lograria sucesso na Ilha.

Nessa mesma época, como apontamos, o PSP havia adotado a “Linha de Agosto”, com o objetivo de escalonar o movimento de massas. Apesar dos esforços, a mudança tática também não surtiu efeito, na nossa interpretação, por algumas razões. Como destacamos, os comunistas estavam na clandestinidade, o que dificultava o trabalho de recrutamento e organização das massas e de mobilização dos trabalhadores. Na medida em que as possibilidades pacíficas

⁷²⁵ Edith García Buchaca apud MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 245.

(acordos, eleições, protestos) para solucionar a crise se esvaíram, o apoio às táticas violentas começou a aparecer como uma possibilidade na documentação partidária. Isso pode ser observado em uma matéria publicada na *Carta Semanal*, antes mesmo da adoção da “Linha de Agosto”, quando os comunistas admitiram a possibilidade de adotar a insurreição se a conjuntura fosse favorável:

Porque ambos os procedimentos (que são táticos os dois) podem e devem se usar em sucessão, ou um no lugar do outro, ou mezclados, de acordo com as circunstâncias. Pode que em um momento dado a consigna eleitoral deixe de ser a adequada e então passe a primeiro plano a insurreição, ou vice-versa. Porém, seria absurdo se declarar partidário do eleitoral somente ou partidário da insurreição.⁷²⁶

Salientamos que, para o PSP, o uso dessas táticas deveria ser precedido pelo envolvimento dos trabalhadores nelas e também por paralisações e greves. Ou seja, a condição para o apoio e a adoção das ações violentas estavam condicionadas à aceitação delas pelas massas. O PSP alegou ainda que era necessária a existência de condições “maduras” para a adoção da luta armada.⁷²⁷ Corroboramos com Massón Sena quando ela apontou que as alternativas apresentadas pelo PSP nos meses iniciais de 1957 representavam uma “mescla de critérios táticos contraditórios”.⁷²⁸ Parece que o Partido ainda estava dividido entre a possibilidade de apoiar as guerrilhas e o desejo de se manter fiel ao pacifismo e à frente única defendida pela URSS.

Em 13 de março de 1957, os dirigentes do Diretório Estudantil Revolucionário (DER),⁷²⁹ comandados por José Antonio Echeverría, iniciaram uma ação armada com o objetivo de assaltar o Palácio Presidencial, tomar uma rádio (chamada *Radio Reloj*) e ocupar a Universidade de Havana, onde deveria ser a sede da revolução após a tomada do poder.⁷³⁰ O ataque não teve sucesso e os estudantes envolvidos nele foram presos ou mortos nos conflitos contra as forças de segurança da ditadura, inclusive Echeverría veio a óbito durante o confronto. Na ocasião, o PSP apontou que as massas não estavam maduras para a ação armada, insurrecional ou *putschista* naquele momento e, por isso, o assalto tinha sido um fracasso.

⁷²⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama político. *Carta Semanal*, nº 142, 2 de mayo de 1956, p. 5.

⁷²⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama político. *Carta Semanal*, nº 157, 15 de agosto de 1956, p. 5.

⁷²⁸ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 248.

⁷²⁹ O Diretório Estudantil Revolucionário (DER) foi criado em 1955 por José Antonio Echeverría, presidente da FEU, desde 1954, para servir como uma facção armada dos estudantes. Outros membros da direção do DER foram Fructuoso Rodríguez, Faure Chomón, René Anillo. Ver: MENCÍA COBAS, Mario. El Directorio Revolucionario y la FEU de José Antonio Echeverría. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 175.

⁷³⁰ CHOMÓN MEDIAVILLA, Faure. La hombrada de José Antonio. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 196.

Apesar da sinalização de mudanças internas, o PSP voltou a condenar as ações violentas. De modo geral, as derrotas do movimento armado,⁷³¹ que fracassaram dentro da Ilha ao menos até a metade de 1957, alentaram, durante um tempo, as esperanças comunistas de que a tática de frente única era realmente o caminho correto.

O PSP também continuou condenando a divisão da oposição. Quando, em julho de 1957, Fidel Castro, Raúl Chibás e Felipe Pazos fizeram chamadas através do *Manifiesto Político-social desde la Sierra Maestra* para a união de toda a oposição a fim de formarem uma Frente Cívico-Revolucionária, os socialistas populares responderam positivamente, mas pediram para que os organizadores deixassem clara a abrangência da coalizão, pois não sabiam se estavam incluídos nela. O PSP alegou que a inexistência de um acordo amplo se devia unicamente à recusa das demais agrupações em aceitá-lo. Acreditamos que a postura reticente do Partido em relação às guerrilhas também foi motivada pela resistência dos guerrilheiros em incluir os comunistas em suas ações e coalizões.

Lembramos também que anticomunismo insular não se manifestou somente nos setores das direitas. Dentro da oposição ao regime, ele era bem forte. Em março de 1958, por exemplo, Juan Marinello enviou uma carta à Federação dos Estudantes Universitários, umas das principais aliadas do MR-26-7, onde contestava as acusações da FEU publicadas na revista estudantil *Alma Mater*, de que os comunistas estavam apoiando Batista, de que não havia membros do Partido presos, nem assassinados pelo regime. Marinello considerou a reportagem da Federação um ataque “desleal, repudiável e calunioso” e pediu uma retificação das calúnias feitas contra o PSP.⁷³²

Apesar das hostilidades anticomunistas, o PSP intensificou seus clamores pela união das forças oposicionistas no final de 1957 e começo de 1958. Nessa época, o Partido usou extensivamente imagens e charges na *Carta Semanal*. Como Wunenburger apontou, o uso da imagem serve para enriquecer o imaginário e simplificar a mensagem contida nas representações linguísticas⁷³³ e o apelo a elas mostrava a urgência das propostas defendidas pelos socialistas populares. A seguir, observamos dois aspectos do imaginário comunista – a unidade e a ideia de repetição de um acontecimento histórico – que se converteram em pautas

⁷³¹ Como exemplo, citamos o assalto ao quartel de Moncada, o ataque ao Palácio Presidencial, organizado pelo DER, o desembarque do Granma, a expedição do iate *Corinthya*, organizada pelo coronel Ramón Barquín, que conspirou para depor Batista, em 1955, e as sublevações militares aplastadas pelo regime, como o levante ocorrido na base naval de Cienfuegos, em setembro de 1957. O fracasso dessas ações militares reforçava a perspectiva do PSP de que o recuso às armas era uma tática inadequada para a realidade política insular.

⁷³² MARINELLO, Juan. Carta de Juan Marinello a la FEU. *Respuestas*, año IV, n° 157, 14 de marzo de 1958, p. 8.

⁷³³ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*, p. 29.

fundamentais para o PSP naquele momento. Na figura 8, a união das massas é a responsável por balançar a “árvore da tirania”, onde se encontram os órgãos de repressão, Batista, ao meio, e o Tio Sam.⁷³⁴ Na edição da *Carta Semanal*, de 2 de abril de 1958, uma nova charge com o povo derrubando a árvore da tirania foi publicada, mas, dessa vez, as raízes já estavam mais expostas. Isso indica a percepção de que o regime ditatorial estava caindo por causa da unidade das forças opositoras, endossando o imaginário relacionado à eficiência da união em uma frente única:

Figura 8 - Charge publicada no folheto *Carta Semanal*



Fonte: *Carta Semanal*, 14/8/1957, p. 1.

Na figura 9, no primeiro plano, aparecem José Martí e Antonio Maceo conduzindo as massas no início da Guerra de Independência e, no segundo plano, Martí indica o caminho de unidade que o povo cubano deveria seguir. Novamente, o PSP reforça a ideia dos ensinamentos previsores dos “heróis” nacionais e a interpretação de que eles, se estivessem vivos, apoiariam a união de todos os opositores ao regime, sem exclusão ou preconceitos políticos. Em nossa

⁷³⁴ Os demais personagens da imagem são, provavelmente, Salas Cañizares ou Anselmo Alliegro (de óculos), Santiago Rey, ao lado de Batista, e, mais abaixo, o coronel Tabernilla. A representação dos personagens, apesar de dificultar o nosso reconhecimento, serviu, à época, para intensificar os traços de “monstruosidade” daqueles políticos e militares, que eram representados com bocas grandes, dentes afiados, sempre com um pouco de sangue escorrendo da roupa ou das mãos.

concepção, ambas as imagens ainda reforçavam o frentismo em detrimento da luta armada que ocorria na parte oriental:

Figura 9 - Charge publicada no folheto *Carta Semanal*



Fonte: *Carta Semanal*, 26/2/1958, p. 1

A inexistência de pactos baseados na frente única frustrou a opção tática comunista e, enquanto isso, a oposição acordava diversos programas de ação e não incluía o PSP em seus arranjos políticos. O movimento de massas (greves, paralisações), principal aposta socialista após a adoção da “Linha de Agosto”, não parecia ter forças para derrubar a ditadura. Ao contrário do prognóstico comunista, o Movimento 26 de Julho não minguou, mas, ao contrário, as guerrilhas expandiram seu domínio nos territórios da *Sierra Maestra*, cresceram numericamente e melhoraram a organização interna. Diante da conjuntura, o PSP iniciou a reconsideração tática que o encaminhou para a luta armada. O passo inicial para a mudança foi a viagem dos comunistas Carlos Rafael Rodríguez e Jorge Risquet pela América Latina para informar aos partidos comunistas da região sobre as peculiaridades da realidade insular, buscar solidariedade para a Revolução que se avizinhava e afirmar a convicção deles de que a mesma não aconteceria sem o Partido Socialista Popular.⁷³⁵

⁷³⁵ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 248. Carlos Rafael Rodríguez comentou que ele percorreu o Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Equador e Colômbia. Dias depois, Jorge Risquet foi para a Venezuela. O objetivo das viagens era informar às direções dos PC's destes

2.6.1. Os comunistas “sobem” a *Sierra*: a adesão do Partido à guerra de guerrilhas

A historiadora Angelina Rojas Blaquier apontou que, desde o final de 1957 o PSP havia dado a autorização a seus militantes para se incorporarem às forças rebeldes, informação retirada de um depoimento do militante socialista popular Pelegrín Torras para o intelectual Lionel Martin.⁷³⁶ Carlos Rafael Rodríguez também confirmou essa informação em um testemunho publicado nos anos 1980 na revista *Verde Olivo*.⁷³⁷

Ainda segundo Rojas Blaquier, a reconsideração da opção tática se iniciou dentro do Partido após a vitória rebelde de *El Uvero*,⁷³⁸ ocorrida em maio de 1957. Essa segunda afirmação de Rojas Blaquier não aparece na documentação partidária da época, mas, ao contrário, o que observamos é a reafirmação da condenação da luta insurrecional, contradizendo a informação da pesquisadora cubana. Contudo, a situação descrita por Rojas Blaquier instiga a imaginação do historiador sobre os eventos que se passaram nos bastidores políticos, em especial os acordos e encontros secretos promovidos entre as lideranças, mas, na ausência de documentos comprobatórios, optamos por tecer uma narrativa baseada nas fontes oficiais que estão disponíveis.

O que se pode afirmar, inicialmente, é que diversos membros do PSP subiram a *Sierra Maestra* antes que o Partido declarasse oficialmente seu apoio às guerrilhas. Desde o começo 1958, constantemente, os comunistas relataram em sua imprensa os eventos ocorridos na *Sierra Maestra*, colocaram-se como defensores dos insurgentes e acusaram Batista pela violência praticada na região. Ao comentar sobre a situação das guerrilhas, os comunistas escreveram:

[...] o Partido Socialista Popular é o único partido que, apesar de suas radicais discrepâncias com as táticas do “26 de Julho” no resto do país, justifica e compreende a ação guerrilheira da *Sierra Maestra*, mesmo que não a considere com poder suficiente para decidir a crise de Cuba e coloca abaixo a tirania, a qual, por sua parte, também não está em condições de vencer as guerrilhas.⁷³⁹

países que o PSP iria se incorporar ao movimento armado liderado por Castro. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Como vi surgir en la Sierra nuestras fuerzas armadas revolucionarias. *Revista Verde Olivo*, año XXVII, n° 48, 4 de diciembre de 1986, p. 6.

⁷³⁶ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 204. Não encontramos essas informações na documentação primária, mas consideramos que dificilmente o PSP as teria publicado, porque isso poderia desencadear ainda mais perseguições ao Partido e às guerrilhas.

⁷³⁷ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Como vi surgir en la Sierra nuestras fuerzas armadas revolucionarias. *Revista Verde Olivo*, año XXVII, n° 48, 4 de diciembre de 1986, p. 6.

⁷³⁸ Ataque do exército rebelde ao quartel situado em *El Uvero*, que resultou em diversas baixas das forças ditatoriais e a tomada das armas do quartel pelos rebeldes. Paula Rodríguez Serrano escreveu que a batalha aumentou o prestígio da guerrilha e marcou o fim do seu “nomandismo.” Ver: RODRÍGUEZ SERRANO, Paula. *Desarrollo de la Lucha revolucionaria, desde el desembarco del Granma hasta las acciones victoriosas de 1957*. In: *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p.132.

⁷³⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Contra la falsedad y la calumnia. Con motivo de un reportaje de “look” sobre la Sierra Maestra. *Carta Semanal*, n° 235, 12 de febrero de 1958, p. 5.

No mesmo mês em que a passagem acima foi publicada, a qual alegara a impossibilidade das guerrilhas do MR-26-7 vencerem a ditadura, o PSP organizou um destacamento guerrilheiro chamado Máximo Gómez na zona de *Jobo Rosado*, município de *Yaguajay*, antiga província de *Las Villas*, sob o mando do comunista Félix Torres,⁷⁴⁰ com o objetivo juntar essa frente com as tropas do MR-26-7 alocadas na região. Contudo, os militantes comunistas só conseguiram se incorporar às tropas castristas com a chegada da coluna “Antonio Maceo”, liderada por Camilo Cienfuegos, em outubro de 1958.

A junção das tropas foi prejudicada pelo anticomunismo de Regino Machado, chefe do MR-26-7 em *Jobo Rosado*, que não aceitou a incorporação dos socialistas populares em suas fileiras. Nenhum dos intelectuais que comentou a abertura da frente guerrilheira em *Yaguajay* apontou as razões dos comunistas para a escolha daquela região. Acreditamos que a escolha foi motivada pela influência política que o Partido tinha na cidade, pois havia ocupado sua prefeitura antes do golpe e porque aquela era uma área onde outros movimentos armados se desenvolviam,⁷⁴¹ mas, sem dúvida, é intrigante pensar que os comunistas abriram uma frente guerrilheira independente antes de se vincularem oficialmente ao MR-26-7. Percebemos a contradição, nesse caso, entre o que foi publicado na *Carta Semanal* (condenação da guerrilha do MR-26-7) e a orientação tática (montar uma guerrilha própria), o que indica, em nossa visão, a resistência dos comunistas para se subordinarem ao mando de outro grupo.

Foi a partir de março de 1958 que os comunistas mudaram oficialmente a perspectiva que tinham em relação ao Movimento 26 de Julho. O primeiro momento em que declararam publicamente apoio às guerrilhas foi na edição de 12 de março da *Carta Semanal*, quando publicaram uma reportagem intitulada “Porque nosso partido apoia a *Sierra Maestra*”, e nela reafirmaram a opção partidária pelo pacifismo, mas admitiram que se o inimigo resistia, então era aceitável recorrer à luta armada, à insurreição e à ação guerrilheira. Não houve um abandono do “frentismo”, mas a aceitação de outras táticas que deveriam ser adotadas ao mesmo tempo.

O apoio às guerrilhas ocorreu porque o PSP identificou, segundo a própria concepção partidária, a vinculação das massas, especificamente dos camponeses da *Sierra Maestra*, ao movimento armado.⁷⁴² Os comunistas não viam mais as guerrilhas como um movimento

⁷⁴⁰ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 220.

⁷⁴¹ Operavam em *Las Villas*, um grupo guerrilheiro chefiado por Faure Chomón organizado no começo de 1958 com os membros do Diretório Estudantil 13 de Março. Na região da *Sierra de Escambray* estava um acampamento dirigido por Eloy Gutiérrez Menoyo integrado também por membros do Diretório e a *Organización Auténtica* (OA) comandada por Carlos Prio Socarrás.

⁷⁴² “Tão logo a ação armada se tornou realmente uma ação guerrilheira, ligada às massas camponesas da região e o povo, teve de imediato nossa solidariedade”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Por qué nuestro Partido apoya a la Sierra Maestra. *Carta Semanal*, n° 239, 12 de marzo de 1958, p. 1.

isolado, sem ligação e apoio da população. Para o PSP, os camponeses e operários ajudaram e ingressaram no exército rebelde porque identificaram nele uma forma de derrubar o regime, o que tornou a luta armada uma tática de massas e, partindo dessa perspectiva, o Partido apoiou as guerrilhas com base na justificativa de que finalmente havia uma vinculação entre os anseios populares e a luta insurrecional.

Em outra passagem, os comunistas alegaram: “Nós procuramos além de ajudar a atividade das forças patrióticas que operam na *Sierra Maestra*, impulsionar o enlace entre a ação guerrilheira e a luta de massas em toda a zona fronteiriça”.⁷⁴³ É interessante observar que o Partido se colocou como o impulsionador do vínculo entre as guerrilhas e as massas, como o intérprete e mobilizador dos trabalhadores, quer dizer, como um mediador entre a população e a luta armada. Tal concepção é um reflexo da autorrepresentação que os comunistas costumavam fazer de si mesmos como vanguarda das massas e, conseqüentemente, como intermediador das relações que essa classe social estabelecia. Entretanto, a adesão dos camponeses da *Sierra Maestra* às guerrilhas não foi intermediada pelos comunistas, ainda que o Partido tenha estimulado a adesão da população ao movimento armado.

Quando o movimento grevista se espalhou pelo país, no começo de abril de 1958, o PSP saudou as paralisações com entusiasmo, pois via nelas o crescimento do movimento de massas tão defendido pelo Partido. A greve geral revolucionária também era discutida desde os primeiros momentos das guerrilhas na *Sierra Maestra*, debate que gerou atritos dentro do MR-26-7 acerca de como a greve deveria ser constituída, uma vez que, segundo Nora Alcázar Santana, a direção do *llano* (facção do MR-26-7 que atuava nas áreas urbanas) considerava que existiam condições para realizar a ação e os militantes da *Sierra* não compartilhavam da mesma opinião e defendiam a necessidade de ampliar o movimento armado antes de convocar a greve geral revolucionária.⁷⁴⁴

Apesar do atrito, Fidel Castro e Faustino Pérez, líder na resistência cívica em Havana do MR-26-7, lançaram um manifesto intitulado “Guerra Total contra a tirania” em março de 1958, conclamando a população para aderir ao movimento grevista que seria convocado em breve e reconheceram a *Federación Obrera Nacional* (FON), órgão sindical chefiado pelo Movimento 26 de Julho, como o único dirigente da greve. Essa ação foi marcada para 9 de abril, data conhecida somente pelo movimento rebelde, e deveria ser antecedida e acompanhada por

⁷⁴³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Por qué nuestro Partido apoya a la Sierra Maestra. *Carta Semanal*, n° 239, 12 de marzo de 1958, p. 1-2.

⁷⁴⁴ ALCÁZAR SANTANA, Nora. La lucha revolucionaria durante 1958. In: *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 140.

atividades de sabotagem e explosão de bombas. Os comunistas responderam com entusiasmo à proposta e convocaram seus membros e simpatizantes para aderir ao movimento, apesar de não terem conhecimento dos preparativos nem da data da greve.

No dia marcado, em diversas províncias, ocorreram paralisações dos trabalhadores, de organizações patronais e profissionais. O problema foi o que se passou na capital do país, onde o movimento fracassou, e até hoje não há um consenso historiográfico sobre o envolvimento e responsabilidade de cada grupo no desenrolar dos acontecimentos. O cientista político brasileiro Luis Alberto Moniz Bandeira salientou a disposição do PSP em sabotar a greve de abril, mas não apresentou elementos para comprovar a afirmação.⁷⁴⁵ Já Marifeli Pérez-Stable argumentou que as paralisações fracassaram porque a CTC e o governo controlavam claramente a situação sindical na capital do país.⁷⁴⁶ O historiador inglês Richard Gott defendeu que a direção do MR-26-7 em Havana não incluiu os comunistas na organização da greve.⁷⁴⁷ Comungam com essa última perspectiva as historiadoras Caridad Massón Sena e Angelina Rojas Blaquier, e o também historiador cubano Ramiro J. Abreu, para os quais a direção do MR-26-7 não realizou os contatos e a organização necessária a fim de alcançar o sucesso do movimento.⁷⁴⁸ Corroboramos com as análises dos quatro últimos pesquisadores, como mostraremos a seguir.

O chamado feito aos trabalhadores por David Salvador, representante da FON em Havana, não alcançou o resultado esperado, pois as forças policiais desmobilizaram rapidamente as paralisações e interromperam diversas outras quando os trabalhadores tentaram ocupar fábricas e oficinas. De acordo com os comunistas, o chamado de Salvador foi unilateral, sem um acordo prévio e, por isso, surpreendeu a oposição e as massas, gerou confusão e dispersão, motivando o fracasso da greve na capital. Para o PSP, a paralisação só poderia ser convocada pelos comitês de greve, muitos dos quais eram chefiados pelos comunistas, e não da forma como ocorreu, “de maneira ligeira, por simples chamada através da rádio, com métodos que não são os da classe operária”.⁷⁴⁹

O insucesso da ação também foi representado pelos comunistas como uma prova de que a divisão da oposição e a falta de coordenação de suas ações permitiam o prolongamento do

⁷⁴⁵ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 186.

⁷⁴⁶ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*. Orígenes, desarrollo y legado. Madrid: Editorial Colibrí, 1993, p. 103.

⁷⁴⁷ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 187.

⁷⁴⁸ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 248; ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 214. ABREU, Ramiro J. *En el último año de aquella república*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984, p. 182.

⁷⁴⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones del PSP: Las mentiras del gobierno sobre la huelga y la situación. *Carta Semanal*, n° 244, 16 de abril de 1958, p. 1.

regime. O PSP acusou a direção do MR-26-7 de Havana de usar uma tática “comandista”, entendida como uma ação de comando oriunda somente da direção FON, sem um acordo com as massas e as demais organizações da oposição, crítica que aparece de maneira evidente na citação:

[...] uma ordem de greve geral improvisada, estridente, sensacionalista, sem base organizada, sem contar com as massas. Não houve mais organização, mais preparação, nem mais ordem de greve, que uns chamados exaltados, porém sem fundo organizativo, que foram produzidos desde algumas estações de rádio que, seguindo uma tática aventureira, foram tomados de surpresa, sem a participação consciente de seus trabalhadores.⁷⁵⁰

Apesar das críticas ao MR-26-7, o PSP também considerou a importância das paralisações que ocorreram na Ilha, alegando que o povo mantinha em alta o espírito da luta e a greve geral continuava sendo considerada uma tática importantíssima na derrocada do regime, tanto pelos comunistas quanto pelo MR-26-7. Após o fracasso da greve, Castro se reuniu com a direção do Movimento 26 de Julho e juntos concluíram que fora adotado um errôneo princípio com o qual se preparou aquela ação e decidiram substituir David Salvador por Níco Torres.⁷⁵¹ Um dos participantes da reunião, Enzo Infante Urivazo, recordou que Salvador, de fato, havia negado a participação do PSP na organização da greve.⁷⁵² Ainda que ele não tenha dado muitos detalhes, é sintomática a influência do anticomunismo de David Salvador e os erros dele na convocação do movimento grevista.⁷⁵³ Ainda, ficou estabelecido naquela reunião que a direção máxima e única da guerra se encontrava na *Sierra Maestra* e era conduzida por Fidel Castro na condição de “comandante” do exército rebelde, o que deu a ele, definitivamente, a chefia das milícias urbanas que, até aquele momento, de acordo com Santana, estavam sob o comando dos dirigentes do MR-26-7 do *llano*.⁷⁵⁴

Em julho de 1958, diversos setores da oposição firmaram o Pacto de Caracas com base em um texto redigido por Fidel Castro. Seus signatários⁷⁵⁵ defenderam a insurreição armada

⁷⁵⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Orientación del día: Los acontecimientos de la semana pasada y lo que debemos hacer ahora. *Carta Semanal*, n° 245, 23 de abril de 1958, p. 3.

⁷⁵¹ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 216.

⁷⁵² INFANTE URIVAZO, Enzo. La reunión de Altos de Mompíe. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 334.

⁷⁵³ Depois da reunião, foi criada a *Frente Obrera Nacional Unida* (FONU), chefiada pelas lideranças da oposição. A FONU representava o movimento dos trabalhadores que estavam vinculados a alguns grupos políticos insulares, como MR-26-7, o Diretório Revolucionário e Partido do Povo Cubano (Ortodoxos). Na bibliografia pesquisada, não encontramos menção à ação dos comunistas dentro da FONU, o que reforça a nossa perspectiva de que as forças opositoras rejeitavam os acordos com os comunistas. Porém, encontramos, em um documento de 1959, a informação de que os socialistas populares estiveram na criação da federação, junto com o MR-26-7. Ver: ROJAS, Ursinio. La lucha por la unidad obrera. *Revista Fundamentos*, marzo de 1959, año XIX, n° 151, p. 22.

⁷⁵⁴ ALCÁZAR SANTANA, Nora. La lucha revolucionaria durante 1958, p. 141.

⁷⁵⁵ Fidel Castro (MR-26-7); Carlos Prío Socarrás (Organização Autêntica); Enrique Rodríguez Loeche (Diretório Revolucionário); David Salvador, Orlando Blanco, Pascasio Lineras, Lauro Blaco, José M. Aguilera, Angel Cofino

como o pilar da união das forças oposicionistas e a greve geral revolucionária como a culminação do esforço de unidade. Posteriormente, outras agrupações declararam apoio ao documento e dentre elas estava o PSP, que considerou positiva a iniciativa, apesar de seus organizadores não terem convidado os comunistas para participarem oficialmente dela.

Na perspectiva de Rojas Blaquier, o PSP não foi convidado para os acordos por causa da longa distância do destacamento comunista em relação à *Sierra* e pelo fato de que, naquele momento, não havia mal-entendido entre o MR-26-7 e o PSP, sendo assim não havia necessidade de enviar um membro do Partido ao encontro na *Sierra*.⁷⁵⁶ Não discordamos da perspectiva da autora, mas acreditamos que a ausência do PSP nos pactos se deveu mais ao anticomunismo dentro da oposição e ao receio de que o movimento de luta armada fosse associado ao Partido, o que poderia gerar um descontentamento dentro das próprias forças rebeldes, bem como fomentar o apoio bélico dos aliados de Batista, como os Estados Unidos.⁷⁵⁷

Em nossa avaliação, o PSP desejava participar oficialmente do pacto. A figura 10 mostra o proletário, que representava o PSP nas charges, apresentando o programa partidário em uma mesa de negociação com os demais membros da oposição. No plano consta, novamente, a palavra “união” em uma referência à proposta socialista popular de unidade da oposição:

(*Unidad Obrera*); Manuel Antonio de Varona (Partido Cubano Revolucionário); Lincoln Rodán (Partido democrata); José Puente e Omar Fernández (FEU); Gabino Rodríguez Villaverde (ex-oficial do exército); Justo Carrilo Hernández (Grupo Montecristi); Angel María Santos Buch (MRC); José Miró Cardono (coordenador e secretário geral do pacto). O número de instituições que assinaram o pacto é ainda maior do que os acordos anteriores e, mais uma vez, os comunistas não apareceram entre os assinantes.

⁷⁵⁶ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 228.

⁷⁵⁷ A partir de 1957, a preocupação dos Estados Unidos recaiu na possível ajuda dos comunistas ao movimento guerrilheiro e na penetração deles dentro do exército rebelde. Aqui, também, a instabilidade política foi considerada como uma circunstância favorável ao PSP. Em um despacho do embaixador Earl Smith, de dezembro de 1957, ele advertiu ao governo de seu país de que, se a conjuntura cubana se deteriorasse ainda mais ou se houvesse uma súbita derrubada do governo, a situação resultante seria a ascensão dos comunistas e dos ultranacionalistas, o que constituiria “um duro revés para a política dos Estados Unidos e um golpe para nossa liderança no hemisfério”. Ver: FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 307. *Memorandum From the Director of the Office of Middle American Affairs (Wieland) to the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Rubottom)*. 1955–1957, American Republics: Multilateral; Mexico; Caribbean, Volume VI, Washington, December 19, 1957.

Figura 10 - Charge publicada no folheto *Carta Semanal*



Fonte: *Carta Semanal*, 20/8/1958, p. 1.

Ao comentar sobre o Pacto de Caracas, o PSP instou os assinantes a serem flexíveis quanto à tática para que qualquer instrumento considerado útil pudesse ser utilizado na etapa final do conflito contra a ditadura, uma vez que, apesar do apoio às guerrilhas, o Partido continuou defendendo o pacifismo.⁷⁵⁸ No mesmo documento, o PSP elencou uma série de demandas para o programa político da frente formada pelos assinantes e apoiadores do pacto, dentre as quais estava o restabelecimento de garantias e a liberdade para os presos políticos, a dissolução dos corpos de repressão do regime, o julgamento dos responsáveis pelas torturas e pelos assassinatos, a derrogação das leis de repressão social e política, a renúncia de Batista e a instalação de um governo provisório que deveria realizar eleições livres e democráticas.⁷⁵⁹

Pelas demandas apresentadas, notamos que o PSP continuou defendendo o restabelecimento do sistema democrático, o que indica que a realização de uma revolução, a curto prazo, ainda não estava no horizonte de possibilidades do Partido naquele momento. Indica também a continuidade da visão etapista do processo revolucionário, porque, ao defender a democracia

⁷⁵⁸ “[...] quanto à tática, o PSP insiste, com toda a veemência, na necessidade de que a frente unida da oposição diga ao povo que está disposta a esgrimir todas as formas de ação de massas (desde o simples protesto em um centro de trabalho até a ação guerrilheira, a greve geral política, a insurreição popular, com expressa exclusão, claro, da atividade terrorista, que não é de massas e que, como é sabido, não só não ajuda a luta proletária e popular, mas que a prejudica, porque tende a paralisá-la), porém, em primeiro lugar, levanta a bandeira da paz e deixa a responsabilidade da guerra civil nas mãos exclusivas do governo tirânico e de seus protetores estrangeiros”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Propone el Partido Socialista Popular a los firmantes del Pacto de Caracas la inmediata convocación de la reunión de partidos y sectores opositores. Carta de Juan Marinello y Blas Roca, a nombre del PSP. *Carta Semanal*, n° 261, 13 de agosto de 1958, p. 2.

⁷⁵⁹ *Ibidem*.

parlamentar, os socialistas populares pretendiam criar as condições objetivas e subjetivas para a primeira etapa da revolução.

Dias depois da assinatura o Pacto de Caracas, o dirigente Carlos Rafael Rodríguez foi enviado para a *Sierra Maestra* como representante dos comunistas junto às forças rebeldes.⁷⁶⁰ Pensamos que a presença dele naquela região foi uma reafirmação do apoio do PSP à luta armada, porque Rodríguez era uma das principais lideranças socialistas populares. A presença do líder socialista na *Sierra* também foi uma forma de garantir a participação do Partido nos futuros arranjos políticos.

No segundo semestre de 1958, o exército rebelde varreu a Ilha de leste a oeste. Caridad Massón Sena destacou que as tropas de Ernesto Guevara receberam apoio do PSP em *Ciego de Ávila* e em *Las Villas*. Nessa província também, às tropas de Camilo Cienfuegos foi incorporado um destacamento militar formado por membros do PSP. Ainda de acordo com a autora, as guerrilhas do PSP tinham três destacamentos que realizaram ações de sabotagem e organizaram os camponeses em *Las Villas*.⁷⁶¹ Mesmo após a adesão dos comunistas às guerrilhas e a participação de Carlos Rafael Rodríguez na coluna de Fidel Castro, o Partido não foi incluído oficialmente nos acordos da oposição. Em 1º de dezembro de 1958, o MR-26-7 e o Diretório Revolucionário assinaram o *Pacto de Pedrero*, onde destacaram “a plena identificação que existe na luta contra a tirania” entre os dois movimentos, a intenção de ambos de manter a coordenação de suas ações militares e o compartilhamento de projetos políticos, como a realização da reforma agrária nas áreas onde as tropas do DR e do MR-26-7 haviam conquistado.⁷⁶²

Nas vésperas da Revolução, a oposição ao regime ainda rechaçava a presença e os acordos com os comunistas. O PSP, por sua vez, continuou defendendo a frente única, revelando que não houve um abandono do referencial soviético. Porém, ao mesmo tempo, ao aceitar a pluralidade tática e o reconhecimento da eficiência das guerrilhas, o que, em um primeiro momento, parece contraditório, os comunistas mostraram sua capacidade de leitura contextual. Como alegou Massón Sena, o PSP, de fato, não dirigiu a última etapa do processo

⁷⁶⁰ Após o período da luta insurrecional, Carlos Rafael Rodríguez, em uma das entrevistas sobre a experiência dele na *Sierra Maestra*, contou que foi para aquela região, em julho de 1957, e esteve ali por alguns dias, depois regressou para Havana e, posteriormente, voltou para a *Sierra*. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “El anticomunismo es el último reducto que queda a los imperialistas para lograr la división de las fuerzas revolucionarias,” disse Carlos Rafael Rodríguez, al regreso de la Sierra Maestra. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 6, 11 de enero de 1959, p. 1.

⁷⁶¹ William Galvéz apud MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 250.

⁷⁶² MOVIMIENTO 26 DE JULIO; DIRECTORIO REVOLUCIONARIO. Pacto de Pedrero. In: OJEDA BORGES, Leonardo *et. al.* *La Revolución cubana, 1953-1980*. Selección de lecturas 1, segunda parte. La Habana: Ediciones, 1983, p. 163-164.

revolucionário,⁷⁶³ mas transformou parte de suas perspectivas táticas e de sua relação com as agrupações políticas insulares para que pudesse participar como elemento central na condução da Revolução. Além disso, devemos lembrar, como ressaltou Julio César Guanche, que o PSP foi historicamente o principal mobilizador da ação da classe trabalhadora e ajudou a “(re)criar a tradição revolucionária de justiça social e de necessidade de mudanças, sem a qual uma insurgência armada não poderia triunfar em Cuba em apenas dois anos [...]”.⁷⁶⁴

O PSP demonstrou a capacidade de leitura conjuntural e adaptação da tática que defendia. Como destacou Berstein, uma cultura política, para não entrar em decadência, precisa se adaptar às mudanças da sociedade, alterar sua análise conjuntural e “adaptar seus princípios originais aos problemas do presente”.⁷⁶⁵ Compartilhando as ideias acerca da necessidade de adaptação como condição para a sobrevivência política, Marc Lazar alegou que as transformações sociais, políticas ou culturais não provocam automaticamente o declínio ou a ascensão dos partidos políticos.⁷⁶⁶ A sobrevivência deles está mais relacionada às respostas que dão às transformações e à capacidade de reformular suas proposições. Com base nisso, constatamos que os comunistas cubanos foram capazes de se adaptar para sobreviverem no tabuleiro político. Veremos que, após 1959, diversos políticos e partidos se desintegraram, distanciaram-se ou se opuseram aos rumos da Revolução Cubana. Os membros do PSP, porém, integraram-se a ela quase que unanimemente e permaneceram por décadas em cargos de direção.

2.6.2. Por que o Partido Socialista Popular não dirigiu a última etapa da luta insurrecional?

A historiadora cubana Caridade Massón Sena destacou seis razões pelas quais os comunistas não dirigiram a última etapa da luta insurrecional, sem, contudo, aprofundar-se nas explicações sobre as mesmas.⁷⁶⁷ A primeira delas foi o programa político do PSP que previa a solução pacífica e as vias parlamentárias para a crise nacional. Ao longo deste capítulo, reforçamos essa ideia ao apresentar documentos e análises que mostraram como os socialistas populares defenderam o frentismo e a coexistência entre os dois campos da Guerra Fria até o final de 1958, mesmo após terem apoiado e participado das guerrilhas.

⁷⁶³ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 251.

⁷⁶⁴ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*. La Habana: Ruth Casa Editorial, 2008, p. 18.

⁷⁶⁵ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 39.

⁷⁶⁶ LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeante, p. 240.

⁷⁶⁷ MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50, p. 252.

A segunda se refere ao isolamento político do Partido que decorria diretamente do forte apelo anticomunista existente em Cuba, o que impossibilitou a aproximação com outros grupos devido ao preconceito e à desconfiança que existia em relação ao PSP. A terceira se vincula à confiança que o Partido depositava no proletariado, especialmente nos setores urbanos, mesmo sabendo que essa classe não constituía a maioria dos trabalhadores cubanos e que muitos sindicatos estavam ocupados por direções anticomunistas, limitando ainda mais a ação naquela que deveria ser, na perspectiva do MCI, a vanguarda pela luta de libertação. Como apontamos, o apoio do Partido à guerra de guerrilhas só foi dado quando os socialistas populares avaliaram que a população da Província de Oriente estava apoiando o Movimento 26 de Julho, ou seja, foi necessária a participação das massas do local para que aquela tática pudesse ser considerada viável. A quarta razão foi a falta de dinamismo para se desprender do “frentismo” e adotar a luta insurrecional. Carlos Rafael Rodríguez, ao refletir posteriormente sobre a tática partidária, alegou:

Isso [a questão tática] não era muito fácil, em termos dos métodos tradicionais de pensar dos partidos comunistas. [...] Nunca se havia considerado antes a possibilidade de que um grupo de figuras que não eram membros do Partido e que não apareciam como sustentando a ideologia do proletariado, pudesse ter a direção de uma revolução se essa fosse ser uma revolução profunda, socialista.⁷⁶⁸

Rodríguez admitiu a dificuldade do PSP em aceitar a perda da hegemonia partidária na direção do processo revolucionário e salientou a dificuldade, em termos teóricos, dos socialistas populares de entenderem e aceitarem que um grupo não comunista tomasse a dianteira da Revolução. O dirigente socialista popular ainda alegou que o mesmo preconceito que existia dentro MR-26-7 contra os comunistas, existia também dentro do Partido contra os militantes considerados como pequeno-burgueses.⁷⁶⁹

A quinta diz respeito à crença partidária de que os Estados Unidos não aceitariam um governo dirigido pelos comunistas e que o derrubariam. E a sexta razão foi a equivocada leitura da conjuntura insurrecional de 1957 e 1958, quando os comunistas tentaram recriar as condições da revolução de 1933, ao invés de aderir imediatamente às guerrilhas. Podemos agrupar essas razões em fatores de ordem pragmática (o anticomunismo dentro dos grupos de oposição, o isolamento político) e de ordem ideológica (a escolha da tática, a confiança no protagonismo do proletariado e o receio de uma ocupação militar por parte dos Estados Unidos).

⁷⁶⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3. La Habana: Ediciones Unión, 1987, p. 440.

⁷⁶⁹ *Ibidem*, p. 370.

Pela trajetória que traçamos, notamos que o isolamento dos comunistas, motivado pelo anticomunismo e pelas perseguições das forças policiais, teve grande peso na movimentação do Partido no cenário político dos anos 1950. Inclusive, a ausência dos comunistas nos acordos encabeçados pelo MR-26-7, em nossa visão, foi motivada por uma tentativa de não minguar a opinião pública anticomunista que apoiava as guerrilhas. Muitas das principais lideranças do MR-26-7 eram anticomunistas ou tinham uma postura reticente em relação à participação do PSP nas ações conjuntas. Armando Hart Dávalos afirmou que havia muito preconceito contra a URSS dentro das fileiras rebeldes e que havia certa incompreensão sobre o que era o socialismo.⁷⁷⁰ O comandante Huber Matos, chefe da coluna 9 do Exército Rebelde, era declaradamente anticomunista e em suas memórias ele apontou que a presença do PSP na *Sierra* foi puro oportunismo e que, por ele, Fidel Castro não teria aceitado os comunistas dentro das guerrilhas.⁷⁷¹ Após a vitória rebelde, Blas Roca salientou que os ataques anticomunistas partiam, na época da insurreição, da rádio rebelde, órgão do MR-26-7, dirigida por Carlos Franqui,⁷⁷² que havia feito parte do PSP, mas rompeu com o Partido nos anos de 1940 e também se declarou anticomunista no contexto da guerra de guerrilhas no final dos anos de 1950.⁷⁷³ Vários membros do Movimento de Resistência Cívica⁷⁷⁴ de Havana, como Raúl Chibás,⁷⁷⁵ Raúl Roa e Carlos Lechuga⁷⁷⁶ eram opositores do PSP.

⁷⁷⁰ HART DÁVALOS, Armando. Fundación del Movimiento 26 de julio. In: In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 86-87. Hart Dávalos ainda alegou que, dentro do MR-26-7, havia uma grande reprovação à URSS e que as notícias do XX Congresso do PCUS tiveram enorme impacto na militância rebelde, o que fomentou o anticomunismo em alguns setores, mas não deu mais detalhes sobre a questão.

⁷⁷¹ MATOS, Huber. *Como llegó la noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 108.

⁷⁷² ROCA, Blas. Conclusiones sobre la discusión acerca de como defender la revolución y hacerla avanzar. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 67.

⁷⁷³ SUZANO JÚNIOR, Barthón Favatto. *Entre o doce e o amargo*: memórias dos exilados cubanos Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. São Paulo: Alameda, 2014, p. 75. De acordo com Favatto Júnior, Carlos Franqui vinha de uma família de comunistas, o pai dele também fora filiado ao PSP e ambos haviam trabalhado no jornal *Noticias de Hoy*. Franqui foi expulso do Partido no final dos anos 1940 e, quando ele se juntou ao MR-26-7, já era assumidamente anticomunista.

⁷⁷⁴ O Movimento de Resistência Cívica (MRC) foi uma organização que existiu em várias cidades cubanas e que auxiliou o MR-26-7 com o envio de mantimentos, armas e remédios para a *Sierra*, deu cobertura aos militantes quando estes se deslocaram dentro da Ilha, forneceu informação ao exército rebelde e ajudou na organização da greve de abril de 1958.

⁷⁷⁵ Raúl Chibas, líder do PPC-O e integrante importante do MRC, publicou na revista *Bohemia* que a ditadura, apesar de conhecer o paradeiro dos comunistas, não os “molestava”. Ver: CHIBÁS, Raúl. En Cuba. *Revista Bohemia*, 11 de diciembre de 1955, año 47, n° 50, p. 72. O PSP respondeu alegando que Chibás incentivava a repressão contra os comunistas e pediu um esclarecimento dele sobre aquela incitação. Ver: RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Carta a Raúl Chibás. *Respuestas*, año I, n° 43, 17 de diciembre de 1955, p. 1.

⁷⁷⁶ O PSP atacou e contra-atacou o professor Raúl Roa e o jornalista Carlos Lechuga diversas vezes na imprensa partidária. Roa e Lechuga publicavam constantemente artigos no jornal *El mundo* atacando a União Soviética, o bloco socialista e, ocasionalmente, os socialistas populares. Por causa disso, encontramos diversas cartas dos comunistas dirigidas a eles com o propósito de contestar os ataques feitos contra o Partido.

Além disso, havia o receio de que a associação com os comunistas pudesse reforçar a ofensiva militar contra as guerrilhas, pois Batista poderia usar a ameaça do “perigo vermelho” como justificativa para requerer ajuda militar dos Estados Unidos e da OEA. Os EUA forneceram armas para a ditadura cubana até o começo de 1958 e estiveram atentos à participação dos comunistas no exército de Fidel Castro. Segundo vários memorandos da diplomacia estadunidense de 1957, a embaixada dos EUA considerava que o Partido Socialista Popular possuía o mesmo objetivo do Movimento 26 de Julho, que era a derrubada do governo Batista, e estava pronto para capitalizar os conflitos políticos resultantes dos embates contra o regime.⁷⁷⁷ Uma conclusão que mobilizou a ação do governo estadunidense se encontra abaixo:

O comunismo se infiltrou neste Movimento [MR-26-7]. O Movimento é composto de elementos heterogêneos - a maioria deles indesejável. A segunda frente sob Raúl Castro é definitivamente antiamericana e ambas as frentes têm o apoio dos comunistas. Os vários grupos que compõem a oposição revolucionária são mantidos unidos pelo desejo comum de derrubar o regime de Batista. Uma vez que ele é removido, as forças centrífugas dos interesses egoístas podem ser esperadas, resultando em uma completa desintegração da oposição. Um período de caos certamente seguirá com derramamento de sangue, vandalismo e destruição desnecessária de vidas e propriedades inocentes.⁷⁷⁸

Havia a percepção, pelo que observamos no memorando anterior, de que os comunistas estavam usando os revolucionários, mas percebemos, além disso, a incerteza, por parte da embaixada, quanto à influência do PSP sobre o movimento armado, percepção que se manteve quase até a queda da ditadura. Em um memorando de 30 de dezembro de 1958, a embaixada relatou o pedido do governo cubano de suspensão do embargo de armas com a finalidade de assegurar a continuidade de Batista no poder e garantir que os EUA não encontrariam uma "Cuba comunista à sua porta".⁷⁷⁹ O pedido de Batista foi negado, mas, naquela altura, o exército rebelde já estava entrando em Havana e o ditador fugiu da Ilha no dia de ano novo de 1959. Esse comportamento da embaixada e da opinião pública não pode ser desconsiderado na avaliação dos fatores que limitaram a ação política dos comunistas, pois, como indicamos, os EUA pressionaram a ditadura cubana para reprimir o PSP.

Outro fator que nos parece importante destacar era a diferença etária entre as gerações que compuseram o Movimento 26 de Julho e o PSP. Essa diferença aparece inclusive na documentação partidária, quando os comunistas se referiam aos membros do MR-26-7 em

⁷⁷⁷ FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 121. *Paper Prepared by the Embassy in Cuba*. 1958–1960, Cuba, Volume VI, Havana, August 8, 1958.

⁷⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁷⁹ FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 200. *Telegram From the Department of State to the Embassy in Cuba*. 1958–1960, Cuba, Volume VI, Washington, December 30, 1958.

passagens como “Temos que dizer isso e convencer a esses jovens e a todos os jovens que como eles pensam, que o caminho é o da luta de massas [...]”⁷⁸⁰ ou “Exijamos anistia para os meninos de Moncada [...]”.⁷⁸¹ Em ambos os trechos, aparece a referência à forma como os comunistas viam os moncadistas (jovens, garotos, meninos) e essa era uma maneira de mostrar a diferença de experiência que separava as duas agremiações, sendo que o PSP se autorrepresentou como o verdadeiro “conhecedor da realidade nacional” e “possuidor da única solução política para crise”, enquanto o MR-26-7 foi representado durante boa parte dos anos 1950, como um grupo inexperiente que recorria a táticas ineficientes, apesar das boas intenções do movimento.⁷⁸²

Além da diferença de experiência política e de idade entre a direção de ambos os movimentos,⁷⁸³ corroboramos com a perspectiva de Alberto Aggio para quem outra distinção do MR-26-7 em relação às demais agrupações políticas era a noção de rebeldia como um elemento aglutinador da ação política, como parte do discurso revolucionário vinculado ao recurso às armas e à formação do exército rebelde como instrumento para a derrocada da ditadura, destoando do pacifismo defendido pelos comunistas.⁷⁸⁴ O sentido da rebeldia pode ser compreendido em uma passagem de Fidel Castro: “lutar por esse ideal sem vacilar ante nenhum risco ou sacrifício, sem duvidar em entregar os melhores anos da juventude e da vida, como estão fazendo hoje centenas de homens de nossa geração com incomparável desinteresse”.⁷⁸⁵

Também no *Pacto del Pedrero*, assinado pelo MR-26-7 e pelo DR, a ideia do protagonismo da juventude foi reiterada quando apareceu no documento a referência aos grupos que o assinaram: “[...] representam os mais puros ideais da juventude, levando grande parte do peso da insurreição cubana, sem a qual não existiria nem a *Sierra Maestra*, nem a *Sierra de*

⁷⁸⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comentarios al margen de una derrota del gobierno. *Carta Semanal*, nº 10, 20 de octubre de 1953, p. 1.

⁷⁸¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La nueva detención de Marinello. *Carta Semanal*, nº 49, 24 de julio de 1954, p. 5.

⁷⁸² Esta perspectiva fica clara na passagem seguinte, quando os comunistas fizeram referência a Moncada: “[...] se comprovou, enfim, que os jovens que participaram desta aventura não eram os “criminosos ferozes”, como quis pintar a propaganda eleitoral, mas, simplesmente, meninos com ideais, desesperados pela situação que padece Cuba e equivocados quanto aos métodos a empregar na luta para trazer à nossa pátria a democracia”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El juicio de Santiago. *Carta Semanal*, nº 9, 13 de octubre de 1953, p. 3, grifo nosso.

⁷⁸³ Os membros da direção do MR-26-7 nasceram, quase todos eles, entre meados da década de 1920 e 1930: Fidel Castro (1926), Raúl Castro (1931), Juan Almeida (1927), Ernesto Guevara (1928), Camilo Cienfuegos (1932), Melba Hernandez (1921), Haydee Santamaria (1923), Ramiro Valdes (1932), Frank País (1934), Reinaldo Benítez (1928), Celia Sanchez (1920). Somente Crescencio Perez (1895) nasceu antes dos integrantes da “geração do centenário”.

⁷⁸⁴ AGGIO, Alberto. *Um lugar no mundo*. Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2015, p. 88.

⁷⁸⁵ CASTRO, Fidel. Separación del Partido Ortodoxo. In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960, p. 104.

Escambray, nem o 26 de Julho em Moncada, nem um 13 de março no Palácio Presidencial”.⁷⁸⁶ Nesse sentido, a noção de rebeldia construída pelo MR-26-7 e pelo DR se vinculava à juventude (faixa etária) e à opção tática (luta armada), o que excluía o PSP do enquadramento de “rebeldia” cunhado pelas agrupações que protagonizaram e dirigiram a luta insurrecional.

Os membros do Movimento 26 de Julho, inclusive, reconheciam-se como a “geração do centenário”, uma alusão ao assalto de Moncada que aconteceu em 1953, data em que José Martí completaria cem anos. De acordo com Díaz Castañón: “Ao se denominar ‘geração do centenário,’ eles romperam abertamente com o estigma dos “revolucionários” dos anos trinta, e reclamaram o legado nacionalista de José Martí para propiciar a mudança que tão urgente se fazia”.⁷⁸⁷ Percebemos o esforço feito pelos “moncadistas” em se diferenciar dos demais grupos políticos insulares por meio de um discurso que reforçava a associação entre juventude, luta armada e rebeldia. Esse ímpeto de diferenciação se fez mais visível com a adoção do uniforme verde-oliva, da boina, da bandeira vermelha e preta e da barba dos guerrilheiros pelo MR-26-7.

Ademais, Rafael Saddi Teixeira apontou que alguns membros da insurreição dos anos 1950 eram netos dos revolucionários que lutaram nas guerras de independência do século XIX e também possuíam vínculos familiares com políticos e intelectuais que participaram da Revolução de 1933.⁷⁸⁸ Todos esses fatores moldaram as problemáticas políticas que marcaram o cenário no qual a “geração do centenário” iniciou suas lutas e deu a ela uma identidade que serviu, de antemão, como elemento aglutinador. O golpe de estado de Batista foi estopim que desencadeou a abandono, por esses “jovens”, das vias pacíficas e parlamentares e a opção pela luta armada.

Dentro de Cuba, havia a percepção, desde o início dos anos 1950, por parte de outros setores também, de que uma nova geração estava entrando na cena política. O PSP desconsiderou a existência de diferentes perspectivas políticas entre a geração que havia iniciado sua trajetória nos anos de 1930 e aquela que se inseriu na vida política insular nos anos de 1950, já no contexto de combate à ditadura, como observamos:

O que proclama em definitiva a geração de 50? Em primeiro lugar, desenvolve uma curiosa teoria. ‘Nem todas as gerações têm a mesma hierarquia. As revoluções se fazem por determinadas gerações, que se dão de vinte em vinte anos como se fosse uma lei constante. [...]’. Com a peregrina ‘teoria’ das

⁷⁸⁶ MOVIMIENTO 26 DE JULIO; DIRECTÓRIO REVOLUCIONÁRIO. Pacto de Pedrero. In: OJEDA BORGES, Leonardo *et. al.* La Revolución cubana, 1953-1980. Selección de lecturas 1, segunda parte. La Habana: Ediciones, 1983, p. 164.

⁷⁸⁷ DÍAZ CASTAÑÓN, María del Pilar. *Ideología y Revolución*, Cuba, 1959-1962, p. 105.

⁷⁸⁸ TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2009, p. 21.

‘gerações’ tentam encobrir o fato de que as revoluções são o produto de condições históricas determinadas na luta de classes antagônicas pela hegemonia, produz câmbios na estrutura econômica, política e social. Para o movimento, as revoluções se devem a condições biológicas, da idade dos indivíduos que nascem predestinados em determinado momento. O PRC e os chamados membros da geração de 30 estão agora no poder. Os da geração de 50, com belas frases, tratam de aparecer como os continuadores dos objetivos da geração de 30, os que vão impor sua lei moral.⁷⁸⁹

Havia certa altivez no comportamento dos comunistas, que se sentiam totalmente seguros em relação aos pressupostos que eles defendiam e, conseqüentemente, a “geração de 50”, por uma oposição binária, não poderia estar agindo corretamente. Para o Partido Socialista Popular, aceitar a luta armada significava não somente reconsiderar a validade do “frentismo”, mas se engajar nas guerrilhas, subir a *Sierra Maestra*, ação difícil para os dirigentes, principalmente, porque muitos estavam no exílio e os que viviam na Ilha teriam que abandonar suas famílias e a proteção que o aparelho clandestino do PSP fornecia para se subordinar militarmente aos chefes do Movimento 26 de Julho. Além disso, a região onde as guerrilhas se desenvolveram eram acidentadas e de difícil acesso. Carlos Rafael Rodríguez escreveu que quando ele chegou à *Sierra*, logo se encontrou com Fidel Castro, que o intimou para que o acompanhasse, ao passo que Rodríguez alegou:

De início, expressei meus temores de não poder segui-lo em seu passo firme e seguro por um caminho acidentado e lamacento ao qual eu não tinha costume. Recordo que ele me disse: “Como não! Se estes “*guajiros*” podem, você, que vem vitimado de Havana, também pode”. Porém, não pude. Faltavam vitaminas para seguir o passo dele, pois ainda estávamos acostumados ao asfalto.⁷⁹⁰

Razões de ordem prática, como as diferenças geracionais, as condições físicas dos comunistas e geográficas da *Sierra Maestra* influenciaram a resistência do PSP em aderir às guerrilhas. Mas outras, como os valores, os mitos e a ideologia operaram igualmente na tomada de decisões dos socialistas populares. Sobre o comportamento do Partido na década em questão e em relação aos temas que analisamos neste capítulo, podemos colocar as questões: Como explicar a intensa mobilização em torno da “campanha pela paz” se não através da influência que as diretrizes soviéticas exerciam sobre o PSP? Como explicar a formulação de valores morais e éticos aceitáveis a um comunista sem olhar para as dualidades do discurso partidário que opunha a degeneração do capitalismo e a superioridade moral do socialismo? Como interpretar as emulações internas se não como uma tentativa de forjar “homens novos?” Como

⁷⁸⁹ BRAVO, Flavio. La generación de 50. *Revista Fundamentos*, agosto de 1950, año X, n° 101, p. 798-799.

⁷⁹⁰ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Como vi surgir en la Sierra nuestras fuerzas armadas revolucionarias. *Revista Verde Olivo*, año XXVII, n° 48, 4 de diciembre de 1986, p. 7.

entender a defesa do pacifismo feita pelo PSP, mesmo após o início das atividades das guerrilhas, se não como um reflexo da coexistência pacífica reafirmada no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética? Quer dizer, os comportamentos partidários estavam submetidos às lógicas dos mitos e das mitologias e, apesar das alterações conjunturais provocadas pela ditadura de Fulgencio Batista, esses aspectos continuaram operando como definidores das ações políticas dos socialistas populares. O enraizamento dos valores era um sinal da fidelidade e da crença dos comunistas cubanos na ideologia, o marxismo-leninismo, que fornecia a doutrina, mas também que foi interpretada e representada pelo MCI para responder a problemas conjunturais e interesses partidários específicos.

Consequentemente, é notável que, em algumas situações, os PC's tenham desvirtuado ou reinterpretado a teoria para melhor se adequar ao contexto. No que tange à conjuntura que estamos analisando, observamos que, quando os comunistas perceberam o avanço das tropas rebeldes e a adesão popular a elas, decidiram apoiar uma tática que era, até então, rechaçada pelos partidos comunistas. Contudo, o PSP manteve também a defesa do "pacifismo". Novamente, parece-nos mais um caso de malabarismo teórico para responder à situação política com um arcabouço teórico que não dava conta dela.

A trajetória do PSP no contexto da luta insurrecional mostrou que a análise das culturas políticas nem sempre desvela ao investigador a coerência entre os valores, a ideologia e a ação prática dos membros do Partido. A contradição também foi uma chave para compreender a progressiva transformação das concepções dos comunistas cubanos frente às alterações contextuais provocadas pela guerra de guerrilhas. Se os comunistas se mantivessem totalmente fiéis à Moscou, não teriam validado e aderido à luta armada, se tivessem abandonado totalmente o pacifismo, teriam rompido com um elemento de coesão de sua cultura política, que era a vinculação com os valores defendidos pelo MCI, com os quais o PCC/PSP se filiou desde a criação do Partido em 1925.

O PSP escolheu abrir as perspectivas partidárias quando passou a defender a pluralidade das táticas, liberou seus filiados para subirem à *Sierra* sem colocar qualquer obrigatoriedade aos socialistas populares se não o apoio ao movimento de massas e o suporte às guerrilhas quando as tropas do MR-26-7 começaram a se deslocar pela Ilha. Acreditamos que o comportamento político dos comunistas deve ser compreendido a partir das considerações feitas anteriormente (a cultura política e a vinculação à matriz ideológica soviética, o anticomunismo, a geração dirigente, a violência e o exílio), pois quando se perdem de vista tais aspectos conjunturais dificilmente se entendem as razões das opções feitas pelo Partido e as contradições inerentes das experiências humanas, partidárias e políticas.

Capítulo 3. O Partido Socialista Popular nos primeiros anos da Revolução Cubana

Neste capítulo, abordamos a trajetória do Partido Socialista Popular entre os anos de 1959 e 1961. Inicialmente, destacamos o processo de institucionalização do governo revolucionário, levando em conta as leis, as instituições, as representações e as simbologias que serviram para legitimar o novo governo, e os conflitos enfrentados contra os opositores da Revolução Cubana. Em seguida, analisamos a acomodação e os conflitos entre as organizações políticas naquele novo contexto e investigamos as atividades e a reorganização interna do PSP após anos de clandestinidade. Destacamos as projeções imagéticas, as representações e o projeto partidário que foram alterados para responder às demandas da nova conjuntura. Analisamos, também, três questões teóricas que marcaram o debate partidário naqueles anos: a autocrítica em relação à tática adotada na época de Batista, a definição teórica do processo revolucionário cubano e a etapa em que ele se encontrava na concepção dos comunistas. E, por fim, investigamos o contexto da declaração do caráter socialista da Revolução Cubana e as razões para a dissolução do PSP.

Utilizamos como fontes primárias para a escrita deste capítulo algumas edições do folheto *Carta Semanal* e da revista teórica *Fundamentos*, as edições do jornal *Noticias de Hoy* publicadas no período selecionado, alguns textos de intelectuais comunistas filiados ao Partido e as Resoluções da VIII Assembleia do PSP, realizada em agosto de 1960.

3.1. A institucionalização do regime sem os comunistas: a organização interna do governo revolucionário

Como salientamos, em janeiro de 1959, os membros do exército rebelde entraram em Havana e tomaram os principais quartéis da capital. Isso possibilitou o desmembramento das forças armadas regulares e a formação de um novo exército composto pelos rebeldes que haviam lutado contra a ditadura do general Batista. A tomada de poder também abriu o caminho para reorganização das instâncias políticas e administrativas cubanas.

O poder executivo no novo governo revolucionário foi formado a partir das indicações feitas pelo Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR-26-7) e foi ocupado pelo presidente

Manuel Urrutia Lléo,⁷⁹¹ pelo primeiro-ministro José Miró Cardona⁷⁹² e por 14 ministros,⁷⁹³ na maioria políticos liberais que apaziguaram temporariamente as expectativas estadunidenses e dos setores mais conservadores quanto às tendências ideológicas da Revolução. Com o tempo, porém, muitos desses representantes entraram em conflito com os membros do Exército Rebelde e do MR-26-7 no contexto de aprovação das leis revolucionárias – sobre as quais logo trataremos – e abandonaram seus postos no governo. Além disso, devemos destacar que, apesar da presença dos políticos liberais, os componentes dos ministérios eram, quase todos, oriundos do MR-26-7 e, conseqüentemente, se filiavam aos dirigentes desse movimento, que eram também seus líderes militares: Fidel Castro, Raúl Castro, Ernesto Guevara, Camilo Cienfuegos, dentre outros.

Fidel Castro, a princípio, não ocupou nenhum cargo administrativo, mas se manteve como chefe das Forças Armadas Revolucionárias. Nos primeiros dias de 1959, Castro declarou que o MR-26-7 passaria para o campo civil e se tornaria um partido político,⁷⁹⁴ o que não chegou a acontecer. Os membros do Diretório Estudantil Revolucionário (DER) não receberam, inicialmente, nenhum cargo importante ou ministério.⁷⁹⁵ Somente em junho de 1959, um membro do DER foi integrado à cúpula do governo revolucionário.⁷⁹⁶

O dispositivo legal que respaldou o novo governo e as instituições políticas foi a Lei Fundamental, um conjunto legislativo aprovado em 7 de fevereiro de 1959, que restabeleceu

⁷⁹¹ Manuel Urrutia Lléo foi um juiz cubano que se destacou na vida política quando ocupava o cargo de presidente do Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba e reconheceu o direito de resistência ao regime de Batista em um julgamento à revelia dos expedicionários do Granma, em 1957. Ver: SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo. El gobierno provisional revolucionario. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 16.

⁷⁹² José Miró Cardona foi um advogado cubano vinculado, desde os anos 1940, ao Partido Autêntico, também foi presidente da *Sociedad de los amigos de la Republica*, sobre a qual dissertamos no capítulo anterior. Ele foi escolhido para a função de primeiro-ministro, porque era reconhecido como uma figura política moderada, que poderia representar os setores da burguesia nacional no governo. Ver: SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo. El gobierno provisional revolucionario, p. 21.

⁷⁹³ Os primeiros ministros do governo revolucionário provinham, majoritariamente, do Movimento 26 de Julho: dez pertenciam a essa agrupação, um deles (Roberto Agramonte) era presidente do Partido do Povo Cubano (PPC ou Partido Ortodoxo), outro (Ángel Fernández Rodríguez) era um advogado e amigo do presidente Urrutia, a única mulher escolhida (Elena Mederos Cabañas) foi vice-presidenta da SAR e o ministro encarregado do Conselho Nacional de Economia (Regino Boti León) tinha sido coautor do projeto econômico do MR-26-7. Ver: SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo. El gobierno provisional revolucionario, p. 20-33, passim.

⁷⁹⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declara Fidel Castro que el gobierno pondrá en práctica la ley agraria. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 2, 7 de enero de 1959, p. 1.

⁷⁹⁵ Nos primeiros dias da Revolução, o DER ocupou o Palácio Presidencial, local que havia sido assaltado por seus membros, em 1957, como destacamos anteriormente. Porém, desocuparam o prédio, que passou a ser resguardado pelo Exército Rebelde e se tornou a primeira sede do governo provisório. Essa desocupação é bastante simbólica, pois o Palácio tinha um significado político muito forte para o DER, já que foi ali onde ocorreu uma das principais ações dos estudantes contra a ditadura. Ao deixar o edifício e entregá-lo ao MR-26-7, o DER efetivamente demonstrou o reconhecimento da autoridade do MR-26-7. Não podemos esquecer também que estamos tratando de duas organizações armadas, sendo que uma delas, o MR-26-7, era muito maior que a outra, o DER, o que sem dúvida teve influência na movimentação política de ambas naquele cenário.

⁷⁹⁶ SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo, op. cit., p. 27.

alguns artigos da Constituição de 1940 e incorporou novas regulamentações. A proposta do projeto político do MR-26-7, construída ao longo da guerra de guerrilhas, de restituição integral da Carta de 1940, não foi realizada. A Lei Fundamental transferiu as atribuições do poder legislativo para o Conselho de Ministros e converteu o primeiro-ministro em chefe do governo, isso quer dizer que os poderes executivo e legislativo ficaram concentrados nas mãos das poucas pessoas que ocuparam esses cargos. Essa legislação permaneceu vigente até 1976, ano da promulgação de uma nova constituição e da instalação do Poder Popular.⁷⁹⁷

Salientamos que a Revolução não restabeleceu um sistema democrático aos moldes daquele que havia precedido o regime de Batista. O que houve foi a passagem de uma ditadura de direita para um regime fortemente centralizado nas instâncias federais (no presidente, primeiro-ministro, conselho de ministros e na chefia das Forças Armadas). Entre 1959 e 1976, não aconteceram eleições e nem os partidos políticos se registraram no TSE, pois esse formato de organização política não foi implementado pelo governo revolucionário. Muitos políticos, que tinham a expectativa de retorno da legalidade parlamentar, decepcionaram-se com os rumos do processo e romperam com a Revolução entre 1959 e 1960.

Nos primeiros meses de 1959, algumas leis importantes foram aprovadas e mudaram a estrutura social e econômica insular de modo significativo. Dentre elas estão a diminuição dos aluguéis,⁷⁹⁸ das tarifas telefônicas, dos produtos farmacêuticos⁷⁹⁹ e a abolição da cota sindical obrigatória que os trabalhadores sindicalizados deviam pagar.⁸⁰⁰ Tais demandas estiveram presentes no programa político do PSP desde a década de 1940 e o PSP saudou as iniciativas do governo revolucionário pela implementação delas.

O governo também aboliu as forças policiais e repressivas da ditadura, como *Bureau de Represion a las Actividades Comunistas* (BRAC), o *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM) e extinguiu o exército regular. Ao longo dos anos de 1950, o PSP reclamou a dissolução daqueles

⁷⁹⁷ O Poder Popular é nome dado ao sistema político cubano que surgiu em 1976 e existe até hoje. Ele tem como principal instituição a Assembleia Nacional do Poder Popular, que responde pelo poder legislativo, é composta por deputados eleitos e é dessa casa legislativa que os membros do Conselho de Estado, o presidente e o vice-presidente de Cuba, são escolhidos. Ver: DILLA ALFONSO, Haroldo. Cuba: Los entornos cambiantes de la participación. América Latina, Hoy, n° 24 (Abril, 2000). GUANCHE, Julio César. A democracia em Cuba. Estudos Avançados 25 (71), 2011.

⁷⁹⁸ Posteriormente, em outubro de 1960, o governo promulgou a Lei da Reforma Urbana determinando que os inquilinos se tornariam proprietários dos imóveis onde viviam.

⁷⁹⁹ A Lei 122, de 3/3/1959, garantiu uma intervenção na *Cuban Telephone Co.*, propriedade estadunidense, e diminuiu o valor da tarifa telefônica cobrada dos usuários. Já a lei 135, de 10/3/1959, definiu a diminuição entre 30% e 50%, a depender do valor cobrado, dos aluguéis. E, a lei 709 estabeleceu a redução do preço dos produtos farmacêuticos. Ver: BELL, José *et al.* *Documentos de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006. Lembramos que essas demandas estavam colocadas no programa político do PSP desde os anos 1940. Para mais informações, ver o ponto 1.3.1. do capítulo 1.

⁸⁰⁰ Lei n° 21 de 20 de janeiro de 1959.

órgãos, ação concretizada pela Revolução logo no começo de 1959. Muitos militares e colaboradores do regime de Batista foram julgados por seus crimes de guerra nos tribunais revolucionários e foram fuzilados após breves julgamentos.⁸⁰¹

Em maio desse ano ainda, o governo promulgou a Primeira Lei de Reforma Agrária e criou o Instituto Nacional da Reforma Agrária (INRA), que foi dirigido por Fidel Castro entre 1959 e 1961, e se tornou o órgão responsável por gerenciar o programa de reforma agrária e de outras atividades ligadas ao campo como a construção de escolas, hospitais, casas, fornecimento de insumos e créditos, dentre outras ações.⁸⁰² Salientamos que ainda na *Sierra Maestra*, em 1958, o Movimento 26 de Julho havia iniciado a repartição de terras nas áreas conquistadas pelo Exército Rebelde e o governo revolucionário ampliou essa medida.

A Lei da Reforma Agrária proscreeu o latifúndio ao definir o limite máximo de 30 *caballerías*⁸⁰³ que uma pessoa poderia possuir. A regra anterior tinha como exceção algumas propriedades maiores que haviam apresentado um alto índice de produtividade e impôs o limite de 100 *caballerías*, nesse caso. A lei previu que somente os cubanos ou as sociedades formadas por cubanos poderiam ter o título de propriedade.

A medida atingiu as propriedades e as centrais estrangeiras, em especial as estadunidenses, como a *United Fruit Co.*,⁸⁰⁴ que tinham terras dentro da Ilha, pois a legislação determinou a expropriação de inúmeros latifúndios, com a previsão de indenização. Além disso, a nova legislação definiu a proibição dos contratos de arrendamento e parceria, chamados pelo PSP de “restos feudais”, e atingiu os rentistas, quer dizer, as pessoas que viviam da cobrança dos aluguéis de suas terras. Para se ter uma ideia do grau de concentração fundiária que existia em Cuba, Joana Salém apontou que “85% das terras agrícolas do país faziam parte de alguma propriedade que foi ao menos parcialmente atingida pela Lei de Reforma Agrária”.⁸⁰⁵ É importante ressaltarmos que essa reforma foi um processo e as expropriações não foram feitas de uma única vez. Na medida em que a lei era aplicada, os descontentamentos dos expropriados aumentou, fermentando, progressivamente, um clima de hostilidades dos grupos opositores à Revolução.

⁸⁰¹ Os tribunais revolucionários surgiram no contexto da guerra de guerrilhas e, após 1959, foram estabelecidos para julgar os criminosos de guerra, os aliados e membros do exército de Batista que estiveram em postos de comando.

⁸⁰² VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 114.

⁸⁰³ Uma *caballería* equivale a 13,42 hectares. Ver: CHONCHOL apud SALÉM, Joana. *História agrária da Revolução Cubana*, p. 42.

⁸⁰⁴ Segundo Héctor Rodríguez Llopart, 70 mil hectares foram confiscados somente da *United Fruit Co.* com a lei da reforma agrária. Ver: RODRÍGUEZ LLOPART, Héctor. Relaciones con los países socialistas. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 148.

⁸⁰⁵ *Ibidem*, p. 119.

A reforma agrária, segundo Salém, dividiu as terras expropriadas em “mínimo vital”, cooperativas, granjas do povo e a pequena propriedade privada.⁸⁰⁶ As cooperativas e as granjas do povo eram propriedades que foram estatizadas, algo que era, como destacou a autora, novo na estrutura agrária insular e que representou 32% das terras do país após a reorganização da propriedade imposta pela Lei da Reforma Agrária, chegando a 42% em 1962.⁸⁰⁷ Esses números mostram que o Estado se tornou proprietário e investidor dentro de um setor, a agricultura, fundamental para a economia insular. Esse foi outro ponto que aproximou os comunistas da Revolução. O dirigismo estatal e o controle da economia eram questões centrais do projeto político do PSP e os socialistas populares defendiam a necessidade dos agentes do Estado para transformar a estrutura produtiva e acabar com as desigualdades da sociedade cubana. Pela forma como foi feita, a lei da reforma agrária, que era um elemento central do programa partidário, foi muito bem recebida pelo Partido.

O governo aprovou também, no começo de 1959, a Lei de Recuperação dos Bens Malversados e um ministério com o mesmo nome, para reaver o patrimônio público que havia sido apropriado por integrantes do regime ditatorial e por políticos que atuaram durante a Segunda República. O setor educacional também foi transformado. Em 1960, o governo cubano aprovou uma lei que retirava o ensino confessional das escolas, estabeleceu normas, currículos e planos de ensino que deveriam ser adotados em todas as instituições de educação. Essa medida foi acompanhada pela nacionalização das instituições privadas de ensino aprovada nesse mesmo ano e colocou nas mãos do Estado todas as escolas de ensino básico do país. Em 1961, foi lançada a campanha de alfabetização, um programa com o objetivo de acabar com o analfabetismo em Cuba no prazo de um ano. Para isso, legiões de professores e voluntários foram enviados para várias regiões a fim de ensinar seus concidadãos a lerem e escreverem. Em 1962, o governo cubano declarou que o analfabetismo tinha sido eliminado e proclamou o sucesso de seu programa.

Tal legislação provocou reações da Igreja Católica, pois essa instituição possuía escolas privadas em Cuba e foi prejudicada pelas estatizações. Alguns de seus setores internos aumentaram as críticas explícitas e suas ações contra o governo revolucionário.⁸⁰⁸ Em 1961, a

⁸⁰⁶ VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana*, p. 112. De acordo com a autora, o “mínimo vital” era a parcela de 2 *caballerías* de terra fértil, que passou para mãos privadas de pequenos agricultores. Em 1961, foi criada a Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP) para organizar o sistema produtivo dessas pequenas propriedades.

⁸⁰⁷ *Ibidem*, p. 124. Salientamos que a estrutura fundiária cubana mudou nos anos seguintes porque, por exemplo, o governo estatizou várias outras propriedades (indústrias, empresas, centrais açucareiras) e, com isso, incorporou as terras onde esses estabelecimentos estavam às posses do Estado.

⁸⁰⁸ KIRK, John H. La Iglesia católica en Cuba. *Revista Temas*, n° 2, 1995. CÁRDENAS MEDINA, René. Religión, producción de sentido y revolución. *Revista Temas*, n° 4, 1995.

Igreja Católica, juntamente com igrejas estadunidenses, organizou a operação *Peter Pan*,⁸⁰⁹ uma campanha que retirou, durante a década de 1960, aproximadamente 15 mil crianças de dentro de Cuba e as enviou para os EUA com a justificativa de que o governo revolucionário as tiraria de seus pais e as enviaria para centros de formação comunista. Alguns boatos diziam até que as crianças seriam enviadas para a Rússia, indicando o uso da ameaça comunista como motor para as campanhas da contrarrevolução. Setores da Igreja Católica ainda deram suporte para as organizações armadas contrarrevolucionárias que atuaram dentro de Cuba, oferecendo apoio logístico, escondendo e fornecendo armas e suprimentos para tais grupos.

Outros grupos religiosos também se opuseram ao processo revolucionário. Como salientou Rafael Cepeda Clemente *et al.*, várias instituições evangélicas, como a Igreja Batista, minguaram após a Revolução devido à migração de pastores e fiéis que foram afetados pelas leis revolucionárias e optaram por deixar a Ilha. Muitos religiosos que permaneceram se opuseram ao governo cubano. Os autores destacaram que, a partir de 1963, não se fundou nem foi permitida a entrada de novas denominações religiosas dentro de Cuba e nesse ano ainda vários missionários estrangeiros saíram do país.⁸¹⁰ Nos primeiros anos da Revolução, além de muitos religiosos, uma parte da classe média cubana também deixou a Ilha e se exilou nos EUA. Muitos profissionais liberais (engenheiros, médicos, administradores, professores, técnicos), ao migrarem e deixarem seus postos de trabalho, geraram escassez de mão-de-obra especializada e desorganização do sistema produtivo de alguns setores.

As nacionalizações e outras formas de interferência governamental em instituições e propriedades privadas geraram e foram geradas pelas fortes divergências com os opositores da Revolução. Nesse grupo, estavam, além dos já citados, o governo dos Estados Unidos, os empresários estrangeiros, membros da burguesia e da classe média cubana que foram atingidos pelas leis revolucionárias.

Além das migrações, exílios e das críticas internas e externas feitas ao governo revolucionário, as nacionalizações foram acompanhadas por sanções econômicas por parte dos Estados Unidos. Ainda em 1959, as petroleiras estadunidenses Esso e Texaco, instaladas em território cubano, reduziram o fornecimento de petróleo para Cuba, respondendo à pressão interna dos EUA pelo estrangulamento econômico da Revolução. Em maio de 1960, essas empresas, juntamente com a britânica Shell, foram avisadas de que teriam que refinar o petróleo

⁸⁰⁹ TORREIRO CRESPO, Ramón; BUAJASÁN MARRAWI, José. *Operación Peter Pan*. Un caso de guerra psicológica contra Cuba. La Habana: Editora Política, 2000.

⁸¹⁰ CEPEDA CLAMENTE, Rafael *et. al.* Causas y desafíos del crecimiento de las iglesias protestantes en Cuba. *Revista Temas*, nº 4, 1995, p. 54-55.

soviético comprado por Cuba, mas se recusaram a acatar a ordem.⁸¹¹ Em vista disso, o governo insular interviu nessas companhias para obrigá-las a cumprir a determinação. Essa intervenção foi respondida pelos Estados Unidos com o cancelamento da compra da cota de açúcar que eles tinham no mercado cubano, que representava 95% das exportações da Ilha do produto.⁸¹²

Em decorrência dessa decisão dos EUA, o governo cubano promulgou uma série de leis, que foram: a Lei n° 851 (6/7/1960), prevendo a expropriação forçada de empresas e bens de cidadãos estadunidense, a resolução n° 1 (6/8/1960), que nacionalizou 26 empresas de serviço público (eletricidade, telefonia, refinadoras de petróleo) e algumas centrais açucareiras dos EUA, a resolução n° 2 (17/9/1960), nacionalizando os bancos estadunidenses, a lei n° 890 (13/10/1960), que expropriou todas as empresas industriais e comerciais estrangeiras⁸¹³ e, por fim, a resolução n° 3 (24/10/1960), nacionalizando todas as empresas mercantis e industriais,⁸¹⁴ totalizando 382 empresas estatizadas naquele contexto.⁸¹⁵

Assim, o Estado passou a gerir setores fundamentais da economia nacional e isso representou uma mudança da estrutura e da organização econômica da Ilha. Como indicamos mais à frente, o PSP considerou que essas nacionalizações concluíram a primeira etapa do processo revolucionário cubano e alegou que, naquela conjuntura, a Revolução havia cumprido suas tarefas de libertação nacional.

Foi nesse momento que Fidel Castro pronunciou o discurso conhecido como “Primeira Declaração de Havana”,⁸¹⁶ em 2 de setembro de 1960. Nesse ato, Castro criticou o comportamento da OEA,⁸¹⁷ a intervenção dos EUA na América Latina, ressaltou a

⁸¹¹ Anastas Mikoyan esteve em Cuba, em janeiro de 1960, e, na ocasião, os governos cubano e soviético assinaram o primeiro convênio comercial, com acordos de venda do açúcar cubano e compra de petróleo russo, que começou a ser fornecido para a Ilha nesse mesmo ano.

⁸¹² ÁLVAREZ-TABÍO LONGA, Pedro. *Las primeras leyes revolucionarias y la reacción yanqui*. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 75.

⁸¹³ BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*, p. 94.

⁸¹⁴ Nessa expropriação, foram incluídas empresas dos seguintes setores: moinhos de farinha e arroz, fábricas de embalagens, de produtos químicos, de cosméticos, de tabaco, empresas de metalurgia, de produtos alimentícios, de máquinas agrícolas e motores, de papel, de lâmpadas, têxteis, de construção, distribuidoras de eletricidade, mineradoras, armazéns, farmácias, lojas de departamento, duas companhias ferroviárias, companhias de seguros, de financiamento de carros, lojas de móveis, hotéis, cassinos, bares, cafeterias, lavanderias, dentre outras. Ver: BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*, p. 131.

⁸¹⁵ *Ibidem*, p. 38.

⁸¹⁶ Os dois únicos momentos em que encontramos a intervenção dos presentes nos atos foi nas chamadas “Grandes Assembleias do Povo”, ou Primeira e Segunda Declarações de Havana. Tanto a Primeira Declaração (2 de setembro de 1960), quanto a Segunda (4 de fevereiro de 1962), foram discursos que Fidel Castro pronunciou na capital cubana e, em ambos os eventos, Castro fez perguntas aos presentes, como uma enquete, que levantaram as mãos dando aval às propostas colocadas pelo líder revolucionário.

⁸¹⁷ A condenação feita por Fidel Castro na ocasião diz respeito à declaração emitida na VII Reunião da OEA, ocorrida na cidade de São José (Porto Rico), em agosto de 1960, na qual seus signatários defenderam o princípio de não intervenção de um Estado americano em outro Estado, princípio considerado como uma crítica da Organização ao estímulo dado pelos revolucionários cubanos a outros movimentos armados no continente.

solidariedade econômica e militar da URSS e da China com Cuba e condenou a exploração do homem pelo homem, consigna bastante usada dentro no universo discursivo socialista.⁸¹⁸ No mês seguinte, o governo revolucionário anunciou que o “programa de Moncada” havia sido cumprido. Fidel Castro salientou que os problemas sociais mais profundos – falta de moradia, acesso à saúde e à educação, a existência dos latifúndios, a exploração das empresas estrangeiras – estavam resolvidos ou em vias de serem solucionados. Inclusive, Castro usou uma terminologia bastante comum no discurso dos socialistas populares ao ressaltar que a primeira etapa da Revolução estava cumprida.⁸¹⁹

Ainda em outubro de 1960, os EUA proibiram as exportações de seus produtos para a Ilha, com a exceção de alimentos, remédios e equipamentos médicos, declarando com isso um embargo comercial contra Cuba. Em dezembro do mesmo ano, alguns meses antes do fim do mandato do presidente Dwight Eisenhower, a cota açucareira cubana foi totalmente suprimida no mercado dos Estados Unidos e os dois países romperam suas relações diplomáticas. Posteriormente, em 1962, o embargo total foi imposto à Ilha pelos EUA na gestão do presidente John F. Kennedy. Dentre os aspectos dessa última medida, estava a proibição de entrada nos EUA de produtos que tivessem matéria-prima cubana, ainda que fossem produzidos por terceiros, barcos de países europeus pararam de transportar mercadorias cubanas, porque foram pressionados a isso pelos EUA, e navios que haviam transportado produtos feitos em Cuba começaram a ter problemas nos portos estadunidenses.⁸²⁰

Essas medidas representaram um bloqueio a Cuba, que dura até hoje. Economicamente, os cubanos estão isolados há 60 anos e, apesar de que alguns países romperam com o bloqueio nesse tempo, as sanções impostas pelos Estados Unidos intimidaram muitas nações que dependem do comércio com esse país. Além disso, os integrantes da OEA, com exceção do México, aderiram às sanções contra Cuba desde os anos 1960 e aplicaram medidas iguais ou parecidas àqueles impostas pelos EUA.⁸²¹

Além dos conflitos no campo econômico, ao longo da década de 1960 e das seguintes, a contrarrevolução organizada, armada e financiada pelos EUA foi outro campo de combate da Revolução. Os opositores recorreram às campanhas de calúnia,⁸²² à agressão armada, à pressão

⁸¹⁸ BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*, p. 286.

⁸¹⁹ CASTRO, Fidel. El Programa del Moncada se ha cumplido. In: BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*, p. 304.

⁸²⁰ ÁLVAREZ-TABÍO LONGA, Pedro. Las primeras leyes revolucionarias y la reacción yanqui, p. 79.

⁸²¹ RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor. Relaciones con los países socialistas, p. 156.

⁸²² O governo revolucionário promoveu a “Operação Verdade”, uma campanha feita nos meios de comunicação e nos discursos de seus líderes para esclarecer publicamente, dentro e fora de Cuba, os objetivos da Revolução e negar o caráter comunista a ela atribuído por alguns órgãos midiáticos e personalidades políticas. O PSP

diplomática e econômica, à formação das guerrilhas dentro de Cuba,⁸²³ à realização de atentados contra os dirigentes da Revolução e os locais de grande movimentação dentro de Cuba, à sabotagem em empresas, fábricas e à invasão do espaço aéreo e naval insular.⁸²⁴ Os contrarrevolucionários se reuniram em organizações bem estruturadas, chamadas de operações comando, e contaram com o apoio militar e financeiros dos Estados Unidos e tentaram invadir Cuba pela região da Baía dos Porcos, em 1961, como mostraremos ainda neste capítulo.

Nesse cenário de contestações e enfrentamentos militares, foi estabelecida a pena de morte para os delitos contrarrevolucionários ainda em 1959. O governo cubano criou o Ministério das Forças Armadas Revolucionárias, em outubro desse ano, que foi o responsável por reunir os “corpos armados” do país e concentrou nas mãos do ministro dessa pasta, Raúl Castro, as decisões militares que antes estavam dispersas na marinha, no exército e na polícia. O governo também criou as Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR)⁸²⁵ e os Comitês de Defesa da Revolução (CDR).⁸²⁶ Essas medidas, além de servirem para proteção da Revolução contra os inimigos internos e externos, ajudaram a consolidar as práticas de segurança e de vigilância do novo regime.

Os dois primeiros anos da Revolução Cubana foram bem conturbados. Três questões são fundamentais para analisarmos aquele contexto. Primeiro, o governo revolucionário empreendeu uma transformação econômica estrutural na sociedade. Com as massivas nacionalizações (de escolas, empresas, centrais, petroleiras, terras), o Estado se tornou o principal proprietário e investidor responsável pela gestão econômica do país e isso implicou uma mudança profunda das forças produtivas insulares, bem como uma concentração das iniciativas econômicas nas mãos do governo.

impulsionou a campanha ao publicar em sua imprensa diversas notas alegando que a Revolução não era comunista, apesar do apoio que recebia do Partido.

⁸²³ Muitas organizações armadas surgiram nos primeiros anos da Revolução com o objetivo de lutar contra o governo instituído em 1959. Algumas delas foram comandadas por antigos membros do exército e/ou do governo revolucionário como, por exemplo, o Movimento 30 de Novembro (chefiado por David Salvador) e o Movimento Revolucionário do Povo (chefiado por Manuel Ray).

⁸²⁴ ARBOLEYA, Jesus. *La contrarrevolución cubana*. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2000. ESCALANTE FONT, Fabián. *Operación Exterminio: 50 años de agresiones contra Cuba*. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2010.

⁸²⁵ As Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR) foram criadas, em novembro de 1959, em um contexto de acirramento dos conflitos armados com a contrarrevolução. Elas eram formadas, principalmente, por cubanos que recebiam treinamento de manejo de armas e técnicas de defesa.

⁸²⁶ Os Comitês de Defesa da Revolução (CDR) surgiram, em setembro de 1960, como um aparato de vigilância, gerido pela população, contra as atividades da contrarrevolução. Em cada bairro havia/há uma sede do comitê. Com o tempo, os CDR's adquiriram outras funções, como a realização de censos, a participação na campanha de alfabetização (1960) e de doação de sangue. Ver: LEZCANO PÉREZ, Jorge. La defensa de la Revolución por las masas. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 137.

Em segundo lugar, a promulgação da Lei Fundamental levou a uma centralização do poder político nas mãos do primeiro-ministro, do presidente e dos ministros, que eram aqueles com poderes para legislar e aplicar as leis. Esse processo de concentração de atribuições foi consolidado, entre 1959 e 1961, com a criação de órgãos de gestão pública, política, econômica e cultural que ficaram a cargo do Estado, como a Federação das Mulheres Cubanas,⁸²⁷ a Associação de Jovens Rebeldes,⁸²⁸ os CDR, MNR, ANAP, Ministério das Forças Armadas, a Confederação dos Trabalhadores de Cuba – Revolucionária⁸²⁹ e os órgãos culturais (*Unión Nacional de Escritores y Artistas Cubanos*, *Consejo Nacional de Cultura*, *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos*, dentre outros). Ou seja, devemos ter em conta que a institucionalização da Revolução foi acompanhada por um processo de concentração de poderes das mãos de alguns poucos gestores.

Terceiro, Cuba foi atacada por seus inimigos e os conflitos econômicos e militares não podem ser desconsiderados em uma análise da conjuntura. Os embates levaram ao fim das relações comerciais e diplomáticas com os EUA, que foram o principal parceiro econômico da Ilha desde a independência no final do século XIX. O rompimento das relações entre ambos os países e o bloqueio provocaram um isolamento comercial de Cuba e fizeram os cubanos buscar apoio financeiro e militar junto ao campo socialista. Além disso, os ataques armados contra a Revolução fizeram com que Castro também recorresse ao suporte dos soviéticos, que se colocaram à disposição para vender armas e instalar suas ogivas nucleares na Ilha.

Podemos afirmar que os conflitos com os EUA aproximaram Cuba do campo socialista em termos diplomáticos, militares, econômicos e, após 1961, ideológicos, devido à declaração do caráter socialista do processo revolucionário. Essa aproximação facilitou a incorporação do PSP dentro do governo a partir de fins do ano de 1960. Como mostraremos no próximo capítulo, os socialistas populares estiveram presentes em várias negociações entre Cuba e a URSS, viajaram para os países do campo socialista, reuniram-se com lideranças importantes, como Nikita Krushev e Mao Tsé Tung, e ocuparam inúmeros cargos importantes dentro da Revolução. Assim, defendemos que a aproximação de Cuba com a URSS beneficiou os

⁸²⁷ A FMC foi criada, em agosto de 1960, para organizar do movimento feminino e outras tarefas em prol da Revolução. A FMC atuou em várias frentes: ajudou na organização das Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR), dos cursos de formação para as mulheres e atuou na campanha de alfabetização, dentre outras atividades.

⁸²⁸ A AJR foi criada em 1959. Depois, em 1962, essa associação foi transformada em União de Jovens Comunistas.

⁸²⁹ A CTC não foi dissolvida pelo governo revolucionário, mas passou a ser chamada de Confederação dos Trabalhadores de Cuba - Revolucionária (CTC-R). Com ela e com seus sindicatos, o governo mobilizou diversas ações, como a organização das Milícias Nacionais Revolucionárias, que era feita pelos sindicatos locais, do trabalho voluntário e a CTC-R ajudou o governo no contexto das nacionalizações. Ver: LEZCANO PÉREZ, Jorge. *La defensa de la Revolución por las masas*, p. 134.

comunistas e estes foram responsáveis pelos contatos entre os dois países, ou seja, foi uma via de mão dupla.

Além disso, o Partido Socialista Popular cada vez mais deu seu apoio à Revolução, porque houve uma convergência entre os interesses do Partido e o programa realizado pelo governo revolucionário. Primeiramente, tanto o MR-26-7 quanto o PSP defendiam o fim da ditadura de Batista e o combate ao “imperialismo” estadunidense. Em segundo lugar, a agenda de transformações defendida pelo PSP, como a reforma agrária, a reforma educacional, a diminuição do valor dos aluguéis e das tarifas de telefones, a campanha de alfabetização e as nacionalizações massivas, foi cumprida pela Revolução. Ainda, a aproximação entre Cuba e a URSS era uma demanda histórica do PSP, que se realizou a partir de 1960. Tendo isso em vista, o PSP tinha interesse em se aproximar dos dirigentes da Revolução, em especial de Fidel Castro, pois desejavam participar efetivamente do governo e, para isso, negociaram suas pautas, ajudaram a consolidar a autoridade de algumas figuras dentro da Revolução e dissolveram o Partido, em 1961, para que pudessem se integrar à organização que devia dirigir a Revolução, como mostraremos no final deste capítulo.

3.1.1. Elementos para uma cultura política revolucionária para legitimar o novo regime: representações e simbologia do governo revolucionário

A institucionalização do poder revolucionário também foi marcada pela criação de símbolos e imaginários políticos que tiveram a função, em nossa perspectiva, de consolidar determinadas imagens e ideias vinculadas, principalmente, ao Movimento 26 de Julho e à luta armada. A seguir, citaremos alguns exemplos que mostram a ação planejada pelos líderes rebeldes e que endossam a assertiva anterior. Lembramos que algumas obras historiográficas já mostraram como se deu a centralização do governo em torno de Fidel Castro e do MR-26-7.⁸³⁰

As fontes que usamos para fazer essa constatação foram os documentos produzidos pelo Partido Socialista Popular e percebemos que os comunistas ajudaram a reforçar a associação entre o exército rebelde e o poder revolucionário. Assim, notamos que o PSP, publicamente, corroborou para afirmar a autoridade do MR-26-7 nesse momento do processo e evitou se colocar em rota de colisão com Castro. Para tanto, formulou um discurso que ajudou a consolidá-lo como figura central da Revolução.

⁸³⁰ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018. VALDÉS, Nelson P. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro. *Revista Temas*, n° 55, 2008, p. 4-17. HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 27.

Na descrição feita pelo PSP sobre a entrada das forças rebeldes em Havana e, em especial, sobre a chegada de Camilo Cienfuegos na capital, encontramos o seguinte: “Com suas povoadas barbas e cabeleiras, símbolo de sua decisão inquebrantável de derrotar a tirania que ensanguentou Cuba durante quase sete anos, penetravam as tropas rebeldes em Havana”.⁸³¹ Aqui já aparece a identificação entre os elementos físicos que representavam o MR-26-7 (barba, cabeleira – acrescentamos o uniforme verde oliva) com derrota da tirania. Essa representação foi reforçada pelo PSP, que afirmou o protagonismo da luta armada na derrocada de Batista. Isso não quer dizer, porém, que os comunistas consideravam a luta armada como a única tática responsável pela queda do regime, pois eles apontaram que as greves, protestos, denúncias também foram importantes para desmobilizar a ditadura.

No primeiro discurso de Fidel Castro em Havana, em 8 de janeiro de 1959, uma pomba pousou nos ombros dele e esse acontecimento foi interpretado como um sinal de que Fidel Castro era uma espécie de “escolhido”.⁸³² Os comunistas publicaram uma foto de Castro com a pomba no jornal *Noticias de Hoy*⁸³³ e alegaram que o pássaro, um símbolo da paz, “ilustrou vivamente sua mensagem”, ou seja, representaram o líder rebelde como o escolhido para trazer a paz para Cuba.

Os discursos de Fidel Castro foram um fator de aglutinação das massas, de criação de um sentimento de pertencimento à Revolução, de ligação entre os líderes e o povo.⁸³⁴ Como Lillian Guerra destacou, Castro cunhou uma narrativa de que seus discursos eram uma forma de “democracia direta”⁸³⁵ e ele representou aqueles atos como um momento de participação do povo nas decisões políticas, o que não chega a ser verdade porque os espectadores não tinham voz ativa ou poder decisório efetivo.

Algumas datas comemorativas foram escolhidas para representar os momentos importantes daquele novo processo. De acordo com Giliard Prado, certas efemérides e lugares de memória foram selecionados como “dignos de lembrança”⁸³⁶ pelo governo cubano. Na

⁸³¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inmenso júbilo popular. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 1, 6 de enero de 1959, p. 2.

⁸³² Essa interpretação tem, do mesmo modo, um viés religioso. Por exemplo, no mito de fundação da santeria, religião cubana de matriz africana, Obatalá, um dos principais orixás, teria se convertido em pomba. Daí ter havido uma representação, para alguns santeiros, que associaram Castro à divindade citada.

⁸³³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La extraña y simbólica aventura de Fidel, una apelación a la paz y una paloma. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 5, 10 de enero de 1959, p. 4. A imagen está no anexo 3 da tese.

⁸³⁴ GIRAUDO, Silvia. *Revolución es más que una palabra: Fidel Castro en la tribuna*. Buenos Aires: Biblos, 2010. CORRARELLO, Ana María. Fidel Castro. *Fundación de la memoria revolucionaria: una aproximación retórico-discursiva de los comienzos. (1959-1962)*. Deutschland: Editorial Académica Española. 2012.

⁸³⁵ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba. Revolution, redemption, and resistance, 1959-1971*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2012, p. 38.

⁸³⁶ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 26.

primeira comemoração do 26 de julho, após a vitória rebelde, a comissão que estava organizando o ato em Havana solicitou 500 mil chapéus de *yarey*⁸³⁷ para distribuir entre os camponeses que iriam para os festejos na capital.⁸³⁸ A proposta imagética do ato era mostrar o apoio dos trabalhadores do campo à Revolução e ao grupo (MR-26-7), que era celebrado naquele dia. Na descrição do evento, o PSP destacou:

[...] duas oportunidades marcaram os máximos instantes do regozijo das vibrantes massas congregadas este 26 de julho na Praça da República. Gorros rebeldes, boinas pretas, chapéus de *yarey* cortaram os ares. [...] Pombas brancas eram libertadas e cortavam os ares simbolizando a liberdade em que hoje vive o povo cubano.⁸³⁹

Nesse mesmo dia, no Parque Maceo, localizado no *malecón* de Havana, e na presença dos líderes da Revolução, houve uma simulação de um combate com aviões e tanques fazendo referência aos conflitos da guerra insurrecional. Nessa ocasião e em outros atos cívicos, o hino nacional e o hino do MR-26-7 eram executados, o que mostra a proeminência desse grupo nas cerimônias políticas e nos festejos selecionados para a construção da memória revolucionária.

Além do 26 de julho, o 13 de março, data do ataque ao Palácio Presidencial em 1957 organizado pelo Diretório Estudantil Revolucionário, foi incorporado ao calendário celebrativo e foi declarado o “dia da dor nacional”. Em 1959, foi celebrada uma homenagem aos “mártires” da rua Humboldt na escadaria da Universidade de Havana.⁸⁴⁰ No 13 de março de 1960 aconteceram ações rememorativas na Universidade, na Rádio Relógio e no Palácio Presidencial, locais que foram atacados pelos estudantes, em 1957. As solenidades incluíam discursos, leitura de textos dos mortos na ação, entrega de diplomas e certificados de conclusão de cursos dos alunos da Universidade de Havana.⁸⁴¹

O PSP apoiou as comemorações das datas festivas do calendário revolucionário e chamou seus membros para comparecerem nos eventos públicos, apesar de que nenhuma efeméride relacionada diretamente aos socialistas populares ou a outros grupos foi inserida no calendário. Somente a preparação para o Primeiro de Maio, data marcante na cultura política comunista, foi feita com antecedência pela Confederação dos Trabalhadores de Cuba (CTC-R),

⁸³⁷ O chapéu de *yarey* era um acessório típico do camponês cubano, muito parecido com nossos chapéus de palha.

⁸³⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. 500 mil sombreros de *yarey* se necesitarán para el acto del 26. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 152, 5 de julio de 1959, p. 1.

⁸³⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un millón de cubanos en la plaza de la República ratifico la ley agraria. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 171, 28 de julio de 1959, p. 11.

⁸⁴⁰ Em 1957, após o fracasso do assalto ao Palácio Presidencial pelos membros do Diretório Revolucionário, quatro sobreviventes da ação se esconderam em um apartamento localizado na rua Humboldt, no bairro de Vedado, em Havana. Dias depois, a polícia descobriu o esconderijo, prendeu e matou os jovens que ficaram conhecidos como os “mártires da Humboldt”. Falaremos mais sobre o caso no quarto capítulo da tese.

⁸⁴¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Identificados gobierno, estudiantes, trabajadores y pueblo en los actos conmemorativos del 13 de marzo. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 61, 15 de marzo de 1960, p. 6.

para que os representantes de setores produtivos, intelectuais, estudantis e profissionais pudessem se incorporar ao desfile. Em 1959, o Partido criou comitês de mobilização para organizar sua militância durante o ato.⁸⁴² Não pensamos, porém, que a CTC-R, nesse momento, pretendia disputar com o PSP a hegemonia da celebração do Primeiro de Maio, pois, apesar de essa ser uma data importante para os comunistas, era também para os movimentos progressistas e de esquerda, que era o campo político onde a Revolução se encontrava naquele momento.

O governo revolucionário também se vinculou a alguns acontecimentos e personagens da história nacional. Em dezembro de 1959, na comemoração da data de morte de Antonio Maceo, houve um ato no mausoléu desse “herói” da independência. Na ocasião, o presidente de Cuba, Osvaldo Dorticós, proclamou: “Maceo, esta é a revolução que você queria”.⁸⁴³ Os membros do governo se filiaram aos mártires da independência cubana, assim como os socialistas populares vinham fazendo. Fidel Castro fez vários discursos nos quais alegou que a vitória de 1959 representava a continuação e o triunfo efetivo da luta pela libertação de Cuba que tinha começado no século XIX. Assim, a Revolução representava a continuidade de um processo de um século de embates, o que era uma forma de valorizar, com a narrativa, o próprio governo revolucionário.⁸⁴⁴

Em dezembro de 1959, o Ministério do Bem-estar Social distribuiu alguns discos com músicas revolucionárias, em uma campanha para “*cubanizar*” o Natal.⁸⁴⁵ Em 25 de dezembro de 1960, a Associação dos Jovens Rebeldes organizou as mobilizações para ornamentar as ruas com as decorações natalinas. Segundo o PSP, os enfeites manifestavam “a satisfação e a alegria revolucionária de nosso povo”.⁸⁴⁶ Algumas associações sindicais premiaram as fábricas que fizeram a melhor decoração. Pensamos que esse tipo de campanha promovida pelo Estado pretendia criar a sensação de felicidade, beleza física e de bem-estar. Era uma forma de mostrar

⁸⁴² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Extraordinario entusiasmo y unidad de las masas para el Primero de Mayo. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 98, 30 de abril de 1959, p. 1.

⁸⁴³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Maceo: ésta es la revolución que tú querías,” dijo Dorticós. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 281, 8 de diciembre de 1959, p. 1.

⁸⁴⁴ Para exemplificar, citamos uma passagem do discurso de Fidel Castro, de 10 de outubro de 1968, data de comemoração dos cem anos do início da Primeira Guerra de Independência: “O que significa para os revolucionários de nossa pátria essa gloriosa data? Significa simplesmente o começo de cem anos de luta, o começo da revolução em Cuba, porque Cuba só teve uma revolução: a que começou Carlos Manuel de Céspedes, em 10 de outubro de 1868. E que nosso povo leva adiante nestes instantes”. Ver: CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, en el resumen de la velada conmemorativa de los cien años de lucha. 10 de octubre de 1968. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 21/5/2021.

⁸⁴⁵ A primeira estrofe de uma das canções dizia: “Levante, cubano, e grite: Felicidades. Celebre suas festas natalinas revolucionariamente”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Celebra tus navidades revolucionariamente”. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 283, 5 de diciembre de 1959, p. 1.

⁸⁴⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¡Adornar las calles para la navidad! *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 299, 21 de diciembre de 1960, p. 1.

visualmente como o país havia mudado para melhor com a Revolução e, conseqüentemente, era também uma tentativa de legitimar o processo.

Nas festas de São João, de 1960, houve uma premiação promovida pelo Instituto Nacional da Indústria Turística para as melhores esculturas ou os melhores bonecos, que eram apresentados durante as festividades e depois queimados nas fogueiras do evento comemorativo. Eram as associações políticas e os ministérios que apresentavam as peças concorrentes, portanto, essa era uma ação que envolvia agentes do Estado que enviavam suas mensagens políticas durante uma festa popular.⁸⁴⁷ A vencedora no concurso foi uma escultura de uma torre de extração de petróleo feita de madeira com bandeiras das empresas responsáveis pela exploração do óleo em Cuba (Esso, Shell, Texaco e Sinliar). A escultura trazia a mensagem de que as riquezas naturais nacionais pertenciam às companhias privadas e não ao povo e, por isso, era preciso incendiá-las. Três dias depois do incêndio simbólico das empresas petrolíferas, as propriedades das corporações citadas foram nacionalizadas pelo governo. Esse exemplo mostra como as festas populares também foram transformadas para que, nelas, mensagens e projetos políticos fossem assimilados pela população, afinal não foi por acaso que a vencedora do concurso escolhida para ser queimada em um momento de júbilo popular representava os estabelecimentos que seriam nacionalizados três dias após o protesto celebrativo durante a festa de São João.

Quando algumas empresas estadunidenses foram nacionalizadas, em 1960, os nomes delas foram substituídos por nomes de países latino-americanos e de personalidades importantes para a história de Cuba e da América Latina.⁸⁴⁸ A Central Preston, por exemplo, tornou-se Guatemala e, no ato da mudança, Jacob Arbenz esteve presente.⁸⁴⁹ A CTC-R ainda organizou a “semana do júbilo popular” com atos para um “enterro simbólico” das empresas nacionalizadas. Foram usados caixões que representavam, dessa vez, os monopólios estadunidenses (serviços elétricos, telefones, centrais açucareiras, bancos). Os caixões seguiram em procissão pela avenida Carlos III, na capital, em direção ao *Malecón* e ali foram jogados no mar. A ideia era que a maré levaria os caixões para o norte. O evento foi encerrado com bailes populares nas avenidas portuárias de Havana. Atos em sindicatos de outras cidades também

⁸⁴⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las candelas de San Juan un éxito popular. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 147, 26 de junio de 1960, p. 4.

⁸⁴⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Masiva movilización em toda la isla en apoyo de las expropiaciones. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 183, 9 de agosto de 1960, p. 1.

⁸⁴⁹ Jacobo Árbenz foi um presidente eleito da Guatemala e governou essa país entre 1951 e 1954, ano em que sofreu um golpe de Estado, organizado pela CIA. O governo de Árbenz promoveu uma reforma agrária e outras medidas progressistas que se chocaram com os interesses da burguesia guatemalteca e também estrangeira, sendo que esses setores também se articularam para derrubá-lo.

aconteceram e, neles, os líderes sindicais explicaram o que era a nacionalização recentemente realizada. Notamos, com os exemplos citados, um esforço de simbolizar o poder, validar as ações do governo revolucionário e associá-las, quase exclusivamente, ao MR-26-7.

O governo revolucionário também promoveu outras iniciativas. Em abril de 1960, a imprensa nacional patrocinou a impressão de 2 mil exemplares de *Don Quijote*, obra que contaria com o prólogo de Fidel Castro e que seria distribuída para os camponeses que haviam terminado os estudos do ensino básico.⁸⁵⁰ No mesmo ano, o governo criou o álbum de figurinhas adesivas da Revolução Cubana, com representações da *Sierra Maestra*, dos membros do MR-26-7, do assalto ao palácio presidencial e da II Frente de Escambray.⁸⁵¹ Além disso, patrocinou a criação de canções com discursos sobre as vitórias e ideais da Revolução, como a canção dos voluntários,⁸⁵² com o objetivo, nesse caso, de exaltar um valor (voluntarismo) que se tornou imprescindível para formar o homem novo revolucionário.

Essas ações estatais indicam que o governo conseguiu criar uma estrutura de comando envolvendo não só a autoridade institucional, mas a aceitação e participação da população nos atos convocados por ele. O apoio à Revolução era grande naquela época. Lloyd A. Free, diretor do *Institute for International Social Research*, da Universidade de Princeton, dirigiu uma pesquisa de opinião pública feita em Cuba, em 1960, para investigar, dentre outras questões, o apoio ao regime revolucionário. O resultado da pesquisa indicou que 86% da população cubana apoiava o governo de Castro.⁸⁵³ Um ano antes, a revista cubana *Bohemia*, também por meio de uma pesquisa, havia demonstrado que 89% dos cubanos estavam ao lado da Revolução.⁸⁵⁴

Em 1963, foi inaugurada a exposição “10 anos de Revolução”,⁸⁵⁵ um evento que considerava como marco inicial daquele processo o ataque ao quartel de Moncada. Se o exército

⁸⁵⁰ MESA, Enrique. “El quijote” en manos del pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 83, 10 de abril de 1960, p. 4. Dentro da literatura, o Dom Quixote é o personagem conhecido por suas batalhas difíceis, às vezes, impossíveis, mas sempre persistentes. Há uma opção simbólica na seleção desse livro como a primeira obra editada pela imprensa nacional, há uma tentativa de associar a luta, quase épica de Cuba, contra seus inimigos, às batalhas quixotescas. Além disso, o texto de Miguel de Cervantes era e é um dos mais importantes da língua espanhola, o que também justifica a sua edição pela imprensa nacional.

⁸⁵¹ Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00040587/00001>

⁸⁵² “Somos todos voluntarios/ que nos vamos a la Sierra/ a llevarles educación/ al gaujiro de esta tierra”. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Emocionada recepción a maestros voluntarios de la Sierra Maestra. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 198, 26 de agosto de 1960, p. 15. A historiadora Mariana Martins Villaça fez um estudo mais detido sobre o campo musical no começo da Revolução e destacou que o governo cubano privilegiou e patrocinou “hinos e marchas” patrióticas, que tivessem mensagens de estímulo às iniciativas e campanhas do regime. Ver: VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 50-51.

⁸⁵³ TREVIÑO, A. Javier. C. *Wright Mills and the Cuban Revolution*. An exercise in the art of sociological imagination. The University of North Carolina Press, 2017, p. 215.

⁸⁵⁴ GUTIÉRREZ SERRANO, Raúl. El Pueblo opina sobre el Gobierno Revolucionario y la Reforma Agraria. *Revista Bohemia*, año 51, nº 25, 21 de junio de 1959, p. 8 (parte suplementar da edição).

⁸⁵⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inauguró Raúl Castro la exposición “10 años de Revolución”. *Noticias de Hoy*, año XXV, nº 17, 20 de enero de 1963, p. 1.

rebelde teve um papel imprescindível na queda de Fulgencio Batista, a narrativa em torno de seu papel deu ao MR-26-7 um protagonismo que, muitas vezes, excluiu os demais grupos políticos que atuaram contra o regime. O patrocínio estatal para a criação de símbolos, datas festivas, cerimônias públicas, pode ser entendido como atos deliberados de consolidação de uma legitimidade política associada às organizações representadas em tais eventos. Acreditamos que a cultura política revolucionária foi composta, *a priori*, pelas referências que representavam a experiência do MR-26-7, por alguns mitos e mitologias cubanas (a narrativa da república frustrada, as referências aos heróis nacionais das lutas pela independência e libertação – Martí, Maceo, Camillo Cienfuegos)⁸⁵⁶ e a elaboração de um calendário (26 de julho, mortes de Camilo Cienfuegos e Frank País, o Primeiro de Maio, o 13 de março). Veremos que, com o tempo, alguns referenciais da cultura política comunista foram incorporados ao repertório imagético da Revolução e, por isso, defendemos que ocorreu uma amalgama de referências, ainda que as representações relacionadas ao MR-26-7 tenham predominado.

Como vimos, os aspectos da cultura política dos comunistas não apareceram, em um primeiro momento, nas efemérides e representações oficiais. Os socialistas populares também mantiveram, não por vontade, uma relação distante com o governo revolucionário e não assumiram cargos importantes na gestão estatal entre os anos de 1959 e 1960. Dentre os vários fatores que explicam esse distanciamento, o anticomunismo dentro das fileiras revolucionárias foi, talvez, o mais importante.

3.1.2. O anticomunismo nas fileiras revolucionárias e os conflitos políticos entre 1959 e 1960

Como destacamos no capítulo anterior, o anticomunismo se manifestava em vários grupos políticos insulares, desde setores que apoiaram a ditadura até mesmo dentro das fileiras do exército rebelde. Por isso, ele é um fator importante para compreendermos a atuação dos socialistas populares nos primeiros anos da Revolução.

Em janeiro de 1959, duas sedes do PSP em Havana foram atacadas e os invasores agrediram dois homens que se encontravam nos locais. Esse tipo de ação também ocorreu em outras ocasiões. Em abril de 1960, garrafas contendo um líquido inflamável foram jogadas dentro da sede do Partido na cidade de Santiago de Cuba.⁸⁵⁷ No mês seguinte, novamente um

⁸⁵⁶ Em novembro de 1959, Camilo Cienfuegos viajou até a província de Oriente com o objetivo de prender o comandante Huber Matos, que havia sido acusado de sedição, como indicaremos adiante. No retorno para Havana, o avião que trazia Cienfuegos desapareceu e nunca foram encontrados os destroços do acidente. Após alguns dias de busca, o governo cubano declarou a morte de Camilo Cienfuegos. No primeiro aniversário de sua morte, houve uma oferenda floral jogada no mar, ritual que se repete ainda atualmente

⁸⁵⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Cobarde atentado terrorista al local del PSP en Santiago. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 99, 29 de abril de 1960, p. 1.

assalto com líquido inflamável e disparos com arma de fogo foi efetuado contra uma das sedes do PSP em Havana.⁸⁵⁸ E, em fevereiro do ano seguinte, a casa de Lázaro Peña foi atacada com um foguete.⁸⁵⁹ Ao noticiar esses eventos, o Partido os atribuiu, de forma genérica, aos contrarrevolucionários, e não deu mais informações sobre os autores das ações.

Em abril de 1960, a sala onde Carlos Rafael Rodríguez ministrava uma aula na Universidade de Havana foi invadida. O grupo invasor causou um pequeno tumulto, entoou palavras de ordem a favor da “democracia” e cantou o hino nacional como forma de demonstrar sua oposição ao líder comunista,⁸⁶⁰ mostrando com esse ato que, para os invasores, havia uma oposição entre ser comunista e ser nacionalista. Observamos que o anticomunismo sempre se utilizou falsamente dos símbolos nacionais para disfarçar seus ataques às liberdades de expressão e de cátedra, e suas perseguições políticas.

Além disso, encontramos notícias sobre a formação de um partido comunista apócrifo,⁸⁶¹ além de notas sobre a distribuição de folhetos falsos atribuídos ao PSP.⁸⁶² Os socialistas populares também responderam a denúncias e narrativas conspiratórias sobre sua atuação, dentre elas rumores de que eles estavam treinando seus militantes para dar um golpe de Estado e organizar atentados contra os membros do governo. Os comunistas foram acusados de serem agentes russos e de formularem planos para instalar uma ditadura do proletariado na Ilha. As expectativas e incertezas quanto aos rumos da Revolução deram origem a anedotas e rumores que impulsionaram e foram impulsionadas pelos anticomunistas dentro e fora de Cuba. Naquele cenário, muitos alegaram que o PSP não tinha legitimidade para participar da Revolução porque não havia contribuído para derrotar a tirania. Os opositores lembravam, na imprensa insular, da aliança dos comunistas com Batista em 1940 e do papel desempenhado pelo Partido em 1933, acusando os comunistas de terem frustrado o movimento e levado a derrocada das forças progressivas nesse ano.⁸⁶³

⁸⁵⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Frustrado ataque a un local de barrio del PSP habanero. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 109, 12 de mayo de 1960, p. 5.

⁸⁵⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Atentado terrorista a la casa de Lázaro Peña. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 43, 23 de febrero de 1961, p. 1.

⁸⁶⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Una nueva pepillada contrarrevolucionária. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 100, 30 de abril de 1960, p. 4.

⁸⁶¹ “Sabemos que está em Havana um personagem que veio de Nova Iorque com a função de criar um partido comunista apócrifo, policial, que sirva aos fins de provocação do imperialismo”. Ver: ROCA, Blas. Discurso de Conclusiones de la discusión del Pleno del Comité Nacional, pronunciado el 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 20, 4 de abril de 1960, s/p.

⁸⁶² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. No es verdad lo de los ministerios. El PSP denuncia una burda provocación. *Carta Semanal*, n° 25, 14 de diciembre de 1960, p. 3.

⁸⁶³ Esses conflitos e acusações foram detectados em documentos do PSP, quando os comunistas deram respostas às acusações que vinham sofrendo. Em decorrência das respostas, sabemos dos embates que eles estavam enfrentando.

O artifício de tensionar as forças políticas foi amplamente usado pela reação conservadora ao processo revolucionário. Um dos principais setores do anticomunismo nos primeiros anos da Revolução foi a Igreja Católica. Esta instituição promoveu, como destacamos, a operação *Peter Pan*, que manipulou o medo do comunismo para convencer muitas famílias a tirarem seus filhos de Cuba.

Os comunistas responderam aos ataques feitos pelos membros do clero e esclareceram sua posição, em várias ocasiões, a respeito das relações estabelecidas com as instituições religiosas e a fé cristã. Mas apesar do discurso conciliador em alguns momentos, em outros, o PSP também contra-atacou. O Partido acusou a Igreja de usar a religião para criar divisões dentro da Revolução, para fomentar a contrarrevolução, e denunciou a relação de parte do clero católico com os monopólios cubanos e a campanha anticomunista feita pelos membros da instituição religiosa:

Como pode se admitir que os latifundiários, tão cruéis, sem humanidade, tão parasitas, sejam católicos e crentes em Deus? [...] Tampouco podem explicar como os Estados Unidos, que são “religiosos”, nos tiram a cota açucareira com uma canetada para trazer fome e miséria a Cuba, enquanto a União Soviética e a República Popular da China, que não são religiosas, nos compram o açúcar rechaçado para nos ajudar, para ajudar a Cuba e ao povo de Cuba, para evitar que tenhamos novos desempregos e fome. [...] A igreja é instituto de religião. Seu objetivo são as almas e o céu. Sua atividade não pode ser a política, mas a religião.⁸⁶⁴

Além da Igreja, dentre as primeiras vozes que se levantaram na imprensa por exemplo, contra o comunismo estava a de Jules Dubois, jornalista da revista *Bohemia* e vinculado à SIP⁸⁶⁵, que publicou, desde os primeiros dias de 1959, algumas reportagens atacando o PSP e alertando sobre a participação dos comunistas na Revolução. A *Bohemia* e seu proprietário, Miguel Angel Quevedo, endossaram o discurso anticomunista, chamaram os socialistas populares de “fanáticos do totalitarismo” e os descreveram como:

Minoria da minoria em Cuba, sem embasamento real na nacionalidade, tratam teimosamente, com sua tenacidade proselitista conhecida, de se infiltrar em todos os movimentos revolucionários e aproveitar os momentos históricos de transformação política, como o que se realiza em Cuba. Porém, a consciência e a ação do nosso povo amadureceram o bastante para que ninguém consiga desviá-lo, no instante de reconquistar sua democracia, para ideologias que negam a liberdade.⁸⁶⁶

⁸⁶⁴ ROCA, Blas. Religión y Revolución. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 185, 11 de agosto de 1960, p. 4.

⁸⁶⁵ *Sociedad Interamericana de Prensa*, associação que reuniu órgãos de imprensa de tendências mais à direita, alguns conservadores, de vários países latino-americanos.

⁸⁶⁶ BOHEMIA. Editorial 2: Contra el comunismo. *Revista Bohemia*, año 51, n° 2, 11 de enero de 1959, p. 95.

Em diversas ocasiões, o PSP publicou reportagens contestando algumas alegações do *Diario de la Marina*, de Jules Dubois e da *Bohemia*, e nelas sempre aparece uma resposta à ideia de que os comunistas não poderiam fazer parte da Revolução, pois não tinham legitimidade, já que não lutaram contra a ditadura. Também o jornal *Revolución*, órgão oficial do MR-26-7, atacou os socialistas populares com um discurso próximo ao que destacamos anteriormente. Em 14 de fevereiro de 1959, o citado jornal publicou uma reportagem escrita por Sasha Volman, na qual ele afirmou que “os comunistas cubanos contribuíram muitíssimo para reforçar a ditadura de Batista. Quando é impossível conquistar o poder, os comunistas preferem apoiar as ditaduras militares contra as forças democráticas [...]”.⁸⁶⁷ Ainda que os principais gestores do *Revolución* não tenham feito uma acusação tão direta, o jornal publicou uma reportagem que fazia coro ao discurso dos demais órgãos citados e enfatizava o apoio dado pelo PSP à ditadura de Batista, o que era falso, como mostramos no capítulo anterior.

O PSP questionou até que ponto aquele tipo de afronta não obedecia “a razões pessoais do redator principal e uma política que não se reflete no resto do diário”.⁸⁶⁸ Aqui, os comunistas indagaram se os ataques ao Partido não vinham diretamente de Carlos Franqui, o diretor de *Revolución* que, como já comentamos, tinha conflitos com os comunistas desde os anos 1940. De acordo com Díaz Castañón, o jornal *Revolución* refutava, sempre que podia, a relação entre a Revolução e o comunismo, e representava o comunismo e o governo de Batista como regimes totalitários, mostrando assim que certas disputas políticas da época marcaram a posição de seus jornalistas.⁸⁶⁹ Carlos Franqui admitiu que o *Revolución* atacou o *Noticias de Hoy* e ainda salientou que ele, Franqui, possuía uma posição à esquerda, mas longe do comunismo e da União Soviética.⁸⁷⁰

Em outra ocasião, o jornal *Revolución* veiculou um documento assinado pela direção provincial do MR-26-7 de Havana, acusando os comunistas de serem demagogos e destacou que a Revolução iria “varrê-los por seu próprio peso”, porque aquele era um processo verde

⁸⁶⁷ VOLMAN, Sacha. Batista y la Revolución ‘comunista.’ *Revolución*, año 2, n° 61, 14 de febrero de 1959, p. 4. Segundo o pesquisador Patrick Iber, Sasha Volman foi um agente da CIA envolvido com a promoção de atividades anticomunistas na América Latina. Iber não deu mais informações, nem encontramos em outros meios, sobre a atuação de Volman em Cuba, mas, como esse agente viajou por diversos países da região, é possível que ele tenha estado na Ilha ou tenha tido contato com cubanos para que essa reportagem fosse publicada. Ver: IBER, Patrick J. (2013). “Who Will Impose Democracy?”: Sacha Volman and the Contradictions of CIA Support for the Anticommunist Left in Latin America. *Diplomatic History*, 37(5), 995–1028.

⁸⁶⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un recado amistoso a “Revolución”. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 36, 15 de febrero de 1959, p. 1.

⁸⁶⁹ DÍAZ CASTAÑÓN, María del Pilar. *Ideología y Revolución*, Cuba, 1959-1962. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004, p. 113.

⁸⁷⁰ FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 52.

oliva e aqueles que não se davam conta disso não deveriam “fazer manobras hipócritas”.⁸⁷¹ O secretário geral do PSP, Blas Roca, alegou que nem todo o Movimento 26 de Julho pensava como “pessoal” do *Revolución*, ou seja, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. Roca destacou que os “comandantes” queriam a unidade, enquanto “aqueles que não vieram pelo *Granma*”, como Franqui, pediam uma unidade pelas bases, sem vínculo oficial, o que era uma forma de falácia. O *Revolución* respondeu que, com esse argumento, Roca pretendia dividir o MR-26-7, acusou o PSP de não ter feito nada de significativo para o povo cubano e lançou um desafio: “Já verá o decano dos socialistas populares se dentro de vinte ou trinta anos segue sendo como até agora o timoneiro do comunismo *criollo*”.⁸⁷² Depois disso, o jornal *Revolución* continuou acusando os comunistas de promoverem uma “conjura de divisão” até o final de 1959, quando houve uma mudança da conjuntura política, como indicaremos mais à frente.

O discurso acusatório envolvendo comunistas e anticomunistas foi intenso nos primeiros momentos de 1959, época em que existiam muitos jornais na Ilha, havia maior liberdade de imprensa e mais grupos representantes da direita cubana. Como mostramos, o flanco da luta nos meios de comunicação abrangia todo o espectro da política, ia desde os órgãos de extrema direita, como o *Diario de la Marina*, até as forças mais progressivas, como o *Bohemia* e *Revolución*.

Associar o anticomunismo ou qualquer manifestação de oposição ao Partido como sendo uma ação em prol dos EUA foi a estratégia política adotada nos discursos dos socialistas populares, recurso nada inovador se pensarmos que o Partido há muitos anos já associava qualquer manifestação anticomunista ao “imperialismo” estadunidense. O presidente do PSP, Juan Marinello, chamou a atenção para o fato de que o discurso e os ataques anticomunistas eram também uma continuidade da tática das forças reacionárias que haviam apoiado Batista e que agora queriam desestabilizar a Revolução.⁸⁷³ Com o tempo, porém, os comunistas passaram a vincular o anticomunismo com um espectro mais amplo que incluía a contrarrevolução armada, os restos do “*mujalismo*” dentro do movimento sindical, os “interesses criados”, o “imperialismo” e Batista, como aparece na figura 11. Esse recurso discursivo, que simplificava a pluralidade dos inimigos, reduzindo-os a um único grupo, como se todos tivessem os mesmos

⁸⁷¹ DIRECCIÓN NACIONAL DEL MR-26-7 DE LA HABANA. Granma: La reforma agraria y los divisionistas. *Revolución*, año 2, n° 146, 28 de mayo de 1959, p. 2.

⁸⁷² DIRECCIÓN NACIONAL DEL MR-26-7 DE LA HABANA. Granma: Respuesta a Blas Roca. *Revolución*, año 2, n° 130, 8 de mayo de 1959, p. 2.

⁸⁷³ MARINELLO, Juan. El anticomunismo, consigna batistiana. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 3, 8 de enero de 1959, p. 2.

objetivos, foi utilizado nas representações do PSP desde os anos 1930 e observamos abaixo a perpetuação dessa narrativa política:

Figura 11- Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: *Noticias de Hoy*, 26/5/1959, p. 1.

O PSP respondeu também às acusações feitas por Fidel Castro em uma entrevista televisiva na qual ele disse que havia muita coincidência entre os comunistas e os contrarrevolucionários ao comentar um protesto de trabalhadores que pediam aumento de salários. O Partido alegou que não havia participado daquelas reivindicações e que a acusação de Fidel Castro era injusta e injustificada. Os socialistas populares responderam: “Agora há o costume de acusar aos comunistas por tudo e de acusar de comunistas a todos os que fazem algo que o acusador não gosta. [...] Se pudéssemos somar todos aqueles que, por um ou outros motivos, se catalogam como comunistas, teríamos o maior partido de todos”.⁸⁷⁴ Esse foi o único momento em que encontramos uma troca pública de ofensas entre Fidel Castro e o PSP, o que nos leva a crer que ao menos o Partido tinha razões para evitar o conflito aberto com o líder do MR-27-6. Além do mais, nos discursos de Fidel Castro a partir do final de 1959, já aparecem algumas associações entre a contrarrevolução e o anticomunismo, quer dizer, uma repetição do discurso feito pelos socialistas populares⁸⁷⁵ e uma mudança discursiva de Castro.

⁸⁷⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones del PSP sobre manifestaciones de Fidel Castro a través de CMQ-TV. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 115, 22 de mayo de 1959, p. 1.

⁸⁷⁵ No discurso de Fidel Castro, de 21 de outubro de 1959, ele alegou que aqueles que acusavam os revolucionários de serem comunistas estavam “fazendo o jogo” de Trujillo [ditador da República Dominicana], da reação nacional,

O anticomunismo impediu também a unidade nas agrupações juvenis. Em Havana, os membros do grupo Ação Católica alegaram que sua ausência na unidade nos órgãos juvenis era motivada pela presença da Juventude Socialista. O Partido criticou o sectarismo existente nesses setores e, sobre essa questão, o militante comunista Ramon Calcines comentou:

Faz pouco tempo me contaram que em La Lisa, um grupo de jovens católicos e socialistas estavam em um ônibus para uma excursão para praia. Quando o ônibus saiu, os católicos se sentaram de um lado e os socialistas do outro. Nossos companheiros começaram a cantar canções revolucionárias. Enquanto cantavam, os católicos escutavam em silêncio. Depois, os católicos começaram a cantar canções religiosas e quando terminaram, houve companheiros nossos que falaram que aquelas canções eram desagradáveis. Considero que essa é uma demonstração de como sectarismo está presente em muitos jovens socialistas que não compreendem que dessa maneira se caminha mal. Em um caso como esse o que devemos fazer é nos colocar cada um por seu lado e entoar melodias patrióticas e do folclore nacional.⁸⁷⁶

Segundo Martagloria Morales Garza, no começo do processo, existiam receios sobre o as ações insurrecionais dos militantes comunistas e, portanto, sobre seu direito de integrar o governo e as organizações revolucionárias.⁸⁷⁷ Esse foi um dos primeiros grandes debates políticos daquele momento, quando se tentava definir quem tinha legitimidade para participar das instituições de gestão pública. Os comunistas foram questionados diversas vezes sobre a participação do PSP na guerra de guerrilhas e fizeram esclarecimentos públicos em programas de TV e nos meios partidários para responder à acusação de que eles não haviam contribuído para a vitória da Revolução. O PSP passou a alegar que havia sido o responsável por introduzir em Cuba as ideias progressistas que impulsionaram o movimento revolucionário. Portanto, segundo eles, o programa político e social da Revolução havia sido introduzido no cenário nacional pelo Partido, como observamos na seguinte passagem:

Sem arrogância, nós, comunistas, podemos reclamar o mérito de ter aberto o caminho a todas essas ideias que agora, ao impulso da revolução encabeçada por Fidel Castro e seus companheiros, começam já a não assustar, ainda que antontem eram poucos os que se atreviam a sustentá-las fora de nossas fileiras sem que nenhuma outra organização política as incluísse em seu programa. [...] porque essa também é a nossa revolução, a revolução sem a qual Cuba não será livre. E só uma Cuba livre pode ser transformada depois em uma Cuba socialista. [...] conceber a unidade sem os comunistas é suicida e infantil. Suicida porque com isso privaria a revolução de sua força mais experiente e coerente. Infantil porque os comunistas, que sabem quais são seus

dos criminosos de guerra e de Batista. Ver: CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en el campamento “Agramonte”, en Camagüey 21 de octubre de 1962. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 21/5/2021. Notamos que Castro passou a associar quem usava o argumento da “penetração comunista” aos interesses dos inimigos da Revolução Cubana.

⁸⁷⁶ CALCINES, Ramon. El espíritu de unidad de la juventud cubana. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, nº 154, p. 99-100.

⁸⁷⁷ MORALES GARZA, Martagloria. Los debates de la década de los 60 en Cuba. *Revista Temas*, nº 55, 2008, p. 93.

deveres, não ficarão de lado para satisfazer os ingênuos e favorecer os reacionários.⁸⁷⁸

Aníbal Escalante alegou, certa vez, que os comunistas não ficavam se vangloriando de sua participação na guerra de guerrilhas, mas que eles haviam sido importantes para o desenvolvimento do conflito. Escalante destacou que, ao tentar diminuir o papel do Partido na luta armada contra Batista, o propósito dos inimigos era menosprezar a organização, tirar a legitimidade dela como agrupamento revolucionário.⁸⁷⁹ Em decorrência desses embates, o PSP reiterou publicamente várias vezes as contribuições que deu à incorporação de combatentes ao exército rebelde e o auxílio prestado às tropas do MR-26-7, quando elas se deslocaram em direção a Havana. Isso sem contar o destaque dado na imprensa às outras formas de resistência à ditadura que foram importantes para o desmonte do regime como, por exemplo, a greve geral de 1955 ou o envio de suprimentos à região das guerrilhas. O PSP publicou em *Noticias de Hoy* relatos dos membros do Partido que estiveram na *Sierra Maestra* e na resistência urbana (relatos de prisões, torturas e assassinatos).⁸⁸⁰ A divulgação dessas histórias tinha a intenção de construir uma versão do engajamento comunista no combate contra a ditadura e afirmar a importância da resistência do PSP ao regime de Batista.

Na Ilha, alguns setores políticos, inclusive dentro do governo, receavam a chegada dos comunistas aos cargos administrativos, alegavam que isso poderia mudar os rumos da Revolução. Os historiadores cubanos Sergio Guerra Vilaboy e Alejo Maldonado apontaram que com a aprovação da reforma agrária, se delinearão mais nitidamente as três tendências dentro do governo revolucionário: uma moderada ou conservadora, representada pelo presidente Manuel Urrutia Lléo e os comandantes Sorí Marín⁸⁸¹ e Huber Matos,⁸⁸² uma de esquerda, incluindo aqueles inclinados a aprofundar a Revolução, com uma linha nacional reformista e anticomunista, representada por Carlos Franqui, e a uma socialista, que defendia uma aliança mais estreita com o PSP, encabeçada por Raúl Castro e Ernesto Guevara, que eram, segundo os autores, comunistas desde antes de começar a luta contra Batista.⁸⁸³ Com o tempo, as tensões

⁸⁷⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. La Revolución y los comunistas. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 43, 24 de febrero de 1959, p. 3.

⁸⁷⁹ ESCALANTE, Aníbal. El papel de los comunistas en la guerra: Nosotros podemos decirselo... *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 146, 28 de junio de 1959, p. 9.

⁸⁸⁰ No começo de 1959, Luis Más Martín, militante do PSP, publicou em *Noticias de Hoy*, a coluna “Impressões da Sierra Maestra”, onde relatou sua participação nas guerrilhas. Na mesma época, o jornal publicou a coluna “Vítimas da tirania”, na qual destacou os atos violentos (mortes, prisões e torturas) cometidos durante a ditadura.

⁸⁸¹ Humberto Sorí Marín foi comandante do Exército Rebelde durante a guerra de guerrilhas e nomeado Ministro da Agricultura, em 1959.

⁸⁸² Comandante do Exército Rebelde e chefe militar da província de Camagüey após a Revolução.

⁸⁸³ GUERRA VILABOY, Sergio; MALDONADO, Alejo. *Breve Historia de la Revolución cubana*. Navarra: Txalaparta, 2009. Blas Roca informou que Raúl Castro tinha pertencido à juventude socialista, nos anos de 1950. Ver: ROCA, Blas. Conversando con Blas Roca. In: BATLLE REYES, Lucilo (compilador). Blas Roca: virtud y

entre esses grupos aumentou e gerou crises políticas importantes que foram motivadas, em grande medida, pelo anticomunismo.

Os comunistas alegaram que o primeiro governo revolucionário (os ministros, o primeiro-ministro e o presidente) era formado pela pequena-burguesia e pelos representantes dos proprietários de terras não latifundiários. De acordo com as teses partidárias de fevereiro de 1959, os políticos que ocupavam o poder tinham uma orientação anti-imperialista limitada e defendiam o regime capitalista,⁸⁸⁴ por isso, aquele não era um governo de coalizão de massas devido a sua baixa representatividade popular e às tendências contrárias de seus integrantes aos interesses do povo, o que, segundo os comunistas, acabava aumentando os conflitos políticos. Os socialistas populares consideravam que o processo não avançaria, pois o governo era gerido pelos “elementos retrancas, de mentalidade *plattista*”,⁸⁸⁵ por líderes políticos que pretendiam conservar *status* político burguês e capitalista. Em decorrência disso, a solução, para os comunistas, era trocar os integrantes dos ministérios, como salientou Roca:

O PSP está disposto a formar parte de um gabinete revolucionário que esteja pronto para atuar, a satisfazer as exigências do momento histórico e do processo revolucionário. Pedimos uma mudança da composição do gabinete, independentemente se somos incluídos nele ou não. Acreditamos que se o governo provisório decide ser revolucionário, nossa inclusão no gabinete seria altamente positiva. Seria, na verdade, necessária.⁸⁸⁶

Notamos que o melhoramento do governo passava pela saída de alguns de seus membros e pela inclusão do PSP nele. Além disso, segundo o Partido, não havia uma identificação do governo provisório, nos primeiros meses de 1959, com a Revolução, pois os principais membros do MR-26-7 não participavam diretamente do governo, conseqüentemente, aqueles representantes não poderiam satisfazer as demandas do povo.⁸⁸⁷ Essa constatação nos mostra mais um esforço por criar uma ideia de que o governo revolucionário só poderia ser autêntico e legítimo se fosse composto pelos membros do Movimento 26 de Julho.

Nas teses de fevereiro, o PSP apontou que as forças políticas estavam divididas entre a esquerda, o centro e a direita. Posteriormente, a partir de outros documentos, pudemos mapear

ejemplo. La imagen de un hombre excepcional. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 184. Apesar das afirmações destacadas, nem Raúl Castro nem Guevara foram militantes ativos dos PC's.

⁸⁸⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tesis del Partido Socialista Popular sobre la situación actual. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 21-22.

⁸⁸⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 6. Na documentação partidária, “mentalidade *plattista*” significava o modo de pensar daqueles que defendiam os Estados Unidos e que eram representados, pelo PSP, de modo bem genérico, como defensores da Emenda Platt.

⁸⁸⁶ ROCA, Blas. Informe para la discusión de las tesis sobre la situación nacional. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 56.

⁸⁸⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 6.

como os comunistas entendiam o cenário político. A direita era representada por Carlos Prío Socarrás, Antonio Varona, José Miró Cardona e Manuel Urrutia. Também Roberto Agramonte, ministro do Estado e antigo dirigente do Partido Ortodoxo, foi criticado pelos comunistas por dizer em um programa televisivo que o governo ainda não havia decidido se daria permissão para o PSP participar nas eleições que deveriam acontecer futuramente.⁸⁸⁸ Em maio de 1959, Aníbal Escalante, em uma reportagem em *Noticias de Hoy*, pediu nominalmente que Roberto Agramonte fosse retirado do governo, porque ele era um elemento *plattista* e a missão dele era sabotar a Revolução em prol dos EUA. Escalante também definiu o ministro da fazenda, Rufo Lopez Fresquet, como um político submisso aos EUA e inclinado ao anticomunismo.⁸⁸⁹ Para os socialistas populares, o centro do processo era Fidel Castro e os militantes do MR-26-7, e a esquerda cabia aos próprios comunistas.

As duas principais consignas do PSP em 1959 eram “defender a revolução e fazê-la avançar” e “essa é a nossa revolução, esse não é o nosso governo”. Para Bandeira, essa era uma forma de expressar a falta de identificação dos comunistas com Castro.⁸⁹⁰ Ao contrário do autor, pensamos que era uma forma de mostrar a oposição aos membros declaradamente anticomunistas do governo. Não encontramos críticas públicas a Fidel Castro na documentação partidária. Poderíamos pensar que somente isso não é suficiente para dizer que os comunistas se identificavam com ele, mas acreditamos que, pela insistência na valorização de Fidel Castro, os comunistas realmente acreditavam que ele deveria deter poder e cargos para conduzir a Revolução.

A chegada de Castro à direção política ocorreu em fevereiro de 1959, quando o primeiro-ministro José Miró Cardona abdicou do posto. Quando Castro assumiu essa função, os comunistas concluíram que: “Agora o poder revolucionário começa a se fundir com o governo provisório e este passa a adquirir uma qualidade revolucionária que não tinha”.⁸⁹¹ Em nossa perspectiva, a assertiva anterior é mais um indício do esforço dos comunistas para validar o poder de Castro e representá-lo como única e verdadeira autoridade dentro do processo. A saída de Miró Cardona representou a primeira crise política da Revolução e foi sucedida por diversas outras em 1959.

⁸⁸⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. El Dr. Agramonte se deja ganar por el plattismo. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 19, 27 de enero de 1959, p. 1.

⁸⁸⁹ ESCALANTE, Aníbal. El plattismo, dolencia pertinaz. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 100, 5 de mayo de 1959, p. 7.

⁸⁹⁰ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 199.

⁸⁹¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del Buró Ejecutivo del Comité Nacional de Partido Socialista Popular. *Carta Semanal*, n° 2, 7 de marzo de 1959, p. 4.

Em julho, o comandante da força aérea cubana, Pedro Luis Díaz Lanz, desertou e foi para os Estados Unidos, alegando seu desacordo com a ocupação de cargos dentro do exército e do governo pelos comunistas.⁸⁹² Entretanto, até esse momento, não conseguimos identificar a quem Díaz Lanz fazia referência. Quando analisamos as fontes do PSP notamos um crescimento das atividades partidárias (expansão da imprensa, aumento das filiações, retomada da direção de alguns poucos sindicatos, reorganização dos núcleos municipais), mas não encontramos informações sobre a ocupação de seus membros de postos governamentais. Isso nos leva a crer que a justificativa de Díaz Lanz era um reflexo de seu anticomunismo e tinha mais relação com o incômodo causado pelas liberdades públicas e políticas que os comunistas tinham do que efetivamente por uma “penetração” dos socialistas populares nas instituições políticas. Lembramos que muitas agrupações e políticos pediram a cassação do PSP em 1959, alegando que os representantes da ideologia comunista não deveriam ter o direito de se organizarem nem ter liberdade na imprensa.

Ainda no mês de julho, o presidente Manuel Urrutia Lléo publicou um texto ao jornal cubano *El mundo* no qual alegou: “os comunistas fazem um dano terrível a Cuba e declaro aqui, com plena responsabilidade, que querem criar uma segunda frente a Revolução”.⁸⁹³ Bandeira apontou que, na crítica de Urrutia, havia uma referência a Raúl Castro e Che Guevara,⁸⁹⁴ mas pensamos que ia além disso, pelo fato de Urrutia Lléo já ter demonstrado hostilidades aos socialistas populares. O líder socialista Aníbal Escalante caracterizou a postura do presidente como “desgraçadas palavras” que “faz mal à revolução”.⁸⁹⁵ Os comunistas alegavam que Urrutia Lléo era um entrave ao desenvolvimento do processo e, segundo Carlos Rafael Rodríguez, ele “deu uma mostra da inércia política que conduz ao perigo do “seguidismo” internacional e que se diferencia pouco da atitude “plattista” [...]”.⁸⁹⁶

Nessa conjuntura, em julho de 1959, Fidel Castro pediu demissão do cargo de primeiro-ministro e compareceu a um programa na televisão para rechaçar a imputação de “comunista” que era atribuída a ele pelo presidente de Cuba. Castro declarou que a ação de Urrutia Lléo era quase uma traição, porque ele usava os argumentos anticomunistas para desestabilizar a Revolução.⁸⁹⁷ A renúncia de Fidel Castro instalou uma crise governamental e acreditamos que

⁸⁹² GUERRA VILABOY, Sergio; MALDONADO, Alejo. *Breve Historia de la Revolución cubana*.

⁸⁹³ URRUTIA LLÉO, Manuel. *El mundo*. 8 de junio de 1959, p. 1.

⁸⁹⁴ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 233.

⁸⁹⁵ ESCALANTE, Aníbal. Divagaciones sobre la justicia y defensa propia. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 147, 30 de junio de 1959, p. 7.

⁸⁹⁶ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Un discurso insidioso y una respuesta inaceptable. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 50, 6 de marzo de 1959, p. 1.

⁸⁹⁷ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz, op. cit., p. 233.

ela representou uma manobra para pressionar a queda do presidente, o que veio a acontecer quando Urrutia Lléo pediu demissão e Oswaldo Dorticós assumiu a presidência da Ilha em 18 de julho. A chegada de Dorticós, que já era ministro da Revolução, ao cargo representou a ascensão de mais um político castrista em um posto fundamental da Revolução e, conseqüentemente, um afinamento das tendências políticas em torno das lideranças do MR-26-7. No dia 26 do mesmo mês, no evento de comemoração do assalto ao quartel de Moncada, Castro reassumiu como primeiro-ministro. Outro membro importante do governo que se incomodava com os comunistas era o comandante Huber Matos. Em junho de 1959, Carlos Rafael Rodríguez destacou que, desde que conheceu Matos na *Sierra*, já tinha notado alguns de seus preconceitos, como ele relatou:

Estamos convencidos de que as palavras de Huber Matos que se dirigem tanto contra nós como contra todos os partidários da unidade revolucionária, danificam a revolução. Consideramos que Huber parte de um equívoco ou de um preconceito sem justificativa ao nos atribuir o afã de “levar a revolução por caminhos distintos, por caminhos que não são próprios dessa Revolução Cubana.”⁸⁹⁸

Huber Matos se juntou ao MR-26-7 logo após o assalto ao quartel de Moncada, lutou na guerra de guerrilhas e se tornou comandante da coluna 9 do Exército Rebelde. Após a vitória da Revolução, ele foi nomeado chefe militar da província de *Camagüey*. O jornalista Carlos Franqui apontou que Matos era um democrata, anti-imperialista e um crítico da presença dos comunistas no governo.⁸⁹⁹ E foi essa tendência política que fez Huber pedir demissão do cargo que ocupava em outubro de 1959, como ele destacou em suas memórias:

[...] a Revolução foi feita com muito sacrifício do povo e da rebeldia em armas, se convertendo em um compromisso de realização democrática. Por nenhum motivo, afirmo enfaticamente, pode se desviar da meta proposta por nós. Ao contrário, acredito que somos obrigados a ratificar cada vez mais estes princípios e a atuar em consequência. Me refiro aos comunistas, sem mencioná-los, recriminando-os por sua atitude oportunista e especulativa dentro do processo.⁹⁰⁰

Matos apontou que ele havia conversado com Franqui sobre a necessidade de conter a “conspiração comunista” dentro da Revolução e que outros políticos, como Faustino Perez (ministro dos bens malversados), Manuel Fernandez (ministro do trabalho), Rufo López Fresquet (ministro da fazenda), Manuel Ray (ministro da construção) e David Salvador (chefe da CTC-R) compartilhavam da mesma opinião.⁹⁰¹

⁸⁹⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. En torno a un discurso de Huber Matos. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 132, 12 de junio de 1959, p. 7.

⁸⁹⁹ FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia com Fidel*, p. 67.

⁹⁰⁰ MATOS, Huber. *Como llegó la noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 293.

⁹⁰¹ *Ibidem*, p. 294.

Huber Matos foi enfático ao afirmar que ele encabeçava o grupo daqueles que queriam que a Revolução se mantivesse fiel aos seus “ideais e postulados iniciais”,⁹⁰² e era radicalmente contrário que a Revolução se tornasse comunista,⁹⁰³ como ele mesmo alegou: “Estou em desacordo com a forma que as coisas são conduzidas. Acredito que se deu passos para um governo ditatorial, provavelmente de signo marxista, com o qual não pude me comprometer, porque isso significa me voltar contra meus princípios”.⁹⁰⁴ A renúncia de Matos, então, tem relação com sua própria percepção de que não deveria aceitar a participação dos comunistas no governo. Ele alegou que tentou organizar uma demissão coletiva com outros membros descontentes com os rumos da Revolução, mas não obteve sucesso.⁹⁰⁵

Diante dessa conjuntura e da impossibilidade, segundo Matos, de abordar a questão do comunismo com Fidel Castro, Huber Matos enviou uma carta, em novembro de 1959, para Fidel Castro, na qual renunciou ao posto de chefe militar da província de *Camagüey*. Vinte oficiais se solidarizaram com Matos, dentre eles, os ministros Sorí Marín e Manuel Artime,⁹⁰⁶ muitos foram presos e acusados de sedição.⁹⁰⁷ As acusações contra Huber Matos sinalizavam que ele estava conspirando contra a Revolução e havia atrasado a aplicação da lei de reforma agrária na província onde era chefe militar.⁹⁰⁸ No momento da prisão de Huber Matos, em 26 de outubro, Fidel Castro fez um discurso no qual alegou que a “tese” de Matos era a tese do anticomunismo, reduzindo as críticas de Matos a essa questão. É verdade que Matos criticava a penetração dos socialistas populares no governo, mas a principal crítica dele era ao abandono dos princípios que ele considerava como democráticos e anti-imperialistas em prol da construção de um Estado ditatorial e comunista.⁹⁰⁹

Ao alegar que Matos havia se deixado levar pelo anticomunismo, notamos uma viragem discursiva de Castro, que passou a considerar a atividade da contrarrevolução e as críticas ao regime como manifestações do imperialismo e do anticomunismo. A associação entre os críticos ao governo, os contrarrevolucionários, os imperialistas e os anticomunistas, feita anteriormente pelo PSP, apareceu de modo mais constante no discurso castrista a partir do final de 1959.

⁹⁰² Ibidem.

⁹⁰³ Ibidem, p. 295.

⁹⁰⁴ Ibidem, p. 298.

⁹⁰⁵ Ibidem, p. 305.

⁹⁰⁶ RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor. *Relaciones con los países socialistas*, p. 175. Logo após a prisão de Matos, Sorí Marín e Manuel Artime se exilaram nos EUA e entraram para organizações contrarrevolucionárias.

⁹⁰⁷ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 234.

⁹⁰⁸ MATOS, Huber. *Como llegó la noche*, p. 336.

⁹⁰⁹ Ibidem, p. 335.

Naquele ano, ainda, Huber Matos foi condenado a 20 anos de prisão, pena que cumpriu integralmente e, junto a ele, outros 21 membros do Exército Rebelde (capitães e tenentes) foram condenados a penas que variaram entre dois e sete anos.⁹¹⁰ Os comunistas consideraram que a prisão de Matos representou “um ponto de mudança na situação nacional, um momento de novas e mais precisas definições entre a revolução e seus inimigos”, porque Huber Matos era um dos mais importantes membros do Exército Rebelde, líder do governo, anticomunista, representava um dos principais opositores de Fidel Castro e havia tentando dar um golpe contra a Revolução.⁹¹¹ Os comunistas exageraram nessa representação de Matos com o objetivo de tensionar o conflito naquele contexto ao apresentar o ex-líder como um grande inimigo de Castro que tentou dar um golpe político. Para os socialistas populares, o afastamento de Huber Matos abria caminhos para o aprofundamento do processo e representava a perda de poder político de um dos dirigentes mais anticomunistas da Revolução.

Boa parte da historiografia cubana e a narrativa oficial da Revolução indica que Matos pretendia abandonar as fileiras do governo e era um traidor. Já a produção historiográfica feita fora de Cuba, com a qual concordamos, apontou que a prisão de Huber Matos é mais resultado de uma interpretação de que ele era um traidor do que efetivamente de um movimento organizado por ele contra a Revolução. De modo geral, esses trabalhos destacaram a indignação de Matos com a aproximação da Revolução com os comunistas, porém não consideram que essa insatisfação tenha se convertido em uma conspiração.⁹¹²

Importantes líderes do governo revolucionário romperam com a Revolução e aderiram aos movimentos contrarrevolucionários e/ou se mantiveram na oposição civil, dentre eles Manuel Ray Rivero, Carlos Prío Socarrás, Antonio Varona,⁹¹³ José Miró Cardona, Felipe Pazos,⁹¹⁴ Manuel Urrutia Lleó, Humberto Sorí Martín, Manuel Artime, David Salvador e Eloy Gutiérrez Menoyo.⁹¹⁵ Sobre as razões dessas rupturas, Carlos Franqui, que se exilou em 1968,

⁹¹⁰ Quando saiu da prisão, em 1979, Matos se exilou. Em 2002, foi lançado seu livro de memórias intitulado *Como llegó la noche*.

⁹¹¹ ROCA, Blas. Un punto de viraje en la situación nacional. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1959, año XX, n° 159, p. 19-22, passim.

⁹¹² BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 234. GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 77.

⁹¹³ Tony Varona fundou, em 1960, a agrupação armada contrarrevolucionária *Rescate Revolucionario Democrático*, juntamente com Carlos Prío Socarrás.

⁹¹⁴ Pazos foi um economista cubano, participou das guerrilhas nas fileiras do MR-26-7 e foi presidente do Banco Nacional, após a vitória da Revolução. Ele rompeu com o governo revolucionário e se filiou ao grupo contrarrevolucionário *Movimiento Revolucionario del Pueblo*, juntamente com Manuel Ray Rivero.

⁹¹⁵ Quase todos eles estiveram em movimentos armados contra a ditadura de Batista. Felipe Pazos, Sorí Martín, Salvador e Artime ingressaram nas fileiras do MR-26-7; Eloy Gutiérrez Menoyo esteve na II Frente de Escambray; Manuel Ray foi o articulador do Movimento de Resistência Cívica, que efetuou sabotagens contra a ditadura; Carlos Prío Socarrás chefiou a *Organización Auténtica*, braço armado do PRC-A. Trazemos esses dados para mostrar que os políticos que romperam com a Revolução haviam lutado ativamente contra o regime de Batista,

apontou que vários ministros “eram a favor de reformas democráticas, negociação com os Estados Unidos e propriedade privada, enquanto a maioria de nós era a favor de uma revolução radical de natureza anti-imperialista, anticapitalista e socialista”, mas longe do modelo russo.⁹¹⁶ Há um consenso historiográfico indicando que o rompimento de Matos, Lanz e Urrutia e a saída de ministros liberais e conservadores foram motivados pelo anticomunismo e pelo incômodo com o crescimento das atividades do PSP em Cuba,⁹¹⁷ o que não significa, necessariamente, uma “penetração comunista” no governo revolucionário nesse momento.

As leis “sociais” da Revolução, como a reforma agrária, a diminuição das tarefas telefônicas e dos alugueis, bem como a aproximação de Cuba com a URSS, incomodaram alguns membros do governo. Além disso, a percepção de que não haveria um retorno da legalidade parlamentar frustrou a expectativa de setores que esperavam que o MR-26-7 fosse entregar a gestão do país nas mãos dos antigos partidos políticos. Ademais, segundo Reinado Suárez Suárez, desde a institucionalização dos primeiros-ministros em janeiro de 1959, a inexistência de consenso político entre as organizações revolucionárias já havia gerado atritos internos.⁹¹⁸ E, por fim, muitos desses políticos eram anticomunistas e se negaram a permanecer ao lado do governo a partir do momento em que a Revolução se aproximou do PSP. Pensamos que esses fatores foram fundamentais para o rompimento e/ou exclusão deles das fileiras revolucionárias.

Os embates contra os comunistas também ocorreram nos meios sindicais. Marifeli Pérez-Stable destacou que, em janeiro de 1959, os líderes sindicais do Movimento 26 de Julho, alguns motivados pelo anticomunismo, expulsaram os membros do PSP do comitê executivo da Confederação dos Trabalhadores de Cuba (CTC-R). De acordo com a autora, houve um esforço do MR-26-7 e do DER para retirar os *mujalistas* e os comunistas das direções dos sindicatos.⁹¹⁹ Como destacamos anteriormente, David Salvador, principal dirigente sindical do Movimento 26 de Julho, já havia demonstrado sua oposição aos comunistas. Em março de 1959, ele alegou que Lázaro Peña e Ursinio Rojas não poderiam integrar o comitê executivo da CTC, porque estavam separados de suas bases sindicais há anos.⁹²⁰ Essa foi uma demonstração pública da pouca disposição de Salvador em relação com os membros do Partido.

inclusive nas filas do Exército Rebelde. No exílio, esses políticos formaram o Conselho Revolucionário Cubano, presidido por Miró Cardona, para coordenar as ações da oposição civil e armada contra a Revolução.

⁹¹⁶ FRANQUI, Carlos. *Retrato de família com Fidel*, p. 63.

⁹¹⁷ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 77.

⁹¹⁸ SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo. *El gobierno provisional revolucionario*, p. 24.

⁹¹⁹ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*. Orígenes, desarrollo y legado. Madrid: Editorial Colibrí, 1993, p. 125.

⁹²⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Los obreros decidirán sus dirigentes,” responde Ursinio Rojas a declaraciones hechas por David Salvador. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 63, 20 de marzo de 1959, p. 3.

David Salvador foi o responsável pela filiação da CTC à ORIT (*Organización Regional Interamericana de los Trabajadores*) e à CIOSL (*Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres*).⁹²¹ Segundo o PSP, essa associação era um sinal da continuidade de práticas *mujalistas* na direção da CTC,⁹²² porque ambas as organizações possuíam uma orientação mais próxima das forças de direita e das representações sindicais dos Estados Unidos.

Em novembro de 1959, aconteceu o X Congresso da CTC, momento de acirramento dos embates entre os comunistas e os membros do MR-26-7. Apesar da pouca representação dos comunistas, os delegados presentes votaram pela saída da CTC da ORIT, demanda posta pelo PSP. O evento, porém, confirmou a permanência de Salvador na direção da organização. Sobre a questão, Lázaro Peña destacou que a candidatura de David Salvador representava um voto de confiança, porém também deixou claro que ela incluía a proteção de antigos aliados de Mujal, isso porque os comunistas acusavam que David Salvador de estar protegendo líderes sindicais vinculados à ditadura de Batista.

Tendo essa acusação em conta, os delegados do PSP se abstiveram de votar, porque não queriam “se responsabilizar com a eleição de uma candidatura com um protetor dos *mujalistas*”.⁹²³ O PSP orientou seus membros a não votarem e publicou uma nota no jornal *Noticias de Hoy* alegando as razões que acabamos de destacar.⁹²⁴ Essa atitude foi um protesto político explícito contra a direção sindical do MR-26-7. Lembramos que, desde a greve de 1958, o PSP e Salvador tinham atritos e boa parte da historiografia indica que o fracasso da greve se deveu à pouca disposição do líder do Movimento 26 de Julho de incorporar os comunistas na organização do ato.

Após o X Congresso, em janeiro de 1960, uma comissão foi formada dentro da CTC com o objetivo de retirar das direções sindicais todos aqueles que estiveram vinculados a Mujal e à ditadura de Batista. O resultado dessa ação foi, segundo Pérez-Stable, um afastamento de líderes sindicais independentes e um crescimento dos socialistas populares na liderança de grêmios locais.⁹²⁵ James O’Connor apontou que os líderes sindicais anticomunistas também

⁹²¹ A ORIT reuniu sindicatos de vários países das Américas, muitos possuíam um caráter anticomunista, como a central estadunidense AFL-CIO (Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais), que era a maior organização daquele país, por isso, o PSP se opôs à vinculação da CTC à ORIT. A CIOSL foi criada, em 1949, como um desmembramento da Federal Sindical Mundial (FSM) e a ORIT fez parte dela.

⁹²² PEÑA, Lázaro. La afiliación internacional de la CTC y la posición de los derechistas. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 156, p. 84.

⁹²³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del B.E. del CN del PSP sobre el X Congreso Nacional de la CTC. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1959, año XX, n° 159, p. 18.

⁹²⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del B.E. del C.N. del PSP sobre el X Congreso Nacional de la CTC. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 274, 25 de noviembre de 1959, p. 4.

⁹²⁵ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*. Orígenes, desarrollo y legado, p. 130-131.

foram afastados. Quando essas remoções aconteceram, David Salvador não estava em Cuba e, em seu retorno à Ilha, ele se “resignou” ao “perceber que líderes de 22 das 28 confederações anticomunistas tinham sido substituídos ou renunciado”.⁹²⁶

Em 1960, David Salvador rompeu com o governo revolucionário, dentre outras razões, por causa do crescimento dos comunistas na administração sindical.⁹²⁷ Em novembro de 1961, Lázaro Peña foi eleito para o cargo de secretário geral da CTC-R,⁹²⁸ mas, nesse momento, os principais meios de produção já haviam sido nacionalizados e a força de trabalho era agora empregada, majoritariamente, pelo Estado, então a Central dos Trabalhadores de Cuba adquiriu uma nova configuração e o líder comunista foi considerado como um aliado na construção do novo sindicalismo socialista cubano. A noção de estado proletário implicou um novo comportamento dos trabalhadores e as campanhas da CTC-R foram fundamentais para impulsionar os projetos da Revolução, em especial, para organizar o trabalho voluntário, sobre o qual falaremos no próximo capítulo.

No final do primeiro ano da Revolução, os comunistas consideraram, e nós concordamos com essa percepção, que havia ocorrido uma “mudança” da situação nacional em decorrência da “ruptura” de líderes importantes do processo, muitos deles anticomunistas como mostramos. O pesquisador Edward Gonzalez destacou que, nesse momento, ocorreu uma reorientação da Revolução encabeçada por Fidel Castro, destinada a obter o apoio soviético, o que explica, em nossa concepção, a mudança discursiva de Castro com a condenação do anticomunismo e o fim das polêmicas travadas entre o *Revolución* e *Noticias de Hoy*.⁹²⁹ Segundo Gonzalez, foi também nessa época que uma ofensiva em prol do envolvimento soviético para garantir o avanço da Revolução Cubana começou no jornal *Noticias de Hoy*.⁹³⁰

O primeiro semestre de 1960 foi um momento de aproximação das agrupações revolucionárias com os comunistas. Os membros do PSP, progressivamente, passaram ocupar alguns cargos dentro da estrutura estatal, mas não dentro do governo. Nos eventos públicos, eles apareceram nos palanques, em locais de destaque, ao lado das lideranças governamentais. Na Primeira Declaração de Havana, em setembro de 1960, estiveram na tribuna Nicolás Guillén, Aníbal Escalante, Severo Aguirre e Manuel Luzardo.

⁹²⁶ O’CONNOR, James. *The origins of socialism in Cuba*. New York: Cornell University Press, 1970, p. 193.

⁹²⁷ David Salvador foi dirigente da organização armada contrarrevolucionária *Movimiento 30 de Noviembre*, formado, principalmente, por membros do movimento sindical vinculados ao MR-26-7 que estavam insatisfeitos com os rumos da Revolução.

⁹²⁸ Lembramos que Lázaro Peña, membro do Comitê Central do PSP, foi o primeiro dirigente da CTC quando esse órgão foi criado, em 1939, e ocupou o cargo até 1947.

⁹²⁹ GONZALEZ, Edward. Castro’s Revolution, Cuban Communist Appeals, and the Soviet Response. *World Politics*, vol. 21, nº1, Oct., 1968, p. 49-50.

⁹³⁰ *Ibidem*, p. 62.

Há alguns pesquisadores que alegam que o crescimento do PSP se deveu às relações que os comunistas tinham com Raúl Castro, Osvaldo Dorticós e Ernesto Guevara, descritos como comunistas de longa data e que, por isso, teriam facilitado as relações entre o MR-26-7 e o Partido.⁹³¹ Também alegaram que Osmami Cienfuegos, irmão de Camillo Cienfuegos, era militante do Partido e isso teria contribuído para uma posição favorável em relação aos socialistas.⁹³² Com exceção do pertencimento de Raúl Castro à JS no começo dos anos 1950, não encontramos fontes que indiquem a relação dos demais nomes com os comunistas, tampouco os autores não indicaram os documentos que comprovam suas afirmações. É possível que Raúl Castro e Guevara, ou outros integrantes do MR-26-7, tenham tido simpatias com o Partido e facilitado a aproximação entre o PSP e o MR-26-7, mas acreditamos que o crescimento do PSP dentro da Revolução se justifica mais pela aproximação de Cuba com a URSS, pela adoção do socialismo em 1961 e pelo papel de intermediação dos socialistas populares, como demonstraremos no próximo capítulo.

3.2. A trajetória política do Partido Socialista Popular nos primeiros dois anos da Revolução

3.2.1. A reorganização do PSP e a reativação dos rituais partidários

Após a vitória da Revolução, os comunistas saíram da clandestinidade. No processo de reorganização do PSP, os membros da “geração de 30” retomaram seus postos.⁹³³ Alguns dirigentes, como Nicolás Guillén, Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca e Lázaro Peña, estavam exiliados e voltaram para Cuba. Quando, no começo de 1959, Roca foi questionado sobre a permanência das mesmas pessoas na direção do Partido, ele respondeu que isso se devia ao fato delas responderem às exigências da organização.⁹³⁴ Lembramos que a última eleição

⁹³¹ Huber Matos, em suas memórias, apontou que Ernesto Guevara tinha se aproximado dos comunistas e, nos primeiros dias da Revolução, os membros do PSP iam na fortaleza de *La Cabaña*, onde estava Guevara, constantemente, indicando os contatos mais estreitos que o PSP tinha com esse chefe revolucionário. Matos também destacou que Osmami Cienfuegos era considerado comunista nos meios políticos e militares. Ver: MATOS, Huber. *Como llegó la noche*, p. 279, p. 285.

⁹³² GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 78. FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “*One hell of a gamble*”. Khrushchev, Castro, and Kennedy 1958-1964. The secret history of the Cuban missile crisis. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 1998., p. 11. SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1967, p. 29.

⁹³³ O secretário geral do PSP continuou sendo Blas Roca e o secretário executivo era Aníbal Escalante. Juan Marinello se manteve como presidente. O comitê de trabalho entre os profissionais ficou com Joaquín Ordoqui; Flavio Bravo foi para a comissão de educação e propaganda, que era presidida Ordoqui; Carlos Rafael Rodríguez se tornou diretor de *Noticias de Hoy* e Raúl Valdes Vivó foi subdiretor do jornal; Carlos Rafael Rodríguez e Jacinto Torras ocuparam a comissão de planos e ideias para o desenvolvimento nacional; e César Escalante foi direcionado para o trabalho do Partido na capital. PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del Buro ejecutivo del Partido Socialista Popular. *Carta Semanal*, nº 3, 19 de abril de 1959, p. 2.

⁹³⁴ ROCA, Blas. El PSP está donde hace falta que este para defender y hacer avanzar la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 101, 6 de mayo de 1959, p. 4.

para a direção partidária ocorreu na VII Assembleia do PSP, em 1952, e nesse evento foi confirmada a permanência daqueles que já estavam na direção socialista desde os anos de 1930.

O Partido reativou a sua imprensa. O jornal *Noticias de Hoy* voltou a sair em 6 de janeiro de 1959⁹³⁵ e foi dirigido por Carlos Rafael Rodríguez entre 1959 e 1962 e por Blas Roca deste ano até 1965, quando o periódico desapareceu para dar lugar ao *Granma*.⁹³⁶ A partir de junho de 1961, o jornal ganhou um suplemento cultural de oito páginas, chamado *Hoy Domingo*, que saiu até o começo de 1962. Em fevereiro de 1959, a revista *Fundamentos* voltou a ser editada e a *Carta Semanal* foi lançada de forma irregular entre 1959 e 1960. O Partido também recuperou algumas frequências radiais e, em janeiro de 1959, Salvador García Agüero inaugurou o programa *Hora popular* e César Escalante comandou o *Doctrina y Acción*.

Também em janeiro de 1959, o PSP fez uma emulação, intitulada “dar tudo ao *Hoy*”, para a reorganização das finanças e melhorar a publicação do jornal. Nas teses de fevereiro de 1959, o Partido apontou a necessidade de aumentar suas fileiras mediante um recrutamento massivo com a pretensão de fortalecer a organização, que naquele momento tinha 17 mil membros.⁹³⁷ No processo de reorganização ainda houve o lançamento da “promoção rebelde” para regularizar a situação dos filiados, colocar em dia o pagamento das cotas, recrutar novos membros e reorganizar os comitês socialistas. No mês de abril de 1959, o Partido havia conseguido quase 3 mil novos filiados e mais 2300 membros para a Juventude Socialista.⁹³⁸ Em agosto daquele ano, Aníbal Escalante comentou que cinco mil novos militantes haviam ingressado no Partido.⁹³⁹ Depois disso, não encontramos mais dados sobre novas adesões à organização, então acreditamos que o PSP não teve o sucesso em ampliar suas fileiras.

Além disso, o PSP reabriu suas escolas. Em abril de 1959, duas delas já funcionavam em Havana. Em uma se estudava o programa do Partido e, na outra, estava sendo ministrado um curso elementar de marxismo-leninismo.⁹⁴⁰ Na mesma época, uma outra escola foi fundada na província de Las Villas. O material de estudo recomendado continuava sendo o mesmo: os

⁹³⁵ Em abril de 1959, Aníbal Escalante foi retirado da direção de *Noticias de Hoy* porque, segundo o próprio jornal, ele tinha “novas e mais altas responsabilidades, não pode voltar a sua velha mesa de trabalho”. Ver: RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Despedida a Aníbal Escalante. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 80, 9 de abril de 1959, p. 3.

⁹³⁶ Em 1965, os jornais *Noticias de Hoy* (do PSP) e *Revolución* (do MR-26-7) se fundiram para fundar o jornal *Granma*.

⁹³⁷ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “One hell of a gamble”, p. 11. Essa foi a única ocorrência onde encontramos o número de filiados do PSP.

⁹³⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La “promoción rebelde”. *Carta Semanal*, n° 3, 19 de abril de 1959, p. 6.

⁹³⁹ ESCALANTE, Aníbal. La conmemoración del 34 aniversario del Partido en el año de la liberación. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1959, año XIX, n° 155, p. 17.

⁹⁴⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Actividades de educación y propaganda. Dos nuevas escuelas. *Carta Semanal*, n° 5, 18 de abril de 1959, p. 4.

pronunciamentos dos líderes socialistas populares, a revista *Fundamentos e Mella, Noticias de Hoy*, os estatutos e as teses do Partido, e a *Revista Internacional Problemas de la Paz y del Socialismo*.⁹⁴¹ Em junho de 1960, Blas Roca relançou, com novas passagens, o livro *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, que se tornou também uma obra de referência para os círculos de estudo do PSP e, posteriormente, para as *Escuelas de Instrucción Revolucionarias* (EIR's).

Internamente, havia uma separação dos materiais de estudo de acordo com o nível dos militantes. Para os quadros mais experientes estavam reservados “os manuais de economia política, filosofia, materialismo histórico da Academia de Ciências da URSS, além das obras de Marx, Engels, Lenin, os trabalhos de Stalin,⁹⁴² os informes e outros escritos de Krushev, de Mao Tse Tung e outros textos sobre as experiências da revolução e da construção do socialismo na URSS, China e demais países do campo socialista”.⁹⁴³ É interessante observar que, nesse momento, o PSP estudava e divulgava a experiência chinesa, via ao socialismo que passou a ser criticada quando o conflito sino-soviético se acirrou, mostrando novamente o alinhamento do PC cubano com a União Soviética.

O culto à URSS, inclusive, foi um dos rituais partidários reativados com mais força. Nos anos 1960, a corrida espacial foi o traço mais importante desse culto e vários astronautas russos visitaram Cuba após a aproximação entre os dois países. Na comemoração do 26 de julho de 1961, Yuri Gagarin, primeiro homem a viajar pelo espaço, esteve na Ilha. Em 1963, Gagarin retornou a Cuba em outubro e, no mês anterior, quem havia visitado o país tinha sido Valentina Tereshkova, a primeira cosmonauta russa. Em 1965, durante uma visita de Raúl Castro à Rússia, ele falou, ao vivo, com dois astronautas que estavam em pleno voo. No jornal *Noticias de Hoy*, as façanhas soviéticas apareceram como uma certificação da validade da ideologia:

A criação do foguete interplanetário é o resultado do magnífico progresso da ciência e da técnica soviética, uma prova dos êxitos do trabalho criador do

⁹⁴¹ A revista surgiu em 1958, foi editada em Praga e publicou textos de militantes comunistas vinculados aos PC's. Essa publicação circulou em Cuba nos anos 1960.

⁹⁴² Após 1959, o nome de Stálin apareceu em algumas publicações do PSP. No número 155 da revista *Fundamentos* há uma publicação, feita originalmente em uma revista francesa, com uma indicação de uma biografia sobre Stalin. Os socialistas populares fizeram um resumo da vida do líder soviético, reiteraram as críticas ao culto à personalidade, alegaram que, nos últimos anos de sua vida, Stálin se afastou das teses marxista-leninistas, realizou uma repressão em massa aos adversários ideológicos, tomou decisões sem considerar a opinião dos demais do membros do comitê central do PCUS, ação que repercutiu desfavoravelmente nas operações militares durante a Segunda Guerra, além de decisões erradas sobre a economia e a política exterior, como a ruptura com a Iugoslávia. Ver: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Stalin y su obra en la enciclopedia soviética. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 155, p. 86-87.

⁹⁴³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución sobre la consciencia revolucionaria y del nivel ideológico marxista-leninista. *Carta Semanal*, n° 19, 12 de marzo de 1960, s/p.

povo soviético. O lançamento do foguete cósmico é uma nova prova do alto nível cultural alcançado nos anos do poder soviético”.⁹⁴⁴

Ademais, o Partido manteve o apoio às ações da URSS quando alegou, por exemplo, que a União Soviética cumpriu seu dever “com todos os povos” ao invadir a Hungria em 1956,⁹⁴⁵ ou nas alusões de como “na URSS não existe frustração artística”,⁹⁴⁶ ou “na URSS não há desemprego” e o “prêmio Nobel de Boris Pasternak foi uma provocação antissoviética”,⁹⁴⁷ ideias que reforçam a noção da Rússia como um espaço idílico, sem pobreza ou perseguições políticas e artísticas.

Outro ritual reativado foi a celebração das datas festivas do Partido. Em janeiro de 1959, houve a comemoração do aniversário de morte de Julio Antonio Mella, Jesus Menéndez e de Ruben Martínez Villena, quer dizer, reativaram a rememoração dos mártires socialistas populares. O Partido também construiu um obelisco no local onde Francisco (Paquito) Rosales, militante do PSP e prefeito da cidade de *Yaguajay*, havia sido assassinado, na província de Guantánamo.⁹⁴⁸ No 34º aniversário da agrupação, em agosto de 1959, o PSP inaugurou a “sala dos mártires”, um espaço localizado dentro do comitê municipal do Partido em Havana com fotografias dos militantes que foram assassinados ao longo da ditadura.⁹⁴⁹ E, claro, organizou as mobilizações de seus membros no Primeiro de Maio. A partir de 1959, essa data foi mais enfatizada pelo Partido, porque agora tratava de demonstrar o apoio dos trabalhadores à Revolução e, conseqüentemente, a mobilização para o evento deveria ser grandiosa.

Os socialistas populares incorporaram outros elementos em suas representações políticas. Um exemplo disso pode ser visto na figura abaixo. De acordo com os comunistas, os cubanos, com a Revolução, estavam dando continuidade ao Protesto de Baraguá⁹⁵⁰ e à luta pela

⁹⁴⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Pondrá el hombre las plantas en el suelo de otros planetas. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 4, 9 de enero de 1959, p. 3.

⁹⁴⁵ MARINELLO, Juan. Un burdo ataque a la Revolución. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 35, 11 de febrero de 1960, p. 4.

⁹⁴⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. No existe frustración artística en la URSS, dijo Jachaturian em Ciudad México. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 35, 11 de febrero de 1960, p. 1.

⁹⁴⁷ MARINELLO, Juan. “Cuando un pueblo esta dispuesto a dar la vida por la libertad, es invencible. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 36, 12 de febrero de 1960, p. 2. Boris Pasternak venceu o nobel de literatura, em 1958, e os comunistas consideraram o prêmio uma afronta ao regime soviético, pois o laureado era um crítico do daquele governo. A crítica a Pasternak foi um sinal da fidelidade dos PC’s e dos intelectuais ao comunismo russo. Pablo Neruda, por exemplo, se pronunciou sobre o nobel alegando que Pasternak não havia compreendido as vitórias da URSS. Ver: COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 145.

⁹⁴⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Develan hoy obelisco erigido a la memoria de “Paquito” Rosales. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 230, 4 de octubre de 1959, p. 1.

⁹⁴⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inaugura el PSP habanero La Sala de sus mártires. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 196, 26 de agosto de 1959, p. 1.

⁹⁵⁰ O protesto de Baraguá foi uma discordância, um protesto de Antonio Maceo contra os termos que colocavam fim a Guerra dos Dez Anos (1868-1878), sem que Cuba tivesse alcançado sua independência. Apesar da resistência de Maceo, dias depois de sua denúncia, o conflito foi finalizado com um tratado com a Espanha (Pacto de Zanjón), sem que insurretos tivessem alcançado seu objetivo.

independência de Cuba.⁹⁵¹ Os atores desse processo, guiados pelo líder independentista do século XIX, Antonio Maceo, eram todas as organizações, que deveriam lutar juntas, bandeira defendida pelo PSP no momento da publicação da figura 12. Essa representação dos comunistas como continuadores da luta dos “mártires da pátria” já ocorria antes de 1959. O Partido se autorrepresentou, até esse momento, como o único herdeiro das lutas de independência de Cuba, porém mudou seu discurso naquele ano e passou a incluir em suas representações outros grupos políticos também como continuadores das lutas dos “mártires” da independência nacional, como observamos abaixo, onde aparece o MR-26-7, a Federação Estudantil Universitária, o DER e o Exército Rebelde ao lado do PSP e de Antonio Maceo:

Figura 12 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: *Noticias de Hoy*, 15/3/1959, p. 1.

Em janeiro de 1960, aconteceu uma peregrinação aos túmulos de Ruben Martínez Villena e de Jesus Menéndez e figuras importantes do governo estiveram presentes nos atos. David Salvador, então secretário geral da CTC, prestou sua homenagem para Menéndez. Podemos alegar que, a partir desse momento, se iniciou um compartilhamento de símbolos e rituais entre o MR-26-7 e o PSP. Na imagem abaixo (figura 13), aparece novamente Antonio Maceo entregando a bandeira de Cuba para um membro do Exército Rebelde. Em nossa perspectiva, essa é uma declaração imagética explícita dos comunistas de que a direção do

⁹⁵¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La Protesta de Baraguá. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 59, 15 de marzo de 1959, p. 1.

movimento realmente cabia ao MR-26-7. No processo de dar significado ao que era a rebeldia cubana, o PSP forneceu elementos de sua cultura política que foram incorporados pela narrativa do governo revolucionário e um deles é exatamente a noção da “revolução prolongada”, de um processo insurrecional que havia começado no século XIX e continuava no presente, sobre a qual falamos no capítulo anterior e que aparece ressignificada abaixo:

Figura 13 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: *Noticias de Hoy*, 9/12/1959, p. 1.

Completando o sentido na imagem anterior, encontramos uma passagem de Carlos Rafael Rodríguez na qual ele destacou que “o exército rebelde é, como seu antecessor o exército libertador, um exército eminentemente popular [...]”. Acreditamos que o PSP ajudou a consolidar a hegemonia do MR-26-7 ao afirmar a legitimidade dos símbolos que foram incorporados por esse grupo, como a luta armada, o exército rebelde e a autoridade de Fidel Castro. Isso pode ser percebido na imagem abaixo (figura 14), onde vemos Julio Antonio Mella ao fundo junto com a imagem de um guerrilheiro. Podemos dizer que o Partido abriu mão de seus símbolos e representações? Em nossa concepção, não. Segundo Juan Marinello, a juventude socialista, proletária, camponesa e estudantil compartilhava com Mella a mesma ideologia. Ou seja, havia um compartilhamento das referências e de símbolos com outros grupos, uma quebra do monopólio da herança de Julio Antonio Mella e de outros mitos, que até então eram associados direta e exclusivamente ao PSP,⁹⁵² mas que agora aparecem associados também a outras agrupações, como observamos a seguir:

⁹⁵² MARINELLO, Juan. Un aniversario digno de Mella. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 8, 10 de enero de 1960, p. 1 e 11.

Figura 14 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: *Noticias de Hoy*, 10/1/1959, p. 1

É claro que essa partilha era uma forma também de inserir os referenciais e, conseqüentemente, os comunistas nas representações imagéticas do governo revolucionário, além de ser uma maneira de lutar para pertencer às representações da Revolução Cubana. Esse artifício de associação aconteceu, da mesma forma, em um poema em que Nicolás Guillén relacionou os vários “heróis” da pátria e da América Latina:

Como si San Martin la mano pura
 A Martí familiar tendido hubiera
 Como si el Plata vegetal viniera
 Con el Cauto a juntar agua y ternura
 Así Guevara, el gaucho de la voz dura,
 brindó a Fidel su sangre guerrillera
 y su ancha mano fue más compañera
 cuando fue nuestra noche más oscura.
 Huyó la muerte. De su sombra impura,
 Del puñal, del veneno, de la fiera,
 solo el recuerdo bárbaro perdura.
 Hecha de dos, un alma brilla entera,
 Como si San Martin la mano pura
 A Martí familiar tendido hubiera.⁹⁵³

Fornecer elementos de sua cultura política e colocar Guevara e Castro no panteão das forças libertadoras da América Latina não deu ao Partido posições políticas imediatas, pois as relações dos comunistas com o governo não se estabeleceram rapidamente. Efetivamente, somente em 1961, os membros do PSP assumiram cargos no governo, mas a aproximação dos socialistas populares com as instituições e líderes da Revolução ocorreu antes disso. Como apontamos, no segundo semestre de 1960 os comunistas começaram a aparecer nos atos

⁹⁵³ GUILLÉN, Nicolás. Un soneto de Nicolás Guillén. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 5, 10 de enero de 1959, p. 2.

públicos e nas tribunas ao lado dos membros do MR-26-7. Ao ocupar os locais de poder nos eventos públicos, eles começaram a se associar com o próprio governo.

3.2.2. O projeto político socialista popular frente à institucionalização do regime

Como mostramos no primeiro capítulo, o PSP tinha um projeto político bem consolidado. Com a vitória da Revolução Cubana, o Partido, então, pressionou bastante, por meio de sua imprensa, o governo para que as transformações revolucionárias fossem aprofundadas. Inicialmente, os comunistas defenderam a realização de eleições para os representantes legislativos, a democratização do sistema de coalizões para tornar mais eficaz a cooperação dos partidos, a extensão do direito de voto aos jovens com mais de 18 anos e aos membros das forças armadas. Observamos a defesa de um modelo de organização do Estado que era o mesmo daquele anterior a 1952, o que nos leva a pensar se o PSP tinha, dentre suas expectativas, a instalação de uma ditadura do proletariado naquele momento. Não nos parece que seja o caso. Acreditamos que, nessas circunstâncias, os socialistas populares ainda estavam orientados pelas concepções cominternistas do etapismo e o restabelecimento do regime democrático era fundamental para o desenvolvimento das condições subjetivas e, só então, para a implantação do socialismo. Lembramos que, assim como o PSP, vários grupos políticos defenderam o retorno do sistema democrático aos moldes daquele que existiu durante a Segunda República – com eleições periódicas, partidos e sindicatos legalizados – e com a restituição da Constituição de 1940.

Inicialmente, o Partido pediu o restabelecimento da Constituição de 1940 e a derrogação de todas as leis, os decretos, as disposições e as medidas que negavam as liberdades públicas e os direitos democráticos daquele corpo legislativo. O PSP lutou pelo estabelecimento dos direitos democráticos e das liberdades públicas, liberdade de imprensa, reunião, de cátedra, inviolabilidade de domicílio e segredo de correspondência. Pediu também a dissolução do *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM) e do *Bureau de Represiones a las Actividades Comunistas* (BRAC), e organizou um movimento para colher assinaturas que solicitavam o fim dos citados órgãos. O local para as assinaturas era a sede de *Noticias de Hoy* e do jornal *Revolución*.⁹⁵⁴ Já salientamos que essa foi uma das primeiras medidas da Revolução.

Porém, após a promulgação das primeiras leis revolucionárias, o PSP mudou algumas dessas ideias. Logo nos primeiros meses de 1959, o Partido abandonou a defesa da realização de eleições, possivelmente porque percebeu que o governo estava disposto a cumprir uma

⁹⁵⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Movimiento popular en favor de la disolución del BRAC y del SIM. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 7, 13 de enero de 1959, p. 3.

agenda econômica e social que correspondia, em grande parte, ao seu próprio programa. Então, os comunistas passaram a criticar, por exemplo, os pedidos para a realização de eleições feitos por Ramón Grau San Martín, alegando que esse político pretendia conter o avanço do processo com o pleito. Sobre essa questão, Blas Roca destacou: “Com sangue e luta, o povo cubano votou pelo poder revolucionário e instituiu o governo revolucionário [...]”,⁹⁵⁵ mostrando que o apoio da população à Revolução foi representado como um “voto” dado aos novos dirigentes.⁹⁵⁶

Em relação ao sistema político, o PSP defendeu, inicialmente, a existência um sistema semiparlamentar com um presidente, um primeiro-ministro e um conselho de ministros aprovado pelo congresso, com o estabelecimento de um governo democrático de libertação nacional, integrado pelos proletários, camponeses, pela pequena burguesia e burguesia nacional, único governo que poderia aplicar conseqüentemente o programa de “salvação e liberdade” em Cuba. Mas logo também abandonaram a defesa desse formato político e passaram a considerar que a concentração de poder nas mãos do primeiro-ministro e do conselho de ministros poderia dar cabo mais facilmente às demandas políticas que o Partido defendia. Notamos que, a princípio, o PSP defendeu o restabelecimento de um regime político aos moldes da Segunda República (eleições periódicas, regime presidencial, divisão dos poderes), mas percebeu que a autoridade e a disposição de Castro em aprofundar as reformas poderiam ser eficazes para cumprir a agenda que os comunistas defendiam.

Consideramos que os socialistas populares tinham consciência de que aquele não era um processo com orientação socialista, mas decidiram apoiá-lo mesmo assim, o que observamos na passagem seguinte com mais clareza: “[...] o comunismo em Cuba não existe como alternativa imediata nem coisa que o pareça. Ninguém fala de estabelecê-lo. O problema para Cuba é a libertação nacional, a luta pela plena soberania nacional, dentro de condições amplamente democráticas e progressistas”.⁹⁵⁷ Na mesma reportagem, o PSP alegou que, ao tentar fazer a revolução parecer socialista, o objetivo de parte da imprensa era semear a divisão das forças revolucionárias e instigar os inimigos do processo.

Em fevereiro de 1959, o PSP lançou as teses partidárias sobre a situação política do país. Nelas, os comunistas consideraram que a vitória da Revolução era resultado da aplicação de diferentes formas de luta: as guerrilhas, as greves, a propaganda de agitação, o boicote às

⁹⁵⁵ ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la 4 Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 95.

⁹⁵⁶ Lembramos que as primeiras eleições diretas após a Revolução ocorreram somente em 1974, quando foi instalada a primeira assembleia do poder popular, na província de Matanzas.

⁹⁵⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un aura imperialista sobre el cielo de la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 1, 6 de enero de 1959, p. 4.

eleições e o movimento cívico de oposição ao regime.⁹⁵⁸ Ainda que os socialistas populares reconhecessem o protagonismo da luta armada, não deixaram de afirmar a pluralidade dos fatores que provocaram a queda da ditadura. Essa era, em nossa compreensão, uma estratégia de autolegitimação no cenário político, porque o Partido aderiu à luta armada tardiamente e combateu essa tática durante um tempo. Assim sendo, alegar que vários fatores contribuíram para a queda do regime era, inclusive, uma forma de salientar que as táticas partidárias também tinham contribuído para o fim da ditadura.

Na primeira edição da *Carta Semanal*, em fevereiro de 1959, o Partido publicou um programa com 58 demandas que deveriam ser solucionadas pelo governo revolucionário. Primeiramente, o PSP alegou que a Revolução deveria reivindicar a soberania do país e eliminar a influência dos “imperialistas” na vida nacional. O novo governo deveria buscar a independência econômica insular mediante o domínio nacional de suas riquezas. Para isso, o Partido alegava que era fundamental reintegrar a base naval de Guantánamo, anular as concessões e tratados feitos com os Estados Unidos, muitos dos quais se referiam a serviços e bens considerados públicos (telefonias, bancos, terra, minas). O Partido defendeu a nacionalização das empresas que atuassem como contrarrevolucionárias e a proteção para aquelas, ainda que privadas, que colaborassem com a Revolução. Aqui notamos um traço de continuidade que era a defesa da conciliação de classes. Ao comentar sobre algumas demandas políticas que considerou extremas para aquele momento do processo, o Partido alegou:

Quando se adotam posições ou medidas extremistas de esquerda se danificam as relações com as camadas médias, se debilita o movimento revolucionário ao alijar-se certas forças e elementos que podem e devem estar ao lado da revolução. O extremismo de esquerda rompe e dificulta a unidade com a burguesia e certas camadas da pequena burguesia.⁹⁵⁹

O PSP considerou, a princípio, que era preciso manter a burguesia nacional ao lado da Revolução, apesar de apoiar as leis revolucionárias que afetavam esse grupo social. O Partido manteve a ideia de conciliação de classes ao defender a não intervenção em algumas empresas e a busca da colaboração com a burguesia cubana. Essa concepção mostra a hegemonia do pensamento da “geração de 30”, que, desde esta década, ainda influenciada pela proposta antifascista, defendia a aliança de classes.

De acordo com o Partido, a política revolucionária deveria ser baseada na defesa da independência nacional, na paz mundial e na solução dos conflitos internacionais por meio de

⁹⁵⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tesis del Partido Socialista Popular sobre la situación actual. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 20.

⁹⁵⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La Revolución Cubana, su carácter, sus fuerzas y sus enemigos. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154, p. 14.

negociações, ou seja, nas teses soviéticas. Os comunistas alegavam que Cuba deveria se posicionar pela proibição das armas nucleares, pelo fim da corrida armamentista e o desarmamento gradual, pela não agressão e respeito à integridade territorial e à soberania de cada país. Defendeu a não interferência nos assuntos internos de outros estados, o apoio aos povos que lutavam pela libertação nacional e o direito de cada povo de determinar livremente o regime que deseja ter, as relações de amizade e de comércio com todos os países sobre a base de respeito mútuo, benefício recíproco e igualdade. As demandas de política externa do PSP continuavam sendo um reflexo do programa soviético de coexistência pacífica e do movimento pela paz, comentado no capítulo anterior. Em 1960, os membros do Partido estavam envolvidos, inclusive, com as campanhas pela paz,⁹⁶⁰ o que mostra a importância e perpetuação dessa pauta dentro do PSP. Encontramos um relato de que, em 1978, Juan Marinello ainda trabalhava em uma oficina do Movimento pela Paz, em Havana,⁹⁶¹ indicando a vinculação dele a um programa que se iniciou em fins dos anos 1940 e que dizia respeito à cultura política comunista.

Nesse sentido, para o Partido, Cuba deveria desenvolver uma dupla ação: renegociar suas relações diplomáticas e comerciais com os Estados Unidos com o objetivo de mudar o *status quo* econômico da Ilha, que era desfavorável aos interesses nacionais; e manter ou estabelecer relações diplomáticas, comerciais e culturais com todos os países capazes de dar a Cuba um tratamento igualitário, incluindo os do mundo socialista, a URSS, China e as democracias populares. Como já indicamos, a Revolução também cumpriu parte dessa agenda dos comunistas.

O PSP defendeu também a criação de uma lei com sanções contra o racismo e a atuação prática para erradicar esse mal. A luta contra a discriminação estava presente no programa partidário desde os anos 1930 e, durante a Segunda República, o Partido havia demandado constantemente a criação de uma legislação contra a discriminação racial e pela promoção social dos negros. Quando ocorreu a formação do primeiro gabinete do governo revolucionário, o PSP criticou a ausência de pessoas negras nele. No programa partidário de 1960, aparecem demandas de luta contra o racismo, mas esse ponto foi desaparecendo dos documentos dos comunistas com o tempo. Isso ocorreu porque, na concepção do Partido, o racismo estava sendo efetivamente combatido pela Revolução.

⁹⁶⁰ No anexo 3 há uma foto publicada no jornal *Noticias de Hoy*, na qual Juan Marinello aparece ao lado de Jorge Amado, em março de 1959, em uma reunião do Movimento pela Paz.

⁹⁶¹ MARINELLO, Juan. Un colaborador de extraordinaria calidad. In: BATLLE REYES, Lucilo (comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 115.

Fidel Castro fez um discurso, em 22 de março de 1959, intitulado “Proclamação contra a discriminação”, no qual alegou que não seria preciso criar uma legislação contra o preconceito, apesar de que algumas medidas legais foram tomadas nesse sentido, como o decreto de abertura dos estabelecimentos e locais que até então estavam restritos aos brancos, como algumas praias onde pessoas negras não podiam frequentar.⁹⁶² Sobre a abordagem feita por Castro, observamos o seguinte:

[...] da mesma forma que para estabelecer e levar adiante uma campanha a favor do consumo de produtos nacionais, sem necessidade de ditar uma lei ou sanções penais, vamos colocar fim à discriminação racial nos centros de trabalho, fazendo uma campanha para que se chegue ao fim desse odioso e repugnante sistema com uma nova consiga: oportunidades de trabalho para todos os cubanos, sem discriminação de raças ou de sexo [...].⁹⁶³

Com o tempo, os comunistas passaram a alegar que a proposta do governo deu fim ao racismo dentro de Cuba. Em 1961, José Felipe Carneado, membro do PSP, alegou que a Revolução “eliminou da vida cubana o odioso e humilhante espetáculo da discriminação pela cor da pele”,⁹⁶⁴ o que, na realidade, não procede. Notamos que o PSP mudou seu discurso em relação à questão da discriminação, porque historicamente havia lutado por uma legislação ampla, que incluísse penalidades para os crimes de racismo e a garantia de acesso a cargos públicos que eram ocupados majoritariamente por pessoas brancas, bem como havia atuado em associações que promoveram intensa mobilização pelos direitos das pessoas negras e por igualdade racial durante a Segunda República.

Porém, no contexto da Revolução, o Partido abandonou essa pauta em favor do programa defendido pelo MR-26-7, que era diferente daquele proposto pelo PSP. Segundo a historiadora Kaitlyn Henderson, o governo revolucionário tinha uma concepção de “que a igualdade estava relacionada a uma questão de acesso e oportunidades” e, por isso, subordinou a questão da raça à classe.⁹⁶⁵ De acordo com a autora, o PSP alterou seu discurso ao alegar que a discriminação era uma prova da infiltração econômica dos EUA em Cuba e não mais um problema social insular. Então, na medida em que a Revolução eliminou as desigualdades de

⁹⁶² O governo cubano determinou, em março de 1959, a abertura de todos os locais onde as pessoas negras não podiam frequentar.

⁹⁶³ CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el palacio presidencial, el 22 de marzo de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f220359e.html>. Acesso em: 23/7/2021.

⁹⁶⁴ CARNEADO, José Felipe. La discriminación racial en Cuba no volverá jamás. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1962, año II, n° 5, p. 54.

⁹⁶⁵ HENDERSON, Kaitlyn D. *Black activism in the red party: black politics and the cuban communist party, 1925-1962*. Tesis of Doctorate of Philosophy, University of Tulane, 2018, p. 173.

classe e lutou contra os EUA, as duas bases do racismo, segundo a nova interpretação dos comunistas, esse problema desapareceu.

O que percebemos, e essa também é a conclusão de Henderson,⁹⁶⁶ é que o Partido, no contexto de unificação das organizações revolucionárias, a partir de 1961, para participar das negociações de formação do partido que deveria unir as agrupações, abriu mão das demandas que havia defendido historicamente como uma forma de não entrar em conflito com as concepções do MR-26-7 e de Fidel Castro. Isso mostra uma mudança no programa político dos socialistas populares que foi resultado, em nossa perspectiva, da opção deles em finalizar o debate sobre o racismo e a desigualdade racial em detrimento de seus interesses políticos imediatos.

Na Segunda Declaração de Havana, em 1962, quando Fidel Castro declarou que o problema da igualdade racial estava resolvido, os socialistas populares, repentinamente, passaram a alegar que a erradicação do racismo não requeria mais uma legislação, como eles haviam defendido historicamente.⁹⁶⁷ Em outras palavras, o Partido adequou seu discurso àquilo que era propagado pelas lideranças do MR-26-7 como uma forma evitar hostilidade com as principais lideranças rebeldes.

E essa concepção do governo sobre o assunto teve desdobramentos práticos. Richard Gott destacou que mais de 500 sociedades negras deixaram de existir nos anos de 1960, “os canais de expressão da cultura e das preocupações sociais afro-cubanas foram enfraquecidos” e as festividades desses grupos foram limitadas.⁹⁶⁸ Kaitlyn Henderson apontou que, com a dissolução do PSP em 1961, a existência de um partido forte que lutava pela questão racial e que possuía lideranças negras também desapareceu.⁹⁶⁹ E mesmo os membros do PSP que tiveram proeminência política depois do fim do Partido não se pronunciaram de forma veemente como o faziam antes de 1959. A questão racial é, para nós, um exemplo da negociação de uma demanda política, pois os socialistas populares transformaram suas concepções para se adequarem à forma como Castro e o MR-26-7 lidavam com o problema e aceitaram fórmulas políticas que não eliminaram o racismo daquela sociedade, apesar dos direitos sociais que os negros adquiriram naquele contexto.

O Partido também apoiou a ampliação da reforma agrária e defendeu a expropriação dos latifúndios, a eliminação das “sobrevivências feudais”, como o sistema de parceria, e a

⁹⁶⁶ Ibidem, p. 165.

⁹⁶⁷ Ibidem, p. 192.

⁹⁶⁸ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 201.

⁹⁶⁹ HENDERSON, Kaitlyn D. *Black activism in the red party*, p. 193.

repartição e entrega gratuita das terras expropriadas, assim como das terras do Estado aos camponeses, com o limite de propriedade de, no máximo, 30 *caballerías*. Do mesmo modo, PSP destacou que a criação de cooperativas era mais viável do que priorizar a pequena propriedade.

A Primeira Lei de Reforma Agrária, aprovada em maio de 1959, continha as demandas principais colocadas pelo Partido em seu projeto político e, por isso, foi festejada pelos comunistas. Eles salientaram que, com essa regulamentação, “a revolução de 1895 adquire agora um verdadeiro sentido de continuidade”.⁹⁷⁰ Novamente, o Partido associou o processo revolucionário iniciado em 1959 ao cumprimento das demandas dos “heróis” da independência. Além disso, a Lei foi considerada como fundamental para que, futuramente, Cuba pudesse iniciar um trânsito para o socialismo, como Blas Roca apontou:

Como chegaremos aqui ao socialismo? Quais formas políticas adotará o governo que conduza a sociedade cubana neste trânsito? Hoje não podemos determinar as formas concretas que tal o processo adotará, porém sabemos que se a revolução avança e leva a cabo a reforma agrária radical proposta na lei aprovada, se se industrializa o país e constrói uma economia nacional que sirva de firme garantia para a independência e a soberania de Cuba e para as liberdades estabelecidas, se a classe trabalhadora se une sobre bases ideológicas revolucionárias e mantém e fortifica sua aliança com os camponeses e a classe média, esse trânsito pode se desenvolver democrática e pacificamente, se os imperialistas e as classes reacionárias não recorrerem à intervenção armada nem desatarem a violência contrarrevolucionária.⁹⁷¹

Carlos Rafael Rodríguez destacou que a lei da Reforma Agrária foi o momento chave da Revolução, pois com ela o conteúdo anti-imperialista do processo ficou mais explícito e, segundo ele, a partir de então, “a Revolução tinha que avançar ou se render”.⁹⁷² Os comunistas consideraram que unicamente eliminar o latifúndio não iria garantir a passagem ao socialismo, porque reformas mais radicais deveriam ser feitas. O Partido ainda considerava o cumprimento das condições objetivas e subjetivas como fundamentos para a transformação do sistema econômico. Apesar disso, eles também mantiveram a certeza em uma “mudança inevitável”, que viria “por caminhos cubanos, como as palmeiras”⁹⁷³ e, sem dúvida, a reforma agrária foi considerada como um sinal da disposição do governo de radicalizar o processo. Notamos aí uma convergência programática entre o PSP e o governo revolucionário, que foi fundamental para o apoio prestado pelos comunistas à Revolução.

⁹⁷⁰ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Una revolución de raíz. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 113, 20 de mayo de 1959, p. 1.

⁹⁷¹ ROCA, Blas. Nuestro camino. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 155, 9 de julio de 1959, p. 4.

⁹⁷² RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 379.

⁹⁷³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Carta sin vergüenza. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 285, 8 de diciembre de 1959, p. 4.

E, no desenvolvimento dessas transformações, o Estado deveria ter um papel primordial. Era ele, segundo os comunistas, que deveria fazer o controle do crédito bancário, dos impostos e dos preços, fomentar a indústria e a agricultura para atender as necessidades do país, deveria ampliar a proteção tarifária da produção nacional, explorar as riquezas naturais, como o petróleo, revisar e regulamentar as relações comerciais com todos os países. Para essas ações, o Partido assegurou que era possível aceitar a colaboração de capital estrangeiro, principalmente para a industrialização, já que essa era uma das condições para a revolução proletária e socialista. Observamos, então, a permanência do modelo esquemático de interpretação do PSP, que ainda considerava a industrialização como condição para a implantação do socialismo.

Para os comunistas, o aprofundamento do processo revolucionário, porém, não levava automaticamente a uma mudança na natureza do regime social. Como Carlos Rafael Rodríguez salientou que, mesmo após as intervenções de 1959 (na empresa de telefonia e nos serviços elétricos), não havia indícios de qualquer possibilidade de encaminhar a Revolução rumo ao socialismo. Segundo ele, aquelas transformações indicavam a continuidade das formas burguesas de propriedade e a escolha de um desenvolvimento econômico por uma via não capitalista, pois o governo não nacionalizou esses serviços e setores naquele momento, eles continuaram sendo privados. A passagem para o socialismo dependia, segundo Rodríguez, da transformação das relações de produção, as quais deveriam ser baseadas no interesse comum, na cooperação e na estatização. Para isso, era preciso construir um poder político que estivesse nas mãos dos trabalhadores. E, de acordo com o PSP, essas condições passaram a estar presentes em Cuba em outubro de 1960,⁹⁷⁴ após as nacionalizações, e, nesse momento, ocorreu uma viragem do discurso partidário.

As nacionalizações massivas (das centrais açucareiras, empresas de petróleo, bancos) que ocorreram entre junho e outubro de 1960, de acordo com o líder socialista, representaram um indicativo de ruptura das bases da antiga exploração capitalista e colocavam o objetivo de alcançar o bem-estar dos trabalhadores em um novo sistema de desenvolvimento econômico.⁹⁷⁵ A nacionalização das escolas e a laicização do ensino também foi celebrada pelos socialistas, pois, com isso, o Estado poderia garantir, por meio da educação, a formação de uma nova consciência social. Então, notamos que, em meados de 1960, os socialistas populares mudaram sua interpretação e relação com o governo revolucionário. Nesse momento, além do início efetivo da aproximação entre o PSP e o governo, o Partido passou a acreditar que, de fato, havia iniciado a fase de transição do regime econômico capitalista para o socialismo. E, em agosto

⁹⁷⁴ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 388.

⁹⁷⁵ *Ibidem*, p. 389.

daquele ano, os comunistas realizaram sua VIII Assembleia para atualizar suas concepções políticas diante das transformações pelas quais a Revolução passava.

3.2.3. As definições teóricas do processo revolucionário e a autocrítica dos socialistas populares

Entre os anos de 1959 e 1960, alguns debates importantes em relação a natureza da Revolução Cubana foram feitos pelos comunistas. Essas discussões foram sintetizadas durante a VIII Assembleia do Partido Socialista Popular, que ocorreu entre os dias 16 e 21 de agosto de 1960. Nela, estiveram presentes, além dos militantes e dos membros da direção do PSP, diversos dirigentes de outros PC's, como Jacques Duclós (PCF), representantes que vieram da China, Checoslováquia, Coreia, Bulgária, Alemanha, Indonésia, Polônia, Costa Rica, Itália e Chile. Alguns integrantes do governo revolucionário, como Carlos Franqui, também compareceram em alguns dias do evento.

A Assembleia serviu para atualizar o programa partidário, porque os comunistas consideravam que boa parte dele já havia sido realizada, e estabelecer os princípios teóricos que serviriam para analisar a realidade insular sob uma perspectiva ideológica marxista. Trataremos a seguir de três questões centrais que foram debatidas ao longo dos dois primeiros anos da Revolução e sintetizadas na Assembleia: a autocrítica aos métodos adotados pelo Partido; a definição teórica do que havia sido o processo revolucionário até aquele momento; e o estabelecimento de qual etapa estava a Revolução.

Em fevereiro de 1959, o PSP reconheceu a importância das guerrilhas no processo de luta contra a ditadura quando salientou: “[...] é possível derrotar com a luta do povo armado uma tirania apoiada até o final pelos Estados Unidos e de instaurar um governo plenamente independente [...]”.⁹⁷⁶ Apesar do reconhecimento do papel das guerrilhas naquele momento, o PSP considerou, inicialmente, que a tirania foi derrotada pela soma de todas as formas de luta contra o regime (a luta armada, as greves, o movimento cívico, a ação das massas, propaganda, boicote às eleições).⁹⁷⁷ Ou seja, mesmo reconhecendo que a via armada foi uma tática fundamental naquele contexto e o exército rebelde, a parte mais importante da luta, o Partido não atribuiu às guerrilhas a responsabilidade única pelo fim do regime ditatorial. Acreditamos, como já apontamos, que enfatizar outras formas de combate à ditadura, além de ser um modo de alegar a resistência efetiva dos comunistas ao regime, era também uma resposta que os

⁹⁷⁶ TORRAS, Pelegrin. Fracaso de la política yanqui en América Latina. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 14.

⁹⁷⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tesis del Partido Socialista Popular sobre la situación actual. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150, p. 20.

comunistas davam, com bastante frequência, à acusação de que eles não haviam participado da luta contra o regime. Assim, o PSP se autorrepresentou como um auxiliar ao meio principal de luta.

Os comunistas consideraram que eles haviam interpretado erroneamente o marxismo, mas isso não quer dizer que a teoria estava errada. Os socialistas populares alegaram que eles não souberam analisar a realidade cubana, porém a teoria estava correta, o que revela mais uma feição da ortodoxia do PC cubano. Na autocrítica partidária, os comunistas consideraram que eles não foram capazes de adequar a teoria àquela realidade, pois se a tivessem interpretado corretamente, eles teriam apoiado a luta armada desde o começo dela. Sobre essa certeza na teoria, encontramos a seguinte passagem:

[...] os comunistas, em relação a outras tendências, contam com um poderoso instrumento de investigação e de ação, com uma teoria rigorosamente científica, contamos com a doutrina invencível do marxismo-leninismo que, na prática da experiência revolucionária de cada país e em escala mundial, demonstrou sua superioridade sobre as outras concepções burguesas e pequeno-burguesas. [...]. Se cometemos erros isso se deve, fundamentalmente, a nossas próprias insuficiências no conhecimento e na aplicação concreta do marxismo-leninismo e não, de nenhum modo, devido às “limitações” do marxismo-leninismo, nem a que este “tenha caducado historicamente” ou “envelhecido”, como gostam de tagarelar os propagandistas e teóricos burgueses e pequeno-burgueses em seu estéril afã por “rebatê-lo” o marxismo-leninismo.⁹⁷⁸

Percebemos que essa parte da autocrítica feita pelo PSP envolveu mais um malabarismo teórico. Ao longo de quase todo período da ditadura, os comunistas alegaram que eram orientados pela teoria mais correta, o marxismo-leninismo, e que o pacifismo era a tática mais certa para solucionar a crise cubana. Agora, nesse momento de autocrítica, em 1960, os comunistas passaram a alegar que eles interpretaram errado a teoria. Assim, em nossa perspectiva, os socialistas populares estavam criando uma justificativa para mostrar que eles estavam errados em sua interpretação e que a luta armada era, de fato, a via mais efetiva. Fizeram isso por interesse político, para demonstrar seu apoio ao MR-26-7 e, conseqüentemente, às lideranças da Revolução.

Além de admitir a importância da luta armada e do exército rebelde como meios fundamentais para a vitória sobre a ditadura, o Partido também reconheceu o “mérito” de Fidel Castro por ter compreendido que havia condições favoráveis para desenvolver a guerra de guerrilhas em Cuba por transformar as guerrilhas em um exército rebelde. Como sinalizamos,

⁹⁷⁸ ESCALANTE, César. Las conclusiones del Pleno de mayo: un guía para defender y hacer avanzar la revolución. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 155, p. 52.

Fidel Castro era considerado pelos comunistas como a principal autoridade dentro da Revolução.

Nas resoluções da VIII Assembleia, o Partido fez uma reconsideração sobre os eventos que levaram à Revolução. Salientou que o assalto ao quartel de Moncada, de 1953, pretendia desencadear um processo revolucionário, havia sido executado por “jovens heroicos” e, apesar do fracasso, aquela ação mudou a direção política do país por causa da inovação tática e porque eliminou a influência do Partido Ortodoxo sobre os setores populares,⁹⁷⁹ já que uma boa parte dos membros desse partido se filiou ao MR-26-7. Percebemos que os envolvidos na ação de Moncada não eram mais representados como “jovens”, “pequeno-burgueses” ou “putschistas”, mas heróis que haviam adotado uma tática correta, apesar do fracasso momentâneo.

O PSP reconheceu que os assaltantes de Moncada pretendiam iniciar uma revolução e não somente tomar o poder para perpetuar um regime político de exploração. Por isso, segundo Blas Roca, aquela foi uma ação vinculada com a realidade insular e não mais interpretada como um ato sem relação com as vontades das massas, apesar da parca mobilização delas. Reconhecer o erro tático foi, sem dúvida, a principal autocrítica que os comunistas fizeram naqueles anos. Aníbal Escalante, inclusive, intitulou a opção tática do Partido na época da luta insurrecional como dogmática.⁹⁸⁰ Na VIII Assembleia, Blas Roca reiterou a autocrítica que já vinha sendo veiculada na imprensa partidária em relação aos métodos usados na luta contra a ditadura e agregou:

A perspectiva de que tais lutas e, inclusive, a greve geral prolongada desembocariam na insurreição armada geral era vista como algo capaz de se produzir espontaneamente. Não nos preparamos devidamente, não nos organizamos, nem instruímos, nem armamos quadros com antecipação necessária para preparar e desenvolver tal perspectiva.⁹⁸¹

Blas Roca salientou a visão estreita do Partido em relação às táticas armadas e indicou a expectativa de que a greve geral era a condição para que outras formas de luta se desenvolvessem. No excerto anterior de Roca, bem como em outros documentos dos socialistas populares anteriores a 1959, observamos que a greve era vista como a tática fundamental para a vitória da Revolução e o secretário geral admitiu que o PSP ficou preso à crença da greve como forma de luta imprescindível para a derrubada do regime de Batista. Parece-nos evidente

⁹⁷⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 418-419.

⁹⁸⁰ ESCALANTE, Aníbal. El marxismo-leninismo y la Revolución Cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164, p. 49.

⁹⁸¹ ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la 36 Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 44.

também que esse comportamento indica mais um traço da perspectiva quase sempre teleológica nas análises de situações concretas feitas pelos socialistas populares.

As greves fizeram parte de um repertório histórico de luta dos comunistas cubanos. Elas foram efetivadas em vários momentos e tiveram o Partido como um de seus principais organizadores. A partir do momento em que o PSP abandonou essa forma de ação, esse aspecto fundamental de sua cultura política comunista, eles estavam sinalizando uma transformação de sua estratégia de luta. Acreditamos que, a partir de 1959, o PSP abdicou a greve, de um lado, porque o governo revolucionário havia cumprido parte da agenda do Partido no que tange ao direito dos trabalhadores e, do outro, porque os comunistas não queriam colidir com o novo governo.

No que tange à definição teórica do processo revolucionário cubano, o PSP considerou que a Revolução era agrária e de libertação nacional. Em 1960, Blas Roca acrescentou que ela era também “avançada e radical [...] anti-imperialista e antifeudal que descarregou golpes formidáveis contra o latifúndio e o semicolonialismo”.⁹⁸² Apesar de reconhecer o caráter radical do processo cubano, o PSP não considerava, ao menos até meados do ano de 1960, que a meta dele era o comunismo, nem que os dirigentes da Revolução eram orientados por essa ideologia.⁹⁸³

Os comunistas tiveram que explicar o imbróglio teórico colocado pelo processo revolucionário cubano, pois muitos críticos anticomunistas diziam que os acontecimentos que ocorreram na Ilha não poderiam ser explicados pelo modelo teórico marxista-leninista. Como destacamos acima, o Partido não considerava que a teoria poderia estar errada e novamente fez um malabarismo conceitual para explicar a realidade, quando alegou:

Nem a revolução cubana em seu conjunto, nem as particularidades de seu desenvolvimento, contradizem nem negam os princípios do marxismo-leninismo nem a concepção materialista da história, ainda que tenha, como toda revolução importante, lições novas, particularidades que devem ser examinadas, generalizadas e assimiladas pelos marxista-leninistas e por todos os revolucionários. [...]. O marxismo não é um dogma, nem um receituário com fórmulas invariáveis que tenham que aplicar-se a todas as situações, não é nenhum método doutrinário que impeça perceber e explicar os fenômenos.⁹⁸⁴

Os socialistas populares alegaram que a Revolução Cubana não se ajustava completamente a nenhum esquema clássico que a havia precedido, mas que por ser um processo

⁹⁸² ROCA, Blas. Discurso de Conclusiones de la discusión del Pleno del Comité Nacional, pronunciado el 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, nº 20, 4 de abril de 1960, p. 1.

⁹⁸³ ESCALANTE, Aníbal. Por que ataca el imperialismo a la revolución cubana. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1959, año XIX, nº 156, p. 71.

⁹⁸⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La Revolución Cubana, su carácter, sus fuerzas y sus enemigos. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, nº 154, p. 29.

revolucionário comprovava de modo “cabal, a validade e justiça das teses cardinais do marxismo-leninismo [...]”.⁹⁸⁵ Em outros termos, para o PSP, o processo revolucionário cubano não era uma exceção histórica, ele estava dentro das “leis da história” prevista na teoria marxista, apesar de suas peculiaridades e “novas lições”. Uma delas foi destacada por Aníbal Escalante:

No país se desenvolve uma revolução, porém não uma revolução qualquer, mas uma revolução popular avançada, a revolução nacional-libertadora e agrária, patriótica e democrática que desejamos durante tantos anos e que agora alcança o poder sob a liderança de Fidel Castro. Esta revolução, porém, não começou sobre a hegemonia da classe trabalhadora.⁹⁸⁶

Essa perspectiva mostra, novamente, a noção arraigada dentro do PSP da infalibilidade da teoria, que foi um aspecto muito marcante da cultura política comunista partidária. A Revolução Cubana não foi interpretada pelos socialistas populares como uma exceção histórica, porque eles consideravam que a teoria estava sempre certa, de modo que o processo revolucionário insular deveria ser explicado pelo marxismo-leninismo, ele não poderia estar fora das explicações fornecidas por esta ideologia. Se o PSP considerasse que a Revolução Cubana era uma exceção histórica, isso significaria que ela não estava compreendida pela teoria e pelas “leis da história”, o que era muito difícil de ser admitido dentro do *modus operandi* dos comunistas.

O PSP admitiu que o processo de tomada de poder não se enquadrava em uma das fórmulas do marxismo, pois em Cuba não foram os trabalhadores organizados e dirigidos por um partido de vanguarda que conquistaram o poder. Para os comunistas, um fator específico da Revolução Cubana, em relação à experiência soviética – que era o principal modelo de processo revolucionário do PSP – foi o protagonismo do campesinato na luta insurrecional e, após 1959, o PSP voltou suas atenções para esse setor. O dirigente socialista Manuel Luzardo chamou a atenção para a necessidade do Partido se concentrar no campesinato por causa da importância desse grupo dentro do processo revolucionário e sinalizou para a necessidade de enviar “quadros e ativistas das cidades para a área rural”.⁹⁸⁷ Uma preocupação do PSP foi trazer os camponeses para dentro do Partido, isso porque o campesinato foi a força motriz do exército rebelde e identificamos nessa atitude uma disputa por membros e legitimidade de representação

⁹⁸⁵ ROCA, Blas. Discurso de Conclusiones de la discusión del Pleno del Comité Nacional, pronunciado el 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, nº 20, 4 de abril de 1960, p. 3.

⁹⁸⁶ ESCALANTE, Aníbal. La conmemoración del 34 aniversario del Partido en el año de la liberación. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, nº 155, p. 13, grifo nosso.

⁹⁸⁷ LUZARDO, Manuel. Los problemas de organización del Partido a la caída de la tiranía. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, nº 150, p. 87.

do campesinato. Porém, pelos números que conseguimos coletar das campanhas de recrutamento – aproximadamente 6 mil novos membros entre 1959 e 1960 – acreditamos que o PSP não teve sucesso nessa empreitada.

Podemos questionar se essa demanda partidária indica uma mudança no sujeito da revolução? O PSP voltou sua atenção para um grupo (camponeses) que havia feito a Revolução e não para um sujeito (proletariado) que correspondia ao modelo teórico da cultura política comunista. Porém, isso não quer dizer que, para o Partido, o proletariado havia perdido o papel de vanguarda da revolução. Nas resoluções da VIII Assembleia, aparece o seguinte:

A classe trabalhadora é a vanguarda dessa aliança [aliança proletário-camponesa]. Por sua posição histórica, por seus interesses, por sua organização e suas tradições, o proletariado é a força social mais revolucionária e nas batalhas por defender a revolução e fazê-la avançar, deve corresponder aos operários o papel principal.⁹⁸⁸

Notamos novamente uma noção cristalizada da teoria, que se perpetuou mesmo após a Revolução e o reconhecimento feito pelo próprio Partido do papel de protagonista dos camponeses no processo. Apesar de reconhecer o parco desempenho do proletariado, o PSP considerou que essa classe deveria ser a vanguarda da Revolução após a tomada do poder. Isso nos mostra a manutenção da ideia de protagonismo dos operários e uma tentativa de enquadrar a Revolução Cubana no modelo de explicação vigente dentro dos PC's. Devemos lembrar que a base econômica de Cuba não havia mudado e o proletariado ainda correspondia a uma parcela da sociedade bem menor do que os camponeses. Assim, podemos identificar outra conciliação conceitual malfeita pelos comunistas que tentavam enquadrar a teoria a uma realidade que não condizia a ela.

Apesar de reconhecer algumas peculiaridades da Revolução Cubana, o PSP não considerava que aquele era um processo excepcional e uma exceção histórica. Frente aos debates e argumentos que defendiam o caráter único da Revolução, Aníbal Escalante respondeu: “O excepcionalismo é considerar as características particulares de um processo revolucionário acima da experiência e das características gerais, isso é, elevar as características particulares a condição de características gerais”.⁹⁸⁹ Para fazer esse tipo de defesa, Escalante argumentou que a Revolução Cubana estava prevista na teoria, porque o marxismo defendia a “violência como parteira da história”. Conseqüentemente, aqueles que não acreditavam no uso

⁹⁸⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Programa del Partido Socialista Popular. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 696.

⁹⁸⁹ ESCALANTE, Aníbal. El marxismo-leninismo y la revolución cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164, p. 48.

da violência contra o imperialismo, possuíam uma visão dogmática da situação, deixando embutido com essa assertiva uma autocrítica ao e do Partido.

Carlos Rafael Rodríguez destacou, já em 1979, que uma das peculiaridades da Revolução Cubana era a existência de Fidel Castro, o líder que foi capaz de identificar na luta armada a tática mais viável contra o regime. Porém, Rodríguez alegou que a experiência insular não possibilitava substituir as teses marxistas por “uma interpretação voluntarista que confere às classes não proletárias e aos partidos não comunistas a capacidade de substituir o que se considera postulados obsoletos do marxismo”.⁹⁹⁰ A assertiva mostra que, após duas décadas da tomada do poder, o antigo líder socialista popular ainda mantinha uma interpretação que tentava enquadrar o processo insurrecional cubano nos moldes da teoria marxista-leninista. Em nossa perspectiva, esse exemplo é mais um indicador da rigidez doutrinária do líder comunista, que diz respeito a uma narrativa construída pelo Partido no contexto pós-59, que foi perpetuada *a posteriori*.

Outro ponto importante da avaliação do PSP é o fato de que não sendo uma exceção, a Revolução Cubana teria um “único norte: o norte para o socialismo”.⁹⁹¹ Porém, até meados de 1960, o PSP e as demais agrupações políticas insulares não consideravam que Cuba estava passando por um trânsito ao socialismo. Aníbal Escalante alegou que a Ilha havia seguido um caminho de desenvolvimento previsto no modelo teórico (comunismo primitivo, feudalismo, semifeudalismo e capitalismo) sendo que, naquele momento, elementos das diferentes etapas coexistiam e que só havia dois caminhos possíveis para Cuba: o retrocesso ou o avanço.⁹⁹² Porém, Escalante também destacou que o PSP não defendia um desenvolvimento acelerado da Revolução e alegou que o Partido preferia o “pouco a pouco”, optava por “não correr além de onde nossas forças dão”, era melhor caminhar “segundo as circunstâncias concretas permitem [...]”.⁹⁹³

Blas Roca, na edição de 1960 de *Los fundamentos del socialismo en Cuba*, apontou que o trânsito ao novo sistema estava condicionado a: 1. conscientização do proletariado, que deveria estar na frente do processo e aliado com os camponeses e camadas médias urbanas; e 2. o estabelecimento da propriedade coletiva sobre os meios de produção.⁹⁹⁴ Isto é, na

⁹⁹⁰ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 371.

⁹⁹¹ ESCALANTE, Aníbal. El marxismo-leninismo y la revolución cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164, p. 58.

⁹⁹² Ibidem, p. 52-53.

⁹⁹³ ESCALANTE, Aníbal. *Un año de Revolución*. Colección “Velada de los Jueves”. La Habana: Tipografía Ideas, 1960, p. 17.

⁹⁹⁴ ROCA, Blas. *Los fundamentos del socialismo en Cuba*. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961, p. 215. O livro citado foi publicado pela primeira vez em 1943. Na edição revisada por Roca, de 1960, ele adicionou um capítulo intitulado “Socialismo,” e, ali, fez uma avaliação sobre o trânsito socialista do processo cubano.

concepção do Partido, nem todas as condições objetivas para a instauração do socialismo estavam dadas. Ainda que o Partido criticasse o dogmatismo e reconhecesse algumas de suas posturas e interpretações como dogmáticas, manteve a interpretação de que a história se dividia em modos de produção e destacou, no começo de 1960, que Cuba ainda não estava em uma transição ao socialismo.

Porém, a partir de meados do ano de 1960, uma transformação estrutural profunda ocorreu com as nacionalizações massivas feitas pelo governo revolucionário entre junho e outubro, e com o bloqueio comercial decretado pelos Estados Unidos neste mês. Após essas transformações, encontramos, na documentação partidária, uma série de indicativos de uma mudança interpretativa em relação à etapa da Revolução Cubana, bem como indícios de que os comunistas passaram a acreditar na possibilidade de instauração do socialismo em um período próximo. Esse trânsito, evidentemente, era fruto, na visão do PSP, das transformações da estrutura econômica e social (reforma agrária, reforma urbana, nacionalizações e, conseqüentemente, mudança do sistema econômico e das forças produtivas nacionais).

Durante a VIII Assembleia do PSP, em agosto de 1960, Carlos Rafael Rodríguez considerou que a Revolução já havia cumprido seus objetivos democráticos burgueses e de libertação nacional, conseqüentemente, para ele, a primeira etapa do processo estava cumprida, pois as leis revolucionárias colocaram nas mãos do Estado 80% da força de trabalho, de modo que, com isto, a Revolução se encaminhava para a supressão da exploração do homem pelo homem. Posteriormente, no texto *Cuba en el tránsito al socialismo* (1979), Rodríguez manteve essa mesma perspectiva ao alegar que, entre 1959 e outubro de 1960, Cuba havia deixado de ser um país semicolonial para se transformar em um país que estava construindo o socialismo.⁹⁹⁵

Então, em termos teórico, em 1960, em qual etapa a Revolução estaria? Assim como Rodríguez, Aníbal Escalante frisou na VIII Assembleia que as tarefas da etapa de libertação nacional, primeira etapa do processo, estavam quase esgotadas.⁹⁹⁶ Notamos um consenso entre os socialistas populares de que a Revolução entrava em sua segunda etapa de desenvolvimento e havia iniciado a transição entre duas formas de organização da economia, pois a Revolução tinha destruído a ordem “semicolonial” e as bases capitalistas de exploração do trabalho, por conseguinte, finalmente, Cuba era independente, livre e soberana. Essa perspectiva foi completada por Carlos Rafael Rodríguez:

⁹⁹⁵ RODRIGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 296.

⁹⁹⁶ ESCALANTE, Aníbal. Sobre el programa del Partido. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 245.

[...] entre as etapas da Revolução não existe uma muralha chinesa, que uma revolução por seu processo dialético realiza em uma etapa parte das tarefas que corresponde a etapa subsequente e deixa em alguns casos de realizar suas tarefas próprias da etapa inicial que só serão levadas adiante em uma etapa posterior.⁹⁹⁷

Tendo em vista a transição do processo revolucionário, Aníbal Escalante indicou quais eram as demandas a serem seguidas pelo PSP: “Temos que introduzir novas modificações, porque a Revolução, forçada pelo ataque inimigo, se vê obrigada a avançar a um ritmo mais rápido do que nós mesmos havíamos calculado”.⁹⁹⁸ Escalante apontou que, no passado, predominou dentro do Partido a ideia de que a primeira etapa do processo deveria ser necessariamente longa. Porém, o desdobramento da Revolução em Cuba transformou essa concepção “apriorística”. Segundo ele, o cumprimento das etapas dependia dos fatores objetivos, o que incluía a solidariedade internacional e as necessidades nacionais diante da ação dos inimigos, e completou alegando:

A aceleração do ritmo do processo revolucionário não dependeu do desejo, da vontade dos revolucionários, mas das realidades objetivas. Em tais circunstâncias, a questão do prolongamento ou encurtamento da etapa é algo que não se pode prever e muito menos se forçar, nem em uma nem em outra direção. [...]. Acreditamos que não resulta inconveniente que se passe a etapa socialista. A passagem desta etapa da revolução à futura etapa socialista é, ou será, um fato material.⁹⁹⁹

Os comunistas consideravam que as transformações econômicas, associadas ao nível da infraestrutura, caminhavam bem, porém o nível superestrutural não seguia o mesmo ritmo. A dirigente Edith García Buchaca, em sua fala na VIII Assembleia, enfatizou que nas áreas culturais e educacionais, as atividades da Revolução estavam atrasadas, porque as reformas institucionais e a orientação ideológica não foram suficientes para transformar “as velhas formas de pensar”.¹⁰⁰⁰ Uma das propostas da dirigente comunista era eliminar a influência do “imperialismo” na filosofia, educação, ciências e nos padrões estéticos que se impuseram à Ilha, porque, segundo ela, o “imperialismo” havia negado à Cuba o direito a sua própria história e cultura, como notamos no excerto:

[...] o imperialismo nos negou na prática uma cultura própria, fazendo todo o possível para que esquecêssemos nosso século XIX, deformando o

⁹⁹⁷ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Intervención del compañero Carlos Rafael Rodríguez. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 312.

⁹⁹⁸ ESCALANTE, Aníbal. Informe del compañero Aníbal Escalante. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 242.

⁹⁹⁹ *Ibidem*, p. 245-246.

¹⁰⁰⁰ GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 340.

pensamento democrático, patriótico e progressista de nossos libertadores. Adulterando desde as aulas e desde a tribuna pública nossa própria história, deformando seus fatos e silenciando tudo o que pudesse resultar enaltecedor para o povo cubano, o que pudesse de uma forma ou outra contribuir para fortalecer seus sentimentos patrióticos e nacionais. Esforçando-se para apresentar a independência da Espanha e tudo quanto conseguimos na ordem política ou cultural como obra dos Estados Unidos e nunca como o resultado do esforço do povo cubano, que foi apresentado pelos sociológicos norte-americanos como um povo indolente, superficial, preguiçoso e incapaz de propor e realizar grandes empenhos.¹⁰⁰¹

Essa defesa de García Buchaca de que era preciso eliminar a influência “imperialista” e formar uma nova mentalidade para dar conta dos desafios da Revolução corrobora com um excerto de Blas Roca, citado anteriormente, no qual ele destacou que a passagem para o socialismo estava condicionada à conscientização do proletariado. Veremos no próximo capítulo como o governo utilizou a educação e a cultura para formar o homem novo revolucionário e socialista.

Além da formação de uma nova consciência, os comunistas consideravam que um partido de vanguarda também era imprescindível para a condução daquele processo. Por isso, na VIII Assembleia, Blas Roca sugeriu a unificação do PSP, do MR-26-7 e do Diretório em uma única organização sob a direção de Fidel Castro.¹⁰⁰² Foi a primeira vez que essa possibilidade apareceu na documentação partidária. Além de defender a ideia do partido como vanguarda, os socialistas populares consideravam que eles eram fundamentais para o cumprimento da próxima e inevitável fase do processo revolucionário, que era o socialismo:

Cuba também chegará ao comunismo, como os demais países do mundo. Isso é uma necessidade histórica que ninguém pode evitar que se realize por uma ou outra via, com uma ou outra forma. E Cuba chegará por caminhos e modos cubanos, como suas palmeiras. Porque ao fim e ao cabo, essas palmeiras não vieram com os conquistadores espanhóis, nem com seu regime feudal-escravista, nem com as companhias imperialistas e seu regime semicolonial. Essas palmeiras cresceram e se multiplicaram com nossos índios e seu sistema de comunismo primitivo.¹⁰⁰³

Apesar das dificuldades para o cumprimento integral da primeira etapa da Revolução Cubana, os socialistas populares consideraram durante a Assembleia que o trânsito ao socialismo poderia ser realizado sem violência e sem “comoções catastróficas”, a menos que houvesse uma intervenção armada. Oito meses após essas considerações, ocorreu a invasão à Baía dos Porcos e Fidel Castro declarou que a Revolução Cubana era socialista.

¹⁰⁰¹ Ibidem, p. 342.

¹⁰⁰² ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 66.

¹⁰⁰³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Carta sin verguenza. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 285, 8 de diciembre de 1959, p. 4.

3.3. A declaração do caráter socialista da Revolução e a dissolução do Partido Socialista Popular (1961)

3.3.1. A Revolução Cubana se torna socialista

O ataque à Baía dos Porcos foi uma tentativa, iniciada no dia 17 de abril de 1961, de invasão armada organizada pelos Estados Unidos e composta majoritariamente por exilados cubanos. Foi nos EUA e na Guatemala que as tropas invasoras receberam treinamento, munições e equipamentos. Apesar desse envolvimento, a invasão deveria ser uma ação encoberta, ou seja, um ataque realizado por cubanos opositores da Revolução que agiriam aparentemente sem ajuda de outros países, mas, devido ao fracasso da operação, a participação dos Estados Unidos nela ficou evidente.

O plano da invasão começou a ser projetado por oficiais das forças armadas dos EUA¹⁰⁰⁴ durante o governo de Eisenhower e foi colocado em prática quando John F. Kennedy assumiu a presidência dos EUA em janeiro de 1961. A ação, chamada de *Operación Pluto*,¹⁰⁰⁵ pretendia desembarcar uma tropa, que ficou conhecida como brigada 2506, em três pontos da região de *Playa Girón*, na Baía dos Porcos, parte sul da Ilha. Os invasores deveriam tomar uma área da região e garantir o controle dela. Eles acreditavam que conseguiriam o apoio da população cubana e desenvolveriam uma luta armada contra as tropas do governo revolucionário até vencer o Exército Rebelde e destituir os revolucionários do poder.

O desembarque das tropas contrarrevolucionárias foi precedido por uma série de outras agressões. A *Operación Pluto* começou, efetivamente, no dia 15 de abril, quando aviões saídos dos EUA bombardearam os aeroportos de Santiago de Cuba, San Antonio de los Baños, Cienfuegos e Havana.¹⁰⁰⁶ Tais ações foram tomadas como um prenúncio da invasão. Fidel Castro, no dia 16 de abril, reunido em Havana, no cemitério Colón, no ato de celebração daqueles que foram mortos no dia anterior, declarou que os Estados Unidos não “aguentavam” que Cuba tivesse feito uma revolução socialista “embaixo do seu nariz”.¹⁰⁰⁷ Esse foi o momento

¹⁰⁰⁴ FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, José Ramón. Playa Girón. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 230.

¹⁰⁰⁵ O plano teve outros nomes, como *Operación Bumpy Road*, *Camino de las Dificultades*, *Operación de Bahía de Cochinos* e *Operación Pluto*.

¹⁰⁰⁶ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 304.

¹⁰⁰⁷ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado en las Honras Fúnebres de las Víctimas del Bombardeo a distintos puntos de la República*. 16 de abril de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 12/5/2021.

em que oficialmente Castro declarou a nova opção ideológica do governo e, conseqüentemente, a ruptura histórica com o sistema capitalista.

No dia seguinte, 17 de abril, a brigada 2506, composta por 1500 integrantes, majoritariamente exilados cubanos, desembarcou em dois pontos na região de *Playa Girón*. Eles traziam consigo metralhadoras, foguetes e canhões. Essa ação foi acompanhada por paraquedistas que saltaram em locais estratégicas naquela mesma área para prestar auxílio aos que vieram pelos barcos.¹⁰⁰⁸ Os invasores foram surpreendidos pelas Milícias Nacionais Revolucionárias e pelo Exército Rebelde. O governo cubano sabia que sofreria um ataque direto e já havia mobilizado as forças militares do regime. Os invasores lutaram durante dois dias contra o Exército e as Milícias e, no dia 19 de abril, eles foram derrotados. O saldo da ação foi a morte 100 invasores e a prisão de, aproximadamente, 1200 outros membros da Brigada 2506.¹⁰⁰⁹

Diante do exposto, podemos perguntar por que Castro declarou a adoção do socialismo como ideologia da Revolução naquela conjuntura? Para responder a essa questão alguns fatores econômicos, políticos e militares devem ser considerados. O bloqueio imposto pelos Estados Unidos fez com que a Ilha tivesse que buscar novos acordos comerciais. A União Soviética e o campo socialista se apresentaram como parceiros que poderiam garantir a sobrevivência econômica da Revolução insular e, desde o início dos anos 1960, estabeleceram contratos para a compra do principal produto da Ilha, o açúcar.

Ademais, devemos lembrar que, desde o início da Revolução não houve um alinhamento político direto a nenhum dos dois campos da Guerra Fria, o que quer dizer que a Revolução se posicionou de forma aberta às negociações e aos contatos. Lembramos que constantemente Fidel Castro destacou que a Revolução não era comunista, nem capitalista, mas, sim, nacionalista e, com isso, pretendia promover o seu desenvolvimento econômico e político independentemente do conflito bipolar – o que, como sabemos, não aconteceu. Castro afirmou que pretendia manter as relações com os Estados Unidos, mas as leis revolucionárias afetaram os negócios dos estadunidenses e provocaram os conflitos que já citamos.

Outrossim, a ajuda militar soviética já era prestada a Cuba em 1961 e foi um recurso importante na defesa da Ilha contra os ataques dos grupos contrarrevolucionários.¹⁰¹⁰ Então, as

¹⁰⁰⁸ FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, José Ramón. *Playa Girón*, p. 236.

¹⁰⁰⁹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 310. Esses prisioneiros, dentre os quais estava o ex-ministro da Revolução, Manuel Artime, foram trocados, posteriormente, com os Estados Unidos, por uma soma em dinheiro que foi convertida em alimentos e maquinários.

¹⁰¹⁰ Aníbal Escalante serviu, em algumas ocasiões, como representante na Revolução nas negociações sobre as formas de cooperação entre Cuba e a URSS, no contexto da invasão à baía dos porcos, em abril de 1961, o que já é um indício da inserção dos comunistas no governo cubano. Ver: FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy.

necessidades econômicas e militares, além do não alinhamento inicial da Revolução com nenhum campo da Guerra Fria, levaram a uma aproximação e recepção da Ilha pelos países socialistas e pela URSS, o que, para nós, são indicativos para pensar na mudança ideológica daquele processo e no alinhamento da Revolução Cubana com o bloco comunista.

Além dessa aproximação, encontramos informações de que, antes de 16 de abril de 1961, alguns canais governamentais de difusão do comunismo já existiam em Cuba. Em 6 de abril de 1961, foi criado o programa de rádio *Venceremos*, uma transmissão socialista administrada por Raúl Valdés Vivó, membro da direção do PSP. Nesse mesmo dia, foi inaugurada a sessão “munição ideológica”, no jornal *Revolución*, na qual se escrevia sobre os fundamentos do marxismo.¹⁰¹¹ Essas foram duas vias de transmissão criadas pelo governo para difundir o marxismo na Ilha antes da adoção do socialismo, o que é um indicativo da intenção estatal de adotar essa ideologia.

A afirmação de que a Revolução era socialista acarretou transformações nas instâncias e instituições políticas, culturais, sociais e econômicas. Implicou também uma busca pela legitimação da opção política dos líderes do processo. Fidel Castro construiu, após abril de 1961, uma narrativa em seus discursos públicos alegando que o socialismo já era uma realidade prática daquele processo antes mesmo de sê-lo oficialmente, como o vemos na passagem abaixo:

O germe socialista da revolução se encontrava já no movimento de Moncada, cujos propósitos, claramente expressos, inspiraram todas as primeiras leis da revolução. E dentro de um regime social semicolonial e capitalista como aquele, não podia existir outra mudança revolucionária que não fosse o socialismo, uma vez que se cumprira a etapa de libertação nacional.¹⁰¹²

De acordo com Fidel Castro, a Revolução era socialista desde o assalto ao quartel de Moncada. Acreditamos que essa construção discursiva foi uma forma de legitimar a adoção do socialismo, mas não a consideramos verídica, porque nada, nenhum documento anterior a 1961, indica que o movimento tinha essa tendência ideológica. Pelo contrário, Fidel Castro, em reiteradas vezes, desde 1959, salientou publicamente que aquele era um processo nacionalista,

“*One hell of a gamble*”, p. 11. SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 98. Escalante serviu também como intermediário entre Cuba e a China. Ele esteve próximo ao primeiro representante oficial chinês, Zhen Tao, na Ilha, e foi um de seus contatos políticos mais próximos em Cuba. Ver: CHENG, Yinghong. Sino-Cuban relations during the Early Years of the Castro Regime. *Journal of Cold War Studies*, vol. 9, nº 3, summer 2007, p. 87.

¹⁰¹¹ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 123.

¹⁰¹² CASTRO, Fidel. Editorial: “Cuba Socialista”. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año 1, nº 1, p. 3.

martiano e de libertação nacional, não socialista.¹⁰¹³ A mudança do discurso, então, parece-nos uma forma de construir uma narrativa que justificasse aquela virada ideológica.

O PSP demorou para reagir publicamente à declaração de Castro do dia 16 de abril. Somente no dia 28 deste mês, 12 dias após o ato no cemitério Colón, o *Noticias de Hoy* fez uma análise do acontecimento. Podemos nos indagar sobre a razão da demora do PSP: será que os comunistas foram surpreendidos com a decisão de Fidel Castro? Ou eles mantiveram cautela ao declarar apoio ao líder revolucionário para não despertar os anticomunistas em um momento de tensão política e militar?

De acordo com Fursenko e Naftali, Castro foi à redação de *Noticias de Hoy*, na madrugada de 8 de novembro de 1960, ali falou aos redatores do jornal que ele era comunista e que o comunismo era o único caminho para Cuba.¹⁰¹⁴ Yinghong Cheng comentou que Blas Roca disse à delegação chinesa, durante a VIII Assembleia do PSP, que havia 95% de chances de que Castro se encaminhasse para o socialismo.¹⁰¹⁵ Muitos anos depois, em 1978, Roca destacou que Fidel pretendia proclamar o socialismo em Primeiro de Maio daquele mesmo ano, mas a invasão armada adiantou a publicização da opção pelo socialismo.¹⁰¹⁶ Temos alguns indícios, então, de que os comunistas sabiam da pretensão de Fidel Castro em proclamar o socialismo. Porém, em 1961, os socialistas populares não deixaram evidente o conhecimento que tinham em relação às intenções de Castro.

Naquela conjuntura, Blas Roca destacou a importância histórica da defesa da URSS feita pelos comunistas cubanos. A autopromoção, que se fundamenta na crença de que os socialistas populares eram os melhores quadros porque conheciam a melhor teoria, é outro traço marcante da cultura política comunista do PSP. Na concepção dos socialistas populares, foi graças a eles que agora Cuba poderia receber o apoio político, econômico e ideológico da URSS:

Agora todo mundo pode ver claramente a verdade: que o apoio que demos antes à Revolução de outubro era um ato também um favor da nossa pátria e nosso povo, que a grande revolução socialista de outubro e a União Soviética estabelecida por ela servem e sustentam a nossa pátria na luta pela completa independência, por seu mais alto desenvolvimento econômico, por seu

¹⁰¹³ Fidel Castro, em um de seus discursos, alegou: “E o que essa Revolução veio cumprir é esse apotegma martiano de que a pátria era de todos e para o bem de todos e, além disso, cumpriu generosamente [...]”. Ver: CASTRO, Fidel. Discurso Pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, en la Escalinata Universitaria, el 27 De Noviembre De 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f271160e.html>. Acesso em: 28/7/2021. Na passagem fica evidente a representação da Revolução como martiana e “para todos os cubanos”.

¹⁰¹⁴ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “One hell of a gamble”, p. 11. SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 71.

¹⁰¹⁵ CHENG, Yinghong. Sino-Cuban relations during the Early Years of the Castro Regime, p. 88.

¹⁰¹⁶ ROCA, Blas. Conversando con Blas Roca, p. 182.

progresso social. [...] A União Soviética é, com campo socialista, o escudo da soberania e da independência de nossos povos frente às agressões dos imperialistas.¹⁰¹⁷

Antes mesmo da declaração do socialismo, Cuba e a URSS já haviam estabelecido laços econômicos e diplomáticos e, após 1961, as relações se estreitaram. Em dezembro desse ano, Fidel Castro se declarou marxista-leninista, atitude interpretada por alguns pesquisadores como uma tentativa de convencer o campo socialista de sua militância comunista.¹⁰¹⁸ O PSP teve um papel fundamental nessas intermediações, bem como na institucionalização do regime socialista em Cuba, como mostraremos no capítulo seguinte. Bandeira alegou que os socialistas populares, desde que participaram do XXI Congresso do PCUS, em 1959, perceberam que a URSS aceitaria melhor uma “Cuba socialista” que compartilhasse alguns dogmas soviéticos, como a existência de um partido representante do proletariado e orientado pelo marxismo-leninismo.¹⁰¹⁹ Por isso, o PSP endossou a ideia de unidade das forças revolucionárias e de formação de uma organização que as reunisse. Assim sendo, quando, em 1961, a primeira tentativa de unificação das três principais organizações revolucionárias se iniciou, os comunistas decidiram dissolver o PSP para se incorporarem ao Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), organização que deveria ser a verdadeira vanguarda da Revolução a partir de então.

3.3.2. Os comunistas decidem dissolver o PSP

Para o ano de 1960, nada indicava publicamente a possibilidade de dissolução do PSP. Em dezembro, o Partido anunciou que iria disponibilizar um livreto para que os filiados pudessem acompanhar o pagamento das cotas partidárias individuais. Pelas atividades propostas no final daquele ano, não encontramos indícios de uma possível dissolução, porque o Partido elaborou um calendário de atividades e programações que deveriam ser executadas no ano seguinte.

Porém, no primeiro semestre de 1961, identificamos algumas informações que nos levam a acreditar que um processo de negociação acontecia nos bastidores da política. De acordo com Suárez, foi em fevereiro desse ano que Fidel Castro e os comunistas discutiram a possibilidade de criar um partido unificado. No mês seguinte, em uma passagem no jornal

¹⁰¹⁷ ROCA, Blas. La URSS es el escudo de la soberania de los pueblos frente al imperialismo. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 265, 13 de noviembre de 1960, p. 2.

¹⁰¹⁸ LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*. Soviet ideological and strategical perspectives, 1959-77. New York: Praeger Publishers, 1978, p. 31.

¹⁰¹⁹ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 380.

Noticias de Hoy, encontramos a seguinte afirmação: “[...] não se admitem agora ingressos nessas organizações revolucionárias [PSP, o MR-26-7 e o DER] para evitar filiações por politicagem ou oportunismo ou a negociata de filiações entre as organizações”,¹⁰²⁰ o que quer dizer que as três organizações deixaram de aceitar novos militantes.

A unificação das organizações revolucionárias já havia sido proposta pelos membros do PSP. A Juventude Socialista, em seu 4º Congresso Nacional, em abril de 1960, lançou a consigna de unidade das forças da juventude das agrupações políticas cubanas,¹⁰²¹ proposta que foi acatada pelo Associação de Jovens Rebeldes e que deu origem, em 1961, à União dos Jovens Comunistas. Devemos lembrar também que, em agosto de 1960, durante a VIII Assembleia do Partido, Blas Roca apresentou a possibilidade de unificação das organizações revolucionárias, o que nos leva a pensar se dentro do Partido já rondava a possibilidade de dissolução da organização.

Angelina Rojas Blaquier apontou que o secretário geral defendeu o fim do PSP novamente em 24 de junho de 1961, em uma reunião do Partido, na qual Fidel Castro estava presente, com o objetivo de facilitar a união das forças revolucionárias. Nesse encontro, Castro destacou que a Revolução precisava da experiência do PSP na área da “educação, organização, disciplina, espírito de sacrifício, cultura política e experiência para impedir improvisações [...]”.¹⁰²² Segundo a autora, Blas Roca entendeu que não se alcançaria a unidade das forças políticas com a incorporação de Castro ao PSP, mas sim com a formação de um partido chefiado por Fidel Castro.¹⁰²³ Raúl Valdés Vivó descreveu que, na citada reunião, Blas Roca, em um gesto simbólico, entregou a Fidel Castro a bandeira do PSP, o que significou a designação de Castro como o último secretário geral do Partido Socialista Popular.¹⁰²⁴ Compreendemos esse ato como uma mensagem da subordinação dos comunistas a Fidel Castro, que havia se tornado o principal dirigente do processo revolucionário. Um dos traços da institucionalização política da Revolução, como apontamos, foi a concentração de poder em torno dos ministros, do presidente e do primeiro-ministro e Castro foi o grande gestor dos arranjos entre esses poderes.

¹⁰²⁰ ROCA, Blas. La Revolución, las depuraciones y el derecho al trabajo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 70, 24 de marzo de 1961, p. 2.

¹⁰²¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las principales tareas de los jovenes socialistas despues del clamoroso IV Congreso Nacional. *Carta Semanal*, n° 22, 25 de abril de 1960, p. 3.

¹⁰²² ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010, p. 294.

¹⁰²³ *Ibidem*, p. 301.

¹⁰²⁴ VALDÉS VIVÓ, Raúl. Ojos de obrero revolucionario y lógica de sábio. In: BATLLE REYES, Lucilo (Comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de um hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 154.

Nas discussões que resultaram na criação das *Organizaciones Revolucionarias Integradas*, em julho de 1961, foi a vez de Castro propor a dissolução do PSP.¹⁰²⁵ As ORI's foram os núcleos dos militantes que compuseram o Partido Unido da Revolução Socialista. Naquele momento, o governo revolucionário não acreditou na possibilidade de criar um partido de amplitude nacional, então decidiu criar essas organizações de base (ORI's) que deveriam integrar, quando consolidadas, o PURS. E é nesse cenário de junção das organizações revolucionárias que elas foram dissolvidas para compor um único órgão.

Em agosto de 1961, em *Noticias de Hoy*, há notícias de uma comemoração do aniversário de fundação do PSP, com a citação nominal da sigla. Nela, aparece que o Partido estava em processo de integração com o MR-26-7 e com o Diretório Estudantil Revolucionário em uma organização, intitulada Partido Unido da Revolução Socialista (PURS).¹⁰²⁶ Depois dessa comemoração, não encontramos mais menções diretas à sigla partidária, o que nos leva a acreditar que, a partir desse momento, a agrupação, já havia deixado de existir. Encontramos, em setembro de 1961, a informação de que Blas Roca era líder das ORI's, isso significa que ele tinha deixado de ser o secretário geral do Partido Socialista Popular para se tornar o líder de outra organização. Então, acreditamos que, a partir de agosto de 1961, o PSP deixou de existir após 36 anos de sua fundação.

A dissolução do Partido pode ser explicada por uma série de fatores. Primeiramente, houve uma convergência de interesses. O governo revolucionário cumpriu boa parte do projeto político do Partido e, sem dúvida, isso ajudou a aproximar os comunistas da Revolução. A Revolução encabeçou um projeto anti-imperialista que levou à ruptura econômica e diplomática com os Estados Unidos, proposta que o PSP também defendia. O governo cubano se aproximou da URSS e do campo socialista, cujos países se tornaram os principais parceiros econômicos da Ilha após 1962, contato defendido pelos comunistas. Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução, o que foi interpretado como o início da segunda etapa da revolução pelos comunistas.

Em segundo lugar, desde meados de 1960, as organizações revolucionárias já tentavam se unificar e a extinção delas foi o ponto de partida para a unidade. Nesse contexto, o PSP já tinha entendido que a autoridade do novo partido era de Fidel Castro e, assim sendo, manter uma organização autônoma poderia ser a razão para sua exclusão do governo revolucionário. Ademais, apesar das divergências com o MR-26-7 e o DER, o governo da Revolução havia

¹⁰²⁵ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 128.

¹⁰²⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: 36 años. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 193, 16 de agosto de 1961, p. 1.

cumprido uma grande parte do programa dos socialistas populares e agora havia a possibilidade dos comunistas se incorporarem como dirigentes de um partido que seria a vanguarda de um regime socialista e, claro, imaginamos que esse fator teve um peso decisivo quando a direção do PSP decidiu dissolvê-lo.

Acreditamos que houve um sacrifício do PSP por parte dos dirigentes, para que os comunistas pudessem fazer parte do governo. Havia um interesse de participar da gestão da Revolução desde o início de 1959 e avaliamos que a dissolução do PSP foi como uma decisão monocrática de seus dirigentes para integrar-se à cúpula da gestão estatal. Pensamos também que a decisão de dissolver o Partido foi envolta de omissões em relação às reais intenções de seus artífices com esse ato, já que não houve explicações oficiais e públicas para os militantes da base do Partido sobre os motivos da dissolução. Inclusive, em *Noticias de Hoy*, não há informações sobre a decisão de dissolver o Partido.

A dissolução do PSP ocorreu em um momento de alta centralização política. Como indicamos anteriormente, vários órgãos foram criados pelo governo revolucionário para unificar a gestão estatal (FMC, CTC, UNEAC, CDR, MNR, *Casa de las Américas*, CNC, dentre outros). Por exemplo, o movimento feminista e de mulheres pôde se reunir somente na FMC, os intelectuais tiveram se filiar à UNEAC, os sindicatos se vincularam unicamente à CTC-R. Ademais, ocorreu uma centralização da gestão da economia nas mãos do Estado, que se tornou gestor e investidor público, como indicamos, e uma centralização dentro do setor educacional com a nacionalização das instituições de ensino e a reforma do currículo escolar.

Essa centralização do poder em torno de algumas organizações controladas pelo governo levou a eliminação de várias outras organizações que atuavam de forma autônoma, como sindicatos e sociedades de pessoas negras, por exemplo, representando uma diminuição da pluralidade de grupos de luta política, social e econômica e uma concentração de atribuições em órgãos controlados pelo governo. Inclusive, as agrupações políticas (MR-26-7, DER, SAR, PPC-O, PRC-A) deixaram de existir como entidades autônomas. O MR-26-7 e DER também foram dissolvidos para se integrarem nas ORI's, que deveriam servir como o único e mais importante órgão político da Revolução.

Sacrificar o PSP, então, tem relação com esse contexto de centralização. Os comunistas não queriam ficar fora das organizações e dissolveram o Partido para participar do governo. Inclusive, vários comunistas começaram a ocupar postos chave dentro da Revolução após a dissolução do PSP. De qualquer forma, não deixa de ser surpreendente a manobra política da direção socialista popular.

Como destacou Carlos Rafael Rodríguez, “pela primeira vez na história do movimento, depois de ter surgido a Terceira Internacional, um partido comunista aceitava outra direção política na luta pelo socialismo”.¹⁰²⁷ É interessante observar, inclusive, como apontou Ordoqui García, que, também de forma inédita, um partido comunista decidiu se autodissolver para integrar uma organização mais plural.¹⁰²⁸

Joaquín Ordoqui García, filho do antigo dirigente socialista, alega que, depois da dissolução do PSP, seus antigos membros não atuaram de forma coordenada, “com uma estratégia consensual ou assumida”.¹⁰²⁹ Apesar de publicamente os comunistas não terem manifestado apoio mútuo ou solidariedade no contexto, por exemplo, dos expurgos de Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca ou Aníbal Escalante,¹⁰³⁰ não desconsideramos que os vínculos e a cultura política comunista entre os antigos membros do PSP tenham permanecido e se perpetuado após a dissolução da organização. Um desses sinais de continuidade foi a prosseguimento da publicação do jornal *Noticias de Hoy*. Em 1960, os comunistas escreveram:

O jornal “*Hoy*” é nosso instrumento principal para levar às massas a resposta da verdade, a resposta marxista-leninista e revolucionária às mentiras, enganos, confusões, sofismas e provocações anticomunistas dos imperialistas, contrarrevolucionários e seus lacaios e seus servidores mercenários. As respostas que “*Hoy*” dá são um meio de elevar a consciência revolucionária das massas, de ensiná-las a descobrir o veneno contrarrevolucionário por sutil que seja, de educa-las ideologicamente.¹⁰³¹

No ano seguinte, o Partido comentou que *Noticias de Hoy* era um “revolucionário de primeira linha”, era um “educador, organizador e propagandista coletivo”.¹⁰³² Não podemos deixar de lembrar que o aniversário do jornal era comemorado anualmente. Em 1961, uma festa para o periódico contou com a presença de Fidel Castro e Osvaldo Dorticós. Durante a celebração, *Hoy* foi representado como um sujeito autônomo, como notamos nas seguintes

¹⁰²⁷ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Figura protagónica de la historia política cubana. In: BATLLE REYES, Lucilo (comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 127.

¹⁰²⁸ ORDOQUI GARCIA, Joaquín. El Partido Socialista Popular (1934-1961) y su relación con el gobierno de Castro. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, n° 32, 2004, p. 103.

¹⁰²⁹ Ibidem, p. 104.

¹⁰³⁰ Esses três líderes do PSP foram afastados de seus cargos dentro da Revolução, entre os anos de 1962 e 1967, e sofreram processos judiciais. Refletiremos mais sobre os expurgos no próximo capítulo.

¹⁰³¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 19 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 19, 19 de marzo de 1960, p. 12.

¹⁰³² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Llevemos “Hoy” a todo el pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 31, 5 de febrero de 1961, p. 2.

passagens: “*Hoy* lutou, *Hoy* defendeu, *Hoy* foi veículo, *Hoy* denunciou, *Hoy* era o povo, *Hoy* renova seu juramento de lealdade ao povo e à pátria”.¹⁰³³

O aniversário de 25 anos do jornal *Noticias de Hoy*, em maio de 1963, também foi acompanhado de uma grande festa. O presidente Dorticós compareceu à redação do jornal para felicitar seu coletivo, Fidel Castro enviou uma carta a Blas Roca, então diretor do jornal, saudando a efeméride e Ernesto Guevara participou de um almoço celebrativo, onde disse: “É, pois, quando rendemos uma homenagem ao periódico *Hoy*, que rendemos também a mesma homenagem ao Partido Socialista Popular que foi o precursor ideológico de nossa Revolução [...]”.¹⁰³⁴ Para essa edição comemorativa, foram impressos 365 mil exemplares. O jornal, além disso, também recebeu inúmeras saudações de partidos e órgãos comunistas de várias partes do mundo. Vários representantes dos PC’s e de organizações vieram para Cuba para as celebrações com almoços e reuniões.¹⁰³⁵

Os exemplos citados nos levam a acreditar que o *Noticias de Hoy* era visto pelos comunistas como um ator político, um canal histórico do PSP, um instrumento de defesa da Revolução e um local de sociabilidade de seus criadores e mantenedores. Acabar com a organização e manter o jornal significou, em nossa perspectiva, uma vontade de conservar os vínculos políticos e afetivos e de garantir a existência de um veículo de propagação de determinadas ideias. Por isso, defendemos que o jornal, após 1961, continuou sendo o principal canal de comunicação da cultura política criada e difundida pelos socialistas populares.

Se essa premissa estiver correta, se o *Hoy* continuou sendo uma via de comunicação do PSP, questionamos por que o governo não fechou o periódico como havia feito com vários outros meios de comunicação que pertenceram a outras organizações (jornais, gravadoras, programas radiais, suplementos culturais).¹⁰³⁶ Quando observamos as publicações que continuaram existindo em Cuba, em 1961, percebemos que todas elas eram vinculadas a algum órgão do governo. Entre elas estavam: as revistas *Verde Olivo* (órgão das FAR), *Unión e La Gaceta de Cuba* (órgão da UNEAC), *Alma Mater* (órgão da Universidade de Havana), *Bohemia* (órgão do PURS), *Mella* (órgão da UJC), *Cuba Socialista* (revista teórica do PURS), *Teoría y*

¹⁰³³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: *Hoy*. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 114, 16 de mayo de 1961, p. 1.

¹⁰³⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Che: quienes se educaron en el marxismo fusil en mano saludan a “*Hoy*” y el “PSP”. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 119, 21 de mayo de 1963, p. 1.

¹⁰³⁵ Para mais informações, ver as edições de *Noticias de Hoy* de 16, 17 e 18 de maio de 1963.

¹⁰³⁶ Em 1960, os jornais *Avance*, *Prensa Libre* e *Diario de la Marina* foram fechados, a revista *Bohemia* foi estatizada, após o exílio de seu proprietário. Os jornais *El País* e *Excelsior* também foram estatizados. Ver: BELL, José et. al. *Documentos de la Revolución Cubana 1960*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007, p. 5-7. Os suplementos *Lunes* do jornal *Revolución e Hoy Domingo* de *Noticias de Hoy* foram fechados entre fins de 1961 e começo de 1962.

Práctica (órgão das EIR), *Casa de las Américas* (órgão da instituição com esse mesmo nome), *Cine Cubano* (órgão do ICAIC), *Revolución y Cultura* (órgão da CNC) e os jornais *Revolución* (órgão do MR-26-7), *El Mundo* (órgão do PURS),¹⁰³⁷ *Combate* (órgão do DER),¹⁰³⁸ *Noticias de Hoy* (órgão do PSP).¹⁰³⁹ Consideramos que essas publicações tinham suas especificidades, mas não eram opositoras do regime e, por isso, continuaram a ser editadas em Cuba.

Dessa forma, acreditamos que o *Noticias de Hoy* passou a difundir também a visão oficial do governo sobre diversos pontos. O jornal se tornou um canal da própria Revolução, incorporado, inclusive, ao Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURS) em 1962, e estimulou os projetos do governo, como as emulações, as convocações para o cumprimento das metas econômicas e os eventos públicos. Consequentemente, o editorialismo programático do jornal mudou e concluímos que, apesar da publicação ter continuado nas mãos dos socialistas, seu conteúdo, seus combates e suas denúncias deixaram de refletir várias das preocupações que os socialistas populares tiveram entre 1959 e 1960. A título de exemplo, as críticas a certas medidas governamentais e os ataques aos membros do governo, que apareciam comumente nos dois primeiros anos da Revolução, desapareceram após 1961. Pensamos, porém, que, apesar disso, o *Hoy* apresentou um editorialismo diferente do *Revolución*, já que, como destacamos, vários aspectos da cultura política do PSP se perpetuaram nele.

Podemos já destacar que, dentre esses elementos, está a defesa da paz e da URSS, as efemérides dos comunistas e algumas concepções teóricas do PSP. Além disso, Blas Roca manteve uma coluna diária de opinião chamada “*Aclaraciones*”, onde comentou sobre questões teóricas, contextuais, cultura, arte e economia. Ali, encontramos várias referências ao programa, imaginários e mitos do PSP, e defendemos que essa coluna pode ser compreendida como um local explícito de perpetuação do pensamento dos socialistas populares, especificamente da “geração de 30” do Partido. Foi nela, por exemplo, que ocorreu o debate sobre a exibição dos filmes estrangeiros em Cuba, que opôs Roca e Alfredo Guevara.¹⁰⁴⁰

O *Hoy* também continuou difundindo os cultos a José Martí, Mella, Maceo, Villena, Menéndez, estimou as celebrações e os panegíricos que o PSP já praticava, mas incorporou outros “heróis” da Revolução, como Camilo Cienfuegos, Conrado Benítez, Frank País, Antonio

¹⁰³⁷ *El Mundo* foi um jornal cubano fundado em 1901. Seus diretores saíram de Cuba, em 1960, rompendo com a Revolução e a publicação foi estatizada. *El Mundo* foi publicado até 1969.

¹⁰³⁸ *Combate* era um órgão do Diretório Estudantil Revolucionário. Em 1961, ele foi fundido aos jornais *La Calle* e *Prensa Libre* dando origem ao jornal *Diario de la Tarde*. Ver: [https://www.ecured.cu/Combate_\(peri%C3%B3dico\)](https://www.ecured.cu/Combate_(peri%C3%B3dico))

¹⁰³⁹ MARTÍNEZ PEREZ, Liliana. *Los hijos de saturno*: intelectuales y revolución en Cuba. Ciudad de México: FLACSO, 2006, p. 16. Posteriormente, outras publicações foram sendo criadas, como as revistas *El Caiman Barbudo* (1966) e *Pensamiento Crítico* (1967-1971).

¹⁰⁴⁰ Abordaremos essa polêmica no próximo capítulo.

Echeverría, líderes de outras organizações que não o PSP. Passou a celebrar efemérides não vinculadas aos socialistas, mas sim ao MR-26-7 e ao DER, como o desembarque do Granma, o 26 de julho e o 13 de março. Em resumo, o jornal incorporou mitos, mitologias e representações que não faziam parte da história do PSP, condição que, em nossa perspectiva, foi fundamental para a sobrevivência do órgão. Além disso, Fidel Castro também apareceu em suas páginas como uma figura incontestável. Em 1964, o periódico salientou que Castro, assim como Antonio Maceo, é um “todo paralelo de proeza, de barbas e expressão”.¹⁰⁴¹ Como salientamos, o PSP e o *Noticias de Hoy* ajudaram a construir a autoridade política de Fidel Castro e esse artifício foi mantido nas páginas do jornal, mesmo após a dissolução no Partido, em 1961. Defendemos que o jornal fortaleceu a construção de uma cultura política comunista e revolucionária que foi formada por uma junção de várias referências. Sobre as mudanças no editorialismo do periódico, uma passagem de Hector Borrat nos ajuda a pensar a questão:

A imagem pública do periódico vai se modelando como biografia deste ator coletivo que é o periódico, como discurso polifônico que vai reafirmando a identidade e as características deste narrador e comentarista mediante a cambiante heterogeneidade de vozes que ele mesmo organiza, constrói, dirige e comunica.¹⁰⁴²

Ainda que os comunistas tenham mantido seu jornal, a imagem pública do *Hoy* foi mudando, como exemplificamos acima, e ele passou a ser um órgão da Revolução, mas isso não quer dizer que ele difundiu uma representação semelhante àquela dos demais órgãos do governo. Por isso, inclusive, no próximo capítulo, usaremos as edições do jornal que foram publicadas entre 1961 a 1965 como fontes para o estudo do pensamento dos socialistas populares, já que acreditamos que, mesmo com a incorporação de novos elementos em seu editorialismo, o *Hoy* manteve a difusão de uma visão específica que ainda representava, em diversos aspectos, os membros do antigo PSP.

Então, em 30 de setembro de 1965, o jornal parou de ser publicado. Na última edição, não há nenhuma reportagem sinalizando as razões de seu fim, nem que aquela era sua última edição. O jornal *Revolución* também parou de ser editado e, no dia 3 de outubro, apareceu a primeira edição do *Granma*, que passou a ser o órgão oficial do governo e representou uma fusão entre os periódicos *Noticias de Hoy* e *Revolución*.¹⁰⁴³ Esse foi mais um esforço para a unificação dos grupos políticos, que ajudou a consolidar, nesse mesmo ano, a fundação do Partido Comunista Cubano.

¹⁰⁴¹ EL ÍNDIO NABORI. Paralelismo de proeza, de barbas e expresión entre Máximo Gómez e Fidel. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 272, 18 de noviembre de 1964, p. 2.

¹⁰⁴² BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1989, p. 142.

¹⁰⁴³ MARTÍNEZ PEREZ, Liliana. *Los hijos de saturno: intelectuales y revolución en Cuba*, p. 16.

Capítulo 4. Os socialistas populares no poder: a formação do Partido Comunista Cubano, os embates e as negociações com o governo revolucionário (1961-1967)

Na temporalidade da análise deste último capítulo, o Partido Socialista Popular não existia mais como uma agrupação política.¹⁰⁴⁴ Entretanto, como apontamos no capítulo anterior, os socialistas populares criaram outros meios para continuarem unidos. Um deles foi a publicação, até 1965, do jornal *Noticias de Hoy* (1938-1965) cuja redação se manteve como um local de sociabilidade do Partido. Além disso, identificamos a perpetuação de vários elementos importantes da cultura política comunista em textos e práticas difundidas pelos antigos membros do PSP. Assim, nessa parte da tese, mostramos como a cultura política comunista criada, difundida e inculcada pelo Partido se perpetuou em Cuba mesmo após sua dissolução. Destacamos também a importância dos membros do PSP na institucionalização das políticas e dos organismos socialistas da Revolução, bem como os fatores que provocaram o fim da “geração de 1930”.¹⁰⁴⁵

Na primeira parte do capítulo, analisamos as relações e divergências táticas entre Cuba e União Soviética, o impacto do apoio cubano às guerrilhas latino-americanas e o posicionamento dos socialistas populares frente a essas questões. O contexto que envolveu a Ilha, a URSS e a luta armada na América Latina é fundamental para entendermos as relações, os conflitos e as negociações estabelecidas entre o governo revolucionário, o campo socialista e os comunistas do PSP.

Depois, investigaremos as primeiras tentativas, entre os anos de 1961 e 1965, de formação do partido político que deveria unir os membros do Partido Socialista Popular, do Movimento 26 de Julho e do Diretório Estudantil Revolucionário. Também trataremos dos expurgos e afastamentos políticos de alguns líderes do PSP, como Aníbal Escalante, acusado de sectarismo em 1962 e de praticar uma conspiração contra o governo em 1967, e Joaquín Ordoqui, denunciado por encobrir Marcos Rodríguez, um membro da juventude socialista condenado, em 1964, por um crime que ele havia cometido em 1957.

Por fim, analisamos a perpetuação ou transformação de alguns aspectos da cultura política dos comunistas, enfatizando as formulações sobre o homem novo após a Revolução, o papel dos socialistas populares nos debates sobre as artes e a atuação dos antigos membros do PSP nos órgãos educacionais insulares, em especial nas *Escuelas de Instrucción Revolucionaria*

¹⁰⁴⁴ Apesar disso, continuaremos usando as palavras “socialistas populares” e “comunistas” quando estivermos nos referirmos aos membros do antigo PSP. Novamente, recorreremos a esse recurso para evitar a repetição do vocabulário e diferenciar as pessoas as quais nos referimos.

¹⁰⁴⁵ Ver o ponto 1.1.4. do primeiro capítulo.

(EIR's). Usamos como fontes primárias todas as edições do jornal *Noticias de Hoy* publicadas entre os anos de 1961 e 1965, textos autorais dos intelectuais do PSP e a revista teórica *Cuba Socialista* (1961-1967). Ainda que tenhamos escolhido começar a análise pelo ano de 1961, recorremos a documentos de períodos anteriores, quando eles nos auxiliaram a elucidar as ideias e os argumentos que desenvolvemos.

4.1. *As relações entre Cuba e a União Soviética no começo dos anos de 1960*

O processo revolucionário cubano, com suas guerrilhas e jovens dirigentes, despertou o entusiasmo em boa parte das esquerdas e o temor dos grupos conservadores. Por um lado, muitos setores políticos dos Estados Unidos receberam com desconfiança a vitória dos rebeldes. Os primeiros sinais dessa hostilidade foram sentidos no começo de 1959, quando Dwight Eisenhower, presidente dos EUA, saiu para jogar golfe no momento em que Fidel Castro visitava Washington em abril daquele ano.¹⁰⁴⁶ Segundo Ricardo Mendes, os EUA adotaram uma política bifurcada em relação à América Latina, que se caracterizou, naquela conjuntura, tanto pelo suporte financeiro e logístico para impulsionar o desenvolvimento dos países da região, quanto pelo fortalecimento do militarismo, com programas de apoio militar e escolas de treinamento para militares latino-americanos. Ambas as iniciativas objetivavam conter o antiamericanismo e o avanço do comunismo.¹⁰⁴⁷ Foi na reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), de 1961, que os Estados Unidos apresentaram um programa oficial de repasse de verbas que ficou conhecido como Aliança para o Progresso (ALPRO).¹⁰⁴⁸

Por outro lado, a União Soviética, que já não mantinha relações diplomáticas com Cuba há quase uma década, desconhecia, em grande medida, a realidade insular. A historiadora Blanca Torres Ramirez apontou que, nos oito primeiros meses de 1959, a URSS não fez nenhuma declaração de apoio à Revolução Cubana e os soviéticos se limitaram apenas a comentar na imprensa local a queda de Batista.¹⁰⁴⁹ Além disso, a autora ressaltou que o governo cubano, inicialmente, também não demonstrou muito interesse em estreitar as relações com o bloco socialista.

A aproximação entre Cuba e a União Soviética pode ser compreendida a partir de alguns enfoques. Um deles é o econômico. Como destacamos no capítulo anterior, entre os anos de

¹⁰⁴⁶ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 205.

¹⁰⁴⁷ MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, (8), 2013, p. 13-15.

¹⁰⁴⁸ AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 120.

¹⁰⁴⁹ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*. Ciudad de México: Colegio de México, 1971, p. 16.

1959 e 1960, a Revolução enfrentou uma série de conflitos com os Estados Unidos, que tiveram como desfecho o bloqueio econômico à Ilha em 1962. Nesse ínterim, o campo socialista se tornou uma opção viável para o horizonte comercial de Cuba e as relações diplomáticas com a URSS, a China e os países socialistas do Leste Europeu (Polônia, Alemanha Oriental, Bulgária, Romênia, Albânia, Tchecoslováquia, Hungria), começaram a ser (r)estabelecidas a partir de 1960.¹⁰⁵⁰

Os indícios sobre o início das relações entre o governo revolucionário e a União Soviética são escassos. Lillian Guerra apontou que, em outubro de 1959, Fidel Castro e Ernesto Guevara haviam se reunido com Aleksander Alekseev,¹⁰⁵¹ membro da KGB em Cuba, e, na ocasião, Castro alegou que necessitava de extremo cuidado para convencer as massas das relações entre os dois países.¹⁰⁵² Em fevereiro de 1960, Cuba recebeu a “Exposição Soviética de Técnica, Arte e Cultura”, na qual foram divulgadas obras de artes e conhecimento tecnológico. Fidel Castro convidou Anastas Mikoyan, vice primeiro-ministro da URSS, para visitar Havana durante a exposição.

Foi nessa visita que o primeiro convênio de comércio e crédito foi assinado e o acordo previa o aumento da compra de açúcar cubano pelos soviéticos. Em março de 1960, os cubanos fizeram a primeira compra de armas russas. Lembramos que as relações diplomáticas entre Cuba e a URSS, que haviam sido rompidas em 1952 pelo regime de Batista, só foram restabelecidas em maio de 1960. Chama a atenção a situação inédita dos contatos estabelecidos pelo campo socialista, pois, pela primeira vez, a URSS se comprometeu com uma organização originalmente não comunista, alheia a seu controle direto. Ademais, nunca os soviéticos haviam estendido sua influência, com essa profundidade, para o continente americano¹⁰⁵³ e a aproximação gradual e conflituosa com o governo de Castro possibilitou essa inserção na região.

¹⁰⁵⁰ Lembramos que os cubanos estavam isolados diplomática e economicamente em relação à América Latina. Além do bloqueio comercial estadunidense, Cuba havia sido expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), por pressão dos EUA, em janeiro de 1962, e, com isso, tinha perdido um de seus canais de aproximação e acordos com os países da região.

¹⁰⁵¹ Alekseev foi o principal interlocutor do governo russo em Cuba. Ele organizou a visita de Mikoyan à Ilha, em 1960. Ver: FRANQUI, Carlos. *Retrato de família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 79.

¹⁰⁵² GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba. Revolution, redemption, and resistance, 1959-1971*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2012, p. 87.

¹⁰⁵³ ORDOQUI GARCIA, Joaquín. El Partido Socialista Popular (1934-1961) y su relación con el gobierno de Castro. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, n° 32, 2004, p. 113.

O convite para a visita de Mikoyan e as negociações comerciais e bélicas foram feitos, *a priori*, sem a intermediação dos socialistas populares,¹⁰⁵⁴ ao menos não encontramos menções, em 1959 e começo de 1960, a acontecimentos que pudessem indicar uma ação oficial de mediação feita pelos membros do PSP entre o governo revolucionário e o primeiro-ministro russo. Como salientamos, nesse momento, os comunistas ainda não participavam do governo e, por isso, não compareceram aos eventos públicos onde os representantes soviéticos e cubanos estiveram negociando. Acreditamos, porém, que nos bastidores, o PSP teve um papel importante, como indicaremos mais à frente.

As relações econômicas entre Cuba e a URSS se ampliaram nos anos seguintes. Torres Ramirez destacou que, entre 1961 e 1965, o bloco socialista foi o responsável por 50% do capital usado no programa de inversões industriais insulares.¹⁰⁵⁵ E, dentre os países com os quais Cuba estabeleceu vínculos comerciais, diplomáticos e culturais, além da Rússia, estava a China. Em junho de 1960, aconteceu uma exposição de artesanato chinês em Havana.¹⁰⁵⁶ Em agosto desse ano, uma delegação comercial chinesa foi recebida por vários membros do governo revolucionário e os dois países fecharam acordos comerciais na ocasião.¹⁰⁵⁷ Ao longo de 1960, várias outras exposições, exibições de grupos artísticos e musicais, tanto da China quanto da URSS, aconteceram em Cuba. Em dezembro de 1962, a sociedade sino-cubana foi fundada. Já a sociedade russo-cubana foi fundada somente em 1964.

A ajuda econômica do campo socialista sempre foi celebrada nas publicações oficiais do governo cubano, apesar de ocasionalmente as lideranças revolucionárias cobrarem mais apoio financeiro do campo socialista. Em algumas situações, a URSS foi representada como a “salvadora” da Revolução, como na seguinte passagem: “Se a União Soviética não existisse – afirmou justamente o companheiro Fidel – os imperialistas não teriam necessitado sequer recorrer às armas: teriam estrangulado esta revolução por fome, a teriam liquidado só com o bloqueio econômico”.¹⁰⁵⁸

Após a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana, em 1961, houve uma aproximação ideológica e um alinhamento político parcial entre Cuba e a URSS que podem ser

¹⁰⁵⁴ RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor. Relaciones con los países socialistas. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 144.

¹⁰⁵⁵ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 37.

¹⁰⁵⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Hermosas obras de artesanía china están exhibiendo en Bellas Artes. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 135, 12 de junio de 1960, p. 1.

¹⁰⁵⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recepción de la delegación comercial de China al gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 182, 7 de agosto de 1960, p. 1.

¹⁰⁵⁸ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Editorial: A 48 años del gran octubre. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1965, año V, n° 51, p. 6.

percebidos, por exemplo, na confecção de comunicados conjuntos, nos acordos de ajuda mútua e no intercâmbio cultural. Isso não significa, porém, que a Revolução apoiou indistintamente o projeto político soviético, assim como a URSS não apoiou todos os projetos políticos e econômicos do governo revolucionário.

Além dos acordos comerciais, os intercâmbios culturais aumentaram após 1961. Os cubanos enviaram alunos para estudarem em alguns países da URSS e do Leste Europeu, e os soviéticos enviaram estudantes e técnicos, respectivamente, para estudarem e prestarem serviços na Ilha. Na Rússia e em Cuba, escolas de idiomas de russo e espanhol se proliferaram. Um passo diplomático importante daquele ano foi a condecoração de Fidel Castro com o “Prêmio Lenin da Paz”, concedido em maio, logo após a invasão a *Playa Girón*. Sobre a galhardia, Juan Marinello comentou: “Ao se consagrar o caráter socialista de nossa revolução, nada poderia ser tão certo e oportuno como honrar a Fidel Castro com a efigie de Lenin, cérebro e vontade inigualáveis ao serviço do socialismo”.¹⁰⁵⁹

Essa aproximação diplomática foi acompanhada pela construção de uma legitimidade da URSS dentro de Cuba. Em 1961, quando Lázaro Peña já era o dirigente da Confederação dos Trabalhadores Cubanos, esse órgão organizou uma homenagem à Revolução Russa. Com o tempo, outras práticas relacionadas à exaltação da URSS foram se proliferando, como celebração da própria Revolução de Outubro, homenagens a alguns líderes do processo revolucionário de 1917, ao exército soviético, à vitória sobre os nazistas e ao *pravda*, o jornal do PCUS. Essas atividades políticas, às vezes vivenciadas em cerimônias e festividades, eram comuns dentro do PSP e foram adotadas pela Revolução, perpetuando, assim, um elemento da cultura política dos socialistas populares.

Outro enfoque para a análise das relações é a ajuda militar prestada pela URSS no contexto dos ataques armados da contrarrevolução. No contexto de invasão a *Playa Giron* (1961), Krushev havia enviado uma carta a John F. Kennedy, presidente estadunidense na época, alegando que estava disposto a ajudar Cuba a se defender do ataque.¹⁰⁶⁰ No ano seguinte, a ajuda se consolidou no episódio conhecido como crise dos mísseis.

No começo de 1962, os Estados Unidos iniciaram a Operação Mangosta (ou Mongose), um plano com atividades “encobertas” contra Cuba (sabotagens, tentativa de assassinato dos líderes da Revolução, implantação de bombas em locais importantes dentro da Ilha, dentre

¹⁰⁵⁹ MARINELLO, Juan. El premio Lenin de la paz a Fidel Castro. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 106, 6 de mayo de 1961, p. 2.

¹⁰⁶⁰ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 308.

outras ações), com o objetivo de desestabilizar o processo revolucionário insular. Nesse momento, Cuba e a URSS já estavam em negociação e em processo de instalação dos mísseis balísticos na Ilha. Dias antes da descoberta pelos EUA das armas nucleares instaladas em Cuba, o jornal *Noticias de Hoy* publicou a charge abaixo:

Figura 15 - Charge publicada no jornal *Noticias de Hoy*



Fonte: *Noticias de Hoy*, 12/9/1962, p. 1.

Nela aparece Krushev com uma bomba nas mãos e uma pomba nos ombros, e Fidel Castro com a bandeira de Cuba, ambos se defendendo da agressão estadunidense. Aqui, encontramos várias mensagens políticas: a defesa da soberania cubana feita por Castro, a promessa soviética de defender Cuba da agressão estadunidense e, ao mesmo tempo, o compromisso do primeiro-ministro russo com o pacifismo, um elemento importante da cultura política comunista ainda nesse momento. Essa imagem exemplifica a disposição de Castro em defender a Revolução com as armas russas. E, como se tratava de uma fonte do PSP, encontramos também a mensagem do pacifismo associada à URSS, indicando a manutenção dessa bandeira política no discurso de *Noticias de Hoy*.

A crise dos mísseis começou efetivamente em 16 de outubro de 1962, quando aviões estadunidenses fotografaram uma base de lançamento de ogivas nucleares localizada na província de Pinar del Rio, no extremo oeste da Ilha. Os EUA divulgaram a detecção dias depois e impuseram um bloqueio naval a Cuba, decisão que foi apoiada pela OEA. Nos dias 26, 27 e 28 daquele mês, Nikita Krushev e John F. Kennedy trocaram cartas para solucionar a crise militar. Na primeira missiva, o líder soviético sugeriu que, em troca da retirada das armas em Cuba, os EUA retirassem seus mísseis que estavam instalados na Turquia.¹⁰⁶¹ Porém, a mensagem não foi respondida pelo governo estadunidense. Já na segunda carta, Krushev

¹⁰⁶¹ Os Estados Unidos haviam instalado mísseis balísticos que estavam apontados para o território russo na Turquia e na Itália, com o aval de ambos os países.

alegou que recolheria suas armas em troca de uma promessa de que os EUA não invadiriam Cuba.¹⁰⁶² Naqueles dias, Castro elaborou uma proposta com pontos que deveriam ser incluídos nas negociações, entre os quais o fim do bloqueio econômico e das atividades da contrarrevolução que eram organizadas nos Estados Unidos, o fim da violação dos espaços marítimo e aéreo cubano e a desocupação da base de Guantánamo.¹⁰⁶³ Após as conversas bilaterais, Moscou, sem consultar os cubanos, comprometeu-se em retirar suas armas de Cuba, o que gerou imenso mal-estar entre a URSS e Castro. O governo revolucionário não permitiu a inspeção da ONU, que deveria conferir se as ogivas realmente haviam sido retiradas.

As relações entre Cuba e a União Soviética ficaram tensas naquele contexto, porque os soviéticos negociaram com os Estados Unidos sem considerar as exigências e a opinião dos cubanos. Fidel Castro viajou para a URSS para a comemoração do Primeiro de Maio de 1963, sete meses após a crise dos mísseis. Krushev, Brejnev e Yuri Gagarin o esperavam no aeroporto de Moscou.

Durante sua permanência na URSS, foi assinado o Comunicado Cubano-Soviético, sobescrito pelo PCUS e pelo Partido Unido da Revolução Socialista. Nesse documento, aparece a defesa da via pacífica ou não pacífica para o socialismo, e a autonomia dos povos para decidir qual o melhor caminho de sua revolução. Dessa forma, concordaram com o princípio de não intervenção em outros países. Afirmaram ainda que a exportação da revolução era contrária ao marxismo-leninismo e que os comunistas deveriam prestar ajuda aos povos em sua luta pela independência, mas não exportarem modelos prontos de luta. E alegaram, por fim, que os PC's deveriam ser a vanguarda no enfrentamento contra o imperialismo e pelo socialismo.¹⁰⁶⁴

Esse acordo colocava, em princípios, em xeque a defesa das guerrilhas como vanguarda do processo revolucionário e a ação de Cuba em financiá-las na América Latina. Ou seja, ainda que o PURS tenha assinado o documento, a prática do governo cubano foi bem diferente das decisões conjuntas tomadas com os soviéticos e essa foi uma das razões dos conflitos entre o governo revolucionário e a URSS. Lembramos que antes desse acordo conjunto, Cuba já prestava ajuda às guerrilhas latino-americanas e auxílio às forças de libertação em países da África, como a Argélia (Frente de Libertação Nacional, em 1962), a Angola (Movimento Popular de Libertação de Angola, em 1965), o Congo, ajudou ainda na

¹⁰⁶² GUERCIO, Maria Rita; CARVALHO, Dorisney de. Cuba e os Estados Unidos: uma história de hostilidades. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 130-131.

¹⁰⁶³ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 236.

¹⁰⁶⁴ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Declaración conjunta soviética-cubana. *Revista Cuba Socialista*, junio de 1963, año III, n° 22, p. 17-18.

independência do Zaire, auxiliou o Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).¹⁰⁶⁵ Nesse contexto, Ernesto Guevara foi um dos principais críticos da via soviética, pela pouca ajuda prestada pela URSS aos movimentos de libertação, pelo não fornecimento de armas para luta armada em países do Terceiro Mundo, posições que ele considerava como dogmáticas. Guevara criticou também a concentração dos esforços na produção de açúcar dentro de Cuba, ação estimulada pela URSS, em detrimento do desenvolvimento industrial da Ilha. As hostilidades também partiam dos soviéticos que, segundo Bandeira, viam Guevara, às vezes, como trotskista, outras vezes como defensor da via chinesa.¹⁰⁶⁶ As críticas de Guevara e a proposta dele da via armada foram um dos pivôs da crise entre os soviéticos e os cubanos.

Em 1964, Fidel Castro visitou Moscou pela segunda vez e, nessa ocasião, conseguiu melhores contratos para a venda do açúcar cubano aos soviéticos e, segundo Richard Gott, Castro e Kruschev, mais uma vez, “concordaram que os movimentos revolucionários deveriam transitar tanto pela via pacífica como não pacífica rumo à liquidação final do capitalismo [...]”.¹⁰⁶⁷ Apesar dessa declaração não tocar diretamente na questão da tática, Cuba e URSS tiveram conflitos no que tange a esse assunto. Blanca Torres Ramirez destacou que o governo revolucionário, nos discursos de Castro, principalmente, reiterou a intenção da Revolução Cubana de manter sua independência teórica em relação às experiências chinesa e soviética, ou seja, de interpretar a teoria de acordo com sua própria realidade objetiva¹⁰⁶⁸ e seus interesses políticos, bem como de defender as táticas que considerava mais adequadas.

Esse posicionamento do governo revolucionário tem relação com o apoio que Cuba prestava aos movimentos guerrilheiros na América Latina. Para parte das esquerdas, o processo insurrecional cubano gerou otimismo e fez parecer que as guerrilhas poderiam rapidamente chegar ao poder em outros países da região.¹⁰⁶⁹ Como destacou Jean Rodrigues Salles, a vitória da luta armada influenciou todas as forças de esquerda da região, os “partidos comunistas, intelectuais, dirigentes sindicais e ex-caudilhos populistas”.¹⁰⁷⁰ Isso porque, pela primeira vez na história do continente, um processo revolucionário chegou ao poder pela via armada, empreendeu um programa radical de reformas e se manteve no poder. Apenas dois anos após a

¹⁰⁶⁵ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 253.

¹⁰⁶⁶ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 573-579, passim.

¹⁰⁶⁷ GOTT, Richard, op. cit., p. 241.

¹⁰⁶⁸ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 74.

¹⁰⁶⁹ PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*. São Paulo: Leya, 2012, p. 458.

¹⁰⁷⁰ SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e o debate do movimento comunista internacional nos anos 1960: Europa e América Latina. *Diálogos*, v. 15, n. 1, 2011, p. 103.

vitória dos guerrilheiros, Cuba se declarou socialista e se converteu no principal inimigo dos Estados Unidos nessa área, porque adotou um regime político oficialmente oposto ao capitalismo estadunidense e se voltou para a América Latina com o objetivo de auxiliar as esquerdas a tomarem o poder,¹⁰⁷¹ representando, assim, uma ameaça, nem sempre efetiva, à hegemonia dos EUA na região.¹⁰⁷²

O governo revolucionário já auxiliava o treinamento de grupos guerrilheiros e, durante toda a década de 1960, guerrilhas rurais e urbanas inspiradas na luta armada do MR-26-7 surgiram na América Latina. No Brasil, por exemplo, tanto do PCB quanto do PCdoB,¹⁰⁷³ surgiram agrupações armadas. As Ligas Camponesas¹⁰⁷⁴ e a Ação Libertadora Nacional,¹⁰⁷⁵ organizada por Carlos Marighella, são exemplos de movimentos inspirados em Cuba e que receberam o apoio desse país antes e depois da instalação da ditadura brasileira em 1964.

Alguns meses após o primeiro comunicado conjunto entre a Ilha e a URSS, assinado em 1963, Ernesto Guevara escreveu e publicou em um dos meios de comunicação mais importantes da Revolução, a revista *Cuba Socialista*, o texto *Guerra de guerrillas: un método*. Nesse documento, Guevara afirmou que as guerrilhas eram uma forma de luta de massas, precisavam do apoio da população e se caracterizavam por ações bélicas que pretendiam tomar o poder. Como a pesquisadora Adriane Vidal Costa destacou, Fidel Castro concordava com Guevara em relação a algumas críticas feitas à URSS e à defesa da via armada como tática fundamental para desenvolver os movimentos revolucionários, porém Castro não queria conflitos com a URSS

¹⁰⁷¹ CASTAÑEDA, Jorge. *Utopia desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 68.

¹⁰⁷² Em termos de força efetiva, as guerrilhas latino-americanas, apoiadas por Cuba, não tiveram capacidade bélica e estrutura para enfrentar seus opositores e tomarem o poder. Dentre os inúmeros fatores que explicam a derrota dos grupos armados está a ineficácia em termos de verbas e infraestrutura. Ver: MENDES, Ricardo Antonio Souza. *Pensando a Revolução Cubana*, p. 22. Isso não quer dizer, porém, que os Estados Unidos não tenham se preocupado com a expansão da luta armada no continente. Para contê-la, como indicamos, os EUA criaram programas de ajuda financeira e apoiaram os golpes militares que ocorreram em vários países da América Latina, entre as décadas de 1960 e 1970. A instalação de ditaduras militares de direita solapou o desenvolvimento dos grupos armados em um cenário que ficou marcado pelas prisões, perseguições, torturas e exílios das esquerdas latino-americanas, o que nos ajuda a entender também as razões para o fracasso das guerrilhas.

¹⁰⁷³ Em 1962, surgiu o PCdoB como um desmembramento do PCB, em decorrência dos embates internos sobre a questão tática.

¹⁰⁷⁴ As Ligas surgiram como uma organização assistencialista e como grupo de luta pela reforma agrária no Brasil. A partir de 1961, algumas de suas lideranças passaram a viajar para Cuba e a receberem treinamento guerrilheiro na Ilha. Ver: SALES, Jean Rodrigues. *A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*, São Paulo, julho 2011, p. 8.

¹⁰⁷⁵ A Aliança Libertadora Nacional (ALN) foi um grupo armado fundado por Carlos Marighella, em 1967, a partir de uma dissidência do PCB. A ALN atuou, principalmente, em áreas urbanas e realizou sequestros de figuras importantes, como o embaixador estadunidense, Charles Elbrick (em 1969), com o objetivo trocá-las por militantes presos. Marighella esteve em Cuba, em algumas ocasiões, e se inspirou no exemplo das guerrilhas do MR-26-7 para escrever o seu “Manual do Guerrilheiro Urbano” (publicado em 1969), texto que serviu como orientação tática para o desenvolvimento das guerrilhas urbanas. Diferente das formulações de Ernesto Guevara, por exemplo, o líder da ALN acreditava que as cidades eram o local preferencial para o desenvolvimento da luta armada.

naquele momento e repreendeu Ernesto Guevara em certas ocasiões devido a pronunciamentos públicos desse dirigente de crítica à União Soviética.¹⁰⁷⁶

O modelo castro-guevarista previa a luta armada e o foco guerrilheiro como táticas fundamentais para criar as condições subjetivas onde elas não estavam dadas. Ernesto Guevara alegou que as três contribuições teóricas da experiência cubana à revolução latino-americana eram: “1. As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército. 2. Nem sempre se deve esperar que se deem todas as condições para a revolução, o foco insurrecional pode criá-las. 3. Na América subdesenvolvida o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo”.¹⁰⁷⁷

Para Guevara, a Revolução Cubana havia provado a validade do uso das forças populares contra os exércitos regulares, além disso, as guerrilhas poderiam criar as condições para o desencadeamento da revolução, e a luta, na América Latina, deveria se desenvolver no campo.¹⁰⁷⁸ Não acreditamos que foi uma coincidência a publicação desse texto apenas quatro meses após Cuba se comprometer com a URSS com o princípio da não intervenção. Pensamos que o texto de Ernesto Guevara pode ser compreendido como a expressão de uma dimensão da política oficial do governo insular, que era o apoio aos movimentos armados, ainda que o PURS tivesse acordado em não interferir em outros países.

Por ter adotado uma política dicotômica, Cuba e a URSS tiveram embates táticos até o final da década de 1960. A promoção das guerrilhas passou a incomodar os soviéticos pela instabilidade que elas provocavam no contexto da Guerra Fria¹⁰⁷⁹ e pelo compromisso militar e financeiro que elas podiam implicar para os russos. De acordo com Jacques Lévesque, os anos de 1967 e 1968 foram os mais tensos nas relações entre as duas nações, pois foi quando as divergências sobre a estratégia revolucionária para a América Latina se aprofundaram.¹⁰⁸⁰ A URSS impulsionou as críticas feitas pelos PC's latino-americanos ao governo cubano em seus meios de comunicação (o *Pravda*, por exemplo) e restringiu o suplemento de petróleo enviado à Ilha em 1967.¹⁰⁸¹

O internacionalismo da Revolução Cubana se ampliou, nesse momento, também, pelos eventos culturais e políticos promovidos pelo governo, especialmente nas ações da *Casa de las*

¹⁰⁷⁶ COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, Política e Literatura na América Latina: o debate sobre Revolução e Socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013, p. 260.

¹⁰⁷⁷ GUEVARA, Ernesto. Guerra de guerrillas: un método. *Revista Cuba Socialista*, nº 25, septiembre de 1963, p. 2.

¹⁰⁷⁸ Ibidem.

¹⁰⁷⁹ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 262.

¹⁰⁸⁰ LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*. Soviet ideological and strategical perspectives, 1959-77. New York: Praeger Publishers, 1978, p. 125.

¹⁰⁸¹ Ibidem, p. 135.

*Américas*¹⁰⁸² e da UNEAC,¹⁰⁸³ e nas iniciativas de unificar os movimentos de esquerda que lutavam pela libertação dos países do terceiro-mundo. A Conferência Tricontinental,¹⁰⁸⁴ realizada em Havana em 1966, marcou o auge da defesa das guerrilhas por Cuba e da solidariedade terceiro-mundista com a criação da OSPAAAL.¹⁰⁸⁵ E a conferência da OLAS,¹⁰⁸⁶ em 1967, aprovou as ideias de Castro sobre a luta armada, considerada como o método principal para tomar o poder nos países da América Latina. Essa proposta rompeu com os acordos feitos por Cuba com a URSS de não intervenção nos processos revolucionários de outros países.

Segundo Jean Rodrigues Sales, foi durante a conferência da OLAS que ficou explícita a intenção de Cuba “de exportar seu modelo de revolução para o conjunto do continente e se tornar um centro revolucionário para além das influências chinesa e soviética”.¹⁰⁸⁷ Ainda segundo o autor, muitos PC’s latino-americanos se recusaram a participar da reunião, porque discordavam da tática de luta proposta nela. Outros, que tinham uma linha favorável aos soviéticos, não foram nem convidados, como os partidos comunistas brasileiro, venezuelano e argentino.¹⁰⁸⁸ Em 1967, Fidel Castro criticou o reformismo de alguns partidos comunistas e alegou apoiar aqueles que estivessem dispostos a pegar em armas, mesmo se não fossem comunistas, como observamos:

A nossa posição em relação aos partidos comunistas baseia-se unicamente em princípios revolucionários... aos partidos que se autodenominam comunistas, ou marxistas, e que acreditam ter o monopólio dos sentimentos revolucionários, mas que na verdade monopolizam o reformismo, não trataremos como partidos revolucionários. Se em alguma nação aqueles que

¹⁰⁸² A *Casa de las Américas* foi uma instituição cultural, fundada em 1959, que tinha como objetivo ampliar as relações culturais entre Cuba e a América Latina. Ela criou concursos literários para premiar escritores latino-americanos e aumentar o intercâmbio entre os artistas e os intelectuais da região. Criou também a revista *Casa de las Américas*, que teve ampla circulação e um importante papel no intercâmbio cultural.

¹⁰⁸³ A *Unión Nacional de los Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC), fundada em 1961, funcionou como um sindicato que representou os interesses dos intelectuais e artistas cubanos. Nicolás Guillén dirigiu a instituição por 25 anos.

¹⁰⁸⁴ A Conferência foi uma iniciativa do governo cubano e reuniu, em Havana, representantes da América Latina, Ásia e África. Foi nesse evento que a OSPAAAL foi criada. Um dos temas e motivos desse encontro foi a possibilidade de fazer revoluções aos moldes da que ocorreu em Cuba em outros países e o governo insular se mostrou disposto a auxiliar os movimentos guerrilheiros em outras partes do globo, não somente na América Latina. Lembramos que Cuba prestou ajuda militar ao Congo, Angola e Guiné-Bissau em seus processos de libertação contra suas metrópoles europeias. Ver: GENEROSO, Lídia Maria de Abreu. Havana, 1966: perspectivas sobre a Conferência Tricontinental. In: GENEROSO, Lídia Maria de Abreu; CALEGARI, Ana Paula Cecon Calegari. *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Editora Initia Via, 1º ed., 2021.

¹⁰⁸⁵ A *Organización de Solidaridad de los pueblos de África, Asia y América Latina* foi um organismo internacional criado com o objetivo de promover a solidariedade entre os países dos continentes signatários. A OSPAAAL possui uma revista chamada *Tricontinental*, que reuniu debates e textos de escritores e intelectuais provenientes do terceiro-mundo.

¹⁰⁸⁶ A *Organización Latinoamericana de Solidaridad* foi criada, em 1967, com o objetivo de incentivar os processos revolucionários em outros países do continente e a via armada como forma de luta política.

¹⁰⁸⁷ SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e o debate do movimento comunista internacional nos anos 1960, p. 101.

¹⁰⁸⁸ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 118.

se chamam comunistas não souberem como cumprir o seu dever, iremos apoiar aqueles – mesmo que não se autodenominem comunistas – que se comportarem como verdadeiros comunistas na luta... O que define um comunista é a sua ação contra as oligarquias, a ação contra o imperialismo e, neste continente, a ação no movimento revolucionário armado.¹⁰⁸⁹

O governo revolucionário assumiu a noção de que Revolução estava vinculada estritamente ao movimento armado. Lembramos que, desde 1959, as principais críticas aos socialistas populares, dentro de Cuba, direcionavam-se às táticas pacíficas defendidas pelo PSP e por boa parte dos PC's latino-americanos¹⁰⁹⁰ e, no momento em que Cuba instrumentalizou seu apoio à luta armada, ocorreu um choque com as concepções táticas dos PC's e da URSS.

Para os partidos comunistas, havia a necessidade de primeiro criar as condições subjetivas (conscientização dos trabalhadores, guiados por um partido de vanguarda, empenhados em fortalecer o movimento grevista) para depois iniciar a tomada do poder. Os PC's se incomodavam com o método de ação, “que afastava a luta política convencional em favor da “guerra revolucionária” e, sobretudo, a proposta explícita de criar novas organizações marxista-leninistas em concorrência aberta com os partidos comunistas que não aceitavam a luta armada”.¹⁰⁹¹

Os partidos comunistas da América Latina tiveram, algumas vezes, comportamentos dúbios ante as questões colocadas pela experiência das guerrilhas do MR-26-7 e a relação entre Cuba e os PC's variou durante a década de 1960. Em setembro de 1960, no contexto da declaração de São José,¹⁰⁹² alguns partidos comunistas latino-americanos elaboraram uma declaração de apoio à Revolução Cubana, na qual defenderam a soberania insular, a solidariedade entre os povos e com a Revolução, e acusaram o “imperialismo” estadunidense de intervir em toda a região.¹⁰⁹³ Apesar desse apoio, muitas dessas organizações mantiveram uma concepção etapista da revolução, defenderam o caminho pacífico para realizá-la, alegaram

¹⁰⁸⁹ CASTRO, Fidel apud em BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010, p. 356.

¹⁰⁹⁰ Foi nesse momento, em 1967, que o livro *Revolução na revolução*, do filósofo e jornalista francês Régis Debray, foi publicado. A obra foi escrita após algumas entrevistas de seu autor com Fidel Castro e condensou as ideias e métodos (a autodefesa armada, a propaganda e as guerrilhas) que deveriam ser usados na luta armada. Esse ensaio se tornou um material imprescindível dentro dos movimentos armados latino-americanos e representou um documento importante para compreender a via insurrecional cubana ao socialismo. Ver: LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*, p. 125.

¹⁰⁹¹ PORTANTIEIRO, Juan Carlos. O marxismo latino-americano. In: HOBBSAWN, Eric et. al. *História do marxismo*. O marxismo hoje (primeira parte). Volume 11. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1989, p. 344-345.

¹⁰⁹² Nos referimos à declaração da OEA, em uma reunião na cidade de São José, Costa Rica, onde os países latino-americanos fizeram uma condenação à penetração comunista na região.

¹⁰⁹³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaración de representantes de los partidos comunistas de América Latina. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 220, 21 de septiembre de 1960, p. 1-7.

que somente uma vanguarda proletária aliada à burguesia nacional, vista como revolucionária, e ao campesinato era capaz de conduzir a tomada do poder¹⁰⁹⁴ e a implantação do socialismo.

Em 1960, ocorreu a Conferência dos 81 Partidos Comunistas e Proletários, na Rússia. A resolução mais importante do evento declarou a adesão dos PC's à causa da paz, considerou que a Revolução Cubana representava uma derrota ao "imperialismo" estadunidense no continente, alegou que a URSS entrava em uma nova etapa de construção do comunismo, defendeu a existência de um sistema socialista internacional e a possibilidade de mais países se tornarem comunistas sem a necessidade de guerra.¹⁰⁹⁵ Um dos resultados dessas divergências táticas foi a ruptura dentro dos partidos por causa da indefinição quanto à recorrência à guerra de guerrilhas.

Segundo Bandeira, a URSS instruiu Castro a se reunir com os PC's "e alcançar um compromisso que acomodasse o apoio à luta armada com a doutrina da coexistência e da via pacífica para o socialismo".¹⁰⁹⁶ Com esse fim, o governo cubano realizou a "Conferência dos Partidos Comunistas Latino-americanos" em Havana, em dezembro de 1964. Nela, os PC's decidiram promover a criação de movimentos de solidariedade, principalmente em contextos de repressão, impulsionar a luta contra o colonialismo e ampliar as campanhas pela liberdade dos dirigentes comunistas presos.

Os PC's latino-americanos presentes aderiram, em parte, à causa guerrilheira e Castro "comprometeu-se, a partir daí, a entregar-lhes a coordenação dos movimentos de inspiração castrista, emergentes em vários países da América Latina, com o objetivo de formar amplas frentes políticas e de amplitude continental".¹⁰⁹⁷ Os conflitos latentes emergidos durante o evento foram caracterizados na revista *Cuba Socialista* como "manifestações agudas das contradições que engendraram o risco de cisão e abrem brechas aos nossos inimigos [...]".¹⁰⁹⁸

Ernesto Guevara não esteve presente na conferência e não acreditamos que essa ausência foi por acaso, já que os PC's discordavam da luta armada, que tinha nele um de seus principais defensores. Algumas organizações, inclusive, como os partidos comunistas do Brasil (PCdoB, fundado em 1962) e do Peru (fundado em 1964) não foram convidados, pois na época

¹⁰⁹⁴ SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e o debate do movimento comunista internacional nos anos 1960, p. 104.

¹⁰⁹⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Expresan su decidido apoyo a Cuba los 81 partidos comunistas. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 284, 6 de diciembre de 1960, p. 7.

¹⁰⁹⁶ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 572.

¹⁰⁹⁷ Ibidem.

¹⁰⁹⁸ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Comunicado de la conferencia de los partidos comunistas de América Latina. *Revista Cuba Socialista*, febrero de 1965, año V, n° 42, p. 141-142.

da conferência haviam adotado o maoísmo.¹⁰⁹⁹ Essa aproximação de Cuba com os PC's, que historicamente eram aliados à URSS, era um sinal do início do alinhamento também da Revolução com a Rússia em detrimento da China, a partir de fins do ano de 1964. Torres Ramirez destacou três ações da política externa cubana no contexto entre 1963 e 1965: a afirmação da posição de neutralidade no conflito sino-soviético, a aproximação com os países do terceiro-mundo e o apoio aos movimentos revolucionários na América Latina.¹¹⁰⁰ Giliard Prado apontou que Cuba adotou uma posição, inicial, de neutralidade no conflito sino-soviético e se aproveitou dele para conseguir vantagens econômicas de ambos os lados.¹¹⁰¹

O conflito sino-soviético correspondeu às divergências entre o modelo de revolução proposto pela China (via armada e a guerra de guerrilhas), que passou a ser uma referência dentro do movimento comunista nos anos 1960 e a disputar a hegemonia da interpretação do marxismo com os soviéticos, porque propôs caminhos alternativos àqueles colocados pela URSS. Segundo Sales, a partir de abril de 1960, o confronto se ampliou para o campo ideológico, quando os chineses publicaram o texto “Viva o Leninismo”, onde criticaram os russos. Ainda de acordo com o autor, “foi no momento em que os chineses trataram publicamente dos grandes temas do MCI – como o da natureza da coexistência pacífica, da guerra e da luta pela paz, ou, ainda, das vias de passagem ao socialismo – que o problema foi enfrentado pela URSS e, em certa medida, por todos os partidos comunistas”.¹¹⁰²

Apesar de uma postura dúbia de Cuba no começo dos anos de 1960, a partir de meados dessa década, o governo revolucionário se posicionou ao lado da Rússia no conflito. A situação começou a mudar, como indicamos, em 1964, com a convocação dos PC's em Havana. Na resolução desse evento, consta um pedido pelo fim das polêmicas públicas dentro do campo socialista e pela condenação às atividades das correntes não soviéticas, o que desagradou Pequim, porque o ataque se dirigia, dentre outras correntes, ao maoísmo, à via chinesa ao socialismo e ao apoio dado pela China aos partidos comunistas que tinham surgido recentemente na América Latina.¹¹⁰³ A ruptura entre a China e Cuba ocorreu em 1966, após uma série de críticas públicas feitas contra Mao e a Revolução Chinesa em decorrência do parco fornecimento de arroz para a Ilha. Castro criticou também a propaganda da via chinesa feita

¹⁰⁹⁹ SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e o debate do movimento comunista internacional nos anos 1960, p. 99.

¹¹⁰⁰ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 54.

¹¹⁰¹ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 168.

¹¹⁰² SALES, Jean Rodrigues, op. cit., p. 97.

¹¹⁰³ CHENG, Yinghong. Sino-Cuban relations during the Early Years of the Castro Regime. *Journal of Cold War Studies*, vol. 9, nº 3, summer 2007, p. 103.

dentro de Cuba e a considerou como uma agressão, além de ter denunciado o “culto à personalidade” de Mao.¹¹⁰⁴

Em 1968, quando a União Soviética invadiu à Tchecoslováquia, Castro declarou seu apoio aos soviéticos e se alinhou cada vez mais à URSS e aos países do CAME.¹¹⁰⁵ Esse momento também foi marcado pelas sucessivas derrotas dos movimentos guerrilheiros na América Latina, pela morte de Ernesto Guevara na Bolívia e pelo abandono gradativo, por parte do governo cubano, do patrocínio aos movimentos armados do continente. Internamente, 1968 foi também o ano da “ofensiva revolucionária”, quando o governo cubano nacionalizou inúmeras propriedades privadas para dar início a construção simultânea do socialismo e do comunismo.

4.2. *Experiências práticas e teóricas na formação do Partido Comunista de Cuba (1961-1965)*

4.2.1. Os socialistas populares no contexto da formação do Partido Comunista Cubano (1961-1965)

Como destacamos, antes da declaração do caráter socialista do processo revolucionário, os socialistas populares já começaram a aparecer como agentes políticos e a desempenhar funções ligadas ao poder público. No ato da Primeira Declaração de Havana, em setembro de 1960, os membros do Partido estiveram na tribuna (local de destaque) junto com os principais dirigentes da Revolução.¹¹⁰⁶ De acordo com Fursenko & Naftali, Carlos Rafael Rodríguez teria escrito o discurso que Castro pronunciou na ocasião,¹¹⁰⁷ o que mostra a importância que o líder socialista tinha já nesse momento. Rodríguez havia estado na *Sierra Maestra* ao lado de Fidel Castro, foi o membro do PSP que mais proximidade teve com os comandantes do MR-26-7 e o mais flexível em suas posições nos embates ideológicos da Revolução dentre os dirigentes do Partido.¹¹⁰⁸ Nessa mesma época, circulavam notícias sobre a união dos grupos políticos em apenas uma organização. Por exemplo, durante o IV Congresso Nacional da Juventude

¹¹⁰⁴ Ibidem, p. 112.

¹¹⁰⁵ O Conselho de Ajuda Mútua Econômica foi uma organização com fins comerciais, que reuniu alguns países socialistas do Leste Europeu. Em 1972, Cuba entrou no CAME.

¹¹⁰⁶ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La declaración de La Habana. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 205, 3 de septiembre de 1960, p. 15.

¹¹⁰⁷ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “One hell of a gamble”. Khrushchev, Castro, and Kennedy 1958-1964. The secret history of the Cuban missile crisis. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 1998., p. 11. SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1967, p. 56.

¹¹⁰⁸ ROJAS, Rafael. Anatomia de um entusiasmo. *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 79.

Socialista, foi aprovada uma moção para a criação da Organização Juvenil Unida e, após a constituição dela, a Juventude Socialista, órgão do PSP, seria dissolvida.¹¹⁰⁹

Segundo Angelina Rojas Blaquier, em setembro de 1960, foi criado o Birô de Coordenação de Atividades Revolucionárias, integrado pelo PSP, MR-26-7 e DR e foi desse órgão que saiu a base de planejamento das *Escuelas de Instrucción Revolucionarias* (EIR).¹¹¹⁰ Entre meados de 1960 e março de 1962, quase todos os membros da “geração de 30” do PSP disfrutaram de grande espaço nas instituições revolucionárias, ajudaram a formular as políticas e os programas de difusão do marxismo dentro de Cuba e também mediaram as relações entre Cuba e a URSS. Nesse intervalo, com a adoção do socialismo, algumas transformações políticas foram necessárias para a institucionalização da nova ideologia, o que ajudou a projetar os membros do PSP.

Uma delas, por exemplo, foi a criação de um agrupamento para reunir as principais forças revolucionárias. Em 26 de julho de 1961, Fidel Castro lançou o apelo para a formação do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURS), a fim de unificar o MR-26-7, o DR e o PSP. No mês seguinte, encontramos algumas reportagens sobre a fundação das seções das *Organizaciones Revolucionarias Integradas* (ORI's) em alguns bairros.¹¹¹¹ As ORI's foram as organizações de base que deram origem aos núcleos de militantes selecionados para compor o PURS.

As ORI's tiveram como diretor o líder comunista Aníbal Escalante e se organizaram de uma forma muito parecida com o PSP. Para entrar nas *Organizaciones*, havia uma seleção e, segundo Roca, essa etapa era fundamental para evitar o ingresso de “oportunistas” que queriam desfrutar de “vantagens pessoais” e “privilégios especiais”, pois achavam que o pertencimento ao Partido possibilitaria isso.¹¹¹² Ainda de acordo com o secretário geral do PSP:

Quem pertence a suas fileiras ou quem vem a elas tem que estar animado pela determinação de dar tudo pela Revolução, pela causa do socialismo; tem que estar decidido a seguir fielmente os princípios – que a história confirmou como justos e corretos – do marxismo-leninismo; tem que demonstrar, com seu exemplo e seu trabalho, sua dedicação às tarefas revolucionárias, à produção, à defesa e ao estudo; seu amor aos trabalhadores e ao povo; seu espírito de companheirismo.¹¹¹³

¹¹⁰⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las principales tareas de los jóvenes socialistas después del clamoroso IV Congreso Nacional. *Carta Semanal*, nº 22, 25 de abril de 1960, p. 4.

¹¹¹⁰ ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010, p. 285.

¹¹¹¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Actúan las ORI's con eficiencia. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 185, 6 de agosto de 1961, p. 1.

¹¹¹² ROCA, Blas. Aclaraciones: proceso de construcción y estructura del Partido. *Noticias de Hoy*, año XXVI, nº 45, 22 de febrero de 1964, p. 2.

¹¹¹³ ROCA, BLAS. Aclaraciones: el Partido se integra por selección, no por elección. *Noticias de Hoy*, año XXIV, nº 241, 2 de octubre de 1962, p. 2.

Para ser selecionado, o trabalhador deveria ser disciplinado no ambiente de trabalho e não faltar a ele, realizar o trabalho voluntário, ter um passado “limpo”, o que incluía não ter votado nas eleições de 1958,¹¹¹⁴ nem ter tido qualquer relação com a ditadura de Batista. Havia uma apuração da biografia e das “qualidades revolucionárias” do candidato. Após a análise por uma comissão, os nomes dos selecionados eram apresentados para a votação¹¹¹⁵ feita pelos trabalhadores nas fábricas. Ali, acontecia um pleito para selecionar quem poderia ingressar nas ORI's e, durante boa parte da existência das *Escuelas de Instrucción Revolucionaria*, era dessa seleção que saíam também seus estudantes.¹¹¹⁶ Além disso, as comissões de seleção entrevistavam os trabalhadores e realizavam sessões de crítica e autocrítica, nas quais os candidatos faziam um balanço de suas atividades como requisito para ingressar na organização.

Consideramos que a presença dos comunistas no governo foi fundamental para a configuração do partido da revolução aos moldes das práticas socialistas populares. Além do processo de seleção, que era parecido ao adotado pelo PSP (entrevista, análise da biografia), os ingressantes não podiam professar crença religiosa.¹¹¹⁷ Quando admitidos, os filiados recebiam um carnê, onde havia uma parte em que constava os deslocamentos (mudança de domicílio, viagens),¹¹¹⁸ que deveriam ser informados aos órgãos intrapartidários antes que ocorressem, pois dependiam de aprovação, assim como ocorria entre os socialistas populares.

O PURS também teve uma revista teórica, a *Cuba Socialista*, criada em setembro de 1961 e dirigida por Blas Roca, Fabio Grobart, Carlos Rafael Rodríguez, Fidel Castro e Osvaldo Dorticós, sendo que os três primeiros nomes citados pertenceram ao PSP. Assim como acontecia na revista *Fundamentos*, *Cuba Socialista* foi criada com o objetivo de “desenvolver ideológica e politicamente” a população, difundir as experiências e os problemas da Revolução Cubana e examinar os aspectos das lutas sociais com base na “teoria científica do marxismo”.¹¹¹⁹ Na *Cuba Socialista*, encontramos reportagens contando a história da Revolução Russa e saudando a experiência soviética nos meses de outubro, textos sobre a situação da América Latina, documentos de congressos e eventos do campo socialista, artigos dos

¹¹¹⁴ Como apontamos, em 1958, ocorreram eleições presidenciais em Cuba para eleger um novo presidente, que não chegou a ser empossado devido à vitória da Revolução.

¹¹¹⁵ RISQUET VALDÉS, Jorge. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1962, año II, n° 15, p. 116.

¹¹¹⁶ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1962, año II, n° 14, p. 116.

¹¹¹⁷ ROCA, BLAS. Aclaraciones: Santos en las paredes y Círculos de estudios en la casa. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 150, 26 de junio de 1963, p. 2.

¹¹¹⁸ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, abril de 1963, año III, n° 20, p. 120.

¹¹¹⁹ CASTRO, Fidel. Editorial: “Cuba Socialista”. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año I, n° 1, p. 4.

intelectuais e políticos cubanos, artigos sobre a situação da organização do PURS em uma seção específica usada para divulgar os avanços do processo de formação do partido e textos abordando as dificuldades da construção do socialismo em Cuba.

Yuleidys González Estrada destacou que, diferentemente das demais revistas publicadas na Ilha nos anos 1960, *Cuba Socialista* foi onde se divulgaram os documentos dos PC's latino-americanos, quando as demais publicações difundiam materiais em defesa da luta armada.¹¹²⁰ Esse aspecto da linha editorial da revista sinaliza, em nosso entendimento, a preferência política dos socialistas populares que a dirigiam, porque, a depender de Fidel Castro, a perspectiva política dos PC's não apareceria nos órgãos oficiais da Revolução, já que o líder cubano, nessa época, defendia uma linha tática diferente daquela apoiada pelos comunistas.

Fabio Grobart era o principal dirigente dessa publicação e Blas Roca, o responsável pela leitura de todos os textos que seriam veiculados, além de encomendar artigos a escritores, intelectuais e militares e sugerir aos autores “alguma mudança em uma formulação ou outra modificação qualquer em seus trabalhos”.¹¹²¹ Pensamos que a revista também foi um ator político naquele contexto, ela era um veículo da Revolução e um canal de teoria política do regime. Era também um espaço onde os socialistas populares puderam perpetuar sua cultura política e sua sociabilidade intelectual.

Em 1963, o governo criou a Comissão de Orientação do PURS, órgão responsável pelos programas e projetos ideológicos da Revolução, que foi integrada por Carlos Rafael Rodríguez, Blas Roca e César Escalante, escolhido como o diretor dela. Além da revista e da comissão, em junho de 1961, como mostraremos mais adiante, as *Escuelas de Instrucción Revolucionarias* foram criadas e Lionel Soto, antigo líder do PSP, foi escolhido para dirigi-las – isso quer dizer que o governo cubano criou uma instituição de doutrinação ideológico e a colocou nas mãos de um antigo comunista. Em 1962, Juan Marinello se tornou reitor na Universidade de Havana. Nessa época, Carlos Rafael Rodríguez era presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária, cargo que ocupou entre 1962 e 1965.

Com os exemplos citados, queremos salientar que os cargos de orientação e formação ideológica foram ocupados pelos socialistas populares, mostrando a proeminência deles nas tarefas ideológicas do processo revolucionário. Parece-nos inegável que os comunistas tiveram um papel e um espaço político importantíssimo nos primeiros anos da Revolução. Em meados

¹¹²⁰ GONZÁLEZ ESTRADA, Yuleidys. Las publicaciones periódicas cubanas (PPC – 1960-1970): el rescate del enfoque histórico en la teoría marxista de la revolución social. *Revista Cubana de Filosofía*, n° 29, noviembre - Junio 2017, p. 94.

¹¹²¹ CANTÓN NAVARRO, José. Blas en la memoria. In: BATLLE REYES, Lucilo (comp.). Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 62.

de 1960, houve um momento de ascensão da “geração de 30” e um declínio dela a partir 1962, causado, como veremos, pelo afastamento e expurgo de importantes membros do PSP que atuavam na administração pública após esse ano.

Entre 30 de setembro e 1º de outubro de 1965, aconteceram reuniões da direção política que definiram a mudança do nome de PURS para Partido Comunista Cubano e que escolheram também os membros do birô político e os secretários da nova organização. Dos 100 membros do comitê central do PCC, somente 23 eram do PSP.¹¹²² Quando observamos a comemoração do 1º de janeiro de 1965, os socialistas populares que estiveram na presidência do ato foram: Blas Roca, Carlos Rafael Rodríguez (presidente do INRA),¹¹²³ Augusto Martínez (Ministro do Trabalho), César Escalante (responsável pelos CDR's), Lázaro Peña (secretário geral da CTC), Manuel Luzardo (Ministro do Comércio Interior), Severo Aguirre (vice-ministro do INRA), Flavio Bravo, Ramon Calcines e Lionel Soto (diretor das EIR). Os cargos ocupados por eles eram estratégicos dentro da Revolução, o que indica a importância dos membros do PSP para o processo. Apesar disso, alguns socialistas populares não aparecem mais entre os dirigentes da Revolução. Defendemos que, no contexto de formação do PCC, a “geração de 1930” estava se desintegrando, pois as “estruturas elementais de sociabilidade” dos socialistas populares estavam desaparecendo¹¹²⁴ e alguns dirigentes do Partido apoiaram os expurgos promovidos pelo governo cubano contra seus antigos companheiros.¹¹²⁵

Após 1962, como mostraremos, alguns líderes do PSP foram presos, sofreram expurgos ou foram afastados dos cargos que ocupavam. César Escalante e Salvador García Aguero faleceram em 1965, Aníbal Escalante se exilou em 1962, após a crise do sectarismo e foi condenado à prisão em 1967, Ramón Calcines também foi afastado de suas funções durante a crise da microfração, Joaquín Ordoqui passou a cumprir prisão domiciliar junto com sua esposa, Edith García Buchaca, que também foi afastada de suas funções políticas em 1964.

¹¹²² HENDERSON, Kaitlyn D. *Black activism in the red party: black politics and the Cuban communist party, 1925-1962*. Tesis of Doctorate of Philosophy, University of Tulane, 2018, p. 190.

¹¹²³ Carlos Rafael Rodríguez foi presidente do INRA, entre 1961 e 1965. Durante a gestão dele, a Segunda Lei de Reforma Agrária foi aprovada, em 1963. Ela definiu a expropriação de propriedades maiores de 5 *caballerías*, com a exceção das propriedades organizadas em conjuntos familiares e propriedades de alta produtividade. Com essa lei, o Estado se tornou proprietário de 60% das terras do país. Ver: VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 189.

¹¹²⁴ Foi nesse momento que ocorreu a fusão dos jornais *Noticias de Hoy* e *Revolución* e a fundação do *Granma*. Esse ato marcou o fim da sociabilidade que havia na redação de *Hoy*, dos laços cotidianos que os antigos membros do PSP desfrutavam. A revista *Cuba Socialista* foi fechada em 1967 e os socialistas perderam, assim, seu último espaço oficial de convívio diário.

¹¹²⁵ Enquanto o *Noticias de Hoy* continuou saindo, encontramos várias reportagens nas quais o periódico apoiou os expurgos e as críticas contra os antigos membros do PSP e, em nosso entendimento, esse é um sinal da dissolução de alguns vínculos políticos e pessoais entre os antigos membros do Partido.

Joaquín Ordoqui García, filho do antigo dirigente do PSP, afirmou que os socialistas populares jamais tiveram um real poder.¹¹²⁶ Discordamos dessa assertiva, pois os socialistas populares ocuparam cargos importantes, como destacamos, o que significou a detenção de um poder efetivo e ainda influenciaram o curso político da Revolução, por exemplo, com a mediação feita, ainda que não oficialmente, das relações entre Cuba e a URSS.

Blanca Torres Ramirez salientou que as reformulações programáticas do PSP após 1959 foram realizadas “a margem das diretrizes soviéticas” e que a URSS manteve uma postura pública de cautela em relação a Cuba e ao PSP nos dois primeiros anos da Revolução.¹¹²⁷ Quando ambos os países se aproximaram, inicialmente, eram os membros do MR-26-7 que representavam o governo cubano nas negociações e nos comunicados conjuntos. Porém, acreditamos que, nos bastidores, os socialistas populares atuaram como mediadores de Cuba com o campo socialista.

Após a Revolução Cubana, o deslocamento dos dirigentes do PSP para os países socialistas aumentou. Alesandr Fursenko e Timothy Naftali indicaram que, desde o começo de 1959, os socialistas populares viajavam para a URSS com o objetivo de criar conexões entre os dois países. De acordo com os autores, Raúl Castro enviou Lázaro Peña para fazer propostas econômicas aos soviéticos em março daquele ano.¹¹²⁸ Severo Aguirre esteve em Moscou para o XXI congresso do PCUS em maio de 1959. Já Aníbal Escalante e Juan Marinello foram recebidos na China como convidados do Partido Comunista Chinês em 1959.

Em abril de 1960, Blas Roca foi recebido na China por Mao Tse Tung¹¹²⁹ e, na mesma viagem, ele se encontrou com Krushev na União Soviética.¹¹³⁰ Roca comentou que havia se reunido com Mao Tse Tung (pela segunda vez) e com Krushev (pela primeira vez) naquela ocasião.¹¹³¹ Ele destacou que o assunto das conversas foi a Revolução Cubana, mas não deu detalhes dos temas tratados. Em novembro do mesmo ano, Aníbal Escalante foi recebido por Krushev na Rússia.¹¹³² Em setembro de 1960, Roca viajou novamente para a URSS e se

¹¹²⁶ ORDOQUI GARCIA, Joaquín. El Partido Socialista Popular (1934-1961) y su relación con el gobierno de Castro, p. 113.

¹¹²⁷ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 20-21.

¹¹²⁸ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “*One hell of a gamble*”, p. 13. Os autores indicaram que a fonte a informação citada foi um memorando soviético.

¹¹²⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recibido Blas Roca y su esposa por Mao Tse Tung. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 100, 30 de abril de 1960, p. 1.

¹¹³⁰ ROCA, Blas. Cartas de viaje: Relaciones diplomáticas, visita a Jruschov, discursos en fábricas. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 118, 24 de mayo de 1960, p. 1.

¹¹³¹ ROCA, Blas. “Lo que salva a la Revolución es la unidad inmovible del pueblo cubana”. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 125, 1 de junio de 1960, p. 2.

¹¹³² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recibió Jruschov a Aníbal Escalante. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 276, 26 de noviembre de 1960, p. 1.

encontrou com Kruschev no começo do mês e, no final, Cuba e a URSS lançaram um comunicado conjunto contra o colonialismo. Roca continuou por alguns meses na Rússia e foi um dos delegados de Cuba no XXII Congresso do PCUS, que ocorreu naquele ano. No mês seguinte da viagem de Roca, Cuba e a URSS formalizaram as relações diplomáticas. Antes de 1959, não encontramos relatos de encontros pessoais entre os comunistas cubanos e os primeiros-ministros soviéticos ou chineses.

Em agosto de 1960, uma delegação comercial chinesa foi recebida em Cuba por vários membros do governo revolucionário. Dentre os presentes na recepção, estavam vários comunistas, como Blas Roca, Carlos Rafael Rodríguez, Aníbal Escalante, Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca, Ramón Calcines e Raúl Valdes Vivó.¹¹³³ Quando Guevara viajou a China, em novembro de 1960, para estabelecer relações comerciais entre os dois países, uma comitiva do alto escalão do PSP esteve com ele.¹¹³⁴ Osvaldo Dorticós viajou para Rússia e China em outubro de 1961, ao lado de Roca, com o objetivo de negociar o reconhecimento de Cuba como um país socialista com as duas nações. Os dirigentes cubanos conseguiram o reconhecimento político da URSS do caminho socialista escolhido por Cuba e a expansão do comércio açucareiro entre os dois países e, da China, o reconhecimento do socialismo cubano e o aumento da ajuda econômica.

O pesquisador Yinghong Cheng destacou que, quando o dirigente do Partido Comunista Chinês, Zhen Tao, foi enviado a Cuba em janeiro de 1960 para iniciar as relações entre os dois países, ele recebeu ordens de não negociar com o PSP,¹¹³⁵ indicando a indisposição dos chineses de ter os socialistas populares intermediando suas relações com Castro. Apesar dessa orientação recebida por Tao, o autor apontou que o PSP ajudou os chineses em várias situações, por exemplo, em 1959, agilizando o visto para a entrada de jornalistas dessa nação em Cuba, assim como forneceu informações a esses visitantes e os levaram para conhecer Ernesto Guevara. E quando Tao desembarcou, Escalante o recebeu no aeroporto e o PSP disponibilizou um carro com um segurança para ele.¹¹³⁶

Com esses dados, podemos questionar se Roca e os dirigentes do PSP se tornaram intermediários políticos entre a URSS e Cuba. Não temos informações claras que mostrem a atuação direta dos comunistas como intermediários, mas acreditamos que não foi por acaso que vários acordos foram assinados entre Cuba e os países do campo socialista logo após a viagem

¹¹³³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recepción de la delegación comercial de China al gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 182, 7 de agosto de 1960, p. 1.

¹¹³⁴ *Ibidem*, p. 88.

¹¹³⁵ CHENG, Yinghong. Sino-Cuban relations during the Early Years of the Castro Regime, p. 86.

¹¹³⁶ *Ibidem*, p. 87.

de um dirigente socialista popular. Assim defendemos que, nas ocasiões citadas, eles atuaram como representantes do governo desempenhando papéis diplomáticos em nome da Revolução. Consequentemente, discordamos de Ordoqui García, para quem o PSP não teve um poder real nos primeiros anos do processo. Todavia, como apontamos, a proeminência da “geração de 30” foi limitada temporalmente e, entre 1962 e 1965, ela se dissolveu em decorrência dos fatores que indicamos (mortes, afastamentos e expurgos) e sobre os quais abordaremos de modo mais detido a seguir.

4.2.2. A crítica ao sectarismo (1962), o processo de Marcos Rodríguez (1964) e a microfração (1967)

As crises políticas que analisamos na sequência são difíceis de serem reconstruídas, porque os documentos que dão acesso a elas são escassos e muitos correspondem à visão do governo cubano (discursos e relatórios de seus líderes, reportagens nos meios de comunicação oficiais do governo), o que torna essas fontes perpassadas por uma narrativa e ideias que funcionaram como argumentos do regime. As impressões ou defesas dos acusados não estão disponíveis para consulta e nem a historiografia cubana tratou desses casos. Alguns poucos autores que abordaram esses acontecimentos não tiveram acesso a documentos que pudessem lançar mais luz sobre as perspectivas dos envolvidos nos processos, nem problematizaram o caráter político dos julgamentos que afastaram Aníbal Escalante, Marcos Rodríguez, Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca e vários outros membros do PSP que ocupavam cargos fora da direção dos órgãos da Revolução.

O primeiro caso que nos interessa ocorreu durante a construção das *Organizaciones Revolucionarias Integradas*. As ORI's foram criadas no segundo semestre de 1961, como um organismo de base para selecionar os militantes que iriam compor o Partido Unido da Revolução Socialista (PURS) e foram dirigidas por Aníbal Escalante, antigo membro do PSP.¹¹³⁷ Essa escolha deveu-se à experiência política do dirigente socialista e ao trânsito que ele tinha dentro do campo socialista, pois, como indicamos, Escalante foi um dos principais representantes do PSP nas diversas formas de contato (congressos, reuniões bilaterais) com a China e a URSS desde os anos 1940.

No começo da Revolução, ele esteve na Rússia algumas vezes e era próximo a Aleksander Alekseev, membro do KGB responsável por mapear a situação da Revolução após

¹¹³⁷ Sobre o primeiro processo contra Escalante, ver: CALEGARI, Ana Paula Cecon; MENDES, Ricardo Antonio Souza. Combate al sectarismo: dissidências e embates políticos ao longo da Revolução Cubana (1959-1964). Revista de História (UFES), v. 35, p. 366-390, 2015.

1959. Pelos indícios que levantamos, podemos afirmar que Aníbal Escalante era um “homem de confiança” na URSS, em Cuba e o PSP teve nele o seu principal intermediário com os soviéticos. Também encontramos relatos das relações de Escalante com os chineses. Ele se aproximou do primeiro embaixador chinês na Ilha e, segundo Jacques Lévesque, os chineses viam nele uma das principais forças para a implantação do socialismo em Cuba.¹¹³⁸

Somente em março de 1962, meses após a criação das ORI's, os 25 membros dirigentes das *Organizaciones* foram oficialmente definidos. Desses, 10 haviam pertencido ao PSP, 2, ao Diretório Estudantil Revolucionário, e 13, ao MR-26-7. Fidel Castro comentou, já nos anos 1980, em entrevista concedida ao Frei Beto, que a Revolução tinha um número reduzido de quadros e, em algumas situações, foi preciso nomear pessoas de confiança para determinadas tarefas políticas e, então, os velhos comunistas eram procurados, pois essa escolha dava mais “segurança do que selecionar um companheiro mais novo e com menos formação”.¹¹³⁹ Por isso e pela aproximação crescente entre o PSP e o MR-26-7, vários dirigentes do antigo Partido estiveram na direção do PURS.

Hugh Thomas apontou que as sedes das ORI's surgiram nas antigas sedes do PSP, onde houve apenas uma mudança no nome dos locais e os socialistas populares que atuavam nelas foram mantidos em seus cargos, ou seja, os antigos membros do PSP se tornaram os representantes das ORI's em diversos locais.¹¹⁴⁰ Kaitlyn Henderson destacou que somente o PSP tinha uma capilaridade nacional,¹¹⁴¹ com escritórios e filiados em várias cidades e isso facilitou a expansão das *Organizaciones*. Essas sedes abrigaram os Núcleos Revolucionários Ativos, organismos de base de caráter transitório que iriam existir até a consolidação do PURS.¹¹⁴²

Como líder das ORI's, Escalante denunciou o sectarismo várias vezes. Em uma reunião das *Organizaciones*, ele apontou: “Há também o sectarismo de velhos e novos”, [...] Há quem acredita que “só os velhos são capazes” e quem acredita que “só os jovens são capazes”. Há, porém, jovens e velhos capazes, que têm que lutar contra os velhos e jovens maus, com um trabalho disciplinado, responsável, sem importar a idade”.¹¹⁴³ Essa crítica é um indicativo dos atritos presentes na formação do PURS e diz respeito às rivalidades ainda não superadas entre o PSP (os “velhos”) e o DER e o MR-26-7 (os “novos”). Escalante denunciou também o

¹¹³⁸ LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*, p. 59.

¹¹³⁹ BETTO, Frei. *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 236.

¹¹⁴⁰ THOMAS, Hugh apud HENDERSON, kaitlyn D. *Black activism in the red party*, p. 188.

¹¹⁴¹ Ibidem, p. 188.

¹¹⁴² ROJAS BLAQUIER, Angelina. *Primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3, p. 288.

¹¹⁴³ ESCALANTE, Aníbal. “A mayor resistencia enemiga, más avanza la Revolución”. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 291, 13 de diciembre de 1961, p. 7.

“amiguismo” de dirigentes que não selecionavam os quadros mais competentes, mas colocavam seus conhecidos em atividades políticas, em uma postura claramente sectária.¹¹⁴⁴ O teor dessa crítica do dirigente comunista foi exatamente o mesmo usado contra ele quando Castro o acusou.

A crise conhecida como sectarismo, que se estendeu entre os meses de março e abril de 1962, caracterizou-se por uma série de discursos nos quais Fidel Castro censurou Escalante por ter colocado os antigos membros do PSP em postos de direção das ORI's e por ter dado preferência aos socialistas populares na seleção dos membros das *Organizaciones*. De acordo com Bandeira, Escalante conseguiu indicar comunistas até para cargos dentro do exército rebelde¹¹⁴⁵ e, para isso, contava com o beneplácito do PSP.¹¹⁴⁶ Aníbal Escalante, até mesmo, tentou minar a influência de Blas Roca dentro da Revolução. Aqueles que eram leais a Roca se reuniram em setembro de 1961 para decidir o que iriam fazer com as ambições de Escalante, mas acabaram concordando que ele tinha colocado as demandas do PSP na frente até do MR-26-7, por isso não fizeram nada a respeito.¹¹⁴⁷

Um dia antes do discurso em que Fidel Castro denunciou o sectarismo de Escalante pela primeira vez, ambos os dirigentes estiveram juntos nas comemorações do carnaval em Havana.¹¹⁴⁸ No dia seguinte, em 13 de março de 1962, no ato de rememoração do assalto ao palácio presidencial, Castro criticou, sem citar nomes, a exclusão da uma parte do testamento de Antonio Echeverría, líder do DER assassinado na ação do ataque ao Palácio Presidencial (1957), lido durante o evento, que fazia referência a Deus. Posteriormente, Fidel Castro apontou que o responsável pela supressão do trecho era um militante chamado Ravelo e não Anibal Escalante, mas o discurso foi importante, porque acirrou o conflito entre os antigos membros do PSP e do DER e inaugurou a crise do sectarismo.¹¹⁴⁹ No pronunciamento, Castro ainda disse que havia “alguns militantes que acreditavam ser mais revolucionários que outros e pensavam que fazer a revolução consistia em demandar uma radicalização maior para a esquerda”.

¹¹⁴⁴ ESCALANTE, Aníbal. Dirección colectiva: base del desarrollo del Partido Unido. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 305, 30 de diciembre de 1961, p. 5.

¹¹⁴⁵ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 410.

¹¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 415.

¹¹⁴⁷ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “*One hell of a gamble*”, p. 163.

¹¹⁴⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Presidieron Fidel y Dorticós el tercer desfile de Carnaval. *Noticias de Hoy*, año XXIV, nº 59, 11 de marzo de 1962, p. 1.

¹¹⁴⁹ CASTRO, Fidel. *Fidel Castro denounces bureaucracy and sectarismo*. Speech of march 26 1962. New York: Pionner publishers, May 1962, p. 38.

Para o primeiro-ministro cubano essa postura era excludente e por isso ele decretou ali, pela primeira vez, “guerra ao sectarismo”.¹¹⁵⁰ O discurso de Castro foi publicado também na revista *Cuba Socialista* e, anexado a ele, há um texto de Blas Roca no qual o antigo secretário geral do PSP indicou que a supressão do texto de Echeverría representava um “enfoque antimarxista”, uma “mutilação inadmissível” e uma “expressão de sectarismo”.¹¹⁵¹ Esse pronunciamento impulsionou a crise política que se arrastou por quase dois meses e balizou a postura dos antigos membros do PSP, que, assim como Roca, condenaram a atitude sectária de Escalante.

No dia 16 de março, em um evento das *Escuelas de Instrucción Revolucionaria*, Castro criticou mais uma vez o “mandonismo” das ORI’s, a confusão de certos líderes em relação ao papel do Partido, mas novamente não fez menções diretas. Somente em 26 de março, durante o comparecimento em um programa na TV, foi que Castro citou Aníbal Escalante. Na ocasião, o primeiro-ministro alegou que o sectarismo foi “a tendência de desconfiança, a tendência de desacreditar todos aqueles que não tinham uma militância há muito tempo, aqueles que não eram velhos militantes marxistas”. Castro destacou que alguns “*compañeros*” “perverteram” a organização, inflaram suas funções e disse que Escalante abusou da confiança que foi depositada nele, não seguiu os princípios marxistas, afastou todo o aparato político dos princípios leninistas¹¹⁵² e contestou:

Nós não podemos acreditar que essa revolução que é tão sagrada para nós, que custou tanto sangue, vidas, sacrificio e muita de nossa energia, poderia ser usada por qualquer um com o pretexto ou como um meio de satisfazer sua própria vaidade, ambição, para satisfazer objetivos que não são de natureza puramente revolucionária.¹¹⁵³

Há na passagem anterior uma exaltação daqueles que lutaram nas guerrilhas, que “deram o sangue” e que viram os seus esforços serem sacrificados pela “vaidade” de “qualquer um”. Aqui, Castro colocou em lados opostos a velha militância comunista e os guerrilheiros. Ainda que em algumas situações Fidel Castro tenha elogiado alguns membros do PSP, a crítica genérica dele atingiu os comunistas como um todo. Como Giliard Prado destacou, uma das questões que estavam sendo discutidas era a diferença ideológica entre aqueles que defendiam a via armada e o caminho pacífico para o socialismo, perspectivas que opuseram o MR-26-7 e

¹¹⁵⁰ CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en el acto homenaje a los martires del asalto al palacio presidencial, en la escalinata de la Universidad De La Habana. el 13 de marzo de 1962. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 9/5/2021.

¹¹⁵¹ ROCA, Blas. El gran discurso de Fidel debe ser estudiado y asimilado por todos. *Revista Cuba Socialista*, abril de 1962, año II, n° 8, p. 10.

¹¹⁵² CASTRO, Fidel. *Fidel Castro denounces bureaucracy and sectarismo*. Speech of march 26 1962. New York: Pionner publishers, May 1962, p. 14.

¹¹⁵³ *Ibidem*, p. 12.

o PSP.¹¹⁵⁴ Então, apesar de ter dito que Escalante era o único responsável pelo sectarismo e as ações dele eram deliberadas e conscientes, ao generalizar sua acusação, Castro questionava a autoridade dos antigos membros do PSP.

Ainda de acordo com Fidel Castro, Escalante deu instruções às células da ORI's para obedecerem somente a ele, o que indica mais um traço do processo de aparelhando da organização. Isso dificultou a integração das massas ao processo, pois as *Organizaciones* se tornaram uma agrupação dos militantes do PSP, como descrito claramente na passagem abaixo:¹¹⁵⁵

Em cada província, o Secretário-geral do PSP foi feito secretário-geral das ORI; em cada núcleo, o secretário-geral do PSP foi feito secretário-geral das ORI; em cada municipalidade, o secretário-geral do PSP foi feito secretário-geral. E isso é o que se pode chamar de integração?¹¹⁵⁶

Fidel Castro disse, inclusive, que o sectarismo promoveu o anticomunismo, pois agitou os opositores dos antigos socialistas populares. A partir desses discursos, a permanência de Escalante como dirigente das ORI's foi ficando insustentável. Castro alegou que não iria afastar ninguém de seu posto, mas propôs uma solução radical:

Nós iremos lutar através das rádios, televisão, jornais; nós iremos acusar qualquer um que nós pensamos que cometeu um ato de sectarismo, injustiça, discriminação, reserva, desconfiança em relação aos companheiros, não importa quem seja o responsável. Essa será a nossa atitude.¹¹⁵⁷

No dia 27 de março, o *Noticias de Hoy* apontou, na primeira página, que a ambição de Escalante afastava as ORI's das massas e, no dia seguinte, sentenciou:

Esse companheiro, proveniente das filas dos velhos, não só foi o principal responsável e impulsionador dos erros engendrados pelo sectarismo, mas caiu na intriga, na ação deliberada para se apoderar do aparato político da revolução, para impor seus pontos de vista pessoais, para deformar e tergiversar as funções das ORI's nos distintos níveis. Aníbal, fazendo-se aparecer como uma espécie de encarregado das ORI's, levado por sua vaidade pessoal, seu afã de mando, seu desejo de se mostrar enérgico, poderoso e prepotente, começou a dar ordens, a interferir nas atribuições dos ministérios e de outras instâncias estatais ao mesmo tempo que concentrava em suas mãos todos os controles sobre os comitês provinciais e municipais, sobre os núcleos e sobre toda a organização das ORI's.

Blas Roca, que era o responsável por *Hoy*, ofereceu elementos que corroboravam com as acusações feitas anteriormente contra seu colega de Partido. Ainda segundo a reportagem, a

¹¹⁵⁴ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 163.

¹¹⁵⁵ CASTRO, Fidel. *Fidel Castro denounces bureaucracy and sectarianism*. Speech of march 26 1962. New York: Pionner publishers, May 1962, p. 29.

¹¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 29.

¹¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 39.

ação de Escalante “tinha raízes no passado”, ele já havia utilizado “métodos brutais” no tratamento a outros membros do PSP, já havia demonstrado o desejo de controlar, mandar, de ter poder pessoal.¹¹⁵⁸ O periódico comunista endossou o comportamento inadequado de Escalante e se posicionou ao lado de Castro. Ainda em março de 1962, a direção das ORI’s votou por retirar Escalante do posto de dirigente.¹¹⁵⁹

Por causa da crise do sectarismo, as relações entre Cuba e a URSS se desestabilizaram.¹¹⁶⁰ Segundo Fursenko e Naftali, a saída de Escalante representou o afastamento de um defensor da linha de Moscou, um opositor de Guevara e da via chinesa ao socialismo.¹¹⁶¹ Ainda segundo os autores, Escalante era um informante de Alekseev, o agente da KGB em Cuba.¹¹⁶² Sobre a primeira afirmativa, corroboramos com os autores, pois os membros da “geração de 30” eram alinhados com a URSS e, no primeiro capítulo, trouxemos algumas passagens escritas pelo próprio Escalante que comprovam a assertiva. Em relação à segunda, não encontramos indicações sobre tais articulações.

Após a denúncia ao sectarismo, o Diretório Nacional do PURS nomeou um novo secretariado composto pelos irmãos Castro, Ernesto Guevara, Blas Roca, que foi escolhido como diretor de *Hoy* na ocasião, Osvaldo Dorticós e Emilio Aragonés, membro do MR-26-7 que assumiu a função de dirigente das ORI’s. Na mesma ocasião, houve uma reorganização do conselho de ministros.¹¹⁶³ Uma nova direção foi escolhida também para a direção das ORI’s com 24 membros, sendo nove antigos membros do PSP, dois pertenceram ao Diretório Revolucionário, 12, ao MR-26-7, e Osvaldo Dorticós, que não se vinculou a nenhum destes grupos no contexto da luta insurrecional.¹¹⁶⁴ Pelos números, notamos um decréscimo na presença dos socialistas populares na gestão das *Organizaciones*. Ademais, de acordo com James O’Connor, no contexto da crítica ao sectarismo, vários sindicalistas socialistas populares¹¹⁶⁵ e membros do PSP que estavam nas ORI,’s JUCEI e INRA foram substituídos por integrantes do MR-26-7.¹¹⁶⁶ Com as informações fornecidas por O’Connor e o contexto que

¹¹⁵⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Mas unidos que nunca seguiremos construyendo el socialismo. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 73, 28 de marzo de 1962, p. 1.

¹¹⁵⁹ Após seu afastamento, Aníbal Escalante deixou a Ilha e foi viver na Europa.

¹¹⁶⁰ FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “*One hell of a gamble*”, p. 164-165.

¹¹⁶¹ *Ibidem*, p. 167.

¹¹⁶² *Ibidem*, p. 172.

¹¹⁶³ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 151.

¹¹⁶⁴ Fidel Castro, Raúl Castro, Ernesto Guevara, Osvaldo Dorticós, Blas Roca, Emilio Aragonés, Carlos Rafael Rodríguez, Augusto Martínez Sanchez, Faure Chomón, Ramiro Valdés, Severo Aguirre, Flávio Bravo, César Escalante, Joaquim Ordoqui, Lázaro Peña, Manoel Luzardo, Ramon Calcines, Juan Almeida, Armando Hart, Sérgio del Valle, Guilherme Garcia, Osmani Cienfuegos, Raúl Curbelo e Haydeé Santamaria.

¹¹⁶⁵ O’CONNOR, James. *The origins of socialism in Cuba*. New York: Cornell University Press, 1970, p. 196.

¹¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 290.

apresentamos, concluímos que o impacto do sectarismo foi além do cargo ocupado por Escalante, afetou outros órgãos e provocou um afastamento dos dirigentes socialistas populares que atuavam nessas instâncias.

Logo após a crítica ao sectarismo, o método de seleção dos quadros para o Núcleo Revolucionário Ativo (NRA) mudou. Antes era o dirigente das ORI's que definia quem ocuparia cada cargo. Essa seleção era baseada em uma lista dos militantes que haviam pertencido às organizações revolucionárias (MR-26-7, PSP e DER) de cada localidade, sem levar em conta as atividades anteriores do escolhido, nem se ele ou ela era um trabalhador/a de vanguarda. Depois da crítica, uma comissão passou a ir até as fábricas para que os trabalhadores pudessem escolher entre os funcionários desses locais, qual ou quais dentre eles possuía/am as características correspondente aos cargos de direção.¹¹⁶⁷ Havia uma votação para escolher o trabalhador exemplar do local que deveria integrar a ORI. Esse trabalhador deveria ser eleito com base em alguns critérios, que eram: destaque na produção e no cumprimento das tarefas revolucionárias, na defesa da pátria, no nível de desenvolvimento ideológico, deveria ainda apresentar uma moral elevada e não ter tido vinculado com o *mujalismo* e os partidos e corpos repressivos da tirania, o que inclui não ter votado nas eleições gerais de 1958.¹¹⁶⁸

O aumento da rigorosidade na seleção dos membros das *Organizaciones* foi acompanhado pela depuração daqueles que foram considerados incapacitados de ocupar certos cargos, muitos dos quais haviam sido nomeados por Escalante. A crise do sectarismo mostrou fragilidade da unidade dos líderes revolucionários e, sendo a primeira tentativa de unificar politicamente as organizações, falhou.¹¹⁶⁹ Ela também foi um meio de afastar vários militantes comunistas de postos de poder e não desconsideramos que esses atritos indicam uma contenção do poder que os antigos membros do PSP tinham dentro do governo até o momento da crise. Foi, inclusive, um posicionamento da Revolução em relação à URSS, pois Escalante e o PSP representavam os principais apoiadores da União Soviética em Cuba, portanto, afastá-los implicava uma demarcação de posicionamento de Castro e do governo cubano frente à URSS e ao seu modelo político e tático.

Dois anos após a crise do sectarismo, outro processo político envolveu a velha militância comunista. Em 1964, Marcos Armando Rodríguez Alfonso, membro da Juventude Socialista

¹¹⁶⁷ DOMENECH, Joel. Experiencias del trabajo de reestructuración y depuración de las ORI's en La Habana. *Revista Cuba Socialista*, junio de 1962, año II, nº 10, p. 30.

¹¹⁶⁸ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria: la selección del trabajador ejemplar. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1962, año II, nº 9, p. 130-131.

¹¹⁶⁹ LEOGRANDE, Willian. Party development in revolutionary Cuba. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Vol. 21, nº. 4, Nov., 1979, p. 462.

nos anos 1950, foi processado sob acusação de revelar, em 1957, para Esteban Ventura, um dos principais chefes da polícia da ditadura de Batista, onde estavam escondidos quatro sobreviventes do assalto ao palácio presidencial. O processo acusatório ficou conhecido como “caso Marquitos”, uma referência ao acusado, ou “Humboldt 7”, porque era em um apartamento na rua que levava esse nome, no bairro de Vedado, que os integrantes do Diretório Revolucionário estavam escondidos. Nas vésperas do assassinato dos estudantes, Rodríguez teria estado no apartamento e tido uma discussão com os membros do DR.¹¹⁷⁰ No dia seguinte, Ventura invadiu o local e assassinou os quatro membros do Diretório.

Após a Revolução, Marcos Rodríguez ocupou um cargo no departamento de cultura das forças armadas em 1959.¹¹⁷¹ Mas os rumores sobre sua delação começaram a aumentar, então, por intermédio de Joaquín Ordoqui, ele conseguiu uma bolsa de estudo na Tchecoslováquia e saiu de Cuba nesse mesmo ano. Nesse país, de acordo com Andrés Suárez, Marcos Rodríguez trabalhou na embaixada cubana e foi preso, em 1961, sob a suspeita de estar fornecendo informações para “poderes estrangeiros”. Quem o acusou foi Faure Chomón,¹¹⁷² principal representante do DR no governo revolucionário. Com a prisão, Rodríguez foi enviado para Havana onde ficou encarcerado por três anos. Até seu julgamento, nenhum novo indício de que ele era um informante apareceu, mas o burburinho de que ele havia sido um informante da polícia de Batista na década de 1950 cresceu.

Em 1962, quando já estava preso, Rodríguez teria enviado uma carta para Joaquín Ordoqui lembrando dos serviços prestados ao PSP, quando ele atuou como “infiltrado” nas fileiras do Diretório, negando que houvesse informado a localização dos assaltantes do Palácio e enfatizando a distinção entre as informações que deu ao Partido e à polícia em 1957. Ordoqui teria ignorado a carta. Pessoas próximas a Marcos Rodríguez teriam enviado a carta, com algum intervalo de tempo, para Chomón e Fidel Castro. O primeiro-ministro criticou Ordoqui e Chomón por não terem reportado a situação às instâncias responsáveis.¹¹⁷³ Isso teria acontecido no começo de 1963, mas, mesmo tendo conhecimento da situação, não houve uma mobilização nesse momento de nenhum órgão do governo para apurar o caso. Um tempo depois, Rodríguez teria confessado dentro da prisão, ao contrário do que informou a Ordoqui, que havia denunciado a Ventura a localização dos sobreviventes do assalto. O presidente Dorticós soube

¹¹⁷⁰ HABEL, Janette. El proceso de Marcos Rodríguez y los problemas de la unidad del movimiento revolucionario en Cuba. In: CASTRO, Fidel; HABEL, Janette. *Proceso al sectarismo*. Buenos Aires: Jorge Álvarez Editor, 1965, p. 16.

¹¹⁷¹ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 75.

¹¹⁷² PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 242.

¹¹⁷³ CASTRO, Fidel. El proceso de Marco Rodríguez. In: CASTRO, Fidel; HABEL, Janette. *Proceso al sectarismo*. Buenos Aires: Jorge Álvarez Editor, 1965, p. 205.

da confissão e a contou para Ordoqui. Nesse momento, as suspeitas de que Marcos Rodríguez tinha contado da delação para Edith García Buchaca, esposa de Ordoqui, começaram a circular.

Então, no começo de 1964, o Estado cubano processou Rodríguez, não pelo crime de ter vazado informações quando vivia na Tchecoslováquia, mas sim por ter delatado os membros do Diretório. No processo de julgamento, Marcos Rodríguez Alfonso confessou em juízo que havia denunciado a localização dos assaltantes do Palácio e ainda tinha recebido de Esteban Ventura dinheiro e um avião caso decidisse sair do país.¹¹⁷⁴ Rodríguez também confessou que, durante seu exílio no México, avisou de sua traição a Ordoqui e García Buchaca.

Na reconstituição dos eventos feita durante o julgamento aparece que, em 1959, Marcos Rodríguez foi levado ao quartel de *La Cabaña*, em Havana, e ali um dos soldados de Ventura disse, um dia antes de ser fuzilado, que acreditava que Rodríguez tinha sido o responsável pela delação. As informações sobre o caso são bastante confusas. O julgamento não contou com uma prova cabal sobre a delação e a própria confissão feita pelo acusado é bastante duvidosa pelas condições em que foi realizada.¹¹⁷⁵

Após algumas sessões, Rodríguez foi condenado a morte por fuzilamento em 18 de março, porém a defesa apelou da sentença e o processo passou por uma segunda vista, quando novas provas começaram a ser incorporadas a ele. Ainda no mês de março de 1964, já no contexto da apelação, os antigos membros do PSP, Edith García Buchaca, Ordoqui e Carlos Rafael Rodríguez¹¹⁷⁶ foram ouvidos no processo. A jornalista francesa Janette Habel alegou que, nesse segundo momento, estava em julgamento a “atitude do velho partido comunista cubano e a discussão se fundava em sua probidade e sua honestidade revolucionária”.¹¹⁷⁷ Encontramos nos depoimentos várias constatações à atitude do velho Partido, comprovando a assertiva da jornalista.

A fala de Faure Chomon no julgamento, por exemplo, foi uma acusação aos antigos membros do PSP, uma arremetida ao passado dos comunistas. Outros membros do DR, como Guillermo Jiménez, também atacaram a “formação” comunista de Marcos Rodríguez e, com isso, denunciaram a militância socialista popular como um todo.¹¹⁷⁸ O jornal *Noticias de Hoy* demorou a se pronunciar sobre o curso do processo e, segundo Habel, isso foi interpretado por

¹¹⁷⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Pena de muerte para el delator de los mártires de Humboldt 7 interesa el fiscal. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 55, 17 de marzo de 1964, p. 1.

¹¹⁷⁵ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 243.

¹¹⁷⁶ Lembramos que, nesse momento, Ordoqui era vice-ministro das forças armadas, Edith García Buchaca era presidente do Conselho Nacional de Cultura e Carlos Rafael Rodríguez era presidente do INRA.

¹¹⁷⁷ HABEL, Janette. El proceso de Marcos Rodríguez y los problemas de la unidad del movimiento revolucionario en Cuba, p. 20.

¹¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 21-22.

Revolución e Bohemia como um ato de cumplicidade entre o acusado e os dirigentes do jornal.¹¹⁷⁹ O processo se tornou público e foi transmitido pelas rádios e pela televisão. Habel destacou que o caso não teria tido a mesma envergadura se não tivesse sido precedido pela crise do sectarismo e sem o contexto político complexo da Revolução.¹¹⁸⁰ De acordo com a jornalista:

Desde que a crise do sectarismo tinha explodido em Cuba, tais sentimentos existiam: um sectarismo áspero, um sentimento confuso de vingança, uma reserva difusa em relação aos antigos membros do PSP. [...] ser antigo PSP era sinônimo de dogmatismo e todo antigo militante que ocupava um cargo diretivo padecia de numerosas críticas, era objeto de reações hostis, frequentemente injustificadas.¹¹⁸¹

Segundo a autora, o debate que havia acontecido no ano anterior entre Roca e Alfredo Guevara em relação à exibição de filmes estrangeiros em Cuba, sobre o qual falaremos mais à frente, também evidenciou as reservas que os intelectuais tinham em relação aos comunistas e essa foi mais uma crise que evidenciou os sintomas precursores do caso “Marquitos”.¹¹⁸² Nesse sentido, corroboramos com Giliard Prado, para quem a culpabilidade de Marcos Rodríguez já estava definida antes do julgamento,¹¹⁸³ pois o processo jurídico teve traços políticos muito evidentes, desde a argumentação do advogado do réu, que “reconheceu não haver argumentos sérios para defender a inocência de Marcos Rodríguez” e por isso entendia ser a pena de morte uma sentença justa, até as acusações de que Marcos tinha uma “personalidade psicopata”, usava roupas inadequadas e alusões à sexualidade dele foram apresentadas como fatores que demonstravam a debilidade moral do réu,¹¹⁸⁴ argumento que coincide com a recriminação que os homossexuais sofreram na Ilha.¹¹⁸⁵ Então, acreditamos que o processo, assim como expurgo de Escalante, teve como pano de fundo a tentativa de mostrar a fragilidade da militância comunista do antigo PSP e, conseqüentemente, atingiu os dirigentes dessa organização.

Blas Roca alegou, já depois do cumprimento da sentença, que: “[...] o fato de que o delator tivesse pertencido ou não a uma ou outra organização revolucionária carecia de importância”.¹¹⁸⁶ Essa foi uma resposta dada àqueles que associavam a militância comunista de Rodríguez à delação feita por ele. Roca salientou que o réu não tinha pertencido à JS, caso contrário não teria delatado os membros do diretório. Isso porque, de acordo com o antigo

¹¹⁷⁹ Ibidem, p. 25.

¹¹⁸⁰ Ibidem, p. 29.

¹¹⁸¹ Ibidem, p. 39.

¹¹⁸² Ibidem, p. 44.

¹¹⁸³ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 243.

¹¹⁸⁴ Ibidem, p. 254-255.

¹¹⁸⁵ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultura da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 91. GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 239.

¹¹⁸⁶ ROCA, Blas. En torno al juicio contra un delator. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1964, año IV, nº 33, p. 49.

secretário geral do PSP, os valores inculcados na formação da militância comunista impediriam a tomada de uma atitude como a de Rodríguez:

[...] o ódio que se inculcava contra os capangas, delatores e confidentes, as orientações que recebiam constantemente em relação ao comportamento que deveria ter ante a polícia, assim como a política de frente única e solidariedade que desenvolveram com todos os que faziam frente em qualquer medida e por qualquer método a tirania e ao imperialismo, não podia induzir jamais ninguém a cometer uma delação ou, sequer, justificá-la.¹¹⁸⁷

Novamente, observamos uma concepção apriorística quando Blas Roca considerou que a formação militante garantiria uma rigidez comportamental e uma fidelidade aos princípios comunistas ao invés de considerar a possibilidade de falhas da formação e outros fatores que influenciam na tomada de decisão dentro do campo da política, como o interesse pessoal ou até mesmo a traição ao grupo de pertencimento. Claro que essa justificativa era uma forma de proteger os antigos membros do PSP, mas isso não exclui o fato de que a explicação dada pelo secretário geral do Partido era mecânica.

A principal presença no tribunal foi a de Fidel Castro, que atuou como entrevistador do acusado e acusador. Castro iniciou sua fala alegando que, para ele, Rodríguez era culpado.¹¹⁸⁸ E no diálogo ocorrido no tribunal entre primeiro-ministro cubano e Marcos Rodríguez, esse reassumiu seu delito, disse que ele não deveria ter nenhuma oportunidade, porque por culpa de seu sectarismo quatro militantes estavam mortos.¹¹⁸⁹ Na contra argumentação, Fidel Castro perguntou:

Fidel Castro: [...] Escute: eu digo a oportunidade não de receber um bem, não, mas de fazer um bem, ainda que você seja condenado a pena máxima. Eu te digo que se tivesse consciência, que se pudesse escolher entre seguir fazendo dano ainda depois de morto, ou que pode ao menos sentir um instante de satisfação ao atuar de maneira que se possa evitar mais danos, você escolheria o caminho de evitar danos?

Marcos Rodríguez: claro, seguramente.¹¹⁹⁰

Na sequência, Fidel Castro alegou que havia coisas que não estavam bem explicadas nas falas do réu e o inquiriu sobre quem sabia da delação, ao que Rodríguez repetiu, novamente, que Edith García Buchaca sabia desde 1957.¹¹⁹¹ A narrativa de Marcos Rodríguez sobre a delação e o envolvimento dos socialistas populares foi respondida por Fidel, que a considerou como “[...] uma série de invenções, [...] que influenciou, inclusive, o ânimo das pessoas”.¹¹⁹²

¹¹⁸⁷ Ibidem, p. 51.

¹¹⁸⁸ CASTRO, Fidel. El proceso de Marco Rodríguez, p. 74.

¹¹⁸⁹ Ibidem, p. 80.

¹¹⁹⁰ Ibidem, p. 80.

¹¹⁹¹ Ibidem, p. 84.

¹¹⁹² Ibidem, p. 95.

Apesar disso, Rodríguez manteve até o final do julgamento sua versão que incriminava García Buchaca e Joaquín Ordoqui. Além do mais, durante o julgamento, surgiram rumores de que Ordoqui teria dado informações para a CIA na época da ditadura de Batista,¹¹⁹³ mostrando mais uma vez o clima de suspeita em torno das ações dos socialistas populares.

Fidel Castro se pronunciou no último dia do julgamento e disse que o PSP não tinha nenhuma responsabilidade pelos eventos que estavam sendo julgados. Porém, acreditamos que a confiabilidade política dos dirigentes socialistas populares foi colocada à prova. Após o pronunciamento de Castro, o tribunal deu a sua sentença, manteve a pena imposta no primeiro processo e Marcos Rodríguez foi fuzilado em 1964. De acordo Blas Roca, o julgamento de Marcos Rodríguez foi uma vitória para a Revolução e para o processo de fusão e unidade das forças revolucionárias.¹¹⁹⁴ Apesar do apoio dos principais líderes socialistas ao resultado do julgamento, o caso teve impacto na velha militância.

Durante o processo de julgamento, Fidel Castro criticou Joaquín Ordoqui por ter permitido que Marcos Rodríguez entrasse no PSP em 1958 e por ter escondido do Diretório Revolucionário a carta que o réu havia enviado em 1962.¹¹⁹⁵ Ainda em março de 1964, após a reprimenda do primeiro-ministro, Ordoqui fez uma autocrítica reconhecendo sua culpa:

Considero que minha atuação neste processo adoeceu efetivamente de superficialidade, falta de perspicácia e de ligeireza levando-me a erros como o de não impedir a saída de Marcos Rodríguez do país e mais tarde de não dar a carta que me enviou desde a prisão a importância que a mesma tinha, entregando-a imediatamente ao Partido. [...] estou convencido de que da análise do processo feito pelo companheiro Fidel, do assinalamento público dos erros cometidos, derivarão ensinamentos muito valiosos para todos os que estamos empenhados em servir mais e melhor a causa do socialismo. No que diz respeito a mim, a sinalização de meus erros me leva a compreender a gravidade dos mesmos e a necessidade em que estou de aprofundar em suas análises. Isso constitui uma alentadora, ainda que amarga experiência em minha vida de revolucionário. Experiência da qual extrairéi os ensinamentos necessários para não voltar a incorrer jamais neles.¹¹⁹⁶

Blas Roca comentou que Ordoqui “pecou” por “ingenuidade” e “cegueira”, errou porque não conhecia a culpabilidade e assim aceitou o ingresso de Rodríguez no Partido, apesar de que a biografia de Marcos não lhe dava garantias de entrar no PSP.¹¹⁹⁷ Roca também endossou o erro de Ordoqui ao conceder a bolsa de estudos para Marcos Rodríguez mesmo com os rumores que corriam sobre o réu. Notamos uma vez mais a concordância do antigo secretário

¹¹⁹³ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 256.

¹¹⁹⁴ ROCA, Blas. En torno al juicio contra un delator. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1964, año IV, n° 33, p. 43

¹¹⁹⁵ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 205-209.

¹¹⁹⁶ ORDOQUI, Joaquín. Declaración autocrítica del compañero Joaquín Ordoqui. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 75, 29 de marzo de 1964, p. 1.

¹¹⁹⁷ ROCA, Blas. En torno al juicio contra un delator. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1964, año IV, n° 33, p. 57

geral do PSP com o discurso de Castro em detrimento de seu colega da “geração de 30”, como ele havia feito com Escalante.

No final desse ano, uma investigação foi iniciada para apurar a conduta de Joaquín Ordoqui e, em 16 de novembro de 1964, ele foi retirado da direção das PURS. O réu e sua esposa, Edith García Buchaca, foram expulsos do Partido e afastados dos cargos políticos que ocupavam sendo, respectivamente, vice-ministro das forças armadas e presidente do Conselho Nacional de Cultura. Joaquín Ordoqui foi condenado, naquele ano, a 30 anos de prisão domiciliar. Giliard Prado defende a hipótese de que a anulação de Ordoqui estava ligada a uma tentativa de ampliar o protagonismo de Castro nas negociações com a URSS em detrimento do “principal homem de confiança” da União Soviética em Cuba.¹¹⁹⁸ Porém, não encontramos dados que indiquem uma intermediação feita por Ordoqui entre Cuba e os soviéticos. Dentre os militantes que participaram, oficialmente, das negociações entre os dois países, nunca encontramos o nome de Ordoqui entre eles, o que nos leva a questionar a ideia do “homem de confiança da URSS”.

A possibilidade de ter um antigo comunista como intermediário entre Cuba e a URSS, como um agente russo na Ilha ou um “homem de Moscou”, emergiu novamente em 1967, em um novo processo judicial contra Aníbal Escalante, acusado, nesse momento, de difundir a visão soviética sobre algumas questões e agir contra a Revolução. Esse dirigente socialista retornou a Cuba em 1964, provavelmente porque seu irmão, César Escalante, estava doente, e passou a viver de modo recluso em uma propriedade nos arredores da capital. César faleceu em 1965 e Aníbal Escalante continuou vivendo na Ilha. Em 1967, ele foi acusado de ser o líder de uma conspiração contra o governo revolucionário, que ficou conhecida como microfração. As fontes sobre a conspiração e o julgamento de Escalante são bem escassas. Trabalharemos, nessa parte, com as acusações formuladas por Raúl Castro no juízo contra os réus, ou seja, não possuímos os relatos dos acusados, somente dos acusadores.

A direção do Partido Comunista Cubano recebeu denúncias de que no local onde Escalante vivia, a fazenda *Dos Hermanos*, organizava-se uma conspiração contra a Revolução e incumbiu Raúl Castro de investigar o caso e elaborar um relatório sobre a situação. Esse relatório, que é a nossa principal fonte, foi usado como documento para sustentar as acusações contra os réus Aníbal Escalante, Ramon Calcines e outros frequentadores da chácara onde Escalante vivia.

¹¹⁹⁸ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 257.

A situação descrita por Raúl Castro e que levou ao processo judicial é a seguinte: Castro alegou que, nas reuniões ocorridas em *Dos Hermanos*, os convivas diziam que Aníbal Escalante era a “verdadeira corrente ideológica da classe trabalhadora, que a presença dele em Cuba freava para os elementos pequeno-burgueses, consideravam a saída de Guevara do país como saudável para a Revolução, porque Ernesto era um representante da posição chinesa e contrário aos soviéticos, era um trotskista”.¹¹⁹⁹ Os integrantes da microfração também criticavam os antigos membros do PSP por causa da atitude que assumiram no contexto do sectarismo de 1962. Os comentários feitos nas reuniões foram entendidos como um exemplo de oposição ao regime, porque eles difundiam uma “linha ideológica diferente do Partido”, como fica evidente na passagem escrita por Raúl Castro:

[...] em meados de 1966 concorre toda uma informação procedente de várias vias, todas confiáveis que nos faziam supor a existência de uma corrente de oposição ideológica a linha do Partido que não provinha precisamente das fileiras inimigas, mas de gente que se movia dentro das próprias fileiras da revolução atuando desde supostas posições revolucionárias.¹²⁰⁰

Essa “corrente” representava a defesa das táticas e dos programas soviéticos e foi caracterizada por Raúl Castro como uma forma de oposição à Revolução Cubana. Por isso, acreditamos que a microfração, além de se referir a uma questão interna, foi uma resposta cubana às críticas soviéticas feitas ao apoio dado por Cuba às guerrilhas latino-americanas. Como apontamos no começo deste capítulo, Cuba e a URSS viviam, em 1967, o momento mais tenso desde o estabelecimento de suas relações e o processo contra Escalante foi antecedido pela queda no fornecimento de petróleo soviético à Ilha. Sendo assim, a condenação dos microfracionários foi uma condenação da linha soviética em detrimento da proposta insurrecional cubana. O julgamento teve, evidentemente, um caráter político e carregou uma mensagem à URSS e aos PC's da região, que era a condenação à interferência soviética nas questões internas da Revolução.¹²⁰¹

Quando as investigações começaram, alguns acusados foram presos e, dentro do cárcere, produziram confissões escritas que foram usadas durante os julgamentos. Essas declarações foram uma espécie de autocrítica na qual os envolvidos alegavam a intenção de fazer pressão política a favor da linha soviética. Além disso, seus produtores afirmaram que reproduziram e distribuíram artigos de dirigentes comunistas latino-americanos e outros materiais polêmicos que estavam em desacordo com linha do PCC. Os microfracionários

¹¹⁹⁹ CASTRO, Raúl. *Cuba: desenmascaran la microfracción*. Minas (Uruguay): Editorial Hoy, 1968, p. 5-6.

¹²⁰⁰ *Ibidem*, p. 8.

¹²⁰¹ LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*, p. 135.

criticavam a penetração no Comitê Central do PCC por elementos da pequena burguesia, como Armando Hart, José Llanusa, Faure Chomón, Haydée Santamaría, Raúl Roa, Celia Sanches, Marcelo Fernandez Font, que traziam consigo o desprezo pelo proletariado e o desconhecimento do papel de vanguarda dele.

Ainda segundo o relato de Castro, os membros da microfração alegaram que havia uma política de exclusão dos antigos membros do PSP, já que se negava aos socialistas populares sua incorporação ao PCC. Destacaram, inclusive, que as opiniões dos socialistas populares que integravam o Comitê Central (CC) não tinham peso nas decisões do governo. Os envolvidos na microfração criticaram Blas Roca, Lázaro Peña, Isidro Malmierca, Joen Domenech, Severo Aguirre, Jorge Risquet, Manuel Luzardo e Lionel Soto, chamando-os de oportunistas e traidores. E ainda alegaram que a Revolução se intrometia nos assuntos internos dos PC's latino-americanos. É interessante observar que, segundo o relatório de Raúl Castro, as críticas feitas pela microfração ao governo cubano corresponde exatamente aos pontos de divergência entre Cuba e os PC's e a URSS, sendo que o grupo de Escalante estaria ao lado dos soviéticos.

Raúl Castro comentou que, depois da morte de César Escalante, em 1965, as visitas e atividades em *Dos Hermanos* aumentaram. Ali, os aliados de Aníbal Escalante criticavam também a debilidade ideológica do PCC, a abertura do porto de Camarioca em 1965,¹²⁰² a deficiência da publicação dos textos marxistas na imprensa, a racionalização dos produtos e alimentos e condenaram a safra dos 10 milhões ao fracasso.¹²⁰³ Aníbal Escalante pedia para aliados seus dentro do governo que lhe enviassem documentos estatais a que ele não deveria ter acesso. Os microfracionários buscaram aumentar o próprio grupo e, para isso, buscaram pessoas que compartilhavam de suas opiniões.

Em seu relatório, Raúl Castro reuniu informações para mostrar as relações próximas de Escalante com os soviéticos: a filha de Aníbal estudou no conservatório de Moscou e o neto dele estava na embaixada soviética em um círculo infantil. De acordo com Raúl Castro, os microfracionários se reuniram com os soviéticos para formular planos a fim de difamar a Revolução.¹²⁰⁴ E, de acordo com Carmelo Mesa Lago, o embaixador russo, Rudolf Shliapnikov,

¹²⁰² Em 1965, o governo cubano abriu o porto de Camarioca, durante um mês, para quem quisesse sair de Cuba. Até esse momento, devido ao fechamento de portos e aeroportos, à interrupção dos voos para os Estados Unidos e ao bloqueio que Cuba vivia, a saída do país era mais difícil, pois o governo cubano precisava autorizá-la e o governo estadunidense dificultava a liberação dos vistos. Com a abertura de Camarioca, aproximadamente, 3 mil pessoas deixaram a Ilha. Ver: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*, p. 243.

¹²⁰³ CASTRO, Raúl. *Cuba: desenmascaram la microfracción*, p. 14-15. Desde de 1965, o governo cubano lançou um plano de produzir 10 milhões de toneladas de açúcar no ano de 1970.

¹²⁰⁴ *Ibidem*, p. 38.

foi o elo entre o grupo de Escalante e o governo da URSS.¹²⁰⁵ Ou seja, como indicamos, a investigação se tornou um caso de conspiração política organizada pelo antigo comunista e pelos soviéticos, e de interferência soviética nas questões internas de Cuba. O autor apontou, ainda, que o processo fez parte de uma “estratégia de reforçar a autonomia do castrismo frente Moscou”,¹²⁰⁶ ideia com a qual corroboramos.

Além disso, segundo Mesa Lago, o auge das atividades da microfração ocorreu em junho de 1966, mas o processo contra os acusados só começou no ano seguinte, “quando Fidel Castro soube das dificuldades de suprimento do petróleo soviético”.¹²⁰⁷ Escalante foi acusado de ter contatos com diplomatas e funcionários russos, tchecos e alemães e, nas conversas, teria solicitado que esses funcionários pressionassem o governo cubano para que esse adotasse a linha política soviética.¹²⁰⁸ Notamos que a tentativa de pressionar Cuba para adotar a linha soviética era umas das razões de culpabilidade criminal, quer dizer, para a direção cubana era um crime contra a autonomia ideológica que a Ilha pretendia seguir. Como no caso “maquitos”, a politização da justiça serviu para impulsionar as demandas políticas do governo insular.

Nesse momento, Fidel Castro havia criticado o estabelecimento de relações comerciais entre a URSS e os países latino-americanos por considerar que isso fortalecia as burguesias nacionais e dificultava o avanço das forças revolucionárias. Além disso, a imprensa soviética passou a publicar textos de comunistas latino-americanos com críticas ao regime cubano em detrimento dos discursos de Castro antes difundidos nesse meio.¹²⁰⁹ O caso aconteceu também no contexto que precedeu a “ofensiva revolucionária”, quando o governo cubano nacionalizou o comércio varejista, confiscou 58 mil pequenos negócios, estatizou quase todo o transporte e a indústria privada que ainda existia. Esse programa tinha como objetivo construir o socialismo e o comunismo ao mesmo tempo,¹²¹⁰ portanto, a Revolução entrava em uma nova etapa e o expurgo de Escalante pode ser interpretado como uma mensagem de que a influência ideológica da URSS não era bem-vinda a partir daquele momento. Ademais, como indicamos, no começo deste capítulo, essa também foi a época da OLAS e da Tricontinental, iniciativas do internacionalismo cubano para, entre outros, a expansão da luta armada em oposição à via pacífica defendida pela União Soviética. Ou seja, encontramos vários elementos contextuais

¹²⁰⁵ MESA LAGO, Carmelo. The revolutionary offensive. In: HOROWITZ, Irving Louis (edi.). *Cuban communism*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1987, p. 84-85.

¹²⁰⁶ Ibidem.

¹²⁰⁷ Ibidem.

¹²⁰⁸ TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*, p. 121.

¹²⁰⁹ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 176.

¹²¹⁰ HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 23.

que sinalizam para os embates políticos e ideológicos travados entre Cuba e a URSS, que influenciaram no julgamento de um dos membros do PSP mais vinculados aos soviéticos.

De acordo com Raúl Castro, em 18 de julho de 1967, Aníbal Escalante enviou uma carta para Fidel Castro dizendo que não estava formando um grupo conspiratório. O que ele pretendia, segundo a missiva, era criar uma corrente de opinião para forçar a discussão de seus pontos de vista dentro do PCC. Raúl Castro apresentou como provas da conspiração alguns documentos, como essa carta, declarações dos presos, fotografias, gravações de conversas entre os acusados e dos interrogatórios após a prisão dos envolvidos na microfração, dados de reuniões e outros documentos atribuídos ao grupo.¹²¹¹ Parte dos envolvidos na microfração alegou que a acusação contra Escalante, em 1962, havia mudado o curso da Revolução e estiveram ao seu lado por considerar que ele possuía uma interpretação correta da Revolução. Como consequência dessas concepções, Raúl Castro apontou:

Esse círculo de paixões políticas agitadas conduziu a: 1. Que se perdesse a confiança em Fidel e a direção da Revolução enquanto se afiançava em Aníbal. 2. Que se fizesse depender todo o curso de nossa Revolução e nossa história desse fato, dessa espécie de “restauração” historicamente impossível.¹²¹²

De acordo com Raúl Castro, Escalante era arrogante, imodesto, ressentido, sectário e isso deu origem à sua atividade conspiratória. Na passagem anterior, notamos a denúncia de que esse grupo pretendia “restaurar” a autoridade do velho dirigente do PSP dentro da Revolução, o que significava solapar o poder de Fidel Castro e de outros integrantes do MR-26-7. A acusação final incluiu os seguintes crimes:

[...] ataques, por meio de intrigas e calúnias às principais medidas da Revolução; distribuição de propaganda clandestina contra a linha do Partido; tentativa de brindar orientações distorcidas a vários núcleos do Partido; oferecer informação falsa e caluniosa a funcionários de países estrangeiros acerca dos planos da Revolução, com o propósito de minar as relações internacionais de Cuba com outros governos; subtração de documentos secretos do Comitê Central e do então Ministério da Indústria; trabalho de proselitismo e divisão ideológica entre alguns militantes que procediam das filas do Partido Socialista Popular [...].¹²¹³

No relatório de Raúl Castro, ainda consta uma carta que Escalante teria enviado para a direção do PCC, depois de sua prisão, na qual ele fez uma autocrítica. O antigo líder socialista teria admitido a responsabilidade pelos fatos imputados a ele, alegou que seu comportamento o havia conduzido a uma atividade fraccionária e reconheceu a necessidade das medidas adotadas

¹²¹¹ CASTRO, Raúl. *Cuba: desenmascaran la microfacción*, p. 51.

¹²¹² *Ibidem*, p. 61 e 62.

¹²¹³ PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Informe del fiscal en el consejo de guerra seguido a Anibal Escalante y 36 acusados más. *Revista Bohemia*, año 60, 9 de febrero de 1960, p. 33.

pelo partido para liquidar o foco de “infecção” criado. Na autocrítica mencionada, consta o reconhecimento das falhas imputadas ao principal réu:

Como eu fui parar, desde uma posição comunista (que sustenta firmemente a Revolução e que acata o Partido e a sua direção) a este assunto da fracção e tudo o que está envolvido nisso? [...] necessito explicar de modo realista o que ocorreu e tirar disso não só as razões, mas a coragem indispensável para ajudar ao Partido a varrer com toda a fracção e liquidar este fenómeno que pesa como uma louça [sic] na minha cabeça.¹²¹⁴

Aníbal Escalante alegou que entendia as razões de sua prisão, admitiu a atividade sectária, confirmou que teve contato com um soviético e conversou com ele sobre as relações entre Cuba e a URSS, confessou que não desaprovou a reprodução de materiais “polêmicos” e alegou que não interferiu na direção do processo revolucionário cubano. Ele ainda propôs como punição uma aposentadoria em uma propriedade, onde ninguém poderia visitá-lo. Destacou que trabalharia como responsável técnico em uma granja e salientou: “A sanção seria severa e sóbria. Além disso, os anos que virão devem ser maravilhosos, e estar recluso, afastado da corrente – sendo como se é, revolucionário e não tendo outra perspectiva que essa nossa, da Revolução e o comunismo – é, realmente, duro”.¹²¹⁵

Ao todo, foram detidos 43 acusados, sendo 4 mulheres que foram enviadas, posteriormente, para prisão domiciliar. O Comitê Central do PCC, reunido para tratar do caso, aprovou por unanimidade a análise feita por Fidel Castro baseada no relatório de seu irmão acerca da microfração. O informe Raúl Castro indicou também a participação de Ramon Calcines, membro do PSP, e José Matar Fraye,¹²¹⁶ que admitiram suas responsabilidades. Ramón Calcines dirigia a empresa Fruticuba e ali houve um foco da microfração, fato que, segundo o relatório de Castro, não podia ser desconhecido por Calcines.¹²¹⁷ Na reunião do Comitê Central, foi decidido retirar Ramon Calcines do Comitê Central e enviar para os tribunais revolucionários a acusação contra Escalante e demais envolvidos. O julgamento ocorreu entre janeiro e fevereiro de 1967 e o tribunal condenou Aníbal Escalante, em 3 de fevereiro de 1968, a 15 anos de prisão, outros oito acusados foram condenados a 12 anos, mais oito, a 10 anos, seis, a 8 anos, cinco, a 4 anos, seis, a 3 anos, um deles, a dois anos de prisão domiciliar, e dois

¹²¹⁴ CASTRO, Raúl, op. cit., p. 65.

¹²¹⁵ Ibidem, p. 78.

¹²¹⁶ De acordo com Richard R. Fagen, Matar foi o primeiro coordenador do Diretório Nacional dos CDR's e se tornou membro do CC do PCC, em 1965. Ver: FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*. Stanford: Stanford University Press, 1969, p. 70.

¹²¹⁷ CASTRO, Raúl. *Cuba: desenmascaram la microfacción*, 1968.

foram enviados para julgamento posterior dentro das forças armadas, porque ambos pertenciam às FAR,¹²¹⁸ totalizando 35 condenados.

Dentre os crimes imputados aos réus, além dos que citamos, aparece que os acusados coincidiam com “[...] dos agentes de direita da CIA”.¹²¹⁹ Associá-los aos EUA, ao inimigo principal de Cuba – o que, na prática, não era verdade – para justificar o complô é um dos sinais do mito da conspiração como estratégia política aplicada conscientemente. Ao fazer essa ligação, além de alimentar o mito, o governo revolucionário justificava mais facilmente o expurgo, pois essa era uma forma de desacreditar, de “denunciar e demonstrar as preocupações manipuladoras”¹²²⁰ do conspirador.

Além do mais, devemos observar que, nesse momento, não concordar com a linha do PCC foi uma razão para o enquadramento dos acusados como criminosos pelo governo, o que mostra a configuração de uma orientação ideológica pouco plural da Revolução. Lillian Guerra destacou que a microfração não foi enquadrada como contrarrevolução, mas como proselitismo e divisão ideológica,¹²²¹ o que indica novamente o caráter político do processo.

Novamente, nesse caso, a atuação dos militantes do PSP veio à tona, pois quase todos os envolvidos haviam pertencido ao antigo Partido. Carlos Rafael Rodríguez, comentando sobre a microfração em uma intervenção feita no Comitê Central do PCC, questionou o envolvimento dos antigos líderes do PSP no caso, pois não considerava que os acusados representavam os socialistas populares.¹²²² Rodríguez salientou que o fuzilamento não seria suficiente para punir o dano que Aníbal Escalante causou ao processo de união das organizações revolucionárias¹²²³ e ainda destacou que seu velho companheiro do PSP tinha uma personalidade “anormal” e “malvada”, marcada pelo “endeusamento de se ver como dono não só do Partido, mas do país [...]”.¹²²⁴ Rodríguez alegou que a autocrítica de Aníbal Escalante era inteiramente falsa e endossou a acusação de que os envolvidos na microfração trabalharam diretamente para ele durante o período de clandestinidade da ditadura de Batista.¹²²⁵ Assim sendo, Carlos Rafael Rodríguez também forneceu “provas” que corroboraram para a culpabilidade dos réus.

¹²¹⁸ PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Informe del fiscal en el consejo de guerra seguido a Anibal Escalante y 36 acusados más. *Revista Bohemia*, año 60, 9 de febrero de 1967, p. 40.

¹²¹⁹ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 294-95.

¹²²⁰ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 50.

¹²²¹ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 294-95.

¹²²² RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Intervención de Carlos Rafael Rodríguez. *Revista Punto Final* (Santiago del Chile), febrero de 1968, n° 48, p. 29.

¹²²³ Ibidem.

¹²²⁴ Ibidem.

¹²²⁵ Ibidem, p.30.

Mais uma vez, emergiu a desconfiança que havia em relação ao PSP e o questionamento sobre o comportamento de seus antigos militantes. Apesar do esforço de Rodríguez, por exemplo, em desvincular a velha militância socialista das acusações, em termos práticos, como ele mesmo destacou, muitos membros do antigo PSP estavam sendo retirados de seus postos de trabalho com a justificativa de que eram incapazes de ocupá-los porque foram membros do Partido.¹²²⁶

Defendemos que os casos do sectarismo de 1962, o “caso Marquitos” e a microfração, não foram somente momentos de afastamento de líderes do PSP, mas se converteram em expurgos amplos que incluíram tanto os dirigentes quanto membros da base dos antigos socialistas populares. Como Irving Louis Horowitz alegou, um dos aspectos da “revolução na revolução” foi a eliminação de alguns quadros do velho Partido.¹²²⁷ Esses foram acontecimentos que revelaram também a dificuldade de unidade entre os grupos políticos insulares, o prolongamento do anticomunismo e da desconfiança em relação aos comunistas. Esses expurgos evidenciaram os conflitos entre o PSP e o MR-26-7 tanto em relação à questão da tática, quanto ao apoio dado pelos comunistas à linha soviética e, claro, a uma disputa por cargos e poder. Nem sempre os antigos membros do PSP negociaram com Castro e o expurgos indicam a dificuldade de conciliação entre os dois grupos.

4.3. A cultura política revolucionária dos comunistas cubanos (1961-1965): permanências e mudanças

Nesta seção, retomaremos alguns elementos importantes da cultura política comunista que apresentamos nos capítulos anteriores para mostrar quais as mudanças e permanências nos discursos dos antigos membros do Partido Socialista Popular. Para isso, mapeamos alguns textos autorais e analisamos os discursos e as representações sobre o homem novo comunista e revolucionário, os debates sobre as artes e o realismo socialista, e os esforços de expansão da educação marxista-leninista no ensino regular (básico e superior) e nas *Escuelas de Instrucción Revolucionarias (EIR)*, que estiveram sob a responsabilidade de Lionel Soto,¹²²⁸ liderança histórica do PSP. Devemos lembrar que, com a adoção da ideologia comunista, uma série de

¹²²⁶ Ibidem.

¹²²⁷ HOROWITZ, Irving Louis. Cuban communism. In: HOROWITZ, Irving Louis (edi.). *Cuban communism*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1987, p. 13.

¹²²⁸ Lionel Soto ingressou no PSP quando estava na Universidade de Havana, onde integrou o comitê universitário que o Partido tinha naquela instituição. Soto também foi dirigente nacional da Juventude Socialista. Ver: SOTO PRIETO, Lionel. Un hombre universal. In: BATLLE REYES, Lucilo (Comp.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 149.

mudanças ocorreu em Cuba e muitas delas estiveram em consonância com os valores morais e estéticos do campo socialista.

Destacamos também que no XXII Congresso do PCUS (1961) foi elaborado o documento “Código moral do construtor do comunismo”, um conjunto com 12 leis¹²²⁹ que os comunistas deveriam seguir naquela etapa, que era, como apontamos, considerada como o momento de construção do comunismo dentro da URSS. A previsão era que, em duas décadas, o Estado soviético fosse extinto. Os desdobramentos desse evento tiveram impactos em Cuba e dentro dos PC’s, especialmente no debate sobre a construção do homem novo.

Consideramos que, como salientou Baczko após comentar a obra de Michelet sobre a Revolução Francesa, que processos revolucionários abrem possibilidades para um novo imaginário, mitos e esperanças, são momentos vividos como únicos, quando “tudo se torna possível”.¹²³⁰ Assim, como notamos que os comunistas transformaram algumas de suas representações para responder à realidade insular pós-1959, decidimos apresentá-las a seguir para mostrar o que permaneceu e até que ponto o antigo PSP se “abriu” para as novas representações colocadas pela Revolução.

4.3.1. O homem novo revolucionário: debates teóricos e práticas sociais

Em Cuba, com a Revolução e a adoção do socialismo em 1961, ocorreu não somente uma mudança das instituições e das leis, mas também dos costumes e das práticas sociais, sendo que alguns elementos (os símbolos, as representações e as mitologias) da cultura política comunista foram reforçados e/ou ressignificados. Como em outros processos revolucionários, discutiu-se amplamente na Ilha a afirmação de novos valores que deveriam conformar o comportamento dos/as cubanos/as e contribuir para a construção do socialismo naquele país.

Se antes da Revolução, o Partido Socialista Popular já havia se pronunciado em relação ao assunto, depois de 1961, a questão se tornou mais latente. Na passagem a seguir, observamos a consciência que os comunistas tinham da importância da moralidade e dos valores para a fundação de uma nova sociedade:

¹²²⁹ Lealdade ao comunismo; trabalho consciente; conservação do bem comum; intolerância com os preconceitos; ajuda mútua; relações humanas e respeito mútuo; honestidade, sinceridade, pureza moral, simplicidade e modéstia nas relações sociais e privadas; respeito na família e preocupação com a educação das crianças; intransigência ante a injustiça, parasitismo, desonestidade, ambição e especulação; amizade com os povos revolucionários, intolerância com toda atividade hostil de caráter nacionalista e racista; intolerância com os inimigos do comunismo, paz e liberdade dos povos; e solidariedade fraterna com os trabalhadores e todos os povos. Ver: PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *Código moral do construtor do comunismo*. Disponível: <https://www.filosofia.org/enc/ros/codi.htm>. Acesso em: 5/5/2021.

¹²³⁰ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: LEACH, Edmund *et. al.* *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 303.

[...] a moralidade é um produto da sociedade, que se modifica com o desenvolvimento e a mudança da sociedade, que alguns aspectos dela se usam para justificar o regime existente e para preservá-lo da ação dos oprimidos (como quando se predica conformidade e resignação ante a miséria, a exploração e injustiça) e outros servem para a manutenção e proteção da sociedade, como quando se predica contra os vícios e desenfreamento.¹²³¹

A cultura política revolucionária e socialista em Cuba se constituiu como um amálgama de influências, como é comum acontecer com as culturas políticas. Nas representações visuais, como já mostramos, os elementos característicos do Movimento 26 de Julho que predominaram desde 1959 foram o uniforme verde oliva, as barbas dos rebeldes e uso das armas em eventos públicos. O museu da Revolução, fundado em dezembro de 1959, reforçou o papel do MR-26-7 ao representar esse grupo e a guerra de guerrilhas, de modo predominante, em suas exposições.

A *Sierra Maestra* também se tornou um local de experiência e legitimação da Revolução. Encontramos uma reportagem que falava da chegada em Havana de docentes que haviam ido para a *Sierra* “para se fazer professores no sacrifício, na dedicação e no patriotismo, condições essenciais e indispensáveis nas credenciais da nova Cuba”.¹²³² E, ainda, em meados de 1960, as primeiras brigadas juvenis de trabalho começaram a se deslocar, inicialmente, para essa região, onde os jovens iriam para as escolas tecnológicas e de reflorestamento. Pelos exemplos, percebemos que o governo selecionou aquele local como um espaço de aprendizado e de experiência. Ressaltamos que ali foi onde as guerrilhas se desenvolveram, portanto o local representava o MR-26-7 e, na medida em que ele foi selecionado como espaço de formação das Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR) e dos professores, essa é mais demonstração da afirmação dos símbolos do MR-26-7, da noção de rebeldia e do uso da violência associado a esse grupo.

Entretanto, quando analisamos mais detidamente os imaginários, as mitologias e os comportamentos, observamos também que vários elementos da cultura política comunista do PSP foram incorporados àquela cultura política revolucionária e socialista criada, difundida e inculcada após a Revolução. Por isso, defendemos que a cultura política que se formou depois de 1959, na Ilha, foi uma mescla de referências e pensamos que os socialistas populares tiveram grande importância na configuração das mitologias, representações e autorrepresentações da e na Revolução Cubana.

¹²³¹ ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 150.

¹²³² PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Se prepara el recibimiento a los maestros. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 106, 24 de agosto de 1960, p. 3.

Um exemplo dessa junção é a representação sobre o homem novo, que se tornou, em Cuba, tema central no debate acerca da construção do socialismo nos anos de 1960. No discurso dos comunistas, vários daqueles elementos que apresentamos no capítulo anterior se mantiveram. Agora, a alusão aos sacrifícios em prol da ideologia se intensificou, afinal, tratava-se de um esforço para construir o socialismo. O PSP salientou, em 1960, que todos deveriam estar prontos para sofrer privações, pois o estrangulamento econômico havia gerado escassez e os cubanos teriam que se preparar para sofrer os efeitos da crise. Segundo o Partido, dentre as tarefas dos revolucionários, além de manejar armas e estar dispostos a lutar até a morte, estava o abandono das comodidades, adotar o ônibus como meio de transporte e abandonar o automóvel para evitar o consumo de derivados de petróleo, se alimentar de forma mais contida se Cuba estivesse fazendo racionamento de alimentos e ainda:¹²³³

Que todo mundo esteja disposto a lutar até a morte para garantir a vitória da pátria e da revolução, se se alçam os contrarrevolucionários, se invadem os mercenários e traidores ou se vêm os intervencionistas norte-americanos com seus “marines”. [...] Que em cada cubano se faça firme e inquebrantável essa resolução: sofreremos tudo, porém não nos colocaremos de joelhos; antes mortos do que voltar a escravidão semicolonial, é melhor morrer lutando, que viver de joelhos.¹²³⁴

Aqui, quando os socialistas populares frisaram que os cubanos deveriam “lutar até a morte”, eles estavam defendendo o recurso às armas como um meio eficaz de defender a Revolução e perpetuá-la. O PSP passou a defender os treinamentos militares e as Milícias Nacionais Revolucionárias. É claro que havia um contexto de ataques armados estrangeiros, mas, de qualquer forma, não podemos deixar de notar que o discurso socialista se transformou. Desse modo, o homem novo revolucionário e comunista, na concepção do Partido, deveria pegar em armas:

O primeiro que se deve fazer é agarrar a arma e então com a arma, que pode abater os contrarrevolucionários, avançar. Nos primeiros momentos pode existir confusão ante um ataque e a tarefa dos membros do Partido é manter os nervos serenos. Deve-se estar absolutamente sereno, infundir serenidade aos demais para poder marchar e abater o inimigo.¹²³⁵

¹²³³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 29 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 19, 19 de marzo de 1960, p. 6. Lembramos que esse discurso foi produzido em um contexto de escassez de alimentos e de petróleo, quando os Estados Unidos começaram a impedir e cancelar o envio desses produtos para Cuba.

¹²³⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 29 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 19, 12 de marzo de 1960, p. 6.

¹²³⁵ ROCA, Blas. Conclusiones de Blas Roca sobre los puntos II, III y IV del orden del día. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 398.

Notamos que o Partido reforçou o comportamento militar e a ação armada que era associada ao MR-26-7. Assim, a adoção dessa representação foi uma forma também de associar a Revolução Cubana à violência. Em outro momento, o Partido alegou: “O povo armado é a melhor garantia da liberdade, da democracia e dos direitos do povo” e isso nos leva a acreditar que os socialistas populares passaram a atribuir a continuidade do processo revolucionário ao uso das armas para a sua defesa. Assim, notamos que uma mudança no discurso partidário foi, em nossa compreensão, tanto parte de uma leitura conjuntural como a incorporação de uma ideia defendida pelo MR-26-7.

Em março de 1960, o PSP destacou o exemplo de um camponês, chamado Serapio Suárez Lopez, que, durante o bombardeamento de aviões estrangeiros em sua região, se juntou aos membros do exército para perseguir aqueles que estavam atacando a Ilha. O PSP destacou que López não permaneceu indiferente, não fugiu; ele soube atuar, soube cumprir seu dever, fez o que teria feito Camilo Cienfuegos.¹²³⁶ Com esse exemplo, os socialistas populares reforçavam também valores como a iniciativa e o voluntarismo, antes já defendidos pelo Partido, e agora tidos como fundamentais para a defesa da Revolução.

É evidente que essa defesa das armas também era uma resposta conjuntural aos ataques da contrarrevolução. Em termos práticos, o Partido, inclusive, estimulou seus membros a entrarem nas Milícias Nacionais Revolucionárias (MNR). Encontramos uma crítica de Blas Roca aos comunistas que queriam se tornar comandantes, ao invés de ingressarem com baixas patentes e cargos dentro das MNR. O secretário geral do PSP salientou: “Aqui há muita gente que ficou com vontade de dar uns tiros por aí porque não foi à *Sierra*. Digo que vão ter a oportunidade de dar muitos tiros e receber muitos mais”.¹²³⁷ Quando, a partir de 1963, o governo discutiu a possibilidade de implantação do serviço militar obrigatório, os comunistas apoiaram a proposta alegando que ela:

Nos dará hoje os soldados necessários ao grau elevadíssimo da vigilância que a difícil situação internacional e os novos planos contra cubanos do imperialismo requerem e nos dará amanhã melhores cidadãos, fortes física e espiritualmente, educados no patriotismo socialista e no internacionalismo proletário. [...]. A Revolução tem que levar esses jovens ao trabalho, estudo, a preocupação pelos destinos da Pátria, a estar em condições de acudir ao chamado às armas em instantes de perigo.¹²³⁸

¹²³⁶ VALDES VIVÓ, Raúl. En el frente de las ideas: Serapio. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 69, 23 de marzo de 1960, p. 1.

¹²³⁷ ROCA, Blas. Conclusiones de Blas Roca sobre los puntos II, III e IV del orden del día. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 399.

¹²³⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: un valioso instrumento para educar a la juventud. *Noticias de Hoy*, año XXV, nº 179, 30 de julio de 1963, p. 1.

A defesa das armas, porém, voltava-se somente para a defesa da Revolução. Em matéria de política externa, os comunistas mantiveram seu apoio à coexistência pacífica. Quer dizer, perpetuaram o discurso defendido pela União Soviética, pelos PC's e pelo PSP desde o começo dos anos 1950. Isso se chocava com a concepção de alguns líderes da Revolução Cubana de expandir as guerrilhas para outros países da América Latina, o que nos mostra a existência de discursos e representações díspares dentro do governo.

A preparação física também foi um elemento importante naquele contexto, porque, por um lado, era uma condição para os treinamentos das milícias e, por outro, os esportes e o condicionamento dos atletas passaram a ser um dos sinais dos êxitos da Revolução. Na ocasião da criação do Instituto Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação (INDER), encontramos a seguinte passagem em *Noticias de Hoy*: “O esporte é um auxiliar das atividades de outro caráter que tendem a elevar a consciência revolucionária na forja do homem novo, do homem do socialismo, em nosso país”.¹²³⁹ E ainda:

Ao cessar o profissionalismo comercial e ter as massas, pela primeira vez na história de Cuba, amplo acesso ao esporte, o jogo se fez verdadeiramente nacional, liquidando-se a penetração imperialista estrangeira e conseguiu a honrosa categoria de efetivo esporte. [...]. Esporte de massas que contribuiu para a criação do heroico povo que constrói o socialismo. O trabalhador que se sacrifica em seu trabalho diário e acode às trincheiras sem vacilar, tem no esporte um merecido e são entretenimento, que lhe dá novas forças físicas e também uma visão mais completa da sociedade que ele mesmo edifica, onde florescerão a arte, a cultura e o esporte.¹²⁴⁰

Dentro da cultura política comunista, a prática esportiva foi um campo onde alguns valores puderam ser provados. Marion Fontaine, ao estudar as representações do futebol em jornais comunistas franceses, concluiu que esse esporte estava associado à criação de um senso político na cultura esportiva, que deveria externalizar valores como a colaboração, coragem, solidariedade e virilidade.¹²⁴¹ Além, é claro, do êxito nas competições que era tido como a comprovação do sucesso das políticas públicas empreendidas pelos países socialistas.

Outros valores importantes do homem novo revolucionário e socialista relacionados à defesa da Revolução eram a discrição e a vigilância. Manuel Luzardo destacou que a discrição sobre os acordos e assuntos internos da Revolução era a “regra de ouro” para os revolucionários,

¹²³⁹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: listos para vencer... y para vivir. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 140, 15 de junio de 1961, p. 1.

¹²⁴⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: obra de los músculos y el corazón del pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 39, 15 de febrero de 1963, p. 1.

¹²⁴¹ FONTAINE, Marion. Sport, travail et identité ouvrière : la presse communiste du Nord face au football. In: ATTALI, Michaël; COMBEAU-MARI, Évelyne. *Le sport dans la presse communiste*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 151-162.

porque a divulgação de informações poderia ajudar os inimigos de Cuba.¹²⁴² E a vigilância foi tão importante, em termos estratégicos e como valor prático, que os Comitês de Defesa da Revolução (CDR) foram criados para reforçá-la.

O homem novo cubano deveria, além de pegar em armas, defender a Revolução e ter uma boa preparação física, ser socialista e estar ideologicamente preparado. Um dos modelos que reunia essas qualidades era Fidel Castro, que foi representado nos meios de comunicação oficiais como detentor desses valores. A ele foi atribuída uma militância socialista desde os anos 1950, como observamos:

Nosso herói nacional, Fidel Castro, organizador e chefe da revolução, estudava o marxismo-leninismo e inspirava sua ação revolucionária nos nobres ideais socialistas da classe trabalhadora. Por isso, é historicamente falso apresentar os heróis de Moncada como alheios aos ideais da Cuba socialista de hoje.¹²⁴³

Fidel Castro representava o arquétipo do homem novo: primeiramente era um homem, guerrilheiro, comunista desde a época da luta insurrecional, que participava do trabalho voluntário, manejava armas e estava disposto a dar a vida pela Revolução. Por possuir essas qualidades, ele era considerado o herói e o exemplo para a nação, como observamos na passagem acima.

O voluntarismo, exemplificado nas imagens de Castro e Guevara cortando cana de açúcar aos domingos, foi talvez o valor mais importante nos primeiros anos da Revolução. As instituições governamentais criaram programas para estimular o trabalho voluntário, seja na produção, na vigilância ou na defesa. Logo em janeiro de 1959, a *Frente Obrero Nacional Unido* (FONU) criou brigadas de voluntários para reparar indústrias e estradas.¹²⁴⁴ E, no começo de 1960, vários setores produtivos iniciaram a doação de parte dos salários dos trabalhadores para ajudar nas tarefas da Revolução. Tanto a doação dos salários como a prestação de serviço de forma gratuita foram ações constantes ao longo dos anos 1960. Sobre o assunto, o PSP considerava que:

Há quem, para ganhar méritos pessoais, apelam ao sacrifício dos demais pedindo – o que não fazem eles – que trabalhadores e técnicos trabalhem grátis no tempo que devem ganhar o necessário para viver. Isso não é justo. É justo, porém, que os operários, camponeses, depois de cumprir sua jornada remunerada, trabalhem gratuitamente, como voluntário e entusiasta para a

¹²⁴² LUZARDO, Manuel. Informa do cuarto punto del orden del día correspondiente a la modificación de los estatutos. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 275.

¹²⁴³ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Editorial: Noveno aniversario del 26 de Julio. *Revista Cuba Socialista*, julio de 1962, año II, n° 11, p. 4.

¹²⁴⁴ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Unidad obrera-revolucionaria es la base firme de apoyo del gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 4, 9 de enero de 1959, p. 1.

obra construtiva da revolução, para o melhor da comunidade local. Não é justo exigir que os que tem que levar o pão a sua família trabalhem todo o tempo gratuitamente, como se fossem latifundiários que vivem de rendimentos.¹²⁴⁵

A Confederação dos Trabalhadores de Cuba (CTC) havia se comprometido, em meados de 1959, em contribuir com 4% dos salários dos seus filiados que quisessem participar da campanha de industrialização, para a qual esse valor seria destinado.¹²⁴⁶ O Partido criticou essa medida, porque considerou que ela retirava parte de ganho do trabalhar. As perspectivas do PSP e do MR-26-7 sobre o trabalho voluntário, as emulações e a formas de incentivo à produção eram conflituosas. No texto de Ernesto Guevara, publicado em 1965, intitulado “O homem novo e o socialismo em Cuba”, ele defendeu os estímulos morais para a construção do homem novo, ou seja, a retribuição feita com diplomas, medalhas e bônus. Segundo Luiz Bernardo Pericás, Guevara não acreditava que, se implantados, os estímulos materiais desapareceriam, o que geraria uma contradição na sociedade socialista, porque ao invés do estímulo engendrar valores solidários, estimularia a individualização e o egoísmo.¹²⁴⁷

Já os membros do PSP alegavam que os trabalhadores deveriam receber viagens, eletrodomésticos, bens materiais como condecoração por seus sacrifícios em prol da Revolução, portanto defendiam os estímulos materiais como meio de incentivar o trabalho e as ações voluntárias. Em boa parte dos anos 1960, Guevara e Carlos Rafael Rodríguez debateram a questão dos estímulos e já indicamos que ambas as formas de retribuição foram adotadas pelo governo cubano nessa década. A polêmica sobre as retribuições se encerrou na “ofensiva revolucionária”, em 1968, quando o governo decidiu eliminar as recompensas materiais e o pagamento de hora extra em detrimento do trabalho voluntário gratuito,¹²⁴⁸ mostrando que a proposta de Guevara prevaleceu nesse debate.

Ernesto Guevara e o PSP convergiam em relação à noção de que a formação de uma nova mentalidade era imprescindível para a edificação do socialismo e, na visão de Guevara, a juventude teria um papel fundamental na construção do homem novo, porque estaria livre “do pecado original”,¹²⁴⁹ ou seja, dos costumes e do contato com a sociedade burguesa. No discurso

¹²⁴⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 29 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, nº 19, 12 de marzo de 1960, s/p.

¹²⁴⁶ BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*, p. 36.

¹²⁴⁷ PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o homem novo. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 103.

¹²⁴⁸ HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*, p. 23.

¹²⁴⁹ GUEVARA, Ernesto. El hombre nuevo y el socialismo en Cuba. *Revista Marcha* (Montevideo), 12 de marzo de 1965, nº 1246, p. 20.

dos órgãos oficiais, o trabalho voluntário, além de ser representado como uma contribuição às tarefas econômicas do processo, também era visto como “[...] uma escola do comunismo, de união fraternal entre os homens para que a economia avançasse, sem que seja mediado por outro interesse que não a satisfação de cumprir com a Pátria Socialista”.¹²⁵⁰ Ou seja, era visto como uma ação política que engendrava a ideologia e auxiliava na formação de um comportamento verdadeiramente revolucionário.

Além disso, na visão dos comunistas, o envolvimento da população nas campanhas promovidas pelo governo era um sinal de apoio ao projeto revolucionário bem como de mudança da mentalidade, agora orientada pela solidariedade e coletividade definidoras da moral socialista que estava sendo construída.¹²⁵¹ Na visão da pesquisadora argentina Claudia Hilb, a participação nas atividades propostas pelo governo, como o trabalho voluntário, a atuação nos eventos políticos e órgãos governamentais, como os CDR’s e a campanha de alfabetização, passaram a ser considerados demonstrações de apoio à Revolução e, em certos casos, um condicionante para o acesso à universidade, a certos empregos, à promoção na carreira profissional.¹²⁵² As indicações da autora demonstram outro efeito daquele que encontramos nas fontes, que, por um lado, é a configuração de valores e práticas que serviram quase como um pré-requisito para a ascensão política dentro da Revolução e, por outro, denota a impossibilidade de promoção ou mesmo a exclusão daqueles classificados como não detentores desses valores.

Assim como o Partido estimulou o voluntarismo, também condenou o ausentismo, a falta ao trabalho e qualquer outra atitude que pudesse paralisar as atividades produtivas da Revolução. E a extensão da crítica dos comunistas abrangia situações bem específicas. Em certa ocasião, o PSP criticou os motoristas de ônibus que deixavam os trabalhadores em locais errados, porque isso atrasava a chegada do “leiteiro, sapateiro, membro da defesa popular” ao trabalho e estimulava a impontualidade.¹²⁵³

Além da crítica ao ausentismo, o PSP alegou que os erros dos trabalhadores também deveriam ser punidos, como observamos na passagem: “[...] acreditamos que é correto que certas faltas de um administrador de uma granja sejam sancionadas condenando-o a trabalhar na limpeza da cana ou em algum outro trabalho agrícola intenso ou manual por um tempo

¹²⁵⁰ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Comentarios del mes. *Revista Cuba Socialista*, agosto de 1964, año IV, n° 36, p. 110.

¹²⁵¹ BLAS, Roca. La moral socialista, nueva fuerza que impulsa al Pueblo de Cuba. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 166, 15 de julio de 1961, p. 2.

¹²⁵² HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*, p. 46.

¹²⁵³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Julio: mes sin ausentismo. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 144, 19 de junio de 1964, p. 1.

determinado”.¹²⁵⁴ É importante salientarmos que antes da Revolução, o PSP defendeu as paralisações, greves e o enfrentamento dos trabalhadores com as forças patronais. Mas, principalmente após as nacionalizações de 1960, a propriedade das grandes empresas passou a ser estatal e ausentar-se, assim como as lutas por demandas trabalhistas e as greves, passou a ser considerados ato contra o Estado revolucionário. Ademais, um trabalhador exemplar, além da boa conduta em seu ofício, pontualidade e envolvimento nas tarefas revolucionárias, deveria:

[...] aceitar a revolução socialista, estar disposto a defendê-la à custa de todo o risco, ter uma moral impecável e um passado limpo de todo o contato com a tirania, bem como com o *mujalismo*, ou ter pertencido a qualquer um de seus corpos repressivos ou ter votado ou sido candidato nas eleições-farsa da tirania de 1958.¹²⁵⁵

Após assinalar as qualidades de um trabalhador exemplar, Joel Domench destacou que, em uma assembleia, uma trabalhadora denunciou a própria irmã por ter votado nas eleições de 1958. Outro exemplo de conduta encontramos na descrição de quando um trabalhador que, mesmo não sendo um “homem jovem” e tendo a perna machucada, havia passado pela prova dos 62 quilômetros, porque queria entrar nas Milícias Nacionais Revolucionárias.¹²⁵⁶ Esse tipo de história era recorrente nos meios do PSP, pois fazia parte da construção de um modelo de comportamento que engendrava valores como o sacrifício, a abnegação e o voluntarismo.

Outro fator que forjava valores, na concepção dos socialistas populares, era a base material da sociedade. Isso podemos perceber na passagem escrita por Blas Roca: “Uma casa estreita, escura, anti-higiênica não ajuda na superação espiritual e moral dos que a habitam. A promiscuidade, o desleixo e o abatimento são seus resultados. Uma casa confortável, ainda que seja modesta, higiênica, ventilada, ajudará aos que a habitam se superar cultural, moral e espiritualmente”.¹²⁵⁷ A concepção de que a infraestrutura (as condições econômicas) determinava os elementos da consciência aparece claramente na passagem anterior e mostra como estavam arraigados os esquemas interpretativos do marxismo na concepção dos socialistas populares, que propagaram esse discurso desde os anos 1930, mostrando com isso um continuidade nas ideias defendidas por eles. Tendo isso em vista, o PSP defendeu a melhoria das condições sociais com um programa amplo, como mostramos nos capítulos anteriores, bem

¹²⁵⁴ ROCA, Blas. Aclaraciones: la sanción a un administrador. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 214, 10 de septiembre de 1963, p. 2.

¹²⁵⁵ DOMENECH, Joel. Experiencias del trabajo de reestructuración y depuración de las ORI's en La Habana. *Revista Cuba Socialista*, junio de 1962, año II, n° 10, p. 33.

¹²⁵⁶ Uma parte do treinamento das Milícias Nacionais Revolucionárias consistia em uma caminhada de 62 quilômetros, na qual o candidato que queria entrar na organização deveria carregar todo o seu equipamento militar. Ver: MARTÍNEZ PEREZ, Liliana. *Los hijos de saturno: intelectuales y revolución en Cuba*, p. 90.

¹²⁵⁷ ROCA, Blas. Aclaraciones: el mejoramiento material y espiritual del hombre. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 238, 8 de octubre de 1963, p. 2.

como os programas governamentais que pudessem garantir melhores condições de vida para os cubanos. Em decorrência disso, por exemplo, as leis de diminuição dos aluguéis e tarifas telefônicas foram celebradas e apoiadas pelo Partido.

Outro ponto central para a formação do homem novo foi a “desamericanização” da sociedade cubana, mais uma pauta política presente na documentação partidária desde os anos 1930. Uma das primeiras propostas do PSP, em 1959, foi “limpar” o idioma espanhol de expressões estrangeiras, ou seja, trocar as palavras em inglês cotidianamente usadas em Cuba por expressões em espanhol, como consta na passagem:

[...] podemos, para começar, proibir que se inscrevam mais estabelecimentos se não escrevem seu nome em castelhano. Se pode dar também facilidades àqueles estabelecimentos que hoje tem nome em inglês para que o substituam por seu equivalente em nosso idioma. Podemos impedir que sigam importando produtos sem a etiqueta, instruções, legendas etc., em castelhano. [...]. Na nova Cuba teremos que nos acostumar a pensar em espanhol, nos obrigar a pedir o rum puro antes de dizer ao garçom: me dê um “strike”.¹²⁵⁸

De acordo com o Partido, em um ato de cooperativistas da área do açúcar, surgiu a consigna “batata doce sim, chiclete, não!” Segundo o PSP, essa frase era um símbolo do lema “Cuba sim, ianques, não”. Além disso, a nova consigna representava também uma resposta ao que os comunistas chamavam de “submissão do cubano ao padrão de consumo ianque” e propunha, com isso, uma ruptura com hábitos e costumes considerados nocivos porque representavam os Estados Unidos. Edith García Buchaca comentou que se sentia muito feliz ao viajar pelas rodovias cubanas e não encontrar mais os letreiros em inglês fixados nas faixadas das centrais açucareiras que foram nacionalizadas em 1960.¹²⁵⁹ O Partido fez questão de divulgar acontecimentos desse tipo, que foram usados para mostrar como o processo revolucionário era nacionalista e voltado para os interesses das massas. E completaram a ideia alegando que havia uma necessidade de abandonar as referências aos Estados Unidos quando Rodríguez escreveu:

Quando se disse com amargura que éramos um povo *cocacolizado*, se aludia a essa vassalagem que ia desde o gosto musical pelo *rock and roll* até a leitura de Mike Spillane. Para vencer a batalha nacional que temos adiante, devemos abandonar essa psicologia que nos escraviza. [...] o que importa é poder escapar do cerco ianque que aproveitará também essa dependência espiritual para criar dificuldades para revolução. Há quem está disposto a empunhar um

¹²⁵⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Limpiemos el idioma de expresiones extranjeras. *Noticias de Hoy*, año XXI, nº 70, 28 de marzo de 1959, p. 3.

¹²⁵⁹ GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

rifle, porém lhe parece impossível deixar de se barbear com Gillette. Sem se dar conta que uma e outra coisa são parte da mesma batalha.¹²⁶⁰

César Escalante, corroborando com a ideia anterior de Carlos Rafael Rodríguez, defendeu a necessidade de educar a juventude com um “espírito espartano na defesa da pátria e do socialismo”, no respeito às tradições nacionais, no companheirismo e sacrifício. Para isso, era preciso combater a “ignorância e superstição, a vulgaridade, os amaneiramentos e o “*rockanrolismo*””.¹²⁶¹ O anti-imperialismo era um elemento fortíssimo da cultura política comunista desde o surgimento do Partido, porém, após a Revolução, ele se intensificou. A ofensiva militar da contrarrevolução, impulsionada pelos Estados Unidos, com os atentados, as sabotagens e os ataques armados para destruir a Revolução, fez com que o PSP denunciasse, com razão, as agressões que efetivamente a Ilha estava sofrendo e, evidentemente, esse cenário impulsionou o antiamericanismo dentro de Cuba.

Porém, acreditamos que essas denúncias passaram parcialmente para o campo do mito da conspiração a partir do momento em que, na literatura partidária, todos os opositores foram considerados como agentes da CIA, elementos infiltrados e pagos pelos Estados Unidos. Ou seja, nos discursos políticos dos comunistas, encontramos uma generalização associando todos os opositores e qualquer forma de oposição à Revolução aos interesses dos EUA, o que não era verdade em todos os casos. Essa perspectiva dicotômica, como destacou Dênis de Moraes ao analisar o caso brasileiro, na qual o “outro era sempre adversário” e sempre havia um obstáculo a ceifar, era resultado de uma ótica stalinista,¹²⁶² que se perpetuou dentro do PSP pela “geração de 30” e se intensificou com os embates da Revolução Cubana.

Como mostramos, desde os anos 1940, o PSP tinha associado os Estados Unidos e o capitalismo às lacras sociais e essa vinculação entre o inimigo e a degeneração moral é outro elemento do discurso político do Partido que se perpetuou.¹²⁶³ Com a Revolução, era preciso, então, extirpar essas influências do meio social cubano para que o homem novo pudesse ser construído. Assim, o jornal *Noticias de Hoy* publicou várias denúncias contra determinadas práticas associadas ao “imperialismo” e com o objetivo de “*cubanizar*” a Revolução. Na descrição do lumpemproletariado, a título de exemplo, o jornal apontou: “Propagam as manias e aberrações que se manifestam na América do Norte, os vícios, as degenerações. Esses são os

¹²⁶⁰ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. “Malanga sí, chicles no”. *Noticias de Hoy*, año XXII, nº 187, 13 de agosto de 1960, p. 1.

¹²⁶¹ ESCALANTE, Cesar. Lo fundamental en la propaganda revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1963, año III, nº 25, p. 29.

¹²⁶² MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 202.

¹²⁶³ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*, p. 40.

que tentaram escandalizar nos cinemas, [...], os que promovem a incultura, o afeminado, a desfaçatez e o cinismo”.¹²⁶⁴ Aqui, percebemos a continuidade de um discurso que associava a influência dos EUA, da burguesia e do capitalismo às práticas e atitudes condenadas, de forma preconceituosa, pelos socialistas. Esse estereótipo construído pelo Partido foi compartilhado por vários dirigentes da Revolução. Raúl Castro, ao descrever o processo de fortalecimento das forças armadas e o aumento da vigilância dentro da organização, escreveu:

[...] descobrimos em nossas unidades alguns elementos religiosos, acérrimos inimigos de nossa Revolução; foi detectado mais de um afeminado. Alguns jovens que tinham confusões sobre diversas questões, que pretendiam abandonar as forças armadas e até sair do país, evoluíram como consequência desse trabalho, do contato direto com os comunistas e se converteram em bons soldados.¹²⁶⁵

Na passagem, observamos uma concepção da ideologia como redentora dos “desvios” morais e ideológicos, uma representação do comunismo como garantia de que os cubanos se comportariam de acordo com os valores elencados pelos dirigentes revolucionários. Tanto na passagem de Roca quanto de Castro, a crítica aos “afeminados” aparece. O combate à homossexualidade fez parte do discurso e da prática de vários setores da Revolução, não somente dos comunistas. Esses, como indicamos no capítulo dois, vinham construindo há décadas uma narrativa de valorização da heterossexualidade/masculinidade e condenação da homossexualidade, com a associação dela, muitas vezes, aos Estados Unidos. Percebemos a manutenção desse discurso em um texto de Roca de 1963:

[...] Fidel Castro, justamente indignado por alguns fatos, condenava certas manifestações de “*elvispreslianismo*” de jovens que, violão nas mãos, cabelo caído sobre o rosto, calças apertadas se exibiam em atitudes “*feminoides*” [sic] em diversos lugares da capital e pretendiam invadir a zona de nossos estudantes. De onde vem o “*elvispreslianismo*”? Da divulgação, em Cuba, através de todos os canais, do modelo nascido no meio social dos Estados Unidos.¹²⁶⁶

Destacamos anteriormente que, no julgamento de Marcos Rodríguez, a sexualidade e os hábitos dele, como andar de sandálias, foram indicados como sinais de não enquadramento ao padrão do homem novo revolucionário¹²⁶⁷ e isso teria contribuído para a traição que ele cometeu. Em nossa perspectiva, essa concepção demonstra uma interpretação mecânica,

¹²⁶⁴ ROCA, Blas. Aclaraciones: que hacer con el lumpen? *Noticias de Hoy*, año XXV, nº 106, 5 de mayo de 1963, p. 2.

¹²⁶⁵ CASTRO, Raúl. Problemas del funcionamiento del Partido en las FAR. *Revista Cuba Socialista*, nº 55, março de 1966, p. 57.

¹²⁶⁶ ROCA, Blas. Aclaraciones: V parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, nº 303, 24 de diciembre de 1963, p. 2.

¹²⁶⁷ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 255.

conservadora e preconceituosa dos comunistas, porque exalta apenas a virilidade do homem. Além disso, lembramos que foram poucas as mulheres que se destacam dentro do PSP e do governo revolucionário, e há poucas memórias sobre essas mulheres nas fontes.

De acordo com Lillian Guerra, o Ministério de Saúde Pública de Cuba concluiu, em 1965, que a homossexualidade, representada pela propaganda “imperialista” como uma vulnerabilidade natural, era uma condição que impedia que se chegasse a uma verdadeira versão do homem novo,¹²⁶⁸ o que justificava o esforço da Revolução para reeducar os homossexuais. A autora também indicou que o governo cubano criou um centro para a educação especial de meninos “afeminados”, filhos de mães solteiras, “temendo que esses meninos pudessem ‘infectar os outros.’”¹²⁶⁹

Em 1967, quando Carlos Rafael Rodríguez foi questionado sobre os artistas estadunidense que se opunham ao regime capitalista, ele destacou: “[...] esses meninos de cabelos longos, guitarra e calças apertadas são, nos Estados Unidos, a expressão de um espírito de protesto [...], uma tradição revolucionária”.¹²⁷⁰ Isto é, segundo o velho dirigente socialista, o comportamento e hábitos descritos eram uma manifestação de uma cultura de resistência e seria errôneo associá-los à homossexualidade no contexto estadunidense, porque eles tinham um papel progressista e aqueles modos não os faziam homossexuais.

O mesmo não era aplicável em Cuba. Como Rodríguez salientou, muitas manifestações que seriam “lícitas” foram tomadas por “gente ilícita”, assim, ao exemplificar seu posicionamento, Carlos Rafael Rodríguez enfatizou que, na Ilha, havia uma associação entre a homossexualidade e a sandália (chinelo), objeto usado pelos homossexuais “para ostentação de sua homossexualidade” e isso provocava uma atitude hostil da população”.¹²⁷¹ Em resumo, “cabelos longos, guitarra e calça apertada” nos EUA eram sinais de protesto da contracultura e, em Cuba, haviam sido “apropriados” como elementos de identificação dos homossexuais, portanto, não deveriam ser aceitos.

Rodríguez criticou as posições extremas daqueles que achavam que, para ser modernos, deveriam se vestir de certa forma ou ter o cabelo de certa maneira. Ele alegou que nada demonstrava que o socialismo estava vinculado a uma forma de se vestir.¹²⁷² Porém, completou: “parece aconselhável [...] que nos coloquemos a pensar na elaboração de formas de vestir que ao mesmo tempo em que sejam modernas e belas estejam em consonância com o espírito e a

¹²⁶⁸ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 229.

¹²⁶⁹ Ibidem, p. 239.

¹²⁷⁰ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3. La Habana: Ediciones Unión, 1987, p. 547.

¹²⁷¹ Ibidem, p. 548.

¹²⁷² Ibidem, p. 549.

moral de nossa sociedade”.¹²⁷³ O comunismo do século XX teve uma dimensão íntima, privada, era um modo de ser e se identificar no mundo e a forma de se comportar pública e privadamente (roupa, cabelo, acessórios, trejeitos) deveria corresponder à seriedade daqueles que defendiam uma ideologia científica. Em nossa concepção, essas representações foram, muitas vezes, exageradas, controversas e preconceituosas, geraram discriminações e até punições severas.

Além da homossexualidade, a prostituição e os bordeis, os jogos e cassinos, elementos igualmente condenados pelos comunistas, foram alvos privilegiados das ações de combate do governo. Como Giliard Prado apontou, Fidel Castro associou a prostituição ao sistema capitalista e burguês,¹²⁷⁴ assim como a homossexualidade também era associada, e, naquele contexto, a “extinção de práticas e valores sociais identificados com o passado capitalista significava para o governo cubano atestar os êxitos alcançados pela Revolução, oferecendo as obras por ela realizadas à contemplação pública”.¹²⁷⁵ Uma das primeiras e mais significativas ações dessa “extirpação” foi *La noche de los 3 P’s*, uma operação policial feita em Havana, no dia 1º de outubro de 1961, destinada a realizar prisões em massa de proxenetas, prostitutas e pederastas, ou seja, uma ação estatal para enquadrar e punir os comportamentos “desviados”.

De acordo com Lillian Guerra, uma das estratégias de controle da Revolução frente à ameaça dos Estados Unidos foi juntar o moralismo com o militarismo e, assim, tentar reabilitar os dissidentes e os “contaminados pelos valores imperialistas com o trabalho manual e a persuasão política”.¹²⁷⁶ O Conselho Superior de Defesa Social foi o órgão responsável por dar conta dessas “demandas sociais”, que foram solucionadas com prisões, internações e programas de reeducação moral. Em 1964, encontramos informações de que as prostitutas estavam sendo “internadas” em centros onde tinham que trabalhar em oficinas têxteis. Nesses locais, elas recebiam educação formal, participavam de cursos de capacitação política e praticavam exercícios físicos. Nesse mesmo ano, alguns “desviados” e/ou criminosos foram submetidos à “tratamento de reeducação” e direcionados às granjas para cumprir pena realizando trabalhos agrícolas.¹²⁷⁷

Em 1965, foram criadas as Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAP’s), campos de trabalho forçado que existiram até 1968. Para lá, foram direcionados grupos de religiosos que eram contrários à Revolução, homossexuais, hippies, dentre outras pessoas consideradas

¹²⁷³ Ibidem, p. 549.

¹²⁷⁴ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 62.

¹²⁷⁵ Ibidem.

¹²⁷⁶ GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*, p. 25.

¹²⁷⁷ CUBA, Santiago. La lucha contra la delincuencia. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1964, año IV, nº 40, p. 31-32.

como “lacras sociais”. Não encontramos menções explícitas dos comunistas, nos documentos escritos pelos antigos membros do Partido, de apoio público às UMAP’s, mas pensamos que, por eles fazerem parte do governo e comungarem com os valores do homem novo cubano, revolucionário e socialista, muitos dos antigos socialistas populares concordaram com o funcionamento das Unidades.

Essa tentativa de “extirpar” velhos hábitos tinha como fundamento os “pecados de origem” que os cubanos carregavam, isto é, comportamentos e valores arraigados que eram um reflexo da sociedade anterior, capitalista e individualista, sendo esse um obstáculo para forjar a nova moralidade, como Roca apontou:

A nova sociedade não se faz com homens novos, fabricados especialmente para viver no socialismo e se comportar como verdadeiros socialistas; se constrói com os mesmos sete milhões de cubanos que nasceram, se educaram e atuaram, até 1958, no regime neocolonial, latifundiário e burguês cujos modos, costumes, ideias, tendências etc., ainda em partes conservam, em partes lhes influem. [...] Nem todos tem o mesmo grau de consciência revolucionária, de disposição para o trabalho, de conhecimentos e de habilidade para as diversas tarefas que se requer.¹²⁷⁸

Por acreditarem que seus contemporâneos carregavam esse “pecado” é que pensamos que o PSP apoiou e participou das iniciativas estatais que objetivavam fundar o homem novo, não somente as UMAP’s, mas os programas educacionais e culturais da Revolução. Completando o excerto anterior de Roca, em 1973, Carlos Rafael Rodríguez disse em uma entrevista:

Nós não pensamos que construímos o homem novo, nós pensamos que estamos começando a construir o homem novo, e sobretudo esse homem novo será o jovem de nossos dias; é difícil que o homem novo saia de nós, dos que vivemos sob a ótica do capitalismo, da exploração, inclusive daqueles que tiveram um nível de consciência revolucionária, porque estamos demasiado viciados pelo que foi nossa atmosfera social e política.¹²⁷⁹

Além de associar o que havia de ruim na sociedade cubana aos EUA, ao capitalismo e ao individualismo, alguns desses hábitos, costumes e práticas também foram vinculados à ditadura de Batista e, por isso, foram combatidos. O jogo foi um desses costumes considerados como um “símbolo nefasto e corrupto da tirania batistiana”, uma “vergonha nacional”, “uma

¹²⁷⁸ ROCA, Blas. Aclaraciones: no hay que desesperarse ni confundirse por las dificultades: hay que luchar para vencerlas. *Noticias de Hoy*, año XXV, nº 227, 25 de septiembre de 1963, p. 2.

¹²⁷⁹ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 489.

“lacra”.¹²⁸⁰ Sobre os jogos de aposta, encontramos a seguinte passagem escrita por Roca que o associou a ideais nocivos, como a exploração, o aproveitamento e o egoísmo:

Não há nem deve haver na sociedade socialista lugar para o jogo de apostas, que tem sua culminação ao se converter em modo de vida de jogadores e em método de saque ao homem que trabalha. O jogo de interesse produz os vacantes, os depravados, que aperfeiçoam toda classe de armadilhas e enganos para despojar aos incautos, aos que colocam os pesos de seu salário na mesa de aposta. [...] Por isso a revolução extirpa o jogo, promove o esporte, facilita o entretenimento.¹²⁸¹

A campanha pela “moralização” efetuada pelo governo e impulsionada pelo PSP começou ainda em 1959, com medidas como a recuperação de bens para restituir à pátria o patrimônio roubado pelos corruptos, com a reorganização do exército para depurar aqueles que estiveram vinculados ao regime anterior e com a condenação do jogo organizado. O combate ao jogo foi acompanhado por outras campanhas como o combate ao alcoolismo, um “meio de corrupção e perversão da juventude”.¹²⁸² Além disso, em uma reunião da *Asociación Nacional de Agricultores Pequeños* (ANAP), consta o seguinte repúdio: “As brigas de galo afastam o trabalhador de suas obrigações, de seu lugar”, disseram alguns. “Não ajudam em nada a produção, ao trabalhador, a Revolução, disseram outros... Porém todos os presentes, com distintas frases, condenaram unanimemente as brigas de galo”.¹²⁸³ Pelos exemplos citados, percebemos que o processo de construção do homem novo foi bastante abrangente e se pautou na transformação de inúmeras práticas, costumes e manifestações populares.

A construção do homem novo, porém, não se restringiu à condenação e proibição de práticas, costumes e modos de ser, ela se voltou para a definição de atitudes, comportamentos e hábitos que deveriam estimular a criação de uma nova consciência social e política e, como mostraremos, muitas dessas já eram praticadas pelo PSP.

Nos meses após a adoção oficial do socialismo, o governo cubano iniciou as campanhas de emulação, ou seja, adotou uma prática política comum aos PC’s. Também iniciou as premiações dos trabalhadores que se destacaram em seus ofícios. Em 1964, os “heróis do trabalho” ganharam viagens à URSS e à China. Luiz Bernardo Pericás apontou que os estímulos materiais (viagens, premiações com bens materiais, como geladeiras, motocicletas, entre outros

¹²⁸⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La marcha de la revolución: el Pueblo aplaude los pasos del gobierno de la República. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 4, 9 de enero de 1959, p. 3.

¹²⁸¹ ROCA, Blas. Aclaraciones: qué hacer con el dominó. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 236, 5 de octubre de 1963, p. 2.

¹²⁸² CALCINES, Ramón. Un congreso de la Juventud para defender y hacer avanzar la revolución. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164, p. 23.

¹²⁸³ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Fidel resume hoy congreso de ANAP; importantes acuerdos. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 188, 9 de agosto de 1963, p. 1.

objetos) ganharam força em detrimento dos estímulos morais por volta de 1965¹²⁸⁴ e, como indicamos, eram os antigos membros do PSP que defendiam a recompensa material. Inclusive, alguns nomes das emulações do PSP foram mantidos. Em 1962, o governo premiou com a ordem “Jesus Menéndez”, que pertenceu ao PSP, os trabalhadores que conseguiram cortar 200 arrobas de cana.¹²⁸⁵ Além dessa, existia também a ordem Camilo Cienfuegos. Encontramos novamente outro exemplo de amálgama de referências oriundas do PSP e do MR-26-7.

Outras práticas políticas comuns à cultura política comunista e ao PSP adotadas pelo governo revolucionário foram as campanhas de recrutamento para o novo partido e a seleção rigorosa dos quadros partidários. Para ingressar no PURS, como salientamos, o processo era o mesmo daquele adotado pelos socialistas populares (entrevista, análise da biografia), assim como as práticas internas de ambos eram iguais (o carnê do partido, a necessidade do militante informar se fosse se deslocar, as sessões de crítica e autocrítica).

Além disso, notamos que muitas emulações ocorreram para celebrar as efemérides importantes que foram selecionadas pelo governo revolucionário. Assim, as datas festivas não eram somente um momento de construção da memória revolucionária, mas também eram épocas de intensificação do trabalho voluntário e incremento da produção. Encontramos várias reportagens em *Noticias de Hoy* representando o trabalho voluntário como um “presente” para a comemoração de alguma data importante.¹²⁸⁶ Lembramos que as emulações do PSP também foram organizadas, na maioria das vezes, de acordo com os eventos celebrativos do Partido e, então, temos aqui outro exemplo de prática política dos socialistas populares que foi adotada pelo governo revolucionário.

As emulações foram feitas também nas escolas, com a atribuição do título de “aluno de vanguarda” para os estudantes que não faltassem as aulas e tivessem boas notas. Em 1961, o governo criou a *Unión de los Pioneros Rebeldes*,¹²⁸⁷ um programa voltado para a inculcação dos valores comunistas e para o desenvolvimento cultural, esportivo e recreativo de crianças e adolescentes. De acordo com *Noticias de Hoy*, esse tipo de estímulo tinha a função de despertar o “espírito de responsabilidade” e de criar um sentido de coletividade. Novamente percebemos,

¹²⁸⁴ PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o homem novo, p. 106.

¹²⁸⁵ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Análisis de una gran batalla. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 142, 19 de junio de 1962, p. 1.

¹²⁸⁶ Na edição de 15/7/65 do jornal, aparece que os trabalhadores de uma empresa de farinha haviam realizado um milhão de horas de trabalho voluntário. Já no dia 17 do mesmo mês, trabalhadores agrícolas se comprometeram em aumentar a sementeira. Ambos os gestos eram uma forma de homenagear o dia 26 de julho que se aproximava.

¹²⁸⁷ A União Soviética e os países do bloco socialista tinham programas com o mesmo nome (pioneiros) e que funcionavam com o mesmo objetivo.

na passagem abaixo, a crença de que a prática política iria engendrar a ideologia, o que denota uma visão mecânica da realidade:

Não há dúvidas de que este novo método para impulsionar a educação infantil, unida ao gradual vínculo do ensino com o trabalho criador, fundamento da sociedade de homens livres que estamos construindo na Pátria completamente soberana, ajudará ao objetivo central de nossa educação: forjar os melhores construtores do socialismo. A emulação escolar, o mesmo que emulação socialista dos trabalhadores, é arma da luta contra o individualismo, a irresponsabilidade, a indisciplina, a debilidade, a vacância e demais vícios herdados do passado odioso.¹²⁸⁸

A Revolução formulou sua própria vitrine de heróis, que incluía, como já apontamos, além dos mártires do MR-26-7, também a José Martí, Antonio Maceo e o comunista Julio Antonio Mella. E o PSP manteve a celebração dos natalícios e da morte de seus heróis, como Mella, Ruben Martínez Villena e Jesus Menéndez. Enquanto o *Noticias de Hoy* foi publicado, encontramos ali reportagens que mencionavam peregrinações aos túmulos e/ou outras celebrações das efemérides partidárias. Esses acontecimentos eram eventos que davam coesão ao grupo e acreditamos que mantê-los também foi um modo de perpetuar os vínculos entre os membros do PSP, mesmo após a dissolução da agrupação. Mella e Villena também foram reivindicados por Fidel Castro no momento em que a Revolução criou mecanismos para legitimar o socialismo em Cuba. Segundo Giliard Prado, o governo pretendia criar uma unidade e coerência e “apresentar a transição ao socialismo como uma continuidade do percurso ideológico da Revolução”, de inserir o processo revolucionário nas “leis da história”¹²⁸⁹ e os dois fundadores do Partido Comunista Cubano foram selecionados como os precursores da Revolução de 1959. Então, aqui encontramos, uma vez mais, a recorrência do governo à cultura política comunista, no caso aos seus heróis, como forma de autolegitimação.

Outro ritual socialista adotado pela Revolução foi o envio de saudações aos seus aliados políticos, nas datas ou nos acontecimentos importantes, mas agora era o governo cubano o correspondente oficial com os partidos comunistas e, muitas vezes, era o nome de Fidel Castro que aparecia como emissor, afinal ele era a voz autorizada para falar em nome do Estado cubano.¹²⁹⁰

Em 1965, *Noticias de Hoy* publicou os cumprimentos estrangeiros que o Partido Comunista de Cuba recebeu pelos seus 40 anos e ocorreram atos de comemoração do citado

¹²⁸⁸ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: la emulación de los constructores del futuro. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 28, 2 de febrero de 1964, p. 1.

¹²⁸⁹ PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana*, p. 155-156.

¹²⁹⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Saludo de Fidel al PC búlgaro. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 276, 11 de noviembre de 1962, p. 1.

natalício. Aqui notamos que a celebração era uma referência ao antigo Partido, que já não existia, mas havia ainda o desejo dos envolvidos de festejar aquela data, ou seja, de realizar mais uma ação de coesão e sociabilidade, que era a festa em homenagem ao PSP, o que mostra o desejo de manter a memória da trajetória dos antigos socialistas populares.

Além das práticas políticas estimuladas e das restrições comportamentais e valorativas, o governo cubano e os socialistas populares pensavam que a formação de uma nova mentalidade deveria contar com as artes e a educação como instrumentos imprescindíveis para edificar a sociedade socialista, porque ambas eram canais de transmissão e inculcação da nova ideologia e dos princípios morais.

4.3.2. O envolvimento dos comunistas no debate sobre as artes revolucionárias

Não encontramos nenhuma investigação sobre a atuação do PSP no campo das artes, apesar do profundo envolvimento de seus membros nele. Os membros do Partido consideravam as atividades artísticas e intelectuais como fatores fundamentais dentro do debate ideológico e da construção do socialismo. Desde a década de 1930, Juan Marinello, Mirta Aguirre e Nicolás Guillén já haviam se envolvido em discussões estéticas, por exemplo, nas revistas culturais *Mediodia* e na *Revista de Avance*.

No movimento comunista internacional, a partir dos anos 1930, houve a definição de um padrão estético conhecido como realismo socialista, que se tornou uma doutrina oficial da cultura na época de Stalin, a partir do I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934. Essa política cultural, que previa fórmulas estéticas baseadas na ideologia, também ficou conhecida como *zhdanovismo*, em razão da atuação e concepção de Andrei Zdanov,¹²⁹¹ dirigente do PCUS responsável por formular parte dos valores e das práticas culturais da URSS. Uma definição do realismo socialista pode ser encontrada no Estatuto da União dos Escritores Soviéticos, onde consta que:

O realismo socialista, que é o método fundamental da literatura soviética, exige do artista uma figuração verídica e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Ao mesmo tempo, a veracidade e concreticidade histórica da figuração artística da realidade devem se unir à tarefa da remodelação ideológica e da educação dos trabalhadores no espírito do socialismo.¹²⁹²

¹²⁹¹ STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao *zhdanovismo*. In: SOCHOR, Lubomír *et. al.* *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional. Volume 9. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987, p. 153.

¹²⁹² UNIÃO DOS ESCRITORES SOVIÉTICOS apud STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao *zhdanovismo*, p. 192.

Essa definição de um padrão oficial levou à exclusão, perseguição e prisão dos artistas e intelectuais que não concordavam ou se enquadravam nas normas do realismo socialista. Como Carine Dalmás apontou, a arte realista, defendida dentro do Movimento Comunista Internacional desde a década de 1930, primava por uma representação dos heróis (operário), da vitória inevitável do movimento revolucionário, do cotidiano dos trabalhadores e camponeses,¹²⁹³ e fugir dessas temáticas era um fator de perseguição aos intelectuais e artistas. Desde os anos 1940, o PSP também incorporou ao seu repertório de representações as orientações soviéticas sobre as artes. Em 1950, os socialistas populares lançaram um documento chamado “Sobre o trabalho do Partido no campo intelectual”, explicando sua linha estética e nele encontramos uma defesa do realismo socialista, uma crítica à arte formalista e ao existencialismo.

O formalismo “caracteriza a preocupação do artista, seja escritor, pintor ou compositor, com o aspecto formal do instrumento [...]”¹²⁹⁴ e significou, dentro do MCI, uma “rejeição liminar e global de tudo quanto possa ser abrangido pela expressão “arte pela arte”, a opinião de que o artista existe por direito próprio e só está sujeito às próprias leis”.¹²⁹⁵ Dentro da concepção do realismo socialista, pensamento e ação têm significado social, então devem refletir uma perspectiva específica. Como salientou Carew Hunt, a arte deveria expressar a realidade objetiva definida pelo próprio partido.¹²⁹⁶ Observamos essa ideia no documento socialista popular de 1950, onde encontramos a seguinte passagem:

Devemos considerar progressistas todas aquelas tendências intelectuais, científicas, artísticas que resistam, sequer seja débil ou inconsequente, a penetração ideológica do imperialismo norte-americano, temos que trabalhar para arrancar dessa influência aos escritores que se deixaram arrastar a ela sem se ter entregue totalmente aos interesses do imperialismo. Qual deve ser nossa atitude para aqueles escritores e artistas que sem pertencer a nossas filas, podem não obstante, ser incluídos entre as filas dos elementos progressistas? Coalizão em tudo o que se refira aos problemas gerais da política, a ciência, literatura e a arte, em que por representar de alguma maneira os interesses nacionais frente a penetração e ofensiva imperialistas, estas forças coincidem conosco. [...].¹²⁹⁷

O documento elucidou que a tarefa central do Partido era “ajudar os escritores, artistas, cientistas” a entenderem “os elementos básicos da ideologia marxista leninista”, para que

¹²⁹³ DALMÁS, Carine. Os comunistas, a cultura e a política das frentes populares. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 194.

¹²⁹⁴ HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*. São Paulo: Dominus Editora, 1964, p. 92.

¹²⁹⁵ Ibidem, p. 93.

¹²⁹⁶ Ibidem, p. 152.

¹²⁹⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos do PSP: sobre o trabalho do partido no campo intelectual. *Revista Fundamentos*, dezembro de 1950, año X, nº 105, p. 1136.

“aprendam a focar os problemas em suas respectivas atividades”. O fato do intelectual e do artista não compreenderem os “vícios do formalismo”, não era razão para sua expulsão do PSP, porém:

[...] o partido tem normas estéticas, enraizadas no realismo socialista. Não pode, por isso, adotar uma postura neutra ante as correntes formalistas ou os erros científicos. Se no filosófico combatemos a religião, na literatura e na arte temos que dar batalha as ideias do existencialismo, do formalismo, aos desvios pragmáticos. Somos obrigados a educar ao intelectual e ao artista por meio de uma crítica rigorosa de sua atividade estética”.¹²⁹⁸

O Partido se posicionou contrário à “neutralidade” no campo da cultura, afinal acreditava que seus militantes deveriam sempre manifestar suas posições marxista-leninistas. Uma das falácias do formalismo, segundo o PSP, era a tendência de achar que o trabalho do escritor ou artista se dividia entre o trabalho para as massas e trabalho “não político”, atitude condenada pelos comunistas porque eles consideravam que não havia uma separação entre a forma e o conteúdo e todas as manifestações artísticas traziam, necessariamente, uma mensagem política.¹²⁹⁹

Assim, uma boa obra de arte era aquela em que, sem separar forma e conteúdo, porque isso era impossível na concepção do PSP, “a ‘propaganda’ não aparece como coisa deliberada, mas é fruto do impacto natural que a obra produz no leitor ou espectador”.¹³⁰⁰ Nessa concepção, a produção artística e intelectual implicava automaticamente um engajamento político e um posicionamento ideológico. Por considerar que as artes tinham uma função social é que os comunistas se preocuparam com o modo como seu conteúdo era transmitido. Eles alegavam que não havia arte inacessível para as massas e que os artistas e intelectuais deveriam se preocupar em produzir conteúdo baseados nos métodos científicos e literários da URSS.¹³⁰¹

De acordo com Mariana Martins Villaça, uma das características do realismo socialista traçada pela militante socialista popular Mirta Aguirre era a “mitificação do que era considerado genuinamente popular”.¹³⁰² Essa mitificação se concretizou, muitas vezes, em uma representação de uma massa que precisava melhorar seu nível cultural, que deveria receber melhores “ofertas” culturais e desembocou em algumas polêmicas, como naquela em que Blas Roca defendeu, em 1963, a proibição da exibição de certos filmes dentro da Ilha por considerar

¹²⁹⁸ Ibidem, p. 1140.

¹²⁹⁹ Ibidem, p. 1141.

¹³⁰⁰ Ibidem.

¹³⁰¹ Ibidem, p. 1144.

¹³⁰² VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 55.

que eles não ajudavam a formar uma consciência crítica dos trabalhadores, o que demonstra uma visão cristalizada, e até mesmo simplória, do que era essa categoria.

Um episódio da década de 1950 mostra o impacto da adoção do realismo pelos socialistas populares. Juan Marinello denunciou o desvio ideológico do poeta Navarro Luna, militante do PSP, que escreveu um poema considerado pessimista e fez alusão à tristeza provocada pela morte da própria mãe. O poema é o seguinte:

La luz mía, pura y tierna
 Mas de cien años brilló
 Como era una madre, yo
 Llegué a pensar que era eterna.
 La sombra que nos gobierna
 Desde su sombra infinita
 Un luminar necesita
 Para la muerta alumbrar
 Y ya tiene el luminar
 de mi dulce viejecita¹³⁰³

No texto, segundo Marinello, Luna “expressou concepções idealistas” e fez alusões a poderes sobrenaturais, ao plano divino, indo, por isso, contra ao materialismo-dialético que “nos ensina que o mundo se desenvolve com arranjo das leis que regem o movimento da matéria sem necessidade de nenhum “espírito universal”, nem sombras eternas que nos governam desde o infinito [...].¹³⁰⁴ Esse tipo alusão aos “entes sobrenaturais” era contrário ao ateísmo defendido pelo PSP e ao realismo socialista, porque não se referia ao sujeito central do marxismo (proletariado), nem às experiências desses sujeitos (a vida na fábrica, no campo, etc.), nem era objetivo e claro em sua mensagem, mas, ao contrário, possuía uma linguagem metafísica, elementos desprezados pelo realismo socialista. Outro poema de Luna foi criticado por Marinello:

Si pronto de aqui me voy
 Me irá con firme pisada, y no será la jornada
 Tan difícil de seguir,
 Pues me queda por morir,
 En realidad, casi nada.
 Mori cuando ella murió
 y me enterraron con ella!¹³⁰⁵

As ideias dos versos acima eram inaceitáveis para um comunista, pois um militante convicto deveria, obrigatoriamente, ter esperança no futuro e não podia expressar pessimismo,

¹³⁰³ MARINELLO, Juan. Informe de Juan Marinello en la reunión de intelectuales del Partido. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, nº 129, p. 1111.

¹³⁰⁴ *Ibidem*, p. 1111.

¹³⁰⁵ *Ibidem*, p. 1112.

afinal aqueles homens e aquelas mulheres acreditavam que estavam muito próximos de viverem em uma sociedade comunista. A falta de esperança contida no poema e a vontade de morrer do eu-lírico poderiam ser entendidas como uma descrença na derrocada do capitalismo ou abrir brecha para uma interpretação subjetiva do texto. Além disso, o “desespero” contido nos versos era um sinal da falta de controle emocional e de temperança, dois valores fundamentais daquela cultura política. De acordo com Juan Marinello, Navarro Luna havia se apresentado como alguém que renuncia à luta pelo futuro, pela vida, uma atitude inadmissível para o presidente do PSP.¹³⁰⁶

Em outro documento, destinado a orientar o trabalho artístico e intelectual de seus membros, consta que o PSP deveria se concentrar em três problemas, os quais deixam evidente a ingerência do Partido na vida e produção intelectual de seus filiados, e a noção de engajamento esperada dos militantes comunistas:

a) vigilância na obra dos militantes [...]; b) trabalho de frente única nas organizações culturais [...]; c) divulgação de nossas próprias ideias e princípios estéticos e científicos, e desenvolvimento de uma constante e esclarecedora polêmica com nossos inimigos ideológicos. Como parte dessa atividade de divulgação é necessário popularizar os avanços no terreno cultural, da União Soviética, as democracias populares e a república popular chinesa. O estudo das experiências soviéticas é um ponto de Partido indispensável para toda nossa atividade.¹³⁰⁷

O texto citado foi publicado na revista chamada *Mensajes*, órgão de imprensa do PSP fundado 1955 com o objetivo de “demarcar” os “modos estéticos, critérios filosóficos e concepções científicas”.¹³⁰⁸ Pensamos que a criação de uma publicação destinada exclusivamente ao debate sobre as artes, no contexto da ditadura, demonstra a importância que o assunto tinha para o Partido. Além disso, Carlos Rafael Rodríguez sinalizou, em 1956, o impacto do XX Congresso do PCUS no campo artístico dentro da URSS e de Cuba¹³⁰⁹ e, então, pensamos que a revista também serviu para aglutinar e impulsionar as atividades dos intelectuais e artistas que se afastaram do Partido após o citado evento:

Seria ingênuo de nossa parte não reconhecer até que ponto numerosos representantes do melhor do pensamento e da arte em Cuba e no mundo, para as transcendentais conquistas de toda ordem que a URSS significou no processo da humanidade, lhes demonstravam a superioridade intrínseca do socialismo como sistema, se viram reprimidos, porém, pela presença na vida

¹³⁰⁶ Ibidem.

¹³⁰⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Mensajes*. Febrero de 1955, año 1, n° 1, p. 2.

¹³⁰⁸ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 487.

¹³⁰⁹ Ver o ponto 2.5. do capítulo 2.

soviética dessas manifestações indesejáveis que colocavam limites nocivos para a obra de cientistas, novelistas, músicos e artistas plásticos.¹³¹⁰

Nesse mesmo ano, encontramos outro documento do PSP com orientações sobre as artes, no qual o Partido assinalou o déficit de produção dos intelectuais comunistas, pois, se na poesia eles contavam com o exemplo de Nicolás Guillén, na prosa ainda não tinham produzido “a grande novela anti-imperialista ou social”. O texto deu orientações sobre a produção de uma arte de “nível superior e adequada às massas”, sem vulgarizações e chamou a atenção para a “falsa ideia de que basta oferecer aos trabalhadores obras de conteúdo mais ou menos progressista, ainda que a envoltura artística das mesmas seja deficiente”.¹³¹¹

Além desse esforço teórico de elaborar documentos destinados aos artistas e intelectuais e monitorar os trabalhos desses profissionais, o Partido construiu uma imprensa e difundiu nela seus valores estéticos. Como destacou Guanche, a experiência do PSP no campo da cultura e da divulgação era grande e compreendeu os seguintes meios: “o diário *Noticias de Hoy*, a *Cuba Sono Films*, a União de Escritores e Artistas de Cuba (fundada nos anos 1940), a emissora *Mil Diez* e a edição das revistas *CTC*, *El comunista*, *Fundamentos*, *Dialéctica*, *Gaceta del Caribe*, *Nuevas Letras*, *Cuba y la URSS*, *Mensajes e Cuadernos marxistas*”.¹³¹² Em 1951, a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* e a revista *Nuestro Tiempo* foram fundadas e reuniram vários intelectuais comunistas e outros pensadores críticos ao Partido, como Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante.

Inegavelmente, o PSP era a organização mais bem estruturada quando a Revolução começou e após 1959 – depois de anos de perseguição aos artistas, intelectuais e à imprensa comunistas –, o Partido reestruturou seus meios de comunicação e se envolveu nos debates dentro do campo da cultura e nas políticas públicas estatais nessa área. De acordo com Nicolás Guillén, assim que ele retornou a Cuba após a queda da ditadura, Ernesto Guevara solicitou um encontro para lhe comunicar que ele e Fidel pretendiam organizar as instituições culturais para apoiar a Revolução e esperam que Guillén pudesse realizar um recital no quartel de *La Cabaña* e desempenhar outras atividades culturais.¹³¹³

¹³¹⁰ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael, op. cit. Esse afastamento dos intelectuais comunistas dos PC's aconteceu em vários países. Por exemplo, Jorge Amado rompeu com o PCB após o XX Congresso.

¹³¹¹ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Sobre el contenido y la orientación del arte revolucionario. *Revista Fundamentos*, agosto-setiembre-octubre de 1956, año XVI, nº 148, p. 34.

¹³¹² GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*. La Habana: Ruth Casa Editorial, 2008, p. 48.

¹³¹³ GUILLÉN, Nicolás. *Páginas cubanas: autobiografía de un poeta na revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 144.

Além de Guillén, Mirta Aguirre, Juan Marinello e Edith García Buchaca foram os dirigentes do PSP que mais se envolveram nessas questões. Em abril de 1959, Aguirre publicou uma série de reportagens em *Noticias de Hoy* para esclarecer a posição dos socialistas populares em relação ao papel do teatro nacional. Ela destacou que havia uma divisão entre os artistas e os trabalhadores empregados nas atividades teatrais que refletia a própria divisão da sociedade cubana entre direta, centro e esquerda. Alegou que o teatro deveria servir à Revolução, porque, segundo ela, “um teatro sensível e bem orientado em todos os seus ramos, desde a tragédia até o vaudeville, pode mudar, em poucos anos, a sensibilidade do povo”.¹³¹⁴ Na mesma ocasião, Aguirre apontou que as três formas de teatro (as peças destinadas para minorias altamente cultas, para as grandes massas e para a difusão da propaganda revolucionária) deveriam coexistir. A dirigente socialista considerava que, dentro do campo intelectual, havia pessoas mal orientadas ideologicamente que deveriam ser convencidas pelas ideias avançadas das massas populares. Segundo ela:

[...] quando projetamos uma obra artística de nível popular, temos que estar preparados para combater, sem contemplações, todo desvio para a vulgaridade, toda falsa ideia de que basta oferecer aos trabalhadores obras de conteúdo mais ou menos progressista, ainda que a envoltura artística das mesmas seja eficiente. O primeiro que temos que vencer neste aspecto é o conceito, tão falso como estendido, de que escrever para o povo é coisa fácil. Escrever para o povo, sem diminuir o gosto artístico popular, mas depurando-o e elevando-o, é tarefa que exige escrupuloso cuidado e grande maestria.¹³¹⁵

O problema colocado por Aguirre se relaciona com a oferta de arte de qualidade para as massas, com um conteúdo revolucionário e depurado das influências estrangeiras. Sobre essa questão, Edith García Buchaca defendeu que a “cultura imperialista” deveria ser “varrida” para que o povo cubano pudesse se desenvolver de acordo com sua “nova estrutura política e econômica”.¹³¹⁶ A dirigente socialista afirmou que era necessária a união de todos os intelectuais, independente de seus critérios estéticos, pois uma aliança naquele momento era fundamental para revalorizar o patrimônio cultural cubano e desenvolver seus “elementos nacionais e progressistas”.¹³¹⁷ Nesse contexto, os comunistas pediam a unidade em diversas áreas e diziam aceitar formas estéticas alheias ao realismo expressadas por membros fora do Partido, ideia que irá mudar com o tempo. Esse discurso de unidade no campo artístico tem relação com a concepção dos comunistas sobre a etapa da Revolução. García Buchaca indicou

¹³¹⁴ AGUIRRE, Mirta. Teatro y revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 94, 25 de abril de 1959, p. 3.

¹³¹⁵ AGUIRRE, Mirta. Tres caminos para el teatro. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 95, 26 de abril de 1959, p. 3.

¹³¹⁶ GARCÍA BUCHACA, Edith. Los intelectuales y la revolución. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154, p. 84.

¹³¹⁷ *Ibidem*.

que era preciso, naquele momento, desenvolver uma cultura nacional anti-imperialista, antifeudal e não socialista,¹³¹⁸ ou seja, a política cultural do PSP seguia sua interpretação etapista do processo revolucionário.

Apesar de alegar a aceitação de algumas formas, o conteúdo deveria sempre ser revolucionário e refletir “o melhor da vida e o sentir do nosso povo, despojando a arte e a literatura das deformações e influências nocivas”.¹³¹⁹ Esse esforço por depurar a cultura dos elementos “imperialistas” apareceu também na defesa feita por Honório Muñoz dos direitos autorais dos músicos e da indústria musical cubana, a qual, segundo ele, era dominada por interesses estadunidenses. Um reflexo disso, segundo Muñoz, era a adoção de “gêneros, estilos e modos de tratar nossas faculdades de criação musical”, que não correspondiam às características culturais cubanas, como “elementos cosmopolitas, que implicavam a dissolução dos valores nacionais”.¹³²⁰ A crítica ao cosmopolitismo nas artes foi feita por outros comunistas. Pablo Neruda, por exemplo, denunciou escritores e revistas latino-americanas que não se engajavam com a causa comunista e/ou com as questões políticas e sociais da região.¹³²¹

Na VIII Assembleia do PSP, o Partido estabeleceu sua política cultural e novamente García Buchaca e Mirta Aguirre foram as principais envolvidas na definição da linha partidária. Na fala da primeira, encontramos um exemplo de defesa da estética do realismo socialista quando ela apontou que obra artística deveria:

[...] surgir do contato íntimo de nossos criadores com o povo, abandonando o gabinete de trabalho ou a biblioteca para ir ao campo, à cooperativa, à central açucareira; às costas junto ao homem do povo ou os pescadores, para conhecer de perto as inquietudes e esperanças de nosso povo para poder expressar melhor suas grandezas e privações; para entender até que extremo são esses homens os que estão forjando o porvir de Cuba.¹³²²

O contato com o povo era uma condição para que o artista pudesse refletir a realidade tal como ela era. Por isso, por exemplo, que os comunistas criticavam a arte abstrata, já que consideravam que ela negava o caráter histórico e de classes que as manifestações culturais deveriam ter. Consideravam, conseqüentemente, que não havia uma independência da cultura em relação à realidade¹³²³ e ir até as massas, “abandonar o gabinete”, era o método mais adequado de produção artística. Criar uma obra de arte de acordo com a nova realidade era

¹³¹⁸ Ibidem, p. 88.

¹³¹⁹ Ibidem, p. 84.

¹³²⁰ MUÑOZ, Honorio. Una solución nacional al problema autoral. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 232, 7 de octubre de 1959, p. 7.

¹³²¹ COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 122.

¹³²² GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 346

¹³²³ Ibidem, p. 348.

também uma forma de criar o homem novo, portanto as manifestações artísticas tinham que estar em consonância com a realidade e com os valores da Revolução, como Aníbal Escalante colocou:

Com a Revolução surgiram, estão surgindo novas necessidades técnicas e científicas que obrigam a reformas substanciais no ensino público e nossas ideias sobre a arte, e uma corrente cada vez mais forte para fazer servir a arte em todas suas manifestações ao povo, e até novos modos de pensar e novos costumes no povo, em correspondência com o poderoso sentimento nacional-libertador e anti-imperialista que sacode o país e com o trabalho coletivo no auge, com a conclusão revolucionária de que só a cooperação, o socialismo, podem abrir caminho a satisfação das necessidades e os anseios da felicidade das amplas maiorias nacionais.¹³²⁴

Na VIII Assembleia, a crítica aos estilos alheios ao realismo ficou mais explícita. García Buchaca disse que as “teorias abstracionistas e *artepuristas*” não estavam em consonância com o momento vivido pela Revolução e a arte deveria refletir as vitórias do povo cubano. A dirigente socialista também criticou alguns escritores e artistas que haviam levantado a questão da “cultura dirigida” com o objetivo de confundir e semear a divisão entre os intelectuais.

Edith García Buchaca salientou que os intelectuais alienados deveriam compreender que a separação entre a atividade política e a obra criadora refletia um conflito de consciência, um divórcio entre teoria e prática que deveria ser superado. Segundo ela, essas confusões prejudicaram a unidade entre os intelectuais e impediram, até então, a realização de um congresso de escritores que deveria unir efetivamente os intelectuais cubanos.

Essa defesa feita pelo PSP do realismo socialista gerou conflitos no campo das artes. E isso ocorreu, em grande parte, porque os comunistas foram ocupando cargos governamentais e implementaram uma política cultural que entrou em choque com artistas e intelectuais de outras tendências. De acordo com Julio César Guanche, tanto a *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, quanto a tentativa dos comunistas de criar, desde os anos trinta, uma associação que reunisse os intelectuais cubanos, serviram como bases institucionais para o campo da cultura no contexto da Revolução, pois representavam uma “experiência prática e organizativa”¹³²⁵ que as demais agrupações insulares não desfrutavam. E, por isso, os comunistas foram escolhidos para desempenhar papéis importantíssimos em instituições culturais. Após 1961, Nicolás Guillén foi

¹³²⁴ ESCALANTE, Aníbal. Informe del compañero Aníbal Escalante. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 239.

¹³²⁵ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 24.

escolhido como presidente da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC) e Edith García Buchaca foi presidenta do Conselho Nacional de Cultura (CNC).¹³²⁶

As polêmicas estéticas tiveram seu primeiro grande momento de debates durante o I Congresso de Escritores e Artistas, ocorrido em junho de 1961. Nas vésperas desse evento, os comunistas publicaram um manifesto em que constam algumas de suas concepções sobre as artes, dentre elas, a ideia de deformação e desnacionalização da cultura cubana em prol dos gostos e modos “ianques”, a necessidade de recuperar as tradições culturais insulares e, principalmente, o esforço para “alcançar a plena identificação entre o caráter de nossas obras e a necessidade da Revolução”.¹³²⁷ O PSP defendia os valores estéticos soviéticos e, segundo Claudia Gilman, muitos artistas cubanos repudiavam o realismo socialista¹³²⁸.

Essa foi uma das temáticas do I Congresso dos Artistas e Intelectuais. Esse evento foi marcado por encontros na Biblioteca Nacional José Martí, que ocorreram nos dias 16, 23 e 30 de junho de 1961. Essas reuniões foram motivadas pela exibição do documentário P.M. (*Post-meridiem*), produzido por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez,¹³²⁹ considerado “inadequado” pelo CNC e pelos comunistas.¹³³⁰ Alfredo Guevara buscou um aconselhamento com Edith García Buchaca e ela sugeriu que ele proibisse a exibição do documentário. Diante da posição duvidosa do diretor do ICAIC, Buchaca disse que ela mesma iria proibir a exibição.¹³³¹ Após o Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC) proibir a exibição do documentário, os integrantes do suplemento *Lunes*,¹³³² do jornal *Revolución*,

¹³²⁶ O CNC foi criado em janeiro de 1961 e, segundo Miskulin, ele devia “orientar, planificar e dirigir as atividades culturais, contribuindo para o desenvolvimento da cultura nacional”. Ver: MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada: Imprensa e revolução cubana, 1959-1961*. São Paulo: Xamã, p. 178. Várias instituições estiveram sob a responsabilidade do CNC, como o ICAIC, o *Instituto de Derechos Musicales*, o *Instituto Cubano de Radiodifusión*, o *Movimiento de Artistas Aficionados* e a *Empresa de Grabaciones Musicales*. Ver: VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical*, p. 50.

¹³²⁷ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Primero congreso de escritores y artistas. Manifiesto de los intelectuales y artistas cubanos. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 134, 8 de junio de 1961, p. 2.

¹³²⁸ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012, p. 66-67.

¹³²⁹ Documentário que retratava a vida noturna de Havana e que foi considerado impróprio, contrarrevolucionário, por Mirta Aguirre e o ICAIC decidiu proibir a exibição dele. O diretor desse Instituto, Alfredo Guevara, argumentou que P.M. representou uma imagem do “pior dos mundos: a prostituição, o alcoolismo e o tráfico de drogas”, o que era incompatível com a Revolução. Ver: MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada*, p. 168. P.M. está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKvbUeqPYlo>. Acesso em: 1/5/2021.

¹³³⁰ VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical*, p. 47.

¹³³¹ SIERRA MADERO, Abel; GUERRA, Lillian. "No se sabía dónde estaba la verdad y dónde estaba la mentira": Entrevista a Edith García Buchaca, 30 de abril de 2012. *Cuban Studies*, Volume 45, 2017, p. 362.

¹³³² *Lunes* foi um suplemento cultural do jornal *Revolución*, que surgiu em março de 1959, e era publicado nas segundas-feiras. Ele foi dirigido por Guillermo Cabrera Infante e tinha Pablo Armando Fernández como subdiretor. Os editores do suplemento consideravam que “era necessário elaborar a identidade da cultura cubana”, em consonância com a cultura universal, com experimentações estéticas plurais e críticas ao dogmatismo do realismo socialista. Ver: MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada*, p. 40-42, passim.

começaram a reunir assinaturas de intelectuais para pressionar a exibição do curta. O próprio suplemento foi o centro do debate daquelas reuniões.

De acordo com Silvia César Miskulin, por um lado, o suplemento veiculou muitos artigos que discutiram, e alguns criticaram o realismo socialista¹³³³, e, por outro, divulgou manifestações culturais (arte moderna e abstrata, os beatniks) que eram consideradas contrárias às exigências culturais da Revolução¹³³⁴ pelos comunistas. Os líderes do PSP, Carlos Rafael Rodríguez e Mirta Aguirre, declararam publicamente suas discordâncias com algumas publicações e com a orientação estética de *Lunes*.¹³³⁵ Nicolás Guillén questionou a publicação de correntes literárias estrangeiras e alegou que o suplemento, muitas vezes, desvinculava seu conteúdo dos acontecimentos nacionais,¹³³⁶ ou seja, não se comprometia em retratar a realidade cubana em suas páginas.

No segundo dia das reuniões, em 23 de junho, segundo Carlos Franqui, a “geografia” do poder político dentro da biblioteca foi organizada com uma tribuna onde estavam Fidel Castro, Carlos Rafael Rodríguez, Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca, Osvaldo Dorticós, Armando Hart, Alfredo Guevara e alguns comandantes e advogados.¹³³⁷ Encontramos na descrição dessa “geografia do poder” o nome de alguns importantes membros do PSP.

O pano de fundo desses encontros foi a polêmica entre os intelectuais sobre qual era a política cultural do governo cubano, que havia se declarado socialista há alguns poucos meses. Como salientou Julio César Guanche, nas reuniões, não se estabeleceu uma estética oficial, nem correntes teóricas, porém o governo indicou que não aceitaria produções que “atentassem” contra a Revolução.¹³³⁸ No discurso de Fidel Castro, que ficou conhecido como “Palavra aos intelectuais”, ele disse que a Revolução tinha o direito de “se defender” e definiu que o Estado teria a prerrogativa de dizer o que seria ou não aceito. Uma de suas frases se tornou emblemática para caracterizar a política cultural cubana: “dentro da Revolução, tudo, fora da Revolução, nenhum direito”.¹³³⁹

Devido ao caráter aberto do discurso, a dubiedade dele gerou conflitos entre as instituições culturais.¹³⁴⁰ Os comunistas fizeram sua própria interpretação da frase e concluíram

¹³³³ Ibidem, p. 127.

¹³³⁴ Ibidem, p. 159.

¹³³⁵ Ibidem, p. 161.

¹³³⁶ Ibidem, p. 164.

¹³³⁷ FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia com Fidel*, p. 133.

¹³³⁸ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 23.

¹³³⁹ CASTRO, Fidel. Conclusión de las Reuniones con los Intelectuales Cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 1º/6/2021.

¹³⁴⁰ Sobre o impacto desse discurso dentro do campo intelectual, Edith García Buchaca comentou que “não sabia onde estava a verdade e a mentira”, o que teria que fazer ou não. Agregou “Acredito que Fidel foi fantástico ao

que para estar “dentro da Revolução” era preciso adotar um padrão estético comunista e zdanovista, pois essa era a ideologia oficial de Cuba. Carlos Rafael Rodríguez alegou que o artista comunista estava “um pouco mais dentro da Revolução que aqueles que aceitam a Revolução sem trabalhar ardentemente pelos objetivos revolucionários, sem compartilhar todos os ideais da Revolução”.¹³⁴¹ Nessa passagem de 1967, ficou evidente que, para Rodríguez, artista revolucionário era artista comunista. Ainda que aqueles que não fossem comunistas pudessem participar do governo, das atividades artísticas e intelectuais, eles estavam mais fora da revolução, se comparados com os comunistas, pois estes, de fato, “compartilhavam de todos os ideais da Revolução”. Guillén comentou que a liberdade não era um bem absoluto: “Não queremos que a liberdade sirva aos nossos alagos para nos convertermos outra vez em escravos”.¹³⁴² Percebemos uma alusão à possibilidade de cercear a liberdade de criação caso isso facilitasse a ação dos inimigos, ideia que se materializou nas resoluções do Primeiro Congresso, onde encontramos:

Através da mais rigorosa crítica, nós, os escritores e artistas, depuraremos nossos meios de expressão a fim de fazê-los cada vez mais eficazes para o cumprimento dessa tarefa. Nosso contato direto com os trabalhadores manuais e com os problemas que, sob a direção do governo revolucionário, se acometem e resolvem nas fábricas, granjas e cooperativas, nos ajudará, estamos seguro disso, na formação revolucionária indispensável para a plena interpretação da realidade, base de toda genuína obra de arte.¹³⁴³

Nessa passagem, notamos um reflexo do realismo socialista em um documento oficial do governo. García Buchaca considerou que o encontro foi importante para eliminar alguns preconceitos entre grupos intelectuais e para aproximá-los. Porém, o que percebemos foi uma escalada das tensões e uma tentativa dos socialistas populares de imprimir suas concepções na cultura insular.

Um dos órgãos de controle governamental foi a UNEAC, instituição oficializada durante o I Congresso que tinha a função de agrupar e organizar o trabalho dos intelectuais.¹³⁴⁴ Como indicamos, Nicolás Guillén foi escolhido como presidente da *Unión* e José Antonio Portuondo, antigo dirigente do PSP, foi para o comitê diretor.¹³⁴⁵ Nesse momento, foi criada a

fazer isso [ao dizer “Dentro da Revolução tudo, contra a Revolução, nenhum direito”], porque isso deixou todo mundo contente”. Ver: SIERRA MADERO, Abel; GUERRA, Lillian. “No se sabía dónde estaba la verdad y dónde estaba la mentira”: Entrevista a Edith García Buchaca, p. 363.

¹³⁴¹ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 537-538.

¹³⁴² GUILLÉN, Nicolás. Bajo el socialismo, el intelectual sirve al Pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, nº 197, 20 de agosto de 1961, p. 3.

¹³⁴³ GARCÍA BUCHACA, Edith. El primer congreso de escritores y artistas cubanos. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1961, año 1, nº 2, p. 83.

¹³⁴⁴ MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura ilhada*, p. 182.

¹³⁴⁵ *Ibidem*, p. 186.

revista *Unión*, mesmo título da associação dos escritores e artistas cubanos, criada pelos comunistas, dos anos 1930, e de *La Gaceta de Cuba*, título inspirado em *La Gaceta del Caribe*, revista do PSP publicada na década de 1940.¹³⁴⁶ Segundo Silvia César Miskulin, a UNEAC centralizou as atividades culturais e “seguia os moldes das associações de escritores e artistas que existiam na União Soviética”.¹³⁴⁷

Além da UNEAC, o ICAIC e a CNC foram instituições que, de acordo com Guanche, ganharam a proeminência da definição da cultura, do estava “dentro da Revolução, em detrimento de Carlos Franqui”,¹³⁴⁸ por exemplo, que era o diretor do principal órgão de comunicação do MR-26-7. Com a definição do caráter socialista, então, como destacou Guanche, a Revolução passou a “operar uma fusão semântica-ideológica entre *Revolução* e *Socialismo*, que iria fazendo possível que os antissocialistas já não pudessem se proclamar revolucionários, e que a expressão *com* a Revolução na prática conotava *com* o socialismo”.¹³⁴⁹

Apesar da proliferação inicial de jornais e revistas após a vitória rebelde, o debate dentro do campo cultural foi diminuindo devido à nacionalização de várias publicações e gráficas pelo governo e, em decorrência disso, entre 1961 e 1965 o cenário cultural insular se transformou muito. Como destacou Mariana Martins Villaça, “gravadoras comerciais foram extintas, assim como as pesquisas de mercado sobre as preferências populares, a publicidade artística, as turnês individuais e toda forma de intermediação entre o meio fonográfico e o público que sugerisse alguma associação com o “mercado capitalista”.¹³⁵⁰ Em julho de 1960, o diretor e proprietário da revista *Bohemia*, Miguel Angel Quevedo, se exilou nos Estados Unidos e a publicação foi estatizada pelo governo revolucionário. O *Diario de la Marina* teve sua última edição em maio de 1961. No final desse ano, o suplemento *Lunes* de *Revolución* foi fechado e o suplemento cultural do jornal *Noticias de Hoy* parou de sair em fevereiro de 1962. De acordo com Bandeira, já no contexto da ofensiva revolucionária de 1968, o governo fechou o *Museo de Arte Contemporánea* e acabou com a crítica ao realismo socialista,¹³⁵¹ o que mostra um alinhamento no campo artístico, ao menos parte dele, com a URSS.

Voltando ao contexto do I Congresso, os militantes socialistas populares enfatizavam que, além do conteúdo, a forma também era importante, o que denota uma mudança no discurso partidário e um fechamento na delimitação dos padrões aceitos por seus membros. Guillén

¹³⁴⁶ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 24.

¹³⁴⁷ MISKULIN, Silvia Cezar, op. cit., p. 185.

¹³⁴⁸ GUANCHE, Julio César, op. cit., p. 26.

¹³⁴⁹ Ibidem, p. 26-27, grifo do autor.

¹³⁵⁰ VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical*, p. 50.

¹³⁵¹ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*, p. 602.

criticou o extremismo estético caracterizado, segundo ele, em “pinturas e esculturas agressivas, com homens com o punho alto, os lábios apertados e os olhos emitindo faíscas, que logicamente devem ser de cólera, ainda nesses casos em que olhos sejam de pedra”, que não refletiam a realidade, nem as melhores técnicas dos artistas.

Juan Marinello salientou que esperava que “talentos” que “tomaram o caminho da abstração e do hermetismo” retomassem seu curso e voltassem para servir ao processo libertador. O presidente do PSP ainda salientou que esperava o desaparecimento breve da arte não realista.¹³⁵² Outro militante socialista, que era maestro e musicólogo, José Ardévol destacou sua inconformidade com os artistas que apelavam para o “cosmopolitismo desenraizado, as tendências estéticas que desumanizam a música, a todo modo de fazer que negue nossa tradição, como contrários ao que deve ser a música de Cuba Revolucionária”.¹³⁵³ Os pronunciamentos de Marinello e Ardévol foram publicanos em *Noticias de Hoy*, indicando que o órgão continuou difundindo o realismo socialista. Conseqüentemente, ele se manteve como um canal de propagação de algumas ideias dos comunistas e não de todos os grupos que estavam incluídos no governo, já que muitos deles discordavam dessa estética.

Em 1963, foi publicado na revista *Cuba Socialista* um artigo intitulado “*El realismo socialista*” do escritor Ivan Volkov. Consideramos que, como a revista pertencia ao PURS, aquela era uma mensagem com a qual ao menos a direção da revista e do partido concordava. Lembramos que, dos cinco dirigentes dessa publicação, três eram antigos comunistas e notamos também que esse meio serviu para a divulgação dos valores dos socialistas populares.

No citado texto, seu autor alegou que a realidade deveria ser captada e que o método do realismo socialista prevê a representação da vida real de forma verídica, concreta e histórica.¹³⁵⁴ Volkov fez uma crítica ao filme *La Dulce Vita* alegando que, apesar de ser magnífico, transmitia uma mensagem sem esperança,¹³⁵⁵ que ia contra o realismo socialista, pois esse método tratava dos problemas sociais e indicava o caminho de superação das condições sociais e de classe, ao contrário da perspectiva do filme. Na edição seguinte da revista, apareceu a publicação do texto “*El marxismo y los problemas estéticos*”, no qual seu autor, Mijail Lifschitz (membro da academia de ciências da URSS), escreveu sobre a necessidade de uma estética que refletisse e propusesse soluções para as contradições sociais. Acreditamos que a publicação de ambos os

¹³⁵² MARINELLO, Juan. La cuestión de la forma. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 198, 22 de agosto de 1961, p. 2.

¹³⁵³ ARDÉVOL, José. El compositor y la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 206, 31 de agosto de 1961, p. 2.

¹³⁵⁴ VOLKOV, Ivan. El realismo socialista. *Revista Cuba Socialista*, marzo de 1963, año III, n° 19, p. 88.

¹³⁵⁵ *Ibidem*, p. 91.

textos é uma prova de que os socialistas populares utilizaram a revista para divulgar suas concepções.

Os socialistas populares, ao definir o conteúdo do realismo socialista, delimitaram quais as tendências e estéticas estavam fora do método. De acordo com Aguirre, alguns elementos linguísticos e algumas figuras de linguagem, como a metáfora, deveriam ser válidos quando facilitam a compreensão, caso contrário obrigavam o leitor/espectador a “exercícios decifradores”¹³⁵⁶ e perdiam a sua função de divulgação.

Ainda de acordo com a dirigente socialista, a arte realista não recusa o belo, mas seu compromisso maior é com a expressão de uma visão científica e materialista da vida. Ela destacou que o método não diz respeito a uma receita, mas consiste em obter uma “representação verídica, historicamente concreta, da realidade em seu desenvolvimento revolucionário [...]”.¹³⁵⁷ Aguirre alegou que não havia conciliação entre as estéticas que nascem no materialismo dialético e aquelas que são fruto do idealismo e da fé religiosa,¹³⁵⁸ assim recusou as manifestações artísticas baseadas na metafísica e em concepções abstratas do homem e da sociedade.¹³⁵⁹

Mirta Aguirre fez uma crítica explícita a alguns enfoques do surrealismo (“supõe absurdas associações de ideias, delirantes proximidades conceituais incompatíveis com a lógica”¹³⁶⁰), da música eletrônica (não se pode “chamar música a qualquer pirueta eletrônica, como agora sucede”¹³⁶¹) e da dodecafonía (“uma aventura entre especialistas e palavra rara para os profanos”¹³⁶²). O jornalista Dênis de Moraes destacou que, no campo da música, o PCB combateu “sem trégua às tendências ‘formalistas’ e ‘herméticas’, como o dodecafonismo e atonalismo e a valorizou a música popular e folclórica”.¹³⁶³ O exemplo do pesquisador brasileiro nos mostra um compartilhamento de valores entre os PC’s e a adoção de padrões estéticos parecidos e, claro, influenciados pela URSS.

Edith García Buchaca atacou as correntes filosóficas e os estudos de Nietzsche, os textos do existencialismo, a fenomenologia de Husserl, pois neles estavam “presentes essencialmente os interesses das classes dominantes da sociedade capitalista. Princípios encaminhados ao isolamento do indivíduo, a paralisar sua ação, a quebrar sua fé na coletividade, a semear a

¹³⁵⁶ AGUIRRE, Mirta. Apuntes sobre la literatura y el arte. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1963, año III, n° 26, p. 67.

¹³⁵⁷ Ibidem, p. 72.

¹³⁵⁸ Ibidem, p. 74-75.

¹³⁵⁹ Ibidem, p. 69.

¹³⁶⁰ Ibidem, p. 78.

¹³⁶¹ Ibidem, p. 80.

¹³⁶² Ibidem.

¹³⁶³ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*, p. 172.

dúvida e a vacilação ante toda possibilidade de modificar o atual em um sentido positivo”.¹³⁶⁴ Essas expressões filosóficas tinham um reflexo direto nas artes, nos intelectuais e artistas principalmente “entre certos jovens cujas vidas carecem de sentido e que não foram capazes de compreender as grandes mudanças sociais, que se sentem à deriva”.¹³⁶⁵ Havia uma atitude deliberada de limpar a cultura cubana de certas influências estéticas e filosóficas, o que é um sinal da ortodoxia dos socialistas populares, de uma interpretação de que a sociedade comunista só seria construída exclusivamente com base no marxismo-leninismo, no método dialético e no zdanovismo. Essa perspectiva é um indicativo de uma cosmovisão determinista que, como já indicamos, é um traço do comportamento dos comunistas cubanos e se refletiu em suas análises e sua cultura política.

A polêmica que envolveu Blas Roca e Alfredo Guevara, diretor do ICAIC,¹³⁶⁶ em 1963, nos ajuda a exemplificar essa questão. O debate entre os dois começou com o envio de carta para a redação de *Noticias de Hoy* perguntando se era bom exibir filmes com argumentos “derrotistas, confusos e imorais”, como *La Dulce Vita* ou *El Angel Exterminador*.¹³⁶⁷ Blas Roca respondeu em sua coluna “*Aclaraciones*” que não tinha visto os filmes, mas pelos comentários dos trabalhadores que os assistiram, eles não pareciam recomendáveis. Roca alegou que o cinema era instrumento para mobilizar sentimentos e que poderia induzir comportamentos. Tendo isso em conta, era que se devia considerar os filmes que poderiam ser exibidos.¹³⁶⁸ A partir dessa resposta, um debate entre Roca e Alfredo Guevara se iniciou nas páginas de *Noticias de Hoy* em dezembro de 1963. Ao primeiro comentário de Roca, Guevara respondeu que a exibição deveria considerar a dimensão e o significado da obra, além de reconhecer o direito do público de julgar e apreciar os filmes de todos os países e criticou o pronunciamento do diretor de *Noticias de Hoy*:

Se como se pretende ou recomenda nos limitarmos a exibir obras de agitação ou tranquilizadores, a obra artística e a multiplicidade de caminhos que ela supõe abertos a consciência, a percepção, ficariam substituídos pelos de uma propaganda adocicada com fórmulas estéticas, e o público ficaria reduzido a

¹³⁶⁴ GARCÍA BUCHACA, EDITH. Cultura y clases sociales. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1963, año III, n° 27, p. 119.

¹³⁶⁵ Ibidem.

¹³⁶⁶ Guevara tinha sido membro do PSP e um dos fundadores da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, mas rompeu com o Partido e se integrou ao MR-26-7. Ver: GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 48.

¹³⁶⁷ *La Dulce Vita* (A doce vida) é um filme de 1960, do diretor italiano Federico Fellini, que se passa em Roma nos anos 1950, narra os bastidores do mundo da moda, com seus excessos, nudez e faz uma crítica à decadência de costumes daquela sociedade. *El Angel Exterminador* é uma produção dirigida por Luis Buñuel, de 1962, que conta a história de um grupo de pessoas presas em um jantar e que não conseguem sair dali. Nessa situação, alguns comportamentos emergem (fome, necessidades fisiológicas, desejos sexuais) e são retratados pelo cineasta.

¹³⁶⁸ ROCA, Blas. *Aclaraciones: preguntas sobre películas*. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 293, 12 de diciembre de 1963, p. 2.

uma massa de bebês aos quais maternas enfermeiras administrariam a “papa ideológica” perfeitamente preparada e esterilizada, garantindo desse modo sua melhor e completa assimilação.¹³⁶⁹

Em resposta, Roca alegou que nada que pudesse causar dano aos projetos da Revolução deveria ser tolerado, fomentado ou difundido, seja um filme ou uma canção, nada que “deprimisse” a consciência socialista poderia ser bom. Destacou ainda que os filmes exibidos em Cuba não deveriam causar um afastamento dos espectadores das tarefas históricas da Revolução,¹³⁷⁰ mas a seleção do ICAIC estava provocando isso. Ele ainda assegurou que o governo não aceitaria qualquer conteúdo artístico e lembrou que Guevara havia proibido o documentário *P.M.*, ação endossada, à época, também por Roca.¹³⁷¹

Completando sua resposta, Roca alegou que quem se preocupava com o problema da liberdade de conteúdo não estava seguro de suas convicções revolucionárias, pois o artista consciente dos valores revolucionários, identificado com os fins e objetivos da Revolução, não iria ter problemas em relação ao conteúdo de suas obras.¹³⁷² Essa é uma concepção mecânica, porque considera que aquele que é consciente produzirá automaticamente uma obra revolucionária e, evidentemente, o que estava em disputa nesse embate era quem tinha o direito de definir o que era “revolucionário” dentro do campo da cultura.

Alfredo Guevara respondeu no dia 21 de dezembro alegando, que Roca não tinha o direito de estabelecer a programação do ICAIC, agregou que os dirigentes desse Instituto não podiam aceitar a identificação de seus valores com “uma versão primitiva e comum do realismo socialista”. Guevara sustentou que só poderia se formar um homem pleno no acesso ao conhecimento e às fontes de informações e completou: “Só o pensamento vivo, contrário à rotina, antidogmático, sempre inovador e criativo, respeitoso a sua própria natureza, é capaz não apenas de criar obras de arte verdadeiras, mas também de assegurar o nível da produção e seu desenvolvimento”.¹³⁷³

Blas Roca, em sua resposta, se referiu às “Palavras aos intelectuais”, discurso de Fidel Castro, para argumentar o governo tinha o direito de regular, revisar e fiscalizar os filmes

¹³⁶⁹ GUEVARA, Alfredo. Alfredo Guevara responde a las aclaraciones. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 297, 17 de diciembre de 1963, p. 2.

¹³⁷⁰ ROCA, Blas. Aclaraciones: ¿cuáles son las mejores películas? *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 298, 18 de diciembre de 1963, p. 2.

¹³⁷¹ ROCA, Blas. II Parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 300, 20 de diciembre de 1963, p. 2.

¹³⁷² ROCA, Blas. III Parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 301, 21 de diciembre de 1963, p. 2.

¹³⁷³ GUEVARA, Alfredo. Declaraciones de Alfredo Guevara. In: POGOLOTTI, Graziella (org.). *Polémicas culturales de los sesenta*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2006, p. 203.

veiculados e proibir a exibição das obras consideradas contrárias à Revolução. O critério do governo para julgar se a obra estava contra a Revolução se contradizia aos seus propósitos era se ela era útil aos trabalhadores, ou seja, o critério era vago e abria margens para o conflito sobre quem tinha o direito de fazer tais definições. Assim, corroboramos com Patrícia Funes quando ela comentou que “as diferenças não eram estéticas, mas sim comprometia o não menos delicado assunto das margens políticas da autonomia da arte da revolução”.¹³⁷⁴

Algumas “*Aclaraciones*” foram impressas em forma de folhetos pelo PURS e Guevara se queixou do envolvimento do Partido no debate, ao que Roca respondeu: “Não acreditamos que as atribuições de Alfredo Guevara incluam a discutir com o comitê do partido sua decisão de imprimir textos que considerou conveniente difundir”.¹³⁷⁵ Pensamos que, ao publicar os textos de Roca, a direção do PURS se colocou ao lado dele, o que indicava o aval dado ao posicionamento do antigo socialista popular de censurar a seleção feita pelo ICAIC. O comportamento disciplinador observado nas ideias dos socialistas populares era resultado de uma cultura política comunista forjada na época do stalinismo. E, mesmo após a desestalinização, esse comportamento se perpetuou com a “geração de 30”.

A principal instituição política do país, o PURS, se colocou explicitamente ao lado de Blas Roca e, apesar disso, Alfredo Guevara se manteve firme em suas acusações contra o dogmatismo e em sua crítica ao controle estatal sob o cinema nacional. Vários intelectuais se envolveram na polêmica ao longo do mês de dezembro. De acordo com Suárez, 400 intelectuais e artistas fizeram uma declaração de apoio ao diretor do ICAIC, mas ela não foi divulgada porque o presidente Osvaldo Dorticós alegou que a opinião de Roca não representava o governo,¹³⁷⁶ conseqüentemente não havia motivos para uma oposição organizada contra Blas Roca.

Os dois envolvidos encerraram o debate ainda em dezembro e acreditamos que nos bastidores algumas figuras políticas, como Dorticós, se mobilizaram para impedir o crescimento das tensões. Não podemos deixar de observar, como destacou Guanche, que a polêmica girava em torno de qual o “tipo de intelectual que poderia produzir as obras de arte e as condições necessárias para a recriação do ambiente no qual poderiam realizá-las”.¹³⁷⁷ E, quando observamos o posicionamento de Roca, notamos uma postura de censura e de defesa

¹³⁷⁴ FUNES, Patrícia. *Historia mínima de las ideas políticas en América Latina*. Madrid: Turner Publicaciones; México, DF: El Colegio de México, A.C, 2014, p. 212.

¹³⁷⁵ ROCA, Blas. Final de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 305, 27 de diciembre de 1963, p. 2.

¹³⁷⁶ SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*, p. 196.

¹³⁷⁷ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 51.

do controle estatal daquilo que poderia ou não ser exibido, produzido e divulgado dentro da Ilha. Esse posicionamento era comum entre os socialistas populares.

Já nos documentos da década de 1950, destacados anteriormente, notamos a defesa de que o Partido tinha o direito de controlar o que era produzido por seus membros. Essa visão se manteve e foi implementada quando os comunistas estiveram em cargos políticos da Revolução. Entretanto, como destacou Mariana Martins Villaça, a adoção do realismo socialista em Cuba foi parcial e existiu margem de tolerância aos artistas “menos comprometidos com o regime” durante os anos 1960,¹³⁷⁸ mostrando que, apesar do poder político dos antigos membros do PSP, suas percepções e cultura política não foram hegemônicas.

Outra área onde podemos observar os conflitos em torno da definição dos programas da Revolução é a educação. Para os comunistas, a construção do socialismo só seria possível com a elevação do nível cultural do povo e as iniciativas educacionais e culturais (campanha de alfabetização, escolas de instrução revolucionária, reforma do ensino, fomento aos artistas etc.) eram imprescindíveis para a transformação da superestrutura.¹³⁷⁹

4.3.3. A educação marxista-leninista e as *Escuelas de Instrucción Revolucionaria* (EIR)

A educação foi tema e uma área bastante importante para a Revolução. Como indicamos, entre 1959 e 1960, o governo cubano nacionalizou as instituições privadas de ensino, reformou os currículos e laicizou o sistema educacional. Essas medidas eram demandas históricas do PSP e os comunistas apoiaram sua implementação. Nesse contexto, em fevereiro de 1959, o governo dissolveu o corpo docente de quatro universidades (Holguín, José Martí, Camaguey e Pinar del Río) sob a acusação de terem colaborado com a tirania, bem como suspendeu por dois anos os diplomas emitidos nessas instituições, após 1956, para averiguação de sua validade.¹³⁸⁰ Durante o ano de 1960, 80% dos professores da Universidade de Havana saíram ou foram retirados de seus postos.¹³⁸¹ Esses dados mostram a disposição do governo em afastar os docentes que, inicialmente, tiveram relação com a ditadura e, depois, que não estavam de acordo com as políticas revolucionárias.

Ao longo de toda a década de 1950 e nos primeiros anos da Revolução, os socialistas populares denunciaram a presença de elementos conservadores e direitistas dentro das

¹³⁷⁸ VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical*, p. 57.

¹³⁷⁹ GARCÍA BUCHACA, Edith. El primer congreso nacional de cultural. *Revista Cuba Socialista*, febrero de 1963, año III, n° 18, p. 15.

¹³⁸⁰ PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Disueltas las Universidades de Holguín, Camaguey, P. del Río y la masónica José Martí. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 42, 22 de febrero de 1959, p. 3.

¹³⁸¹ HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*, p. 29.

universidades e demandaram uma “limpeza” nessas instituições. Em outubro de 1959, em um evento na Universidade de Oriente, Juan Marinello apontou: “Limpar a Universidade de resíduos regressivos e da penetração e imperialista, adequá-la aos novos tempos, e fazê-la, sobre a marcha, um instrumento esclarecido e consciente da obra da revolução”.¹³⁸² Além disso, Marinello defendeu uma reforma do ensino que garantisse a autonomia universitária, mas que, ao mesmo tempo, eliminasse das instituições os não simpatizantes da Revolução. Uma vez mais observamos um comportamento de censura por parte dos socialistas populares e a Revolução colocou em prática perseguições para “limpar” suas instituições.

Outro ponto do programa socialista era a necessidade de uma reforma para transformar a orientação científica, patriótica e democrática do ensino conforme a ideologia da Revolução. Para isso, era preciso uma renovação dos planos de estudo, programas e livros de texto das escolas primárias do Estado. Como indicamos, as artes e a educação eram instrumentos para a modificação da consciência, por isso tiveram tanta atenção do PSP. Ambas as áreas tinham a tarefa de “dotar o campo da revolução de uma concepção homogênea do mundo e da sociedade. Dotá-la de um corpo de ideias que unifique seu pensamento e, com isso, garantir a unidade absoluta entre o pensamento e a ação”.¹³⁸³

Os comunistas tiveram uma ascensão em postos educacionais e isso possibilitou a eles inculcar sua cultura política. Juan Marinello foi reitor da Universidade de Havana a partir de janeiro de 1962 e, nesse mês, o governo iniciou a reforma universitária. A nomeação do antigo socialista para o posto não foi um mero acaso. Acreditamos que o governo contava com ele para implementar a reforma. Em 1963, Gaspar Jorge García Gallo, antigo líder comunista, começou a dirigir o departamento de Filosofia da Universidade de Havana e ali ofertou cursos sobre o marxismo. Desde 1967, García Gallo foi assessor de filosofia no centro de desenvolvimento educativo do Ministério de Educação.

No momento da reforma universitária, alguns setores da Universidade de Havana pediram autonomia para que a instituição fizesse uma reforma sem a intervenção do Ministério da Educação. O PSP, porém, defendeu o direito do governo de definir, junto com o conselho universitário, o programa a ser executado. A reforma implementou a disciplina do materialismo dialético e economia política em todos os cursos de graduação. Os comunistas tinham uma ideia

¹³⁸² MARINELLO, Juan. Revolución y universidad. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1959, año XX, nº 159, p. 43.

¹³⁸³ GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 344.

de que o marxismo era uma redenção e o estudo dessas matérias era fundamental para a formação integral dos discentes, como Roca salientou:

É claro que o estudo do marxismo-leninismo resulta mais importante que o estudo de qualquer outra ciência em particular porque se bem essas são indispensáveis, absolutamente necessárias, para a saúde, medicina, para a construção, a arquitetura e engenharia, para as distintas especialidades, o marxismo-leninismo define nossas concepções sobre o universo e sobre a história, sobre o homem e a sociedade e nos dá a guia indispensável para o que fazemos em cada especialidade, no trabalho e na produção, na instrução, na cultura e na arte, alcance o objetivo supremo de fazer uma sociedade mais justa e mais humana, uma coletividade em que todos seus membros e cada um tenha a maior soma de bem-estar e felicidade. O marxismo-leninismo decide qual caráter terá o trabalho do médico e do arquiteto: se servirá para atender enfermidade degenerativas dos privilegiados ou para salvar a saúde do povo e conseguir uma humanidade mais sã em ascendente desenvolvimento biológico [...].¹³⁸⁴

Ainda sobre o tema, Carlos Rafael Rodríguez indicou: “A transformação ideológica dos estudantes, que vêm às vezes marcados por concepções teológicas, burguesas ou ecléticas, é um processo longo e com três semestres de materialismo dialético e histórico não se poderá cobrir essa necessidade”.¹³⁸⁵ Tornar-se marxista, segundo Rodríguez, era um processo cotidiano que deveria acompanhar as transformações sociais e econômicas da sociedade, dentre elas, a transformação das aulas e dos livros adotados. A seleção de matérias específicas era uma forma de facilitar a compreensão “científica” para a análise material da história e de outras áreas do conhecimento.

Quando observamos que as disciplinas de formação dos militantes comunistas foram adotadas em todos os cursos da graduação, concluímos que a ideia do PSP do marxismo como fator de redenção e formação integral do ser humano foi incluída em programas da Revolução. Esse ponto da reforma do ensino em Cuba só foi implementado porque os socialistas populares estiveram à frente das instituições educacionais e do governo, e esse é mais um exemplo do papel que eles tiveram na institucionalização da Revolução.

Sobre essa questão ainda, Edith García Buchaca defendeu a realização de uma revisão dos livros, porque, segundo ela, a educação nacional refletida nesses materiais era alheia aos interesses de Cuba.¹³⁸⁶ Essa era uma demanda antiga do PSP. Nos anos de 1940, Juan Marinello,

¹³⁸⁴ ROCA, Blas. Aclaraciones: para la revolución es decisivo estudiar y enseñar marxismo. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 125, 28 de mayo de 1963, p. 2.

¹³⁸⁵ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3, p. 507.

¹³⁸⁶ GARCÍA BUCHACA, EDITH. Los intelectuales y la revolución. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154, p. 84.

então senador da República, propôs uma lei para revisar os livros que continham “expressões antipatrióticas, reacionárias, nazistas e falangistas”.¹³⁸⁷

Além das reformas institucionais, os comunistas defenderam uma revisão da historiografia nacional. Como salientou o pesquisador Miguel Ángel Cabrera, uma cultura política também é formada por referências históricas, que incluem as representações de acontecimentos, textos fundacionais e grandes personagens.¹³⁸⁸ A reafirmação feita pelo PSP da narrativa e da memória era um artifício já comum dentro do Partido, era um fator de unidade, porque fornecia elementos de identidade aos comunistas.

Como já mostramos, os socialistas populares tinham uma visão teleológica da história e da revolução na América Latina, eles diziam: “A história exige o avanço da Revolução latino-americana; a história exige mudanças transcendentais e decisivas de caráter progressista e avançado na estrutura e na situação dos países da América Latina, isso é, mudanças revolucionárias. Opor-se a isto é ir contra a história”.¹³⁸⁹

Por isso, os comunistas propuseram uma revisão da história nacional com o objetivo de criar interpretações que estivessem em consonância com o processo revolucionário. Essa nova proposta incluía uma recuperação das datas importantes da história nacional, como observamos nesta passagem de Aníbal Escalante relativa à comemoração do 10 de outubro de 1961:

O 10 de outubro de 1868 é uma das grandes datas da história pátria que tem categoria de 24 de fevereiro de 1895, 26 de julho de 53 e 1º de Janeiro de 1959. Com o início da primeira grande guerra de independência, começa, realmente, o período de quase 100 anos em que a convulsionada história de nosso povo que se transforma de um país dominado pela colonização espanhola, pela escravidão e pelo atraso em um país livre completamente independente, com a economia em processo de socialização, que marcha pelo caminho do progresso. Por isso, há uma relação de antecedência entre o grito de Yara – grito da independência – e o grito que representa a Declaração de Havana.¹³⁹⁰

O que mudou após a Revolução foi a seleção do dia 1º de janeiro de 1959 como o momento de consolidação da independência cubana. A seleção de “datas pátrias” tinha a pretensão política de legitimar o novo regime e inserir o processo em uma continuidade temporal. Essa foi uma construção da história baseada na relação causal entre acontecimentos

¹³⁸⁷ FERRER, Raúl. La ley de nacionalización de la enseñanza. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año 1, n° 1, p. 51.

¹³⁸⁸ ÁNGEL CABRERA, Miguel. La investigación histórica y el concepto de cultura política. In: PÉREZ LEDESMA, Manuel & SIERRA, María. *Culturas políticas: teoría e historia*. Zaragoza: Institución “Fernando el católico” (CSIC), 2010, p. 41.

¹³⁸⁹ ROCA, Blas. Un continente en ebullición. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1962, año II, n° 9, p. 30.

¹³⁹⁰ ESCALANTE, Aníbal. Del grito de Yara a la Declaración de la Habana. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1961, año 1, n° 2, p. 1.

selecionados como representantes da rebeldia cubana, o que reforça um *modus operandi* teleológico de interpretar a realidade. Vimos, no capítulo anterior, que outros líderes da Revolução utilizaram o mesmo recurso e o PSP ajudou a consolidar a narrativa de uma revolução prolongada, que teve seu desfecho em 1959.

Além de reforçar o calendário político da Revolução, José Antonio Portuondo destacou na revista *Cuba Socialista* a necessidade de revisar a historiografia insular e apontou: “É necessário revisar todos os materiais a luz do marxismo-leninismo, depurando-os de seus erros positivistas”. E, ainda, salientou quais as abordagens deveriam orientar o trabalho do historiador marxista, atividade que envolvia depuração, revisão e inserção de uma interpretação dialética da história nacional. O método para realizar essa tarefa foi indicado por Portuondo:

1. esclarecer os fundamentos econômicos (modos de produção: unidade das forças produtivas e as relações de produção coexistentes em cada momento histórico) que determinam os fatos sociais políticos culturais que integram a história de Cuba; 2. Revisar e depurar as fontes documentais e as histórias escritas desde o ponto de vista da burguesia insular. [...] só a história científica, marxista pode mostrá-los a plena luz em relação com as circunstâncias históricas que os tocou viver; 3. Organizar e divulgar os materiais indispensáveis para história das classes exploradas como fundamento para a história do proletariado cubano, dos negros e do processo de integração nacional; e 4. Mostrar, a luz do marxismo-leninismo, a ação recíproca entre as bases econômicas de nossa história e o processo da superestrutura cultural da nação.¹³⁹¹

A proposta de interpretação histórica colocada pelo Partido era ressaltar o esforço do povo cubano no processo de luta pela independência e diminuir, conseqüentemente, o protagonismo dos EUA na historiografia cubana. Estava embutida nessa revisão um reforço da ideia da frustração republicana: o imperialismo frustrou os objetivos libertadores e democráticos de 1868 e 1895.¹³⁹² Além disso, os comunistas defendiam que deviam ressaltar o aporte da cultura africana para a formação de Cuba, estudar o século XIX e erradicar os preconceitos raciais mediante a educação, porém, como mostramos, o debate sobre o racismo foi escasseando nos primeiros anos da década de 1960. Sobre esse assunto, García Buchaca também chamou a atenção para a necessidade de reinterpretar a história insular, a qual, segundo ela, era balizada por aportes interpretativos do imperialismo:

1. É necessário voltar nosso olhar para o século XIX em que surgiu a nacionalidade cubana e procedamos a um estudo e divulgação de nossos clássicos, de Varela a Enrique José Varona. No estudo de suas obras, encontraremos valiosos ensinamentos na ordem política, filosofia, sociológico

¹³⁹¹ PORTUONDO, José Antonio. Hacia una nueva Historia de Cuba. *Revista Cuba Socialista*, agosto de 1963, año III, n° 24, p. 31-36, passim (destaque do autor).

¹³⁹² GARCÍA BUCHACA, EDITH. Los intelectuales y la revolución. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154, p. 81.

e estético de grande atualidade para o presente que estamos vivendo e poderemos nos sentir orgulhosos de contar na breve história de nossa cultura, com talentos de tanta qualidade e visão. [...]. O estudo deste período contribuirá para que desapareça muitos preconceitos de subestimação ou negação de nosso passado cultural semeados lentamente na mentalidade do cubano pelo imperialismo. 2. Propiciar o estudo e investigação de nossas raízes culturais reconhecendo ao aporte negro o significado que corresponde na cultura cubana. 3. Despojar as expressões folclóricas do campo e da cidade, as manifestações populares de nossa cultura, das mistificações dos elementos alheios a sua própria essência, criando as condições necessárias para que possam se manifestar em toda sua pureza.¹³⁹³

A formação de uma nova consciência e de uma nova historiografia esbarrava na dificuldade destacada por Blas Roca da falta de quadros “preparados política e ideologicamente, claros nos princípios, para os distintos cargos e funções importantes”.¹³⁹⁴ Para dar conta de avançar no campo superestrutural, na consciência revolucionária, o governo criou programas que foram além das reformas do ensino formal. A introjeção de uma cultura política implica uma regulação “da conduta cidadã na atividade social e particularmente em sua atividade na esfera pública”.¹³⁹⁵ Para isso, por exemplo, logo após a vitória da Revolução, o Ministério das Forças Armadas desenvolveu um programa de educação pública para os setores militares.

Em abril de 1961, foi fundada a *Unión de Pioneros Rebeldes* (UPR) com o objetivo de “orientar o caráter, os hábitos, costumes e comportamento das crianças, suas relações familiares, escolares e públicas [...]”.¹³⁹⁶ Ao mesmo tempo, os círculos de estudo organizados por membros do CDR foram ampliados. Esses cursos eram compostos por seminários e encontros que duravam uma semana, quando se debatia a teoria marxista.¹³⁹⁷ O governo revolucionário criou uma escola, em junho de 1960, com um formato peculiar: a escola *Ciro Redondo*, destinada a trabalhadores, fornecia cursos de seis meses nos quais os alunos recebiam conhecimentos técnicos e formação cultural, o que incluía o estudo da Revolução Cubana e suas especificidades. Os alunos faziam exercícios físicos e visitas a fábricas e plantações.¹³⁹⁸ Esse foi um ensaio das *Escuelas de Instrucción Revolucionarias* (EIR).

¹³⁹³ GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, p. 345-346.

¹³⁹⁴ ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el 3 desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*, 1960, p. 211.

¹³⁹⁵ MACHADO RODRÍGUEZ, Darío L. *Cultura política en Cuba: una aproximación sociológica*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2009, p. 59

¹³⁹⁶ DE JESUS DE LA TORRE BLANCO, Edmundo. La conformación del sistema de la dictadura del proletariado en los primeros años de la etapa de construcción socialista. MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 251.

¹³⁹⁷ FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*, p. 87.

¹³⁹⁸ VILCHES, Otto. Una escuela ejemplar. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 125, 1 de junio de 1960, p. 1.

De acordo com Richard R. Fagen, em 2 de dezembro de 1960, Fidel Castro se reuniu com Blas Roca, Emilio Aragonés, Lionel Soto e outros militantes para organizar os cursos das *Escuelas de Instrucción*.¹³⁹⁹ As EIR's começaram a funcionar antes da adoção do socialismo e elas foram a primeira tentativa de juntar as três organizações revolucionárias. O principal objetivo dessa instituição era doutrinar e ensinar o marxismo, auxiliar na propagação de novos valores e formar o homem novo, com base em um ensino pautado no marxismo soviético. Elas inculcaram ideologia, hábitos, comportamentos e valores, muitos dos quais fizeram parte da cultura política comunista do PSP.

Em dezembro de 1960, foram abertas as primeiras 12 escolas provinciais e a Escola Nacional Níco López em Havana, todas elas com funcionamento em tempo integral. A escola Níco Lopez era dirigida por Pedro Serviat, antigo membro da direção do PSP, e serviu como a escola nacional de quadros, ou seja, a mais importante do país. Segundo Fagen, metade dos primeiros estudantes dessas instituições vieram do PSP e a outra metade do MR-26-7, e os instrutores também eram oriundos do PSP, “que eram os únicos aptos no “treinamento” do marxismo”.¹⁴⁰⁰ Lionel Soto, líder socialista popular, foi o coordenador das EIR's entre 1960 e 1967 e César Escalante foi membro da comissão de orientação revolucionária do PURS (1962-1965). Ambos os comunistas se tornaram responsáveis pela gestão ideológica da Revolução. De acordo com Guanche, foram professores das *Escuelas*: Blas Roca, Gaspar Jorge García Gallo, Raúl Valdés Vivó, Carlos Rafael Rodríguez, Pedro Serviat e César Escalante,¹⁴⁰¹ todas lideranças do PSP. As EIR's seguiam um modelo parecido com as antigas escolas dos socialistas populares, inclusive, em certa ocasião, Lionel Soto alegou que as *Escuelas* tinham como antecedentes as escolas do PCC/PSP.¹⁴⁰²

As *Escuelas* estavam subordinadas às ORI's, ao invés de se vincularem ao Ministério da Educação. Lionel Soto defendeu a filiação das EIR's às ORI's porque os comunistas eram maioria dentro das *Organizaciones* e não estavam no Ministério da Educação. Assim, os comunistas queriam garantir o domínio sobre as *Escuelas*, seu currículo e sua gestão financeira, aumentando seu controle em uma importante instituição educacional. As EIR's eram divididas em nacionais, provinciais e básicas.¹⁴⁰³ Em 1961, foi fundada uma escola nacional para formação de professores e havia centros de formação destinados a outros grupos específicos,

¹³⁹⁹ FAGEN, Richard R, op. cit., p. 104.

¹⁴⁰⁰ Ibidem, p. 107.

¹⁴⁰¹ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 61.

¹⁴⁰² SOTO, Lionel. Las escuelas de instrucción revolucionaria y la formación de cuadros. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1961, año 1, n° 3, p. 29.

¹⁴⁰³ Elas não surgiram ao mesmo tempo. Quando foram criadas, havia somente a escola nacional. Apenas no 3º encontro das EIR's, em abril de 1961, foi decidido criar as *Escuelas* básicas de instrução.

como membros dos sindicatos e pescadores. Apesar da existência de uma escola para professores, encontramos registros de que o nível educacional dos estudantes e professores e a escassez de material para os cursos foram problemas recorrentes durante o funcionamento dessas instituições. Apesar de não haver restrição para a participação das mulheres nos cursos, nos primeiros anos, a presença delas foi bem inferior à dos homens. As EIR's possuíam uma revista própria chamada *Teoría y Práctica*, editada entre de 1964 (surgiu nesse ano como um boletim) e 1967.¹⁴⁰⁴

O ingresso nos cursos oferecido pelas EIR's não era via exames e elas nunca foram abertas a um público amplo. Os métodos de seleção variaram ao longo da existência das *Escuelas*¹⁴⁰⁵ e mudaram principalmente no contexto de crítica ao sectarismo de Aníbal Escalante, dirigente das ORI's e, conseqüentemente, também responsável pelas EIR. Antes de 1962, eram os dirigentes das ORI's que indicavam os nomes dos estudantes e, nos primeiros cursos, muitos ingressantes haviam sido membros do PSP. Nas críticas feitas por Fidel Castro ao sectarismo, ele destacou: “[...] nós tivemos oportunidade de descobrir que estávamos gastando milhões de pesos para educar não a classe trabalhadora, mas a pequena burguesia”,¹⁴⁰⁶ indicando que a seleção dos membros das *Escuelas* também foi afetada pelo sectarismo de Escalante, pois muitos de seus estudantes foram escolhidos com base no favoritismo e no sectarismo. Após o afastamento de Escalante, ocorreu uma mudança na seleção dos discentes. Os ingressantes passaram a ser nomeados pelas células revolucionárias locais entre os melhores trabalhadores de cada centro.

A duração dos cursos variava de acordo com o tipo de escola. Nas escolas nacionais, o curso tinha maior duração (seis meses em regime de internato), nas escolas básicas havia a modalidade interna (com 45 dias de curso) e semi-interna (60 dias de curso),¹⁴⁰⁷ sendo que nestas o aluno trabalhava meio período (4 horas) e frequentava as aulas no próprio centro de trabalho no restante da jornada. Nesses casos, as EIR's se localizavam dentro das fábricas, centrais açucareiros, cooperativas e granjas, e era comum os alunos dessa modalidade fazerem trabalho voluntário no corte da cana.¹⁴⁰⁸ Em 1963, algumas escolas passaram a oferecer, além da formação teórica do marxismo-leninismo, matérias técnicas ligadas a setores produtivos.¹⁴⁰⁹

¹⁴⁰⁴ Consultamos apenas as três últimas edições da revista.

¹⁴⁰⁵ FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*, p. 106.

¹⁴⁰⁶ CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, resumiendo la reunión con los directores De Escuelas De Instrucción Revolucionaria, celebrada en el edificio de la dirección nacional de las ORI. 27 de junio de 1962. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 9/5/2021.

¹⁴⁰⁷ FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*, p. 110.

¹⁴⁰⁸ PARTIDO UNIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA. La escuela básica de Instrucción Revolucionaria “Miguel A. Oramas”. *Revista Cuba Socialista*, julio de 1962, año II, nº 11, p. 133.

¹⁴⁰⁹ FAGEN, Richard R, op. cit., p. 124.

Isso abriu caminho para a ampliação das escolas técnicas que surgiram nesse momento e estiveram subordinadas às EIR. Lembramos que, no programa político do PSP, constava como pauta a multiplicação das escolas técnico-industriais e acreditamos que os socialistas populares influenciaram na implementação desses programas.

Lionel Soto destacou que dentre os primeiros problemas enfrentados pelas *Escuelas*, além do insuficiente número de quadros formados, estava o vício do “praticismo” (desprezo ao estudo e à teoria) em detrimento das atividades práticas. Outro problema dessa instituição foi a delimitação do conteúdo que seria estudado nelas.¹⁴¹⁰ Este problema foi solucionado parcialmente quando a ideologia oficial da Revolução foi definida em abril de 1961.

Em quase todos os cursos, os materiais de estudo incluíam alguns discursos de Fidel Castro; os livros *A história me absolverá*, de Castro, e *Os fundamentos do socialismo em Cuba*, de Blas Roca; as revistas *Cuba Socialista* e *La Revista Internacional*. Na Escola Nacional “Nico López”, o programa era composto pelo *Manual de Economía Política da Academia de Ciências da União Soviética*; os livros *O capital*, de Karl Marx; *Imperialismo, fase superior e última do capitalismo* e *Materialismo e empiriocriticismo*, de Lenin; *Fundamentos da filosofia marxista*, da Academia de Ciências da União Soviética; *Sobre a contradição* e *Acerca da prática*, de Mao Tse Tung; e, por fim, o *Manual de Marxismo leninismo*, de Otto Kuusinen.

Do mesmo modo, estudavam a história da Revolução Cubana, Russa e Chinesa¹⁴¹¹ e as disciplinas dos cursos eram a economia política, o partido marxista-leninista, elementos fundamentais do materialismo histórico e dialético, o movimento sindical e as organizações de massas.¹⁴¹² Apesar de que a variação das disciplinas e dos materiais ocorria de acordo com o nível das escolas, notamos que, no programa das EIR's, havia semelhanças com o programa que era adotado na Escola Lenin Internacional, em especial nas matérias estudadas na ELI.¹⁴¹³ Na ELI, os militantes estudavam economia política, história do movimento proletário, marxismo-leninismo e a construção do partido, o que mostra a semelhança entre os programas. Lembramos que os dirigentes socialistas César Escalante, Fabio Grobart e Ramon Nicolau Gonzalez estudaram na ELI nos anos 1930 e montaram as escolas do PSP aos moldes da Escola Lenin Internacional. Assim, não desconsideramos que o formato das EIR's foi influenciado pela presença desses comunistas no governo.

¹⁴¹⁰ SOTO, Lionel. Las Escuelas de Instrucción Revolucionaria y la formación de cuadros, p. 30-31.

¹⁴¹¹ Ibidem, p. 33.

¹⁴¹² PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1962, año II, n° 16, p. 127.

¹⁴¹³ WOLIKOW, Serge. Internationalistes et internationalismes communistes. In: DREYFUS, Michel. *et. al. Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 526.

A formação ideológica deixa claro o conteúdo e a influência soviética no programa das EIR's e, sem dúvida, os socialistas populares tiveram influência nisso. A seleção de clássicos do marxismo tinha o objetivo, segundo Fagen, de combater o anticomunismo.¹⁴¹⁴ Pensamos então que as EIR's serviram como meio de formação e de popularização do comunismo soviético. Como apontamos, o anticomunismo era um elemento mobilizador de vários grupos políticos e a adoção do socialismo por Cuba requeria uma mobilização para conscientizar a população da opção revolucionária do governo. Então, parece-nos que as *Escuelas* tiveram também essa função.

Em 1965, foi criada a Comissão Nacional de Investigações e Estudos Sociais das EIR, formada por grupos de trabalho com a função de desenvolver pesquisas sobre história, sociologia e economia.¹⁴¹⁵ O objetivo dessa comissão era estudar a realidade nacional, pois alguns setores revolucionários se incomodavam com o uso de textos estrangeiros nas *Escuelas*. Os debates em torno desse assunto desembocaram na crítica ao *manualismo* entre os anos de 1966 e 1967. A polêmica foi feita nas páginas da revista *Teoría y Práctica* e girou em torno adoção pelas EIR's dos manuais de marxismo-leninismo de Otto Kuusinen, Afanásiev, Jonstantinov, Yajot, dentre outros.¹⁴¹⁶ Em resumo, a polêmica girava em torno de qual marxismo se devia seguir e novamente percebemos uma crítica à influência da URSS em Cuba.

De um lado, estavam Humberto Pérez e Félix de la Uz, ambos graduados em 1963 na Escola Superior do PCUS¹⁴¹⁷ e membros da direção da revista *Teoría e Práctica*, do outro, Aurelio Alonso, intelectual vinculado ao departamento de filosofia da Universidade de Havana. De forma implícita, o conflito também opôs as EIR's e o Departamento de filosofia da citada universidade. De la Uz e Pérez, apesar de reconhecer os erros que existiam no manuais, defenderam seu uso “dada a baixa escolaridade dos alunos” das *Escuelas*,¹⁴¹⁸ pois achavam que os manuais facilitavam a aprendizagem. Aurelio Alonso criticava a validade dos manuais como forma de ensino, pois considerava esse material como fruto de “uma política estreita de arregimentação cultural [...] que afetou notavelmente o saber científico”.¹⁴¹⁹

Lionel Soto saiu em defesa dos manuais soviéticos dizendo que não sabia como os cubanos poderiam estudar sem o uso desse material, pois para ler as “fontes do marxismo” era preciso “ter condições culturais e políticas” que não existiam em Cuba naquele momento e, por

¹⁴¹⁴ FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*, p. 113.

¹⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 129.

¹⁴¹⁶ Não tivemos acesso às edições que trataram do assunto, mas traremos a perspectiva de Lionel Soto sobre o caso, o que, em nossa perspectiva, indica a manutenção de um comportamento do antigo PSP.

¹⁴¹⁷ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 61.

¹⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 64.

¹⁴¹⁹ ALONSO, Aurelio apud GUANCHE, Julio César, *op. cit.*, p. 65.

isso, os manuais eram imprescindíveis. Notamos novamente uma concepção simplória que subestima a capacidade das massas de compreender a teoria, sendo esse o mesmo *modus operandi* de Mirta Aguirre, quando ela alegou que deveria haver um teatro para o público especializado e outro para as massas populares.

Ademais, segundo o diretor das EIR, Lionel Soto, era impossível “dar uma concepção global do marxismo sem o uso de textos resumidos que recorram às questões fundamentais da ideologia marxista-leninista”. E completou alegando que, naquele momento, ainda não havia a pretensão de elaborar manuais em Cuba, mas era preciso criar condições para que trabalhos interpretativos e teóricos sobre a história insular fossem formulados na Ilha.¹⁴²⁰ Soto alegou que os manuais eram acompanhados pelo debate da realidade nacional, eram transitórios e seriam substituídos por livros e textos na medida em que eles fossem produzidos dentro de Cuba.¹⁴²¹

Na conjuntura em que se desenvolveu esse debate estava a adoção de uma prática do PSP em instituições oficiais da Revolução Cubana. Quando Soto defendeu os manuais, ele estava defendendo uma atividade de seu antigo Partido que ainda considerava como válida. Historicamente, os comunistas usaram os manuais como forma de assimilação do marxismo e acreditavam que aquele era o melhor material para dar início aos estudos da ideologia. A crítica feita aos manuais era também uma crítica a uma prática do PSP que havia sido estendida ao conjunto da Revolução. Felix de la Uz criticou os PC's, salientou que eles não eram partidos de massas, como faziam parecer, mas sim de quadros e apontou:

Sua pequenez é um índice de sua influência na vida política de seus países. [...] o papel de vanguarda da organização tradicional da classe obreira foi-se perdendo por não ter tomado a tempo o caminho correto. Nos fatos se mostrou que ser vanguarda não é um título vitalício. Na luta, outras organizações tomaram a iniciativa e alguns partidos não tiveram mais remédio que ir atrás do movimento.¹⁴²²

De la Uz usou o exemplo do Brasil para atacar os PC's e destacou que o PCB e Prestes vacilaram em fazer uma oposição séria aos golpistas em 1964, confiaram nos cargos que estavam ganhando dentro do governo de Goulart e defendeu que a vitória da revolução no Brasil só seria garantida se o povo estivesse armado. Parece-nos evidente que o contexto do debate sobre os manuais eram as opções táticas e as práticas políticas do PC's, que sofreram críticas e resistência quando foram aplicadas em Cuba. O que estava sendo debatido, mais uma vez, era

¹⁴²⁰ SOTO, Lionel. Las Escuelas de Instrucción Revolucionaria en el ciclo político-técnico. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1965, año V, n° 41, p. 75.

¹⁴²¹ SOTO, Lionel. Lo importante es que desarrollemos nuestro camino. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1967, año VII, n° 65, p. 49-50.

¹⁴²² DE LA UZ, Felix. Algunos problemas de la unidade de acción en el movimiento revolucionario. *Revista Teoria y Práctica*, julio de 1967, n° 38, p. 9.

o modelo, o comportamento e as teorias mais ortodoxas defendidas pelos antigos socialistas populares.

Esse é mais um exemplo que mostra a resistência de setores da sociedade cubana em aceitar as práticas do PSP. A polêmica sobre os estímulos à produção (morais ou materiais), a exibição dos filmes em Cuba, a adoção do realismo socialista e o conflito em torno dos manuais aludiram às perspectivas que opuseram os comunistas e os críticos ao modelo soviético encabeçado pelo PSP. Refletiram também a própria concepção sobre a Revolução Cubana, as guerrilhas e o modelo castro-guevarista que esteve em choque com o modelo soviético, hegemônico até os anos de 1950.

No final da década de 1960, algumas dessas polêmicas foram encerradas, assim como o espaço para o debate público dentro da Revolução. Em 1967, a revista *Cuba Socialista* foi fechada com a seguinte justificativa: “[...] deve ser interrompida até que o Primeiro Congresso do mesmo [PCC] adote decisões sobre alguns daqueles problemas teóricos, estratégicos e táticos do movimento revolucionário no mundo e sobre problemas vários da construção do socialismo e do comunismo”.¹⁴²³ Em dezembro de 1967, a revista *Teoría y Práctica* também parou de sair. Já em 1971 a revista *Pensamiento Crítico*, vinculada ao departamento de filosofia da Universidade de Havana, foi suspensa.

Em fevereiro de 1968, as EIR’s foram fechadas e por elas passaram aproximadamente 150 mil estudantes. As razões para o fim dessa instituição podem ser buscadas nas críticas feitas ao seu funcionamento a partir de meados dos anos 1960: a polêmica dos manuais soviéticos, as críticas ao seu conteúdo “impróprio” para a realidade insular, os problemas com a formação das pessoas que davam os cursos.¹⁴²⁴ Ademais, sendo as *Escuelas* uma instituição que inculcou princípios soviéticos e estando Cuba e a URSS no auge de seus embates, podemos concluir que o fechamento das EIR’s tem relação também com o contexto de enfretamento entre as linhas políticas divergentes defendidas por ambos os países.

Porém, os conflitos entre os intelectuais continuaram com a polêmica em torno da premiação da UNEAC, de 1968, quando o livro de poemas *Fuera del Juego* foi condecorado pelo júri do concurso. No poema, seu autor, Heberto Padilla, criticou o governo revolucionário cubano e foi acusado, por isso, de ter “tendências contrarrevolucionárias” pelo Comitê Dirigente da UNEAC, chefiado por Nicolás Guillén, que, inclusive, reverteu a premiação negando a Padilla o prêmio. Em 1971, Padilla foi preso e, posteriormente, fez um *mea culpa* na

¹⁴²³ PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Recesa la publicación de “Cuba Socialista”. *Revista Cuba Socialista*, febrero de 1967, año VII, n° 66, p. 3.

¹⁴²⁴ FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*, p. 136.

qual confirmou suas atividades conspiratórias, episódio que ficou conhecido como “caso Padilla.”¹⁴²⁵

O ano de 1968 deu início ao contexto da ofensiva revolucionária, momento que “marcaria o início do triunfo dos esforços para conduzir o caminho da cultura aos canais inspirados na experiência soviética, que se firmaria a partir de 1971”.¹⁴²⁶ Em 1971, aconteceu o I Congresso Nacional de Educação e Cultura, onde “as diretrizes da política cultural cubana adquiririam características fortes do que resultou a política cultural do socialismo soviético e ganharia consequentemente a posição hegemônica a linha relacionada desde muito antes com o PSP”.¹⁴²⁷ Os anos que se seguiram ao evento ficaram conhecidos como *Quinquenio Gris*¹⁴²⁸ e foram marcados pelo fechamento ideológico, censura e maior controle estatal da educação e das artes. Os efeitos das políticas inspiradas pela ideologia comunista, pela “fusão entre o revolucionário com o marxismo-leninismo soviético”,¹⁴²⁹ foram ruins na perspectiva de Julio César Guanche, um dos historiadores mais críticos do PSP, com o qual concordamos em alguns pontos, como quando ele alegou:

[...] a ideia da posse exclusiva da verdade revolucionária em mãos de Cuba, a instauração acrítica de opções política regressivas já provadas na URSS, a falta de um enfoque cultural da política, a hegemonia da zona “dogmática” do espectro ideológico revolucionário no campo cultural, a constatação das debilidades do ordenamento econômico, político e ideológico cubano e as causas da crescente aproximação às políticas soviéticas.¹⁴³⁰

Parece-nos inegável afirmar a importância que os socialistas populares tiveram na institucionalização do socialismo em Cuba. Eles estiveram à frente de órgãos políticos, militares, culturais e educacionais e difundiram e inculcaram os valores, representações e mitologias do PSP em várias instituições e programas da Revolução Cubana. Como mostramos neste capítulo, esse processo foi cheio de conflitos e os antigos socialistas populares foram expurgados em várias ocasiões, assim como ocorreu com os membros de outras agrupações. Houve momentos de extrema tensão entre os antigos membros do PSP e o governo revolucionário, como no caso dos processos contra Marcos Rodríguez, em 1964, que culminou

¹⁴²⁵ COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina*, p. 179. MISKULIN, Sílvia Cesar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução*, p. 208.

¹⁴²⁶ GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*, p. 55.

¹⁴²⁷ Ibidem, p. 59. Sobre as transformações ocorridas no ano de 1968 em Cuba, ver: MISKULIN, Sílvia Cesar. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Esboços* (UFSC), v. 20, p. 47-66, 2008.

¹⁴²⁸ Esse é um conceito que se refere aos anos de 1970 a 1975, quando houve um controle maior da cultura por parte do governo cubano. Há controvérsias sobre a duração do fechamento

¹⁴²⁹ GUANCHE, Julio César, op. cit., p. 72.

¹⁴³⁰ Ibidem, p. 59, grifo nosso.

em uma execução, e contra Aníbal Escalante, em 1967, que provocou a prisão de 35 “conspiradores”, quase todos militantes do antigo Partido. Esses conflitos denotam as disputas por espaço político dentro da Revolução.

A Revolução também foi um processo de negociação no qual os comunistas tiveram um papel fundamental. Eles forneceram seus quadros e sua experiência para a consolidação do governo, serviram como intermediários entre a URSS e Cuba e apoiaram Castro de forma quase irrestrita, fatores que em nossa opinião, explicam a longevidade de sua atuação política mesmo após o fim do PSP e a perpetuação de sua cultura política dentro da Ilha.

Considerações finais

Ao longo desta tese analisamos diversas questões importantes para compreender a trajetória dos socialistas populares dentro de Cuba e de sua cultura política comunista. Nossa hipótese inicial era que a ortodoxia e o dogmatismo haviam sido os traços mais marcantes da trajetória do Partido Socialista Popular. Esperávamos encontrar um comportamento monolítico, sempre fiel às prerrogativas teóricas que o PSP difundia e nas quais acreditava e muitas delas se vinculavam à experiência e aos projetos políticos soviéticos. Em diversos momentos, de fato, o PSP mostrou um comportamento baseado em ideias arraigadas nas concepções cominternistas e stalinistas. Acreditamos, contudo, que nossa hipótese é parcialmente correta, pois, em algumas situações, o Partido negociou suas pautas, fez parte de coalizões amplas com grupos não comunistas e rompeu com os pressupostos que defendia, mostrando flexibilidade nas práticas e nos fundamentos teóricos em algumas conjunturas específicas.

Também pensávamos que a filiação a Moscou tinha sido determinante na atuação dos socialistas populares e, efetivamente, essa vinculação foi um traço fundamental do projeto, das representações e das mitologias da cultura política do Partido. Porém, identificamos diversos acontecimentos nos quais o PSP não se alinhou à URSS, por exemplo, em 1933, quando declarou a greve, a fim de catalisar as paralisações que deveriam derrubar o ditador Gerardo Machado, contrariando a ideia de “classe contra classe” e formando uma aliança com grupos reformistas e anarcossindicalistas.

Essa ruptura também ocorreu em 1958, quando o PSP aderiu às guerrilhas contrariando o pacifismo pregado dentro do campo socialista. Quer dizer, em momentos de maior tensão interna, quando processos revolucionários e armados se desenvolveram na Ilha, os socialistas populares se mobilizaram em prol da derrubada das ditaduras cubanas e fizeram, no plano teórico, malabarismos para explicar suas opções políticas, pois elas contrariavam pressupostos que eles defendiam naquelas ocasiões. Ainda que os momentos de ruptura sejam mais raros que os exemplos de seguimento à teoria, eles mostram a autonomia de decisão que foi fruto de uma análise do contexto e uma resposta a situações que iam além das proposições teóricas formuladas pelo PSP.

O pesquisador Marc Lazar usou algumas antinomias para caracterizar a trajetória e a cultura política do PCF que pensamos caber para definir a história do PSP, que foram a mudança e o imobilismo, a força e a fraqueza, a mutabilidade e a imutabilidade. Isso significa que o percurso político desses partidos não foi retilíneo. Às vezes, foi contraditório com os valores

que eles defendiam. Inegavelmente, todavia, foram grupos que criaram e inculcaram culturas políticas riquíssimas em matéria de representações, mitologias e mitos.

Quando pensamos, inclusive, em quais elementos foram importantes para a fundação de uma cultura política revolucionária e comunista no contexto da Revolução Cubana é inevitável fazer referências ao PSP, ainda que boa parte da historiografia coloque o Partido em segundo plano ou apague seu papel histórico. Este trabalho conseguiu mostrar a importância que o Partido Socialista Popular teve na institucionalização de políticas culturais, sociais, econômicas e educacionais durante boa parte do século XX.

Como indicamos no primeiro capítulo, ao longo das décadas de 1920 e 1940, os comunistas se envolveram nos debates intelectuais, participaram de inúmeras iniciativas no campo cultural (*Revista de Avance*, *Protesta de los 13*, *Grupo Minorista*, *Sono Film* e o cine-debate, *Liga Antiimperialista de las Américas*, dentre outros), bem como nas instâncias legislativas (elegeram deputados e senadores em todas as legislaturas) e atuaram como ministros do governo de Batista no contexto da Segunda República. Mesmo nos anos 1950, o PSP não deixou de fomentar seus mitos e mitologias, seu programa cultural – criou até mesmo uma revista especializada, *Mensajes*, para esse fim –, seus rituais internos (emulações, festas, peregrinações) e de se posicionar publicamente, ainda que com a clandestinidade, ante o cenário político nacional e internacional, tal como demonstramos na segunda parte da tese.

Ao contrário de outros PC's, os membros do PSP vivenciaram uma revolução que se tornou socialista durante seu percurso e deu a eles um lugar fundamental dentro do governo revolucionário, temática que tratamos no terceiro e quarto capítulos. Mostramos como os socialistas populares ascenderam politicamente e foram, em nossa perspectiva, fundamentais para a aproximação de Cuba com a URSS e para a institucionalização dos programas socialistas da Revolução. Como salientamos, na área da política externa, os membros do PSP se encontraram com representantes da URSS e da China, estiveram presentes em acordos comerciais e intermediaram as relações diplomáticas entre Cuba e o campo socialista. Essa aproximação era uma demanda histórica do PSP, que foi efetivada após 1960, graças, em partes, à atuação dos antigos membros do Partido dentro do governo.

No plano interno, os comunistas atuaram nas *Escuelas de Instrucción Revolucionarias*, no jornal *Noticias de Hoy*, nas Universidades, na UNEAC e no CNC e, nessas instituições, inculcaram seus valores e perpetuaram práticas e representações de sua cultura política. Nos cargos de direção dentro das ORI's, PURS e PCC, e no INRA, os socialistas populares elaboraram políticas públicas que refletiram demandas históricas de seu programa. A título de exemplo, como indicamos, os locais do PSP serviram como núcleos do PURS e esse partido foi

organizado aos moldes do PSP (a forma de ingresso, as práticas internas, como as emulações e a retribuição material, e as sessões de crítica e autocrítica).

Defendemos que, no contexto da Revolução, houve um compartilhamento de mitos, representações e práticas entre o DER, o MR-26-7 e os comunistas. Entretanto, quando observamos a historiografia, são os aspectos relacionados ao Movimento 26 de Julho que aparecem em evidência. Como indicamos, pouquíssimo se sabe sobre as contribuições do PSP ao processo histórico pós-59 e acreditamos que nosso trabalho supriu uma parte das lacunas historiográficas em relação à temática.

A ascensão política dos comunistas foi marcada, por um lado, pela negociação com as demais agrupações insulares. Nos relatos sobre o Partido, encontramos autores que adjetivaram o PSP como oportunista, pelos vínculos estabelecidos por ele ao longo de sua história – com Fulgencio Batista, por exemplo, nos anos 1940. Parece-nos simplório, porém, esperar que, dentro do campo da política, um partido se abstenha de negociar e de fazer arranjos.

Como apontou Daniel Louis-Seiler, o objetivo do partido político é o poder e, para alcançá-lo, o PSP negociou com as demais agrupações políticas cubanas e abriu mão de ou transformou determinadas pautas em certas ocasiões, como no caso das demandas contra o racismo no contexto da Revolução. Mas, quando observamos a trajetória do PCC/PSP em uma média duração de tempo, ou seja, ao longo de seus 40 anos de existência, encontramos mais momentos de fidelidade à linha política partidária, aos princípios e valores internos do que de negociação. Esse é um sinal da ortodoxia partidária e do enraizamento da cultura política difundida e vivenciada pelos comunistas cubanos.

Por outro lado, o crescimento dos membros do PSP dentro da Revolução também foi marcado por conflitos que provocaram as prisões de Joaquín Ordoqui e o insílio¹⁴³¹ de sua esposa, Edith García Buchaca, a condenação de Aníbal Escalante e o afastamento de Ramon Calcines, em 1967. Defendemos que esses afastamentos, bem como o falecimento de Agüero e César Escalante, provocaram o fim dos vínculos oficiais da “geração de 30” do PCC/PSP. Além desses fatores, acrescentamos que o desaparecimento dos locais de sociabilidade política dos socialistas populares, como o jornal *Noticias de Hoy* e a revista *Cuba Socialista*, fechados em 1965 e 1967, respectivamente, e o posicionamento de Blas Roca e Carlos Rafael Rodríguez na

¹⁴³¹ Muitos cubanos que romperam com o governo revolucionário deixaram de apoiá-lo, mas optaram por não sair de Cuba. Em seu país natal, eles não encontraram espaço para o debate, sofreram perseguições e foram silenciados de diversas formas. A noção de insílio retrata bem essa situação e foi o que ocorreu com García Buchaca. Mesmo sem ter sido condenada pela justiça, a antiga líder do PSP nunca mais retornou a postos políticos, viveu reclusa por quase cinco décadas e não se pronunciou, por exemplo, nas raríssimas entrevistas que concedeu, sobre o expurgo que seu marido sofreu, sobre sua atuação no PSP e no Conselho Nacional de Cultura.

condenação pública de seus antigos companheiros (Aníbal Escalante e Joaquín Ordoqui), durante os processos judiciais que os envolveram, também são sinais da ruptura dos vínculos partidários.

Ao analisar os traços do imaginário, mitologias e das representações criadas, difundidas e inculcadas pelo Partido Socialista Popular, notamos que alguns elementos foram mais proeminentes. O anti-imperialismo e as denúncias das ações de ingerência dos Estados Unidos estiveram presentes na imprensa partidária desde o início da organização e foram pautas fundamentais de seu programa. Um elemento forte da expressão desse anti-imperialismo é a noção da “república frustrada”, ou seja, a crença de que EUA impediram a verdadeira independência de Cuba e que se fazia necessário, então, lutar para consegui-la. Além disso, a pauta da questão racial também teve enorme importância dentro do PSP. A luta antirracista do Partido ocorreu no plano legislativo, no envolvimento dos comunistas em associações de pessoas negras, na expressiva representação de homens negros na direção do Partido e na denúncia insistente dos preconceitos raciais em seus meios de comunicação. Como sinalizamos, o tratamento dado pelos socialistas populares à questão racial sofreu modificações, pois o PSP aceitou o discurso castrista de que o racismo estava em vias de eliminação e, assim, abdicou dos métodos de luta que historicamente adotou. O mesmo ocorreu quando o Partido abandonou à recorrência às greves como forma de luta.

Outra modificação importante feita pelos comunistas se refere à concepção de homem novo que, após 1959, foi representado como um guerrilheiro armado. Isso não quer dizer que os socialistas populares abandonaram a defesa daqueles valores que consideravam fundamentais para a moralidade humana dentro da sociedade socialista, mas sim que incluíram nessa representação a necessidade do recurso às armas e a realização de atividades militares (treinamentos, incorporação voluntária nas forças armadas etc.) como forma de defender a Revolução Cubana.

Defendemos que a unificação das organizações revolucionárias foi fundamental nesse processo de transformação, uma vez que para se incorporar ao governo revolucionário, primeiro, e, depois, ao partido que uniria as agrupações políticas insulares, os comunistas modificaram suas pautas e representações a fim de abrirem espaço para as negociações. Notamos isso não somente na transformação da concepção sobre o homem novo, da luta contra o racismo e da importância que davam para as greves, mas também na autocrítica do Partido alegando que os socialistas populares deviam ter entrado na luta armada mais cedo e nas denúncias e/ou críticas feitas por líderes do PSP ao comportamento de seus antigos companheiros durante os processos dos expurgos de Aníbal Escalante e Joaquín Ordoqui.

Tendo em vista essas transformações e negociações, considerados que a cultura política que se formou após a vitória da Revolução pode ser definida como revolucionária e comunista. Ela reuniu representações, imaginários, mitologias, programas políticos e formas de luta vinculadas às diversas agrupações políticas insulares. Assim, diferentemente de outras abordagens, defendemos que o PSP teve um papel fundamental na criação dessa cultura política, porque forneceu o seu repertório de imagens, imaginários, projetos políticos, mitologias e seus militantes para o processo revolucionário cubano, como mostramos ao longo da tese.

Como indicamos, a historiografia sobre a Revolução Cubana não tratou desses conflitos, das negociações e do papel político desempenhado pelos comunistas. Contudo, os membros do antigo Partido deixaram alguns relatos escritos após 1959 sobre sua própria trajetória.¹⁴³² Consideramos que esses textos funcionaram como uma construção memorialística formulada nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e isso mostra uma necessidade de relembrar o passado partidário, bem como perpetuar uma representação e um imaginário sobre o papel dos comunistas. Pensamos que essa foi uma forma de mantê-los presentes na narrativa histórica da Revolução, considerando que a historiografia insular se concentrou no Movimento 26 de Julho e nos temas vinculados ao movimento trabalhista.¹⁴³³

Em 1965, Pedro Serviat lançou o livro *40 aniversario de la fundación del Partido Comunista de Cuba*. A obra foi editada pela direção das EIR's, coordenadas por Lionel Soto. O texto descreveu o cenário político anterior à formação do PCC, em 1925, mas não deixa de ser uma homenagem e uma construção da trajetória dos membros fundadores do Partido. Em 1965, a revista *Cuba Socialista* também comemorou e lembrou a importância dos comunistas e, com isso, reforçou a construção de uma memória na qual os socialistas populares eram representados como aqueles que “não tiveram outro interesse que o de servir fielmente ao povo” e reconheceu que “o mérito histórico do Partido fundado por Mella e Baliño foi conseguir que as ideias do marxismo-leninismo penetrassem profundamente na consciência de amplos setores

¹⁴³² GROBART, Fabio. *Trabajos escogidos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. (nos três volumes da obra há textos sobre a história do PSP).

¹⁴³³ Jorge Ibarra destacou a tentativa do governo cubano de suplantar a “história de Cuba” pela “história do movimento trabalhista” no ensino primário, cuja ênfase recaia na história de algumas organizações proletárias e de alguns militantes. Também apontou a existência de parâmetros oficiais dentro da historiografia, quando se estabeleceu que os historiadores tinham que formular hipóteses tendo como base somente a documentação disponível para os investigadores, isso é, as pesquisas estavam restritas aos textos que os órgãos oficiais disponibilizavam. Ver: IBARRA, Jorge. *Historiografía y revolución*. *Revista Temas*, La Habana, nº 1, enero-marzo de 1995, p. 8-9.

dos trabalhadores e intelectuais cubanos [...]”.¹⁴³⁴ Ou seja, a revista representou o PSP como o responsável pela inculcação da ideologia comunista dentro Cuba.

Em 1975, aconteceu uma festividade pelos 50 anos da organização e, em 1985, foi realizada em Havana uma celebração pelo aniversário de 60 anos do Partido Comunista. Essa perpetuação de comemorações também é um sinal, em nossa perspectiva, tanto da vontade de seus antigos membros em lembrar sua trajetória e reafirmar o seu papel político, quanto do governo cubano de se referir à história do PSP para legitimar a longevidade do marxismo dentro de Cuba e, conseqüentemente, validar a opção ideológica da Revolução. Em 1980, Carlos Rafael Rodríguez destacou que existia um “vínculo indissolúvel entre a obra desses primeiros marxista-leninistas de nosso país e a grande tarefa que desenvolvem hoje os marxista-leninistas de Cuba sob a direção de seu Partido Comunista [...]”,¹⁴³⁵ passagem que exemplifica, uma vez mais, esse artifício de vinculação entre a Revolução e os antigos comunistas.

O Partido participou ativamente da vida política de Cuba por quase quatro décadas e, mesmo quando o PSP foi dissolvido, seus membros se mantiveram ativos dentro do governo. Blas Roca, por exemplo, entrou na organização em 1930 e foi membro do PCC até sua morte, em 1987. Carlos Rafael Rodríguez foi membro da direção do PCC desde 1965 até seu falecimento, em 1997.

As principais características da história do PSP possuem uma duração significativa: o Partido existiu por 36 anos, a direção que o comandou se filiou à organização nos anos 1930 e militou nela até a década de 1960, sendo que alguns de seus membros, como Fabio Grobart, estiveram desde o começo até o fim do Partido, o jornal partidário existiu durante 27 anos. Se incluirmos aí a perenidade dos valores, das mitologias (o culto a Stalin, as referências aos heróis, o mito da conspiração dos “imperialistas”, a visão escatológica da história, os valores do homem novo), notamos que permaneceram quase inalterados por 30 anos também. Os militantes comunistas e sua cultura política tiveram uma trajetória mais longa ainda se pensarmos que vários deles tiveram cargos importantes após o fim do PSP, como sinalizamos anteriormente, e continuaram inculcando suas referências teóricas e práticas políticas nas décadas seguintes a 1960, o que, em nossa opinião, mostra a importância dos socialistas populares na institucionalização do socialismo em Cuba.

¹⁴³⁴ PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Editorial: El 40 aniversario del primer Partido marxista-leninista en Cuba. *Revista Cuba Socialista*, agosto de 1965, año V, nº 48, p. 10.

¹⁴³⁵ RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 1. La Habana: Ediciones Unión, 1983, p. 361.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias do primeiro capítulo

AUTOMAYOR. Parte del informe del representante del PC de Cuba Automayor. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

COMITÊ EXECUTIVO DA INTERCIONAL COMUNISTA. Carta del secretariado latinoamericano del CEIC al PC de Cuba. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

COMITÊ EXECUTIVO DA INTERNACIONAL COMUNISTA. Informe del secretariado Latinoamericano del CEIC sobre la situación del PC de Cuba. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

CANTÓN NAVARRO, José. Blas en la memoria. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 56-64.

ESCALANTE, Aníbal. Regreso y esbozo. *Noticias de Hoy*, N° 291, Año XV, Domingo, 7 de diciembre de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. *Stalin, la gran figura de la paz y la libertad*. *Noticias de Hoy*, N° 55, Año XVI, Viernes, 6 de marzo de 1953.

GARCIA BUCHACA, Edith. La lucha contra el envío de tropas cubanas a Corea y la Paz. *Revista Fundamentos*, abril de 1951, Año XI, n° 109.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Luis C. Tenía el seudónimo de Julio Martínez. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008, p. 88-92.

GEORGE, H. Parte del informe sobre la situación del PCC y del movimiento obrero de Cuba. Hecho por el representante del PCEU H. George. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV,

Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

GROBART, Fabio. Los problemas del desarrollo del Partido y la Reforma de los Estatutos. *II Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular. Los socialistas y la realidad cubana. Informes, resoluciones y discursos*. La Habana: Ediciones del PSP, 1944.

GUILLÉN, Nicolás. *Páginas cubanas: autobiografía de um poeta na revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

INTERNACIONAL COMUNISTA. *Teses acerca do movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais*. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/1928/09/teses_comintern.htm. Acesso em: 10/1/2018.

LUZARDO, Manuel. El programa socialista. In: PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Los socialistas y la realidad cubana. II Asamblea Nacional del PSP*. La Habana: Ediciones del PSP, 1944.

MARTÍNEZ VILLENA, Rubén. Carta de R. Martínez Villena al BP del CC del PCEU. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

ORDOQUI, Joaquin. Continuemos por el camino del cumplimiento de los principios leninistas de organización. *Revista Fundamentos*, abril de 1950, año X, n° 97, p. 375.

PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *As 21 condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista (1920)*. Disponível em: http://ciml.250x.com/archive/lenin/portuguese/lenin_1920_condicoes_de_admissao_na_internacional_comunista_portuguese.html. Acesso em: 7/1/2019.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Informe do representante do PCC J.A. Vivó d'Escoto sobre o partido comunista “apócrifo” de Cuba, 28 de novembro de 1929, In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. La carta del presidium de la primera conferencia al PC de Cuba y de México, 31 de mayo de 1926. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey

(Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba analizando el desarrollo del movimiento huelguístico. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 379-386.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba sobre la masacre del 29 de septiembre. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 432-441.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del Partido Comunista de Cuba sobre los sucesos del Primero de mayo, 3 de mayo de 1930. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 195-197.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Manifiesto del partido comunista sobre la situación política de Cuba y los hechos del 30 de septiembre. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 207-209.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Plataforma electoral del Partido Comunista de Cuba. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 288-294.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Pronunciamiento del Comité Central del Partido Comunista de Cuba contra la mediación. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 351-361.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Resolución sobre la situación actual, perspectivas y tareas. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *El movimiento obrero*. Documentos y artículos. Tomo II, 1925-1935. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1977, p. 722-755.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Vota contra el gobierno y por los candidatos a representantes y senadores de PSP”. *Noticias de Hoy*, N° 48, Año XV, domingo, 24 de febrero de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP. Nuestra tarea central: Defensa de la Paz. Resolución de la Comisión Ejecutiva del PSP. *Revista Fundamentos*, Marzo de 1950, año X, n° 96.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial. *Revista Fundamentos*. Diciembre de 1944, año IV, n° 40.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial. *Revista Fundamentos*. Mayo de 1944, año IV, n° 33.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: 7 de diciembre. *Revista Fundamentos*, Diciembre de 1950, año IV, n° 40.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: Ante las elecciones. *Revista Fundamentos*, Mayo de 1944, año IV, n° 33.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: Stalin. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1944, año IV, n° 39.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. II Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular. *Los socialistas y la realidad cubana. Informes, resoluciones y discursos*. La Habana: Ediciones del PSP, 1944.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *La lucha contra la discriminación racial*. Historia de una ley. Folleto. Ediciones del Partido Socialista Popular, 1951.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las afiliaciones del PSP que han sido reportadas hasta hoy. *Noticias de Hoy*, año X, n° 249, martes, 21 de octubre de 1947

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Represión, terror y el centro de la perturbación. *Noticias de Hoy*, N° 246, año X, Viernes, 17 de octubre de 1947.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resoluciones de la CEN del PSP sobre el caso de Esperanza Sánchez Mastrapa. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, n° 103.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resoluciones del CN del PSP. *Revista Fundamentos*, agosto de 1950, año X, n° 101.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un editorial: Stalin, la gran figura de la paz y la libertad. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 55, viernes, 6 de marzo de 1953.

PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. Editorial. *Revista Fundamentos*, Junio de 1941, año I, n° 3.

PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. El pacto de no agresión. Consecuencias de la acción de la Unión Soviética. *Noticias de Hoy*, N° 201, Año II, Viernes, 25 de agosto de 1939.

PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA COMUNISTA. Resulto un gran acontecimiento político la clausura de la II asamblea nacional del PURC. *Noticias de Hoy*, N° 222, año IV, Martes, 16 de septiembre de 1941.

PARTIDO UNIÓN REVOLUCIONARIA. El Partido Comunista de Cuba adoptará una actitud más positiva frente al coronel Batista. *Noticias de Hoy*, n° 62, año I, Martes, 26 de Julio de 1938.

ROCA, Blas. “Reiteramos nuestro propósito de apoyar cualquier de progreso”, Blas Roca. *Noticias de Hoy*, N° 220, año VII, Jueves, 14 de septiembre de 1944.

ROCA, Blas. El cambio del nombre. *Revista Fundamentos*. Febrero de 1944, año IV, n° 30.

ROCA, Blas. El honor de ser stalinista. *Revista Fundamentos*. Febrero de 1950, año X, n° 95.

ROCA, Blas. El sentido de la votación del PSP. *Revista Fundamentos*. Abril y Mayo de 1948, año VIII, n° 78.

ROCA, Blas. Las coaliciones municipales del PSP. *Revista Fundamentos*. Mayo de 1950, año X, n° 98.

ROCA, Blas. Los errores del PSP en materia de organización. *Revista Fundamentos*. Septiembre y octubre de 1948, año VIII, n° 80.

ROCA, Blas. *Los fundamentos del socialismo en Cuba*. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961.

ROCA, Blas. Los pactos electorales. *Revista Fundamentos*. Abril e Mayo de 1946, año VI, n° 56 e 57.

ROCA, Blas. Por que crece el PSP. *Revista Fundamentos*. Septiembre y Octubre de 1946, año VI, n° 60.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 1. La Habana: Ediciones Unión, 1983a.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 2. La Habana: Ediciones Unión, 1983b.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. *Letra con filo*. Tomo 3. La Habana: Ediciones Unión, 1987.

VALDÉS VIVÓ, Raúl. Ojos de obrero revolucionario y lógica de sabio. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

Fontes primárias do segundo capítulo

BATISTA, Fulgencio. Imposible que el comunismo venza en Cuba. *El mundo*, 20 de diciembre de 1953, p. 1. Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/1953/El-Mundo-12-20-1953-1.pdf>. Acesso em: 29/01/2018.

BRAVO, Flavio. La generación de 50. *Revista Fundamentos*, agosto de 1950, año X, n° 101.

CARBAJAL, Ladislao G. La cuestión judía no existe en la sociedad socialista. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 26, 30 de enero de 1953.

CASTELLANOS, Jorge. Carta de Jorge Castellanos. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, n° 127.

CASTRO, Fidel. ¡Frente a todos! In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960.

CASTRO, Fidel. La historia me absolverá. In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960.

CASTRO, Fidel. Separación del Partido Ortodoxo. In: CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. Escritos y discursos. Buenos Aires: Editorial Palestra, 1960.

CHIBÁS, Raúl. En Cuba. *Revista Bohemia*, 11 de diciembre de 1955, año 47, n° 50.

CHIBÁS, Raúl. En Cuba. *Revista Bohemia*, 15 de agosto de 1954, año 46, n° 33.

DÍAZ, A. Balance de la actividad de la dirección nacional del Partido Socialista Popular desde el 26 de julio hasta la fecha y nuestra lucha por la solución democrática de la crisis cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1954, año XIV, n° 138.

ESCALANTE, Aníbal. Homenaje a Lenin y a nuestros mártires Mella, Rubén e Menéndez. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1949 - enero de 1950, año X, n° 94.

ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: El aniversario del partido de los pobres. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 195, 16 de agosto de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: El PRC y la comparsa de Hevia. *Noticias de Hoy*, 10 de febrero de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: hombre de un temple especial. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 13, 15 de enero de 1952.

ESCALANTE, ANÍBAL. Notas del director: nadie lo siente. *Noticias de Hoy*, n° 64, año XV, viernes, 14 de marzo de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: una certidumbre. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 130, 1° de junio de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. Notas del director: una honestidad a prueba de todo. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 45, 21 de febrero de 1952.

ESCALANTE, Aníbal. Sobre el programa del Partido. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ESCALONA ALMEIDA, Arnaldo. Política y políticos. *Noticias de Hoy*, n° 12, año XV, domingo, 12 de enero de 1952.

ESCALONA ALMEIDA, Arnaldo. Política y políticos. *Noticias de Hoy*, n° 45, año XV, jueves, 21 de febrero de 1952.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 121. *Paper Prepared by the Embassy in Cuba*. 1958–1960, Cuba, Volume VI, Havana, August 8, 1958.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 200. *Telegram From the Department of State to the Embassy in Cuba*. 1958–1960, Cuba, Volume VI, Washington, December 30, 1958.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 267. *Editorial Note*. The American Republics, Habana, July, 1956.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. 307. *Memorandum From the Director of the Office of Middle American Affairs (Wieland) to the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Rubottom)*. 1955–1957, American Republics: Multilateral; Mexico; Caribbean, Volume VI, Washington, December 19, 1957.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *Memorandum of Conversation, by Harvey R. Wellman of the Office of Middle American Affairs*. Washington, July 25, 1953.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *The Ambassador in Cuba (Beaulac) to the Department of State*. 1952–1954, The American Republics, Volume IV, Habana, January 9, 1953.

FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES. *The Secretary of State to the Secretary of Agriculture (Benson)*. 1952–1954, The American Republics, Volume IV, MID files, lot 56 D 569, “Sugar Act”, Habana, June 4, 1954.

GARCÍA BUCHACA, Edith. La lucha contra el envío de tropas cubanas a Corea e la Paz. *Revista Fundamentos*, abril de 1951, año XI, n° 109.

LUZARDO, Manuel. Los problemas de organización del Partido a la caída de la tiranía. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

MARINELLO, Juan. Carta de Juan Marinello a la FEU. *Respuestas*, año IV, n° 157, 14 de marzo de 1958.

MARINELLO, Juan. Informe de Juan Marinello en la reunión de intelectuales del Partido. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, n° 129.

MARINELLO, Juan. Las nuevas tareas del Movimiento por la Paz. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1950, año X, n° 104.

MOVIMIENTO 26 DE JULIO; DIRECTORIO REVOLUCIONARIO. Pacto de Pedrero. In: OJEDA BORGES, Leonardo *et. al.* *La Revolución cubana, 1953-1980*. Selección de lecturas 1, segunda parte. La Habana: Ediciones, 1983.

ORDOQUI, Joaquín. Continuemos por el camino del cumplimiento de los principios leninistas de organización. *Revista Fundamentos*, abril de 1950, año X, n° 97.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¡A elevar el nivel ideológico del Partido! ¡A forjar más cuadros dotados de una perspectiva teórica que mejore su actividad práctica! *Carta Semanal*, n° 132, 22 de febrero de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¿Por qué no imitarlo? *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, n° 24.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “En la URSS no hay persecución racial”, dicen líderes hindúes. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 51, 1 de marzo de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Me avergüenza que en el extranjero sepan el estado de cosas reinante en Cuba”, dice Nicolás Guillén. “Mi pasaporte me ha sido quitado por la policía cubana, por orden yanqui”. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 24, miércoles, 28 de enero de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. A todos los militantes, afiliados y simpatizantes del PSP. A todos los trabajadores, a todo el pueblo. *Carta Semanal*, n° 59, 29 de septiembre de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Alguaciles alguacilados. *Respuestas*, 13 de abril de 1955, año 1, n° 8.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Aniversario del Partido. *Carta Semanal*, n° 4, 3 de septiembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Arbitrariamente fue detenido Flavio Bravo, presidente de la JS. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 55, viernes, 6 de marzo de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Asuntos fundamentales del programa de la solución democrática de la crisis*. La Habana: Editorial Piramide, 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Carta de un comité socialista*. Boletim Reclutar y educar. Boletín para la “Promoción Mambisa” editado por el BE del C. Nacional del Partido Socialista Popular, enero de 1956, etapa III, n° 2.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Carta del PSP. *Carta Semanal*, n° 175, 19 de diciembre de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comentarios al margen de una derrota del gobierno. *Carta Semanal*, n° 10, 20 de octubre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comentarios: La bancarrota de los imperialistas y sus mentiras antisoviética. *Carta Semanal*, n° 137, 28 de marzo de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del PSP: Sobre el XX Congreso del PC de la URSS. *Carta Semanal*, n° 139, 11 de abril de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Condena el Partido Socialista Popular la aventura contragolpista del Dr. Prío. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 287, miércoles, 3 de diciembre de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Conmemoración del 10 de Enero. *Carta Semanal*, n° 23, 18 de enero de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Conmemoraciones. *Carta Semanal*, n° 25, 1° de febrero de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Contra la falsedad y la calumnia. Con motivo de un reportaje de “look” sobre la Sierra Maestra. *Carta Semanal*, n° 235, 12 de febrero de 1958.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Cuadernos de educación popular 2*. La Habana, 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones de Nicolás Guillen. ‘A un hombre se detiene, señores policías, pero a la vida jamás.’ *Noticias de Hoy*, año XV, n° 237, sábado, 4 de octubre de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones del PSP: Las mentiras del gobierno sobre la huelga y la situación. *Carta Semanal*, n° 244, 16 de abril de 1958.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones: El PSP y las reuniones de la SAR. *Carta Semanal*, n° 99, 6 de julio de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del Partido: Resolución de expulsión de César Vilar de las filas del PSP. *Revista Fundamentos*, agosto de 1954, año XIV, n° 140.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: Informe sobre el trabajo educativo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1953, año XIII, n° 131.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: La lucha contra el enemigo de clase en el interior del Partido. *Revista Fundamentos*, mayo de 1953, año XIII, n° 134.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos del PSP: Sobre la “conspiración” informada por el Gobierno. *Revista Fundamentos*, mayo de 1953, año XIII, n° 134.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Duplica a un hipócrita que especula con las dictaduras. *Respuestas*, 10 de marzo de 1956, año 2, n° 55.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Editorial: El 7 de noviembre. *Carta Semanal*, n° 13, 9 de noviembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *El 'madrugón' del 10 de marzo, sus orígenes, sus objetivos y sus perspectivas*. Resolución de la Comisión Ejecutiva Nacional del PSP. Documentos del PSP. Para la Frente Única de Masas para Salvar a Cuba, 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El "modo de vida" yanqui. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 72, 23 de marzo de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El anticomunismo: producto de la imposición extranjera. *Carta Semanal*, n° 12, 2 de noviembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El bienestar del Pueblo: objetivo y realización de la sociedad socialista. *Carta Semanal*, n° 13, 9 de noviembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El capitalismo no sólo engendra la prostitución, sino que la explota. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 10, 11 de enero de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El juicio de Santiago. *Carta Semanal*, n° 9, 13 de octubre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El Macarthysmo en Cuba: Un nuevo atropelo a Juan Marinello. *Carta Semanal*, n° 43, 12 de junio de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El Partido Socialista Popular y las escuelas privadas. *Respuestas*, 17 de diciembre de 1955, año 1, n° 43.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. El título que debió poner "información". *Respuestas*, 6 de agosto de 1955, año 1, n° 24.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Establecimiento de premios honoríficos permanentes. *Vanguardia*, 1° de abril de 1954, año 1, n° 14..

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Estafó 13 mil pesos al PSP. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 9, 10 de enero de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Estatutos del Partido Socialista Popular*. La Habana, 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Expulsado Romilio Portuondo del Partido Socialista Popular. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 72, 23 de marzo de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Forte protesta en defensa de Marinello. *Carta Semanal*, n° 15, 23 de noviembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Hojas del cielo... *Carta Semanal*, n° 88, 20 de abril de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Imperialismo sin afeites. *Respuestas*, 14 de enero de 1956, año 2, n° 47.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La consigna de la salvación nacional. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 7, 8 de enero de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La lucha por la Paz. *Carta Semanal*, n° 37, 1° de mayo de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La nueva detención de Marinello. *Carta Semanal*, n° 49, 24 de julio de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La penuria de un crítico. *Respuestas*, 4 de octubre de 1955, año 1, n° 32.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La visita del general Batista a Hoy. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 28, viernes, 1° de febrero de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Laicismo y clericalismo. *Respuestas*, 14 de enero de 1956, año 2, n° 47.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Llamamiento ¡Unámonos y venceremos! *Carta Semanal*, n° 174, 12 de diciembre de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Lo que los dejó "pasmados". *Respuestas*, 12 de septiembre de 1955, año 1, n° 29.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los actos del 28 de enero. *Carta Semanal*, n° 26, 5 de febrero de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los medios delatan su impotencia. *Respuestas*, 14 de abril de 1956, año 2, n° 60.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los que resisten la clandestinidad. *Respuestas*, 6 de abril de 1955, año 1, n° 7.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Los sucesos de la URSS. *Carta Semanal*, n° 126, 19 de julio de 1957.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Manifiesto: A todos los opositores, a los obreros y campesinos de nuestro país; al pueblo en general. *Carta Semanal*, n° 151, 4 de julio de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Más medidas fascistas: eso es todo. *Carta Semanal*, n° 76, 26 de enero de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Millonarios sin plusvalía y revistas sin recato. *Respuestas*, 10 de octubre de 1955, año 1, n° 33.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo a Fidel Castro y a todos los presos políticos libertados. *Carta Semanal*, n° 93, 25 de mayo de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Orientación del día: Los acontecimientos de la semana pasada y lo que debemos hacer ahora. *Carta Semanal*, n° 245, 23 de abril de 1958.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama Político. *Carta Semanal*, n° 125, 4 de enero de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama político. *Carta Semanal*, n° 142, 2 de mayo de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Panorama político. *Carta Semanal*, n° 157, 15 de agosto de 1956.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Paradojas papales. *Respuestas*, 28 de enero de 1956, año 2, n° 49.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¿Por que no imitarlos? *Respuestas*, año 1, n° 24, 6 de agosto de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Por qué nuestro Partido apoya a la Sierra Maestra. *Carta Semanal*, n° 239, 12 de marzo de 1958.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Propone el Partido Socialista Popular a los firmantes del Pacto de Caracas la inmediata convocación de la reunión de partidos y sectores opositoristas. Carta de Juan Marinello y Blas Roca, a nombre del PSP. *Carta Semanal*, n° 261, 13 de agosto de 1958.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Protestó el PSP por la detención del dirigente Segundo Quincosa. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 250, martes, 21 de octubre de 1952.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recuerda que... *Vanguardia*, año I, n° 1, 1° de Septiembre de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del CE Nacional del PSP sobre la defensa de los derechos democráticos. *Revista Fundamentos*, febrero de 1951, año XI, n° 107.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución sobre el trabajo intelectual adoptada por la mesa ejecutiva nacional del PSP en octubre de 1950. *Mensajes*. Año I, n° 1, febrero de 1955.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resoluciones de la CEN del PSP sobre el caso de Esperanza Sánchez Mastrapa. *Revista Fundamentos*, octubre de 1950, año X, n° 103.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Seguridad... y despreocupación. *Carta Semanal*, n° 30, 13 de marzo de 1954.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Suspende el SIM el homenaje a Lenin. Detiene a varios líderes del PSP. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 20, viernes, 23 de enero de 1953.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tender y pensar. *Respuestas*, 18 de Julio de 1955, año 1, n° 21.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Trastienda y lecciones de un acto. *Respuestas*, 26 de noviembre de 1956, año I, n° 40.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Vida del Partido. *Carta Semanal*, n° 213, 11 de septiembre de 1957.

PORTELL VILÁ, Herminio. La propaganda comunista. *Revista Bohemia*, 24 de abril de 1955, año 47, n° 17.

REY PERNAS, Santiago. "Hay que definirse: comunista o democrata". *Revista Bohemia*, 5 de junio de 1955, año 47, n° 23.

ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ROCA, Blas. Del informe de Blas Roca: "En la unidad de las fuerzas populares se halla la clave de la situación cubana". *Noticias de Hoy*, año XV, n° 48, domingo, 24 de febrero de 1952.

ROCA, Blas. El honor de ser stalinista. *Revista Fundamentos*, febrero de 1950, año X, n° 95.

ROCA, Blas. La dirección burguesa y las masas. *Noticias de Hoy*, n° 18, año XV, domingo, 20 de enero de 1952.

ROCA, Blas. La guerra y la lucha por la Paz. *Revista Fundamentos*, mayo de 1951, año XI, n° 110.

ROCA, Blas. La lectura y el estudio individual. *Revista Fundamentos*, enero de 1951, año X, n° 106.

ROCA, Blas. La lucha en el PPC por un pacto con los auténticos y la necesidad del Frente Único. *Revista Fundamentos*, agosto de 1952, año XII, n° 125.

ROCA, Blas. Nuestro triunfo es seguro, nuestra victoria es inevitable. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1950, año X, n° 102.

ROCA, Blas. Sobre la discusión en la Provincia de Oriente. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1950, año X, n° 105.

ROCA, Blas. Sobre la traición de Esperanza Sanchez y la vigilancia revolucionaria. *Revista Fundamentos*, noviembre de 1950, año X, n° 104.

ROCA, Blas. Un congreso que hace historia. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1961, año I, n° 4.

ROCA, Blas. Unión para derrotar al gobierno con un programa de paz, democracia y bienestar. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1951, año XI, n° 117.

ROCA, Blas. Universalidad del marxismo. *Noticias de Hoy*, año XVI, n° 62, 14 de marzo de 1953.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Carta a Raúl Chibás. *Respuestas*, año I, n° 43, 17 de diciembre de 1955.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Como vi surgir en la Sierra nuestras fuerzas armadas revolucionarias. *Revista Verde Olivo*, año XXVII, n° 48, 4 de diciembre de 1986.

ROJAS, Ursinio. La lucha por la unidad obrera. *Revista Fundamentos*, marzo de 1959, año XIX, n° 151.

SANTOS VALENTIM *et. al.* Editorial: La lucha contra el comunismo y los problemas nacionales del momento. *Diario de la Marina*, 20 de julio de 1957, año CXXXV, n° 170.

SANTOS VALENTIM *et. al.* Peligrosa aún la labor del comunismo en Latinoamérica. *Diario de la Marina*, 14 de febrero de 1957, año CXXXV, n° 39.

SANTOS VALENTIM *et. al.* Tentativas de penetración comunista en la política nacional. *Diario de la Marina*, 11 de enero de 1957, año CXXXV, n° 10.

SOTO, Lionel. Las Escuelas de Instrucción Revolucionaria y la formación de cuadros. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1961, año I, n° 3.

TORRAS, Jacinto. Sección económica. Distribución de alimentos en el socialismo y en el capitalismo. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 16, 18 de enero de 1952.

VALDÉS VIVÓ, Raúl. El movimiento estudiantil y el Frente Único de Masas. *Revista Fundamentos*, julio de 1953, año XIII, n° 136.

VALDES VIVO. Raúl. Evocación del mundo nuevo en su XXXV aniversario. Allí el hombre es el capital máspreciado. *Noticias de Hoy*, año XV, n° 268, 11 de noviembre de 1952.

VELÁZQUEZ, Norberto. Sobre el estado organizativo y los problemas de organización del Partido. *Revista Fundamentos*, mayo de 1954, año XIV, n° 138.

Fontes primárias do terceiro capítulo

BOHEMIA. Editorial 2: Contra el comunismo. *Revista Bohemia*, año 51, n° 2, 11 de enero de 1959.

CALCINES, Ramon. El espíritu de unidad de la juventud cubana. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154.

CARNEADO, José Felipe. La discriminación racial en Cuba no volverá jamás. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1962, año II, n° 5.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado en las Honras Fúnebres de las Víctimas del Bombardeo a distintos puntos de la República. 16 de abril de 1961*. Disponible em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 12/5/2021.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, en el resumen de la velada conmemorativa de los cien años de lucha. 10 de octubre de 1968*. Disponible em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 21/5/2021)

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en el campamento "Agramonte", en Camagüey 21 de octubre de 1962*. Disponible em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 21/5/2021)

CASTRO, Fidel. Editorial: "Cuba Socialista". *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año 1, n° 1.

DIRECIÓN NACIONAL DEL MR-26-7 DE LA HABANA. Gramma: La reforma agraria y los divisionistas. *Revolución*, año 2, n° 146, 28 de mayo de 1959.

DIRECIÓN NACIONAL DEL MR-26-7 DE LA HABANA. Gramma: Respuesta a Blas Roca. *Revolución*, año 2, n° 130, 8 de mayo de 1959.

EL ÍNDIO NABORI. Paralelismo de proeza, de barbas e expresión entre Máximo Gómez e Fidel. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 272, 18 de noviembre de 1964.

ESCALANTE, Aníbal. Divagaciones sobre la justicia y defensa propia. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 147, 30 de junio de 1959.

ESCALANTE, Aníbal. El marxismo-leninismo y la Revolución Cubana. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164.

ESCALANTE, Aníbal. El papel de los comunistas en la guerra: Nosotros podemos decirselo... *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 146, 28 de junio de 1959.

ESCALANTE, Aníbal. El platismo, dolencia pertinaz. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 100, 5 de mayo de 1959.

ESCALANTE, Aníbal. Informe del compañero Aníbal Escalante. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ESCALANTE, Aníbal. La conmemoración del 34 aniversario del Partido en el año de la liberación. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1959, año XIX, n° 155.

ESCALANTE, Aníbal. Por que ataca el imperialismo a la revolución cubana. *Revista Fundamentos*, septiembre de 1959, año XIX, n° 156.

ESCALANTE, Aníbal. Sobre el programa del Partido. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ESCALANTE, Aníbal. *Un año de Revolución*. Colección "Velada de los Jueves". La Habana: Tipografía Ideas, 1960.

ESCALANTE, César. Las conclusiones del Pleno de mayo: un guía para defender y hacer avanzar la revolución. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 155.

FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

GUEVARA, Ernesto. *La guerra de guerrillas*. Washington DC: Ocean Press, 2006.

GUILLÉN, Nicolás. Un soneto de Nicolás Guillén. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 5, 10 de enero de 1959.

GUTIÉRREZ SERRANO, Raúl. El Pueblo opina sobre el Gobierno Revolucionario y la Reforma Agraria. *Revista Bohemia*, año 51, n° 25, 21 de junio de 1959.

LUZARDO, Manuel. Los problemas de organización del Partido a la caída de la tiranía. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

MARINELLO, Juan. “Cuando un pueblo esta dispuesto a dar la vida por la libertad, es invencible. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 36, 12 de febrero de 1960.

MARINELLO, Juan. El anticomunismo, consigna batistiana. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 3, 8 de enero de 1959.

MARINELLO, Juan. Un aniversario digno de Mella. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 8, 10 de enero de 1960.

MARINELLO, Juan. Un burdo ataque a la Revolución. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 35, 11 de febrero de 1960.

MARINELLO, Juan. Un colaborador de extraordinaria calidad. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de um hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

MESA, Enrique. “El quijote” en manos del pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 83, 10 de abril de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Che: quienes se educaron en el marxismo fusil en mano saludan a “Hoy” y el “PSP”. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 119, 21 de mayo de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inauguró Raúl Castro la exposición “10 años de Revolución”. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 17, 20 de enero de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. ¡Adornar las calles para la navidad! *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 299, 21 de diciembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Celebra tus navidades revolucionariamente”. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 283, 5 de diciembre de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Los obreros decidirán sus dirigentes”, responde Ursinio Rojas a declaraciones hechas por David Salvador. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 63, 20 de marzo de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. “Maceo: ésta es la revolución que tú querías, dijo Dorticós. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 281, 8 de diciembre de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. 500 mil sombreros de yarey se necesitarán para el lacto del 26. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 152, 5 de julio de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Actividades de educación y propaganda. Dos nuevas escuelas. *Carta Semanal*, n° 5, 18 de abril de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Atentado terrorista a la casa de Lázaro Peña. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 43, 23 de febrero de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Cobarde atentado terrorista al local del PSP en Santiago. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 99, 29 de abril de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del B.E. del C.N. del PSP sobre el X Congreso Nacional de la CTC. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 274, 25 de noviembre de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del Buró Ejecutivo del Comité Nacional de Partido Socialista Popular. *Carta Semanal*, n° 2, 7 de marzo de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Comunicado del Buró Ejecutivo del Partido Socialista Popular. *Carta Semanal*, n° 3, 19 de abril de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declara Fidel Castro que el gobierno pondrá en práctica la ley agraria. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 2, 7 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaración de representantes de los partidos comunistas de América Latina. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 220, 21 de septiembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Declaraciones del PSP sobre manifestaciones de Fidel Castro a través de CMQ-TV. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 115, 22 de mayo de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Develan hoy obelisco erigido a la memoria de "Paquito" Rosales. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 230, 4 de octubre de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Emocionada recepción a maestros voluntarios de la Sierra Maestra. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 198, 26 de agosto de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Expresan su decidido apoyo a Cuba los 81 partidos comunistas. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 284, 6 de diciembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Extraordinario entusiasmo y unidad de las masas para el Primero de Mayo. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 98, 30 de abril de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Frustrado ataque a un local de barrio del PSP habanero. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 109, 12 de mayo de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Identificados gobierno, estudiantes, trabajadores y pueblo en los actos conmemorativos del 13 de marzo. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 61, 15 de marzo de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inaugura el PSP habanero La Sala de sus mártires. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 196, 26 de agosto de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Inmenso júbilo popular. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 1, 6 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La “promoción rebelde”. *Carta Semanal*, n° 3, 19 de abril de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La extraña y simbólica aventura de Fidel, una apelación a la paz y una paloma. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 5, 10 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La Protesta de Baraguá. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 59, 15 de marzo de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La Revolución Cubana, su carácter, sus fuerzas y sus enemigos. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las candelas de San Juan un éxito popular. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 147, 26 de junio de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Llevemos “Hoy” a todo el pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 31, 5 de febrero de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Masiva movilización en toda la isla en apoyo de las expropiaciones. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 183, 9 de agosto de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Movimiento popular en favor de la disolución del BRAC y del SIM. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 7, 13 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. No es verdad lo de los ministerios. El PSP denuncia una burda provocación. *Carta Semanal*, n° 25, 14 de diciembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. No existe frustración artística en la URSS, dijo Jachaturian en Ciudad México. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 35, 11 de febrero de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Nuestro saludo. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Pondrá el hombre las plantas en el suelo de otros planetas. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 4, 9 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Programa del Partido Socialista Popular. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 19 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 19, 19 de marzo de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución sobre la consciencia revolucionaria y del nivel ideológico marxista-leninista. *Carta Semanal*, n° 19, 12 de marzo de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Stalin y su obra en la enciclopedia soviética. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 155.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Tesis del Partido Socialista Popular sobre la situación actual. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un aura imperialista sobre el cielo de la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 1, 6 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: 36 años. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 193, 16 de agosto de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Carta sin vergüenza. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 285, 8 de diciembre de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Hoy. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 114, 16 de mayo de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un millón de cubanos en la plaza de la República ratifico la ley agraria. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 171, 28 de julio de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un recado amistoso a “Revolución”. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 36, 15 de febrero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Una nueva pepillada contrarrevolucionaria. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 100, 30 de abril de 1960.

PEÑA, Lázaro. La afiliación internacional de la CTC y la posición de los derechistas. *Revista Fundamentos*, agosto de 1959, año XIX, n° 156.

ROCA, Blas. “El PSP está donde hace falta que este para defender y hacer avanzar la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 101, 6 de mayo de 1959.

ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la última asamblea nacional y el desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ROCA, Blas. Conversando con Blas Roca. In: BATLLE REYES, Lucilo (compilador). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

ROCA, Blas. Discurso de Conclusiones de la discusión del Pleno del Comité Nacional, pronunciado el 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 20, 4 de abril de 1960.

ROCA, Blas. Informe para la discusión de las tesis sobre la situación nacional. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

ROCA, Blas. La Revolución, las depuraciones y el derecho al trabajo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 70, 24 de marzo de 1961.

ROCA, Blas. La URSS es el escudo de la soberanía de los pueblos frente al imperialismo. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 265, 13 de noviembre de 1960.

ROCA, Blas. Nuestro camino. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 155, 9 de julio de 1959.

ROCA, Blas. Religión y Revolución. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 185, 11 de agosto de 1960.

ROCA, Blas. Un punto de viraje en la situación nacional. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1959, año XX, n° 159.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Despedida a Aníbal Escalante. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 80, 9 de abril de 1959.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. El Dr. Agramonte se deja ganar por el plattismo. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 19, 27 de enero de 1959.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. En torno a un discurso de Huber Matos. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 132, 12 de junio de 1959, p. 7.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Figura protagónica de la historia política cubana. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Intervención del compañero Carlos Rafael Rodríguez. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. La Revolución y los comunistas. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 43, 24 de febrero de 1959.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. Un discurso insidioso y una respuesta inaceptable. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 50, 6 de marzo de 1959.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Una revolución de raíz. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 113, 20 de mayo de 1959.

TORRAS, Pelegrin. Fracaso de la política yanqui en América Latina. *Revista Fundamentos*, febrero de 1959, año XIX, n° 150.

URRUTIA LLÉO, Manuel. *El mundo*. 8 de junio de 1959.

VOLMAN, Sacha. Batista y la Revolución ‘comunista.’ *Revolución*, año 2, n° 61, 14 de febrero de 1959.

Fontes primárias do quarto capítulo

AGUIRRE, Mirta. Apuntes sobre la literatura y el arte. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1963, año III, n° 26.

AGUIRRE, Mirta. Teatro y revolución. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 94, 25 de abril de 1959.

AGUIRRE, Mirta. Tres caminos para el teatro. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 95, 26 de abril de 1959.

ARDÉVOL, José. El compositor y la revolución. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 206, 31 de agosto de 1961.

CALCINES, Ramón. Un congreso de la Juventud para defender y hacer avanzar la revolución. *Revista Fundamentos*, mayo de 1960, año XX, n° 164.

CASTRO, Fidel. *Conclusión de las Reuniones con los Intelectuales Cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional el 16, 23 y 30 de junio de 1961*. Disponible en: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acceso em: 1°/6/2021.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz en el acto homenaje a los martires del asalto al palacio presidencial, en la escalinata de la Universidad De La Habana. el 13 de marzo de 1962*. Disponible en: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acceso em: 9/5/2021.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, resumiendo la reunion con los directores De Escuelas De Instruccion Revolucionaria, celebrada en el edificio de la direccion nacional de las ORI. 27 de junio de 1962*. Disponible en: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acceso em: 9/5/2021.

CASTRO, Fidel. Editorial: "Cuba Socialista". *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año 1, n° 1.

CASTRO, Fidel. El proceso de Marco Rodríguez. In: CASTRO, Fidel; HABEL, Janette. *Proceso al sectarismo*. Buenos Aires: Jorge Álvarez Editor, 1965.

CASTRO, Fidel. *Fidel Castro denounces bureacracy and sectarismo*. Speech of march 26 1962. New York: Pionner publishers, May 1962.

CASTRO, Raúl. *Cuba: desenmascaran la microfracción*. Minas (Uruguay): Editorial Hoy, 1968.

CASTRO, Raúl. Problemas del funcionamiento del Partido en las FAR. *Revista Cuba Socialista*, n° 55, março de 1966.

CUBA, Santiago. La lucha contra la delincuencia. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1964, año IV, n° 40.

DE LA UZ, Felix. Algunos problemas de la unidad de acción en el movimiento revolucionario. *Revista Teoria y Práctica*, julio de 1967, n° 38.

DOMENECH, Joel. Experiencias del trabajo de reestructuración y depuración de las ORI's en La Habana. *Revista Cuba Socialista*, junio de 1962, año II, n° 10.

ESCALANTE, Aníbal. "A mayor resistencia enemiga, más avanza la Revolución". *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 291, 13 de diciembre de 1961.

ESCALANTE, Aníbal. Del grito de Yara a la Declaración de la Habana. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1961, año 1, n° 2.

ESCALANTE, Aníbal. Dirección colectiva: base del desarrollo del Partido Unido. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 305, 30 de diciembre de 1961.

ESCALANTE, Aníbal. Informe del compañero Aníbal Escalante. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ESCALANTE, César. Lo fundamental en la propaganda revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1963, año III, n° 25.

FERRER, Raúl. La ley de nacionalización de la enseñanza. *Revista Cuba Socialista*, septiembre de 1961, año 1, n° 1.

GARCÍA BUCHACA, Edith. "No se sabía dónde estaba la verdad y dónde estaba la mentira". Entrevista con Abel Sierra Madero e Lillian Guerra, 30 de abril de 2012. *Cuban Studies*, Volume 45, 2017.

GARCIA BUCHACA, EDITH. Cultura y clases sociales. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1963, año III, n° 27.

GARCÍA BUCHACA, Edith. El primer congreso de escritores y artistas cubanos. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1961, año 1, n° 2.

GARCÍA BUCHACA, Edith. Intervención de la compañera Edith García Buchaca. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

GARCIA BUCHACA, Edith. Los intelectuales y la revolución. *Revista Fundamentos*, junio de 1959, año XIX, n° 154.

GUEVARA, Alfredo. Alfredo Guevara responde a las aclaraciones. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 297, 17 de diciembre de 1963.

GUEVARA, Alfredo. Declaraciones de Alfredo Guevara. In: POGOLOTTI, Graziella (org.). *Polémicas culturales de los sesenta*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2006.

GUEVARA, Ernesto. El hombre nuevo y el socialismo en Cuba. *Revista Marcha* (Montevideo), 12 de marzo de 1965, n° 1246.

GUEVARA, Ernesto. Guerra de guerrillas: un método. *Revista Cuba Socialista*, n° 25, septiembre de 1963.

GUILLÉN, Nicolás. Bajo el socialismo, el intelectual sirve al Pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 197, 20 de agosto de 1961.

HABEL, Janette. El proceso de Marcos Rodríguez y los problemas de la unidad del movimiento revolucionario en Cuba. In: CASTRO, Fidel; HABEL, Janette. *Proceso al sectarismo*. Buenos Aires: Jorge Álvarez Editor, 1965.

LUZARDO, Manuel. Informe del cuarto punto del orden del día correspondiente a la modificación de los estatutos. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

MARINELLO, Juan. El premio Lenin de la paz a Fidel Castro. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 106, 6 de mayo de 1961.

MARINELLO, Juan. Informe de Juan Marinello en la reunión de intelectuales del Partido. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1952, año XII, n° 129.

MARINELLO, Juan. La cuestión de la forma. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 198, 22 de agosto de 1961.

MARINELLO, Juan. Revolución y universidad. *Revista Fundamentos*, diciembre de 1959, año XX, n° 159.

MATOS, Huber. *Como llegó la noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002.

MUÑOZ, Honorio. Una solución nacional al problema autoral. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 232, 7 de octubre de 1959.

ORDOQUI, Joaquín. Declaración autocrítica del compañero Joaquín Ordoqui. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 75, 29 de marzo de 1964.

PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Informe del fiscal en el consejo de guerra seguido a Anibal Escalante y 36 acusados más. *Revista Bohemia*, año 60, 9 de febrero de 1960.

PARTIDO COMUNISTA CUBANO. Recesa la publicación de "Cuba Socialista". *Revista Cuba Socialista*, febrero de 1967, año VII, n° 66.

PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *Código moral do construtor do comunismo*. Disponível: <https://www.filosofia.org/enc/ros/codi.htm>. Acesso em: 5/5/2021.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Dos comentarios: espejo de eterna amistad leninista. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 102, 30 de abril de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: obra de los músculos y el corazón del pueblo. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 39, 15 de febrero de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Actúan las ORI's con eficiencia. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 185, 6 de agosto de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Analisis de una gran batalla. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 142, 19 de junio de 1962.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Disueltas las Universidades de Holguín, Camaguey, P. del Río y la masónica José Martí. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 42, 22 de febrero de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Documentos do PSP: sobre o trabalho do partido no campo intelectual. *Revista Fundamentos*, dezembro de 1950, año X, n° 105.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Fidel resume hoy congreso de ANAP; importantes acuerdos. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 188, 9 de agosto de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Hermosas obras de artesanía china están exhibiendo en Bellas Artes. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 135, 12 de junio de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La declaración de La Habana. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 205, 3 de septiembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. La marcha de la revolución: el Pueblo aplaude los pasos del gobierno de la República. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 4, 9 de enero de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Las principales tareas de los jóvenes socialistas después del clamoroso IV Congreso Nacional. *Carta Semanal*, n° 22, 25 de abril de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Limpiemos el idioma de expresiones extranjeras. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 70, 28 de marzo de 1959.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Mas unidos que nunca seguiremos construyendo el socialismo. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 73, 28 de marzo de 1962.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. *Mensajes*. Febrero de 1955, año 1, n° 1.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Pena de muerte para el delator de los mártires de Humboldt 7 interesa el fiscal. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 55, 17 de marzo de 1964.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Presidieron Fidel y Dorticós el tercer desfile de Carnaval. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 59, 11 de marzo de 1962.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Primero congreso de escritores y artistas. Manifiesto de los intelectuales y artistas cubanos. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 134, 8 de junio de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recepción de la delegación comercial de China al gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 182, 7 de agosto de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recepción de la delegación comercial de China al gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 182, 7 de agosto de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recibido Blas Roca y su esposa por Mao Tse Tung. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 100, 30 de abril de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Recibió Jruschov a Aníbal Escalante. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 276, 26 de noviembre de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Resolución del Pleno del Comité Nacional del Partido Socialista Popular, celebrado en los días 29 de febrero y 1 y 2 de marzo de 1960. *Carta Semanal*, n° 19, 19 de marzo de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Saludo de Fidel al PC búlgaro. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 276, 11 de noviembre de 1962.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Se prepara el recibimiento a los maestros. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 106, 24 de agosto de 1960.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Sobre el contenido y la orientación del arte revolucionario. *Revista Fundamentos*, agosto-septiembre-octubre de 1956, año XVI, n° 148.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: Julio: mes sin ausentismo. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 144, 19 de junio de 1964.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: la emulación de los constructores del futuro. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 28, 2 de febrero de 1964.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: listos para vencer... y para vivir. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 140, 15 de junio de 1961.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Un comentario: un valioso instrumento para educar a la juventud. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 179, 30 de julio de 1963.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR. Unidad obrera-revolucionaria es la base firme de apoyo del gobierno revolucionario. *Noticias de Hoy*, año XXI, n° 4, 9 de enero de 1959.

PARTIDO UNIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA. La escuela básica de Instrucción Revolucionaria "Miguel A. Oramas". *Revista Cuba Socialista*, julio de 1962, año II, n° 11.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Comentarios del mes. *Revista Cuba Socialista*, agosto de 1964, año IV, n° 36.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Comunicado de la conferencia de los partidos comunistas de América Latina. *Revista Cuba Socialista*, febrero de 1965, año V, n° 42..

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Declaración conjunta soviética-cubana. *Revista Cuba Socialista*, junio de 1963, año III, n° 22.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Editorial: A 48 años del gran octubre. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1965, año V, n° 51.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Editorial: Noveno aniversario del 26 de Julio. *Revista Cuba Socialista*, julio de 1962, año II, n° 11.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, octubre de 1962, año II, n° 14.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, abril de 1963, año III, n° 20.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria: la selección del trabajador ejemplar. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1962, año II, n° 9.

PARTIDO UNIDO DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, diciembre de 1962, año II, n° 16.

PORTUONDO, José Antonio. Hacia una nueva Historia de Cuba. *Revista Cuba Socialista*, agosto de 1963, año III, n° 24.

RISQUET VALDÉS, Jorge. Vida de la organización revolucionaria. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1962, año II, n° 15.

ROCA, Blas. “Lo que salva a la Revolución es la unidad incommovible del pueblo cubana”. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 125, 1 de junio de 1960.

ROCA, Blas. Aclaraciones: el mejoramiento material y espiritual del hombre. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 238, 8 de octubre de 1963.

ROCA, BLAS. Aclaraciones: el Partido se integra por selección, no por elección. *Noticias de Hoy*, año XXIV, n° 241, 2 de octubre de 1962.

ROCA, Blas. Aclaraciones: la sanción a un administrador. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 214, 10 de septiembre de 1963, p. 2.

ROCA, Blas. Aclaraciones: no hay que desesperarse ni confundirse por las dificultades: hay que luchar para vencerlas. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 227, 25 de septiembre de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: para la revolución es decisivo estudiar y enseñar marxismo. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 125, 28 de mayo de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: preguntas sobre películas. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 293, 12 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: proceso de construcción y estructura del Partido. *Noticias de Hoy*, año XXVI, n° 45, 22 de febrero de 1964.

ROCA, Blas. Aclaraciones: cuales son las mejores películas? *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 298, 18 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: qué hacer con el dominó. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 236, 5 de octubre de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: que hacer con el lumpen? *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 106, 5 de mayo de 1963.

ROCA, BLAS. Aclaraciones: Santos en las paredes y Círculos de estudios en la casa. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 150, 26 de junio de 1963.

ROCA, Blas. Aclaraciones: V parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 303, 24 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. Balance de la labor del Partido desde la ultima asamblea nacional y el 3 desarrollo de la Revolución. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960, p. 211.

ROCA, Blas. Cartas de viaje: Relaciones diplomáticas, visita a Jruschov, discursos en fábricas. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 118, 24 de mayo de 1960.

ROCA, Blas. Conclusiones de Blas Roca sobre los puntos II, III e IV del orden del día. *VIII Asamblea Nacional del Partido Socialista Popular*. Informes, Resoluciones, Programa y Estatutos. La Habana: Ediciones Populares, 1960.

ROCA, Blas. El gran discurso de Fidel debe ser estudiado y asimilado por todos. *Revista Cuba Socialista*, abril de 1962, año II, n° 8.

ROCA, Blas. En torno al juicio contra un delator. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1964, año IV, n° 33.

ROCA, Blas. Final de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 305, 27 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. II Parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 300, 20 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. III Parte de respuesta a Alfredo Guevara. *Noticias de Hoy*, año XXV, n° 301, 21 de diciembre de 1963.

ROCA, Blas. La moral socialista, nueva fuerza que impulsa al Pueblo de Cuba. *Noticias de Hoy*, año XXIII, n° 166, 15 de julio de 1961.

ROCA, Blas. Un continente en ebullición. *Revista Cuba Socialista*, mayo de 1962, año II, n° 9.

RODRIGUEZ, Carlos Rafael. "Malanga sí, chicles no". *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 187, 13 de agosto de 1960.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. Intervención de Carlos Rafael Rodríguez. *Revista Punto Final* (Santiago del Chile), febrero de 1968, n° 48.

SOTO PRIETO, Lionel. Un hombre universal. In: BATLLE REYES, Lucilo (Compl.). *Blas Roca: virtud y ejemplo. La imagen de un hombre excepcional*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

SOTO, Lionel. Las Escuelas de Instrucción Revolucionaria en el ciclo político-técnico. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1965, año V, n° 41.

SOTO, Lionel. Las escuelas de instrucción revolucionaria y la formación de cuadros. *Revista Cuba Socialista*, noviembre de 1961, año 1, n° 3.

SOTO, Lionel. Lo importante es que desarrollemos nuestro camino. *Revista Cuba Socialista*, enero de 1967, año VII, n° 65.

VALDES VIVÓ, Raúl. En el frente de las ideas: Serapio. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 69, 23 de marzo de 1960.

VILCHES, Otto. Una escuela ejemplar. *Noticias de Hoy*, año XXII, n° 125, 1 de junio de 1960.

VOLKOV, Ivan. El realismo socialista. *Revista Cuba Socialista*, marzo de 1963, año III, n° 19.

Livros, capítulos de livros e artigos

ABREU, Ramiro J. *En el último año de aquella república*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984, p. 182.

AGGIO, Alberto. *Um lugar no mundo*. Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2015.

AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. In: História do marxismo. In: HEGEDUS, András *et. al.* coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 99-168.

AGULHON, Maurice. Sur la “culture communiste” dans les années cinquante. In: CEFAÏ, Daniel. *Cultures politiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

ALCÁZAR SANTANA, Nora. La lucha revolucionaria durante 1958. In: *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994.

ÁLVAREZ, José Ramón. Playa Girón. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 222-258.

ÁLVAREZ-TABÍO LONGA, Pedro. Las primeras leyes revolucionarias y la reacción yanqui. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 65-96.

ANDERSON, Perry. La historia de los partidos comunistas. In: SAMUEL, Raphael. *Historia Popular y Teoría Socialista*. Barcelona: Editorial Crítica, 1982, p. 150-165.

ÁNGEL CABRERA, Miguel. La investigación histórica y el concepto de cultura política. In: PÉREZ LEDESMA, Manuel & SIERRA, María. *Culturas políticas: teoría e historia*. Zaragoza: Institución “Fernando el católico” (CSIC), 2010.

ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARBOLEYA, Jesus. *La contrarrevolución cubana*. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2000.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da Terceira Internacional: o novo capitalismo, o imperialismo, o terceiro mundo*. Volume 6. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: LEACH, Edmund *et. al.* *Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BEIGEL, Fernanda. Editorialismo. In: BIAGINI, Hugo E.; ROIG, Arturo A. (org.). *Diccionario del pensamiento alternativo*. Buenos Aires: Biblios, 2008.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latino-americana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, ao 8. Nº 20, Marzo, 2003, p. 105-115.

BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1959*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006.

BELL, José *et. al.* *Documentos de la Revolución Cubana 1960*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha – 2ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BETHELL, Leslie & ROXBOROUGH, Ian (org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BETTO, Frei. *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 1989.

BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010.

CABALLERO, Manuel. *Latin America and the Comintern*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CABALLERO, Manuel. Tormentosa historia de una fidelidad. El comunismo latinoamericano y la URSS. *Nueva sociedade*, nº 80, noviembre-diciembre de 1985, p. 78-85.

CÁRDENAS MEDINA, René. Religión, producción de sentido y revolución. *Revista Temas*, nº 4, 1995.

CASTAÑEDA, Jorge. *Utopia desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CASTAÑÓN, María del Pilar Días. *Ideología y Revolución, Cuba, 1959-1962*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

CASTILLO LOZANO, Yinela; HEVIA PÉREZ, Liset. La política cultural del Partido Comunista de Cuba reflejada en el periódico *Noticias de Hoy* en el período de 1938-1948. *Revista Perfiles de la Cultura Cubana*, nº 12, septiembre-diciembre, 2013.

CASTRO, Fernando Vale. Reflexões sobre raça no pensamento do intelectual cubano Fernando Ortiz. In: Maria Elisa Noronha de Sá. (Org.). *História Intelectual latino-americana: itinerário, debates e perspectivas*. 1ª ed. RIO DE JANEIRO: Editora Puc- Rio, 2016, p. 215-234.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marín, o discurso e a imagem. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 163-180.

CHENG, Yinghong. Sino-Cuban relations during the Early Years of the Castro Regime. *Journal of Cold War Studies*, vol. 9, n° 3, summer 2007, 78-114.

CHOMÓN MEDIAVILLA, Faure. La hombrada de José Antonio. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 192-203.

CORRARELLO, Ana Maria. Fidel Castro. *Fundación de la memoria revolucionaria: una aproximación retórico-discusiva de los comienzos. (1959-1962)*. Deutschland: Editorial Académica Española. 2012.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, Política e Literatura na América Latina: o debate sobre Revolução e Socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, dez. 2007, p. 253-270.

DALMÁS, Carine. Os comunistas, a cultura e a política das frentes populares. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 183-205.

DASSÚ, Marta. Frente única e frente popular: o VII Congresso da Internacional Comunista. In: HEGEDUS, András *et. al.* coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 293-336.

DE JESUS DE LA TORRE BLANCO, Edmundo. La conformación del sistema de la dictadura del proletariado en los primeiros años de la etapa de construcción socialista. MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 215-257.

DILLA ALFONSO, Haroldo. Cuba: Los entornos cambiantes de la participación. *América Latina Hoy*, n° 24 (Abril, 2000).

DOMINGO CUADRIELLO, Jorge. El ABC fue otra esperanza de Cuba. *Espacio Laical*, 2012, p. 82-88.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editoria da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, cap. 1. A estrutura dos mitos.

ESCALANTE FONT, Fabián. *Operación Exterminio: 50 años de agresiones contra Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2010.

FAGEN, Richard R. *The transformation of political culture in Cuba*. Stanford: Stanford University Press, 1969.

FARBER, Samuel. The cuban communists in the early stages of the Cuban revolution: revolutionaries or reformists? *Latin American Research Review*, Vol. 18, nº1, 1983, p. 59-83.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, José Ramón. Playa Girón. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 222-258.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FIGUEROA CLARK, Victor. Latin American Communism. In: NAIMARK, Norman; PONS, Silvio; QUINN-JUDGE, Sophie. *The Cambridge History of Communism. The Socialist Camp and World Power 1941–1960s (Vol. 2)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

FITZPATRICK, Sheila. *La vida cotidiana durante el estalinismo*. Cómo vivía y sobrevivía la gente común en la Rusia soviética. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2019.

FONTAINE, Marion. Sport, travail et identité ouvrière : la presse communiste du Nord face au football. In: ATTALI, Michaël; COMBEAU-MARI, Évelyne. *Le sport dans la presse communiste*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 151-162.

FORNET-BETANCOURT, Raul. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1995.

FUNES, Patricia. *Historia mínima de las ideas políticas en América Latina*. Madrid: Turner Publicaciones; México, DF: El Colegio de México, A.C, 2014.

FURET, François. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995.

FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. “*One hell of a gamble*”. Khrushchev, Castro, and Kennedy 1958-1964. The secret history of the Cuban missile crisis. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 1998.

GARCÍA MONTES, Jorge; ALONSO AVILA, Antonio. *Historia del Partido Comunista de Cuba*. Miami: Ediciones Universal, 1970.

GENEROSO, Lídia Maria de Abreu. Havana, 1966: perspectivas sobre a Conferência Tricontinental. In: GENEROSO, Lídia Maria de Abreu; CALEGARI, Ana Paula Cecon Calegari. *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Editora Initia Via, 1º ed., 2021.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionário en América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRAUDO, Silvia. *Revolución es más que una palabra: Fidel Castro en la tribuna*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

GONZÁLEZ ESTRADA, Yuleidys. Las publicaciones periódicas cubanas (PPC – 1960-1970): el rescate del enfoque histórico en la teoría marxista de la revolución social. *Revista Cubana de Filosofía*, nº 29, noviembre - Junio 2017, p. 80-96.

GONZALEZ, Edward. Castro’s Revolution, Cuban Communist Appels, and the Soviet Response. *World Politics*, vol. 21, nº1, Oct., 1968, p. 39-68.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUADARRAMA GONZÁLEZ, Pablo. *Marxismo y antimarxismo en América Latina*. La Habana: Editora Política. México, D.F.: Ediciones El Caballito, 1994.

GUANCHE, Julio César. A democracia em Cuba. *Estudos Avançados* 25 (71), 2011.

GUANCHE, Julio César. *El continente de lo posible: un examen sobre la condición revolucionaria*. La Habana: Ruth Casa Editorial, 2008.

GUERCIO, Maria Rita; CARVALHO, Dorisney de. Cuba e os Estados Unidos: uma história de hostilidades. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

GUERRA VILABOY, Sergio; MALDONADO, Alejo. *Breve Historia de la Revolución Cubana*. Navarra: Txalaparta, 2009.

GUERRA, Lillian. *Visions of power in Cuba*. Revolution, redemption, and resistance, 1959-1971. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2012.

GUZMÁN DE ARMAS, Luis. Desarrollo del proceso revolucionario de los años 30. In: MINISTERIO DE EDUCACIÓN. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 52-72.

HÁJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunista. In: HEGEDUS, András *et. al.* coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 197-218.

HART DÁVALOS, Armando. Fundación del Movimiento 26 de julio. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 78-114.

HENDERSON, kaitlyn D. *Black activism in the red party: black politics and the cuban communist party, 1925-1962*. Dissertation of Doctorate of Philosophy, University of Tulane, 2018.

HENN, Leandro Guedes. *A Internacional Comunista e a revolução na América Latina: estratégia e táticas para as colônias e semicolônias (1919-1943)*. São Paulo: Blucher acadêmico, 2010.

HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOROWITZ, Irving Louis. Cuban communism. In: HOROWITZ, Irving Louis (edi.). *Cuban communism*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1987.

HUNT, R. N. Carew. *O jargão comunista*. São Paulo: Dominus Editora, 1964.

IBARRA CUESTA, Jorge. Actitudes en torno a la cuestión nacional en la convención constituyente de 1940: conservadores, comunistas y reformistas. *Caliban: Revista cubana de pensamiento e historia*, octubre-noviembre-diciembre, 2009.

IBARRA GUITART, Jorge R. La crisis de los partidos políticos en Cuba (1955-1958) y la Sociedad de Amigos de la República. *Revista Temas*, n° 22, julio-diciembre, 2000.

IBARRA, Jorge. Historiografía y revolución. *Revista Temas*, La Habana, n° 1, enero-marzo de 1995, p. 4-14.

IBER, Patrick J. (2013). “Who Will Impose Democracy?”: Sacha Volman and the Contradictions of CIA Support for the Anticommunist Left in Latin America. *Diplomatic History*, 37(5), 995–1028.

INFANTE URIVAZO, Enzo. La reunión de Altos de Mompié. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Org.). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 324-341,

INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA. *Historia del movimiento obrero cubano*. La Habana: Editora Política, 1987.

JAMES FIGAROLA, Joel. Urgencias y exigencias historiográficas. *Revista Temas*, La Habana, n° 1, enero-marzo de 1995, p. 129-131.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943*. Diccionario Biográfico. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, Julio de 2015.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. El encuentro de la izquierda cubana con la Revolución Rusa: el Partido Comunista y la Comintern. *Historia crítica*. [online]. 2017, n.64, p.81-100.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. La comintern y la formación de militantes comunistas latino-americanos. *Revista Izquierdas*, n° 31, diciembre de 2016, p. 130-161.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Victor. La odisea roja. Varias líneas al retrato político de Jorge A. Vivo d'Escoto. *Revista CS*, n° 14, julio-diciembre 2014, Cali, Colombia, p. 167-200.

JEIFETSs, Victor; Schelchkov, Andrey (Compl.). *La Internacional Comunista en América Latina en documentos del Archivo de Moscú*. Moscú – Santiago de Chile: Aquilo-Press – Ariadna ediciones, 2018.

JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda. In: JOHNSTONE, Monty At al.; coordenação de Eric Hobsbawm. *História do marxismo: o Marxismo na época da Terceira Internacional; A Internacional Comunista de 1919; As Frentes*

populares. Volume 6. tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KERSFFELD, Daniel. La liga Antiimperialista de las Américas: una construcción política entre el marxismo y el latinoamericanismo. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESI, Massimo; CRESPO, Horacio. *El comunismo: otras miradas desde América Latina*. Ciudad del México: CEIICH-UNAM, 2007.

KERTZER, David. Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, julho de 2001.

KINDELÁN PORTILLO, Eloida Diana. Política de alianzas del primer Partido Comunista de Cuba en la década de 1940. In: MASSÓN SENA, Caridad (Org.). *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 131-149.

KIRK, John H. La Iglesia católica en Cuba. *Revista Temas*, n° 2, 1995.

LAZAR, Marc. Fort et fragile, immutable et changeante... la culture politique communiste. In: BERSTEIN, Serge. *Les cultures politiques en France*. Paris: Seuil, 1999.

LAZAR, Marc. *Le communisme, une passion française*. Paris: Perrin, 2002.

LAZAR, Marc. Le parti et le don de soi. *Vingtième Siècle Reveu d'histoire*, n° 60, octobre-décembre 1998.

LEOGRANDE, Willian. Party development in revolutionary Cuba. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Vol. 21, n° 4, Nov., 1979, p. 457-480.

LÉVESQUE, Jacques. *The URSS and the Cuban Revolution*. Soviet ideological and strategical perspectives, 1959-77. New York: Praeger Publishers, 1978.

LEZCANO PÉREZ, Jorge. La defensa de la Revolución por las masas. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 132-140.

LÖWY, Michael. Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina. In: BARSOTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina: história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 11-16.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

MACHADO RODRÍGUEZ, Darío L. *Cultura política en Cuba: una aproximación sociológica*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2009.

MAREK, Franz. A desagregação do estalinismo. In: Badaloni, Nicola *et. al.*; coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do estalinismo. Volume 10. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.

MARTÍNEZ DÍAZ, Dina; FERNÁNDEZ SOSA, Miriam. La actuación de los partidos políticos como reflejo de la crisis de la sociedad cubana, 1944-1958. *Tebeto: Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura*, nº. 11, 1998.

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Palabras inaugurales. In: MASSÓN SENA, Caridad. (Compl.). *Comunismo, socialismo y nacionalismo en Cuba (1920-1958)*. La Habana: Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello, 2013.

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Socialismo soviético y socialismo cubano. El caso de Antonio Guiteras. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 401-408.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, Osvaldo. Rasgos socioeconómicos generales de Cuba: 1958. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 1-14.

MARTÍNEZ PEREZ, Liliana. *Los hijos de saturno: intelectuales y revolución en Cuba*. Ciudad de México: FLACSO, 2006.

MASSÓN SENA, Caridad. El Partido Socialista Popular y la Revolución Cubana. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento Crítico*, abril-mayo-junio, 2010.

MASSÓN SENA, Caridad. La táctica comunista clase contra clase. Sus aplicaciones en México, Brasil y Cuba. Sena, Caridad Massón [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017.

MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas cubanos y las luchas por el poder en los años 50. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Vol. 7, nº 2, 2013.

MASSÓN SENA, Caridad. Los comunistas y la constituyente del 40. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*. Número 5, 2009.

MCNEAL, Robert. As instituições da Rússia de Stálin. In: HEGEDUS, András *et. al.* coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986.

MELGAR BAO, Ricardo. Cominternismo intelectual: representaciones, redes e prácticas político-culturales en América Central, 1921-1933. *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 9, 2009, p. 135-159.

MELGAR BAO, Ricardo. La hemerografía cominternista y América Latina, 1919-1935. Señas, giros y presencias. *Revista Izquierdas*, nº 9, abril de 2011, p. 79-136.

MENCÍA COBAS, Mario. El Directorio Revolucionario y la FEU de José Antonio Echeverría. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución I*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 165-191.

MENDES, Ricardo Antonio de Souza. A cultura política. *Revista Nearco (Revista Eletrônica de Antiguidade)*, Número II - Ano IV – 2011, ISSN 1982-8713, p. 196-200.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, (8), 2013, p. 1-29.

MESA LAGO, Carmelo. The revolutionary offensive. In: HOROWITZ, Irving Louis (edi.). *Cuban communism*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1987.

MESA LAGO, Carmelo. Balance económico-social de 50 años de Revolución en Cuba. *América Latina Hoy*, nº 52, 2009, p. 41-61.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura ilhada: Imprensa e revolução cubana, 1959-1961*. São Paulo: Xamã, 2003.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultura da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MORALES GARZA, Martagloria. Los debates de la década de los 60 en Cuba. *Revista Temas*, n° 55, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A história política e o conceito de cultura política*. Anais do X Encontro Regional da ANPUH/MG. Mariana, 1996, pp. 83-91.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das letras, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá[org.]. *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho:” o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

NABEL PÉREZ CAMEJO, Blas. Cuba en el archivo de la Internacional Comunista. *Boletín del Archivo Nacional*, 18-19-20, 2012, p. 119-137.

NEVES, José. A militância comunista enquanto prática utópica – da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar. *Ler história*, n° 69, 2016.

O’CONNOR, James. *The origins of socialism in Cuba*. New York: Cornell University Press, 1970.

OLIVERA ESTRADA, Oliverio; RODRIGUEZ FONT, Rafael. La lucha de liberación nacional contra la dominación neocolonial en la etapa de 1935 a 1952. In: Ministerio de Educación. *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p. 73-97.

ORDOQUI GARCIA, Joaquín. El Partido Socialista Popular (1934-1961) y su relación con el gobierno de Castro. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, n° 32, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORTIZ GUILIÁN, Paula. El browderismo y su influencia en el primer Partido Comunista de Cuba. In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 245-262.

PACHECO GONZÁLEZ, María Caridad. Juan Marinello y el latinoamericanismo fecundante (1923-1937). In: MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 363-375.

PADURA, Leonardo. *Agua por todas partes*. Buenos Aires: Tusquets, 2019.

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

PECEQUILO Cristina Soreanu; FORNER Clarissa Nascimento. Os Estados Unidos e Cuba: Uma Agenda Intermestics. *Boletim Meridiano 47*, vol. 16, n. 147, jan.-fev. 2015, p. 27-33.

PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. Du Parti Bolchevik au Parti stalinien. In: DREYFUS, Michel *et. al.* *Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 499-510.

PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. Stalinisme, culte ouvrier et culte des dirigeants. In: DREYFUS, Michel *et. al.* *Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 553-563.

PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana*. Orígenes, desarrollo y legado. Editorial Colibrí, 1993.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o homem novo. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: itinerarios, problemas y debates en Argentina de posguerra*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

POGOLOTTI, Graziella. *Polémicas culturales de los 60*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2007.

PORTANTIEIRO, Juan Carlos. O marxismo latino-americano. In: HOBBSAWN, Eric *et. al.* *História do marxismo*. O marxismo hoje (primeira parte). Volume 11. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1989.

PRADO, Carlos. *A Internacional Comunista e a interpretação da América Latina: crítica às teses do VI Congresso*. Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campo Grande (MS), 2016, p. 1-12.

PRADO, Giliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

PRIESTLAND, David. *A bandeira vermelha: uma história do comunismo*. São Paulo: Leya, 2012.

PROCACCI, Giuliano. A “luta pela paz” no socialismo internacional às vésperas da Segunda Guerra Mundial. In: HEGEDUS, András *et. al.* coordenação de Eric Hobsbawn. *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao estalinismo. Volume 7. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986, p. 249-291.

QUIZA MORENO, Ricardo. Historiografía y Revolución: la ‘nueva’ oleada de historiadores cubanos. *Millars*, XXXIII, 2010, p. 127-142.

RADCHENKO, Sergey. 1956. In: SMITH, Stephen A. (org.) *The Oxford handbook of the history of communism*. Oxford: OUP Oxford, 2014.

REYNEL AGUILERA, César. *El soviet caribeño*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones B, 2018. (Libro digital).

RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da paz:” a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.

RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor. Relaciones con los países socialistas. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 141-168.

RODRÍGUEZ SERRANO, Paula. Desarrollo de la lucha revolucionaria, desde el desembarco del Granma hasta las acciones victoriosas de 1957. In: *Historia de la Revolución Cubana*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1994, p.132).

ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 1. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010.

ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 2. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010.

ROJAS BLAQUIER, Angelina. *El primer partido comunista de Cuba*. Tomo 3. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2010.

ROJAS, Rafael. *La máquina del olvido*. Mito, historia y poder en Cuba. Madrid: Editorial Taurus, 2011.

ROSALES GARCÍA, Juana. Martínez Villena: actualidad de su ideario político. In: MASSÓN MASSÓN SENA, Caridad [edi.]. *Las Izquierdas Latinoamericanas*. Multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Editorial: Ariadna Ediciones, Santiago de Chile, 2017, p. 377-387.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*, São Paulo, julho 2011, p. 1-9.

SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e o debate do movimento comunista internacional nos anos 1960: Europa e América Latina. *Diálogos*, v. 15, n. 1, 2011, p. 91-109.

SAWICKI, Frédéric. Os partidos políticos como empresas culturais. In: CEFÄI, Daniel (dir). *Cultures politiques*. Paris: PUF, 2001, p. 191-211. [Texto traduzido].

SEILER, Daniel-Louis. *Os partidos políticos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

SERA FERNÁNDEZ, Aina Mercedes; REYES AREVICH, Amada. Blas Roca y las luchas obreras en Manzanillo (1925-1933). *Izquierdas*, Julio de 2016, p. 137-161.

SERVICE, Robert. *Camaradas: Uma história do comunismo mundial*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2015.

SIERRA MADERO, Abel; GUERRA, Lillian. "No se sabía dónde estaba la verdad y dónde estaba la mentira": Entrevista a Edith García Buchaca, 30 de abril de 2012. *Cuban Studies*, Volume 45, 2017, p. 359-371.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha – 2ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOALHEIRO, Itamara Silveira. *Cine sobre ruedas: expressões da cultura política comunista nos discursos cinematográficos e na organização do Cine-Móvil cubano (1961-1971)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

SOLER MARTÍNEZ, Rafael. *Cuba: comunismo y trotskismo en la Revolución del 30*. Anais do XXII International Congress of the Latin American Studies Association, Miami, 2000.

SPRIANO, Paolo. O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1918-1947. In: BABALONI, Nicola *et. al.* *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Volume 10. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio N. Henriques. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987, p. 129-212.

STOPPINO, Mario. Ideologia. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. trad. Carmen C, Varriale *et al.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 585-597.

STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zhdanovismo. In: SOCHOR, Lubomír *et. al.* *História do marxismo*. O marxismo na época da terceira internacional. Volume 9. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.

STUDER, Brigitte. La femme nouvelle. In: DREYFUS, Michel. *et. al.* *Le Siècle des communismes*. Éditions de l’Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 565-581.

STUDER, Brigitte. Penser le sujet stalinien. In : PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard (dir.). *Le sujet communiste*. Identités militantes et laboratoires du «moi». Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2014, p. 35-57.

SUÁREZ SUÁREZ, Reinaldo. El gobierno provisional revolucionario. In: OLTUSKI OZACKI, Enrique; RODRÍGUEZ LLOMPART, Héctor; TORRES-CUEVAS, Eduardo (Organizadores). *Memorias de la Revolución II*. La Habana: Imagen Contemporánea, 2008, p. 15-43.

SUÁREZ, Andrés. *Cuba: castroism and communism, 1959-1966*. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology Press, 1967.

SUZANO JÚNIOR., Barthon Favatto. *Entre o doce e o amargo: memórias dos exilados cubanos Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante*. São Paulo: Alameda, 2014.

TARCUS, Horacio. A história intelectual e a problemática da recepção: Marx na Argentina. *Revista Outubro*, nº 30, maio de 2018.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2009.

TORRES RAMIREZ, Blanca. *Las relaciones cubano-soviéticas*. Ciudad de México: Colegio de México, 1971.

TREVIÑO, A. Javier. C. *Wright Mills and the Cuban Revolution*. An exercise in the art of sociological imagination. The University of North Carolina Press, 2017.

VALDÉS SÁNCHEZ, Servando. Fulgencio Batista. Del septembrismo a la alternativa militarista. *Caliban: Revista Cubana de Pensamiento e Historia*. Enero-febrero-marzo, 2009, p. 60-70.

VALDÉS, Nelson P. El contenido revolucionario y político de la autoridad carismática de Fidel Castro. *Revista Temas*, nº 55, 2008, p. 4-17.

VARONA DOMÍNGUEZ, Freddy. Carácter multifacético de la concepción del ser humano en el pensamiento marxista cubano de la primera mitad del siglo XX. *Revista Islas*, 55 (174), septiembre-diciembre, 2013, p. 96-118.

VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana*. São Paulo: Alameda, 2017.

VICENT, Gérard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard. *História da vida privada*. Da Primeira Guerra a nossos dias. Vol. 5. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

WHITNEY, Robert. Observaciones sobre el Estado y la Revolución en Cuba. 1920-1940. *Revista Temas*, nº 24-25, enero-junio de 2001, p. 87-107.

WOLIKOW, Serge. Internationalistes et internationalismes communistes. In: DREYFUS, Michel. *et. al. Le Siècle des communismes*. Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2004, p. 511-537.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Apêndices

Apêndice 1: As organizações políticas cubanas¹⁴³⁶

Sigla e nome	Dados informativos
ABC (<i>Organización ABC</i> , depois <i>Partido ABC</i>)	Organização de extrema direita que surgiu em 1931 e adotou, desde este momento, métodos violentos para combater a ditadura de Gerardo Machado. Durante a Segunda República, a organização se transformou em partido político, que existiu até o final da década de 1940.
AIE (<i>Ala Izquierda Estudiantil</i>)	A AIE foi uma organização estudantil chefiada por comunistas que apoiou o PCC nos primeiros anos da década de 1930.
CNOC (<i>Confederación Nacional Obrera de Cuba</i>)	A CNOC foi a primeira organização de caráter nacional que reuniu os trabalhadores cubanos. Os comunistas alcançaram a direção dela no final da década de 1920 e foi através da CNOC que organizaram diversas greves do decênio subsequente. A Confederação foi desarticulada após a greve de 1935 em decorrência das perseguições do regime cubano.
CTC (<i>Confederación de Trabajadores Cubanos</i>)	A Confederação surgiu em 1939 através dos esforços dos comunistas junto à Fulgencio Batista. Em 1961, o governo revolucionário mudou o nome da organização para Central dos Trabalhadores de Cuba.
DEU (<i>Directorio Estudiantil Universitario</i>)	Organizado em 1927 por estudantes da Universidade de Havana. Desde sua fundação, combateu a ditadura de Gerardo Machado e, por isso, foi duramente perseguido, tendo sido suspenso diversas vezes. Em novembro de 1933, o DEU foi dissolvido. Posteriormente, outras organizações com o mesmo nome surgiram em Cuba.
M-R26-7 (<i>Movimento 26 de Julho</i>)	Movimento formado em 1955, após a saída de Fidel Castro da prisão. Parte do M-26-7 exilou-se

¹⁴³⁶ Condensamos na tabela alguns dados sobre as organizações políticas mais citadas ao longo do texto. Algumas delas terão grande importância para compreendermos as problemáticas do segundo capítulo.

	entre este ano e 1956, quando retornou a Cuba e desenvolveu, até o final de 1958, a guerra de guerrilhas.
PAU (<i>Partido Acción Unitária</i>)	Partido criado por Fulgencio Batista em 1949 e que existiu até 1952.
PPC-O (<i>Partido del Pueblo Cubano</i> , também chamado de Partido Ortodoxo)	Partido criado, em 1947, por Eduardo Chibás, como um desmembramento do Partido Revolucionário Cubano. Este grupo se autointitulava como “ortodoxia autêntico”, dando a entender que era mais radical e “fiel” aos princípios que deram origem ao autenticismo, especialmente o combate à corrupção, principal bandeira do PRC nos anos 1930.
PRC-A (<i>Partido Revolucionario Cubano</i> , também chamado de Partido Autêntico)	Criado, em 1934, e chefiado desde esta data por Ramón Grau San Martín. Carlos Prío Socarrás foi outro líder importante dos autênticos. O PRC foi dissolvido nos primeiros anos da Revolução Cubana de 1959.
UN (<i>Unión Nacionalista</i>)	Formado em 1927 e legalizado em 1935. Dirigido por Carlos Mendieta.
UR (<i>Unión Revolucionaria</i>)	Grupo armado criado por Antonio Guiteras em 1932 para combater o regime de Gerardo Machado.

Fonte: MARTÍNEZ DÍAZ, Dina; FERNÁNDEZ SOSA, Miriam. La actuación de los partidos políticos como reflejo de la crisis de la sociedad cubana, 1944-1958. 8. Tebeto: Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura, nº. 11, 1998.

Apêndice 2: As publicações do Partido Socialista Popular

Nome da publicação	Tipologia	Data de publicação
<i>Justicia</i>	Jornal	Ano de 1925
<i>El trabajador</i>	Jornal	Ano de 1931
<i>Bandera roja</i>	Jornal	Entre 1933 a 1937
<i>El centinela</i>	Jornal	Por volta de 1931
<i>La palabra</i>	Jornal	Entre 1934 e 1935
<i>Resumén</i>	Jornal	Ano de 1935
<i>Mediodia</i>	Revista cultural	Entre 1936 e 1937
<i>Dialéctica</i>	Revista teórica editada pela Internacional Comunista e pelo PCC	Entre 1942 e 1947
<i>Noticias de hoy</i>	Jornal	Primeira época: de 1938 a 1950;

		Segunda época: de 1951 a 1953; Terceira época: de 1959 a 1965.
<i>El comunista</i>	Revista teórica	De novembro de 1939 a maio de 1940.
<i>Fundamentos</i>	Revista teórica	De abril de 1941 a dezembro de 1959.
<i>Vanguardia</i>	Jornal semanal	Ano de 1950.
<i>Carta semanal</i>	Jornal semanal	Primeira época: Janeiro a novembro de 1951. Segunda época: julho de 1953 a dezembro de 1960.
<i>La Última Hora</i>	Jornal	Ano de 1950
<i>Por una paz duradera por una democracia popular</i>	Jornal	De 1954 a 1956
<i>Respuestas</i>	Jornal semanal	Entre março de 1955 a janeiro de 1959
<i>Boletín de organización</i>	Jornal	Ano de 1957

Anexos

Anexo 1: Imagem da campanha eleitoral de Carlos Prío Socarrás de 1947



Fonte: <http://www.latinamericanstudies.org/prio/prio-1948.jpg>, Acesso em: 20/5/2020.

Anexo 2: Visita de Fulgencio Batista a sede do jornal *Noticias de Hoy* em 1º de fevereiro de 1952.



Fonte: *Noticias de Hoy*, 1º/2/1952, p. 1.

Anexo 3: Fotos do primeiro discurso de Fidel Castro em Havana após a vitória da Revolução, publicadas no jornal comunista *Noticias de Hoy*.



Fonte: *Noticias de Hoy*, 10/1/1959, p. 4.

Anexo 4: Foto de Juan Marinello na reunião do Conselho Mundial da Paz ao lado de Jorge Amado, em Moscou, 22 de fevereiro de 1959.



Durante la reciente reunión del Consejo Mundial de la Paz, fué dedicada una sesión a rendir homenaje a Cuba. Como una deferencia al pueblo cubano, el ilustre escritor y presidente del Partido Socialista Popular, doctor Juan Marinello, miembro de dicho Consejo, fué designado para presidir

dicha sesión. En la foto aparece en plena función. A la izquierda, el escritor brasileño Jorge Amador. De pie, la vice-presidenta del Consejo, Isabel Blum, distinguida personalidad política belga. A la derecha, el notable científico francés Fernand Vigne, secretario del Consejo.

Fonte: *Noticias de Hoy*, 22/3/1959, p. 1.